

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - UNIFESP  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**“SOBRE ESTA RUÍNA EDIFICAI OS VOSSOS REINOS”:  
A IDENTIDADE VÂNDALA PARA AS NARRATIVAS ROMANAS  
DOS SÉCULOS V E VI**

Geraldo Rosolen Junior

Guarulhos  
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - UNIFESP  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**“SOBRE ESTA RUÍNA EDIFICAIS OS VOSSOS REINOS”:  
A IDENTIDADE VÂNDALA PARA AS NARRATIVAS ROMANAS  
DOS SÉCULOS V E VI**

Geraldo Rosolen Junior

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, para obtenção do título de mestre em História.

Linha de pesquisa: Poder, Cultura e Saberes.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Fernandes.

Guarulhos

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

ROSOLEN JUNIOR, Geraldo.

“Sobre esta ruína edificai os vossos reinos”: A identidade vândala para as narrativas romanas dos séculos V e VI / Geraldo Rosolen Junior. – Guarulhos, 2021, 317f.

Dissertação (Mestrado em História). – Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Fernandes.

“On this ruin build your kingdoms”: Vandal identity for the Roman narratives of the 5th and 6th centuries.

1. Reino Vândalo. 2. Historiografia Medieval. 3. Mediterrâneo Medieval.  
4. Império Romano 5. África do Norte.

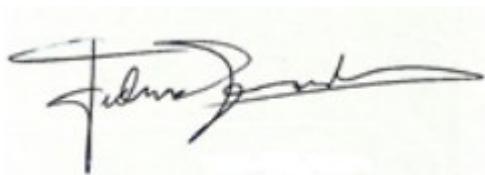
**GERALDO RO SOLEN JUNIOR**

**“Sobre esta ruína edificai os vossos reinos”: A identidade vândala para as narrativas romanas dos séculos V e VI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Poder, Cultura e Saberes  
Orientador: Prof. Dr. Fabiano Fernandes

Aprovação: 27/05/2021



---

Prof. Dr. Fabiano Fernandes  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)



---

Prof. Dr. Renato Viana Boy  
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)



---

Prof. Dr. Renato Rodrigues da Silva  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)



---

Prof. Dr. Bruno Uchoa Borgongino  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Em memória do meu pai Geraldo Rosolen  
E ao meu grande amor, Maria Caroline

## AGRADECIMENTOS

Então, caro leitor, chegamos aqui nessa parte é tão simples e ao mesmo tempo tão exigente, espero que minha memória não tenha se esquecido de ninguém, mas eu certamente não confiaria nela, ela é quase sempre falha. Certamente, deveria agradecer a você por ter se interessado nesse trabalho, contudo, se a primeira coisa que viu foi a quantidade de páginas e se desanimou, tente ler um pouquinho, ao menos eu gostei.

Não poderia iniciar essa seção, sem antes agradecer ao meu orientador Fabiano Fernandes, sem o qual esse trabalho nunca teria sido realizado e a quem sou eternamente grato, por acreditar no meu potencial e por confiar em mim, quando, por muitas vezes eu mesmo duvidei. Agradeço a você Fabiano por ter sido paciente, exigente e respeitoso, por trazer a qualidade que essa pesquisa merece, por ter lido e relido essa dissertação tantas vezes que sou incapaz de numerar.

Devo também agradecer a CAPES por ter me concedido uma bolsa no último ano, demorou, mas veio.

Aos professores Renato Rodrigues da Silva e ao Renato Viana Boy por participarem da minha qualificação e por ajudarem a colocar esse trabalho nos trilhos.

À profa. Claudia Regina Plens, obrigado pela oportunidade em me receber como seu estagiário, pude aprender muito com você, que se tornou um referencial importante na minha formação.

Obrigado aos meus professores Ana Lúcia Lana Nemi, Glaydon José da Silva, Andréa Slemian, Patrícia Teixeira Santos, Mírian Cristina de Mouta Garrido e Samira Adel Osman e que acompanharam minha evolução durante as disciplinas, agradeço também as professoras Regina Aida Crespo e Katarzyna Anna Górká pelos cursos ministrados.

Agradeço aos meus colegas que conheci nas disciplinas, aos meus companheiros de laboratório Rodrigo Vicente, e especialmente ao Guilherme Welte, por ser uma pessoa bastante gentil e dinâmica, fosse em nossas conversas ou nas organizações que participamos juntos, aliás, obrigado por me ajudar com o grego. E também ao Jonatan Rafael de Souza Mello pelas incansáveis discussões e estímulos historiográficos.

Também gostaria de agradecer ao grupo de pesquisa HIMACO (História, Mapas e Computadores) da UNIFESP, especialmente ao Orlando Guarnier Cardin Farias, que

me ensinou a fazer os mapas que vocês terão acesso nessa dissertação, e que teve uma senhora paciência comigo, portanto, se você gostar desses recursos, seja grato a ele.

Meus agradecimentos aos professores Walter Pohl e, especialmente a Roland Steinacher por terem disponibilizado para mim grande parte de suas publicações e acervos pessoais.

Agradeço ao meu pai, Geraldo Rosolen que partiu repentinamente em janeiro desse ano, um exemplo de pai dedicado e amoroso, uma pessoa muito humilde que teve uma vida árdua, para que a minha fosse branda, um homem muito honesto e íntegro, gentil e caridoso, cuja família sempre colocou acima de si mesmo. Uma pessoa maravilhosa com um coração gigantesco, que compreendia que a vida é muito mais do que nossos planos e ambições pessoais, e reconhecia que ao partir deixamos apenas saudades e lembranças. Sempre carregarei comigo uma parte de você, que me ensinou a ser honesto e a nunca sucumbir diante das dificuldades. Espero que essas palavras um dia façam jus a sua memória.

À minha mãe, Valquíria Cavalcante por terem me ajudado tanto quanto podiam, pela alegria que sempre transmitiu ao saber das minhas conquistas, mesmo que algumas vezes não tenha entendido do que se tratava, mas mesmo assim sempre me incentivou, obrigado pelo exemplo de vida.

Aos meus tios, Vilma e Ademar por terem me apoiado a dar início no mestrado, me darem um lar e ajudarem a me estabelecer em Guarulhos, por se preocuparem comigo todos os dias, sem vocês essa realização não seria possível, obrigado por tudo que vocês fizeram.

Aos meus tios Júlio e Samanta por igualmente terem me recebido, e me darem apoio nesse processo, pelas incansáveis conversas que ajudaram a aliviar a pressão, e pelos almoços de domingo, sempre deliciosos. Obrigado, vocês são um grande exemplo.

Não poderia me esquecer de agradecer também ao SUS, e as enfermeiras e residentes de Otorrinolaringologia da UNESP, *campus* de Botucatu, especialmente ao Neemias Santos Carneiro, por ser tão atencioso e um excelente profissional.

Por última, mas não menos importante, a minha amada, Maria Caroline da Silveira por compartilhar todos os momentos da minha vida com você, fosse nos momentos felizes ou me suportando nos insuportáveis. Por ter compreendido os períodos que precisei estar ausente, e também nas horas de sono que ficou sozinha para que concluísse esse trabalho. Obrigado, por todo amor e apoio que você me deu.

Ele não se alimentará nem de dinheiro, nem de terras;  
só a sua sabedoria, amor e virtude poderão nutri-lo

*Dante Alighieri. A divina comédia: Inferno*

## RESUMO

Tendo se fixado em solo imperial pela primeira vez entre 409 e 428 nas províncias da Hispânia, e posteriormente avançados sobre as províncias africanas em 429 até a conquista de Cartago em 439. Os vândalos haviam se estabelecido nas regiões mais ricas do Império Romano do Ocidente, e rapidamente ocuparam um lugar de destaque na historiografia romana, ao obter a atenção de clérigos que se dedicaram a denunciar a condução político-religiosa dos reis vândalos ao longo do século V, tais como Idácio de Aquae Flaviae e Victor de Vita. Entretanto, observamos que mesmo entre os clérigos, essas disputas narrativas e retóricas não alcançaram uma coesão, já que Salviano desejou representar visigodos e vândalos como sociedades mais próxima dos desígnios de Deus, perspectiva que acreditamos estar à luz dos ensinamentos de Agostinho que destacava as ações dos godos de Alarico, como exemplos da cristandade, em contraste com os romanos que permaneciam em pecado e por isso sofriam com o flagelo divino. Contudo, ao longo do século VI é possível perceber um aumento exponencial da produção literária secular, principalmente de poetas que se dedicaram a representar os aristocratas vândalos em seus panegíricos, período que foi nomeado pela historiografia recente como ‘renascença vândala’. Por fim, nossa pesquisa se encerra ao avaliarmos a obra História das Guerras de Procópio de Cesarea, e como ela se transmite a compreensão das identidades e dos reis vândalos. Damos destaque para a rivalidade entre Hilderico e Gelimero, que propiciaram a fragmentação do Reino Vândalo, que forneceu uma justificativa para a intervenção de Justiniano. Isso porque, Hilderico é caracterizado por ser um membro da família imperial, e retratado como muito próximo dos interesses romanos, enquanto que Gelimero é representado como um rei que desejava manter a autonomia do Reino Vândalo em relação ao Império Romano. Assim, o principal objetivo dessa pesquisa é compreender como os modelos narrativos acerca da identidade vândala, haviam surgidos no século V, principalmente pela influência dos debates religiosos, e que posteriormente, no século VI são reorganizadas a partir de obras, dita ‘seculares’.

**Palavras-chave:** Reino Vândalo. Historiografia Medieval. Identidade vândala. Império Romano. África do Norte.

## ABSTRACT

Having settled in Imperial territory for the first time between 409 and 428 in the provinces of Hispania, and advanced on the African provinces in 429 until the conquest of Carthage in 439. Vandals had settled in the richest regions of the Western Roman Empire, and quickly occupied a prominent place in Roman historiography, attracting the attention of clergymen who dedicated to denouncing the political-religious conduct of the Vandal kings throughout the 5th century, such as Hydatius and Victor of Vita. However, we note that among clerics, these narrative and rhetorical disputes did not achieve cohesion, because Salvian represented Visigoths and Vandals as societies more compatible with the wishes of God, a perspective that we believe to be influenced by the teachings of Augustine who judges the actions of the Goths of Alaric as examples of Christianity, in contrast to the Romans who remained in sin and therefore suffered from the divine scourge. Thus, throughout the sixth century, it is possible to see a great increase in secular literary production, especially of poets who dedicated to representing the Vandal aristocrats in their panegyrics, a period that was named by recent historiography as 'Vandal renaissance'. Finally, our research ends when we evaluate the work Procopius's Wars, and how it transmits the understanding of the identities and the Vandal kings, emphasizing the rivalry between Hilderic and Gelimer, which provided the fragmentation of the Vandal Kingdom, which justified Justinian's intervention. This is because, Hilderic is characterized as a member of the Imperial family, and portrayed as very close to Roman interests, while Gelimer, is represented as a king who wished to maintain the autonomy of the Vandal Kingdom about the Roman Empire. Thus, the main objective of this research is to understand how the narrative models about the Vandal identity, had appeared in the 5th century, mainly due to the influence of religious debates, and that later, in the 6th century, they are reorganized based on works, so-called 'secular'.

**Keywords:** Vandal Kingdom. Medieval historiography. Vandal identity. Roman Empire. North Africa

## LISTA DE ABREVIATURAS

A.E.C. – Antes da Era Comum

CJC – *Corpus Juris Civilis*

CTh – *Codex Theodosianus*

dMGH – *digital Monumenta Germaniae Historica*

E.C. – Era Comum

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Regiões administrativas com o número de vilas por região e porcentagem de ocupação. ....	44
Figura 2 - Províncias romano-africanas e processo de assentamento vândalo.....	45
Figura 3 - Exemplo de inscrição trilingue em latim-grego-púnico, Sardenha.....	83
Figura 4 - De Cartago a Roma.....	176
Figura 5 - De Constantinopla a Cartago .....	213
Figura 6 - Heredograma do Reino Vândalo e associações com as casas imperiais de Valentiniano III e Justiniano, e com os Reinos Ostrogótico e Visigótico .....	217
Figura 7 – Moeda de Hilderico com busto romanizado .....	219
Figura 8 - Moeda de cobre de Gelimero.....	221
Figura 9 - Mosaico de cavaleiro vândalo caçando .....	222
Figura 10 - Exemplificação de ataque de cavalaria vândala .....	224
Figura 11 - Moeda de Goda.....	245
Figura 12 - Circulação de fibulas e jóias Vândala-Przeworsk.....	288

## ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1 - Ocupação e evolução do território Vândalo.....	55
Mapa 2 – Giro de Alborão.....	65
Mapa 3 - Locais com presença de inscrições neopúnicas. ....	80
Mapa 4 - Mobilidade e área de influência de Salviano. ....	109
Mapa 5 - Vida e área de influência de Idácio de Aquae Flaviae. ....	138
Mapa 6 - Viagem de Idácio para Arles em 431.....	157
Mapa 7 - Cidades citadas e área de influência de Victor de Vita.....	187
Mapa 8 - Cidades citadas nos Livros III e IV da História das Guerras .....	207
Mapa 9 - Itinerário de Belisário.....	248

# SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo 1: Identidade cristã nas províncias africanas ocidentais no século V .....</b>	<b>31</b>
1.1. Narrativa e autoria na Primeira Idade Média .....	31
1.2. Províncias romano-africanas no século V .....	41
1.3. Multilinguismo na África do Norte e Sardenha .....	73
1.4. Identidade cristã após o saque de Roma de 410 .....	87
<b>Capítulo 2: A identidade vândala para os clérigos católicos do século V.....</b>	<b>104</b>
2.1. Salviano: Padre e mestre de bispos na Provença (390-484) .....	104
2.2. Cristianização historiográfica e a apropriação da crônica .....	128
2.3. Tradição cronística Ibérica: Idácio de Aquae Flaviae (400-468).....	136
2.4. Os conflitos teológicos entre Salviano e Idácio de Aquae Flaviae .....	154
2.5. Romanidade e martírio para Victor de Vita (429-490).....	161
<b>Capítulo 3: Os vândalos na escrita de Procópio de Cesareia (490-562) .....</b>	<b>189</b>
3.1. Delimitando o horizonte metodológico .....	189
3.2. <i>Tópos</i> retórico entre Justiniano e Gelimero .....	204
3.3. Fragmentação régia e a guerra contra os vândalos .....	239
3.4. <i>Ad Decimum</i> e a (re)conquista da África Vândala.....	262
<b>Considerações finais .....</b>	<b>283</b>
<b>Fontes documentais .....</b>	<b>291</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>294</b>
<b>Referência dos jornais .....</b>	<b>316</b>
<b>Referências dos mapas.....</b>	<b>316</b>
<b>Dicionários e manuais de latim.....</b>	<b>316</b>

## Introdução

o protesto terminou com depredação, saques e mesmo incêndio de lojas. As ações foram cometidas por um grupo radical. Até às 21h, a Polícia Militar confirmou 25 detidos suspeitos de vandalismo e outros crimes. Os arruaceiros atiravam pedras e explosivos caseiros contra os militares (GLOBO MINAS, 2013, np<sup>1</sup>).

Em meio as crescentes ondas de protestos que temos observado nas últimas décadas, os termos ‘vândalos’ e ‘vandalismo’ se tornaram palavras comuns e bastante usuais. De cunho popular e midiático, o uso moderno dos termos tem como objetivo descrever um grupo pessoas (vândalos) que promovem a ação de destruição e/ou danos aos patrimônios público e privado (vandalismo).

Conforme vemos, o termo ‘vandalismo’ é recente e foi utilizado pela primeira vez em 1794 pelo bispo de Blois, Henri-Baptiste Grégoire (1750-1831), pouco após a Revolução Francesa. Ele desejava referenciar o radicalismo e a destruição que os jacobinos estariam promovendo as igrejas, e também, contra diversos monumentos e propriedades que fossem, ou tivessem algum simbolismo da realeza francesa. (ROSEN, 2002; STEINACHER, 2016).

Embora, o significado do termo tenha se alterado pouco desde 1794, a criação e utilização dessa palavra por um bispo católico é bastante significativa. Uma vez que demonstra que o bispo de Blois era conhecedor da historiografia eclesiástica dos séculos V e VI, da qual caracteriza os vândalos em termos semelhantes aos da citação acima, isto é, como saqueadores, destruidores e incendiários.

No entanto, o termo ‘*Vandili*’, por sua vez, havia aparecido pela primeira vez na historiografia romana na *Naturalis Historiae* de Plínio, o velho em meados do ano 70 E.C., ao fazer uma descrição e catalogar os povos, dito ‘germânicos’<sup>2</sup> em cinco principais grupos. O primeiro ele descreve: “Os vandiles de quem fazem parte os: Burgúndios, varinos, charines e os gutões<sup>3</sup>” (PLINII SECUNDI, 1668, p.190, tradução nossa). Nesse sentido, o termo fazia

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/milhares-fazem-protesto-pacifico-mas-vandalos-depredam-em-bh.html> Acesso:06/01/2021.

<sup>2</sup> Colocamos o termo germânico entre aspas, pois seguimos a orientação de Jörg Jarnut (2004) e Walter Goffart (2006), que consideraram que, embora o termo esteja presente nas fontes romanas, nenhum dos povos que atravessaram os rios Reno e Danúbio se, reconheciam dessa forma. Aliás, Tácito já havia afirmado que o termo ‘Germânia’ e ‘germânicos’ havia surgido em seu tempo, e que esses povos de fato, não se intitulavam como germânicos (TÁCITO, 2011, p.11-12). Além disso, Jarnut (2004) nos apresenta que o termo foi associado ao passado dos nacionalismos europeus dos séculos XIX e XX e justificava, em certa medida, crimes cometidos contra a humanidade e invasões territoriais com base nos ideais de guerreiros nobres e conquistadores, e portanto, atualmente se tornou um conceito obsoleto que precisa ser superado pela historiografia medievalista. (JARNUT, 2004).

<sup>3</sup> “*Vandili, quorum pars Burgodiones, Varinnae, Charini, Gutones*” (PLINII SECUNDI, 1668, p.190).

referência a uma coligação com grande diversidade de povos, e a fim de se abster de possíveis erros em sua narrativa, ele apresenta que essa região era ainda muito desconhecida e que havia muitas informações contraditórias sobre o território das *Germaniae gentes* (PLINII SECUNDI, 1668, p.189-190; STADLER, 2014).

Pouco tempo depois, no final da década de 90 E.C. Tácito dedicava seu livro *Germania* a fazer um relato sobre o território e os povos que habitavam a *Magna Germania* aos finais do primeiro século (ANDRADE, 2011). Nessa obra, podemos observar novamente a aparição de um termo semelhante ao de Plínio. Dessa vez, sob a designação '*Vandilios*', mas que novamente estava associada a uma identidade mais ampla, e não como representativa de apenas um povo.

Mas, ao contrário de Plínio, Tácito apresentou os '*Vandilios*' como grupos hipotéticos e secundários aos *Istaevones*, *Ingaevones* e *Herminones* que considerava serem os maiores grupos "Alguns afirmam existir outros povos mais antigos como os marsos, gambrívios, suebos e vandilios<sup>4</sup>" (TÁCITO, 2011, p.11, tradução nossa). Entretanto, Tácito não parece ter testemunhado a presença ou a cultura dos '*Vandilios*', porque como vemos, seu relato consiste na reprodução de uma memória transmitida oralmente, e não o registro de um testemunho ocular prática comum para os historiadores clássicos.

Contudo, após o século I, nenhum novo termo igual ou semelhante é retratado na historiografia romana até o século V com as Crônicas de Idácio, que haviam sido escritas regularmente até 468 (BURGESS, 1993; WOODS, 2009). Em Idácio encontramos o termo '*Vandali*' associado como a designação de um único povo, "Alanos, vândalos e suevos ingressaram na Hispânia<sup>5</sup>" (HYDATIUS, 1993, p.80). A partir desse momento, toda historiografia posterior passaria a atribuir o termo 'vândalo' a uma única unidade étnica, representada igualmente na titularia real como '*rex vandalorum*'.

Deste modo, Walter Pohl (2004) nos apresenta que a suposta linearidade observada entre essas fontes historiográficas passaram a ser contestadas a partir da década de 1960. Assim, essa diferenciação dos termos, associados com a lacuna temporal do século I ao século V, considerada como muito ampla e bastante diversificada, faz com que a historiografia contemporânea não considere mais aceitável a associação dos termos de Plínio, Tácito com o de Idácio de *Aquae Flaviae*. (POHL, 2004; STEINACHER, 2016; 2017).

Desde então, a fim de superar essas lacunas temporais, a pesquisa sobre o Reino Vândalo anterior a chegada ao interior do Império foi direcionada para a análise da cultura

---

<sup>4</sup> "*Marsos Gambrivios Suebos Vandilios affirmant, eaque vera et antiqua nomina*" (TÁCITO, 2011, p.11).

<sup>5</sup> "*Alani et vandali et suevi Hispanias ingressi*" (HYDATIUS, 1993, p.80).

material. No livro *Das Reich der Vandalen und seine (Vor-) Geschichten* editado por Guido M. Berndt e Roland Steinacher em 2008, representa o maior esforço conjunto da atualidade dedicado em analisar, não somente a produção escrita sobre esse povo, como também em buscar uma origem e um lastro para a história dos vândalos na chamada: *Vorgeschichten* (pré-História). (BERNDT; STEINACHER, 2008b).

A partir de então, a cultura material teria sido observada como solução para acessar essas lacunas. Peter W. Haider (2008) associa os vândalos com a Cultura *Przeworsk*, presente entre os rios Vístula e Oder até o século II (HAIDER, 2008). Momento em que é observado um declínio da Cultura *Przeworsk*, pela chegada e sobreposição da Cultura *Wielbark* (associada aos godos). No entanto, Florian Gauß (2008) postula que, embora a cultura *Przeworsk* seja predominantemente associada aos vândalos, não devemos compreendê-la como unicamente vândala, pois também envolve outros povos menores.

Para Steinacher (2016) e Gauß (2008) o declínio da presença da Cultura *Przeworsk* na região dos rios Vístula e Oder teria sido marcado por confrontos e contatos bélicos que ocasionou uma grande migração em massa, e substituiu a presença da *Przeworsk* pela Cultura *Wielbark* nessa região. Sendo responsável por reassentar os vândalos ao longo das fronteiras imperiais no Danúbio durante o século II.

Steinacher (2016) e Lucia Luštková (2019) ainda apresentam que essa migração forçada, coincide com o período das guerras marcomanas, momento onde os vândalos teriam atravessado os montes Cárpatos e tido seu primeiro contato bélico com os romanos. Após esses conflitos iniciais, ele afirma que os vândalos haviam sido assimilados aos exércitos romanos até o século IV. Para Guy Halsall (2007a) essa era uma estratégia bastante utilizada pelo Império Romano após as guerras marcomanas, para controlar os povos mais violentos ou hostis próximos às fronteiras.

No entanto, a fim de delimitar o escopo de nossa pesquisa, seguimos alguns pressupostos metodológicos característicos da *Völkerwanderung*<sup>6</sup>. Esse termo que foi inicialmente difundido entre os humanistas alemães através da redescoberta da *Germania* de Tácito, e havia representado uma transformação intelectual e o definitivo rompimento com as perspectivas de ‘invasão’, principalmente após Wolfgang Lazius (1514-1565) ter associado os povos ‘germânicos’ como ancestrais do Império Habsburgo (STEINACHER, 2017, p. 80-81).

Desde então, o conceito da *Völkerwanderung* sofreu inúmeras transformações desde seu primeiro uso no século XVI, e como sugere Uta Heil (2016) alguns pesquisadores menos

---

<sup>6</sup> Migração dos povos.

atentos a essas alterações conceituais, geralmente são críticos ao uso do termo. Em decorrência de ter sido utilizado por nacionalistas entre os séculos XIX e XX na tentativa de reafirmar uma suposta associação entre os povos que atravessaram as fronteiras imperiais no século V. Tais com aqueles povos descritos por Plínio, o velho e por Tácito que, nesse primeiro momento, haviam sido compreendidos como povos que mantiveram sua coesão étnica entre o século I ao V. Tentativa esta que já demonstramos ser impraticável. (POHL, 2004; GEARY, 2005; POHL, 2013; JURT, 2013; STEINACHER, 2017).

Em 1961 com a publicação de *Stammesbildung und Verfassung: Das Werden der frühmittelalterlichen gentes* escrito por Reinhard Wenskus, na tentativa de reformular o campo de pesquisa sobre as identidades no início da Idade Média, ele foi um dos principais expoentes do rompimento da visão tradicionalista europeia que, buscava no passado distante as bases dos Estados Nacionais contemporâneos.

Wenskus (1961) propôs que, os Reinos Bárbaros que se estabeleceram na *Pars Occidentalis* nos séculos V e VI, tinham mecanismos de integração identitária muito complexos, levando-o a criar o conceito da *Traditionskern*<sup>7</sup>, através do qual afirmava que, o acesso às aristocracias bárbaras não eram restritas pela linhagem sanguínea (descendência biológica) dos membros, pelo contrário, ele considera que esses Reinos Bárbaros eram multiétnicos, e a adoção das práticas culturais e das tradições régias e/ou aristocráticas, bem como o reconhecimento do poder real, eram os principais indicadores de adaptação e integração das populações locais aos reinos que foram estabelecidos nas províncias ocidentais. (WENSKUS, 1961).

Assim, tal como Heinrich Beck (2006) e Helmut Reimitz (2012) propuseram Wenskus influenciou diversas gerações posteriores de pesquisadores interessados no período inicial da Idade Média, seja porque rompe com as perspectivas de pureza racial, como também fornece uma alternativa metodológica de interpretação para as fontes do período. Para Reimitz (2012) o conceito da *Traditionskern*, forneceu a base para as posteriores contribuições dos austríacos Herwig Wolfram e Walter Pohl acerca da etnogênese e identidade étnica, mas também influenciou outros pesquisadores não-germanistas como Patrick Geary, Peter Heather, Andrew Gillet, dentre outros.

Deste modo, observamos que esses debates sobre as identidades bárbaras, a partir dos anos 2000, foram vitais para reintroduzir, discutir e reformular o conceito da

---

<sup>7</sup> Núcleo de tradição.

*Völkerwanderung*, de modo que rompesse definitivamente com as tentativas de associar os povos bárbaros do século I, àqueles que penetraram as fronteiras imperiais no século V.

Desse modo, em 2002 o então professor da Universidade de Bonn, Klaus Rosen havia sugerido que o termo deveria ser empregado exclusivamente entre 378, ano que ocorre a batalha de Adrianópolis, até 585 que marca a incorporação do Reino Suevo ao Reino Visigodo sob o Reinado de Leovigildo. (ROSEN, 2002). O termo inclusive passou a ser aceito até por Walter Goffart (2002), que é hoje considerado junto de Michael Kulikowski um dos principais críticos da chamada, historiografia germanista.

Assim, em 2005 com a publicação do livro *Die Völkerwanderung. Eroberung und Integration* sob a autoria de Walter Pohl, o conceito passou a ser largamente aceito pela historiografia contemporânea. Mas adota uma proposição pouco diferente de Rosen, pois insere o conceito entre 375 com a chegada dos hunos na Panônia até 568 com a chegada dos lombardos na Itália. Pohl desejava buscar referências no próprio processo migratório, ao invés de eventos que decorreram dele, como Rosen havia proposto. Outra característica deste livro, é que a *Völkerwanderung* também adotou como característica apresentar a grande diversidade e integração dos povos bárbaros com os romanos no interior das fronteiras do Império. (POHL, 2005; POHL, 2013; HEIL, 2016; STEINACHER, 2017).

Deste modo, a renovação do conceito buscou romper categoricamente com a perspectiva dos britânicos Bryan Ward-Perkins (2005) e Peter Heather (2005) que avaliam que a ‘invasão’ dos povos bárbaros no século V teria sido o principal fator de destruição do Império Romano. (WARD-PERKINS, 2005; HEATHER, 2005). De acordo com Uta Heil (2016), a partir de 2015 com a crise de refugiados e após o ataque terrorista em Paris no mesmo ano, houve um aumento expressivo da utilização dos teóricos britânicos citados acima por grupos xenofóbicos e racistas que afirmavam que a Europa estaria sob uma ameaça iminente de colapso, principalmente, pela chegada de refugiados não-brancos e não-cristãos.

Como exemplo, Heil (2016) cita o artigo do professor emérito da Universidade Livre de Berlim, Alexander Demandt (2016) *Untergang des Römischen Reichs: Das Ende der alten Ordnung* publicado no jornal *Frankfurter Allgemeine Zeitung*.<sup>8</sup> No texto, o autor abertamente assume que o mesmo texto havia sido rejeitado pelo jornal *Die politische Meinung*, e inclusive divulga o parecer do editor que afirmava que seu texto continha partes maliciosas: “Na minha perspectiva, algumas partes isoladas do texto correm o risco de ser mal utilizadas para construir associações muito claras com a situação atual, o que não podemos aceitar”

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.faz.net/aktuell/politik/staat-und-recht/untergang-des-roemischen-reichs-das-ende-der-alten-ordnung-14024912.html?printPage&Article=true#pageIndex\\_2](https://www.faz.net/aktuell/politik/staat-und-recht/untergang-des-roemischen-reichs-das-ende-der-alten-ordnung-14024912.html?printPage&Article=true#pageIndex_2) Acesso em: 08/11/2021.

(editor desconhecido *apud* DEMANDT, 2016, np, tradução nossa). Entretanto, em uma breve entrevista antes do texto, Demandt afirma que o editor que rejeitou seu artigo foi estúpido (*Dummheit*) e demonstra ser abertamente contrário a chegada de refugiados na Alemanha, afirmando que esses migrantes colocavam em risco a cultura e a soberania do povo alemão. (DEMANDT, 2016).

Outro exemplo da autora, que inclusive cita diretamente Ward-Perkins e Heather pode ser conferido no jornal *The Boston Globe*, intitulado *Paris and the Fall of Rome*, sob a autoria do professor da Universidade de Harvard, Niall Ferguson de 2015.<sup>9</sup> Na qual propõe através desses referenciais, uma análise para dizer o mínimo, islamofóbica, racista e xenofóbica ao insinuar que os muçulmanos que estão na Europa deveriam abandonar suas crenças, pois são incompatíveis com a cultura europeia. E coloca regiões como Norte da África, o Levante e o Sul da Ásia como periferias do mundo Ocidental, moderno, rico, religiosa e culturalmente superior (FERGUSON, 2015).

É interessante, no entanto, observar que ambos (Demandt e Ferguson) utilizam a palavra *Völkerwanderung*, mesmo que ela tenha sido colocada em completa oposição as tais compreensões de Rosen e Pohl. De acordo com Roland Steinacher (2017) para esses grupos, a palavra *Völkerwanderung* é meramente um sinônimo ‘educado’ para invasões bárbaras. Entretanto, ao menos para Demandt, é possível considerar que o termo *Völkerwanderung* é utilizado como uma mera expressão, sem sentido metodológico: “Assim, no ano de 406 as fronteiras do Reno não podiam mais ser mantidas. A migração dos povos estava em curso<sup>10</sup>” (DEMANDT, 2016, np, tradução nossa). Isso porque, nesse artigo escrito em alemão, ele usa os termos *Völkern*<sup>11</sup> e variações de *Bevölkerung*<sup>12</sup>, referindo-se tão somente ao ato migratório, contudo, o alerta de Steinacher não deve ser ignorado (FERGUSON, 2015; DEMANDT, 2016; HEIL, 2016; STEINACHER, 2017).

Todavia, como Marcelo Cândido Silva (2017) nos apresenta ainda seja possível considerar a existência de crises, não é mais possível associar o colapso da *Pars Occidentalis* a chegada dos povos bárbaros, bem como também não é aceitável a utilização da compreensão de uma crise geral. Renato Viana Boy (2013) também apresenta a inexistência de um debate sobre a Queda de Roma no século VI, e que tais perspectivas foram fabricadas pela historiografia contemporânea.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.bostonglobe.com/opinion/2015/11/16/paris-and-fall-rome/ErlRjkQMGXhvDarTlxXpdK/story.html> Acesso em: 08/11/2021.

<sup>10</sup> “Im Jahre 406 war auch die Rheingrenze nicht mehr zu halten. Die Völkerwanderung war im Gang” (DEMANDT, 2016, np).

<sup>11</sup> Povos/nações/populações.

<sup>12</sup> Sentido de povoar, também, pode se referir a uma comunidade ou população.

Portanto, considerando as questões levantadas, o conceito de *Völkerwanderung* ainda que não apareça no corpo do texto entre os capítulos 1 a 3, se tornou um modelo interpretativo que guiou a produção desses capítulos, seja pela delimitação e pelo recorte temporal escolhido entre os séculos IV a VI. Como também, apresentando que a integração dos vândalos às populações locais teria fornecido as bases para o estabelecimento de seu reino nas províncias africanas.

Dessa forma, nosso título “Sob esta ruína edificaí os vossos reinos” é uma paráfrase de Mateus 16:18, cuja paráfrase tem como objetivo demonstrar que, a partir dos vácuos de poder (ruína) criados pelas crises internas nas províncias ocidentais do Império Romano, é que houve a possibilidade de estabelecimento (edificação) dos Reinos Bárbaros, que no caso dos vândalos, integrou e foi integrado a cultura, as tradições e as populações do Norte da África.

Assim, é preciso reafirmar que o leitor não encontrará nessa dissertação, nenhuma análise sobre o processo migratório anterior a chegada das províncias da Hispânia em 409. Pois conforme temos apresentado, não acreditamos em nenhuma permanência ou coesão étnica entre os ‘*vandili*’ de Plínio, ou dos ‘*vandilios*’ de Tácito do século I, com os *rex vandalarum* dos séculos V e VI. Isso porque, Plínio e Tácito atribuíram esses termos para referenciar uma comunidade, cuja amplitude congrega diversos povos, e por isso não pode ser associada apenas aos vândalos.

Além disso, cabe a Arqueologia desmistificar essas associações, e apresentar que a Cultura *Przeworsk* (associada aos vândalos) e também a cultura *Wielbark* (associadas aos godos) estavam mais distantes daquilo que os romanos compreendiam como a *Magna Germania* no primeiro século. Deste modo, nos atentamos a refletir sobre como os vândalos são representados nas narrativas romanas, a partir do momento em que eles podem ser claramente identificados, mapeados e referenciados pela historiografia atual enquanto um grupo identitário coeso. Ou seja, a partir da sua chegada às províncias da Hispânia em 409, através das Crônicas de Idácio de Aquae Flaviae, escritas continuamente até 468.

Deste modo, o capítulo 1 se dedica a observar a situação política, social e cultural das províncias africanas anteriores a chegada do Reino Vândalo. Neste capítulo, nosso objetivo é demonstrar através das evidências literárias dos finais do século IV até meados do século V, que tanto as províncias africanas, como as ilhas mediterrânicas mantinham relações bastante instáveis com o centro do poder romano. Este é, por exemplo, a principal causa de um êxodo urbano de populações que não desejavam permanecer sobre o domínio romano, e que durante todo o século V exerceu grande pressão, principalmente tributária e agrícola, a essas populações.

Vemos também, a tentativa de diversos grupos, em especial os donatistas, de rejeitarem não somente a influência do Império Romano, como também da Igreja Católica. O que contribuiu para os donatistas desenvolverem uma sólida estrutura administrativa, que competia influência, poder público e até nomeações para os episcopados nas cidades africanas, não sendo, portanto, incomum uma única cidade ter dois bispos, um católico e outro donatista.

Entre esses grupos subversivos ao poder romano, também encontramos populações nas províncias africanas e na Sardenha a permanência da língua púnica na escrita e na oralidade. Em algumas regiões de maior intensidade, vemos que Agostinho tinha uma tarefa hercúlea ao fazer nomeações aos episcopados de sua região, pois o aprendizado e a fluência do púnico era essencial aos bispos nomeados, e podia significar o sucesso ou a ausência de bispos ortodoxos em diversas cidades que, eram principalmente, controladas por donatistas. Já que estes haviam se associado a comunidades contrárias ao domínio romano e, portanto, que rejeitavam o aprendizado em latim, na tentativa de preservar sua autonomia cultural e linguística. No entanto, em regiões de menor intensidade, observamos que o multilinguismo como característica predominante, onde grego, latim e púnico eram harmoniosamente combinados.

Logo, acreditamos que os donatistas integraram parte da realeza vândala, que assimilou práticas típicas desse grupo, como a preocupação do rebatismo. Ao se tornarem um importante ponto de apoio popular para os vândalos, os donatistas também conseguiram obter apoio, tanto nas disputas religiosas contra os católicos, como também colaborou na autonomia da região em relação ao Império Romano, que por cobrar altos tributos, pela corrupção e pela exploração das populações vulneráveis estava bastante impopular. Deste modo, o Reino Vândalo colaborou para o alívio econômico da região que não precisaria mais sustentar Roma e o Império, concentrando sua produção e riqueza dentro das próprias províncias.

Dessa forma, é possível observar que os vândalos haviam utilizado toda a estrutura religiosa previamente formada, para estabelecer uma Igreja Ariana cujo líder era o rei vândalo vigente, que tentava se colocar como guardião das comunidades arianas, dentro ou fora do reino. Simultaneamente, a incorporação de tradições donatistas servia para um propósito duplo, isto é, para obter o apoio religioso, mas também para demonstrar que a lealdade ao rei estava acima de qualquer pretensão ou título religioso.

Terminaremos esse primeiro capítulo, apresentando como as narrativas e discursos eclesiásticos se alteram a partir de 410 com o saque de Roma pelos visigodos, tendo Agostinho buscado dissociar a ortodoxia católica de suas estreitas relações com o Império Romano e, julga os romanos como merecedores da justiça divina por não obedecerem às leis

sagradas e os preceitos de uma vida santa. Seu discurso também insere os visigodos de Alarico como bárbaros benevolentes, e exemplos de piedade e misericórdia cristãs ao pouparem os cristãos e as igrejas durante o saque de Roma de 410. Portanto, acreditava que esses povos haviam enviados por Deus para corrigir a indisciplina e os pecados dos romanos, enquanto que abrevia o caminho dos santos ao Reino dos Céus.

Em nosso segundo capítulo, nosso objetivo era apresentar como a comunidade eclesiástica representou os vândalos a partir de seu ingresso nas províncias da Hispânia em 409 até meados de 490, outro objetivo secundário era o de apresentar como elas se conectaram entre si. As fontes eclesiásticas selecionadas para essa finalidade foram: Salviano, Idácio de Aquae Flaviae e Victor de Vita.

A partir das considerações de Michel de Certeau (1982) que nos orienta a compreender os ‘lugares de produção’ dos quais nossos autores estão inseridos, seja no cenário sócio-políticos, como também cultural e linguístico. Apresentamos como os autores cristãos conseguiram transformar e, ao mesmo tempo, se apropriar de alguns modelos clássicos, seja através do gênero literário e cronístico, ou fazendo uso de diversos recursos estilísticos como a retórica e a sátira, que colaboraram na composição daquilo que Kim Haines-Eitzen (2009), considera como uma comunidade textual, isto é, embora a tradição oral ainda forneça grande autoridade aos clérigos, é a tradição textual que colabora na manutenção das práticas e do pensamento cristão.

Assim, introduzimos o segundo capítulo com uma análise da vida e obra de Salviano, que consideramos bastante suscetível as perspectivas agostinianas apresentadas no primeiro capítulo. Como veremos, Salviano era um recém converso quando buscou auxílio nos mosteiros da ilha de Lérins junto de sua esposa e filha. No mosteiro, Salviano se tornou um importante erudito que formava, auxiliava e mantinha relações estreitas com diversos bispos na Gália, isso porque o mosteiro de Lérins era o mais importante centro de formação de bispos da região, devido principalmente a origem dos monges, que em sua maioria eram de provenientes da aristocracia romana. (PINHEIRO, 2014b; BORGONGINO, 2018; SILVA, 2018).

Portanto, devido a importância do mosteiro e da constante comunicação de Salviano com bispos da região, muitos dos quais haviam sido instruídos por ele no mosteiro, Salviano ganhou os títulos de *Gallicani doctores*<sup>13</sup>, *magister episcoporum*<sup>14</sup> e, também é

---

<sup>13</sup> Doutor da Gália.

<sup>14</sup> Mestre de bispos.

posteriormente, já com idade bastante avançada, foi considerado um dos *viri illustribus*<sup>15</sup> de seu tempo por Gennadius. De acordo com Roberto Alciati (2009), embora a historiografia contemporânea não tenha dado grande importância às obras de Salviano, sua autoridade no período poderia ser facilmente comparada à de Agostinho de Hipona.

Entre as características de sua obra *De Gubernatione Dei*<sup>16</sup>, sua narrativa estava pautada em ideais ascéticos, na busca pela santidade, e na condenação de práticas imorais pelos romanos, sendo os que concentram mais a atenção do clérigo são: a sodomia masculina e a prostituição feminina. Através dessas perspectivas, Salviano encontrou nos discursos e sermões do bispo Agostinho de Hipona um lastro que sustentava não apenas as suas críticas, mas também, aprofundou o debate sobre as contribuições das sociedades bárbaras, especialmente os visigodos e, em maior grau os vândalos.

Pois, utilizando-se de um *tópos* retórico, representou que os vândalos eram o menor e mais fraco dos povos bárbaros que atravessaram as fronteiras imperiais no século V, e devido a sua inabalável fé, moralidade e o hábito constante de orarem antes das batalhas, fez com que Deus os agraciasse com uma rápida ascensão do poder régio, que os levou a conquista de Cartago e das províncias da África Proconsular e Bizacena (tidas como as mais ricas do Império) em 439, permitindo com que eles se tornassem uma grande potência do mundo Mediterrâneo.

Obviamente, as perspectivas de Salviano se tornaram rapidamente um grande escândalo entre as comunidades episcopais de outras regiões, que observaram as críticas de Salviano como ataques pessoais aos romanos e aos cristãos ortodoxos. Dentre estes, o Bispo Idácio de Aquae Flaviae que se reconhecia enfaticamente como um bispo romano e católico, em uma região dominada por ‘bárbaros pagãos’, desejou criar uma tradição que rivalizasse com a obra de Salviano.

Para isso, Idácio revestiu e vinculou sua autoridade a de homens santos, como Eusébio de Cesareia e Jerônimo ao dar início às suas Crônicas, que anteriormente haviam sido idealizadas por Eusébio para fornecer uma história universal, multiautoral e caracterizadas por uma escrita concisa. A proposta inicial, era que tais crônicas fossem semelhantes aos textos bíblicos, das quais deveriam ser constantemente atualizadas por escritores posteriores, com a finalidade de serem lidas como um único livro.

Dessa forma, Idácio se coloca como o terceiro continuador das *Chronici Canones*, inclusive, inicia sua obra com o último parágrafo escrito por Jerônimo. Em suas Crônicas, o

---

<sup>15</sup> Homens ilustres.

<sup>16</sup> Sobre o governo de Deus.

objetivo de Idácio era demonstrar que o Império Romano tinha a reponsabilidade de auxiliar as populações de sua região, na tentativa de que o controle romano fosse restaurado sobre as províncias da Hispânia, especialmente na Gallaecia, demonstrando um crescente sentimento de abandono.

Deste modo, também é perceptível que Idácio havia desejado ser reconhecido como um continuador de Eusébio e Jerônimo, pois o estilo cronístico incorporou a idealização de que a identidade romana estaria vinculada a identidade cristã. Isso porque, como demonstram Maijastina Kahlos (2015) e Brian Croke (2007), Eusébio desejava manipular o passado romano, considerando que toda a civilização greco-romana estava alicerçada pelas tradições filosóficas cristãs, mesmo antes do Império assumir o cristianismo como religião oficial.

Logo, toda a glória alcançada pelo Império Romano deveria ser compreendida como um reflexo da benevolência de Deus, que se agradava com a condução político-filosófica dos imperadores, que ao expandirem seu Império, levavam consigo os valores cristãos a outros povos (KAHLOS, 2015; CROKE, 2007). Portanto, para Idácio confessar a fé católica era também uma confissão da lealdade aos imperadores romanos, e em decorrência disso, suas Crônicas deveriam ser compreendidas como uma comunicação com o centro de poder em Roma, na tentativa de noticiar sobre os eventos recentes nas províncias da Hispânia, decorrentes da chegada dos povos bárbaros na região.

Deste modo, Idácio de Aquae Flaviae apresenta uma perspectiva escatológica, a partir da compreensão de que o declínio do Império Romano, e do poder da Igreja Católica em sua região, eram uma revelação do cumprimento das profecias do Evangelho de Daniel, da qual Gunderico (406-428) e Genserico (428-477) são representados como saqueadores de igrejas possuídos por demônios. Revelando para nós um grande desprezo e repúdio demonstrado por ele, para com os povos (alanos, suevos e vândalos) que haviam se estabelecido nas províncias da Hispânia, retratando que os romanos-católicos estavam vivenciando um grande e constante período de terror sob esses povos.

Concluimos o segundo capítulo analisando a obra *Historia Persecutionis Africanae Provinciae sub Geiserico et Hunirico Regibus Wandalorum*<sup>17</sup> escrita inicialmente em 484 por Victor de Vita, e posteriormente atualizada e publicada em 489. Como veremos, o bispo de Vita havia escrito sua obra em 3 livros, com um livro adicional chamado: *Liber Fidei Catholicae*<sup>18</sup> inserido ao final do segundo livro, contudo, a autoria desse é reivindicada por Januário de Zattara, Vilático de Casae Medianae, Bonifácio de Foratiana e Bonifácio de

<sup>17</sup> História das perseguições nas províncias da África sob os reis vândalos Genserico e Hunerico.

<sup>18</sup> Livro da fé católica.

Gratiana, e teria sido produzido para o Concílio de Cartago em 484, convocado e presidido pelo rei vândalo Hunerico (477-484).

Entretanto, vemos que a publicação de sua obra havia sido adiada, devido a intensidade tomada pelas perseguições promovidas por Hunerico as comunidades católicas. Sendo publicado apenas durante o Reinado de Gunthamundo (484-496) que, não apenas encerra a perseguição aos católicos, como também permite o reingresso dos mesmos na África Vândala. Aliás, em meio aos 4966 clérigos exilados por Hunerico, Victor não havia sofrido o mesmo destino, o que nos indica que suas convicções haviam sido suprimidas (SHANZER, 2004; MOORHEAD, 2006).

A perspectiva apresentada por Victor de Vita, demonstra que ele teve conhecimento dos debates de Idácio de Aquae Flaviae e Salviano, o que demonstra para nós que a África Vândala continuava a receber livremente uma grande circulação de obras e debates eclesiásticos, ao contrário daquilo que é retratado pelo bispo de Vita, como se os cristãos estivessem isolados de suas demais comunidades no mediterrâneo.

Deste modo, observamos que a *Historia Persecutionis* adota posicionamentos semelhantes aos de Idácio, com um tom agressivo contra os reis vândalos, principalmente, Hunerico que concentra o foco de sua narrativa nos Livros II e III de sua obra. No entanto, o bispo de Vita não se limita apenas ao relato das perseguições contra os católicos, mas também estende seus objetivos, de modo que, desejava fornecer uma denúncia ao Império Romano no Oriente sobre o sofrimento causado pelos vândalos aos chamados, romanos-católicos.

É possível perceber que Victor de Vita compreendia, tal como Idácio, que as comunidades católicas deveriam ser reconhecidas igualmente como romanas e, portanto, deveriam estar sob a proteção dos imperadores. Assim, a *Historia Persecutionis* havia sido idealizada a fim de deteriorar não apenas a relação dos reis vândalos com sua população, através da imposição de uma dicotomia religiosa e identitária fabricadas em sua narrativa. Mas, também deseja arruinar as relações diplomáticas entre o Reino Vândalo e o Império Romano pressionando os imperadores ao impor a eles uma suposta responsabilidade, para com os católicos. Isso porque, o governo de Zenão havia firmado um tratado com Genserico em 476, chamada de ‘paz eterna’ por Procópio (STEINACHER, 2016, p.228). Essa atribuição se dá, porque diferente dos tratados firmados no período, Zenão e Genserico haviam pactuado uma paz que não deveria se encerrar com a morte de um ou ambos os signatários (HUGHES, 2017).

Com a morte de Genserico no ano seguinte, em 477, a ascensão de Hunerico ao trono colaborou na manutenção dessa paz, uma vez que ele estava associado a Dinastia Teodosiana

por meio do casamento com a filha de Valentiniano III, Eudócia. Assim, há um grande período de pacificação entre o Reino Vândalo e Império Romano do Oriente que abrange os anos de 476 a 530, mantida através, principalmente, de concessões mútuas entre os reis vândalos e os imperadores romanos.

E por fim, em nosso terceiro e último capítulo, desejamos apresentar um panorama sobre a percepção identitária de indivíduos que não pertenciam a esfera eclesiástica, com foco principal nos Livros III e IV da História das Guerras de Procópio de Cesareia. Mas, tais considerações acerca das narrativas seculares também são confrontadas com a produção poética e panegírica destinada a nobres e aos reis vândalos que, a partir do Reinado de Gunthamundo (484-496), observamos um declínio na produção eclesiástica, enquanto tais gêneros literários emergem e ganham espaço significativo.

Mark Lewis Tizzoni (2012) nos apresenta que as tradições literárias da África Vândala tiveram grande circulação, especialmente, no Reino da Burgúndia na Gália passando a influenciar os gostos literários e artísticos de várias partes do Ocidente, ao mesmo tempo em que demonstra a existência de uma livre circulação de obras clássicas no Reino Vândalo que, forneceram a base dessas tradições classicistas, mantidas até, pelo menos, durante o Reinado de Hilderico (523-530) onde ainda encontramos referências panegíricas a nobres vândalos, a Hilderico e aos seus familiares.

A cultura da África Vândala não estava apenas confinada a suas fronteiras. Elas testificam uma influência cultural mais ampla, de um mundo mais cultural e literariamente mais interconectados, onde os autores podem recorrer as fontes, tanto clássicas quanto contemporâneas, de todo o mundo de língua latina<sup>19</sup> (TIZZONI, 2012, p.102, tradução nossa).

Mostrando para nós, que o Reino Vândalo também esteve imerso dentro de uma tradição classicista, gosto literário e estético muito mais amplos, e que são compatíveis com a produção e formação intelectual das elites em Constantinopla e em todo Oriente Romano (KALDELLIS, 2004; RAPP, 2006; TIZZONI, 2012). Permitindo que possamos considerar que o Reino Vândalo não apenas estava imerso dentro de um senso estético de grande circulação no Mediterrâneo, como também colaborou para influenciar tais gostos literários e no processo de classicização que observamos no Império Romano do Oriente.

---

<sup>19</sup> *“the culture of Vandal Africa was not just confined to its own borders. It testifies to a wider cultural influence, to a more interconnected cultural and literary world, where authors could draw on sources, both Classical and contemporary, from all over the Latin-speaking world”* (TIZZONI, 2012, p.102).

Assim, o objetivo dessa pesquisa é compreender e mapear a circulação de modelos narrativos de como os vândalos são representados nas narrativas romanas dos séculos V e VI. A fim de identificar como o Reino Vândalo como suas representações romanas, podem se alterar, a depender de onde e do período em que essas narrativas são produzidas, mas, principalmente, de quais audiências que essas obras pretendem atingir, em razão disso, foi necessário contrastar as produções eclesiásticas, que como veremos, nem mesmo dentro dela há um consenso generalizado, com as ditas produções seculares, onde a religiosidade não interfere diretamente no discernimento dos autores e em seus escritos.

A análise intensiva dessas fontes permite tratar a forma como diferentes modelos narrativos circularam por meio da cultura escrita e por meio das redes informais de comunicação no âmbito do espaço mediterrâneo nos séculos V e VI. Enfatizaremos em especial as relações entre sul da Gália, Itália, Norte de África e parte oriental do império romano. Não basta apenas realizar o movimento sugerido por Michel de Certeau de entender um texto como um produto de um espaço geográfico, intelectual e temporal que o autor experimenta. É preciso investigar como diferentes circulações de informações influenciaram a forma como a identidade vândala foi representada.

Logo, descreveremos aqui quais as edições (latim) e traduções (língua moderna) que fizemos uso. As obras de Salviano e Victor de Vita foram extraídas e traduzidas a partir das respectivas edições da *digital Monumenta Germaniae Historica*<sup>20</sup>. As obras de Salviano, foram editadas por Karl Halm em 1877 e, podem ser encontradas na seção *Scriptores*, subseção *Avctorvm antiqvissimi*, integrando o primeiro tomo da coleção<sup>21</sup>, sob o título *Salviani Presbyteri Massiliensis Libri qvi svpersvnt*.

A edição de Victor de Vita também editada por Karl Halm data de 1879, sendo igualmente encontrada na seção *Scriptores*, subseção *Avctorvm antiqvissimi*, tomo três, intitulada: *Victoris Vitensis. Historia Persecvtionis Africanae Provinciae svb Geiserico et Hvnirico Regibvs Wandalorvm*<sup>22</sup>.

E, no caso das crônicas de Idácio de Aquae Flaviae fizemos uso da edição bilíngue latim-ínglês de Richard Burgess: *The Chronicle of Hydatius and the Consularia Constantinopolitana: Two Contemporary Accounts of the Final Years of the Roman Empire* datada de 1993, mas que também se utiliza a edição da *DMGH*, que pode ser encontrada na seção *Scriptores*, subseção *Avctorvm antiqvissimi*, tomo onze, integrando parte da *Chronica*

<sup>20</sup> Edições digitalizadas, disponível em: <https://www.dmgh.de/> Último acesso em: 02/03/2021.

<sup>21</sup> Disponível em: [https://www.dmgh.de/mgh\\_auct\\_ant\\_1\\_1/index.htm#page/\(I\)/mode/1up](https://www.dmgh.de/mgh_auct_ant_1_1/index.htm#page/(I)/mode/1up)

<sup>22</sup> Disponível em: [https://www.dmgh.de/mgh\\_auct\\_ant\\_3\\_1/index.htm#page/\(I\)/mode/1up](https://www.dmgh.de/mgh_auct_ant_3_1/index.htm#page/(I)/mode/1up)

*minora saec. IV. V. VI. VII*, volume 2, entre as páginas 1 e 36, editada por Theodor Mommsen em 1879.

Contudo, todas as traduções foram traduzidas pelo autor, que a título de comparação também manteve as citações em latim, e a fim de inspirar maior confiabilidade para o leitor, optamos por também referenciar as traduções dessas fontes para o inglês (ou respectiva língua moderna utilizada), ambas constam nas notas de rodapé.

A tradução direta do latim também foi empregada, para o caso de fontes que consideramos secundárias as demais já citadas acima, e das quais não existe respectiva tradução para línguas modernas, este é o caso, por exemplo dos poemas e panegíricos da *Anthologia Latina*, da *Chronica* de Victor de Tunnuna<sup>23</sup> encontrada na seção *Scriptores*, subseção *Avctorvm antiqvissimi*, tomo onze, editada por Theodor Mommsen em 1879, *Chronica minora saec. IV. V. VI. VII*, volume 2, sob o título *Victoris Tonnennensis episcopi chronica*, entre as páginas 163 e 223, e também para a *Historia Romana* de Paulo, o Diácono<sup>24</sup> encontrada na seção *Scriptores*, subseção *Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum separatim editi*, tomo 42, editado por Hans Droysen em 1879, sob o título: *Pavli Historia Romana*.

No caso dos poemas de Luxorius, utilizamos uma edição bilíngue latim-inglês de Morris Rosenblum datada de 1961, em decorrência dos originais não terem sido encontrados por nós, já que, os mesmos estão dispersos entre as edições da *Anthologia Latina*. Para as fontes menores, com uso esporádico fizemos usos de suas traduções em línguas modernas.

Contudo, devemos indicar que entre as nossas principais fontes, Procópio de Cesareia é a exceção acerca da utilização de seu idioma original, por causa do mesmo ter sido produzido em grego e não em latim, língua para a qual não conseguimos concentrar nossos estudos. Entretanto, como recurso para se aproximar de um cenário, dito ‘ideal’, fizemos uso de duas edições traduzidas, uma em inglês por Anthony Kaldellis (2014) e outra edição em espanhol de José Antonio Flores Rubio (2006). Portanto, nos esforçamos para apresentar aos nossos leitores uma tradução mais próxima do original, ao trabalharmos com a constante comparação entre ambas as edições, especialmente ao nos aproximarmos da língua espanhola, que mantém certa proximidade com a língua portuguesa.

Deste modo, a fim de guiar nossas traduções latim-português utilizamos dois métodos da língua latina que dispomos. São eles: o *Reading Latin* da editora de Cambridge

<sup>23</sup> Disponível em: [https://www.dmgh.de/mgh\\_auct\\_ant\\_11/index.htm#page/\(163\)/mode/1up](https://www.dmgh.de/mgh_auct_ant_11/index.htm#page/(163)/mode/1up)

<sup>24</sup> Disponível em: [https://www.dmgh.de/mgh\\_ss\\_rer\\_germ\\_49/index.htm#page/III/mode/1up](https://www.dmgh.de/mgh_ss_rer_germ_49/index.htm#page/III/mode/1up)

desenvolvido por Peter V. Jones e Keith C. Sidwell, que foi traduzido para o português como ‘Aprendendo Latim’ por Isabela Tardin Cardoso e Paulo Sérgio de Vasconcellos em 2012.

E o outro método que utilizamos foi: ‘Aprenda o latim medieval: um manual para um grande começo’ de Monique Goullet e Michel Parisse, publicado pela Editora Unicamp em 2019. Este método, além de servir como suporte ao ‘Aprendendo Latim’, também nos serviu para que pudéssemos compreender as características e os excepcionalismos do latim medieval.

Os dicionários que utilizamos foram a 13ª edição do ‘Novíssimo dicionário latino-português’ de Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva de 2019. E a 2ª edição revista e ampliada, e 3ª reimpressão do ‘Dicionário do latim essencial’ dos autores Antônio Martinez de Rezende e Sandra Braga Bianchet de 2019. E como apoio lexical e morfológico utilizamos o site *Latin is Simple*<sup>25</sup> desenvolvido por Peter Waldert.

Boa leitura.

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.latin-is-simple.com/en/> Último acesso em: 02/03/2021.

# **Capítulo 1:**

## **Identidade cristã nas províncias africanas ocidentais no século V**

Nesse capítulo, inicialmente apresentaremos alguns dos pressupostos metodológicos que orientam essa pesquisa e dissertação, tendo como discussão central o debate sobre a composição da narrativa, possibilidades de representação identitárias inerentes a ela, inclusive dos próprios autores, aonde se mantem associados com o contexto produtivo, seja em relação a escolha do autor em relação a tradição historiográfica utilizada para sua obra, ou seja associado e imersos em seus ambientes culturais e sócio-políticos.

Como veremos, o imponente cenário das províncias africanas durante o século V havia sido um dos fatores que colaborou no estabelecimento do Reino Vândalo, pois observamos grandes contrastes acerca da presença romana nessa região. Em lugares como Cartago era comum a presença de membros ilustres da aristocracia romana, como o procônsul que deveria ser um membro do Senado Romano, e que por isso, poderia ser compreendida como o centro da *romanitas* na África. Ao passo em que, nas regiões interioranas das províncias africanas era comum a existência de comunidades autônomas que desejavam se manter dissociadas de representações imperiais. Característica que havia colaborado para encontrarmos, ainda durante o século V, diversas comunidades multilíngues espalhadas ao longo das províncias africanas e também da Sardenha, que preferiram preservar suas línguas vernaculares, ao invés de adotarem o latim.

Ao finalizar o capítulo, apresentaremos como Agostinho havia percebido essas questões de ordem regional, incorporando aos seus debates uma compreensão que tentava dissociar o cristianismo da autoridade imperial, pois temia o destino da Igreja com a chegada de grandes comunidades hereges no Império Romano. Assim, suas convicções abriram um precedente para se pensar o relacionamento entre bárbaros e romanos, e permitiu o desenvolvimento de um novo discurso sobre as identidades cristãs que influenciou clérigos em diversas partes do Império. Tal como Salviano, que também rompeu com os discursos escatológicos que desejavam associar a decadência da *Pars Occidentalis* com o fim do mundo civilizado e cristão.

### **1.1. Narrativa e autoria na Primeira Idade Média**

Nessa pesquisa temos como objetivo discutir a compreensão clerical e romana acerca da etnicidade vândala entre os séculos V e VI. Nesse sentido consideramos que, a “eticidade é essencialmente um estado psicológico interno<sup>26</sup>” (LIEBESCHUETZ, 2003, p.57, tradução nossa). Embora John Liebeshuetz considere um trabalho exaustivo para os historiadores, ele não desconsidera sua viabilidade. Assim devemos estar atentos a práticas culturais constantes, como a confissão de fé e outros possíveis padrões de comportamentos daqueles que foram representados (personagens), bem como, aqueles que representam (autores):

É muito mais difícil quando as *gentes* germânicas que fundaram o *Regna* deixaram pouca ou nenhuma evidência direta. Em casos como esse, o método a ser utilizado deve ser o behaviorismo: a força e o caráter da etnia de uma *gens* devem ser deduzidos do seu comportamento em situações registradas, e de instituições como vestuário, língua, tradições compartilhadas, lei e religião, que tornam visíveis as distinções tribais, e, de fato, ajudar a criar e nutrir as emoções implícitas<sup>27</sup> (LIEBESCHUETZ, 2003, p.57, tradução nossa).

Deste modo, com poucas evidências da autorrepresentação vândala, ele propõe que a pesquisa seja desenvolvida através de uma sistemática comparação entre autores latinos. Para ele, o ponto de flexão entre a normatividade e o modo de operação sócio-político de conduzir o reinado é significativo para acessar esta etnicidade, mesmo que essas características não fossem representadas e/ou autorrepresentadas como ênfase das narrativas historiográficas dos séculos V e VI.

Ainda que nosso objetivo nessa dissertação não seja encontrar a representatividade vândala de sua própria identidade, mas antes apresentar um relato de como os historiadores romanos dos séculos V e VI os identificavam. Acreditamos que considerar os modos de cultura, como Liebeshuetz (2003) propõe, possa nos oferecer uma importante dimensão sobre como os vândalos poderiam ter ou não se integrado as comunidades romano-africanas. Essa relação, se examinada atentamente, pode inclusive nos oferecer um panorama sobre as motivações contidas nas escritas clericais e seculares que examinaremos aqui.

Para isso, consideramos que o primeiro capítulo deveria ter como principal objetivo compreender as transformações sociopolíticas e culturais ocasionadas a partir da chegada dos vândalos nas províncias africanas em 429. Ao discutir os impactos da migração para a África

---

<sup>26</sup> “*Ethnicity is essentially an internal psychological state*” (LIEBESCHUETZ, 2003, p.57).

<sup>27</sup> “*It is much more difficult when, as with the Germanic gentes who founded the regna, they have left little or no such direct evidence. In cases like this, the method must be that of behaviourism: the strength and character of the ethnicity of a gens must be deduced from both its behaviour in recorded situations, and from institutions such as dress, language, shared traditions, law, and religion, which make tribal distinctiveness visible, and indeed help to create and nourish the underlying emotions*” (LIEBESCHUETZ, 2003, p.57).

do Norte, observamos que houve um apoio das comunidades regionais ao Reino Vândalo, para que pudessem competir juntos pela hegemonia política, militar e econômica sobre o Mediterrâneo Ocidental contra o Império, como apresentaremos no subcapítulo: Províncias romano-africanas no século V.

Deste modo, também nos aproximamos da perspectiva de Michel de Certeau (1982) que evidencia a produção historiográfica limitada a um espaço de “produção sócio-econômico, político e cultural” (CERTEAU, 1982, p.66). Assim, evidenciar o contexto de produção de nossas fontes é tão fundamental, quanto à própria análise do texto.

Pois como inspirado por Certeau, a produção da obra é necessariamente um produto de um espaço geográfico, intelectual e temporal que o autor experimenta e que pode incorporar uma compreensão mais ampla, de como a comunidade que ele (o autor) representava pensava, e agia em relação aos vândalos. (CERTEAU 1982). E ao nos voltarmos para a ideia de autocompreensão, adentramos no âmbito da complexa questão da memória.

Nesse sentido, é preciso considerar que os conceitos de memória e identidade tornam-se elementos que se interrelacionam nessas narrativas, pois permanecem associadas as percepções próprias do autor e da comunidade que ele representa, e que são projetadas em sua escrita.

Assim, Walter Pohl tem considerado que “A ideia de que textos e memórias contribuem de alguma forma para a construção das identidades, são suposições comuns nos estudos medievais contemporâneos<sup>28</sup>” (POHL, 2002, p.229, tradução nossa). Logo, Pohl considerou que a memória havia sido na Primeira Idade Média<sup>29</sup>, um importante definidor das

---

<sup>28</sup> “The idea that texts and memories contributed in some way to the shaping of identities is a common assumption in contemporary medieval studies” (POHL, 2002, p.229).

<sup>29</sup> A utilização do termo e do conceito Primeira Idade Média foi desenvolvida por Hilário Franco Junior (2001; 2005), sendo mencionada pela primeira vez em 1986 no livro ‘A Idade Média: Nascimento do Ocidente’, sendo novamente apresentadas no livro ‘Relações de Poder, Educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média’ de 2005. O conceito de Primeira Idade Média deve ser compreendido como uma alternativa a utilização dos termos Alta Idade Média que, para ele, não acompanha a complexidade do período medieval, e também para a Antiguidade Tardia, que considerou estar mais associado aos antiquistas, que observam nesse termo um aporte teórico que reforça a decadência do período romano ocidental. Assim, a utilização do termo Primeira Idade Média revela um potencial ao refletir sobre a transformação do mundo antigo através da definição de uma norma religiosa que construiu uma ortodoxia orientada e definida pela Igreja Católica, por meio de seus Concílios e da condenação de outras perspectivas teológicas como as heresias, além de também, fazer referência a inserção das sociedades bárbaras no interior do Império Romano, “Daí a proposta de chamar ‘Primeira Idade Média’ a fase que se estendeu de princípios do século IV a meados do século VIII” (FRANCO JUNIOR, 2005, p.28). Assim, acreditamos que a utilização do termo Primeira Idade Média possa refletir melhor sobre a proposta dessa dissertação que tem como principal atribuição examinar as percepções da historiografia romana e principalmente eclesiástica acerca dos vândalos. Que coincide com a produção de Salviano, Idácio de Aquae Flaviae, Victor de Vita e mesmo Procópio de Cesareia que tentavam julgar e compreender essas transformações políticas, sociais, culturais e religiosas, promovidas pela chegada e estabelecimento dos Reinos Bárbaros, permitindo assim um ápice e o desenvolvimento de um marco historiográfico que orientou grande parte da produção histórica, regulamentada por suas próprias convicções religiosas e identitárias.

identidades, tanto de autores romanos, como para os Reinos Bárbaros<sup>30</sup>. Nesse contexto a transmissão cultural da memória poderia ser oralmente propagada e recriada. (POHL, 2002).

Ao observar a cultura escrita, Pohl (1999) também considerou que as fontes do período (séc. V a VI) reforçam situações de conflitos, fosse entre os próprios Reinos Bárbaros, ou contra o Império Romano. Nesse último caso, os bárbaros eram, em sua maioria, tidos como inferiores e não-civilizados, “De uma maneira ou de outra, muitas fontes contemporâneas evidenciam esse esforço contínuo para definir grupos e comunidades<sup>31</sup>” (POHL, 1999, p.138, tradução nossa). Para ele, em ambas as situações, para os autores romanos o discurso oral e a tradição escrita eram utilizados como um recurso, que pudesse recriar a memória coletiva<sup>32</sup> das sociedades em que esses reinos se inseriram.

Observamos assim, que a compreensão de memória para Walter Pohl (1999, 2002) se aproxima da compreensão de Michel de Certeau sobre o ‘lugar de produção’. Na medida em que, a memória poderia ser significativa para reorganizar a percepção dessas comunidades romanas sobre o Reino Vândalo, por meio do vínculo e autoridade que esses autores, fossem clérigos ou seculares, desempenhavam na sua própria tradição e cultura local.

---

<sup>30</sup> Jörg Jarnut (2004) nos apresenta que o termo ‘germânico’ foi associado ao passado dos nacionalistas europeus dos séculos XIX e XX e justificava, em certa medida, crimes cometidos contra a humanidade e invasões territoriais com base nos ideais de guerreiros nobres e conquistadores. E, portanto, atualmente se tornou um conceito obsoleto que precisa ser superado pela historiografia medievalista. (JARNUT, 2004). A discussão sobre qual termo utilizar para descrever uma pluralidade de povos que permaneciam além das fronteiras é extensa, Walter Goffart (2006) também considera o uso do termo ‘germânico’ não apenas como inapropriado devido suas implicações com o nacionalismo já citado, mas também como anacrônico já que nenhum dos povos que habitavam a fronteira leste do Reno e norte ao Danúbio se reconhecia dessa maneira, e ainda Tácito no século I já havia reconhecido que a aplicação do termo era novo “A denominação de ‘Germânia’, ao contrário, é recente e foi introduzida há pouco” (TÁCITO, 2011, p.11). Mas, não parece ter tido popularidade, uma vez que é notável seu desaparecimento das fontes. Também havíamos considerado o termo ‘Reinos ou povos Pós-Imperiais’, mas como esta pesquisa, necessariamente está ambientada entre a plena existência da *Pars Occidentalis* e sua posterior dissolução nos finais do século V, seria impreciso, confuso e até mesmo anacrônico falar de um Reino Pós-Imperial no período de Valentiniano III, por exemplo. Desse modo, ainda que Hans-Werner Goetz (2003) considere que o termo bárbaro carrega consigo uma característica pejorativa Na falta de um termo mais apropriado, utilizaremos o termo ‘bárbaro’ através daquilo que Patrick Geary (2001; 2005) considera, isto é, a barbárie e os bárbaros eram povos não incorporados as fronteiras romanas e ao título de cidadão, portanto, meramente um conceito que retrata um aspecto jurídico para povos não-romanos. Deste modo, é preciso considerar que não temos como objetivo expor aspectos pejorativos que podem estar associados a essa palavra, e buscaremos utilizá-la apenas quando necessário para descrever povos não-romanos em sua pluralidade e em casos de generalizações, caso contrário, os nomes dos povos descritos serão indicados.

<sup>31</sup> “In some way or other many contemporary sources are traces of this continuous effort to define groups and communities” (POHL, 1999, p.138).

<sup>32</sup> Pierre Nora (1993) compreende que a memória tem a capacidade de transformar a compreensão do passado de uma comunidade, podendo esses discursos se alterarem conforme a necessidade dos líderes religiosos ou políticos. Nora considerou que essas características se manifestavam, naquilo que ele nomeia como, sociedade de memória que, para ele constitui-se a partir da “conservação e a transmissão de valores, igreja ou escola, família ou Estado” (NORA, 1993, p.8). Logo, essas sociedades, são consideradas por ele, aquelas que buscavam a transmissão de suas tradições através, de núcleos ideológicos que representam os interesses das classes dominantes, que para o nosso período, podemos referenciar como exemplo, os clérigos e aristocratas romanos.

Nessa perspectiva, a autora Kim Haines-Eitzen (2009) acredita que o cristianismo havia colaborado na constituição de comunidades textuais, que se reuniam para aprender, discutir e pensar sobre as escrituras sagradas, através de uma dinâmica relativamente simples: “instrução oral para aqueles que são iletrados na leitura, e interpretação de texto para os letrados<sup>33</sup>” (HAINES-EITZEN, 2009, p.250, tradução nossa). A autora ainda considerou que a memória e as tradições orais eram um importante recurso das comunidades cristãs, pois constituíram um pilar da evangelização cristã desde o Cristianismo Primitivo, alçando um importante ápice na Primeira Idade Média.

Na Primeira Idade Média observamos a constituição dos cânones bíblicos, e em consequência, variações e interpretações teológicas que foram julgadas como heresias, passaram a se associar a uma identidade religiosa e a grandes comunidades em todo mundo romano. Como é caso do Donatismo, e até mesmo extrapolando as fronteiras romanas como o Arianismo<sup>34</sup>.

Para Haines-Eitzen (2009) com o ápice das divergências teológicas, houve igualmente um aumento da autoridade de clérigos letrados<sup>35</sup>, principalmente bispos, que contribuíram para a composição de um gênero apologético, tal como Agostinho.

Ela explica que a súbita autoridade depositada aos clérigos letrados alterou a organização e hierarquia eclesiástica. Uma vez que, enquanto os iletrados transmitiam os conhecimentos adquiridos, assumindo a figura de evangelizador, os clérigos letrados passaram a ser compreendido como apóstolos de Cristo. Pois, colaboraram na preservação do conhecimento apostólico através da tradição escrita.

As decisões sobre textos individuais foram tomadas com base em reivindicações sobre sua apostolicidade, sua difusão, seu estilo e, acima de tudo, sua ortodoxia. Todas nossas evidências apontam, aliás, para uma

---

<sup>33</sup> “oral instruction for those who are illiterate by the reading and interpreting of texts by those who are literate” (HAINES-EITZEN, 2009, p.250).

<sup>34</sup> Temos como exemplo de heresia iniciada em solo imperial, que se difundiu para outras regiões não-romanas o Arianismo, através principalmente das atividades missionárias e evangelizadoras do Bispo Ulfila que converteu os povos, genericamente nomeados como godos, do qual inclusive foi responsável por criar um alfabeto gótico. Ulfila parece ter atuado para os dois lados, tanto para auxiliar no controle dos godos nas fronteiras do Império, servindo como um governador, e também para os godos como uma espécie de embaixador quando era necessário. Sua influência parece ter sido considerável de ambos os lados das fronteiras, além de servir como uma autoridade episcopal não apenas para os arianos, mas também para as comunidades cristãs em geral, que parecem não ter se importado com sua confissão de fé. (WOLFRAM, 2013; NYBERG, 2013).

<sup>35</sup> Entenda-se por letrado indivíduos que eram capazes de ler e escrever, mas que eventualmente também fossem capazes de produzir e dominar a arte da escrita e da retórica, de acordo com Giovan Ventura da Silva (2013; 2017) o letramento havia se tornado, nos primeiros séculos, uma prática normativa que conduziu a coesão doutrinária e permitiu que a Igreja definisse sua ortodoxia, cujo poder da escrita era objeto catalizador das comunidades cristãs que se reuniam sob uma doutrina da fé, e sobre a autoridade de um bispo letrado que acumulava o poder do discurso, com o poder da palavra escrita.

minoria de escritores patrísticos alfabetizados e altamente instruídos que trabalhavam para circunscrever os textos que seriam consagrados pela maioria dos cristãos<sup>36</sup> (HAINES-EITZEN, 2009, p.252, tradução nossa).

Logo, a narrativa histórica ganha destaque no cenário sócio-político, e os autores cristãos passam a influenciar suas comunidades através de autoridade narrativa, autoral e clerical.

De acordo com os pesquisadores Felix Wiedemann, Kerstin P. Hofmann e Hans-Joachim Gehrke (2017), e igualmente para Márcia Santos Lemos (2009) devemos considerar que essas narrativas da Primeira Idade Média são compostas não apenas pelas descrições dos eventos, mas também expõe crenças e a referências a identidade do autor. Isso porque, a composição de uma narrativa havia sido construída para que os eventos descritos, apresentassem as experiências daquela comunidade que o autor pertence. (LEMONS, 2009; WIEDEMANN, HOFMANN, GEHRKE, 2017).

O autor, nesse sentido, passa a orientar as relações de sua comunidade local com os novos povos que se estabeleceram nos territórios imperiais a partir do quinto século, “Narrativas podem ser entendidas como uma representação temporalmente estruturada de sequências de eventos<sup>37</sup>” (WIEDEMANN, HOFMANN, GEHRKE, 2017, p.12, tradução nossa). Deste modo, Wiedemann, Hofmann, Gehrke (2017) consideram que os escritores desse período, geralmente, acompanham padrões narrativos que nos permitem identificar relações com outras fontes, e conflitos internos. Ocasionalmente a partir de uma divergência narrativa ou análise dos eventos que se propunham a narrar. E que apresentam para nós, evidências de uma narrativa preocupada não apenas em descrever os eventos, mas também com a recepção de seu público. (WIEDEMANN, HOFMANN, GEHRKE, 2017).

Assim consideramos que a narrativa é “a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1987, p.198). Logo, a narrativa, compõe parte de um processo cognoscitivo e intelectual humano, com a capacidade de reproduzir o momento vivido e desenvolver memórias relacionadas às experiências do cotidiano de um indivíduo, que está inserido na mesma temporalidade em que escreve.

Esta perspectiva parece ir em direção a Hanna Arendt (2016). Segundo a autora:

---

<sup>36</sup> “Decisions about individual texts were made on the basis of claims about their apostolicity, their widespread use, their style, and, above all, their orthodoxy. All our evidence points, moreover, to a small minority of literate and highly educated patristic writers working to circumscribe the texts to be considered authoritative by the majority of Christians” (HAINES-EITZEN, 2009, p.252).

<sup>37</sup> “Erzählungen können mithin als zeitlich strukturierte Repräsentation von Ereignissequenzen verstanden werden” (WIEDEMANN, HOFMANN, GEHRKE, 2017, p.12).

“o vocábulo *istoría* deriva de *id-*, ver, e *ístor* significa originalmente “testemunha ocular”, e posteriormente aquele que examina testemunhas e obtém a verdade através da indagação. Portanto, *istoreín* possui um duplo significado: testemunhar e indagar” (ARENDDT, 2016, p.69).

Esta dualidade da morfologia do termo ‘história’ tem suas relações ligadas à percepção temporal da Antiguidade Clássica. Pois, o registro do testemunho conferia à obra a autoridade para imortalizar seus personagens através do relato. (ROSOLEN JUNIOR, 2020).

Assim, o historiador dessa temporalidade surge para conter os avanços do tempo, a fragilidade e a mortalidade da memória<sup>38</sup> e dos feitos dos homens. Deste modo, a tarefa do historiador consistia em não interferir e não expressar sua intencionalidade ao objeto que se destina à narrativa, mas apenas relatar as ações dos homens sem uma predileção dos antagonismos que se inserem nestas histórias. Pois inseridos nessa temporalidade, eles entendiam que “a transformação de eventos e ocorrências singulares em História era, em essência, a mesma “imitação da ação” em palavras mais tarde empregada na tragédia grega” (ARENDDT, 2016, p.74). Portanto, a escrita da história consistia em uma tentativa de consolidar qualidades e eventos heroicos. (ROSOLEN JUNIOR, 2020).

De acordo com Pedro Benedetti (2018) na Primeira Idade Média o historiador anunciava em seus prefácios quais os eventos, os parâmetros da investigação e os métodos que ele utilizou na elaboração de sua narrativa histórica. Essas características asseguravam aos leitores o compromisso do autor com a verdade e, colaborava para o desenvolvimento de tradições historiográficas. Assim, o princípio da autoria, para Benedetti, está associado com o dever com a verdade e com a responsabilidade dos métodos empregados na sua narrativa. A origem do historiador, sua relação com os eventos narrados e sua posição social, eram características dispares que permitiriam avaliar a exclusividade de cada obra.

é Amiano Marcelino (*Histórias*, XXXI, 16, 9), na qualidade de grego e soldado, quem assume a tarefa de esclarecer (*explico*) os eventos que se desenrolaram de Nerva a Valente, e é Zózimo quem arroga em sua *Nova História* (I, 57, 1) o propósito de mostrar (ἔρχομαι λέξων) como os romanos, em um curto período, perderam seu império. (BENEDETTI, 2018, p.25).

A reivindicação autoral, deste modo, se incumbe das responsabilidades decorrentes da narrativa, motivo pelo qual, muitos autores na Primeira Idade Média escreveram após a morte

---

<sup>38</sup> A memória aqui expressa refere-se ao processo cognitivo humano, relativo as capacidades individuais de armazenar as informações e as ocorrências diárias.

dos governantes ou por meio das sátiras. Descrevendo ou fazendo alusões do momento presente através do passado distante, sem explicitar os personagens que eram de fato aludidos.

Para Rohrbacker (2007) a característica de escrever sobre o passado com referência aos eventos presentes foi bastante típica de momentos de crise política e social. Sendo estabelecido a partir de Amiano Marcelino um novo marco historiográfico com foco na escrita satírica, mas incorporando a ela outros gêneros textuais como a biografia e a oratória. (PIZARRO, 2006; ROHRBACKER, 2007).

Assim, os historiadores da Primeira Idade Média poderiam recorrer ao estilo, à linguagem complexa, dramática e cênica para amenizar a responsabilidade autoral para possíveis associações que seus leitores ou espectadores (no caso de uma encenação teatral) fizessem de seus próprios governantes. De acordo com Gavin Kelly (2007), escrever sobre o momento presente ou sobre os governantes vivos, poderia retirar o prestígio do autor e de sua obra através de perseguições políticas.

Por meio desses recursos, os historiadores puderam encobrir suas críticas e convicções sobre o tempo presente através da escrita sobre o passado. Joaquin Martinez Pizarro (2006) nos apresenta que a combinação de diferentes formas literárias em uma narrativa histórica, tinha como propósito criar um estilo complexo de leitura e escrita que expusesse a erudição do autor. Ao mesmo tempo em que, essas combinações estilísticas também permitiam que a obra tivesse representações cênicas, e fosse acessível à sociedade não leitora, essa característica historiográfica foi popularizada nos finais do III<sup>o</sup> século e prevaleceu até o século VII. (PIZARRO, 2006; KELLY, 2007; ROHRBACKER, 2007; WOODS, 2009).

Assim, identificamos uma relação entre Benedetti (2018), Rohrbacker (2007) e Pizarro (2006) ao proporem que os escritores tardo-antigos não estavam necessariamente preocupados com métodos de datação e ordem cronológica, com exceção das crônicas, mas sim, em retratar um ‘estado de coisas’<sup>39</sup> que tornasse possível uma reflexão moral, social e política.

---

<sup>39</sup> O objetivo aqui é expressar aquilo que em nossas fontes, principalmente Salviano e Victor de Vita, recorriam às identidades para definir normas e padrões. Como os romanos de Salviano moralmente degenerados e inferiores aos bárbaros: “Que esperança, pergunto, pode haver para o Estado Romano quando os bárbaros são mais castos e puros que os romanos? Entre os godos, você não encontrará nenhum impuro, exceto os romanos, nenhum devasso entre os vândalos, exceto os romanos” (SALVIAN, 1930, p.223, tradução nossa). Assim, como os vândalos retratados por Victor de Vita como orgulhosos pela sua violência e crueldade: “eles começaram a trabalhar com suas forças perversas, destruindo pela devastação e arruinando tudo com fogo e assassinatos [...] nenhum lugar permaneceu a salvo de ser contaminado por eles, pois se enfureciam com grande crueldade, imutáveis e implacáveis” (VICTOR OF VITA, 2006, p.3, tradução nossa). Deste modo, pretendemos definir com ‘estado de coisas’ uma construção literária que define uma relação entre uma norma e uma identidade atribuída aos personagens da narrativa.

Para Pizarro, a relação entre o gênero literário e a narrativa histórica permitiu que a “concepção cênica pudesse incluir elementos literários mais explícitos<sup>40</sup>” (PIZARRO, 2006, p.100, tradução nossa), como a representação de personagens históricos com condutas imutáveis, geralmente ressaltando governantes impiedosos, irresponsáveis e imprudentes.

Assim como Victor de Vita caracteriza o rei vândalo “A conduta de Genserico era tão nobre, quanto cruel<sup>41</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.13, tradução nossa) pela perseguição promovida aos católicos em seu reinado, em suas diversas menções ao rei Genserico, nas quais ele esteve determinado em caracterizá-lo como impiedoso, cruel e traiçoeiro<sup>42</sup>.

Para Gilvan Silva e Caroline Soares (2013), a partir do final do século III há um aumento sucessivo das críticas as condutas morais dos líderes romanos, proferidas principalmente, pela comunidade cristã.

Para David Rohrbacker durante o século IV, as críticas eram estimuladas pelo desejo das elites romanas em demonstrar publicamente suas riquezas como símbolos de poder e prosperidade, teriam gerado grandes atritos sociais com as classes subalternas, tornando as elites romanas os principais alvos de sátiras e comédias.

De fato, os romanos são criticados por lerem literatura com o único objetivo de apreciarem as cenas de degradação e escândalos [sexuais] que os autores forneciam. Eles são incapazes de reconhecer que Juvenal e Máximo descreviam esses comportamentos como críticas, não para celebrarem ou se excitarem<sup>43</sup> (ROHRBACKER, 2007, p.469, tradução nossa).

Deste modo, Rohrbacker também aponta que a demonstração de luxo esteve associada na retórica dos autores cristãos a ideia de uma elite romana lasciva, conduzida pelos exageros sexuais, que incluía utilizar posições político-sociais privilegiadas para conseguir favores sexuais de pessoas subordinadas.

---

<sup>40</sup> “*Scenic conception can include more explicitly literary elements*” (PIZARRO, 2006, p.100).

<sup>41</sup> “*Geiserico quanto sublimiter, tanto crudeliter gestae*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.13); “*Geiseric, with as much pride as cruelty*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.23).

<sup>42</sup> Para não ficar extenso, mencionaremos apenas algumas dessas passagens que evidenciam o caráter do personagem de Genserico como as seguintes: “Depois desse frenesie de maldade e atos selvagens Genserico conquistou e entrou na cidade de Cartago, aquela grande cidade, e reduziu à escravidão sua antiga classe de homens livres, nascidos livres e nobres” (VICTOR DE VITA, 2006, p.7, tradução nossa); “Genserico não demorava para ordenar que os vândalos retirassem bispos e leigos nobres de suas igrejas e casas completamente nus” (VICTOR DE VITA, 2006, p.8, tradução nossa); “Genserico tratou mal um grande número de senadores e *honorati*, em primeiro momento os exilando cruelmente, e posteriormente levando-os a terras além do mar” (VICTOR DE VITA, 2006, p.8 tradução nossa).

<sup>43</sup> “*In fact, the Romans are criticized for reading literature for the sole purpose of enjoying the scenes of degradation and scandal which the authors provide. They are unable to recognize that Juvenal and Maximus describe this behavior for criticism, not celebration or titillation*” (ROHRBACKER, 2007, p.469).

Ainda no século V, essa seria uma das principais críticas de Salviano, que caracterizava a sodomia e a prostituição como componentes da identidade romana que levou o Estado Romano<sup>44</sup>, pela ira de Deus, ao colapso. (ROSOLEN JUNIOR, 2018).

Deste modo, o ‘olhar etnográfico’ que havia sido uma tradição clássica nos teatros romanos por ridicularizar os bárbaros e suas ‘sociedades decadentes’. Que representavam a condição ‘bárbara’ como reflexo de uma conduta indesejável, mas ao mesmo tempo inevitável devido não serem uma sociedade civilizada. Na Primeira Idade Média essas características são alteradas e é atribuído aos romanos características de uma sociedade barbarizada (DENCH, 2007).

Para Salviano era ao bárbaro que atribuíam à chefia da reflexão moral, educação social acima dos parâmetros civilizacionais romanos. Assim, observamos que a sátira e a etnografia poderiam compartilhar dos mesmos objetivos moralizantes. Pois, a incoerência de impor aos romanos civilizados, características de uma sociedade bárbara produz um humor irônico, que permitia ampliar seu público, para além dos letrados, através de encenações teatrais.

Os historiadores seculares romanos instruídos pela etnografia não compreendiam o ‘outro’ como vitorioso. Para eles, as vitórias bárbaras no século V era apenas um episódio que não alteraria a topografia de poder<sup>45</sup> preestabelecida naturalmente entre ‘bárbaros’ e ‘civilizados’. Para os autores seculares a ocupação dos Reinos Bárbaros poderia ser revertida, se as elites romanas comandassem uma restauração da romanidade e da superioridade civilizacional. (GILLET, 2009; GEARY, 2005; MITTHOF, 2012).

---

<sup>44</sup> Utilizamos nesta dissertação o termo ‘Estado Romano’ exclusivamente como sinônimo de ‘Império Romano’, a fim de evitar muitas repetições.

<sup>45</sup> Andrew Gillet (2009) define como ‘*topography of power*’, um conjunto de práticas sócio-culturais, políticas, administrativas e militares próprias de um povo que são utilizadas para reafirmar, em situações de conflito, a superioridade étnica de um povo sobre o outro, na tentativa de definir diversos níveis de poder e/ou civilidade, e uma rígida hierarquia de povos. Para Pohl (2013) a historiografia medieval buscava, através de padrões de comportamento, como armas, roupas, cerâmicas e sepultamento, apresentar as diferenças culturais como traços étnicos característicos de dado povo, que os diferenciavam e os qualificavam em meio aos demais povos. Como exemplo, Victor de Vita cita que Hunerico havia proibido que qualquer pessoa que estivesse vestida como um vândalo frequentassem as igrejas católicas, sob a pena de terem seus cabelos raspados ou sua cabeça escalpelada (VICTOR OF VITA, 2006, p.27). Dessa forma, Victor de Vita tenta apresentar que utilizar as vestes vândalas era uma forma de barbarização, que poderia dificultar a diferenciação de vândalos e romanos, entre hereges e católicos, entre aqueles que poderiam e aqueles que não poderiam frequentar as igrejas católicas. Assim, a tentativa de Victor de promover a continuidade da utilização das vestes romanas, e a crítica dirigida aos que incorporaram o uso de vestes vândalas, era uma forma retórica do bispo de Vita de reafirmar a superioridade da cultura e dos costumes romanos acima dos vândalos. Estabelecendo, dessa forma, uma topografia de poder que inferioriza os vândalos em oposição aos romanos. Além disso, o uso retórico também era uma tentativa de alarmar a comunidade romano-católica de que todos que incorporassem os costumes vândalos estavam submetidos a ordem régia de serem torturados ou difamados publicamente, e também nos apresenta que pela preocupação do bispo de Vita, a prática de utilizar as vestes vândalas havia se popularizado entre as populações norte-africanas.

Estas percepções foram responsáveis por favorecer o renascimento da historiografia romana clássica, que pode ser observada ainda em Procópio de Cesareia com seu método narrativo de registrar o testemunho ocular e oral no século VI. Época em que o Império teria restaurado sua superioridade por meio das campanhas militares de Justiniano, e que discutiremos posteriormente no terceiro capítulo dedicado a Procópio.

Na abordagem da historiográfica clerical a vontade divina poderia sobrepujar a compreensão humana. A possibilidade de o Império Romano deixar de existir era algo coerente com as profecias bíblicas e com a visão escatológica da história. Assim como sugere Agostinho ao propor uma dissociação entre o mundo terreno e o mundo celeste que também fazia referência a uma desarticulação da romanidade com a identidade cristã (COELHO, 2012; RAMOS, 2012; DODARO, 2012). Entretanto, para compreender a dimensão desse debate, será preciso antes, destacar o contexto sócio-político que se encontravam as províncias africanas durante o quinto século.

## 1.2. Províncias romano-africanas no século V

Roland Steinacher (2016) tem considerado que o caráter destrutivo presente nas fontes eclesiásticas e associadas aos vândalos, tais como a destruição de prédios e templos, ou mesmo, ausência de civilidade promovida através de um êxodo urbano, são atributos anteriores a chegada dos vândalos as províncias africanas. Victor de Vita apresenta o êxodo urbano como uma consequência do terror propagado através da chegada vândala na África, do qual clérigos e romanos fugiram para viver fora dos centros urbanos.

Mas a maioria das cidades tinham pouquíssimos ou nenhum habitante vivendo nelas: pois os que sobreviveram até hoje, foram sucessivamente abandonando esses lugares. Como exemplo, o odeão de Cartago, o teatro, o templo de Memória e a chamada *Via Caelestis* foram completamente destruídos<sup>46</sup> (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.3, tradução nossa).

Entretanto, o próprio Victor de Vita parece se contradisser entre o primeiro e o terceiro livro, uma vez que, no primeiro livro, como pode ser observado na citação acima, ele menciona a destruição do Templo de Memória durante o Reinado de Genserico. Mas no

---

<sup>46</sup> “*Sed et urbes quam plurimae aut raris aut nullis habitatoribus incoluntur: nam et hodie si qua supersunt, subinde desolantur, sicut ibi Carthagine odium, theatrum, aedem Memoriae et viam, quam Caelestis vocitabant, funditus deleverunt*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.3); “*And there are very many cities with few or no inhabitants, for after these events the ones which survive lie desolate; for example, here at Carthage they utterly destroyed the odeon, the theatre, the temple of Memoria and what people used to call the Via Caelestis*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.5).

terceiro livro, ele apresenta que um grupo de clérigos católicos haviam sido reunidos no mesmo templo para confessar sua fidelidade ao rei Hunerico: “Então, diante disso, eles foram ordenados a irem a um lugar, que chamam de Templo de Memória<sup>47</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.44, tradução nossa). Deste modo, Steinacher (2016) considerou que o bispo de Vita faz uma confusão proposital entre o período romano e o domínio vândalo, na tentativa de orientar ou reorganizar a memória das comunidades africanas no período de Hunerico.

No entanto, se considerarmos a proposta de Moorhead (2006) acerca da obra de Victor de Vita ter sido produzida em dois momentos distintos: escrita em 484 (ano da morte de Hunerico), e depois acrescentando e atualizando sua obra, durante o Reinado de Gunthamundo em 489, momento que o rei vândalo permitiu o regresso do clero católico, que anteriormente havia sido exiliado por Hunerico (SHANZER, 2004; MOORHEAD, 2006). Podemos considerar que, essa contradição em Victor de Vita, é muito mais um erro de revisão de seu trabalho, do que propriamente uma confusão proposital. Essa discussão será mais profícua ao final do segundo capítulo, quando abordaremos mais intensamente os aspectos de sua obra.

Tanto Roland Steinacher (2016), como Merrills e Miles (2010) consideraram que o Templo de Memória havia sido apropriado pelo clero ariano, e que continuou sendo utilizado ao longo do período vândalo, inclusive para Averil Cameron (2008) os vândalos não apenas haviam se apropriado das igrejas católicas que haviam manifestado uma oposição ao seu reinado, como também considerou que o período vândalo foi característico pela manutenção, restauração e até pela construção de igrejas que continuaram a serem utilizadas durante o período bizantino e muçulmano.

Como ela apresenta: “a grande basílica de Bir el Knissa, Cartago, por exemplo, sofreu alterações substanciais no final do século VI e ainda florescia no século VII, havia sido construída no final do período vândalo<sup>48</sup>” (CAMERON, 2008, p.556, tradução nossa). Assim, a fama dos vândalos na descrição das fontes parece não estar em consonância com as práticas, e com as evidências do material arqueológico analisado por esses autores. (CAMERON, 2008; MERRILLS, MILES, 2010; STEINACHER, 2016).

---

<sup>47</sup> “*Tum deinde iubentur ad quendam locum, qui dicitur aedes Memoriae*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.44); “*Then those men of God were ordered to proceed to a place called the temple of Memoria*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.70).

<sup>48</sup> “*the large basilica at Bir el Knissia, Carthage, for example, which underwent substantial alterations in the later sixth century and was still flourishing in the seventh century, was built in the late Vandal period*” (CAMERON, 2008, p.556).

Cameron inclusive contesta a desurbanização que é mencionado por Victor de Vita (2006, p.5), e avalia que os vândalos haviam se estabelecido nos centros urbanos, ocorrendo apenas uma transformação nos espaços urbanos através da redistribuição de terras feita por Genserico aos seus guerreiros. Característica que relegou o interior das províncias africanas para as diversas facções mouras, assim como os romanos haviam feito anteriormente, como estratégia para pacificá-los, como veremos adiante com Tiersch. (CAMERON, 2008; TIERSCH, 2015).

Além disso, esses mesmos autores, também comprovam através da cultura material que, o teatro e o odeão de Cartago haviam sido abandonados antes da chegada dos vândalos em 439. Com base em comparações em fontes arqueológicas e no *Codex Theodosianus*, Andrew Merrills e Richard Miles (2010) confrontam a narrativa de Victor de Vita, afirmando que esse processo de êxodo urbano era uma característica das províncias africanas desde, pelo menos o século IV.

Claudia Tiersch (2015) considerou que, “embora os entretenimentos públicos, não tenham sido proibidos, haviam se tornado um modo cada vez menos popular de evergetismo para as elites locais, que anteriormente haviam dado suporte financeiro para eles<sup>49</sup>” (MERRILLS, MILES, 2010, p.208, tradução nossa). Deste modo, os autores Merrills e Miles (2010) apresentam que o processo de cristianização influenciou na configuração urbana regional da África Romana. E que a vida das comunidades romano-africanas também havia sido estruturalmente modificada, a partir da proibição dos cultos pagãos<sup>50</sup> em meados do século IV, essa prática havia ocasionado o fechamento de importantes templos que sustentavam a vida urbana em seus arredores. (MERRILLS, MILES, 2010).

Contudo, Claudia Tiersch (2015) detém uma análise temporal mais ampla, ao considerar que a partir do terceiro século, é possível observar um processo de desurbanização que se manteve contínuo ao longo dos séculos seguintes.

O século III para ela foi determinante para a ruptura das províncias africanas com o poder senatorial romano, ocasionando um aumento da autonomia provinciana, e também, na restauração de identidades e lideranças locais das províncias africanas mais distantes de Roma. Tais como a Tingitana e a Mauretania Caesariensis, mais próximas do Atlântico e da Península Ibérica, “O declínio da prosperidade econômica também reduziu o interesse em

---

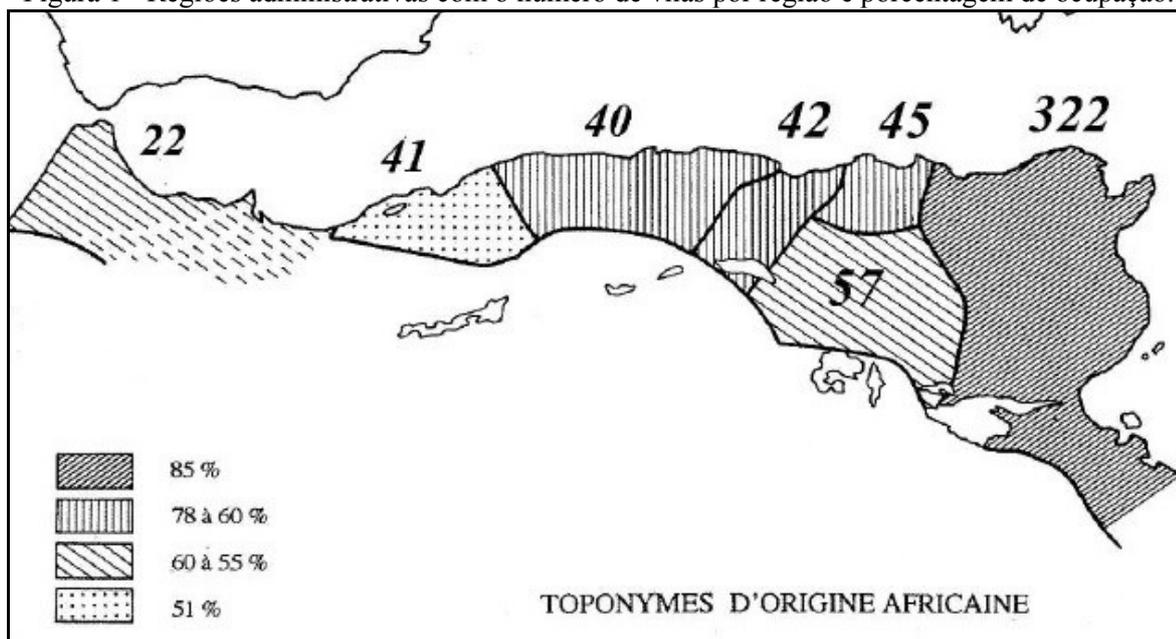
<sup>49</sup> “there is little doubt that the public entertainments, although not banned, had become an increasingly less popular mode of evergetism for the local worthies who had previously bankrolled them” (MERRILLS, MILES, 2010, p.208).

<sup>50</sup> Consideramos o termo pagão e suas derivações, como um conceito amplo que abrange as comunidades religiosas não-cristãs.

cooperação direta com Roma para numerosos líderes tribais<sup>51</sup>” (TIERSCH, 2015, p.263, tradução nossa). Para Tiersch a forma de organização norte-africana sem a intervenção de Roma, cunhou uma resistência à integração a *romanitas*<sup>52</sup>, através do abandono das cidades e da concentração do poder local no campesinato militarizado.

De acordo com Ammar Mahjoubi (2010) essa organização de uma sociedade beligerante refletiu em intensos conflitos contra os romanos durante a tentativa de reestruturação política romana no terceiro século, mas “Roma não tinha poderes para eliminar radicalmente a resistência dos berberes e nunca conseguiu manter sob controle permanente os nômades do Sul e do Oeste” (MAHJOUBI, 2010, p.504). Ao observar a figura 1 a seguir, é possível identificar o menor número de vilas romanas na província de Tingitana tornando plausível a teoria do autor, de que as regiões ‘rebeldes’ eram importantes fornecedores dos recrutamentos militares berberes<sup>53</sup> (MAHJOUBI, 2010).

Figura 1 - Regiões administrativas com o número de vilas por região e porcentagem de ocupação.



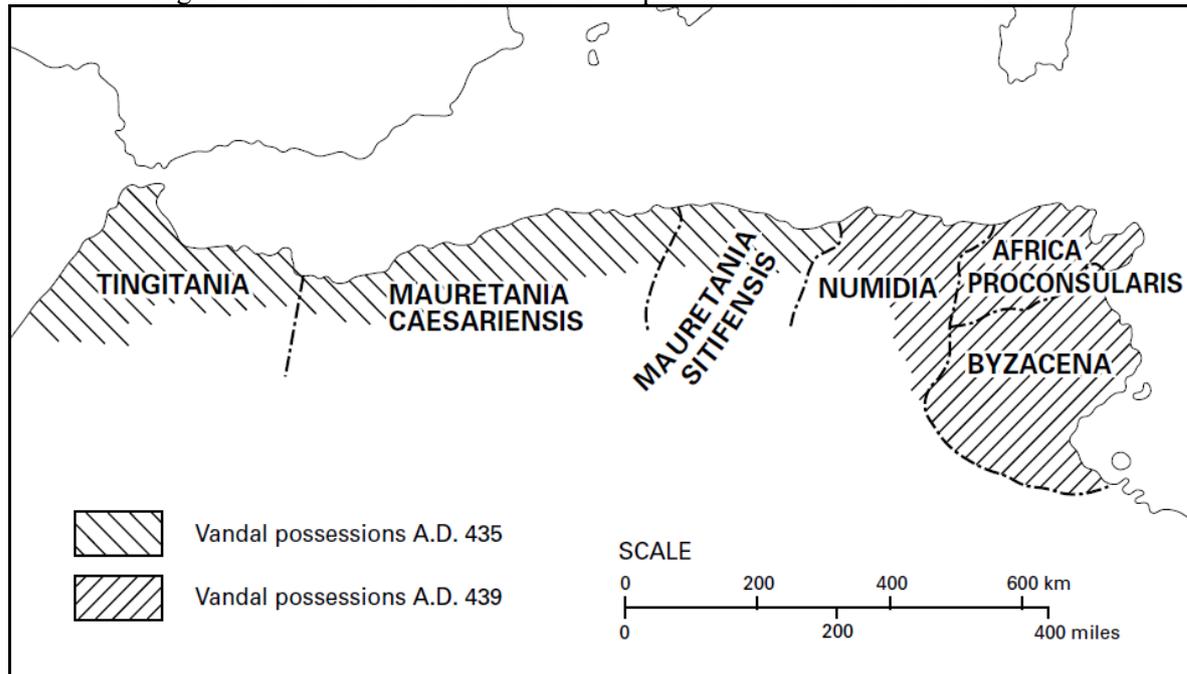
Fonte: CAMPS *apud* LAPORTE, 2011, p.126.

<sup>51</sup> “verringerte der Rückgang wirtschaftlicher Prosperität für zahlreiche Stammesführer das Interesse an einer direkten Kooperation mit Rom” (TIERSCH, 2015, p.263).

<sup>52</sup> Devemos compreender como *romanitas* um conjunto de práticas sociais que eram regidas pelas classes senatoriais, através de estímulos e ordenamentos jurídicos e/ou políticos que tinham como objetivo regulamentar a compreensão e a prática da utilização social do título ‘romano’, isto é, a *romanitas* para Hen é uma identidade em constante transformação que estaria amparada e regimentada pela compreensão daquilo que as elites políticas imperiais determinavam como sendo romano (HEN, 2018).

<sup>53</sup> Denominamos como berberes ou mouros as comunidades nativas do Norte da África, que se opunham ao processo de integração a romanidade, e que por isso, muitas vezes forneceram uma resistência armada ao poder romano. (MAHJOUBI, 2010).

Figura 2 - Províncias romano-africanas e processo de assentamento vândalo



Fonte: HEATHER, 2008, p.10

Sears (2018) destaca ainda que, como vemos na figura 1, a concentração do poder político por grupos em regiões interioranas, acarretou em um período de perda de influência imperial, ao mesmo tempo em que se concentra demasiadamente em torno da província proconsular. Resultando no desenvolvimento da autonomia das cidades mais distantes do centro político de Cartago, e na incapacidade do Império em atuar contra essas organizações comunitárias e regionais, devido à fragmentação de seus poderes. (SEARS, 2018).

O paradoxo da política imperial em relação ao Norte da África, era que as elites políticas no Norte da África não estavam intimamente ligadas à política imperial. Em vez disso, foi o clero que procurou a ajuda imperial para solucionar as disputas eclesiásticas, obtendo finalmente toda a força da lei imperial para suprimir a dissidência<sup>54</sup> (HAMMER, 2018, p.186, tradução nossa).

Assim, como pode ser observado na figura acima, grandes extensões das províncias africanas a Oeste, junto com o Sul da Numídia não tiveram mais do que 60% de ocupação romana.

Julio Cesar de Magalhães Oliveira (2014) coloca ainda em cheque a ideia de uma organização provincial, uma vez que, as cidades romanas a Oeste da Numídia poderiam ser

<sup>54</sup> "The paradox of imperial politics toward North Africa was that the political elites in North Africa were not closely tied to imperial politics. Instead, it was the clergy who looked to imperial help to solve ecclesiastical disputes, ultimately obtaining the full force of imperial law to suppress dissent" (HAMMER, 2018, p.186).

compreendidas muito mais como enclaves litorâneos dentro de territórios berberes, do que cidades romanas associadas e interligadas entre si por uma administração provincial. Podemos ainda confrontar essa perspectiva de Oliveira (2014) com a figura 1 e observar que a Tingitana tinha apenas 22 vilas romanas e nas Mauretânias não mais do que 42 cidades romanas por região (OLIVEIRA, 2014, p.32).

Deste modo, é possível considerar que as atividades imperiais se concentraram demasiadamente nas regiões litorâneas e nas províncias da África Proconsular e Bizacena, relegando o interior das demais províncias, as autoridades de um campesinato militarizado como propôs Tiersch (2015), Laporte (2011) e Mahjoubi (2010), ou a líderes religiosos como Sears (2018) e Hammer (2018) também propuseram. Anne Salitot (2019) apresenta ainda que houve um expressivo aumento de vilas urbanas ou campesinas ao longo das Mauretânias durante o século V, como consequência do surgimento de novos episcopados nessas regiões.

A variação dessas lideranças dependia das relações das regiões com o Império. Por exemplo, nas regiões de pouca expressividade imperial como nas províncias da Tingitana e Mauretania Caesariensis a presença de campesinatos militares era maior. Já em regiões melhores administradas pelo Império, mas sem a presença regular de elites senatoriais, como no interior da Numídia, se tornou mais comum a presença de líderes religiosos, como Agostinho de Hipona.

Deste modo, através da sobreposição dos eventos dos séculos III<sup>o</sup> e IV<sup>o</sup>, conseguimos compreender que mesmo antes da chegada vândala às províncias africanas a resistência berbere incidu fortemente sobre os exércitos romanos. Permitindo a consolidação de uma nova dinâmica social que beneficiou essas populações igualmente beligerantes. Além de possivelmente ter impactado diretamente nas relações entre vândalos e romanos, já que, parte das populações africanas compreendia o Império como inimigo.

Nesse caso, podemos apontar que o cisma donatista havia colaborado categoricamente para que o Império Romano e as elites imperiais fossem compreendidas como pouco confiáveis e traiçoeiras. Oliveira (2015) apresenta que as comunidades donatistas eram sociedades muito críticas a conduta dos bispos eleitos ou nomeados para suas sedes episcopais, isso porque colaborava na manutenção do cargo de bispos partidários.

Um importante fator que agravou a percepção dos donatistas, sobre a relação entre o Império e a Igreja havia sido a decisão do Imperador Constantino de conceder a Ceciliano<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> De acordo com Julio Cesar de Oliveira (2015) ao fim das perseguições de Dioclesiano, a Igreja Católica sofreu uma divisão bastante abrupta, que havia se iniciado com a nomeação de Ceciliano ao episcopado de Cartago, cujo ápice do descontentamento das comunidades cristãs, se baseava na fama de Ceciliano como um

todo patrimônio da cristandade africana: “as propriedades confiscadas durante as perseguições deveriam ser restituídas e outros benefícios concedidos” (OLIVEIRA, 2015, p.122). Para Oliveira, a concessão de Constantino a um bispo que havia sido acusado de ser um traidor das comunidades cristãs, somente serviu para aprofundar as crises religiosas no Norte da África.

Isso porque, “o imperador obrigou os partidários de Majorino a embarcarem numa luta por seu reconhecimento como cristãos” (OLIVEIRA, 2015, p.122). Ou seja, ao julgar como hereges, os cristãos que haviam mantido sua fé durante as perseguições, relegou esses indivíduos que se consideravam os verdadeiros cristãos, a uma categoria periférica e ilegítima.

Carlos Garcia Mac Gaw (1994) avalia que o cisma donatista havia criado um espaço para o debate sobre a influência e autoridade que os romanos exerciam sobre a Igreja Católica, e que também havia colaborado na emancipação de uma Igreja Africana com estrutura e interesses independentes da Igreja de Roma. Durante os anos finais do século IV, o *comes Africae* Gildão havia servido como um importante ponto de apoio militar e político para os donatistas.

O donatismo funcionou como uma igreja regional em sincronia com a política – não demasiadamente independentista – de Gildão. Isso foi favorável, na medida em que o donatismo ganhou total apoio do poder secular para afirmar seu domínio na região. Desta forma, a Igreja Donatista atingiu o auge de seu poder e desenvolvimento durante este tempo<sup>56</sup> (GAW, 1994, p.138, tradução nossa).

Não por menos, as comunidades donatistas haviam se tornado uma preocupação recorrente nas cartas de Agostinho<sup>57</sup> que datam de 396 até 423, de forma intermitente. No entanto, Robin Whelan (2014; 2018) apresenta que houve um desaparecimento da produção escrita sobre os donatistas durante a década de 420, possivelmente como consequência da

---

colaboracionista com as perseguições de Dioclesiano, denunciando cristãos as autoridades romanas, e como um traidor da fé cristã por entregar e destruir as sagradas escrituras durante esse período, os partidários de Ceciliano também foram acusados de cometerem os mesmos atos contra a fé cristã (OLIVEIRA, 2015).

<sup>56</sup> “*el donatismo funcionó como una iglesia nacional en sincronía con la política — no demasiado abiertamente independentista — de Gildo. Esto resultó cómodo en la medida en que el donatismo consiguió un apoyo completo del poder secular para afirmar su dominio en la región. De esta forma la iglesia donatista llegó al pico de su poder y desarrollo durante esta época*” (GAW, 1994, p.138).

<sup>57</sup> Carta XXXIV (datada de 396); Carta XLIII (datada de 397); Carta XLIV (datada de 398); Carta LI (datada de 399 ou 400); Carta LIII (datada de 400); Carta LVIII (datada de 401); Carta LXI (datada de 401); Carta LXVI (datada de 402); Carta LXIX (datada de 402); Carta LXX (datada de 402); Carta LXXVI (datada de 402); Carta LXXVIII (datada de 404); Carta LXXXVII (datada de 405); Carta LXXXVIII (datada de 406); Carta LXXXIX (datada de 406); Carta XCIII (datada de 408); Carta CXI (datada de 409); Carta CXXXIII (datada de 412); Carta CXXXIX (datada de 412); Carta CXLVIII (datada de 413); Carta CLI (datada de 413 ou 414); Carta CLXXIII (datada de 416); Carta CCVIII (datada de 423); Carta CCIX (datada de 423); CXXI (datada de 423); Carta CCXLV (sem datação).

chegada de uma ameaça externa mais preocupante, do que os conflitos internos que as províncias africanas experimentavam.

Para Robin Whelan (2014; 2018), o apelo religioso do Reino Vândalo com o arianismo, havia construído um paradigma contra a Igreja Católica na África, pois assim como os donatistas, os vândalos também foram considerados hereges, e não como associados do Império, pelo contrário, em um decreto de Valentiniano III em 440, ele deixa claro a posição imperial, em relação ao rei vândalo e seu povo: “Genserico, o inimigo do Nosso Império<sup>58</sup>” (NVal, 9.1, 440, tradução nossa). Com esse decreto Valentiniano esperava reunir seus exércitos ao longo da costa itálica, recomendava cuidado aos soldados, mas aprovava o espólio em caso de vitória: “tudo que um vencedor tomar desses inimigos será, sem dúvida, seu<sup>59</sup>” (NVal, 9.1, 440, tradução nossa).

Certamente, o passado donatista sempre vívido na memória das populações das províncias africanas, passou a ser percebida na relação que os vândalos tinham com o Império. E assim como os donatistas, também haviam sido reconhecidos como indesejáveis pela Império e a Igreja. (OLIVEIRA, 2015).

É bastante provável que, como os donatistas haviam feito anteriormente com Gildão, os vândalos tenham o substituído, e se tornado a nova força política e militar necessária a esses grupos hereges. Observando assim, uma relação mútua, onde os vândalos haviam se aproveitado de toda estrutura da Igreja Donatista na África, que mantinha seus próprios bispos nas sedes episcopais independente da nomeação dos bispos católicos, sendo comum, a presença de dois bispos para uma mesma sede, um católico e um donatista<sup>60</sup>.

Enquanto que, os donatistas forneciam todo apoio popular necessário para os reis vândalos, em troca dos “reis vândalos lidarem com a Igreja Católica, de acordo com os métodos romanos tardios para a punição dos hereges<sup>61</sup>” (WHELAN, 2014, p.506, tradução nossa). Ou seja, os grupos donatistas aliados aos vândalos projetaram sobre os clérigos católicos, o mesmo estigma e tratamento recebido da Igreja Católica.

<sup>58</sup> “*Genseric, the enemy of Our Empire*” (NVal, 9.1, 440)

<sup>59</sup> “*that whatever a victor takes away from an enemy shall undoubtedly be his own*” (NVal, 9.1, 440).

<sup>60</sup> Nas cartas de Agostinho, é possível observar uma grande estrutura administrativa da Igreja Donatista na África, com bispos nomeados nas principais cidades africanas, um deles inclusive, Proculeiano, era bispo em Hipona (AUGUSTIN, 1886, p.780). Os outros mencionados por ele são: Crispino, bispo de Calama (AUGUSTIN, 1886, p.729); Optato, bispo de Thamugada (AUGUSTIN, 1886, p.771); Rogato, bispo de Cartenna (AUGUSTIN, 1886, p.821); Januário, bispo de *Casae Nigrae*, que é descrito como o primado donatista (AUGUSTIN, 1886, p.822); Primiano, bispo de Cartago (AUGUSTIN, 1886, p.1157). No entanto, é preciso considerar que donatistas e católicos não compartilhavam das mesmas igrejas, como Agostinho nos apresenta, haviam igrejas próprias dos donatistas, uma delas em Cartago chamada de Theoprepia (AUGUSTIN, 1886, p.1048).

<sup>61</sup> “*Vandal kings dealt with the Catholic Church according to late Roman methods for the punishment of heretics*” (WHELAN, 2014, p.506).

Ao fazer isso, o Reino Vândalo havia conquistado uma importante base de apoio popular desses indivíduos que se estavam descontentes com o posicionamento imperativo da Igreja e do auxílio com o Império. E que como os vândalos, desejavam o esgotamento da presença romana na região. Como Whelan propõe, Genserico e Hunerico teriam sido para os donatistas, aquilo que Constatino havia representado para os católicos. (WHELAN, 2014; 2018).

Certamente, existem poucos indícios diretos sobre a menção de donatistas entre os vândalos, geralmente são menções esparsas, mas que confirmam a presença de donatistas aos círculos da alta sociedade vândala. Victor menciona a presença do donatista Nicósio como um alguém muito próximo ao rei Hunerico, e que a própria heresia donatista havia aproximado o rei de seu (possível) conselheiro. “Mas, aquele transgressor da lei revelada, chegou até eles por causa da heresia dos donatistas, um certo Nicásio, que pouco depois [da morte de Hunerico] pereceu com uma morte semelhante<sup>62</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.58). Essa é a única menção na *Historia Persecutionis* de Victor de Vita a um herege donatista, mas a pluralidade (*Donatianorum*) expressa por ele, indica a presença de grupos organizados na África Vândala, do qual Nicásio era pertencente.

Durante a longa carta 9 de Fulgêncio, bispo de Ruspe durante o Reinado de Thrasamundo (496-523). A carta se concentra na discussão teológica sobre a consubstancia da Divina Trindade, como resposta ao questionamento de Victor<sup>63</sup>, sobre sua preocupação com a influência que Fastidioso um apostata que se converteu ao arianismo, estava ganhando. (FULGENTIUS, 1997, p.383-423; PARSONS, 1994).

Nessa carta, Fulgêncio evidencia a correlação de interesses dos arianos e dos donatistas como serpentes astutas e adadoras. E que ao contrário dos católicos, os donatistas tinham liberdade de pregação e isso poderia condenar as almas dos fiéis inocentes “com os donatistas pregando, os bons são poluídos pela comunhão com o mal, enquanto eles rejeitam a dádiva das Sagradas Escrituras como remédio para a salvação<sup>64</sup>” (FULGENTIUS, 1997, p.389, tradução nossa). É interessante, observar que os donatistas parecem ter assimilado a fé ariana dos vândalos, e que reforça a compreensão de uma base de apoio sólida e mútua.

---

<sup>62</sup> “*Sed et ille legis datae transversor ex Donatianorum haeresi ad eos veniens quodam Nicasius in brevi simili morte periit*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.58); “*that transgressor of the revealed law who formerly came to them from the heresy of the Donatists, Nicasius, soon perished with a similar death*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.93).

<sup>63</sup> Este não é o bispo de Vita, mas outro com mesmo nome.

<sup>64</sup> “*with the Donatists preaching that the good are polluted by communion with the evil while they cast off the gift of Holy Scripture as a remedy of salvation*” (FULGENTIUS, 1997, p.389).

Portanto, aquilo que inicialmente havia se configurado como um movimento cismático de cunho sócio-político, incorporou a fé ariana de seus aliados. Isso é ainda mais notável no discurso de Fulgêncio:

deixe que eles [os vândalos] se matem com suas próprias lanças, aqueles que afirmam que a Trindade é inseparável. A vaidade donatista não atenta para o fato de que, por causa da benção do batismo concedida à humanidade, aqueles que desde a origem estão sobrecarregados com o fardo de seus ancestrais. Uma vez aliviados pela ajuda da graça curadora [o batismo], deveriam carregar apenas o seu próprio fardo<sup>65</sup> (FULGENTIUS, 1997, p.390, tradução nossa).

Fulgêncio entra em uma questão bastante comum aos donatistas, mas que haviam sido incorporadas pelos vândalos, que era a prática do rebatismo. E assim, nos faz questionar sobre como a conduta religiosa dos vândalos poderia nos apresentar de forma indireta, importantes indícios da cumplicidade das comunidades donatistas juntos aos vândalos, que nesse caso são mais abundantes.

Éric Fournier (2017) durante o Reinado de Genserico no Norte da África, o rei vândalo havia sido um crescente alvo das críticas de Quodvultdeus, bispo de Cartago, devido a constante prática de rebatismo as comunidades católicas da região. Para o autor, a prática de rebatismo pode ser avaliada em dois principais pontos. A primeira, é que essa prática já era típica das comunidades donatistas como um importante ritual de conversão, mesmo antes da chegada dos vândalos. (FOURNIER, 2017, p.180).

Nesse sentido, Fournier apresenta que os vândalos haviam conquistado o apoio dos donatistas, que nesse período eram maioria entre as comunidades africanas, “os vândalos adotaram esse ritual de conversão, pois era um rito que tinha profundas raízes na tradição cristã da África do Norte<sup>66</sup>” (FOURNIER, 2017, p.178, tradução nossa). E secundariamente, isso proporcionou aos vândalos uma prática bastante efetiva para atestar a lealdade das populações africanas aos reis vândalos.

O autor ainda apresenta que durante o Reinado de Hunerico em 484, após a realização do concílio em Cartago, o rei vândalo havia seguido os mesmos preceitos que o imperador Honório tomou em 411, quando condenou a prática donatista como ilegal. Fournier enfatiza

---

<sup>65</sup> “let them [the Vandals] kill themselves with their own spears, they who claim that the Trinity is inseparable. The Donatist vanity does not pay attention to the fact that, because of this blessing of baptism bestowed on humankind, they who from the origin are weighed down with the burdens of others, once relieved by the help of healing grace [the baptism], henceforward bear only their own burden” (FULGENTIUS, 1997, p.390).

<sup>66</sup> “les Vandales adoptèrent sans doute ce rituel de conversion parce qu’il s’agissait d’un rituel qui avait de profondes racines dans la tradition chrétienne d’Afrique du Nord” (FOURNIER, 2017, p.178).

que Hunerico certamente conhecia as leis romanas anti-donatistas e, que as replicou a comunidade católica de seu tempo, julgando-os como hereges e como grupo religioso indesejado, por isso:

o rei vândalo proibiu reuniões de hereges, ameaçou confiscar propriedades onde essas reuniões acontecessem e a exilar seus participantes<sup>67</sup>, puniu os batismos por padres hereges com uma multa severa de dez libras de ouro, declarou seus testamentos como inválidos, e promoveu multas de acordo com a categoria de indivíduos que se recusassem a se converter à “ortodoxia vândala” (FOURNIER, 2017, p.172, tradução nossa).

Como já apresentado através de Whelan (2014, 2018) é bastante provável que essa condenação as comunidades católicas como os novos hereges, tenha sido institucionalizada como um recurso para agradar os donatistas, permitir uma maior aproximação de comunidades donatistas mais resistentes. Deste modo, como Fournier (2017) propõe ao condenar os católicos como hereges em seu reino, Hunerico havia conseguido obter um importante ponto de coalização com esses grandes grupos. (WHELAN, 2014, 2018; FOURNIER, 2017).

No entanto, também é possível considerar que as comunidades africanas (donatistas ou não) já tinham algum descontentamento com Império Romano devido a grande exploração das elites tributárias sobre as populações vulneráveis. E a chegada dos vândalos na África havia gerando um grande alívio econômico na região, porque havia conseguido centralizar a economia norte-africana para um desenvolvimento autônomo, sem a necessidade de sustentar e/ou cooperar com Roma. (RUMMEL, 2011; STEINACHER, 2016; HAMMER, 2018)

Deste modo, fim de compreender o cenário sócio-político que os Vândalos encontraram no Norte da África durante o século V, Dean Hammer (2018) nos apresenta que, a estrutura administrativa das províncias africanas deu condições favoráveis a concentração de poder às elites latifundiárias. Essas elites haviam se apropriado da coleta de impostos pelo uso da terra para acumular riquezas, por meio da extorsão das camadas populares, ou de indivíduos sem influência política necessária.

Para ele, embora o Império tentasse impor medidas para controlar a corrupção, a fiscalização dependia da mesma instituição administrativa que era controlada por esses

---

<sup>67</sup> “le roi vandale bannissait les réunions d’hérétiques, menaçait de confisquer les propriétés où de telles réunions auraient lieu et d’exiler leurs participants, punissait les baptêmes de prêtres hérétiques d’une amende sévère de dix livres d’or, déclarait leurs testaments non valides, prévoyait des amendes selon le rang des individus qui refuseraient de se convertir à l’«orthodoxie vandale»” (FOURNIER, 2017, p.172).

mesmos indivíduos, que favoreceu para consolidar uma elite local fortalecida e constituída pelos cargos públicos que exerciam, mas sem a legitimação imperial,

O governador da província, que era ostensivamente a conexão com o imperador, dependia quase completamente das autoridades locais, não possuindo funcionários, nem poder, nem mesmo a inclinação para reformar o sistema<sup>68</sup> (HAMMER, 2018, p.182, tradução nossa).

Formou-se assim, um poder adjacente que concorria contra as elites senatoriais, mas não tinha qualquer legalidade, revelando uma ordem social instável que subverte a ordem político-econômica pela burocrática-fiscal, tornando refém todos que estavam submetidos a essa esfera de controle.

Na tentativa de organizar uma oposição a esse sistema, Hammer (2018) afirma haver um aumento da influência política e social dos bispos, que se destacavam pelo enfrentamento contra a opressão fiscal conduzida pelos burocratas imperiais, contra as camadas populares ou indivíduos sem influência política, ainda que ricos.

Assim, como afirma o autor, as:

Autoridades eclesiásticas [...] tornaram-se quase um segundo governo, agindo em favor dos pobres, fornecendo receitas para construção de edifícios e serviços sociais, bem como para ajudar os *coloni* de diferentes propriedades a reivindicarem o status de *municipia* [...] para suas propriedades<sup>69</sup> (HAMMER, 2018, p.183, tradução nossa).

Deste modo, através dos bispos essas populações poderiam encontrar um aparato de resistência que, reivindicava uma autonomia do Império para lidar com estas situações, reduzindo ou controlando a força dos cobradores de impostos. Assim as igrejas tornaram-se o principal auxílio dessas populações que permaneciam sob sua influência e autoridade.

De acordo com Gears Sears (2018) em decorrência dessa característica houve um intenso processo de cristianização da África Romana, cuja presença pagã nas províncias norte-africanas ficou limitada a pequenos grupos nos séculos IV e V. Revelando uma dinâmica rápida e coerente com as necessidades locais, e apesar de uma maior predominância nas regiões rurais. (SEARS, 2018).

---

<sup>68</sup> “The provincial governor, who was ostensibly the connection to the emperor, was almost completely dependent on the local officials, possessing neither the staff nor the power nor even the inclination to reform the system” (HAMMER, 2018, p.182).

<sup>69</sup> “Ecclesiastical authorities, [...] became almost a second government, acting on behalf of the poor, providing revenues for buildings and social services, as well as aiding the *coloni* of different estates to claim the status of *municipia* [...] for their estates” (HAMMER, 2018, p.183).

Para ele, a cidade de Cartago concebia o foco do poder político e da intelectualidade religiosa que era disseminada as outras regiões africanas, “O bispo de Cartago estava no centro do Cristianismo Africano, tanto na província da *Africa Zeugitana*, sobre cujos bispos Cartago tinham primazia e também mais amplamente na África<sup>70</sup>” (SEARS, 2018, p.41-42, tradução nossa). Portanto, assim como apresenta Dean Hammer o cristianismo emergiu na disputa pela influência política e social, opondo-se as elites burocráticas por meio de uma autoridade oficial conferida pelo Império Romano e pela Igreja Católica.

Conseguimos observar, portanto, três diferentes esferas de poder na África Romana: a primeira que representava a ligação entre as províncias africanas e as elites senatoriais, através de governadores favoráveis e eleitos pelo Império, principalmente na África Proconsular, onde o procônsul era um membro do Senado. A segunda era representativa dos membros que atuavam em cargos públicos e burocráticos responsáveis pela cobrança de impostos, que haviam sido favorecidos pela grande influência social de seu cargo e da reivindicação dos simbolismos imperiais, mas, sem necessariamente atuar pelas vias legais e autorizadas pelo Senado.

Por sua vez, a terceira esfera de poder que propomos, pertencia aos clérigos que utilizavam a influência da Igreja, na tentativa de conter os efeitos da corrupção burocrática imperial, auxiliando e obtendo apoio das camadas populares, e que por vezes mantiveram-se afastados dos simbolismos imperiais para não serem associados à corrupção regional existente. Embora, os clérigos de fato, estivessem amparados legalmente pelo Império para realização dessas atividades, ao contrário dos cobradores de impostos que haviam se tornado um poder adjacente ao Império, e que causa transtornos ao mesmo. (HAMMER, 2018; SEARS, 2018; MERRILLS, MILES, 2010).

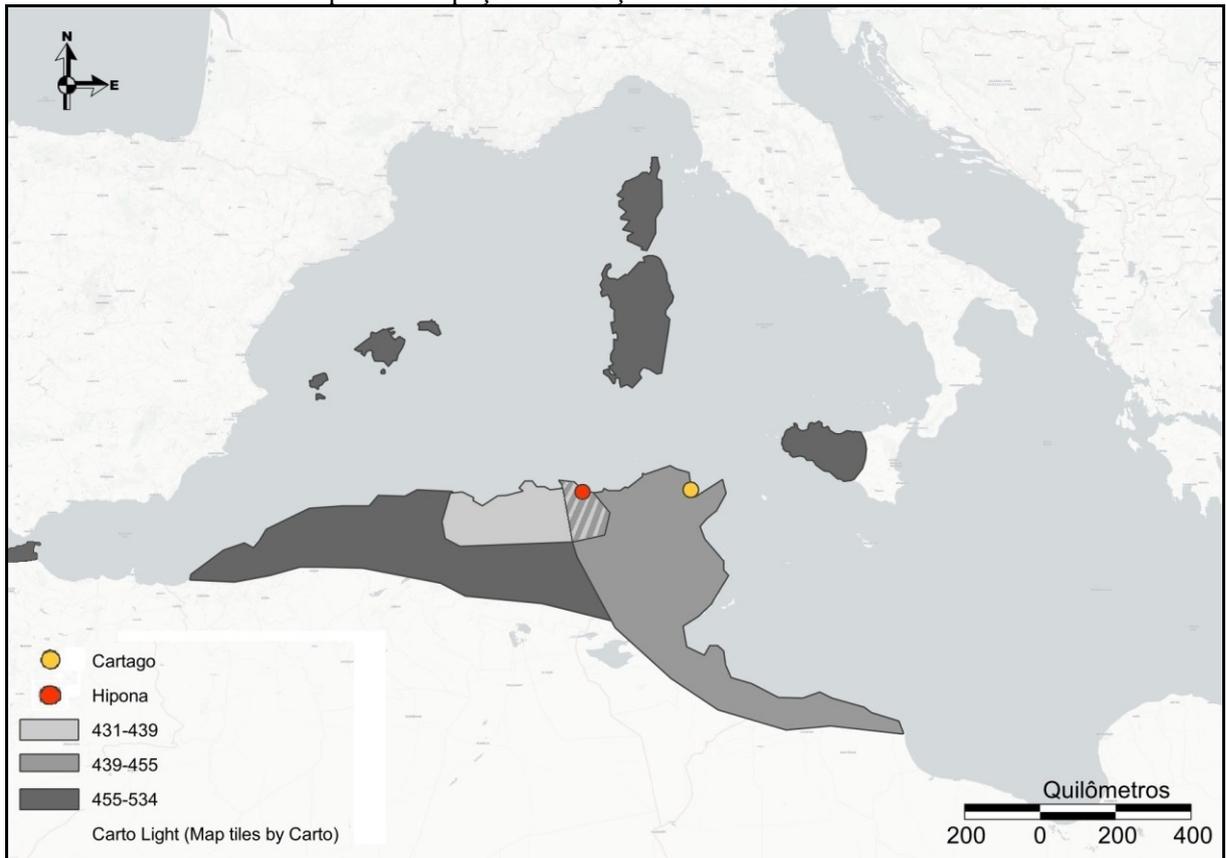
Além disso, tais informações nos ajudam a estabelecer um panorama das situações das províncias africanas durante a chegada e estabelecimento dos vândalos após 429, que havia se concentrado nas regiões de forte presença romana, e o conseqüente abandono dos vândalos das províncias Tingitana e Mauretania Caesariensis<sup>71</sup> até 455 se torna plausível em

<sup>70</sup> “*Carthage’s bishop was at the center of African Christianity both within the province of Africa Zeugitana, over whose bishops Carthage held primacy, and also more widely within Africa*” (SEARS, 2018, p.41-42).

<sup>71</sup> Em referência a esta província, após a morte de Valentiniano III os vândalos retomaram o domínio dela (VICTOR DE VITA, 2006). Entretanto, Jean-Pierre Laporte (2011) evidencia que a retomada da Mauretania Caesariensis ocorreu com mais intensidade na região litorânea e não em sua totalidade, “*L’implantation vandale paraît avoir été plus forte en Sitifienne qu’en Césarienne, où les Vandales semblent s’être désintéressés de l’intérieur [...] L’intérieur du pays semble avoir été laissé à lui-même, dans une certaine autonomie*” (LAPORTE, 2011, p.141). Ele ainda considera que o interior da província foi renunciado para que os povos ‘autóctones’ saqueassem essas cidades em uma tentativa de mantê-los pacificados em relação aos vândalos.

decorrência do número reduzido de vilas romanas, seu interesse teria sido direcionado a regiões mais densamente povoadas e mais ricas.

Conforme podemos observar no mapa 1 abaixo, o Reino Vândalo havia se estabelecido inicialmente em 431 em uma estreita faixa litorânea e com a cidade de Hipona como sede de sua capital. Somente em 439 os vândalos conquistaram Cartago, e com o Império Romano reconhecendo sua conquista somente em 442, que impôs a condição de devolver partes ocupadas da Numídia e as províncias das Mauretânias. Genserico concorda com essas condições, pois não apenas desejava encerrar as hostilidades, como também seu objetivo nesse momento, não era manter uma grande extensão de terras que dificultaria uma possível defesa territorial, mas que suas conquistas estratégicas da África Proconsular e Bizacena fossem reconhecidas. (HEATHER, 2008; STEINACHER, 2016; HUGHES, 2017).

Mapa 1 - Ocupação e evolução do território Vândalo.<sup>72</sup>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Deste modo, respeitando o acordo firmado com Valentiniano III, Genserico somente expandiu seu reino após a morte desse imperador que colocou fim ao tratado de paz em 455, como dispomos no mapa acima.

No entanto, mesmo essas regiões das Mauretânias tendo permanecido até 455 sob domínio romano, e um período de domínio vândalo pouco expressivo anterior a essa data, a ausência da presença romana nessas províncias (Tingitana e Mauretania Caesariensis) são atribuídas aos vândalos por Victor de Vita: “ele [Genserico] permitiu que Valentiniano que na

<sup>72</sup> Neste mapa as cidades de Hipona e Cartago estão em destaque, pois durante o período de 431-439 Hipona ocupou a posição de capital do Reino Vândalo, e logo após a conquista de Cartago em 439, essa cidade é convertida em capital do reino, permanecendo assim até as campanhas de Justiniano em 533-534. O mapa não deve ser lido com se a ocupação de 431-439 fosse complementada pela ocupação de 439-455, isso porque, após a conquista de Cartago, em meados de 442 foi celebrado um novo tratado que reconhecia a conquista de Cartago, mas exigia a devolução de parte da Numídia e as Mauretânias para o Império do Ocidente. O território listrado, é o que foi mantido sob o domínio do Reino Vândalo. Entretanto, esses territórios que foram cedidos à Valentiniano III foram novamente ocupados pelo Reino Vândalo após sua morte em 455, junto com as demais regiões que aparecem em destaque no mapa. Deste modo se considerado o período pós 455 todas as legendas podem ser compreendidas como complementares, pois compreende o período do qual o Reino Vândalo alcançou sua maior amplitude territorial. (STEINACHER, 2016; HUGHES, 2017, ROSOLEN JUNIOR, 2019).

época era o imperador, ocupasse as províncias que agora estão destruídas<sup>73</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.4, tradução nossa). Entretanto, é possível considerarmos que a devastação que o bispo de Vita sugere, seria na verdade a ausência da presença romana e o abandono dos centros urbanos e cidades fortificadas (estas, principalmente mais ao Sul) são eventos característicos do período romano desde o século III. (SARANTIS, 2013).

Um decreto de Valentiniano III de 451 parece comprovar a ausência da presença romana nas províncias das Mauretánias Caesariensis e Sitifensis. Questionado pelo Prefeito Pretoriano da África e Patrício Firmino sobre a desapropriação de terras promovida pelos vândalos aos dignitários e proprietários de terras da África Proconsular e Bizacena. O imperador havia decretado que esses proprietários deveriam ser reassentados para as Mauretánias, com uma provisão em moedas que compensassem as perdas de suas terras para os vândalos. E caso fossem altos funcionários do Império, não perderiam seus cargos e manteriam seus status em Roma, mas deveriam pagar um tributo anual, não estando isentos dessa responsabilidade.

Eu decreto que nas províncias de Sitifis e Cesareia, isto é, Mauretania e Numídia, as propriedades fundiárias de direito enfiteutico e da divina casa imperial [...] deverão ser arrendadas aos dignitários da Província Proconsular e da Bizacena, cujos patrimônios foram tomados pelos bárbaros, e que também parecem ter sido expulsos de suas próprias casas. Essas propriedades serão arrendadas com base no mesmo pagamento que agora são mantidas, e o direito de penhorá-las cessará<sup>74</sup> (NVal, 34.1, 451)

Ao outorgar esse decreto, Valentiniano III desejava reassentar proprietários de terras experientes, que desejavam manter seus cargos e status em Roma, que pode ser observado como uma tentativa de criar e manter um elo entre as Mauretánias e o centro de poder do Império. Ao mesmo tempo em que, parece desejar que essas províncias substituíssem o abastecimento de grãos, que antes era fornecido pela África Proconsular e Bizacena. Nesse decreto, essa preocupação fica bastante nítida, ao especificar que além dos homens ilustres, os padeiros romanos também são priorizados, e a concessão de terras a eles, ao contrário dos dignitários, tinha caráter hereditário (NVal, 34.1.4, 451).

---

<sup>73</sup> “*Valentiniano adhuc imperatore reliquas licet iam exterminatas provincias defendente*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.4); “*allowed Valentinian, who was still emperor, to take for himself the remaining, and now devastated, provinces*” (VICTOR DE VITA, 2006, p.7).

<sup>74</sup> “*I decree that in the provinces of Sitifis and Caesarea, that is, Mauretania and Numidia, the landed estates of emphyteutic right and of the divine imperial household [...] shall be leased rather to the dignitaries of the Proconsular Province' and of Byzacium, whose patrimonies have been taken by the barbarians and who appear also to have been expelled from their own abodes. Such estates shall be leased under the same measure of payment by which they are now held, and the right to pledge them shall cease*” (NVal, 34.1, 451).

Isso pode ajudar a comprovar o surgimento de novas vilas na Mauretania durante o século V, proposta por Salilot (2019). Outra característica bastante marcante do século V e VI nas Mauretânias, é a existência dos *Rex Gentium Maurorum et Romanorum*, Andy Merrills (2018) analisando a cultura epigráfica dessas províncias apresenta que o Reino Mouro na região teria aproveitado o abandono romano dos *castra* para utilizá-las como cidades fortificadas (MERRILLS, 2018; SALILOT, 2019).

Nesse ponto, Rummel (2008) também considerou que o abandono de vilas romanas, não poderia ser atribuído com segurança, a chegada e suposta destruição dessas vilas pelos vândalos. Pois esse era um processo comum em todo Império e não uma característica particular das províncias africanas “o abandono das vilas urbanas isoladas no século V, são fenômenos muito comuns em outras regiões do Mediterrâneo e não uma característica específica da África Vândala<sup>75</sup>” (RUMMEL, 2008, p.153, tradução nossa). Embora, ele considere que o processo de conquista dos vândalos possa não ter sido amistoso, os relatos de destruição das fontes eclesiásticas, são exagerados e não são compatíveis com as evidências arqueológicas (RUMMEL, 2008).

Como, por exemplo, o relato de Possídio de que os vândalos haviam incendiado a cidade de Hipona em 430, ao contrário do que ele propõe, essa cidade havia se convertido na capital do recente Reino Vândalo na África e não há evidência arqueológica que sustente a narrativa de Possídio (RUMMEL, 2008).

Assim como os vândalos, Merrills (2018) demonstra que a presença do Reino Mouro nas Mauretânias também havia substituído o Império Romano, incorporado as populações romanas, e por meio delas mantido uma continuidade da administração pública romana, o que justificaria o uso de “títulos municipais, incluindo *procuratores* e *praefecti*, [que] permaneceram em uso no início do século VI<sup>76</sup>” (MERRILLS, 2018, p.189, tradução nossa). No entanto, seu processo de consolidação parece ter sido mais pacífico em relação aos vândalos, talvez porque, durante o processo de integração dos romanos aos mouros, estes haviam permitido que os romanos mantivessem sua identidade autodeclarada, como nos indica a titularia régia dos mouros.

O que nos permite apresentar que, a diversidade étnica, religiosa e política parece ter incomodado Victor de Vita, que atribuiu aos vândalos toda a responsabilidade pela ausência

---

<sup>75</sup> “*Auflösungen von einzelnen städtischen Quartieren im 5. Jahrhundert sind auch in anderen Regionen des Mittelmeerraumes ein bekanntes Phänomen und kein spezifisches Merkmal des vandalischen Afrika*” (RUMMEL, 2008, p.153).

<sup>76</sup> “*municipal titles, including procuratores and praefecti, remained in use in the early sixth century*” (MERRILLS, 2018, p.189).

do poder romano das províncias africanas. Guido Berndt (2008) nos apresenta que a própria confissão religiosa dos vândalos, o arianismo unido de práticas donatistas, havia sido diretamente parte de um projeto de integração dos vândalos com a população local de onde se estabeleceram.

Deste modo, consideramos que essa característica adaptativa dos vândalos era uma forma de enfrentar o poderio e a influência do Império e da Igreja Católica e reivindicar sua autonomia, ao mesmo tempo em que isso se tornava um atrativo às comunidades africanas descontentes com os simbolismos católicos e imperiais.

Podemos então considerar, que esse projeto de integração vândala que Berndt (2008) anuncia somente foi possível devido às características sócio-políticas que encontraram nas províncias africanas após sua chegada em 429. Portanto, a falta de civilidade romana nessas regiões que Victor atribui aos vândalos, era na verdade um processo anterior, que comprovamos ser existente desde o século III, conforme Tiersch (2015) nos apresentou, e dos quais os vândalos apenas haviam se beneficiado.

No entanto, Victor de Vita apresenta ainda uma forte contraposição à dominação vândala propiciando alusão a um paraíso que foi profanado. Há a ideia de que foi o estabelecimento do Reino Vândalo, autônomo da autoridade imperial e da autoridade eclesiástica católica que, teria trazido o caos para as províncias norte-africanas.

Contudo, em seu prólogo pode-se perceber um apelo para que os leitores de sua obra solidarem-se com sua interpretação e juízo de valor com relação ao Reinado Vândalo. De modo que, ele necessita justificar que as ações dos vândalos não deveriam ser esquecidas, Victor de Vita apresenta uma bipolarização que é ao mesmo tempo uma dupla idealização, a saber, da identidade romana e da identidade vândala<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> Quando afirmamos que a bipolarização das identidades na África do Norte era uma idealização do bispo de Vita, é preciso considerar a temporalidade da narrativa por volta das décadas de 480 e 490, aproximadamente 70 anos após a entrada vândala nas províncias africanas, pois sua narrativa sugere uma aceitação da sociedade romano-africana pela imposição da conquista vândala ao expressar: “Como um trabalhador rural com os braços cansados, coletarei o ouro das cavernas ocultas, mas eu não devo hesitar em entregar algo que pareça desordenado e não refinado, pois deve ser testado no fogo do julgamento (VICTOR DE VITA, 2006, p.2, tradução nossa). Quando Victor de Vita diz que coletara ‘o ouro de cavernas ocultas’ fica evidente que ele está tentando recuperar uma memória para justificar a riqueza e a glória do Reino Vândalo, para ele, conquistadas através dos saques as igrejas e das mortes de clérigos, outra reflexão que deve ser notada é que convicção de que sua escrita poderia ser testada no ‘fogo do julgamento’, uma clara associação ao 3 capítulo do livro de Daniel (3: 5-26) que expressa uma narrativa sobre três judeus que provaram sua fé e o poder de seu deus ao não queimarem em uma fornalha, punição que teria sido dada ao não adorarem uma estátua de ouro do rei babilônico. O bispo de Vita através dessa associação queria legitimar sua escrita através da ‘verdade divina e absoluta’, permitindo que avaliemos uma tentativa de reorganizar a resistência contra a dominação e consolidação do Reino Vândalo, Éric Fournier (2019) também evidencia uma tentativa de Victor em desmoralizar e contestar a autoridade do Reino Vândalo, principalmente pela confissão de fé ariana e anti-nicena, para ele, essa dicotomia exerce caráter fundamental em sua narrativa, uma vez que sugere que o estilo hagiográfico da obra, além de demonstrar uma perspectiva do clero niceno sobre o Reinado Vândalo, é também um recurso retórico para que essas comunidades

Portanto, uma tentativa de ressignificar a memória e identidade vândala em oposição a civilização romana e, mesmo para Salviano que escrevia em favor dos vândalos, ele parecia continuar “convicto que, de fato, os romanos eram superiores aos bárbaros<sup>78</sup>” (ELM, 2017, p.13, tradução nossa). No entanto, a dominação das riquezas e dos territórios romanos pelos vândalos, era uma prova das vontades de Deus. E assim, Salviano parecia convicto de que os vândalos emergiram como uma nova sociedade mais próxima dos desígnios de Deus, perpetuando a castidade, a moralidade e a fé. Deste modo, “aqueles que agora podem reivindicar os privilégios e obrigações dos romanos são os bárbaros, que eram, ou tinham a chance de se tornar, de acordo com Salviano, os novos romanos<sup>79</sup>” (ELM, 2017, p.13).

Averil Cameron apresenta que “Liderados por seu rei Genserico, os vândalos atravessaram o estreito de Gibraltar e entraram na África romana em 429<sup>80</sup>” (CAMERON, 2008, p.553, tradução nossa), incorporando as províncias romanas das Mauritânicas ao seu reino a partir de 431. Apenas em 435 o Império busca a pacificação em decorrência de sua incapacidade para frear o avanço vândalo. Assim, os romanos tiveram que conceder parte da Numídia, a fim de, impedir a tomada das províncias de Bizacena e África Proconsular.

Heather (2008) apresenta que tais províncias da África do Norte eram consideradas ricas e estratégicas para o bom funcionamento do Império, pois mantinham uma importante renda de impostos e ainda era o centro logístico do Ocidente.

Além disso, o conhecimento marítimo acumulado na cidade de Cartago foi suficiente para colocar em risco as ilhas mediterrâneas romanas, como a Sicília, uma ilha que detinha grande importância na produção alimentícia do Império.

Uma situação já difícil foi levada a uma crise aguda, quando em 439 os vândalos marcharam para Cartago para tomar posse das províncias mais ricas do Norte da África. Essas terras eram cruciais para o Império, principalmente para alimentar a população de Roma. Os vândalos também tiveram sucesso, ao explorarem com eficácia a experiência marítima

---

compreendessem que a perseguição de Hunerico não era um evento isolado, mas uma tendência dos vândalos, como sugere Fournier: “*Writing in the immediate aftermath of these events, when Vandals most likely increased their coercion of Nicenes, Victor retroactively applied this vision of the Vandals to the whole period that he covered in his History. The result is that Victor’s History was an emotional response to a trying time for Nicenes of North Africa*” (FOURNIER, 2019, p.151). Deste modo, o uso retórico foi amplamente utilizado em sua obra, na tentativa de incitar a comunidade católica a combater esses perseguidores. John Moorhead (2006) inclusive cita que Victor de Vita era um crítico da paz entre o Reino Vândalo e o Império Bizantino, “*for it would be possible to construe criticism of Byzantine policy as an attempt to show that a firmer line was needed against the Vandals, and one consideration may be of weight*” (MOORHEAD, 2006, p.XVII).

<sup>78</sup> “conviction that in effect Romans are superior to barbarians” (ELM, 2017, p.13).

<sup>79</sup> “those who can now claim the privileges and obligations of the Romans are the barbarians, who are, or have the chance to become, according to Salvian, the new Romans” (ELM, 2017, p.13).

<sup>80</sup> “Led by their king, Geiseric, the Vandals crossed the Straits of Gibraltar and entered Roman Africa in A.D. 429” (CAMERON, 2008, p.553).

disponível na cidade. No início de 440, uma grande frota de vândalos deixou Cartago, desembarcando e devastando grande parte de outro importante centro de receita do Império Ocidental: a Sicília<sup>81</sup> (HEATHER, 2008, p.11, tradução nossa).

Contudo, o esforço do Império em manter os vândalos pacificados foi rompido, em 439 quando este povo promoveu um avanço decisivo às províncias mais ricas do Norte da África, Bizacena e África Proconsular. Os vândalos, para expandirem seu Reino às tais províncias, tiveram de enfrentar uma forte resistência imperial devido à importância econômica delas para o abastecimento de produtos alimentares em todo Ocidente. Assim, ao contrário de outros povos bárbaros, os vândalos permitiram-se ao excepcional ao conquistarem a cidade de Cartago, que junto de Roma eram as cidades mais importantes do Ocidente. E concentravam grande parte das elites aristocráticas e latifundiárias do Império Romano, acarretando em um processo de desestruturação da identidade romana<sup>82</sup>, por meio de sua ocupação.

Para Mark Humphires (2008) esta crise identitária relaciona-se as conquistas do Reino Vândalo, pois marcam um período de grande instabilidade política.

A conquista dos vândalos na África foi um catalisador crucial. Primeiro, enquanto o comércio entre a África e a Itália certamente continuava, Roma não podia mais depender da região como a principal fonte de subsídio de grãos. Assim, a cidade foi forçada a depender mais nos recursos locais, transformando a relação econômica entre a cidade, o resto da península itálica e a Sicília. Em segundo lugar, o sucesso de Genserico na organização de uma frota abriu a península itálica ao ataque bárbaro no Sul, bem como ao longo de sua fronteira tradicional no Norte. A vulnerabilidade do Norte e do Sul foi assustadoramente percebida com a invasão da Itália por Átila e seus hunos em 452, logo seguida com o saque de Roma pelos vândalos em 455<sup>83</sup> (HUMPHIRES, 2008, p.526-527, tradução nossa).

---

<sup>81</sup> *“An already difficult situation was pushed into acute crisis, however, when in 439 the Vandals marched into Carthage to take possession of the richest provinces of North Africa. These lands were crucial to the empire, not least in feeding the population of Rome. The Vandals also followed up this success by exploiting to full effect the maritime expertise available in the city. Early in 440 a large Vandal fleet left Carthage, and landed on, and devastated, large parts of another major revenue centre of the western empire: Sicily”* (HEATHER, 2008, p.11).

<sup>82</sup> A proposta de desestruturação da identidade romana que aqui se propõe, deve ser observada enquanto um processo que caminhou rumo a rejeição e desmontagem da romanidade, a medida em que, os Reinos Bárbaros iam se estabelecendo no antigo território romano. Ver no capítulo 3, o subitem sobre fragmentação do Reino Vândalo, onde apresentamos que a utilização de simbolismos romanos havia sido um dos fatores que contribuiu para a usurpação do Reinado de Hilderico por Gelimer.

<sup>83</sup> *“The Vandal conquest of Africa was a crucial catalyst. First, while trade between Africa and Italy certainly continued, Rome could no longer depend on the region as the major source of its corn dole. Hence, the city was forced to rely more on Italian resources, transforming the economic relationship between the city and the rest of the peninsula and Sicily. Secondly, Geiseric's success in organizing a fleet opened Italy to barbarian attack from the south as well as along its traditional frontier in the north. Vulnerability from north and south was frighteningly realized with the invasion of Italy by Attila and the Huns in 452, soon followed by the Vandal sack of Rome in 455”* (HUMPHIRES, 2008, p.526-527).

De acordo com Philipp Von Rummel (2011) a tomada da África Proconsular pelos vândalos revelou a necessidade de enfrentar as crises internas provocadas pelo próprio Império, antes da chegada dos vândalos, ao levar as províncias africanas ao seu limite e exaustão.

Para Steinacher (2016), o rei vândalo Genserico provocou uma grande transformação tributária e econômica ao conquistar as províncias mais ricas, isto porque tirou a responsabilidade econômica da África como único suporte econômico e agrícola do Império Ocidental.

Assim as províncias africanas e a cidade de Cartago, haviam deixado de desempenhar um papel secundário nas políticas imperiais e de suporte econômico a um império decadente, para surgir como a capital de um reino em ascensão, “Cartago havia se tornado um centro rico e próspero para o Reino Vândalo<sup>84</sup>” (STEINACHER, 2016, p.126, tradução nossa). Rummel (2011) considerou que o Reino Vândalo redistribuiu as terras imperiais entre os membros do seu exército como pagamentos por seus serviços, o que garantiu posição e status privilegiado pela posse e exploração dessas terras.

Assim, o rompimento político-econômico ocasionado pela conquista vândala, a produção de riquezas das províncias africanas que eram enviadas a Península Itálica para redistribuição no Ocidente durante o período romano, passou a se concentrar na própria região onde eram produzidas, ocasionando um faturamento exorbitante aos aristocratas vândalos, nas palavras de Philipp von Rummel:

os vândalos não tinham motivos reais para se preocupar com o futuro econômico de seu reino [...] ganharam controle sobre uma província com um sistema tributário que era altamente eficaz, enquanto que as principais despesas do Estado [Romano] não precisavam mais serem mantidas<sup>85</sup> (RUMMEL, 2011, p.31, tradução nossa).

Em concordância a essa perspectiva, John Liebeschuetz (2015) considera que o período de transição do Império Romano para o estabelecimento dos Reinos Bárbaros, pode ser avaliado através da ausência de uma instituição reguladora da tributação, “Com o tempo, os impostos sobre a terra e a burocracia desapareceram dos Reinos Bárbaros<sup>86</sup>”

---

<sup>84</sup> “*Karthago das glänzende und prosperierende Zentrum des afrikanischen Vandalenreichs geworden*” (STEINACHER, 2016, p.126).

<sup>85</sup> “*the Vandals had no real reasons to worry about the economic future of their kingdom [...] gained control over a province with a, at least formerly highly effective tax system, while the main expenses of the [Roman] state had no longer to be borne*” (RUMMEL, 2011, p.31).

<sup>86</sup> “*In the course time the land taxes and the bureaucracy disappeared from the barbarian kingdoms*” (LIEBESCHUETZ, 2015, p.167).

(LIEBESCHUETZ, 2015, p.167, tradução nossa). Segundo ele, a concentração de riquezas, que antes era realocada para Roma ou para outras regiões do Império, propiciou menos despesas ao Reino Vândalo e conseqüentemente uma taxaço menor do que aquela ocorrida com os romanos e bizantinos.

Acerca disso, Peter Heather (2008) evidencia que as migraçoes bárbaras ao Império Ocidental refletiram uma concorrência pela lealdade das populaçoes provincianas e das elites locais. Das quais, “o Estado Romano não estava mais em posiçoao de sustentar as elites locais (portanto, sua lealdade ficou restrita, e conseqüentemente), todo ponto de apoio do Império desapareceu<sup>87</sup>” (HEATHER, 2008, p.7, tradução nossa). A fim de compensar a perda das províncias e manter os altos rendimentos das elites imperiais, houve uma elevaçoao das tributaçoes no Império Ocidental como sendo o dobro de sua outra metade Oriental.

Enquanto, simultaneamente, ocorria um exclusivismo tributário à Península Itálica que reduziu a tributaçoao em até oito vezes em relaçoao às anteriores, “Honório reduziu o imposto de terras de oito províncias Suburbárias<sup>88</sup> para 1/5 de seu nível normal em 413 e, após cinco anos, os impostos de Picenum e Tuscia para 1/7 e os da Campânia para 1/9<sup>89</sup>” (HEATHER, 2008, p.14, tradução nossa). É possível que tais privilégios tenham refletido a preocupação de possíveis revoltas em Roma e suas proximidades<sup>90</sup>. Mas, estas medidas aprofundaram o distanciamento progressivo entre elites provincianas e imperiais itálicas.

Ainda que essa reduçoao tributária tenha favorecido parte das elites imperiais por quase 20 anos, a perda de Cartago em 439 resultou em problemas econômicos cada vez mais intensos, “o Ocidente perdeu o controle de seus bens mais preciosos [...] uma situaçoao ruim ficou incomparavelmente pior<sup>91</sup>” (HEATHER, 2008, p.14, tradução nossa). Forçando o Império Ocidental a estabelecer uma paz duradoura com o Reino Vândalo após, diversas tentativas frustradas de restabelecer o domínio romano nas províncias da África do Norte, gerando uma acentuada dependência comercial com relaçoao aos vândalos em itens básicos para a subsistência da populaçoao na Península Itálica e em algumas regiões da Gália.

---

<sup>87</sup> “the Roman state was no longer in a position to sustain local élites (and hence to constrain their loyalties, either), the whole point of their attachment to the empire disappeared” (HEATHER, 2008, p.7).

<sup>88</sup> Para mais informaçoes sobre as províncias Suburbárias, conferir mapa em HEATHER, 2008, p.3.

<sup>89</sup> “Honorius reduced the land-tax of the eight Suburbicarian provinces to one-fifth of their normal level in 413, and, after a further five years, the taxes of Picenum and Tuscia to one-seventh, and those of Campania to one-ninth” (HEATHER, 2008, p.14).

<sup>90</sup> Picenum, Tuscia e Campania são províncias que estão aos arredores de Roma e, portanto, corroboram com essa perspectiva. Conferir no mapa HEATHER, 2008, p.3.

<sup>91</sup> “the west lost control of its richest assets to the Vandals, [...] a bad situation was made incomparably worse” (HEATHER, 2008, p.14).

Para Chris Wickham (2009) o Império havia cometido um erro ao considerar que o tratado de 435 fosse suficiente para impedir o avanço vândalo sobre Cartago, e por causa disso, o Estado Romano teria que lidar com um futuro colapso, “um grande vácuo surgiu no sistema fiscal cuidadosamente equilibrado do império ocidental; os romanos enfrentaram uma crise fiscal, justamente quando precisavam gastar o máximo possível em tropas<sup>92</sup>” (WICKHAM, 2009, p.90, tradução nossa). Essa crise fiscal, teria sido para ele, resultado de um grande acúmulo de fatores, principalmente internos, tais como uma tradição política do Ocidente que considerava preferível fazer a manutenção dos exércitos romanos, do que preocupações de caráter econômico. Mas, isso se justifica ao considerarmos nas dimensões do Império Romano, o relacionamento das províncias e a função de cada uma para manter a estabilidade de um Império.

Não fazia sentido até o século V, desenvolver extensões territoriais autossustentáveis. Entretanto, com a perda de Cartago em 439 e das ilhas Mediterrânicas Ocidentais após 455, juntamente com o saque de Roma no mesmo ano, e o estabelecimento de diversos Reinos Bárbaros, resultou em problemas fiscais e econômicos cumulativos e irreversíveis que não permitiu a manutenção de seus exércitos. Resultando na impotência para combater essa rápida transformação sócio-política, ocasionada com o estabelecimento desses reinos. (WICKHAM, 2009).

Abandonando um pouco essa perspectiva mais geral do assunto, e observando o histórico das províncias africanas antes e durante a chegada dos vândalos, conseguimos observar uma série de erros estratégicos que, colaboraram para a perda dessas províncias e sustentam a própria perspectiva de Wickham (2009), que destacou a tradição política Ocidental orientada mais pela belicosidade do que, pela estabilidade e propósito econômico.

Como exemplo, Peter Heather (2008) demonstra a luta pelo prestígio e status militar entre três importantes generais romanos: Félix (*magister militum praesentalis*), Bonifácio (*comes Africae*) e Aécio (*magister militum per Gallias*), esses conflitos perduraram entre 425 e 433. Interessa-nos aqui perceber que, embora Bonifácio tenha inicialmente tentado impedir o avanço dos vândalos. Esse conflito interno de generais resultou em uma luta em duas frentes, uma com os vândalos e outra com Aécio em meados de 430, quando Aécio havia derrotado Félix. Minimamente podemos considerar que esses conflitos pela soberania militar

---

<sup>92</sup> “a gaping hole appeared in the carefully balanced fiscal system of the western empire; the Romans faced a fiscal crisis, just when they needed to spend as much on troops as they possibly could” (WICKHAM, 2009, p.90).

romana ocasionaram um grande desgaste dos exércitos africanos que estavam subordinados a Bonifácio. (HEATHER, 2008; WICKHAM, 2009).

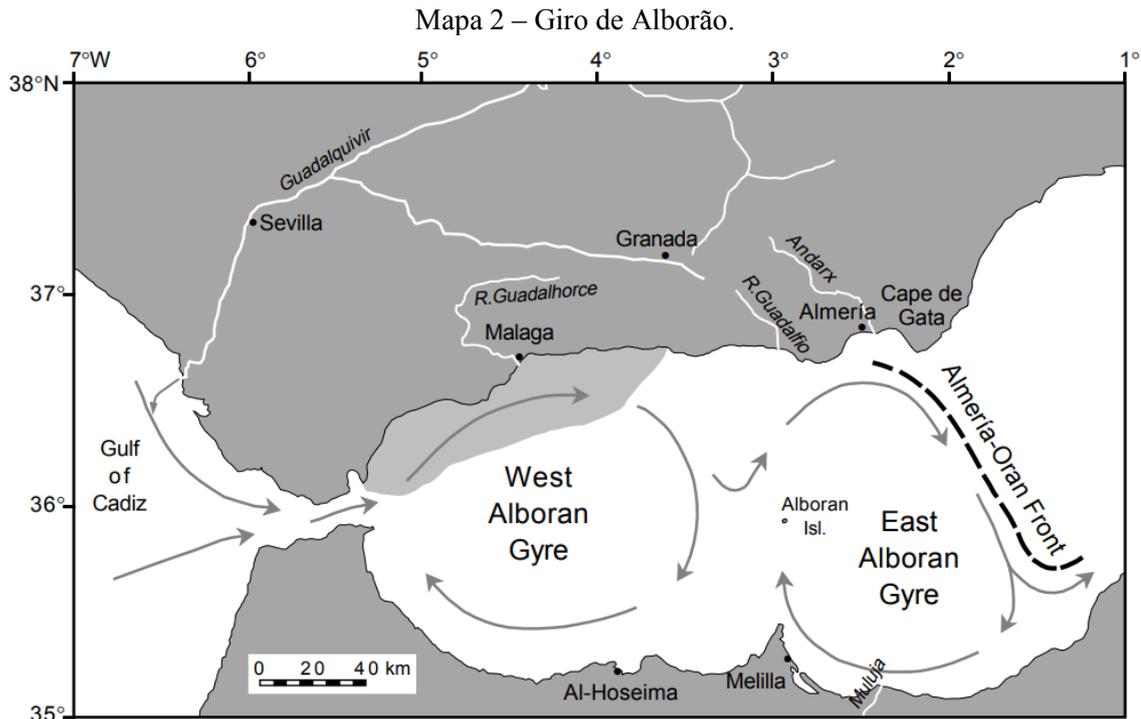
Ampliando essa análise, Roland Steinacher (2016) e Ian Hughes (2017) consideraram que a própria chegada dos vândalos a África havia sido constituída pela necessidade de Bonifácio em combater os exércitos hunos de Aécio, “os vândalos foram incluídos entre os recrutados por Bonifácio<sup>93</sup>” (HUGHES, 2017, p.99, tradução nossa). Steinacher ainda considerou que durante o Reinado de Gunderico (406-428), Bonifácio havia ganhado apoio dos vândalos nessa disputa, que inclusive haviam sido levados aos territórios africanos pela marinha romana que estava sob a responsabilidade do *comes Africae* (STEINACHER, 2016, p.89).

Isto pode ter colaborado para a travessia definitiva dos vândalos sob o Reinado de Genserico (428-477) em três pontos. O primeiro deles, é que os vândalos podem ter ganhado o conhecimento marítimo necessário para efetuar sua travessia para a África, uma vez que um fenômeno natural nomeado de ‘Giro de Alborão’, como vemos no mapa abaixo, poderia não apenas dificultar, mas também tornar a travessia impossível<sup>94</sup>.

---

<sup>93</sup> “*Vandals were included amongst those recruited by Bonifacius*” (HUGHES, 2017, p.99).

<sup>94</sup> Ian Hughes (2017) apresenta uma tentativa dos godos atravessarem para a África a partir da Hispania em meados de 414 ou em 418, anterior chegada dos vândalos na Baetica em 420. Ele apresenta que Orosius e Isidoro de Sevilha escreveram sobre essa tentativa, aonde sugere que após alguns ataques godos as províncias da Hispania eles haviam capturado uma frota de navios para fazer a travessia aos territórios africanos, mas teriam naufragado no Mar de Alborão, ele ainda destaca que esse naufrágio havia sido um evento amplamente conhecido dos romanos contemporâneos “*The importance attached to this event is that news of this would certainly have reached Constantius: after all, it was commented upon by at least two ‘Roman’ sources and so must have been common knowledge amongst the Romans*” (HUGHES, 2017, p.83). Ao contrário dos godos, os vândalos haviam tido tempo de conhecer as características de navegação do Mar de Alborão devido não apenas ao tempo de permanência na província da Baetica, respectivamente entre 420 e 428/429, mas também das expedições marítimas que Idácio menciona em suas crônicas.



Fonte: HAUSCHILDT, RINNA, RULLKÖTTER, 1999, p.392.

Como explicam os autores Hauschildt, Rinna, Rullkötter (1999), o ‘Giro de Alborão’ se estende por aproximadamente 400 km ao longo da costa africana e espanhola a partir do Estreito de Gibraltar, onde existem duas fortes correntes marítimas giratórias, formadas a partir a entrada de água do Atlântico ao Mediterrâneo, em termos técnicos:

A água do Atlântico flui para o Mar Mediterrâneo através do Estreito de Gibraltar e desenvolve dois extensos giros anticiclônicos, um na parte Oeste e outro na parte Leste da Bacia de Alborão. Enquanto o giro ocidental pode ser explicado pela configuração topográfica e pela força inercial de Coriolis. O giro oriental permanece inexplicável<sup>95</sup> (HAUSCHILDT, RINNA, RULLKÖTTER, 1999, p.391, tradução nossa).

Embora Hughes (2017) tenha considerado que o conhecimento sobre esse fenômeno natural, era uma informação crucial para a travessia do estreito de Gibraltar, ele acreditou que fosse improvável que populações locais tenham informado os vândalos sobre o Giro de Alborão.

Contudo, não é necessário seguir essa suposição, uma vez que, a própria marinha romana pode ter fornecido essas informações quando efetuou a travessia dos exércitos

<sup>95</sup> “The Atlantic water flowing into the Mediterranean Sea through the Gibraltar Strait develops two extensive anticyclonic gyres, one in the western part and the other in the eastern part of the Alboran Basin (Tintoré et al., 1988; Fig. 2). Whereas the western gyre can be explained by the topographical setting and the Coriolis force (EUROMODEL Group, 1975), the eastern gyre remains unexplainable” (HAUSCHILDT, RINNA, RULLKÖTTER, 1999, p.391).

vândalos para auxiliar Bonifácio no início de sua campanha, ainda durante o Reinado de Gunderico (406-428). Como sugere Steinacher (2016) uma aliança entre Bonifácio e Gunderico poderia ter colaborado na disposição de informações relativas a navegação sobre a travessia.

Além disso, é preciso considerar que o Reinado de Gunderico se caracterizou pela migração dos vândalos ao Sul da Hispânia, com a tomada da província Baetica em 420 “[os vândalos] abandonaram a Gallaecia e migraram para a Baetica<sup>96</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.86, tradução nossa). Isso certamente parece ter contribuído para obterem o conhecimento marítimo e dos fenômenos naturais que atingiam a região, como aquele demonstrado no mapa 2 acima.

Pois, como Idácio nos apresenta, os portos da Baetica e das ilhas Baleares parecem ter estado à disposição do Reino Vândalo, “Os vândalos tomaram as ilhas Baleares, destruíram toda Cartago Spartia e Hispalis, conquistando a Hispânia. Eles também invadiram a Mauretania<sup>97</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.88, tradução nossa). A tomada das ilhas Baleares e a invasão da Mauretania pelo rei vândalo Gunderico, sugerem que os vândalos já tinham pleno conhecimento e experiência das navegações no Mediterrâneo Ocidental e no Mar de Alborão.

Desse modo, tendo sido convidados ou não para lutarem por Bonifácio, os vândalos poderiam ter efetuado sua travessia de maneira independente. Mas, desta vez (em 429) sem a colaboração da marinha romana, essa perspectiva será abordada no terceiro ponto, a ser considerado como motivo para a travessia da Baetica para Tingitana.

O segundo ponto que podemos enfatizar, é que essas guerras civis romanas podem ter incentivado o rei Genserico a avançar para a África devido ao desgaste das tropas de Bonifácio, e também por saber que estando em guerra com Aécio, o *comes Africae* deveria se concentrar nessa disputa e simplesmente ignorar a ameaça vândala, postergando conflitos que possivelmente acreditava que poderiam ser facilmente resolvidos.

Já que, o histórico de aliança com o rei Gunderico poderia fazê-lo considerar os vândalos como aliados estratégicos, que inclusive poderiam ser utilizados novamente, “Derrotar os rivais romanos antes de enfrentar a ameaça bárbara pode parecer uma ordem

---

<sup>96</sup> “[Vandalis] relicta Gallicia ad Beticam transierunt” (HYDATIUS, 1993, p.86); “the Vandals quit Gallaecia and crossed into Baetica” (HYDATIUS, 1993, p.87).

<sup>97</sup> “Vandalis Baliaricas insulas depredantur quique Carthagine Spartaria et Spali euersa et Hispaniis depredatis Mauritaniam inuadunt” (HYDATIUS, 1993, p.88); “The Vandals pillaged the Balearic Islands and when they had sacked Carthago Spartaria and Hispalis, and pillaged Spain, they invaded Mauritania” (HYDATIUS, 1993, p.89).

errada de prioridades. Mas, a crise política não suspende a ambição pessoal<sup>98</sup>” (HEATHER, 2008, p.8, tradução nossa). Assim, o *comes africae* pode ter compreendido que manter uma política amena com os vândalos poderia conservar as boas relações passadas.

Isso, no entanto, nos ajuda a compreender a facilidade com que o rei Genserico conduziu seu povo a África, como apresenta Victor de Vita: “Atravessaram o estreito do mar com muita facilidade<sup>99</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.2, tradução nossa). Na frase latina ‘*Transvadans*’ (atravessar a pé) surge como um elemento de irônica, que deveria representar a tamanha facilidade de condução do povo vândalo para os territórios africanos, sem qualquer oposição. Como se o autor desejasse descrever a travessia como um simples passeio desprezioso e sereno. Assim, até o ano de 431 com o cerco de Hipona (ou *Hippo Regius*) os vândalos parecem ter enfrentado pouca ou mesmo nenhuma resistência romana em seu desembarque.

O que nos leva ao terceiro ponto, na História das Guerras de Procópio, é possível considerar a existência de uma aliança entre Genserico e Bonifácio. Para Aécio, o relacionamento do *comes Africae* com os reis vândalos havia sido uma oportunidade para conspirar contra ele, também tanto para o imperador Valentiniano III e para Galla Placídia que o decretarem como traidor e possível usurpador (PROKOPIOS, 2014, p.151).

Logo, a crescente influência que Bonifácio desempenhava na África e junto aos vândalos, havia se tornado uma das principais questões que serviu para que o imperador duvidasse de sua lealdade.

Assim, Bonifácio tratou de se preparar para uma possível guerra com exércitos imperais, caso o imperador enviasse uma campanha contra ele, Procópio de Cesareia ainda considerou que para ter chances de equiparar seu poder bélico ao do imperador, ele solicitou ajuda aos vândalos. Dessa vez, em 428 sob o reinado de Genserico:

Bonifácio, no entanto, como não lhe parecia capaz de se opor ao imperador, nem parecia haver segurança para ele caso retornasse à Roma. Começou a considerar se seria possível que ele tivesse uma aliança defensiva com os vândalos<sup>100</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.151, tradução nossa).

---

<sup>98</sup> “*Defeating Roman rivals before tackling the barbarian threat might seem the wrong order of priorities. But political crisis does not suspend personal ambition*” (HEATHER, 2008, p.8).

<sup>99</sup> “*transvadans facili transitu per angustias maris*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.2); “*They made an easy passage across the straits*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.2).

<sup>100</sup> “*Bonifatius, however, as it did not seem to him that he was able to array himself against the emperor, nor did it appear that there would be any safety for him if he returned to Rome, began to consider whether it would be possible for him to have a defensive alliance with the Vandals*” (PROKOPIOS, 2014, p.151).

Procópio inclusive apresenta possíveis elementos do tratado da aliança entre Bonifácio e Genserico, do qual havia prometido 1/3 de todas as províncias africanas aos vândalos, para que se estabelecessem ali e governassem conforme sua vontade e lei, e que os auxiliaria na guerra, caso ocorresse uma retaliação do Império Romano, “Com base neste acordo, os vândalos cruzaram o estreito de Cádiz e entraram na Líbia<sup>101</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.151, tradução nossa). Em carta a Bonifácio, Agostinho fala sobre o desembarque de tropas nas províncias africanas, demonstrando uma grande preocupação com a segurança dos habitantes romano-africanos, e parece questionar as intenções de Bonifácio sobre a utilidade desses exércitos, ao ponderar que ele era um bom homem cristão e esperava que assim continuasse:

Quando algumas pessoas (vândalos), a quem era necessário enviar a você o mais rápido possível, foram levadas para nossas costas, tive a oportunidade de enviar saudações à sua Caridade, algo que sei que lhe agrada. [...] E assim, ilustre e merecidamente distinto Senhor e filho muito querido, pela misericórdia de Deus, estou reportando à sua Sinceridade nossa própria segurança, ouvindo todas as coisas boas de você e esperando continuar ouvindo-as, já que sua reputação mais excelente é a glória Daquele em quem você depositou sua esperança<sup>102</sup> (AUGUSTINE, 1989, p.122, tradução nossa).

Demonstrando que o relato de Procópio sobre a lealdade de Bonifácio ao imperador e ao Império Romano estava de fato em questionamento durante o início do quinto século, se considerarmos a preocupação de Agostinho de uma possível aliança com os vândalos e até mesmo de uma presumível campanha militar para usurpar o trono de Valentiniano III.

Contudo, Procópio relata que em 430 alguns membros influentes em Roma que eram partidários de Bonifácio, estiveram determinados em revelar a farsa criada por Aécio, e apresenta que mesmo depois desses insultos Bonifácio permanecia leal ao Império Romano e a casa imperial (PROKOPIOS, 2014, p.151).

Rapidamente ao tomar conhecimento desses fatos, Galla Placídia se encarregou de pacificar as relações com o *comes Africae*, evitando assim, um grande conflito e garantiu que ele estaria sob a proteção da casa imperial. Contudo, havia implorado que retirasse os vândalos da África.

<sup>101</sup> “On the basis of this agreement the Vandals crossed the strait at Cadiz and came into Libya” (PROKOPIOS, 2014, p.151).

<sup>102</sup> “When some people, whom it was necessary to send on to you as quickly as possible, were driven onto our shores, I had an opportunity to send greetings to your Charity, something I know is most pleasing to you. [...] And so, illustrious and deservedly distinguished Lord and very dear son, by God's mercy I am reporting to your Sincerity our own safety, hearing all good things of you and hoping to continue hearing them, since your most excellent reputation is the glory of him in whom you have placed your hope” (AUGUSTINE, 1989, p.122).

Quando Bonifácio ouviu isso, ele se arrependeu de seus atos e de seu acordo com os bárbaros, e implorou a eles (vândalos) e lhes prometeu tudo para que deixassem a Líbia. Mas eles não receberam suas palavras com benevolência, e considerando que estavam sendo insultados, ele foi obrigado a lutar com eles, e tendo sido derrotado na batalha, [Bonifácio] fugiu para Hipona, uma cidade fortificada da Numídia, próxima do mar<sup>103</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.151, tradução nossa).

Assim, percebendo o grande problema que havia causado, Bonifácio passou a identificar os vândalos como uma séria ameaça ao seu poder e status. Contudo, esse desentendimento entre ele e os vândalos acarretou no cerco e na conquista de Hipona em 431, cidade que se tornou a capital do Reino entre 431 e 439. Iniciando um longo período de conflitos e guerras entre o Reino Vândalo e os Impérios Romanos do Ocidente e Oriente.

Foi também durante o cerco de Hipona que o Império Oriental havia considerado os vândalos como uma ameaça a estabilidade econômica ao próprio Oriente. Uma vez que, o envio de tropas deveria substituir um futuro amparo econômico ao Ocidente, “Nos primeiros meses de 431, o Império do Oriente decidiu que os vândalos eram uma ameaça suficiente para ajudar o Ocidente, e uma expedição foi preparada para a África<sup>104</sup>” (HUGHES, 2017, p.127, tradução nossa). Essa primeira expedição não teria sido suficiente para derrotar os vândalos, mas esse nem parece ter sido o objetivo, pois os exércitos orientais haviam se concentrado em barrar o avanço vândalo a África Proconsular e Bizacena.

Podemos evidenciar ainda que o apoio do Oriente na África colaborou indiretamente para agravar as crises políticas e militares no Ocidente, isso porque Bonifácio havia preferido se concentrar na disputa com Aécio, abandonando Aspar (*magister utriusque militiae*) e permitindo que ele lutasse sozinho com os Vândalos. Ainda que Bonifácio tenha saído vitorioso dessa disputa, isso custou sua vida, pois em 432 ele morreu devido a graves ferimentos ocasionados durante a batalha contra os exércitos de Aécio. Assim, com a retirada dos exércitos do Oriente das campanhas na África em 434, devido à necessidade de se defenderem dos ataques dos hunos nesse ano, forçou o Império Ocidental a negociar um tratado de paz com os vândalos em 435. (ROSOLEN JUNIOR, 2019).

---

<sup>103</sup> “When Bonifatius heard this, he repented of his action and his agreement with the barbarians, and he begged them, promising them everything, to leave from Libya. But they did not receive his words with favor, considering that they were being insulted, so he was compelled to fight with them and, being defeated in the battle, [Bonifatius] he withdrew to Hippo Regius, a strong city in Numidia by the sea” (PROKOPIOS, 2014, p.151).

<sup>104</sup> “In the early months of 431, the Eastern Empire had decided that the Vandals were enough of a threat to help the West, and an expedition was prepared for Africa” (HUGHES, 2017, p.127).

Assim, podemos observar que nos três casos que levaram os vândalos para a África, a figura do *comes Africae* Bonifácio exerce um papel primário, pelo menos no terceiro caso, e influência ao menos indiretamente nos outros dois.

Ao avaliar a chegada dos vândalos nas províncias africanas, através do pedido de auxílio de Bonifácio a Genserico, John Pocock nomeia esses eventos como “a tragédia de Bonifácio<sup>105</sup>” (POCOCK, 2015, p.381, tradução nossa). Realmente a utilização desse termo parece adequado, principalmente quando observamos que os vândalos não apenas conquistaram as províncias mais ricas do Império Ocidental, como também parecem ter se integrado rapidamente as populações africanas que não se viam representadas ou amparadas pelo poder imperial, como temos evidenciado ao longo desse subcapítulo.

Portanto, é possível considerar que os vândalos ao entrarem nessas províncias estiveram dispostos a desempenhar um papel sócio-político que, há algum tempo o Império havia deixado de exercer ou, que simplesmente estava deteriorado. Colaborando para que os vândalos encontrassem apoio popular para estabelecerem seu Reino nessa região, e que revelou a aptidão do rei vândalo Genserico para enfrentar as crises econômicas e políticas que haviam sido diretas, ou indiretamente exercidas pela burocracia imperial (HEATHER, 2008; WICKHAM, 2009; RUMMEL, 2011). Essas transformações, principalmente de ordem econômica, tornou o Reino Vândalo uma das potências econômicas de seu tempo (BOCKMANN, 2012; STEINACHER, 2016).

De acordo com Roland Steinacher (2016) teria sido essa proeminência que o Reino Vândalo obteve associado a baixas tributações, quando comparadas aos períodos romanos como Liebeschuetz (2015) propôs, acarretou em grandes tensões entre as populações norte-africanas com a chegada dos romanos do Oriente, após a reconquista da África sob Justiniano.

Isso porque, Cartago havia sido a capital de um reino próspero, que concentrava uma nova elite econômica<sup>106</sup>, que com a reconquista foi relegada a uma nova dinâmica provincial que os compreendia como personagens secundários, que se mantinham distantes do centro

---

<sup>105</sup> “*the tragedy of Boniface*” (POCOCK, 2015, p.381).

<sup>106</sup> Com o exílio das antigas elites senatoriais de Cartago e das províncias africanas, novas elites econômica e mercadora surgiram a partir do contínuo processo de descentralização política, e conseqüentemente da diversificação da economia vândalo-africana, e através da amplitude que os portos mediterrânicos da África conseguiram atingir, pois não estavam ou não precisavam mais obedecer ao monopólio de Roma e da Península Itálica sobre seu comércio. De acordo com Paul Reynolds (2016) e Philipp Von Rummel (2010; 2016) a cerâmica *African Red Slipware* (ARS), típica da atual Tunísia, e ânforas vândalas podiam ser encontradas em diversas regiões da bacia do Mediterrâneo. Apresentando que o comércio marítimo vândalo-africano se manteve, e até mesmo se expandiu em importância e prosperidade. Reynolds ainda destaca a grande amplitude das rotas comerciais vândalo-africanas que se estendem da costa das províncias orientais, até o Atlântico e Grã-Bretanha. (REYNOLDS, 2016; RUMMEL, 2010; 2016).

político de Constantinopla. Logo, a entrada das províncias norte-africanas no império do oriente reduziu o status, influência, poder e riqueza das elites provinciais.

Entre os Asdingos (vândalos), Cartago tinha sido a capital de seu Reino com oportunidades de carreira correspondentes para as elites. Membros desses círculos agora se viam distantes do centro de poder, a jornada para Constantinopla era longa e árdua.<sup>107</sup> (STEINACHER, 2016, p.311, tradução nossa).

Esse debate sobre o final do período vândalo e pós-vândalo será aprofundado no terceiro capítulo. Mas é possível considerar que, toda essa dinâmica sobre a situação social, cultural e política, que já eram características das províncias africanas durante o século IV. Haviam sido relatadas pela historiografia eclesiástica no século seguinte, através de uma compreensão teológica que foi difundida por clérigos de várias regiões do Império, na tentativa de associar os vândalos a violência e destruição do que consideravam civilizado.

Principalmente, por causa do exílio e perseguição das antigas elites romanas, que esses clérigos compreendiam como o núcleo da *romanitas* e do cristianismo ortodoxo, características das quais não se sustentavam sem esse grupo e que haviam sido ameaçados pela presença vândala.

Deste modo, é possível considerar que o cristianismo africano havia assumido aspectos paradoxais acerca de sua associação a identidade romana. Conforme Yitzhak Hen (2018) nos apresenta “o cristianismo, diga-se, desde o início, é um fenômeno romano<sup>108</sup>” (HEN, 2018, p.59, tradução nossa). Portanto, para ele, a religião cristã havia se desenvolvido às margens do direito romano, a partir da conversão de membros da elite senatorial que gestaram a ortodoxia católica como fruto da romanidade, “O senado, mais do que qualquer outra instituição, era o *locus* do ‘poder religioso’, e os vários sacerdócios tornaram-se parte da identidade social e do senso de *romanitas* da elite senatorial<sup>109</sup>” (HEN, 2018, p. 60, tradução nossa). Reconfigurando gradativamente o centro de poder romano a uma nova dinâmica e normatividade social, na medida em que, a *romanitas* se associou a cristandade, ela institucionalizou a conversão como uma necessidade civilizatória, nas palavras de Hen:

<sup>107</sup> “Unter den Hasdingen war Karthago eine königliche Hauptstadt mit entsprechenden Karrierechancen für die Eliten gewesen. Angehörige dieser Kreise sahen sich nun weit entfernt vom Machtzentrum, die Reise nach Konstantinopel war lang und beschwerlich” (STEINACHER, 2016, p.311).

<sup>108</sup> “Christianity, let it be said at the very beginning, is a Roman phenomenon” (HEN, 2018, p.59).

<sup>109</sup> “The senate, more than any other single institution, was the locus of ‘religious power’, and the various priesthoods became part of the senatorial elite’s social identity and sense of Romanitas” (HEN, 2018, p. 60).

Todos os imperadores do século IV, com exceção de Juliano o Apóstata, mantiveram seu apoio à Igreja, e conseqüentemente a aristocracia romana cada vez mais cristianizada teve que redefinir sua *romanitas* em termos cristãos<sup>110</sup> (HEN, 2018, p.61, tradução nossa).

Ogbu Uke Kalu (2005) considerou que a partir do Imperador Constantino I foi reservado um lugar expressivo à religiosidade cristã junto a *romanitas*, e ao ocupar o espaço público a Igreja havia utilizado o poder do Estado Romano para centralizar os debates teológicos, sobre a constituição do clero (em oposição ao Donatismo), e da consubstancia da Divina Trindade (em oposição ao Arianismo) aprovada pelos líderes da Igreja nos respectivos Primeiro Concílio de Arles (314) e Primeiro Concílio de Nicéia (325), ambos presididos por Constantino (KALU, 2005).

Lúrbia Santos (2016) também esteve atenta para as conseqüências políticas do fenômeno do Donatismo. Pois estas comunidades rejeitavam a autoridade do imperador nos assuntos eclesiásticos, e reivindicavam autonomia para o clero africano, com relação a Igreja Romana. Na visão donatista a Igreja Romana havia se associado ao Império mantendo-se colaborativa com os imperadores para conservar a ordem social (SANTOS, 2016).

Deste modo, a partir da contribuição de Kalu (2005, p.27) consideramos a existência de duas cristandades paralelas, sendo elas: o cristianismo como uma instituição teológica e prática, amparada nas experiências comunitárias; e a Igreja de Roma como definidora de uma doutrina e normatividade cristã em associação ao mundo romano (KALU, 2005).

Kalu (2005) evidenciou que embora o cristianismo tenha se desenvolvido com auxílio do poder imperial, ele não poderia ser considerado como uma entidade puramente romana, devido às contribuições teológicas africanas que teve em Alexandria e Cartago, os principais centros contribuintes da filosofia e teologia cristã. Estas cidades atraíam também clérigos e teólogos de outras regiões do Mediterrâneo.

Para Kalu (2005) existia uma espécie de cristianismo africano, que esteve alicerçado por experiências, debates e contribuições regionais, e que ao mesmo tempo, amparou e auxiliou as comunidades africanas na manutenção de suas próprias identidades coletivas. Uma vez que como veremos a seguir, a região do Magreb preservou importantes aspectos identitários e culturais pré-romanos tais como, por exemplo, a língua púnica. Essa língua se manteve ativa e regular mesmo nas províncias da África Proconsular e Bizacena, como veremos adiante. (KALU, 2005; OSBORNE, 2012).

---

<sup>110</sup> “All the emperors of the fourth century, apart from Julian the Apostate, maintained their support for the Church, and consequently the ever more Christianised Roman aristocracy had to re-define its *Romanitas* in Christian terms” (HEN, 2018, p.61).

### 1.3. Multilinguismo na África do Norte e Sardenha

É interessante observar que, em certa medida, o processo de cristianização no Império havia ocasionado um aumento sutil, mas gradual, de oposição aos ideais civilizatórios do Império. De acordo com Patrick Geary (2005) e Walter Pohl (2015) a partir do século III, a expansão da cidadania romana para termos mais amplos permitiu a inclusão de várias comunidades aos conjuntos de práticas sociais e culturais definidas pelas elites senatoriais, através aquilo que consideravam civilizado. Assim, as classes senatoriais ao reproduzirem novos padrões culturais, tinham como objetivo suprimir identidades coletivas que pudessem representar alguma ameaça ao Estado Romano (GEARY, 2005; POHL, 2015).

Para Walter Pohl (2015) isso também implicava em reproduzir um padrão linguístico, mas devido a amplitude do Império e de grandes e numerosos grupos linguísticos presentes no Mediterrâneo Antigo e Medieval apenas a imposição de um modelo monolíngue era pouco eficiente.

E conforme James Adams (2004) nos apresenta, a herança helenística na *Pars Orientalis* acarretou em um importante ponto de flexão da identidade romana, resultando na adoção de um modelo bilíngue<sup>111</sup> ao se apropriar da língua grega, a fim de fornecer os recursos necessários para a administração imperial no Oriente. Ao mesmo tempo em que colaborava para suprimir e segregar comunidades linguísticas, devido à amplitude que o grego e o latim alcançaram (ADAMS, 2004, p.201). Além da manutenção dessas línguas por meio do apoio institucional, regulamentação e associações entre o domínio linguístico e status econômico e social, tal como Alex Mullen (2012) e Robin Osborne (2012) nos apresentam.

---

<sup>111</sup> James Adams (2004) considerou o bilinguismo no mundo romano através da “*positive performance in a second language*” (ADAMS, 2004, p.5), isto é, ele considerou que a fluência no segundo idioma não deveria estar limitada a comunidades intelectualizadas que tinham grande competência linguística e gramatical na segunda língua, mas que a competência bilíngue deveria ser atribuída a indivíduos que conseguiram se fazer entender. Para ele, o desempenho positivo engloba a escrita e a fala no cotidiano comunitário ou individual, e são os principais fatores para atribuímos o uso do bilinguismo, tal como ele representa através da figura do comerciante, que embora não dominasse uma língua estrangeira, conseguia fazer uso de algumas palavras acrescidas de gestos para se fazer entender. Nesse sentido, tanto o bilinguismo, quanto o multilinguismo, deveriam ser compreendidos através de diferentes níveis de competência, mas que estão delimitados pelo uso e pela necessidade de comunicação na vida diária, por isso a fala e a escrita são consideradas de maior importância para essa qualificação, pois representam habilidades e práticas ativas na segunda língua e nas demais línguas utilizadas por esses indivíduos, ainda que de maneira imperfeita. No entanto, é preciso ter cuidado ao diferenciar os níveis de fluência nas línguas não-nativas desses indivíduos, pois conforme ele apresenta, alguns romanos erravam propositalmente no uso de uma segunda língua, mesmo no grego, para que não fossem considerados demasiadamente helenizados ou bárbaros através do alto desempenho linguístico nas línguas estrangeiras. Conforme ele nos apresenta teria sido esses erros propositais que desempenharam um papel fundamental na distinção do grego clássico para o grego koiné, que teria sido latinizado e sofrido um processo de diferenciação através dessa prática (ADAMS, 2004).

Contudo, interessa para nós refletir sobre as contradições que o cristianismo e a Igreja, demonstraram ao longo do processo de cristianização do Império. Patrick Geary (2005) já tinha observado que o cristianismo havia auxiliado na expansão da cidadania romana, devido a incorporação de modelos identitários universalistas pelo Império, que permitia que os romanos (civilizados/fiéis) e os bárbaros (não-civilizados/pagãos) fossem diferenciados por meio de critérios políticos e jurídicos, e não mais como status e privilégio das elites aristocráticas.

Ou seja, a identidade romana havia passado por um processo de transformação, em que não apenas elites privilegiadas, mas qualquer pessoa poderia se reunir ao *populus romanus* ao aderir a cultura, aos costumes e as práticas sócio-políticas e jurídicas definidas pelo Senado Romano como sendo parte da identidade romana “pertencer ao *populus romanus* era uma questão de lei constitucional, e não de lei natural, portanto teoricamente qualquer um poderia ser um romano” (GEARY, 2006, p.67). Sendo assim, para Geary os romanos compreendiam que haviam se diferenciado dos bárbaros, pois acreditavam que os bárbaros estavam mais ligados entre si por laços sanguíneos, étnicos e de origem geográfica, que não possibilitavam a adesão de novos grupos e comunidades, do que pela aceitação a um sistema jurídico que poderia redefinir essa identidade conforme a necessidade imediata e de longo prazo, como os romanos.

Por conta disso, pertencer ao *populus romanus* era uma característica que indiscriminava as origens, mas era preciso concentrar essa grande comunidade com base no aprendizado do latim, no pagamento de impostos, na crença do cristianismo ortodoxo e em outras práticas definidas como normativas pelas elites senatoriais. (GEARY, 2005; HEN, 2018).

E embora o cristianismo tenha favorecido nessa construção da identidade romana, Walter Pohl (2012; 2013) considerou que, o cristianismo e a Igreja eram ainda mais radicais quanto a definição identitária de seus fiéis, pois de nada importavam o status, origem e língua de seus fiéis. Ao contrário do idealismo imperial de uma sociedade homogênea, ele considerou que os cristãos eram por essência uma comunidade propícia para a adoção do multilinguismo e de múltiplas identidades.

Uma vez que o próprio livro sagrado (a bíblia) dispunha em sua composição inicial de uma grande diversidade linguística e cultural “Babel (ou Babilônia) e Pentecostes ofereceram simbolismos ambivalentes, sobre a importância da diversidade linguística. Os comentários dos autores cristãos sobre línguas e povos, não refletem necessariamente percepções

indisfarçáveis<sup>112</sup>” (POHL, 2012, p.10, tradução nossa). Portanto, ainda que o cristianismo tenha contribuído para novas dinâmicas identitárias dos romanos, ele até certo ponto, dependendo de seus objetivos evangelizadores, não tinha um compromisso com o ideal civilizador romano.

Pois, devido a sua complacência, o cristianismo permite ser incorporado a novos sistemas políticos, sociais, culturais e linguísticos, “a perspectiva bíblica era que a mensagem cristã tendia a ir além do etnocentrismo<sup>113</sup>” (POHL, 2013, p.22, tradução nossa). E enquanto os romanos vislumbravam nos bárbaros uma ameaça ao seu Império, a Igreja e seus funcionários viam nesses povos uma oportunidade de expansão das comunidades cristãs. Portanto, quando necessário, os funcionários da Igreja compreendiam que a missão civilizadora do Império se opunha a missão apostólica da Igreja.

Embora também tenha incorporado alguns sistemas políticos e culturais, que permitiu que ela desenvolvesse seu próprio senso de civilização, julgando os hereges, como os romanos julgavam os bárbaros.

É possível perceber que nas províncias africanas ocidentais o cristianismo passa a ser incorporado as comunidades locais não-latinizadas (sentido linguístico) e, portanto, passam a aderir a dinâmica cultural e linguística própria da região para a realização das funções litúrgicas e missionárias. Como veremos a seguir, através das cartas de Agostinho.

Como observaremos o bispo de Hipona considerou que a cultura e língua púnica não apenas eram importantes para o desempenho da função litúrgica na África Romana, devido à ausência ou as hostilidades das comunidades locais a cultura e língua latina. Mas, também, porque considerou que a herança e tradição púnica poderiam oferecer importantes contribuições e reflexões ao pensamento cristão.

Em diversas cartas de Agostinho<sup>114</sup>, é possível constatar a grande influência da língua púnica em seu período nas províncias africanas em detrimento do latim. Em uma dessas cartas datada de 390, ele detinha um tom bastante agressivo contra Máximo de Madauros que supostamente havia julgado a língua e cultura púnica como uma ameaça a cristandade.

---

<sup>112</sup> “*Babel und Pfingsten boten ebenso ambivalente wie symbolisch aufgeladene Schlüssel zur Bedeutung der Sprachvielfalt. Die Äußerungen christlicher Autoren über Sprachen und Völker geben auch deshalb nicht unbedingt unverstellte Wahrnehmungen wieder*” (POHL, 2012, p.10).

<sup>113</sup> “*the biblical view was that the Christian message tended to go beyond ethnocentrism*” (POHL, 2013, p.22).

<sup>114</sup> Carta XVII, datada de 390 (SCHAFF, 1886, p.545-547); Carta LXVI, datada de 402 (SCHAFF, 1886, p.729-730); Carta LXXXIV, datada de 405 (SCHAFF, 1886, p.810-811); Carta CCIX, datada de 423 (SCHAFF, 1886, p.1188-1192).

Agostinho então rebate, afirmando que o idioma ou a identidade cultural de um indivíduo não alteraria a fê professada, e ainda nos permite observar uma demonstração de orgulho a sua descendência púnica, da qual ele afirma:

E se você rejeita a língua púnica, você praticamente nega o que foi admitido por uma grande maioria dos homens instruídos, que muitas coisas foram sabiamente preservadas do esquecimento em livros escritos na língua púnica. Ou melhor, você deveria ter vergonha de ter nascido nas províncias que é o berço desse idioma e ainda permanece muito expressivo, isto é, esse idioma era originalmente e é até muito recentemente, o idioma do povo<sup>115</sup> (AUGUSTIN, Carta XVII, 1886, p.546, tradução nossa).

Como é possível conferir na última linha da citação acima, ao se referir à língua púnica, Agostinho atribuiu a ela o status de uma ‘língua do povo’. Para Regina Bustamante (2000) o púnico deveria ser compreendido em um contexto mais amplo e genérico como uma referência aos “dialetos nativos falados pela maioria dos homens do campo e compartilhados por muitos (*sic*) pessoas, [...] qualquer língua falada na África do Norte que não fosse o latim” (BUSTAMANTE, 2000, p.322). Na carta LXXXIV datada de 405, Agostinho se opõe ao pedido do Bispo Novato para a realocação de seu irmão e diácono Lucillo. A motivação para a recusa, seria de que Agostinho não poderia ficar sem seu diácono, pois ele era fluente em púnico e auxiliava na liturgia e na evangelização. (AUGUSTIN, 1886, p.364).

Na carta CCIX de 423, ele teve que explicar ao Papa Celestino I, uma súbita alteração na nomeação para o bispado de Fussala, alegando que o substituto escolhido havia sido acusado de graves crimes contra a comunidade de Fussala<sup>116</sup>.

Desse modo, Agostinho ao explicar que o primeiro escolhido havia rejeitado o episcopado, ele nos apresenta os requisitos necessários para o desempenho da função naquela região: “Procurei uma pessoa que pudesse ser adequada à localidade e às pessoas e, ao mesmo tempo, familiarizado com a língua púnica<sup>117</sup>” (AUGUSTIN, Carta CCIX, 1886, p.560, tradução nossa). E assim, como segunda opção para o cargo, elegeu Antônio, enfatizando que o rapaz havia sido criado por ele em um mosteiro de sua sede desde criança.

<sup>115</sup> “*And if the Punic language is rejected by you, you virtually deny what has been admitted by most learned men, that many things have been wisely preserved from oblivion in books written in the Punic tongue. Nay, you ought even to be ashamed of having been born in the country in which the cradle of this language is still warm, i.e. in which this language was originally, and until very recently, the language of the people*” (AUGUSTIN, Carta XVII, 1886, p.546).

<sup>116</sup> Na tradução de Robert B. Eno (1989), ele apresenta que se tratava de um crime de agressão sexual, já a tradução de Adam Schaff (1886) não especificou qual a natureza das acusações, apenas apresentou que se tratava de um crime imoral.

<sup>117</sup> “*I sought for a person who might be suitable to the locality and people, and at the same time acquainted with the Punic language*” (AUGUSTIN, Carta CCIX, 1886, p.560).

Afirma ainda que Antônio foi posto em julgamento, mas inocentado, por não existirem evidências que comprovassem os delitos. O restante da carta apresenta os procedimentos adotados no julgamento do bispo Antônio, e alguns precedentes do episcopado em Roma que permitiram que bispos inocentados voltassem a exercer seu ofício na mesma sede. (CARTA CCIX, 1886, p.560-562).

Contudo, interessa para nós, apresentar que o bilinguismo púnico-latim não apenas era fundamental para a região do episcopado de Hipona, na província da Numídia, mas também revela o destaque, a importância e a estima concedida por Agostinho a Lucillo e a Antônio<sup>118</sup>.

Além disso, ajuda a comprovar, o baixo processo de romanização<sup>119</sup>, onde o latim foi visto apenas como uma língua do Estado Romano e de seus funcionários, mas não como uma língua amplamente utilizada pelas populações romano-africanas, principalmente nas regiões interioranas: “Algumas comunidades aparentemente possuíam poucos falantes de latim (Carta 66.2) e havia outras que, [...] poderiam ter melhor desempenho em púnico do que em latim<sup>120</sup>” (BURTON, 2012, p.118, tradução nossa).

Caroline Humfress (2012) ainda apresenta que, ao contrário de diversos bispos de sua época, Agostinho desejava que seus ensinamentos tivessem uma amplitude maior, do que apenas as comunidades de teólogos intelectualizados, e se esforçava para transmitir seus

<sup>118</sup> Embora não seja feita referências na carta CCIX dirigida ao Papa Celestino sobre o bilinguismo de Antonius, é particularmente evidente que ele dominava o púnico, uma vez que, como demonstra a citação, Agostinho havia deixado claro nessa carta, que o púnico era essencial para as atribuições no episcopado de Fussala, e que sua própria escolha estava orientada por esse requisito.

<sup>119</sup> Pedro Funari e José Grillo (2014) apresentaram que é preciso ter cuidado ao utilizar o conceito de romanização como um conceito hegemônico que subjulga as identidades e culturas provincianas. Contudo, Enrique Craviotto (2010) propõe uma alternativa acerca da compreensão da romanização, como sendo a ocupação efetiva do território, que pode ser medida pelo desenvolvimento de cidades romanas, seguindo parâmetros pré-estabelecidos pelas aristocracias romanas, as cidades assim, deveriam “*reflejan el establecimiento del modelo de domus romana aristocrática, así como una monumentalización del espacio urbano propia del mundo romano, quizás en este caso mostrand a las claras el influjo de la arquitectura militar*” (CRAVIOTTO, 2010, p.529). Freitas (2012) também segue um parâmetro semelhante ao definir que a arquitetura urbana e militar romana, projetava a escolha consciente das aristocracias romanas, como forma de transmitir os modos de cultura, através da ocupação e utilização dos espaços públicos tipicamente romanos. Nesse sentido, a ideia de romanização pode ser associada a compreensão de imperialismo romano, que como define Peter M. Edwell (2013), era reflete na imposição do poder político romano sob uma dada extensão territorial “*‘the process of establishing and maintaining an empire’, and in analysing imperialism we focus on the motives, processes and outcomes of this endeavour*” (EDWELL, 2013, p.39). Paul J. Burton (2019) acrescenta que a romanização tendia a evidenciar um caráter adaptativo que incorpora as comunidades locais ao domínio romano, entretanto, ele observa que o processo de incorporação a identidade romana detinha características negociadas “*to adopt Roman humanitas, ‘civilization,’ in exchange for privilege and status*” (BURTON, 2019, p.87). Deste modo, as comunidades locais conseguiam preservar aspectos de sua cultura que não conflitavam com o ideal da *romanitas*, através da participação na vida pública, que poderia ainda garantir a posse e a manutenção de status e privilégios. Assim, consideramos como baixo processo de romanização o pouco desenvolvimento de elites cidadinas, que havia favorecido a autonomia de grupos campestres, alheios a autoridade imperial, como acontecia em regiões da Tingitana e das Mauretânias.

<sup>120</sup> “*Some congregations apparently possessed few Latin speakers (Ep. 66.2), and there were others which, [...] might be better addressed in Punic than Latin*” (BURTON, 2012, p.118).

ensinamentos, sermões e debates de natureza doutrinária e teológica às camadas populares da sociedade:

Assimilar argumentos polêmicos em exemplos didáticos e básicos para o público 'sem instrução', era uma preocupação particular dos trabalhos anti-donatistas de Agostinho, mas não estava de forma alguma, confinado apenas a eles. Seus sermões frequentemente testemunham a mesma preocupação<sup>121</sup> (HUMFRESS, 2012, p.332-333, tradução nossa).

Em decorrência disso, também permitia que seus escritos fossem traduzidos para o púnico. De fato, conseguimos encontrar indícios na carta LXVI, dirigida ao bispo donatista Crispino de Calama em 402<sup>122</sup>, onde ele questiona Crispino sobre o cisma que dividiu a comunidade religiosa nas províncias africanas, e afirma que ele também contrariava a própria autoridade do imperador e de Cristo, ao rebatizar os fiéis católicos em sua heresia. Agostinho informa a ele que a troca de cartas seria traduzida para o púnico e distribuída à população, que deveria ter o direito de escolher de maneira consciente a fé que desejassem seguir.

as palavras de cada um de nós serão escritas e traduzidas para a língua púnica, depois de terem sido atestadas por nossas assinaturas [...] Pelas coisas que proferimos, observaremos se eles permanecem em erro sob coerção, ou mantêm o que acreditam ser verdade com seu próprio consentimento<sup>123</sup> (AUGUSTIN, Carta LXVI, 1886, p.323, tradução nossa).

Deste modo, Agostinho parecia ter consciência de que a cristandade não deveria estar limitada por padrões civilizatórios e linguísticos romanos, e acreditava que a difusão de seus escritos em língua vernacular, poderia ser um importante aliado na luta contra as heresias e também no trabalho apostólico. Contudo, como apresenta Matthew Alan Gaumer (2016) isso gerou grandes conflitos,

Para uma plateia latinizada que se identificava com o Império Romano, enfatizar a *africanitas* ou ser chamado de púnico, carregava uma mensagem etnográfica forte, implicava na inferioridade da Igreja Africana em relação as

<sup>121</sup> “Crafting easily digested and basic polemical arguments with an “uneducated” audience in mind was a particular concern of Augustine’s anti-Donatist works, but it was by no means confined to them alone. His sermons frequently testify to the same concern” (HUMFRESS, 2012, p.332-333).

<sup>122</sup> Embora Caroline Humfress (2012) apresente que a carta foi escrita em 401, a datação referenciada por Adam Schaff (1886) considera que a carta tenha sido escrita em 402, deste modo, como temos utilizado a edição de Schaff como fonte para as cartas de Agostinho, preferimos manter a mesma datação assegurada por ele.

<sup>123</sup> “the words of each of us being written down, and translated into the Punic tongue after having been attested by our signatures [...] For by the things which we shall say it will be made manifest whether they remain in error under coercion, or hold what they believe to be truth with their own consent” (AUGUSTIN, Carta LXVI, 1886, p.323).

demais, especialmente aquelas da península Itálica<sup>124</sup> (GAUMER, 2016, p.36, tradução nossa).

E permitiu que os hereges alegassem que o bispo de Hipona estaria indo contra as tradições romanas e eclesiásticas. A zombaria a perspectiva agostiniana, torna-se ainda mais evidente, quando observamos que Agostinho foi denominado como, ‘o africano’, ‘o púnico’, ‘o debatedor púnico’ ou mesmo como, ‘o usurpador púnico’. (HUMFRESS, 2012; OLIVEIRA, 2014; GAUMER, 2016).

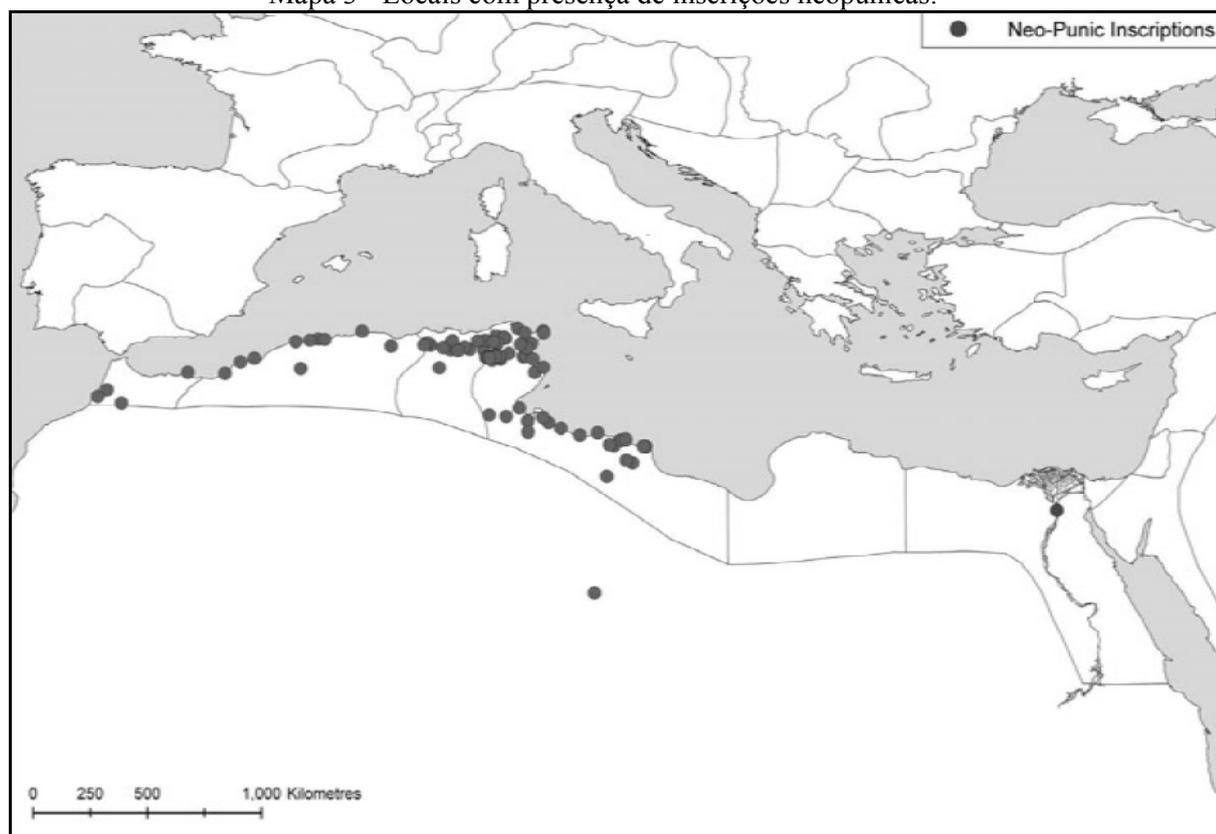
É interessante observar no mapa 3, que a orientação de Agostinho em traduzir seus escritos para o púnico, parece ser uma decisão bem pontuada pela cultura africana local. E que inclusive, também pode nos revelar a uma tentativa do Império Romano em regulamentar a utilização de inscrições púnicas e bilíngues latim-púnico (WILSON, 2012a; 2012b).

Uma vez que, as localizações das inscrições neopúnicas contrastam com a perspectiva de que o púnico era uma língua segregada a regiões campesinas, de pouca influência latina. Ao contrário, grandes partes dessas inscrições estão localizadas na África Proconsular (ver mapa 3 abaixo), onde o governador era um membro do Senado Romano e, portanto, um homem ilustre que definia e orientava o senso de *romanitas* nas províncias africanas. (WILSON, 2012a; HEN, 2018)

No entanto, considerando a importância da atividade mercadora da província, é natural que se considerem os múltiplos contatos interculturais. Deste modo, Andrew Wilson (2012a; 2012b) nos apresenta que também houve a incidência de inscrições bilíngues púnico-líbio, sem a mediação do latim. E a considerar pelo seu artigo *Saharan trade in the Roman period*, é possível avaliar que a existência dessas inscrições multilíngues estando ou não regulamentadas pelo Império Romano, faziam parte de uma organização comunitária muito mais ampla que envolvia o comércio e as rotas transaarianas. (WILSON, 2012a; 2012b)

---

<sup>124</sup> “To a Latinised audience with identification with the Roman Empire emphasising africanitas or being called Punic carried a loaded ethnographic message [...] implies the inferiority of the African Church to overseas ones, especially Italy’s” (GAUMER, 2016, p.36).

Mapa 3 - Locais com presença de inscrições neopúnicas.<sup>125</sup>

Fonte: WILSON, 2012a, p.270.

Ao compararmos a figura 1 com o mapa 3, podemos observar que mesmo em regiões mais densamente povoadas como a África Proconsular, a presença de inscrições bilíngues púnico-latim, e em alguns lugares até trilingues (púnico-grego-latim ou púnico-líbio-latim) ainda permanecia como um importante recurso e meio de comunicação de convívio das comunidades africanas e romanas durante o decorrer dos séculos IV e V. (MULLEN, 2012; WILSON, 2012a).

Para Mullen (2012) este fenômeno do bilinguismo e multilinguismo no Império Romano pode ser explicado através da Diglossia, isto é, deve ser compreendida como um conceito sociolinguístico que privilegia uma língua em relação a outra.

Nesse caso, o latim se manteve como a língua do Estado e dos civilizados, enquanto que as demais línguas populares eram segregadas a espaços informais e não-oficiais, e por conta dessa relação de status que uma língua desempenha em relação a outra, a prevalência do latim poderia ocasionar uma alteração linguística, resultando na perda da fluência das línguas nativas. (MULLEN, 2012)

<sup>125</sup> Para Wilson (2012), compreende-se como neopúnico a utilização de grafias latinizadas.

Entretanto, Mullen também apresenta que a existência de inscrições bilíngues no Império reflete tanto no valor cultural-simbólico que essa língua desempenha para seus falantes, como também por seu valor econômico e social: “Para bilíngues, a escolha do idioma pode ser significativa para representações de identidade e relações intergrupais ou interpessoais<sup>126</sup>” (MULLEN, 2012, p.23). Portanto, a preservação das línguas como púnico e grego também dependia de seu efeito prático e diário.

Nesse sentido, Claudia Moatti (2006) nos apresenta que a institucionalização do latim na Igreja Católica no Ocidente entre os séculos V e VI, havia sido tão paradigmática, que o grego havia assumido um *status* de língua pagã, e que a circulação dos escritos de autores orientais, dependia em grande parte da existência de traduções para o latim.

Como podemos observar no mapa 3, grande parte das inscrições bilíngues púnico-latim se apresentam em regiões litorâneas onde a presença romana eram estáveis, e que contrasta categoricamente com o processo de romanização nesses espaços mais pronunciados do que em regiões interioranas das províncias africanas.

Contudo, a partir da contribuição de Mullen (2012) podemos observar que o bilinguismo e multilinguismo dessas regiões podem ser sido preservados e sustentados pelas importantes atividades mercadoras na Bacia do Mediterrâneo e das rotas transaarianas que a África, e principalmente, a região de Cartago desempenhou. (MULLEN, 2012; WILSON, 2012a; 2012b).

Como exemplo, Stéphanie Guédon (2019) apresenta que o forte de Geriat-el-Garbia havia funcionado, até pelo menos o século V, como um entreposto comercial regulamentado pelo próprio Império, como forma de participar e taxar essas rotas comerciais transaarianas, tendo em vista a grande “potencialidade de um comércio saariano ao longo da Antiguidade romana” (GUÉDON, 2019, p.69). Deste modo, como sugere a autora, é interessante observar que esses entrepostos colaboraram na consolidação e manutenção das comunidades garamantes (berberes), e junto disso na própria preservação das características multilíngues, como temos apresentado.

Assim, quando Agostinho apresenta que o púnico era a língua do povo (AUGUSTIN, Carta XVII, 1886, p.546), isso não deve ser compreendido como uma língua campesina, segregada as comunidades isoladas, mas ao contrário, como temos visto sua difusão parece ter sido bastante ampla, principalmente nas províncias africanas, mas não somente.

---

<sup>126</sup> “For bilinguals, choice of language can be significant for presentations of identity and intergroup or interpersonal relations” (MULLEN, 2012, p.23).

De acordo com James Clackson (2015) o púnico influenciou toda a região do Mediterrâneo, “ao redor da costa Ocidental da Itália, Espanha, França e particularmente da Sicília, Sardenha, Malta e as Baleares<sup>127</sup>” (CLACKSON, 2015, p.711, tradução nossa), sendo encontradas inscrições púnicas até nas ilhas Canárias.

Entretanto, não foram mantidas com a mesma intensidade nessas diferentes regiões, principalmente após o avanço das conquistas romanas pela região (CLACKSON, 2015). Nesse cenário a ilha da Sardenha aparece em destaque pela importância na manutenção e preservação da língua púnica, possivelmente pela grande conectividade que manteve com o Norte da África, que examinaremos um pouco mais adiante.

Conforme James Adams (2004) apresenta em seu livro *Bilingualism and the Latin language*, a ilha da Sardenha também desempenhou um papel fundamental na preservação da língua púnica, pois ainda que a conquista romana da ilha seja datada em meados do século III A.E.C., até pelo menos 600 anos depois, no início do século III E.C. ainda era possível encontrar a ocorrência do púnico como uma língua monolíngue.

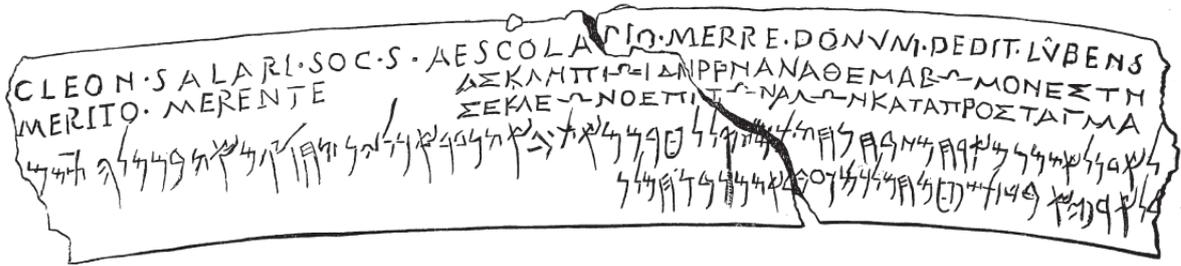
E ao invés de seu desaparecimento com a sobreposição do latim, em inscrições posteriores encontramos sua presença em registros geralmente trilíngues (latim-grego-púnico), que nos evidencia que a ilha não somente teve um baixo processo de romanização, como também teve competência para assumir múltiplas identidades linguísticas e culturais.

Além disso, a existência de inscrições trilíngues também pode nos ajudar a compreender a atividade marítima e mercadora desempenhada na Sardenha, pois essa característica nos apresenta uma região de grande contato intercultural com gregos, romanos, africanos e posteriormente, com os vândalos.

---

<sup>127</sup> “around the western coast of Italy, Spain, and S. France, and particularly from Sicily, Sardinia, Malta, and the Balearics” (CLACKSON, 2015, p.711).

Figura 3 - Exemplo de inscrição trilingue em latim-grego-púnico, Sardenha.<sup>128</sup>



Fonte: CLACKSON, 2015, p.712.

No caso, específico dos vândalos, eles parecem ter introduzido sua própria língua ao Norte da África, principalmente, para usos litúrgicos. Brendan Wolfe (2014) e Ralf Bockmann (2014) nos apresentam que a língua vandálica, era possivelmente um dialeto da língua gótica e que compartilhava da mesma tradução da bíblia de Ulfila. Mas, ainda que grande parte da fraseologia atribuída à língua vandálica esteja associada ao contexto litúrgico, os autores Bockmann e Wolfe apontam que durante a liturgia vândala-ariana, esse povo dificilmente teria conseguido impor um domínio linguístico sobre as populações africanas, ao contrário, parecia fazer uso de sua língua apenas em ocasiões específicas dentro da liturgia e dos ritos sagrados. (BOCKMANN, 2014; WOLFE, 2014).

Isso também pode ser evidente, se considerarmos que Whelan (2014) nos aponta que “A política eclesiástica na África Vândala era um produto especificamente da cultura cristã africana que havia se consolidado no Império pós-Constantino<sup>129</sup>” (WHELAN, 2014, p.255, tradução nossa). Isto é, como os vândalos haviam se apropriado do passado conturbado entre as elites imperiais com as comunidades donatistas, como abordamos anteriormente, é possível sugerir que os vândalos não tomariam uma atitude que demonstrasse ser contrária a própria condução política e religiosa de seu reino, com base nesse histórico.

No entanto, é possível observar dois indícios da utilização da língua vandálica na obra de Victor de Vita, que também pode nos ajudar a perceber essa diversidade linguística presente na África Vândala, e que demonstra a grande receptividade africana as novas experiências culturais.

<sup>128</sup> De acordo com o autor, se trata de uma inscrição encontrada em uma coluna de bronze na cidade de San Nicolò Gerrei, na ilha da Sardenha. A inscrição mais profícua e cheia de detalhes está em púnico, e sugere que as inscrições grego-latim seriam traduções imperfeitas do púnico, no entanto, as traduções grego-latim tem grande similaridade entre si quanto ao seu conteúdo traduzido, conferir transliteração e tradução em: CLACKSON, 2015, p.712.

<sup>129</sup> “The church politics of Vandal Africa were the product of a specifically African Christian culture which had coalesced within the post-Constantinian Empire” (WHELAN, 2014, p.255).

Ao narrar sobre a sucessão de Hunerico, Victor de Vita apresenta que para garantir a pacificação entre o Reino Vândalo e o Império Romano do Oriente, Zenão havia proposto nomear um bispo católico para o episcopado de Cartago. Hunerico havia aceitado, mas impunha uma condição, de que os bispos arianos deveriam presidir a liturgia na língua que desejassem.

Os bispos da nossa religião que estão na região de Constantinopla, e ao longo das outras províncias orientais, devem ter sob sua ordem o livre arbítrio para pregarem ao povo em suas igrejas na língua que desejarem, para honrar a lei de Cristo<sup>130</sup> (HUNERICUS *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.14, tradução nossa).

Para Ralf Bockmann (2014) isso demonstra claramente a existência de comunidades arianas falantes do gótico e/ou vandálico nas províncias orientais, que desejavam ter sua identidade linguística reconhecida e “que presumivelmente não era nem o grego, nem o latim [...] alguns membros do clero ariano eram capazes de falar vandálico ou gótico<sup>131</sup>” (BOCKMANN, 2014, p.216, tradução nossa). Mas também podemos acrescentar que, é possível que Hunerico desejasse ser reconhecido como um guardião das comunidades arianas, na tentativa de apresentar que os ‘hereges’ arianos estariam sob sua tutela, pela qual ele iria interferir na política oriental para pacificar as comunidades católicas contra os arianos, mesmo fora de seu território.

O segundo indício que dispomos na obra de Victor de Vita sobre a utilização da língua vandálica no Norte da África, é a tentativa do patriarca vândalo-ariano Cyrila em presidir o Concílio de Cartago, convocado por Hunerico em 484, em sua língua vernacular, supostamente o vandálico, ao declarar: “eu não falo latim<sup>132</sup>” (CYRILA *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.25, tradução nossa). Para Ralf W. Mathisen (2014) Cyrila desejava ser reconhecido como um herdeiro do patriarcado de Ulfila, como um líder ariano dos vândalos e godos. Tentativa que aliás, havia sido bastante criticada pelos bispos católicos presentes, pois

---

<sup>130</sup> “*sub eo ut nostrae religionis episcopi, qui apud Constantinopolim sunt et per alias provincias Orientis, ex eius praecepto liberum arbitrium habeant in ecclesiis suis quibus voluerint linguis populo tractare et legem Christianam colere*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.14); “*the bishops of our religion who are at Constantinople and throughout the other provinces of the East are to have, at his command, the right to preach to the people in whatever languages they wish in their churches and to practise the Christian religion*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.25).

<sup>131</sup> “*which presumably was neither Greek nor Latin [...] some members of the Arian clergy were able to speak Vandalic or Gothic*” (BOCKMANN, 2014, p.2016).

<sup>132</sup> “*nescio latine*” (CYRILA *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.25); “*I do not know Latin*” (CYRILA *apud* VICTOR OF VITA, 2006, p.44).

consideravam que Cyrila agia de má-fé, e desejava condenar a ortodoxia católica com base em critérios que eles não conseguiriam debater, já que não poderiam compreender.

Por causa disso, Victor evidencia que os católicos haviam se antecipado, pois já sabiam que os hereges utilizariam de truques para puni-los. Deste modo, eles haviam preparado um tratado em latim intitulado ‘O livro da fé católica’, que detém uma apresentação bastante aprofundada sobre a consubstancia da Divina Trindade. (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.26-39).

Nesse ponto, embora a fluência de Cyrila em latim possa ser questionada, é bastante evidente para nós, a tentativa dos clérigos católicos em impor a utilização da língua latina, mesmo em territórios não-romanos. Pressupondo sua universalização linguística, os clérigos católicos haviam desconsiderado a diversidade cultural e linguística dos territórios africanos, e que poderia mais uma vez, colocar a comunidade africana em oposição ao clero católico, pois demonstrava uma nova tentativa de imposição tanto religiosa, quanto linguística e cultural.

Roland Steinacher (2008) nos apresenta que, ao contrário dos romanos que tentaram impor sua língua aos povos dominados, os reis vândalos (Genserico e Hunerico) parecem ter incorporado pessoas de diversas origens a sua aristocracia, e que permitem observar pela morfologia dos nomes de pessoas próximas a esses reis, uma constante relação interétnica entre vândalos e mouros, vândalos e romanos e vândalos e gregos (STEINACHER, 2008, p.254).

Para Wolfe (2014), com o relacionamento interétnico entre esses povos, os vândalos passaram a utilizar a fé ariana para estabelecer um forte vínculo de lealdade entre os membros da aristocracia. Essa característica, havia permitido que os reis vândalos fossem dissociados de uma visão que atestava esses povos como subordinados ao Império. Ao mesmo tempo em que, permitiu a aproximação dos vândalos às insatisfações gerais das populações romanas contra o Império.

Nesse ponto, é interessante observar como as ocupações das ilhas mediterrânicas pelos vândalos estão repletas dessa tentativa de imposição religiosa, como forma de atestar a lealdade das populações locais, e também como forma dos reis vândalos se colocarem ao lado das populações oprimidas pelos católicos. Como é o caso de Maximino, tido como o líder dos arianos na Sicília por Idácio que havia sido condenado pelos bispos ortodoxos, e que durante a chegada dos vândalos na ilha havia aproveitado para se vingar do clero católico sob a supervisão e apoio de Genserico. (HYDATIUS, 1993, p.94).

A obra de Idácio evidencia que as ilhas mediterrânicas ocidentais, podem ter sido incorporadas ao Reino Vândalo por volta de 440, mas ainda sem a legalidade de seu domínio ter sido reconhecida pelo Império Romano, que só viria ocorrer dois anos depois no tratado de 442.

Idácio comenta que sob a ordenação do rei Genserico, ele impôs uma perseguição aos clérigos católicos e estabeleceu o arianismo na ilha, “Ele [Maximino] instigou a perseguição aos opositores católicos para forçá-los a impiedade ariana de qualquer forma<sup>133</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.94, tradução nossa). O episódio certamente nos lembra sobre a imposição do arianismo como religião oficial da corte e do Reino Vândalo nas províncias africanas e, portanto, pode ter sido uma regra válida para todo território ocupado pelos vândalos.

Victor de Vita também nos ajuda a pensar como essas as ilhas mediterrânicas ocidentais foram ocupadas e qual o papel delas para os reis vândalos, ele apresenta que as ilhas da Sicília e a Sardenha haviam sido um importante ponto de exílio, para onde os clérigos católicos eram enviados, “aquelas pessoas foram retiradas de suas casas e todas as suas riquezas foram pilhadas, e depois foram banidas para as ilhas da Sicília e Sardenha<sup>134</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.18, tradução nossa). Essa prática teria sido adotada por Genserico, mas manteve-se em outros momentos que a comunidade católica havia sido exiliada como nos Reinados de Hunerico (477-484) e Thrasamundo (496-523).

Essa prática certamente colaborava para que clérigos agitadores das comunidades católicas fossem retirados de regiões próximas a capital do Reino Vândalo e de cidades mais densamente povoadas como das províncias da África Proconsular e Bizacena<sup>135</sup>. É possível observar um grande número de cidades mencionadas por Victor dentro dessas províncias, é provável ainda que essa fosse uma estratégia régia para evitar conflitos e agitações populares, enviando e exilando clérigos para essas ilhas onde permaneceriam sob a tutela e o domínio vândalo, mas restringiam às atividades desses clérigos, desarticulando comunidades problemáticas e resistentes ao domínio vândalo.

Nessa perspectiva, podemos apresentar uma breve parte da *Vita sancti Fulgentii* escrita pelo clérigo africano Fulgêncio Ferrando, que ao narrar o exílio do bispo Fulgêncio de Ruspe

<sup>133</sup> “*aduersum catholicos precipitatur instinctu ut eos quoquo pacto in impietatem cogeret Arrianam*” (HYDATIUS, 1993, p.94); “*he initiated a persecution of the orthodox in order to force them into the Arian impiety by any means whatsoever*” (HYDATIUS, 1993, p.95).

<sup>134</sup> “*Quos postea domibus proiectos omnique substantia expoliatos in insulas Siciliam et Sardiniam relegavit*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.18); “*afterwards they were cast out of their homes, despoiled of all their possessions, and banished to the islands of Sicily and Sardinia*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.32).

<sup>135</sup> Ver mapa 7, na página 187 dessa dissertação.

para a cidade de *Caralis* (atual Cagliari) durante o Reinado de Thrasamundo (496-523). O autor apresenta a vontade do bispo de Ruspe em construir um mosteiro na Sardenha para se dedicar ao ascetismo.

Embora, no início de seu exílio não tenha obtido apoio dos clérigos da ilha, o que nos permite avaliar essa desarticulação das comunidades católicas agitadoras. Após alguns anos em *Caralis*, Fulgêncio de Ruspe junto dos bispos Illustris e Januário<sup>136</sup> finalmente haviam conseguido adesão suficiente para construir um mosteiro “Movido apenas pelo amor, ele os serviu, e em sua sabedoria, construiu um grande mosteiro no quais clérigos e monges se misturavam<sup>137</sup>” (FERRANDUS, 1997, p.37, tradução nossa). De acordo com Ferrando, embora o mosteiro tenha sido organizado através da autoridade dos três bispos, cada um deles tinha seus próprios adeptos. E conforme ele nos apresenta, uma parte considerável dos adeptos de Fulgêncio eram indivíduos provenientes do exílio. (FERRANDUS, 1997, p.37).

Portanto, o mosteiro na Sardenha também havia colaborado na recepção e suporte aos exilados desses indivíduos, tais informações permitem romper com a visão apresentada pelas fontes clericais, acerca dos vândalos como bárbaros impiedosos. E colabora para concluirmos que essa perspectiva era mais uma representação do imaginário católico do que propriamente uma realidade vivenciada pelas comunidades católicas sob o Reinado Vândalo, tais discussões serão mais aprofundadas ao longo do segundo capítulo.

Mas, podemos apontar que embora essa perspectiva pejorativa acerca da identidade vândala, ainda que tenha tido uma ampla aceitação e reprodução nas fontes que examinamos, essa visão esteve longe de ser unânime. Pois a partir das contribuições de Agostinho após o saque de Roma em 410, são construídos novos precedentes para a narrativa cristã, que passam a avaliar as contribuições das sociedades bárbaras para os romanos, conforme analisaremos no próximo subcapítulo.

#### **1.4. Identidade cristã após o saque de Roma de 410**

Não nos resta dúvidas de que, Agostinho de Hipona teve imprescindível autoridade como reformulador das identidades assumidas pela cristandade e pela Igreja Católica no Ocidente durante o final do século IV e também bastante proeminente no início do século V.

---

<sup>136</sup> Ferrando não apresenta se estes outros dois bispos já pertenciam previamente a Sardenha, ou se como Fulgêncio de Ruspe, Illustris e Januário também eram clérigos exilados.

<sup>137</sup> “*Moved solely by love, he served them and in his wisdom brought about the likeness of a great monastery in which clerics and monks were mixed together*” (FERRANDUS, 1997, p.37).

Tendo observado as transformações sociais de seu período, e o eminente colapso do Estado Romano no Ocidente, após o saque de Roma de 410<sup>138</sup>, ele buscou reafirmar seu compromisso pela construção de uma sociedade cristã ideal, enquanto condenava a romanidade como um estilo de vida pautado na lascividade e no pecado. Evidenciando uma narrativa que impõe uma constante perspectiva de dualidade opositora, entre santos e pecadores, entre sagrado e profano, entre o mundo e o Reino dos Céus.

Admiras-te porque o mundo se arruína? Admiras-te antes porque o mundo envelheceu. Também o homem nasce, cresce e envelhece. Muitos são os males na velhice: a tosse, a lentidão, a falta de vista, o mal-estar, o cansaço. Envelhece o homem e fica cheio de doenças, envelhece o mundo e fica cheio de sofrimentos. (AGOSTINHO, 2013, p.78).

Agostinho permite o apreço de uma representação de mundo dissociado do reino celeste e, portanto, perecível. Logo, manter-se em associação a defesa da identidade romana, poderia ser examinada como orgulho e soberba do homem perante as vontades divinas. Pois, ao passo que ocorre uma sistemática queda dos padrões de vida no Ocidente<sup>139</sup>, indicaria também

---

<sup>138</sup> Nesse subcapítulo avaliaremos os ‘sermões sobre a queda de Roma’, editados e traduzidos por Carlota Miranda Urbano (2013), que de acordo com ela, teriam sido produções imediatas ao saque de Roma e, que haviam sido escritos cinco sermões ao decorrer dos anos de 410 e 411 pelo bispo de Hipona. Para a análise desses sermões seguiremos a proposta metodológica de Paulo Duarte Silva (2014) que propôs, que os sermões eram parte integrante da tradição escrita cristã medieval, mas que ao mesmo tempo, transmitia o conhecimento eclesástico pela oralidade, substituindo a pregação apostólica, ou integrando parte dela nas liturgias. Para o autor, a partir do século IV os sermões foram responsáveis por uma importante aproximação dos bispos a sua comunidade de seus fiéis, por conciliar a tradição escrita e a divulgação oralizada dos debates teológicos e doutrinários aos iletrados. Sobre esse caráter informativo, ele também apresenta que Agostinho acreditava que os sermões deveriam ter uma linguagem simples e fluida, que fosse compatível para o aprendizado e orientação dos fiéis, como manuais práticos para o exercício da fé cristã, essa característica do bispo de Hipona colaborou para expandir sua popularidade e número de adeptos, em oposição a outros clérigos, como Cesário de Arles que mesmo em seus sermões, utilizava uma linguagem elitizada e demasiadamente intelectualizada, e por consequência disso, tinha que “ordenar que os portões da cátedra fossem fechados, de modo a evitar o êxodo de fiéis” (SILVA, 2014, p.217). Deste modo, consideraremos os ‘sermões sobre a queda de Roma’ como um importante manual de Agostinho que conciliava tradição escrita e oral, que tinham como principal objetivo orientar a prática cristã, em meio aos questionamentos da fé feito por pagãos, ou por clérigos que consideravam estar presenciando a realização das profecias apocalípticas, e que também, acreditamos terem representado um importante ponto de virada na compreensão sobre a contribuição das sociedades bárbaras a população romano-católica, que influenciou a escrita e perspectiva de Salviano, como veremos mais adiante.

<sup>139</sup> Para Norma Mendes (1996) os organismos característicos de uma sociedade permitem apresentar sua complexidade particular e, julgadas as variáveis aceitáveis deste sistema, qualquer transformação súbita de tais atributos representaria uma crise. A autora defende um posicionamento de que o Império Ocidental teria entrado em crise através do estabelecimento do *dominato* que ela define por ser um governo de natureza coercitiva, e que representa como sendo os primeiros indícios de declínio romano por evidenciar a incapacidade de manter sólidas as relações legitimadoras através de aparatos ideológicos. Marcelo Cândido da Silva (2017) propõe uma objeção ao conceito de crise quando associado a um juízo negativo atribuído aos povos bárbaros, ou quando, relacionado a uma noção de ‘crise geral’, pois a noção historiográfica de “uma crise sistêmica tão ampla quanto monolítica e deslocou-se para as suas formas “substantivadas” (crise econômica, crise política, crise alimentar, crise sanitária etc.) e, sobretudo, para o campo das respostas às crises” (SILVA, 2017, p.190). Portanto, Marcelo Silva assim como Norma Mendes (1996) não nega a existência e utilização da noção de ‘crises’, quando considerado as complexidades sócio-políticas e as variações espaço-temporais, podendo inclusive se refletir em um cenário

àquilo que ele representa ser a ‘velhice’ de seu mundo. Isto é, para o referido autor, sua época era a de um mundo pré-apocalíptico que aguardava o momento de redenção para os justos e a condenação para os pecadores. Sendo os seguidores de Deus provados pelas agruras do tempo e da vida humana, como Jô teria sido submetido a suportar chagas e maldições.

Quando ouvimos no livro do santo Job que, perdidos os seus bens, perdidos os seus filhos, nem o próprio corpo, a única coisa que lhe restava, pôde salvar, mas atingido por uma chaga terrível da cabeça aos pés, permanecia na imundície, apodrecendo em ferida, a escorrer pus, coberto de vermes, torturado pelo terrível suplício das dores; se nos dissessem que a cidade inteira estava assim, sem nada de são, numa chaga horrenda, e que os seus homens eram consumidos pelos vermes em vida, como se estivessem mortos, não era isto pior que aquela guerra? Penso que é mais fácil sofrer no corpo o golpe da espada do que os vermes, mais suportável escorrer o sangue das feridas do que o pus da putrefacção. (AGOSTINHO, 2013, p.45).

Assim, as consequências do saque de Roma e das guerras de estabelecimento dos Reinos Bárbaros em território imperial, comparativamente com as privações que Jó sofreu, poderiam ser consideradas mínimas e representavam dois pontos fundamentais de seu discurso. O primeiro que evidencia a piedade do Criador e em paralelo a isto, corroborava com o imaginário de que as manifestações da ira divina mantinham-se na pluralidade, sem considerar distinções entre os homens. Portanto, os sofrimentos infligidos pelas migrações bárbaras, como estupros e massacres<sup>140</sup>, colaboraram na composição de explicações e argumentos que consideravam a morte como redenção do sofrimento carnal, e que aproximava o homem de Deus.

Nessa perspectiva, Agostinho de Hipona corrobora com a ideia de que haveria três arquétipos da cristandade, dos quais, os homens deveriam se espelhar para alcançar a redenção. São eles: Noé, Jó e Daniel, “em Noé estão representados os bons governantes que regem e conduzem a igreja [...] em Daniel estão representados todos os santos que vivem a continência; e em Job, todos os que vivem bem o casamento” (AGOSTINHO, 2013, p.41). Contudo, tal como a nota do tradutor apresenta (URBANO, 2013, p.39), esse sermão de Agostinho é escrito com fundamento no capítulo 9 de Daniel, e tornando-se esperado que sua figura seja colocada em destaque aos demais, como símbolo de humildade. Entretanto, os três

---

isolado, sem necessariamente, afetar outras conjunturas, Silva (2017) apenas enfatiza o cuidado com perspectivas universalizantes.

<sup>140</sup> Yann Le Bohec (2007) nos apresenta que existe um padrão em Agostinho e Idácio em relatar a conquista das cidades por visigodos, vândalos ou suevos, onde são relatados estupros, massacres e incêndios, frequentemente dispostos nessa ordem de sucessão. Ele também observa que os massacres, geralmente estão associadas as fatalidades que se abatiam somente ao sexo masculino, e que os estupros, ao contrário, são descritos como exclusivamente dirigidos ao sexo feminino.

arquétipos haviam sofrido algum tipo de perseguição ou maldição, que só haviam vencido e superado através da misericórdia divina.

No entanto, o caso de Daniel é mais enfático, pois, Agostinho acreditava que seu exemplo era mais semelhante aos eventos de seu período. No capítulo 9 do evangelho de Daniel, ele teria confessado os seus pecados, e acreditando que seu povo havia sido ingrato com Deus aceitava as maldições lançadas por Ele ao povo de Israel, como justa medida aos pecados cometidos.

Deste modo, Agostinho avalia que era preciso que os romanos reconhecessem e confessassem seus erros, “quão louvável é Daniel, o único destes três que mereceu ser nomeado nesta passagem — e que, no entanto, confessa os seus pecados. Confessando Daniel o seu pecado, que soberba não vacilará? Que vaidade não se desvanecerá?” (AGOSTINHO, 2013, p.41). Mas, é preciso considerar que a confissão é tida apenas como um primeiro passo para a ascensão do espírito para os fiéis, ou a libertação da carne para os mártires. No entanto, a confissão e o arrependimento deveriam ocorrer em um grau mais amplo de uma comunidade e, não no nível individual, pois acreditava que não havia inocentes, e que todos eram responsáveis pelos pecados de seus irmãos.

Assim, a justiça divina torna-se o centro do debate, e a fim de não permitir que os cristãos duvidassem da justiça divina, em apologia, ele acreditava que a ira de Deus era efeito da descrença do homem da ‘verdadeira fé’ em oposição às outras versões cristãs-heréticas. Mas, que também poderia colaborar para a remissão desses pecados através da humildade e da provação da fé, assim como Daniel havia feito “quem dera que apenas se admirassem e não blasfemassem também, quando Deus repreende o gênero humano e o censura com o flagelo do piedoso castigo, fazendo disciplina antes do juízo” (AGOSTINHO, 2013, p.41).

Após o saque de Roma de 410 pelos visigodos, Agostinho foi pressionado a lidar com a oposição pagã, que afirmava que Roma teria sido saqueada, em decorrência, de o culto pagão ter sido abolido e condenado pela lei romana<sup>141</sup>.

---

<sup>141</sup> O *Codex Theodosianus* dedica todo um longo capítulo (CTh, Livro XVI, capítulo 10, p.472-476) para impor sanções e proibições aos pagãos, que situam-se desde a proibição da realização do culto, até mesmo, a decretos que definem a apropriação de propriedades de pagãos, como veremos abaixo. O capítulo 10 do livro XVI abarca um período desde de 321 com um decreto do imperador Constantino, (CTh 16.10.1; p.472), até o ano de 435, encerrando o capítulo com um decreto de Valentiniano III (CTh 16.10.25; p.476). Deste modo, conseguimos observar a existência de uma perseguição declarada e oficial do Império aos pagãos somente após o ano de 321, e durante o período do saque de Roma de 410, leis rígidas vigoravam contra a comunidade pagã, como o decreto que ordenou que qualquer propriedade onde fossem encontrados vestígios de culto ou sacrifício pagão deveriam ser apropriadas pelo Império, para servirem ao funcionalismo público, e se encontrada imagens ‘profanas’, elas deveriam ser destruídas pelos próprios proprietários: “*The buildings themselves of the temples which are situated in cities or towns or outside the towns shall be vindicated to public use. Altars shall be destroyed in all places, and all temples situated on Our landholdings shall be transferred to suitable uses. The proprietors shall be*

Entretanto, para confrontar essas perspectivas, o bispo de Hipona enfatizou a fé cristã dos visigodos, e negligenciou o fato de serem hereges. Ao contrário, considerou que a fé cristã dos seguidores de Alarico havia os conduzidos contra a cidade de Roma para punir os idolatras, “vieram godos, que não sacrificam e que, embora não sejam católicos, professam a fé cristã, logo, são inimigos dos ídolos. Vieram então, adversários dos ídolos e foram eles que tomaram a cidade” (AGOSTINHO, 2013, p.105). Deste modo, Agostinho preferiu considerar que os romanos haviam sido punidos por Deus por seus pecados e idolatrias, que há muito tempo haviam ficado sem punição.

Em especial, ele ainda havia considerado que os godos de Radagásio haviam falhado no mesmo feito que Alarico teve sucesso, isso porque Deus não permitiria que um pagão triunfasse sobre seus fiéis:

Radagásio, rei dos godos, com um exército muito mais numeroso que o de Alarico, avançou sobre a cidade. Radagásio era um homem pagão que sacrificava a Júpiter todos os dias. [...] E Deus mostrou que a salvação temporal e os próprios reinos da terra não dependem destes sacrifícios. Com a ajuda do Senhor, Radagásio foi vencido de maneira admirável (AGOSTINHO, 2013, p.104-105).

Neste sentido, ele adota um discurso de que Deus rege todas as coisas, inclusive as ações de homens bons e cruéis. Assim como considerava que, toda autoridade só poderia ser exercida mediante a concessão e supervisão Dele, “Para Agostinho, fossem os reis ou imperadores justos ou injustos, a questão é que o poder que estes haviam recebido provinha de Deus. A autoridade que exercem vem da Divina Providência” (LIMA NETO, SOARES, 2011, p.7). No entanto, Agostinho não foi omissos ao sofrimento dos cristãos, mas considerou o Saque de Roma como uma importante tribulação para provar quem eram dignos das bênçãos e do Reino de Deus. (AGOSTINHO, 2013).

Bruno Gama (2016) explica que a figura de Alarico como cristão benevolente foi influenciada por seus feitos durante as campanhas pelos Balcãs (antes de 410). O rei godo havia exigido a destruição dos templos e imagens pagãs por onde passavam o que permitiu a expansão cristã em detrimento do paganismo nessas regiões. Ocorrência que não havia sido contemplada mesmo com os rígidos decretos imperiais,

---

*compelled to destroy them*” (CTh 16.10.19, §2; p.475). O parágrafo seguinte, ainda havia definido uma punição aos funcionários dos tribunais que fossem omissos a essa lei: “*We constrain the judges by a penalty of twenty pounds of gold, and their office staffs by an equal sum, if they should neglect the enforcement of these regulations by their connivance*” (CTh 16.10.19, §3; p.475).

a cultura grega ainda mantinha muitos dos seus traços pagãos e templos dedicados às divindades pré-cristãs. Foi essa Grécia que as forças de Alarico encontraram e, sem qualquer ligação àquele passado, não tiveram problemas em pilhar e destruir o que se opunha às suas crenças (GAMA, 2016, p.44).

Além disso, a fama de Alarico por não permitir que seu povo saqueassem as igrejas em Roma rendeu-lhe a fama de cristão misericordioso, principalmente após as reflexões de Agostinho com seus sermões sobre a queda de Roma terem sido escritos e pronunciados entre 410 e 411 (URBANO, 2013).

Assim, ainda que de maneira involuntária, o bispo de Hipona abriu um grande precedente para toda a historiografia posterior, seguido principalmente por Paulo Orósio e Salviano. Contudo, mesmo autores que condenavam os bárbaros como inimigos terríveis, foram particularmente coagidos a aceitar essas percepções de Agostinho para preservar a integridade da cristandade em todo Ocidente, uma vez que, o principal objetivo desses sermões consistia em desestruturar a resistência pagã.

Nesse sentido, embora Idácio não tivesse apressado algum pelos visigodos, ele retrata a fama de Alarico como um cristão benevolente, que não consentiu ao seu povo o saque às igrejas, e que ainda havia permitido que a população cristã se refugiasse nas igrejas. Garantindo que os cristãos não fossem massacrados em meio ao caos do saque, “Alarico rei dos Godos entrou em Roma. Enquanto ocorriam os massacres dentro e fora da cidade, todos tinham permissão para se refugiarem dentro das igrejas<sup>142</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.80, tradução nossa). Assim, por vezes, os autores latinos parecem ter negligenciado a religiosidade ariana de Alarico, apenas enfatizando seu cristianismo e as medidas tomadas para reduzir o sofrimento de seus companheiros de fé.

Mesmo para Victor de Vita que foi responsável por construir uma intensa oposição ao Reinado Vândalo da África por meio de sua obra, parece compartilhar da convicção de Agostinho. Apresentando e replicando que o saque de Roma de 455 pelos vândalos, também havia sido motivado pela ira de Deus aos pecados cometidos pelos romanos: “Nossos pecados foram oprimidos por Genserico no décimo quinto ano de seu reinado ao capturar Roma, aquela cidade que era a mais nobre e famosa<sup>143</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.7, tradução

<sup>142</sup> “*Alaricus rex Gothorum Romam ingressus. cum intra et extra urbem caedes agerentur, omnibus indultum est qui ad sanctorum limina confugerunt*” (HYDATIUS, 1993, p.80); “*Alaric, the king of the Goths, entered Rome. Although there was slaughter inside and outside the city, sanctuary was granted to all who sought refuge in the shrines of the saints*” (HYDATIUS, 1993, p.81).

<sup>143</sup> “*est peccatis urgentibus, ut urbem illam quodam nobilissimam atque famosam quinto decimo regni sui anno Geisericus caperet Romam*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.7); “*because of our sins it came to pass that Geiseric, in the fifteenth year of his reign, seized Rome, the city until then most noble and renowned*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.12).

nossa). Deste modo, observamos que os discursos e sermões de Agostinho haviam conseguido alcançar uma importante coesão nas comunidades episcopais, ao demonstrar que os romanos não estavam isentos do pecado, e menos ainda da repreensão de Deus. Pensamento este, que ecoa nos mais diversos textos bíblicos, como em Deuteronômio: “Sabes, pois, no teu coração que, como um homem castiga a seu filho, assim te castiga o Senhor teu Deus” (DEUTERONÔMIO 8:5).

Aliás, a possibilidade de representar os bárbaros como flagelos as comunidades pecadoras, pode ter sido o principal fator dessa coesão. Pois, ao considerar que Deus havia conduzido os bárbaros para punir os pecadores, ainda presentes naquela cidade, Victor de Vita retira o prestígio dos vândalos pela conquista de Roma, considerando que esse feito somente poderia ter sido alcançado mediante a supervisão divina. Perspectiva que já havia sido reproduzida pelo próprio Agostinho através dos exemplos e comparações de Radagásio e Alarico (AGOSTINHO, 2013, p.104-105).

No entanto, observamos que Agostinho e Idácio de Aquae Flaviae demonstram de uma predileção aos visigodos em relação aos vândalos, colocando-os em um estágio superior as narrativas que abarcam os feitos vândalos, sendo comparada a demonstração de piedade visigótica, à crueldade nos tratos com os clérigos católicos promovidos pelos vândalos<sup>144</sup>.

Avaliamos assim, que houve uma mesma reprodução narrativa sobre o caráter político-religioso do Reino Vândalo em não poupar as Igrejas Católicas com saques ao promoverem a ocupação das cidades. Prática que parece integrar parte de sua natureza beligerante nas narrativas cristãs, conforme Agostinho nos apresenta: “a fama das riquezas da Igreja, levou os bárbaros [vândalos] a assaltarem de preferência as basílicas, conventos, hospícios e outros bens das comunidades católicas” (AGOSTINHO, 1996, p.78). Entretanto, também é preciso considerar que, aquilo que os clérigos observaram ter sido um ataque direto a cristandade católica, as suas igrejas e funcionários. Parece ter sido mais característico de eventuais ataques oportunistas para obtenção de riquezas, do que um ataque direto a Igreja.

Erika Hermanowicz (2008) nos apresenta que Possídio havia descrito a chegada dos vândalos como um presságio para Agostinho corrigir erros em suas obras. Principalmente aquelas de matriz teológicas, além de tomar precauções para a preservação de suas obras e de sua biblioteca pessoal e episcopal (POSSIDIUS, 1919, p.143).

---

<sup>144</sup> Em “Nota biográfica sobre Santo Agostinho”, o tradutor João Dias Pereira (1996) afirma que a sua obra *Cidade de Deus* havia sido concluída quando o bispo de Hipona estava com 72 anos, portanto, em aproximadamente no ano de 427, período em que os vândalos já eram reconhecidos pelo temor que espalhavam entre os clérigos, sendo também contemporâneo de Gunderico rei dos vândalos e de seu saque a Igreja de Hispalis, aos quais são retratados por Idácio (1993, p.89) e posteriormente por Isodoro de Sevilla (1970, p.34).

Entretanto, Hermanowicz ao avaliar algumas das cartas do bispo de Hipona percebe que esse processo de revisão de seus textos havia ocorrido entre 412 e 427,

O bispo de Hipona admitiu que suas ‘publicações’ eram uma questão de urgência (carta 224.2), mas, o trabalho resultou da necessidade de Agostinho em demonstrar ao seu público polarizado como deveriam ler seus livros<sup>145</sup> (HERMANOWICZ, 2008, p.60-61, tradução nossa).

Portanto, anterior à travessia dos vândalos e cujo objetivo era reduzir os conflitos religiosos e políticos por meio de suas obras. Deste modo, é possível confirmar que Possídio ao escrever a *Sancti Augustini Vita* esteve preocupado em representar os vândalos como os bárbaros que haviam causado a morte de um homem santo. Já que Agostinho havia sido acometido por uma doença durante o cerco vândalo de Hipona, que durou aproximadamente 14 meses (POSSIDIUS, 1919, p.114-115). Após esse período a cidade foi conquistada e se converteu na capital do Reino Vândalo até 439 com a conquista de Cartago. (STEINACHER, 2016; HUGHES, 2017).

E, embora os vândalos possam não ter sido os únicos a efetuarem ataques a templos religiosos, promoviam os ataques não apenas através dos conflitos de ocupação, mas, sobretudo, para afirmação identitária em detrimento de possíveis expressões da romanidade, deixando marcas irreparáveis na historiografia romana.

Para Ralph Mathisen “Atos específicos de destruição, no entanto, eram raramente mencionados<sup>146</sup>” (MATHISEN, 2013, p.90, tradução nossa). Deste modo, é importante salientar que pensar a dominação vândala na África do Norte e a perseguição aos católicos não emanavam para toda sociedade. Mas antes, reservavam-se a indivíduos com status e poder reconhecidos regionalmente. Portanto, para os vândalos tais perseguições não eram compostas pela oposição ao dogmatismo religioso católico, mas pelo grau de influência exercida pelas ‘antigas’ elites romanas, das quais os bispos compunham uma parcela significativa. (POHL, 2004; HORVÁTH, 2006).

Assim, é preciso enfatizar o caráter de desmonte do Império Romano e o esgotamento da influência dos aristocratas, na tentativa de substituir a fidelidade imperial pela imposição de um modelo de conquista do Reino Vândalo. Ao comporem sua base de apoio através das comunidades que não desejavam se associar ao Estado Romano.

<sup>145</sup> “The bishop of Hippo admitted that their ‘publication’ was a matter of urgency (ep. 224.2), but the work resulted from Augustine’s need to demonstrate to his polarized audience how one should read his books” (HERMANOWICZ, 2008, p.60-61).

<sup>146</sup> “Specific acts of destruction, however, are rarely mentioned” (MATHISEN, 2013, p.90).

Para Walter Pohl (2015) esse processo de incorporação havia se tornado um recurso valioso para os Reinos Bárbaros, pois havia atuado através de elementos identitários que reafirmavam sua diferença dos romanos, que como observamos ao longo desse capítulo, já tinham uma representação bastante associada à corrupção, principalmente entre as camadas subalternas. (POHL 2004; POHL, 2015).

Alguns desses elementos que enfatizavam a diferenciação dos vândalos com os romanos, havia sido a imposição do Arianismo aos membros da corte vândala. É possível ainda considerar, que para eles a assimilação popular ao arianismo marcaria o ápice de sua conquista. Porque, para os vândalos a dominação era entendida não através da simples conquista territorial, mas também da incorporação de populações, “A esse respeito, a doutrina [religiosa] não deriva de divisões étnicas, mas das necessidades administrativas imediatas dos vândalos<sup>147</sup>” (NOFZIGER, 2012, p.100, tradução nossa). Logo, impor a doutrina ariana, portanto, significava consolidar o poderio vândalo e seu estabelecimento na África do Norte.

Para o arqueólogo Ralf Bockmann (2012) o período de predomínio vândalo é representado na cultura material como um período de continuidades do assentamento romano na África, com algumas características específicas do período vândalo, tais como: a existência de expansões e melhoria de antigos edifícios romanos. De modo que é possível considerar uma forte tendência dos vândalos a expressar status e riqueza pelo predomínio das relações comerciais mediterrânicas, “Os reis vândalos também requisitaram a criação de construções imponentes como os novos governantes do Norte da África<sup>148</sup>” (BOCKMANN, 2012, p.5, tradução nossa). Ele também considerou uma preferência vândala pelo abandono dos centros urbanos e, um aumento sistemático das periferias. Para Bockmann as expressões de riqueza associadas aos vândalos representariam à integração a identidade romana.

O autor assim assume uma posição metodológica que compreende as transformações citadas como um processo natural de assimilação a romanidade. Entretanto, Bockmann não esteve atento e não conseguiu observar que a sistemática preferência pelo abandono dos centros urbanos e ampliação das regiões periféricas das cidades no período vândalo, pudesse representar a busca de um distanciamento das fortes expressões da romanidade.

Pois, conforme Norma Mendes, Regina Bustamante e Jorge Davidson (2005) nos apresentam,

---

<sup>147</sup> “*In this respect, the [religious] doctrine was derivative not of ethnic divisions, but the immediate administrative needs of the Vandals*” (NOFZIGER, 2012, p.100).

<sup>148</sup> “*The Vandal kings also required impressive buildings as the new rulers of North Africa*” (BOCKMANN, 2012, p.5).

o imperialismo é um processo da cultura metropolitana, entendida como um conjunto de códigos de identificação, referência e distinção geográfica, controle, autoridade, dependência, vantagem e desvantagem, cuja função é a de sustentar, elaborar e consolidar a prática imperial (MENDES, BUSTAMANTE, DAVIDSON, 2005, p.21-22).

E consistida basicamente em gerenciar a dependência local e regional das cidades aos centros administrativos imperiais, já que, até as relações comerciais entre cidades eram definidas e compostas através da burocracia senatorial.

João Carlos Freitas (2012) também relacionou o imperialismo romano ao processo de urbanização. Para ele, a construção das cidades romanas evidenciava a aplicação dessa prática ao “reproduzir nas cidades provinciais o modelo de sua capital, construindo réplicas das edificações e distribuindo-os ao longo das cidades como em Roma” (FREITAS, 2012, p.172). Além disso, Freitas também sugere que a arquitetura urbanística era definidora de status, riqueza e categorização social, “periferizando os pobres e centralizando os ricos” (FREITAS, 2012, p.176). Na medida em que, a expansão romana ia impondo um processo de conquista, reconfigurar as cidades, era essencial para “levar o estilo de vida romano para os povos conquistados” (FREITAS, 2012, p.177).

Portanto, considerando que os vândalos tinham essa compreensão, visto que, as políticas religiosas instituídas no Norte da África expressavam uma oposição às práticas imperialistas romanas. Conseguiríamos acessar uma identidade autoconstruída na guerra contra a romanidade, que demonstra uma intensa rejeição à classificação de assimilados, integrados e/ou romanizados.

Em perspectiva semelhante, Guido M. Berndt (2015) considera que o abandono dos centros urbanos não foi uma exclusividade dos vândalos e, enfatiza que é possível que essa tenha sido uma tentativa de receber o apoio das populações locais. Além de acreditar que, “Uma explicação para o declínio dos assentamentos urbanos para além dos centros do Reino Vândalo poderia ser o surgimento de comunidades/federações independentes mais para o interior, como a fundação de vários Reinos Berberes ao longo e além das fronteiras<sup>149</sup>” (BERNDT, 2015, p.85, tradução nossa).

Além disso, Helmut Castritius (2010) nos apresenta que os aristocratas vândalos após conquistarem Cartago, haviam reconfigurado o espaço urbano ao se empossarem das propriedades de membros influentes da sociedade romana imperial, e que seu efeito havia

---

<sup>149</sup> “One explanation for the decline of urban settlements beyond the centers of the Vandal kingdom could be the rise of independent communities/federations further inland, with the foundation of several Berber kingdoms along and beyond the frontier” (BERNDT, 2015, p.85).

sido bastante simbólico, uma vez que, permitiu a construção de áreas exclusivamente ocupadas pelos aristocratas vândalos, que ficou conhecida nas narrativas medievais e na historiografia contemporânea como *Sortes Vandalorum*.

Os guerreiros vândalos e suas famílias foram instalados com exclusividade em partes da importante e economicamente mais forte província, a África Proconsular. De modo que os colonos vândalos emergiram em uma zona especial, as *Sortes Vandalorum*, da qual a população romana provincial foi retirada e gradualmente reassentada<sup>150</sup> (CASTRITIUS, 2010, p.372, tradução nossa).

Outra importante estratégia do Reino Vândalo para manter sua soberania, e não sofrer com o processo de integração de membros romanos indesejados, havia sido a imposição da proibição dos casamentos interétnicos, na tentativa de resguardar a cúpula vândala, e impedir que espíões acessassem os círculos de confiança dos reis vândalos.

Os casamentos interétnicos dentro das elites (vândalas) foram fortemente criticados, com referência ao exemplo de Jó, que, de acordo com um comentarista anônimo, nunca teria pensado em constituir matrimônio com uma mulher de raça estrangeira<sup>151</sup> (CASTRITIUS, 2010, p.373, tradução nossa).

Além da possibilidade de avaliar a importância da vida religiosa e dos discursos bíblicos nesta citação acima, apontando para a pouca distinção entre vida religiosa e política às quais a historiografia romana estava inserida. Observe que, a crítica dirigida aos casamentos detém-se particularmente entre os líderes, *Führungsschicht* (a elite), aos quais poderiam considerar que os casamentos interétnicos, isto é, entre romanos e vândalos, era uma estratégia de impedir o resgate de influências e poderes políticos perdidos pela antiga elite romana da província.

Assim, esta proposta deveria proteger a dominação vândala de uma possível recuperação romana através dos casamentos ou mesmo para evitar conflitos internos causados pelas divergências de interesses por membros não-vândalos e, ainda para não colocar em risco a hereditariedade do reinado, já que sem esta proibição alguns romanos poderiam ser incorporados na cúpula social e a aristocracia vândala.

<sup>150</sup> “Die vandalischen Krieger und ihre Familien wurden ausschließlich in Teilen der wichtigsten und wirtschaftlich stärksten Provinz Africa Proconsularis angesiedelt, so dass im Bereich der *sortes Vandalorum*, der Siedlerstellen der Vandalen, eine Sonderzone entstand, aus der die provinziäl-römische Bevölkerung herausgenommen und sukzessiv umgesiedelt wurde” (CASTRITIUS, 2010, p.372).

<sup>151</sup> “wurden interethnische Heiraten innerhalb der Führungsschicht scharf kritisiert, unter Verweis auf das Beispiel Hiobs, der nach dem anonymen Kommentator nie auf den Gedanken gekommen wäre, mit einer Frau aus fremder Rasse den Ehebund zu schließen” (CASTRITIUS, 2010, p.373).

As expressões de riquezas que são mencionadas por Bockmann, e que também aparece em Procópio, não seriam necessariamente uma prova da assimilação. Mas, ao contrário, se considerarmos uma sistemática hierarquização de povos<sup>152</sup> como propõe Andrew Gillet (2002), cunharíamos uma perspectiva que demonstra um desejo dos vândalos de se autorrepresentarem como uma potência militar, econômica e sociocultural, que como pretendemos expor, também é evidente nas narrativas romanas.

Essa dimensão do triunfo vândalo na África é imperativa para compreender os discursos de Salviano, que acreditamos que junto de Paulo Orósio tenham sido os principais seguidores da tradição narrativa surgida com Agostinho. Porque assim como o bispo de Hipona eles tentaram compreender a derrota de um Império Cristão, “antigamente os romanos como pagãos venciam e reinavam, e agora que são cristãos estão sendo vencidos e escravizados<sup>153</sup>” (SALVIANI, 1877, p.84, tradução nossa). Mas, ao contrário de Salviano, Agostinho não considerava que Roma havia sido atingida pelo flagelo ou pela negligencia de Deus aos seus servos, mas pela ira dos próprios homens.

Em relação a isso, Agostinho tinha uma perspectiva não espiritual acerca do fim do Império Romano, pois comparativamente afirmava que nada havia restado da cidade de Sodoma “Não ficou um só animal do rebanho, um só homem, uma só casa [...] Da cidade de

---

<sup>152</sup> Andrew Gillet (2002b) acredita que etnicidade dos Reinos Bárbaros eram definidoras dos relacionamentos externos, não apenas com romanos, mas também entre bárbaros, sendo esta, uma maneira de consolidar estruturas hierárquicas entre povos, através de discursos de poder “*The study of ethnic groups is really the study of the 'topography of power' of the early medieval West. Ethnicity is elevated from a circumstantial particular to a shaping ideology: 'ethnic discourse became the key to political power', a discourse on par with the 'discourse systems' of Roman imperial and Christian ideologies*” (GILLET, 2002b, p.86). Aparentando assim, uma constante e intensa rivalidade entre os Reinos Bárbaros para legitimar os discursos de superioridade, em exemplo observe a hostilidade entre vândalos e godos apresentado por Olympiodorus de Tebas no séc. V “*The Vandals call the Goths Trulli because, when the Goths were oppressed by hunger, they bought grain from the Vandals at one solidus per trulla [spoon]. A trulla is less than one-third of a sextarius*” (apud GILLET, 2002a, p.1). Para Gillet, a frase de Olympiodorus evidencia parte do processo migratório dos godos e vândalos e a tentativa fracassada dos godos atravessarem os Pirineus em 414, deste modo, “*The Vandals, secure in the Spanish seats they had occupied three years earlier, exploited the Goths' suffering by selling them grain at a price several hundred times above the usual rate, demanding a gold solidus for each spoonful*” (GILLET, 2002a, p.1). Evidenciando um discurso que inferioriza os godos frente aos sucessos migratórios e militares dos vândalos. Guy Halsall (2007a) parece estar em concordância com Gillet quando refere-se que a etnicidade é uma identidade forjada nos constantes relacionamentos entre povos. Destaca ainda que, etnia e identidade podem ser conceitos distintos, mas que se conectam em momentos práticos do contato sócio-cultural, deste modo, a identidade seria uma característica para o reconhecimento étnico. Halsall evidenciando a complexidade da temática, acredita que a etnicidade não é apenas um discurso de poder para atestar superioridade como define Gillet, para Halsall a etnia também pode ser forçada involuntariamente sobre ocasiões de conflito, “*It is important, though, to note that ethnic relations are frequently unequal. 'Performed ethnicity' might be forced upon members of one group by those of another more powerful ethnic body*” (HALSALL, 2007a, p.40). Deste modo, podemos considerar que os vândalos tiveram que permanecer em oposição a romanidade, decorrente da forte influência do clero católico e das estruturas imperiais no Norte da África.

<sup>153</sup> “*cum Romani quondam pagani et vicerint et regnaverint, nunc Christiani et vincantur et serviant*” (SALVIANI, 1877, p.84); “*I admitted that the very people who, as pagans, conquered and ruled the world, are being conquered and enslaved, now that they have become Christians*” (SALVIAN, 1930 p.190).

Roma, porém, quantos fugiram e hão-de voltar, quantos ficaram e se salvaram, quantos, nos lugares sagrados, não foram atingidos!” (AGOSTINHO, 2013, p.44). Portanto, o bispo de Hipona faz diversos paralelos bíblicos para demonstrar que o sofrimento dos cristãos era algo natural da vida humana e não tinha relações com uma suposta impiedade de Deus.

Entretanto, em oposição a esta perspectiva Salviano acreditava que: “aqueles que pecam consciente de seus atos, negligenciam a lei de Deus e são tão ignorantes como aqueles que não foram instruídos<sup>154</sup>” (SALVIANI, 1877, p.84, tradução nossa). Logo, culpava os cristãos pela imoralidade, lascividade e corrupção dos ensinamentos divinos.

De acordo com Susanna Elm (2017) embora os romanos antigos não fossem cristãos eles se mantinham “justos, virtuosos e vitoriosos, e assim, receberam o privilégio da lei divina como um meio de melhorar a si mesmos, mas eles se rebelaram<sup>155</sup>” (ELM, 2017, p.13, tradução nossa). E na medida em que os romanos-cristãos questionaram a justiça divina e viviam em pecado foram punidos pela ira de Deus como uma forma de redenção a aqueles que aceitavam seu martírio.

Para Gilvan Silva e Caroline Soares (2013) escritores não cristãos tinham “o pressentimento de que o ‘fim’ do Império era iminente se acentuou em meados do século III” (SILVA, SOARES, 2013, p.144), em paralelo com a ascensão do cristianismo. Os autores ainda destacam as tentativas de Cipriano de Cartago de justificar essa época de ‘destruição’, onde “recomenda aos cristãos resignação e paciência em face do fim dos tempos” (SOARES, SILVA, 2013, p.145), visão esta que estava associada com as profecias dos textos bíblicos.

Com relação às ansiedades apocalípticas, Patrick Geary (2005) evidencia que há um impulso escatológico na narrativa histórica cristã refletindo em uma percepção temporal cíclica e imutável, isto é, uma história repetitiva que consistia na reprodução e universalização de todos os eventos descritos nos textos sagrados.

Perspectiva essa, que já havia sido apresentada por Edward Hallett Carr (1996), na qual conclui que a influência do pensamento e doutrina cristã passou a intervir na escrita da História, em prol de assimilações do discurso bíblico e apostólico: “os cristãos, que introduziram um elemento inteiramente novo ao postularem uma meta em direção da qual se move o processo histórico - a visão teleológica da história” (CARR, 1996, p.121). Associa,

---

<sup>154</sup> “*peccare eos, qui scientes neglegant legem dei quam qui non faciant nescientes*” (SALVIANI, 1877, p.84); “*Those who know the law of God and neglect it are more guilty than those who fail to observe it through lack of knowledge*” (SALVIAN, 1930 p.190).

<sup>155</sup> “*just, virtuous and victorious, and hence they have been granted the privilege of the divine law as a means to better themselves even further, but instead they had rebelled*” (ELM, 2017, p.13).

portanto, a comunidade cristã como elemento transformador da historiografia da Primeira Idade Média e todo o período medieval.

Parte dessa transformação reside na possibilidade e liberdade criativa dos autores cristãos promoverem análises de seu tempo presente. Fator que para os autores clássicos a intervenção da narrativa histórica era inadmissível, e quando postulados explicitamente a parcialidade dos autores, poderia ocasionar a inutilização da obra como referência para autores contemporâneos, prejudicando inclusive sua circulação.

Nesse sentido, com o advento da cristianização da historiografia clássica e devido ao seu caráter apostólico, as representações da vida material também passaram a se associar a moralidade, e a luz das interpretações cristãs do tempo presente. Tornando-se base das legitimações dos discursos históricos cristãos que estava em construção nesse período.

De acordo com Rossana Pinheiro (2013a) para os romanos pagãos do século V essa perspectiva escatológica do tempo refletia na inconsistência do relacionamento entre os interesses da cristandade e do Império Romano. Isso porque “O cristianismo também defendia virtudes que se contrapunham ao crescimento imperial como, por exemplo, a mansidão, a não retribuição do mal com mal, o dar a outra face, a humildade e o pacifismo” (PINHEIRO, 2013a, p.308).

Entretanto, Richard Corradini (2018) observa que para os antigos romanos a reforma na compreensão do tempo, associada aos textos bíblicos, impactava sobre a história pagã de Roma, pois:

Argumentar contra uma construção imaginada de um passado romano idealizado, concebido como essencialmente instável, ajudou Agostinho a reduzir a contingência histórica e fornecer um presente mutável e complexo com coesão social e estabilidade cristã visionária<sup>156</sup> (CORRADINI, 2018, p.107, tradução nossa).

Portanto, a romanidade e o Estado Romano passam a ser contestados como instituições instáveis que estavam sujeitas as vontades de um imperador, ou de uma minoria governante, como o Senado. A autoridade eclesiástica passa gradualmente a ser compreendida como inalienável e incorruptível, pois emanariam das vontades de Deus, devendo, portanto, ser uma instituição que preservaria o status civilizatório através do estabelecimento e da manutenção de uma norma moral, “a conversão ao cristianismo poderia ser interpretada como uma

---

<sup>156</sup> “*Arguing against an imagined construction of an idealized Roman past that is conceived to be essentially unstable helped Augustine to reduce historical contingency and to provide a mutable, complex present with social cohesion and a visionary Christian stability*” (CORRADINI, 2018, p.107).

exigência para garantir a estabilidade da civilização<sup>157</sup>” (CORRADINI, 2018, p.109, tradução nossa). Assim, é possível observar a implementação de um processo de transferência de poderes institucionais, e que ao mesmo tempo servia como um recurso de aproximação das classes populares com as classes dominantes, nem sempre romanas ou senatoriais. Principalmente em partes do Império onde o processo de integração e assimilação da romanidade não foi tão significativo como nas províncias africanas, o próprio cristianismo desempenhou um papel de autoridade política e social em áreas e comunidades que o Império não havia conseguido penetrar.

Para Salviano diferente dos ‘antigos romanos’ os vândalos não se submeteram aos prazeres mundanos ao serem beneficiados com os ‘dons divinos’ representativos da prosperidade material adquirida. Para ele, a fé e moralidade romana haviam sido corrompidas pelos vícios da ganância, depravação e imoralidade que afastou e provocou a ira de Deus.

Conforme Glenn W. Olsen (1982) nos apresenta que, Salviano desejava apresentar que mesmo após a conversão dos imperadores ao Cristianismo, os romanos se mantinham pagãos, se não em sua confissão religiosa, ao menos em sua atitude. Olsen nos revela que Salviano acreditava que era necessário retomar aos ideais cristãos do Cristianismo Primitivo quando ainda não havia a institucionalização da Igreja Católica.

No entanto, para atingir esse objetivo, era necessária uma transformação radical do próprio cristianismo, a começar pela sua dissociação da Igreja e do Império “Deus está mostrando seu julgamento sobre a Roma cristã infiel, e a única esperança está em uma reforma completa, segundo o padrão de vida dos primeiros cristãos<sup>158</sup>” (OLSEN, 1982, p.2, tradução nossa). Portanto, é possível que ele considerasse a consolidação dos Reinos Bárbaros como uma nova etapa da criação, ou ao menos, como um período de reforma dos homens e da Igreja, que assim como o dilúvio amaldiçoou os maus (romanos) e glorificou os bons (bárbaros).

em qualquer lugar o julgamento de Deus é perpétuo. Os fatos nos mostram o julgamento de Deus sobre nós, ou mesmo sobre os Godos e os Vândalos, como exemplo: Eles se fortalecem diariamente, enquanto nós enfraquecemos, eles são exaltados e nós humilhados, eles florescem e nós secamos, e como aquela promessa das Sagradas Escrituras sobre Saul e David também, podem vir a ser verdade para nós: ‘Porém, David progredia e sempre se mantinha firme, mas a casa de Saul enfraquecia dia a dia’ (II

---

<sup>157</sup> “convert to Christianity can be interpreted as a demand to guarantee the stability of civilization” (CORRADINI, 2018, p.109).

<sup>158</sup> “God is showing his judgment on unfaithful Christian Rome, and the only hope lies in thoroughgoing reformation after the pattern of life of the first Christians” (OLSEN, 1982, p.2).

Samuel 3:1). Certamente Ele é justo, como dizia o profeta: ‘Justo é o Senhor e retos são Seus julgamentos’ (Salmos 119:137)<sup>159</sup> (SALVIANI, 1877, p.92, tradução nossa).

Uma prática comum nos discursos eclesiásticos da Primeira Idade Média que essa citação reflete é a tentativa de Salviano, assim como Agostinho, em promover arquétipos compreendendo-os como exemplos de santidade, mas que em Salviano são construídos a partir dos exemplos morais, conforme veremos no próximo capítulo.

Para Rossana Pinheiro (2014c) as relações entre a comunidade local e as igrejas no Norte da África refletem experiências negociadas a partir das expressividades do simbolismo da morte, e que permitem a observação dos relacionamentos sociopolíticos construídos através dessas entidades religiosas. Isto é, através das preocupações e exigências das comunidades, os clérigos desenvolviam respostas adequadas para que as doutrinas e dogmas refletissem sobre as realidades e necessidades locais.

Nesse sentido, a santidade era uma prática simbólica para a reflexão dogmática adotada por essas comunidades, e ao contrário de Agostinho que reivindicava as figuras de Noé, Job e Daniel como orientação para o dogmatismo católico, Salviano parte do princípio da condição moral que os cristãos deveriam assumir.

Segundo suas palavras: “o que Ele exige tanto de nós, se não apenas que satisfaçamos Suas ordens, que possamos apenas ter fé, castidade, humildade, sobriedade, misericórdia e santidade?<sup>160</sup>” (SALVIANI, 1877, p.86, tradução nossa). Para ele, não cabia a Deus julgar os homens pela doutrina cristã que se filiavam, mas por suas ações e conduta moral, independentemente da versão cristológica que essas pessoas estavam sujeitas.

Assim como Agostinho estava convicto sobre o fim do Império Romano e tentou dissociar o catolicismo da romanidade. Da mesma maneira, para Salviano a Igreja Católica como uma instituição dogmática e disciplinadora das identidades no Norte da África estava

---

<sup>159</sup> “*ubi dei iuge iudicium est. Quid enim vel de nobis vel de Gothis ac Wandalis deus iudicet, res probat: illi crescunt cotidie, nos decrescimus, illi proficiunt, nos humiliamur, illi florent et nos arescimus. Ut vere in nos veniat dictum illud, quod de Saul ac David ait sermo divinus: quia David erat proficiens et semper se ipso robustior, domus autem Saul decrescens cotidie. Iustus est enim, ut propheta ait, iustus est dominus et rectum iudicium suum*” (SALVIANI, 1877, p.92); “*the judgment of God is constantly manifested. Recent history shows his verdict both upon us and upon the Goths and Vandals; they increase daily while we diminish; they gain in power while we are humbled; they flourish and we wither away. So the words of the Holy Scriptures concerning Saul and David may be truly spoken of us also: ‘David waxed stronger and stronger, and the house of Saul waxed weaker and weaker’. For the Lord is righteous, as the prophet says: ‘He is righteous and his judgments are upright’*” (SALVIAN, 1930, p.150-151).

<sup>160</sup> “*Quid namque a nobis exigit, quid praestari sibi a nobis iubet, nisi solam tantummodo fidem, castitatem, humilitatem, sobrietatem, misericordiam, sanctitatem?*” (SALVIANI, 1877, p.86); “*What does he exact of us, what does he order us to offer him, save only faith, chastity, humility, sobriety, mercy and sanctity?*” (SALVIAN, 1930, p.143).

fadada ao esgotamento de sua influência, fazendo-o reconsiderar um cristianismo autônomo do Império e da Igreja. Mas passível de novas experiências através dessa maneira de observar a fé cristã. Atribuindo a ela não uma instituição dogmática, mas uma conduta, Salviano considerou a possibilidade de conferir aos vândalos e outros bárbaros a herança da promessa de salvação.

## Capítulo 2:

### A identidade vândala para os clérigos católicos do século V

Neste capítulo iremos examinar como os vândalos foram retratados pelos clérigos católicos do século V, surgidos nas narrativas cristãs para debater as contribuições dos povos vândalos ao se associarem ao mundo romano. Salviano, por exemplo, contestou a hierarquia eclesiástica e indicou o fim iminente do mundo romano ao tomar o estabelecimento do Reino Vândalo como algo que colaborou para a ascensão de uma sociedade mais próxima dos desígnios de Deus, visto que considerava a sociedade romana moralmente corrompida. Assim, tomando contato com essas perspectivas em meados de 430 Idácio de Aquae Flaviae esteve determinado a construir uma oposição sólida a Salviano ao propor que a ascensão dos povos alanos, vândalos, suevos e visigodos na Hispânia revelavam o cumprimento da profecia apocalíptica de Daniel. Esse debate de caráter moral e teológico também repercutiu na produção da História das Perseguições de Victor de Vita em meados de 480, que observando a falha de Idácio em considerar que o fim do Império Romano no Ocidente também culminaria no fim dos tempos, descreveu as províncias africanas como inóspitas para os chamados romanos-católicos a fim de associar essa população aos romanos no Oriente e exigir a intervenção imperial para restabelecer a posse romana dessa região. Portanto, nesse capítulo examinaremos a produção das seguintes fontes: Salviano, Idácio de Aquae Flaviae e Victor de Vita<sup>161</sup>, que acreditamos estarem diretamente associadas umas as outras, através dos elementos que foram referenciados acima.

#### 2.1. Salviano: Padre e mestre de bispos na Provença (390-484)

Deste modo, nessa parte evidenciaremos o contexto histórico de Salviano que colaborou para a produção de sua obra *De Gubernatione Dei*, do qual o livro VII faz referências a uma percepção bastante singular da identidade vândala, pois acreditamos que ela tenha sido fruto das percepções não apenas de Salviano, mas do clero provençal como um todo a qual ele integrou.

---

<sup>161</sup> *De Gubernatione Dei*, a obra foi concebida em oito livros, entretanto, para nossa análise utilizaremos apenas o livro VII, por concentrar nesse livro a perspectiva de Salviano sobre os vândalos, permitindo que direcionemos as atenções apenas para as partes fundamentais, outras partes como o prefácio e o livro VIII são utilizados em casos pontuais. As demais fontes, como a *Historia Persecutionis* de Victor de Vita e a *Chronici* escrita por Idácio serão utilizadas na íntegra.

Eva Sanford (1930), Cam Grey (2006) e Rossana Pinheiro (2014a) afirmam que o Salviano pode ter nascido em Trier (*Augusta Treverorum*) ou em Colônia (*Claudia Ara Agrippinensium*), no final do quarto século, possivelmente em 390<sup>162</sup>, pois em sua obra *De Gubernatione Dei* “O relato da captura de Trier em seu sexto livro, no entanto, deixa claro que seu cidade natal estava perto da fronteira do Reno [...] sua familiaridade com toda a região é inconfundível<sup>163</sup>” (SANFORD, 1930, p.8, tradução nossa). A consideração de que ele teria nascido em Colônia está fundamentado em uma carta que escreve ao abade de Lérins, aonde assinala ligações familiares com uma viúva e um jovem rapaz, este último, tendo fugido de Colônia, foi enviado para Marselha na época em que Salviano era presbítero.

Esta carta, portanto, seria a recomendação para que o jovem fosse aceito no mosteiro de Lérins, embora, sua carta não indique o grau de parentesco do jovem. Salviano dedica-se a evidenciar a origem aristocrática de sua família que perdeu suas propriedades e riquezas para o Reino Bárbaro que ali se estabeleceu.

entre seus pares ele não era desprovido, sua família não era desconhecida e sua casa não era insignificante, e talvez, eu devesse falar mais sobre ele, mas se ele não fosse meu [parente] eu poderia ter mais a dizer. De fato, sei que disse pouco sobre ele, mas certamente acabaria falando mais sobre mim mesmo, já que frequentemente me vejo falando sobre isso<sup>164</sup> (SALVIANI, 1877, p.108, tradução nossa).

Embora fosse uma recomendação, a carta fala muito pouco sobre o rapaz, conforme observamos na citação acima, Salviano se resguarda para não falar dele próprio, já que nas primeiras décadas do século V, ele havia passado pela mesma situação em que o jovem se encontrava, questão que discutiremos mais a frente.<sup>165</sup>

Essa carta, basicamente se restringe a apresentar a origem aristocrática de sua família, e principalmente a glorificar a santidade da mãe viúva do rapaz, mas que devido ter perdido suas riquezas, não tinha recursos suficientes para planejar sua fuga “ela trabalha em troca de seu sustento, a ponto de alugar suas mãos para as esposas dos bárbaros. De tal maneira que

<sup>162</sup> Adam Schaff faz um breve comentário na obra *De Viris Illustribus* de Genadius que dedica o capítulo LXVIII a Salviano, em nota o editor menciona que Salviano “Born about 390, Presbyter about 428, died about 484” (SCHAFF, 1892, p.397).

<sup>163</sup> “The account of the capture of Trèves in his sixth book, however, makes it clear that his native district was near the Rhine frontier [...] his familiarity with the whole district is unmistakable” (SANFORD, 1930, p.8).

<sup>164</sup> “inter suos non parvi nominis, familia non obscurus, domo non despicabilis, et de quo aliquid fortasse amplius dicerem, nisi propinquus meus esset. Hoc enim fit ut minus dicam, ne de me ipso dicere videar de illo plura dicendo” (SALVIANI, 1877, p.108); “He was well-born and is now welloff. He is one about whom I should perhaps say something more, were it not that he is my kinsman. Thus it happens that I do not say all I could, lest I seem to speak about myself by speaking further about him” (SALVIAN, 1947, p.238).

<sup>165</sup> O relato sobre a fuga de Salviano de Trier para Arles, e posteriormente para as Ilhas Lérins serão apresentadas nas páginas 107 e 108. Além disso, na página 109 consta um mapa sobre sua migração.

por seu exemplo e pela misericórdia de Deus, ela [foi poupada dos] grilhões da escravidão. E embora viva em condição de cativo, ela é serva apenas da pobreza<sup>166</sup>” (SALVIANI, 1877, p.109, tradução nossa). O carinho e a constante menção da viúva por Salviano, rendendo-lhes atributos de uma mulher santa, é possível que ela fosse uma parente muito próxima de Salviano. Além disso, estando confiante na aceitação do jovem, Salviano pode ter se dedicado a apontar o estado de subsistência da viúva como um recurso retórico, para que o abade de Lérins acolhesse essa mulher, visto que, o mosteiro aceitava pessoas de ambos os sexos. (SANFORD, 1930; O’SULLIVAN, 1947; PINHEIRO, 2014a; 2014b).

Para O’Sullivan “Trier era a Roma da Gália, assim como Cartago era a Roma da África [...] Salviano poderia considerar Trier a principal cidade da Gália, mas isso não significa necessariamente que ele nasceu lá<sup>167</sup>” (O’SULLIVAN, 1947, p.3-4, tradução nossa). E embora, Salviano pudesse ter algum apreço por Trier devido à importância para sua educação, ou mesmo pelo destaque no cenário imperial que a cidade tinha. É bastante provável que sua família fosse de Colônia conforme, é destacada na carta a impossibilidade de seus parentes migrarem para outras regiões, sem a ajuda necessária, “A mãe viúva do jovem ainda morava em Colônia, onde estava desprovida de recursos para sua subsistência, ou para fugir da cidade<sup>168</sup>” (O’SULLIVAN, 1947, p.4, tradução nossa). Não faria sentido algum, o jovem ser enviado para Lérins, se houvesse alguma possibilidade de estadia em Trier, já que, à distância percorrida e os custos de viagem seriam muito menores.

Nesse embate, a referência a cidade de Trier esteve sempre associada como uma região aonde Salviano teria estudado a legislação romana<sup>169</sup> e retórica, devido às condições mais restritivas de Colônia para uma formação educacional ampla e complexa. Pois, para Sanford a erudição de Salviano aponta para uma “educação retórica completa de seu tempo<sup>170</sup>” (SANFORD, 1930, p.9, tradução nossa), e que não teria se restringido apenas a obras

<sup>166</sup> “*quod mercenario opere victum quaeritans uxoribus barbarorum locaticias manus subdit. Ita, licet per dei misericordiam vinculis captivitatis exempla sit, cum iam non serviat condicione, servit paupertate*” (SALVIANI, 1877, p.109); “*seeking food as pay for work, she has hired out her hands to the wives of the barbarians. In this way, although by the mercy of God she has been exempt from the chains of captivity, she is a servant through poverty*” (SALVIAN, 1947, p.238).

<sup>167</sup> “*Trier was the Rome of Gaul just as Carthage was the Rome of Africa [...] Salvian could consider Trier the foremost city in Gaul, but it does not necessarily follow that he was born there*” (O’SULLIVAN, 1947, p.3-4).

<sup>168</sup> “*The young man's widowed mother still lived in Cologne where she was destitute of the means of self-support or of fleeing the city*” (O’SULLIVAN, 1947, p.4).

<sup>169</sup> Para Cam Grey (2006) Salviano teria estudado a legislação romana em Arles, mas os indícios que temos evidenciado contrariam essa ideia, já que ele provavelmente deveria como membro da aristocracia gaulesa ter essa compreensão ainda jovem para se apossar de sua condição social na vida adulta, e em sua ida para Arles é possível observar a presença de uma esposa e uma filha, das quais permanecem junto a ele até sua ida ao mosteiro das ilhas Lérins, e, portanto, apresenta que ele já estava inserido nas responsabilidades de uma vida adulta. De fato, a cidade de Arles, em primeiro momento, parece ter fornecido um abrigo temporário para ele e sua família, antes de estabelecerem-se definitivamente em Lérins.

<sup>170</sup> “*full rhetorical education of his time*” (SANFORD, 1930, p.9).

clericais, motivo pelo qual Salviano não parecia estar associado a uma forte identidade católica nos primeiros anos de sua vida.

Segundo a referida autora, ele certamente teve contato com uma grande quantidade de obras da literatura romana clássica, além do grande conhecimento da legislação romana, também adquirida em Trier, que para Sanford e Grey está evidenciada em “Seu uso da linguagem e dos conceitos legais torna provável que ele tenha recebido algum tipo de treinamento jurídico durante sua juventude<sup>171</sup>” (GREY, 2006, p.164, tradução nossa). Logo, as evidências apontam que a residência familiar de Salviano pertencia a Colônia, sua provável cidade natal, enquanto que Trier parece ter sido um local de residência temporária enquanto aprendia os ofícios intelectuais necessários e acessíveis à sua camada social.

Além disso, Trier poderia ter sido uma opção viável para se distanciar das fronteiras, pois em uma ocasional invasão a cidade de Colônia estaria mais vulnerável, por ser o primeiro ponto de contato bélico, enquanto que se Salviano tivesse optado pela mudança para Trier o distanciamento teria propiciado uma chance de fuga maior, como veremos a seguir.

Devemos ainda considerar que a passagem pela cidade de Trier, segundo Eva Sanford, devido à presença das aristocracias imperiais nessa cidade, teria exercido uma influência determinante em Salviano, em particular no que tange as críticas agudas sobre o modo de vida aristocrático. (SANFORD, 1930)

De acordo com Eva Sanford em 418 a destruição da cidade de Trier por uma coligação de povos forçou Salviano e sua família a fugir para Arles, mas ela destaca que “foi uma das famílias romanas que se retiraram logo depois, por razões oficiais ou pessoais<sup>172</sup>” (SANFORD, 1930, p.11, tradução nossa). A cidade de Arles teria sido apenas um breve assentamento, que os conduziu para as ilhas de Lérins, aonde Salviano foi separado de sua família para ingressar na vida monástica a salvo das guerras de ocupação bárbara. É possível que ele mantivesse contatos constantes com sua família, mas certamente a relação deles foi estruturalmente modificada com a estadia no mosteiro.

Acreditamos também, que seus laços familiares foram decisivos para a tolerância que Salviano dispõe com pagãos e hereges, e que está presente no *De Gubernatione Dei*<sup>173</sup>, tendo

---

<sup>171</sup> “His use of legal language and concepts makes it likely that he had some kind of legal training as a young man” (GREY, 2006, p.164).

<sup>172</sup> “was one of the Roman families that withdrew soon after, either for official or private reasons” (SANFORD, 1930, p.11).

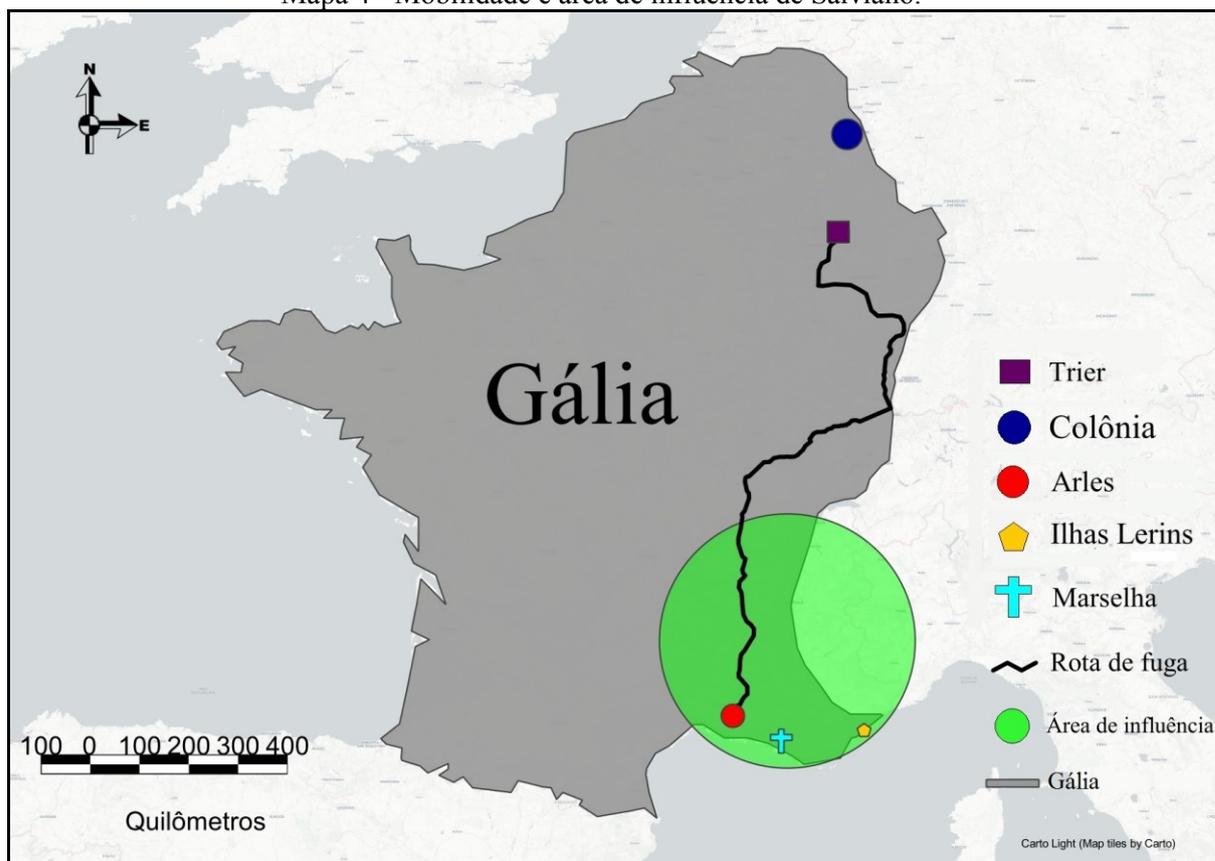
<sup>173</sup> No livro VII é possível observar certa tolerância de Salviano com pagãos e hereges, dos quais são utilizados para representar que, é mais preferível ter uma conduta moral exemplar, do que apenas se denominar como católico, e não seguir os preceitos de uma vida santa, como pode ser observado nas seguintes passagens, sobre os hereges: “Nem os godos, nem os vândalos se consideram melhores que nós nesse aspecto, embora tenham sido treinados por professores heréticos” (SALVIAN, 1930, p.200, tradução nossa); “Então, que valor pode ter nossa

origem em dois pontos distintos: primeiramente, pela pouca religiosidade expressa antes de sua ida para o mosteiro em Lérins e, em segundo plano, pelo contato com os pais de sua esposa Palladia que haviam permanecido pagãos, até serem ameaçados pela presença bárbara no Norte da Gália e buscarem a proteção das igrejas.<sup>174</sup> (SANFORD 1930, GREY, 2006)

---

reivindicação de um título religioso, que utilidade há em dizer que somos católicos, vangloriar-nos de que possuímos a verdadeira fé, desprezar os godos e os vândalos, insultando-os como hereges, quando estamos vivendo em uma depravação verdadeiramente herética?” (SALVIAN, 1930, p.203, tradução nossa). Sobre os pagãos: “Eu admiti que as mesmas pessoas que como pagãos conquistaram e governaram o mundo, estão sendo conquistadas e escravizadas, agora que se tornaram cristãs” (SALVIAN, 1930, p.189, tradução nossa); “não conheci nenhuma maldade que não existia ali, considerando que mesmo os povos pagãos e bárbaros, embora estejam em caminhos ruins, essas são características especiais de seus próprios povos, e ainda não merecem reprovação em todas as coisas” (SALVIAN, 1930, p.209, tradução nossa). Para Salviano, pagãos e hereges por não conhecerem a ‘verdadeira fé’ não poderiam ser julgados com a mesma severidade, do que aqueles que, instruídos na fé católica optaram por pecar, tendo consciência de seus pecados e da consequente ira de Deus. Deste modo, para Salviano a ignorância de não conhecerem a ‘verdadeira fé’ era contrabalançada por sua superioridade moral, mais próxima dos desejos de Deus.

<sup>174</sup> Na carta IV Salviano expressa sua solidariedade aos pais de sua esposa, provavelmente atormentados pelas migrações bárbaras, onde especula sobre o medo de seus sogros e aquele que já havia sentido anteriormente com a saída de Trier “*Our fear is the same, even if our offence does not seem the same. [...] This, indeed, is why each of us fears more for the other than for himself*” (O’SULLIVAN, 1947, p.242). Nessa carta, Salviano também revela que sua conversão havia causado desavença entre ele e seus sogros, deixando-os isolados e sem contato com a família de sua esposa por 7 anos: “*It is almost seven years since you have written to us, situated so far from you*” (O’SULLIVAN, 1947, p.243). Mas, adverte que não sentia raiva, pois os havia perdoado por saber que a repulsa deles estava orientada pela superstição que professavam enquanto pagãos: “*you, as a former pagan, did not look kindly on my conversion [...] At that time, though your love was not angry with us, your superstition still opposed us. Though a father should not have hated his daughter, error nevertheless hated truth. Now, the situation is different*” (O’SULLIVAN, 1947, p.243). Através das informações que dispomos na carta, como o isolamento de 7 anos e a distância professada, é possível que ela seja datada por volta de 425, sete anos após sua conversão e a chegada de Salviano com sua família às ilhas de Lérins.

Mapa 4 - Mobilidade e área de influência de Salviano.<sup>175</sup>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Podemos observar que sua mobilidade pelas províncias da Gália<sup>176</sup>, e principalmente, sua formação intelectual, indicam que Salviano estava inserido em uma família com grande potencial econômico, para Sanford e Grey, ele seguramente fazia parte da aristocracia imperial gaulesa, o aprendizado da legislação romana, sobretudo evidencia essa característica,

<sup>175</sup> Para recriar o possível trajeto de Salviano de Trier (*Augusta Treverorum*) até a cidade de Arles (*Arelate*), utilizamos os dados da Orbis/Stanford, respeitando a mesma sequência de cidades e traçado por meio de uma avaliação da geografia local (como rios e elevações) para obter uma referência mais próxima daquele recriado pelo Orbis, mas afirmamos que pode haver pequenas diferenças.

<sup>176</sup> Compreendemos como Gália uma macrorregião que se estendia da Diocese da Gália a Diocese das Sete Províncias, de acordo com o mapa de Peter Heather (2008, p.3) que detalha as divisões regionais e provincianas. Ambas as Dioceses pertenciam a Prefeitura Pretoriana da Gália, do qual a Diocese da Gália compreendia as seguintes províncias: Alpes Poeninae, Belgica I, Belgica II, Germania I, Germania II, Lugdunensis I, Lugdunensis II, Lugdunensis III, Lugdunensis Senonia e Maxima Sequanorum. Assim como, a Diocese das Sete Províncias: Alpes Maritimae, Aquitania I, Aquitania II, Narbonensis I, Narbonensis II, Novempopuli e Vienensis (HEATHER, 2008, p.3). Embora, se trate de um número relativamente grande de províncias, essa macrorregião que nomeamos como Gália, era conhecida assim desde os tempos de Júlio Cesar (100-44 a.C), e que se popularizou ao longo do período imperial até a Primeira Idade Média, aonde observamos nossas fontes como Salviano, Idácio de Aquae Flaviae e também Procópio de Cesareia a se referirem a essa extensão territorial ao Norte dos Alpes e entre a cordilheira dos Pirineus e o rio Reno como Gália, o mesmo vale para a Península Ibérica que ficou popularmente conhecida como Hispania e também está descrita assim nessas mesmas fontes. Deste modo, ao nos referirmos a Gália na escrita ou nos mapas, temos como objetivo descrever essa extensão territorial que delimitamos acima, e que não traz nenhum problema historiográfico ao seu uso, uma vez que inúmeros historiadores também utilizam essa referência, entretanto, quando houver a necessidade iremos nos referenciar a(s) província(s) de modo específico.

visto que esse aprendizado era uma normatividade para que os meninos da elite imperial pudessem na sua vida adulta compreender a complexidade e as dinâmicas políticas de toda administração imperial, na qual deveriam se inserir.

Em acréscimo, Eva Stanford também evidencia que Salviano tinha preconceitos sociais típicos da aristocracia imperial romana, “Para os pobres oprimidos sua simpatia é grande, mas para funcionários, soldados e cobradores de impostos e para os curiais que formavam o remanescente miserável das aristocracias locais, ele parece ter sentido apenas desprezo e desgosto<sup>177</sup>” (SANFORD, 1930, p.10-11, tradução nossa). É provável que Salviano enquanto aristocrata e cristão compreendesse as populações economicamente inferiores por meio da figura idealizada do mártir, como pessoas que sendo pobres em vida, seriam afortunadas na morte.

Entretanto, sua aversão pelas classes intermediárias da sociedade tem origem na convicção de que esse grupo impunha um intenso grau de exploração econômica aos pobres “e também nas próprias leis e na própria justiça, há instruções muito injustas e atos criminosos. Enquanto que os subordinados são forçados a seguir essas [leis] como se fossem sagradas, seus superiores continuam a oprimi-los como se não fossem nada<sup>178</sup>” (SALVIANI, 1877, p.101, tradução nossa). Para ele, a exploração tributária promovida por agentes do Estado Romano e, as imposições legislativas sobre as classes mais pobres evidenciavam um período de falência do Império Romano, “É de conhecimento de todos que o Estado já não tem mais nenhum poder, e isso é tão certo que não conseguimos mais reconhecer a benefício de quem, devemos ser gratos por estarmos vivos<sup>179</sup>” (SALVIANI, 1877, p.90, tradução nossa). Logo, Salviano considerou que o enfraquecimento do Estado Romano no Ocidente, gerou uma desordem na organização sócio-política, que os aristocratas locais utilizaram para enriquecer, através da opressão e exploração econômica das camadas inferiores da sociedade.

Salviano compreendia a sociedade de seu tempo como moralmente degenerada, em oposição ao passado romano que ele considerava glorioso. A sua época era vista por Salviano

---

<sup>177</sup> “For the downtrodden poor his sympathy is great, but for clerks, soldiers and tax collectors, and for the curials who formed the miserable remnant of the local aristocracies, he seems to have felt only scorn and distaste” (SANFORD, 1930, p.10-11).

<sup>178</sup> “Ac sic in ipsis legibus et in ipsa iusta rerum praeceptione maximum iniustitiae scelus agitur, cum ea minores quasi sacra observare cogantur, quae maiores iugiter quasi nulla conculcant” (SALVIANI, 1877, p.101); “Thus in the laws themselves and in the execution of justice, injustice is most criminally wrought, since the lesser men are compelled to observe as sacred the laws that their betters continually trample under foot as of no importance” (SALVIANI, 1930, p.219).

<sup>179</sup> “Nullas esse iam rei publicae vires omnium conscientia est, et ne sic quidem agnoscimus, cuius hoc beneficiis, quod adhuc vivimus, debeamus” (SALVIANI, 1877, p.90) “It is common knowledge that the state has no longer any strength, yet not even now do we acknowledge to whose favor we owe it that we still live” (SALVIANI, 1930, p.199).

como conflituosa com os preceitos cristãos de uma vida plena com Deus e de auxílio mútuo entre os homens. De acordo com Cam Grey (2006) e Goffart (2009) a comunidade idealizada por Salviano deveria sustentar relações de amparo aos mais pobres e, reciprocidade com os poderosos (GREY, 2006; GOFFART, 2009).

Embora Salviano atribua uma responsabilidade social maior dos ricos para com os pobres, ele prefere indicar que a corrupção cerceou toda sociedade romana, “a avareza desumana é uma característica maléfica de quase todos os romanos. [É difícil] negligenciar sua embriaguez, que é comum tanto aos nobres quanto aos humildes<sup>180</sup>” (SALVIANI, 1877, p.95, tradução nossa), e que dos pecados cometidos pelos romanos o mais abominável era a avareza, o luxo e uma convicção de superioridade militar, pois fez com que a fé romana fosse depositada nos homens e no Estado, e não em Deus.

Assim, os romanos ao se resguardarem em seu orgulho, estiveram tão convictos de sua vitória por sua superioridade militar e cultural, que não haviam buscado a proteção e o apoio de Deus, tal como os godos e vândalos haviam feito,

que em momentos críticos, eles clamavam por socorro a Deus, e em suas vitórias davam graças a Ele [...] De fato, quando os godos ficavam com medo depositavam sua esperança em Deus, e nós confiávamos em nossos hunos<sup>181</sup> (SALVIANI, 1877, p.90, tradução nossa).

Para ele, a ameaça bárbara era menos brutal, pois a opressão tributária do Império deu origem a um processo de transição da posse das propriedades nas províncias da Gália dos pequenos proprietários para os aristocratas locais. (GREY, 2006; GOFFART, 2009).

Para Cam Grey a obra *De Gubernatione Dei* de Salviano é extremamente rica para avaliar as relações que ele define por ricos (aristocratas locais) e pobres (pequenos proprietários) e, a motivação de fugir das tributações abusivas que durante todo o século V teve aumentos sucessivos<sup>182</sup> (HEATHER, 2008).

---

<sup>180</sup> “*avaritiae inhumanitatem, proprium est Romanorum paene omnium malum: relinquatur ebrietas, nobilibus ignobilibusque communis*” (SALVIANI, 1877, p.95); “*their inhuman avarice, an evil characteristic of most of the Romans; let their drunkenness be left unmentioned, since it is common to noble and base alike*” (SALVIANI, 1930, p.209).

<sup>181</sup> “*qui et in discrimine positi opem a deo postulant et prosperitates suas munus divinitatis appellant [...] Cum enim Gothi metuerent, praesumeremus nos in Chunis spem ponere, illi in deo*” (SALVIANI, 1877, p.90); “*when they are in danger they beg help of God and they call their prosperity the gift of his divine love [...] the Goths through fear put their hope in God, and we through presumption put ours in the Huns*” (SALVIANI, 1930, p.200).

<sup>182</sup> A respeito da base tributária do Império Ocidental, Peter Heather (2008) nos dá uma importante dimensão de que os impostos nas províncias periféricas a Península Itálica após 410 representava o dobro daquilo que constituíam os mais elevados na metade Oriental do Império, colaborando para as insatisfações e busca de autonomia local apontada por Averil Cameron (2008). Em contraposição as elevadas tributações, Heather

De acordo com ele, a análise da narrativa de Salviano aponta para uma normatividade das relações entre ricos (aristocratas locais) e pobres (pequenos proprietários) nas regiões onde o Império tinha maior predominância política e seus aparatos tributários e fiscais tinham maior impacto. Assim, ele esclarece que nessas regiões, os pequenos proprietários concediam suas terras aos indivíduos politicamente influentes como forma de se abster da responsabilidade pelas tributações, ou mesmo como forma de proteção contra os cobradores de impostos. (GREY, 2006).

Logo, a compreensão de Salviano era de que essa dinâmica tornaria as sucessivas gerações cada vez mais pobres, e sem qualquer possibilidade de confronto político ou econômico. Para ele esse processo era mais brutal, pois foi desempenhado por uma comunidade que deveria auxiliar seus pares (romanos), tornando seu questionamento sobre a superioridade romana bastante compreensível,

Como julgamos que podemos estar diante de Deus, pensarmos que podemos ser salvos, quando todos os atos malignos e impuros, toda infâmia da degradação sexual são aceitas entre os romanos, enquanto os bárbaros a condenam?<sup>183</sup> (SALVIANI, 1877, p.88, tradução nossa).

Nesse caso, Salviano observou o processo de assentamento e construção dos Reinos Bárbaros, como uma alternativa a intensa exploração aristocrática romana. Para Salviano ao contrário dos romanos, os vândalos não tinham qualquer compromisso social com a sociedade que se inseriam e, ao se estabelecerem na África teriam dado fim aos vícios romanos que os distanciava de Deus, e a violência desse processo poderia ser justificada como punição divina aos homens que se declaravam cristãos, mas não assumiam as responsabilidades de uma vida santa.

estes são seus grandes e notáveis méritos, eles não trabalharam apenas para não poluírem a si mesmo, mas também cuidaram para que os outros não se tornassem impuros. Sem dúvida, eles são de alguma maneira responsáveis pela salvação humana. Eles não agiam apenas para si como uma boa pessoa, mas se esforçaram para fazer com que os outros parassem de ser maus<sup>184</sup> (SALVIANI, 1877, p.100, tradução nossa).

---

apresenta que houve um exclusivismo tributário à Península Itálica onde foram reduzidos até oito vezes, a fim de, permitir um maior rendimento para as elites imperiais.

<sup>183</sup> “*Et putamus nos ante deum posse consistere, putamus posse nos salvos esse, quando omne impuritatis scelus, omnis impudicitiae turpitude a Romanis admittitur et a barbaris vindicatur?*” (SALVIANI, 1877, p.88) “*Do we think that we can stand before God, do we think that we can attain salvation, when every crime of impurity, every disgraceful vice, is committed by the Romans and censured by the barbarians?*” (SALVIANI, 1930, p.196).

<sup>184</sup> “*illud magni ac singularis est meriti, non solum ipsum labe non pollui, sed providere etiam ne umquam alii pollutantur. Procurator enim est quodammodo salutis humanae, qui non tantum id agit, ut ipse bonus sit, sed*

Assim, de acordo com a citação acima, podemos evidenciar que Salviano acreditava que os vândalos haviam colaborado para estabelecer uma nova dinâmica social, mais próxima dos anseios de Deus, por isso ele considera que os vândalos, seria um povo caridoso, pois como ele menciona acima, ainda que não tivessem responsabilidades com os romanos na África, eles se preocuparam em determinar novos padrões sociais e políticos que romperam com a maioria dos vícios romanos.

A violência, assim pode ser constatada como uma necessidade e agente de transformação da sociedade corrompida para uma sociedade plenamente cristã “além de todas as coisas que já apresentamos, eles abominavam as mulheres e por seu temor purificaram os prostíbulos, eles se horrorizavam do contato sexual com uma prostituta<sup>185</sup>” (SALVIANI, 1877, p.100, tradução nossa). Acreditando que ele tenha utilizado essa narrativa como um *tópos* retórico, consideramos que tendo observado a falência do Estado Romano no Ocidente, Salviano utilizou essas alegações para pacificar os romanos contra os bárbaros. Seguindo o exemplo do Evangelho de Mateus (5:25-26), Salviano recomenda que os romanos não se enfureçam com godos e vândalos, mas que apreendam com eles, uma vez que eles haviam seguidos os ordenamentos de Deus sem hesitação, para punir os pecados e a degeneração moral romana.

Por fim, eles mesmos confessavam que não faziam [essas coisas] por si próprio, mas que haviam sido conduzidos a nos oprimir fortemente por uma ordem divina. Da qual nos faz perceber, o quanto somos infelizes, já que, para nos destruir e nos torturar os bárbaros foram compelidos contra sua vontade<sup>186</sup> (SALVIANI, 1877, p.93, tradução nossa).

Para contribuir com essa perspectiva, ele ainda apresenta que o Estado Romano foi imprudente na relação com godos e vândalos, pois segundo ele, ambos os povos buscaram

---

*efficere et hoc nititur, ut alii mali esse desistant*” (SALVIANI, 1877, p.100); “*Their great and singular merit is that not only do they themselves avoid pollution by this stain, but they take care that others shall not be polluted. Indeed, a man is in some sort a guardian of human welfare who not only endeavors to be good himself, but also strives to bring it about that others may cease to be evil*” (SALVIAN, 1930, p.217).

<sup>185</sup> “*Plus adhuc addo: abominati etiam feminarum, horruerunt lustra ac lupanaria, horruerunt concubitus contactusque meretricum*” (SALVIANI, 1877, p.100); “*Still more noteworthy is it that they have also abstained from the corruption of women; they have shrunk from evil haunts and brothels, they have avoided illicit unions and the company of harlots*” (SALVIAN, 1930, p.218).

<sup>186</sup> “*ipsi denique fatebantur non suum esse quod facerent: agi enim se divino iussu ac perurgeri. Ex quo intellegi potest, quanta sint mala nostra, ad quos vastandos atque cruciandos ire barbari compelluntur inviti*” (SALVIANI, 1877, p.93); “*In fact, they themselves confessed that they did not act of their own volition, for they were driven and urged on by a divine command. From this we may learn how great are our misdoings, since to destroy and punish us the barbarians are compelled to move against their will*” (SALVIAN, 1930, p.206).

pela paz enviando emissários cuja representação ele associa ao poder secular humano, e também através de bispos que ele associa com a vontade divina de que os romanos se abstivessem de seus pecados voluntariamente, “Além disso, eles honravam Deus com seus padres estrangeiros, e nós, mesmo com nossos [padres] desprezamos [a Deus]<sup>187</sup>” (SALVIANI, 1877, p.90, tradução nossa). Assim Salviano recorre à representação de bárbaros benevolentes, fiéis e misericordiosos, cujas guerras de ocupação teriam sido a única alternativa para repreender os pecados e a imoralidade romana.

quantas coisas os reis inimigos sacrificaram e provaram continuamente, prostrando-se em seus tapetes de pele de cabra eles oravam até o dia de se reunirem para a batalha. Diante da guerra se deitavam em oração, e despertavam de suas orações somente para guerrear<sup>188</sup> (SALVIANI, 1877, p.91, tradução nossa).

Como podemos observar nessa citação, os reis godos e vândalos passam a ser representados como homens santos e estavam diretamente associados ao julgamento de Deus, como se Ele tivesse instruído esses reis através de suas orações.

Pode parecer inusitado que Salviano tenha considerado Godos e Vândalos como heréticos, mas ao mesmo tempo, considerou que eles seguiam o ordenamento de Deus, e que também, haviam sido os novos escolhidos por Deus, para purificar o mundo de atitudes que considerou danosas ao espírito, e vergonhosas perante Ele<sup>189</sup>. Entretanto, Salviano parece realmente não se importar, ao menos em relação ao Arianismo<sup>190</sup>, pois considerou que títulos atribuídos, como hereges ou católicos, nada tinham a acrescentar, e não expressavam o verdadeiro caráter e fé desses povos, para ele, “Ainda que tenham sido ensinados por

---

<sup>187</sup> *“cum pax ab illis postularetur, a nobis negaretur, illi episcopos mitterent, nos repelleremus, illi etiam in alienis sacerdotibus deum honorarent, nos etiam in nostris contemneremus”* (SALVIANI, 1877, p.90); *“The Goths sought peace and we denied it; they sent bishops to make terms and we rejected them; they honored God even in the person of alien priests and we despised him in our own”* (SALVIAN, 1930, p.200).

<sup>188</sup> *“rex hostium, quantum res prodidit ac probavit, usque ad diem pugnae stratus cilicio preces fudit, ante bellum in oratione iacuit, ad bellum de oratione surrexit”* (SALVIANI, 1877, p.91); *“the king of the enemy himself lay on haircloth and prayed up to the very day of the conflict; when battle was imminent he lay in prayer, and rose only to fight”* (SALVIAN, 1930, p.202).

<sup>189</sup> Os exemplos dos vícios romanos questionados por Salviano, serão apresentados ao longo desse capítulo.

<sup>190</sup> É importante esclarecer que, o Arianismo foi considerado por Salviano como um problema bastante complexo de compreensão teológica, e para ele, isso por si só, não alterava o comportamento moral e religioso desses povos, por isso como veremos nos próximos parágrafos, ele aborda questionamentos relativos à integridade dos textos sagrados, e também, acerca da instrução dos mestres e sacerdotes vândalos e godos. Contudo, foge do nosso objetivo aqui proposto, conhecer outras perspectivas dele em relação a outras heresias, como o donatismo que havia sido um movimento de caráter muito mais prático (comportamental), do que simbólico (teológico) como o arianismo.

professores condenáveis (heréticos)<sup>191</sup>” (SALVIANI, 1877, p.90, tradução nossa), era preferível a heresia, do que a descrença.

Salviano, inclusive faz uma crítica intensa aos católicos, ao dizer que, se essa comunidade acreditava estar próxima de Deus apenas, por conhecer a verdadeira fé e se autointitular católico, então seriam os católicos, os verdadeiros hereges:

E assim, por que razão acreditamos que nós somos privilegiados por possuir essa religião? Por que dizer que somos católicos, e nos vangloriamos de sermos devotos [da verdadeira fé]? Por que reprovamos e desprezamos os godos e os vândalos nomeando-os como hereges, quando somos nós que vivemos a perversidade herética?<sup>192</sup> (SALVIANI, 1877, p.92, tradução nossa).

Nesse sentido, Salviano desejou evidenciar que não há valor algum nos títulos religiosos, se ela não trouxesse consigo uma conduta moral e religiosa incorruptível e compatível com as de Cristo.

De fato, ele realmente considerou que a fé católica era superior à dos hereges godos e vândalos, mas apenas porque, ponderou que os católicos eram os únicos que tinham as Sagradas Escrituras em sua íntegra, sem que tivesse sido violada, e somente os romanos eram capazes de ler esses textos em sua forma original, ou em sua tradução mais pura

Portanto, apenas nós temos e recorremos as Sagradas Escrituras plenas, invioladas e completas que bebermos de sua própria fonte, ou pelo menos consumimos de uma fonte puríssima, por meio de uma tradução imaculada, que somente nós lemos bem<sup>193</sup> (SALVIANI, 1877, p.56, tradução nossa).

Conseguimos avaliar ainda que, ele acreditava que vândalos e godos não conseguiam ler o latim corretamente, e que sua falta de proficiência dificultava o acesso a verdade<sup>194</sup>. Sendo

<sup>191</sup> “*malis licet doctoribus instituti*” (SALVIANI, 1877, p.90); “*though trained by heretical teachers*” (SALVIANI, 1930, p.200).

<sup>192</sup> “*Et ideo quid prodesse nobis praerogativa illa religiosi nominis potest, quod nos catholicos esse dicimus, quod fideles esse iactamus, quod Gothos ac Wandalos haeretici nominis exprobratione despiciamus, cum ipsi haeretica pravitate vivamus?*” (SALVIANI, 1877, p.92); “*Then what value can our claim to a religious title have for us, what use is it to say we are catholic, to boast that we possess the true faith, to despise the Goths and Vandals, reviling them as heretics, when we are living in a truly heretical depravity?*” (SALVIANI, 1930, p.203).

<sup>193</sup> “*Nos ergo tantum scripturas sacras plenas, inviolatas, integras habemus, qui eas vel in fonte suo bibimus vel certe de purissimo fonte haustas per ministerium purae translationis haurimus: nos tantummodo bene legimus*” (SALVIANI, 1877, p.56); “*We alone, therefore, have the Sacred Scriptures in full, unviolated and complete, who either drink them at their fount, or at least drawn from the purest source by the agency of an incorrupt translation; we alone read them well*” (SALVIANI, 1930, p.135).

<sup>194</sup> Como vimos na página 60, é possível observar uma falta de consenso acerca da proficiência vândala sobre o latim, isso porque diferente de Salviano, Victor de Vita acusava o patriarca ariano Cyrila de saber falar o latim, mas preferir fazer o uso de sua língua vernacular para cercear o entendimento de seus oponentes no Concílio de Cartago, presidido por Hunerico em 484 (MATHISEN, 2014). Entretanto, essa questão parecer ser muito mais

assim, Salviano considera que ainda que eles tivessem a posse das verdadeiras escrituras, não conseguiriam interpretá-las corretamente, pois acreditava que somente os romanos tinham a competência necessária para isso. Aliás, para ele, esta seria uma das poucas vantagens em ser católico, contudo, isso também aumentava a responsabilidade dos fiéis católicos em manter uma vida santa, pois era preferível não conhecer as Sagradas Escrituras e pecar, do que pecar tendo consciência de seu pecado.

Mas, é digno de reverência, porque eles não leem corretamente e não contemplam a verdade, e são induzidos [ao erro] por isso. [No entanto], aqueles que conseguem ler e optam por violar as Sagradas [Escrituras] são mais culpados<sup>195</sup>” (SALVIANI, 1877, p.56, tradução nossa)

Ou seja, não havia garantia de salvação por nomes ou títulos adotados em vida, mas apenas através de uma vida santa e devota. Como vemos, Salviano acreditava que os Vândalos e os Godos não tinham culpa da heresia que professavam, pois haviam sido instruídos por seus mestres que, a fé ensinada e pensada por eles, era de fato, a verdadeira fé.

O padre de Marselha, inclusive avalia que, as próprias escrituras que esses povos utilizavam estavam corrompidas, senão em seu conteúdo, ao menos no aprendizado de seus mestres e sacerdotes, “Eles não são ensinados a obedecer as verdadeiras leis [de Deus], porque estão inseridos em uma tradição ruim e perversa<sup>196</sup>” (SALVIANI, 1877, p.56, tradução nossa). Considerando ainda que, não tendo os recursos necessários para acessar a verdadeira fé, Salviano considerou que: “Por causa disso são hereges, mas não são conscientes disso<sup>197</sup>” (SALVIANI, 1877, p.57, tradução nossa). Portanto, a heresia professada por eles, para Salviano, não havia sido compreendida como uma opção consciente, mas apenas uma alternativa ao paganismo e a descrença.

---

um *tópos* retórico de Salviano do que uma análise que se espelha na realidade, uma vez que a titularia real vândala em latim ‘*rex vandalarum*’ ou ‘*rex vandalarum et alanorum*’ pode ser encontrada em grande quantidade na cultura material do Norte da África no século V, fosse em moedas, em prataria e também em alguns registros epigráficos, como os epitáfios. Além disso, como demonstra Evangelos Chrysos (2003) os povos que atravessaram as fronteiras do Danúbio e Reno ao longo do século V, não eram “*racial entities but groups of people open to constant ethnogenetic change and adaptation to new realities*” (CHRYSOS, 2003, p.13), e a manutenção e uso de sua língua vernacular, não elimina a possibilidade da adoção do bilinguismo por esses povos. (ABED, DUVAL, 2000; CHRYSOS, 2003; BÉJAOU, 2008; BERNDT, STEINACHER, 2008a; MERRILLS, MILES 2010; STEINACHER, 2016).

<sup>195</sup> “*Sed vereor, quod qui non bene observamus, nec bene lectitamus, quia minor reatus est sancta non legere quam lecta violare*” (SALVIANI, 1877, p.56); “*For there is less guilt in not reading the holy words than in reading and violating them*” (SALVIAN, 1930, p.135).

<sup>196</sup> “*quia non hoc retinent, quod legis veritas suadet, sed quod pravitas malae traditionis inseruit*” (SALVIANI, 1877, p.56); “*For they do not abide by the instructions of the true law, but by the interpolations of an evil and distorted interpretation*” (SALVIAN, 1930, p.135).

<sup>197</sup> “*Haeretici ergo sunt, sed non scientes*” (SALVIANI, 1877, p.57); “*So they are heretics, but unwittingly*” (SALVIAN, 1930, p.135).

O padre de Marselha chega até mesmo a contestar o termo herege, considerando que, o título de herege só pode ser atribuído por indivíduos externos, que consideram a crença do outro, como uma afronta a sua própria compreensão teológica. Nesse caso, ele evidencia que, entre eles, os vândalos e godos se consideram como os verdadeiros ortodoxos, condenando os católicos como hereges “Por fim, eles são hereges entre nós, mas não são entre eles, porque eles se julgavam serem tão ortodoxos (*catholicos*) como nós. De modo que, eles nos acusam de sermos os hereges. Por causa disso, nós somos para eles, o que eles são para nós<sup>198</sup>” (SALVIANI, 1877, p.57, tradução nossa). Deste modo, a heresia e o herege, são nomeações que estavam dependentes do julgamento de um terceiro, e não leva em consideração a forma como esses povos se autointitulavam. Assim, inseridos no interior do Império Romano seria para esse padre, no mínimo, imprudente nomear esses povos a partir de critérios tão efêmeros.

Além disso, não caberia aos clérigos e aos romanos aprovar ou desaprovar a crença dos vândalos e godos, pois caberia somente a Deus fazer um julgamento justo, onde ponderasse a conduta moral e religiosa, com os ensinamentos que os mestres e sacerdotes bárbaros haviam disseminados entre eles.

Por causa disso erram, mas suas boas almas erram não por ódio, e sim por amor a Deus, crentes de que estão honrando e amando o Senhor. Ainda que eles não possuíssem a verdadeira fé, eles conhecem perfeitamente o valor da caridade. De que maneira eles serão punidos no Dia do Julgamento pelo erro de nossas falsas convicções? Ninguém é capaz de saber disso, se não o próprio Juiz. Por essa razão, creio eu, que Deus é tolerante com eles, porque Ele vê que embora eles não tenham a verdadeira fé e apesar de suas crenças, eles agem de acordo com as vontades de Deus<sup>199</sup> (SALVIANI, 1877, p.57, tradução nossa).

Deste modo, Salviano teria observado a exploração romana como mais grave que as violências de um processo de dominação, pois considerou essas violências um mal necessário

---

<sup>198</sup> “*Denique apud nos sunt haeretici, apud se non sunt; nam in tantum se catholicos esse iudicant, ut nos ipsos titulo haereticae appellationis infament. Quod ergo illi nobis sunt, hoc nos illis*” (SALVIANI, 1877, p.57); “*Indeed it is only among us that they are heretics, and not among themselves, for they are so sure of their own orthodoxy that they libel us in turn by the accusation of heresy. As they are to us, so are we to them*” (SALVIAN, 1930, p.136).

<sup>199</sup> “*Errant ergo, sed bono animo errant, non odio, sed affectu dei, honorare se dominum atque amare credentes. Quamvis non habeant rectam fidei, illi tamen hoc perfectam dei aestimant caritatem. Qualiter pro hoc ipso falsae opinionis errore in die iudicii puniendi sint, nullus potest scire nisi iudex. Interim ideirco eis, ut reor, patientiam deus commodat, quia videt eos etsi non recte credere, affectu tamen piae opinionis errare*” (SALVIANI, 1877, p.57); “*So they err, but with the best intentions, not through hatred, but through love of God, believing that they honor and love him. Although they have not the true faith, yet they think they possess the perfect love of God. How they shall be punished for the error of their false opinion on the day of judgment, none can know but the Judge. In the meantime, God bears with them patiently, I think, for He sees that though they have not the true faith, yet their error is due to the love of what appears to be the truth*” (SALVIAN, 1930, p.136).

para punir os vícios romanos, “Ele retratou o progresso triunfante dos vândalos, considerados os inimigos mais fracos de Roma, terminaram com as províncias mais ricas do Ocidente<sup>200</sup>” (SANFORD, 1930, p.5).

Nesse aspecto, Salviano acreditava que a rápida ascensão do poder vândalo entre sua chegada às províncias da Hispânia em 409 e a tomada de Cartago em 439 colaborava para evidenciar a benevolência de Deus com os justos e virtuosos, “por meio de poucos e dos mais fracos [vândalos] essas coisas foram feitas, certamente o trabalho celestial foi tão hábil e virtuoso, para que não fosse atribuído aos feitos dos homens<sup>201</sup>” (SALVIANI, 1877, p.89, tradução nossa). Para ele, a única explicação plausível era analisar esse desempenho por meio da intervenção divina, refletindo o cumprimento da promessa do Evangelho de Lucas (14, 11) de que, aqueles que tendo se humilhado, buscando refúgio em Deus, seriam enaltecidos.

Como pudemos observar no capítulo anterior, aonde discutimos com mais ênfase essa percepção de Salviano, acreditamos que seu pensamento tenha tido influências agostinianas, visto que seu discurso sobre o fim do Império não está carregado de uma visão escatológica, aceitando a transformação do poder político como algo natural.

Pois de acordo com Salviano, os romanos ao se entregarem aos vícios, estariam sendo ingratos com a benevolência e a prosperidade concedida por Deus, assim a falência do Estado Romano representava a punição e a justiça divina, “Assim, como frequentemente temos observado até agora, se finalmente o Estado Romano está sofrendo, é porque agora está recebendo o que a muito tempo merecia<sup>202</sup>” (SALVIANI, 1877, p.100, tradução nossa). Salviano acreditava que os Vândalos eram o melhor exemplo da justiça de Deus, pois tendo sido os mais fracos<sup>203</sup> dos povos bárbaros, as vontades e o poder conferido por Deus

<sup>200</sup> “He has pictured the triumphant progress of the Vandals, reckoned as the weakest of Rome’s enemies, through the richest provinces of the West” (SANFORD, 1930, p.5).

<sup>201</sup> “aut per paucos aut per infirmos acta res est, ne opus caelestis dexteræ virtuti adsignaretur humanæ” (SALVIANI, 1877, p.89); “the action has been performed through the medium of a few men, of men of the lowest sort, so that his divine handwork might not be ascribed to human power” (SALVIAN, 1930, p.198).

<sup>202</sup> “ut, quod saepe iam diximus, minime mirum sit, si Romana res publica aliquando patitur, quod iam diu meretur” (SALVIANI, 1877, p.100); “Hence, as I have often said before, it should cause no surprise that the Roman state is at length suffering what it has long deserved” (SALVIAN, 1930, p.217).

<sup>203</sup> Para Idácio, alanos e visigodos haviam sido descritos como os povos mais poderosos nas primeiras décadas do século V, isso porque, os Alanos haviam sido responsáveis por liderarem Vândalos e Suevos rumo às províncias da Hispania, e também eram responsáveis por manter a paz entre os três povos (HYDATIUS, 1993, p.87), enquanto que os visigodos haviam sido responsáveis pela morte do imperador Valente em 378, após a batalha de Adrianópolis (HYDATIUS, 1993, p.71), e em seguida, pelo saque de Roma em 410 (HYDATIUS, 1993, p.71). Além disso, também é mencionado que os Vândalos haviam se dividido com a partilha das províncias da Hispania, sendo que uma parte deles se uniu aos Suevos para governar a Gallaecia e o outro, se posicionou na Baetica, estes últimos foram chamados de Vândalos Silingos. De acordo com as informações apresentadas por Idácio, foi mantida uma pacificação entre esses grupos até 417, quando o rei visigodo Vália foi forçado por Constâncio III (naquele momento, patrício) a atacar a Hispania, massacrando os Vândalos Silingos e matando o Rei dos Alanos Addax, “Todos os vândalos silingos na Baetica foram exterminados pelo rei Valia. Os alanos, que governavam os vândalos e os suevos, sofreram pesadas perdas nas mãos dos godos” (HYDATIUS,

colaborou para seu crescimento político e econômico ao capturarem as províncias mais ricas da África.

Salviano também julgou os romanos como culpados pela heresia adotada pelos godos e vândalos, “As próprias heresias bárbaras haviam sido ensinadas pela perversidade dos romanos, e também da mesma forma, este é o nosso crime, e por causa dele os povos bárbaros se tornaram hereges<sup>204</sup>” (SALVIANI, 1877, p.58, tradução nossa). Assim, observamos que Salviano compreendia que a heresia ariana havia sido gerada através das próprias disputas teológicas entre romanos, e que ninguém, senão os próprios romanos eram culpados por ela e pela ‘confusão’ teológica que haviam criado.

De acordo com Sanford em nota, ela considera que: “Salviano declara a ausência de responsabilidade moral por parte dos bárbaros, pois sua heresia lhes parecia ortodoxia<sup>205</sup>” (SANFORD, 1930, p.138, tradução nossa). Deste modo, Salviano parte do princípio da inocência bárbara, que segundo ele, acreditavam que sua fé era verdadeira, pois teria sido o ensinamento teológico e doutrinário que lhes foi passado através das atividades missionárias romano-arianas<sup>206</sup>.

1993, p.87, tradução nossa). Com a morte de Addax, Gunderico, o Rei dos Vândalos na Gallaecia, que não havia sofrido com as incursões visigóticas na Hispania, foi eleito como sucessor de Addax pelos alanos para manter a coligação, “após a morte de seu rei, Addax, os poucos sobreviventes, sem pensar em seu próprio reino, se colocaram sob a proteção de Gunderico, o rei dos vândalos” (HYDATIUS, 1993, p.87, tradução nossa). Entretanto, o Rei Hermerico dos Suevos entrou em guerra pelo poder da coligação contra Gunderico, e após a vitória do rei vândalo, em 420 Gunderico decidiu migrar com seu povo para a província da Baetica, em 422 houve uma nova tentativa dos romanos, auxiliados pelos exércitos visigodos, reestabelecerem o domínio da Baetica, mas o *magister militum* Castinus foi severamente derrotado, entretanto, Idácio atribuiu a vitória de Gunderico a traição das tropas auxiliares visigóticas “depois de ser traído por seus auxiliares [godos]. Ele então fugiu para Tarraco” (HYDATIUS, 1993, p.88, tradução nossa). Portanto, fica claro para nós, que a força dos exércitos vândalos havia sido ofuscada pela relevância que os Alanos e, principalmente os visigodos ocuparam. Salviano, assim, soube utilizar esse apagamento da força e participação dos vândalos como recurso retórico, para dar ênfase no ganho repentino e exponencial de influência e poder político e militar a partir de Gunderico, até a conquista das províncias mais ricas do Império Ocidental, sobre o Reinado de Genserico. Assim, para Salviano, os Vândalos tinham um valor de uso retórico que reproduzia a promessa de Cristo, de que “qualquer que a si mesmo se exaltar será humilhado, e aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado” (LUCAS 14:11; SALVIAN, 1930, p.200). Deste modo, para o padre de Marselha, a rápida ascensão do poder Vândalo e a conquista dessas províncias deveria ser compreendida como uma concessão de Deus aos justos, “a ação foi realizada por meio de alguns homens, de homens da mais baixa estirpe [os vândalos], para que o trabalho divino em suas mãos não pudessem ser atribuídos ao poder humano” (SALVIAN, 1930, p.198, tradução nossa).

<sup>204</sup> *“ipsae quondam haereses barbarorum de Romani magisterii pravitate fluxerunt, ac perinde etiam hoc nostrum crimen est, quod populi barbarorum haeretici esse coeperunt”* (SALVIANI, 1877, p.58); *“Add that the very heresies of the barbarians spring originally from the false teaching they received from the Romans, and the inception of heresy among them becomes another heavy charge against us”* (SALVIAN, 1930, p.138).

<sup>205</sup> *“Salvian states the absence of moral responsibility on the part of the barbarians for a heresy that appeared to them orthodox”* (SANFORD, 1930, p.138).

<sup>206</sup> É possível compreender que Salviano acreditou que a conversão goda ou vândala ao arianismo teria ocorrido antes de entrarem nos territórios romanos, através de missionários romanos-arianos que haviam convertido ‘godos’ para sua fé, dos quais se destaca Ulfila que havia traduzido a bíblia para a língua gótica, com algumas adequações baseadas na teologia ariana, Eva Sanford afirma que Salviano certamente conhecia esse histórico, segundo ela: *“Salvian clearly understands the historical connection of Roman Arianism with that of the Germans; either he actually knew that Ulfilas in his translation of the Bible made alterations to suit the Arian*

Fazendo menções ao livro de Ezequiel (39:24 e 26:11) e Deuteronômio (28:49), ele afirma que Deus abandonou os romanos por sua arrogância em se afirmarem como superiores aos outros povos, pela sua falta de fé e amor aos pecados, como é possível conferir abaixo:

“Tratei eles de acordo com as suas imundices e conforme suas iniquidades, desviei deles a Minha face”. E em outra passagem, falando com as mesmas pessoas: “o Senhor liderará contra você um povo de um lugar muito distante”, “e diz, com os cascos de seus cavalos eles marcharão em todas as suas ruas, e sua população será massacrada pela espada”. Portanto, tudo que nos foi dito nas Sagradas Escrituras foi cumprido, e pelas palavras divinas Ele nos puniu violentamente para que fôssemos purificados<sup>207</sup> (SALVIANI, 1877, p.89, tradução nossa).

A falência do Estado Romano e sua gradual substituição pelos Reinos Bárbaros em seu discurso reflete que a influência do Império havia sido exaurida em sua região, como ele demonstra (SALVIANI, 1877, p.90). É possível, que Salviano utilizando-se de recursos retóricos para expressar que, assim como o orgulho romano não reconhecia o poder e autoridade de Deus, Ele igualmente não aprovaria a soberania do Império.<sup>208</sup>

---

*doctrines, or he is merely repeating some of the usual charges brought against Ulfilas and other Arian missionaries by contemporaries of the orthodox faith*” (SANFORD, 1930, p.138). Entretanto, nessa dissertação preferimos seguir com cautela nesse aspecto, pois Ulfila teria vivido durante o século IV, e existem lacunas temporais e narrativas imensas sobre a adoção da fé ariana entre godos e vândalos, como assinalou Emöke Horváth “*The Germans were acquainted with Arianism through the missionary work of Wulfila*” (2006, p.173), embora familiarizados com essa heresia, a questão religiosa não detinha entre esses grupos uma dimensão significativa, “*powerful representation of Arianism became an important fact of consciousness in the Vandal Kingdom. This does not mean that Arianism became a determinant spiritual experience for all of the Vandal people, but it does mean that the Vandal ruler was able to handle the religious question as useful propaganda*” (HORVÁTH, 2006, p.177). Assim, acreditamos que a fé ariana tenha sido professada e reafirmada, somente em momento posterior ao contato romano, como vemos em Genserico em 439, para Horváth (2006) o arianismo para os vândalos serviu para criar uma identidade religiosa, que os mantivessem distantes da perspectiva de integração ou assimilação da cultura e identidade romana, “*This does not mean that the elite were staunch adherents of the new religion, but that it seemed to be useful to them. They were not guided by dogma, but they persisted in their faith to the utmost for political reasons*” (HORVÁTH, 2006, p.177). Portanto, para essa dissertação preferimos associar os vândalos à fé ariana, somente a partir do surgimento dessa reivindicação religiosa em nossas fontes, que conforme demonstramos, surge com Genserico como imposição para permanecer ou acessar a aristocracia vândala, tanto em Victor de Vita (2006, p.19), como em Idácio de Aquae Flaviae dentro desse mesmo contexto, aonde inclusive cita a apropriação das igrejas católicas pelo clero ariano, de acordo com a ordenação do rei vândalo Genserico (HYDATIUS, 1993, p.95).

<sup>207</sup> “*secundum inmunditias suas et secundum iniquitates suas feci illis, et averti faciem meam ab eis. Et alibi ad gentem ipsam: adducet dominus super te gentem de longinquo, et unguis, inquit, equorum suorum omnes plateas tuas conculcabunt et populum tuum gladio interficient. Completa ergo in nos sunt omnia, quae dixit sermo divinus, et vim verborum caelestium luit poena cunctorum*” (SALVIANI, 1877, p.89); “*According to their uncleanness and according to their transgressions have I done unto them, and hid my face from them. Elsewhere speaking to the same people, he said: ‘The Lord shall bring a nation against them from far . . . with the hoofs of his horses shall they tread down all thy streets; they shall slay thy people by the sword.’ So all that the Lord said has been fulfilled in us, and our punishment has vindicated the force of his divine words*” (SALVIANI, 1930, p.197-198).

<sup>208</sup> Salviano considerou os aquitanos os homens mais poderosos e influentes da Gália, e também se utiliza deles para descrever a cúpula do Estado Romano, e como a riqueza e o luxo corromperam os padrões morais cristãos, ele julgou que Deus não obteve aquilo que merecia dos homens que ele exaltou e do Estado que glorificou “Este

Aos vândalos, Salviano atribuiu um status de superioridade moral condizente com a prática de uma vida plenamente cristã, a qual se mantém em uma constante dicotomia em relação aos romanos, ao narrar os eventos de ocupação vândala na Hispânia e no Norte da África, ele expressa um grande desprezo sobre a conduta moral romana, que atrelada a lascividade, não permitiu um ponto de equilíbrio entre os pecados e as virtudes, que tornaria Deus mais tolerante e menos violento em sua ira.

Contudo, para os pouquíssimos homens que restam (não-romanos), os vícios não estão associados a outros atos infames. Os bêbados estão privados da maldade, e aqueles que são apaixonados pela luxúria, não sofrem com os delírios de um ladrão<sup>209</sup>” (SALVIANI, 1877, p.94, tradução nossa).

Como podemos observar nos relatos de Salviano a chegada dos vândalos restabeleceu um período de castidade que pôs fim a esses pecados, que o fez questionar a superioridade romana, “Por isso, certamente é conveniente nos perguntarmos, como os romanos foram capazes de permitir essas coisas, enquanto os bárbaros se horrizavam com elas?<sup>210</sup>” (SALVIANI, 1877, p.100, tradução nossa). Sua principal crítica é dirigida a suposta libertinagem romana, destacando a prostituição entre as mulheres e a sodomia entre os homens.

As relações homoafetivas foram descritas como uma característica identitária que os romanos se orgulhavam, e que estava atrelada a corrupção, ao luxo e a riqueza, isso porque, como retrata Salviano, a exploração sexual de homens era mais comumente praticada por aristocratas que utilizavam seu status político e econômico para obter favores sexuais, ou mesmo para subjugar outros homens.

---

é o retorno que eles [romanos] deram a Deus por seus dons sagrados, e que devido sua generosidade, Ele os atraía a seu favor, mas eles foram longe demais em seus abusos e trabalharam para despertar Sua ira” (SALVIAN, 1930, p.193, tradução nossa). Deste modo, acreditando que os romanos seriam moralmente degenerados, e que não haviam sido corrigidos pelos flagelos enviados por Deus, por meio dos godos e vândalos, Salviano é enfático em considerar que “o estado Romano está finalmente sofrendo o que há muito merece” (SALVIAN, 1930, p.217, tradução nossa). Portanto, a substituição do Estado Romano pelos Reinos Bárbaros poderia resultar na reparação dos vícios romanos, e estabelecer um período de maior proximidade com os desígnios de Deus, conforme aponta Salviano: “Seu grande e singular mérito [dos bárbaros] é que eles não apenas evitam a poluição dessa mancha, mas também cuidam para que outros não sejam poluídos. De fato, um homem é de certa forma, um guardião da prosperidade humana, que não apenas se esforça para ser bom, mas também se esforça para que outros possam deixar de ser maus” (SALVIAN, 1930, p.217, tradução nossa).

<sup>209</sup> “*Ceteri enim homines, etsi nonnullis vitiorum flagitiis obligati sunt, quibusdam tamen non implicantur, etsi vinolentia non carent, malivolentia carent, etsi libidine aestuant, rapacitate non saeviunt*” (SALVIANI, 1877, p.94); “*For the rest of the world, though bound by some disgraceful vices, has some virtue still remaining: men who are subject to drunkenness are free from malevolence; those who live in a fever of lust do not suffer from raging greed*” (SALVIAN, 1930, p.206).

<sup>210</sup> “*Numquid hoc credibile ullis videri potest, Romanos haec admisisse, barbaros horruisse?*” (SALVIANI, 1877, p.100); “*Can it be credible that the Romans permitted these things and barbarians abhorred them?*” (SALVIAN, 1930, p.217).

Certamente, isto há muito tempo já tem alguma estima entre os romanos, tal como uma virtude e não como um vício contagioso. E aqueles homens que acreditamos ser viris e fortes, de alguma maneira são mais abominavelmente subjugados e usados como mulheres<sup>211</sup> (SALVIANI, 1877, p.100, tradução nossa).

Em relação às mulheres, Salviano parece ser mais tolerante, pois considerou que elas teriam sido entregues a prostituição pelas dificuldades diárias da vida. Além disso, ele considerava que essas mulheres tinham, em suas palavras, um grau de contágio de pecado menor do que os sodomitas, isto é, para Salviano embora a prostituta tornasse seus clientes em fornicadores, se ela não fosse casada, não poderia ser considerada adúltera.

De fato, essas prostitutas não conhecem o vínculo matrimonial, e por isto, não podem corromper o que desconhecem. Mas, é verdade que a prostituição exige a expiação dos pecados, porém elas não podem ser acusadas de serem adúlteras<sup>212</sup>” (SALVIANI, 1877, p.86, tradução nossa).

Assim como também, não poderiam ser responsabilizadas pela luxúria e cobiça daqueles que a procuravam, ao contrário das relações homoafetivas masculinas onde, a prática em si, foi considerada um grave crime por ele. Portanto, para Salviano os vândalos teriam demonstrado sua superioridade moral, ao perseguirem a nobreza romana que era o principal vínculo mantenedor desses pecados, eles estariam propiciando a libertação dos lugares por onde passaram.

Salviano relata também que os vândalos impuseram leis que proibiram a prostituição, a homoafetividade e também pôs fim a corrupção e cobiça romana ao tomarem as riquezas dos aristocratas, para ele, esse processo de apropriação demonstra uma virtude vândala de não assimilação aos costumes romanos, “Assim, esses homens corrompidos por seus prazeres, foram repudiados [pelos vândalos] por seus comportamentos depravados, e por evitarem a iniquidade do mal, possuem as coisas boas para seu uso<sup>213</sup>” (SALVIANI, 1877, p.100,

---

<sup>211</sup> “*Certe hoc apud Romanos iam pridem tale existimatum est, ut virtus potius putaretur esse quam vitium, et illi se magis virilis fortitudinis esse crederent, qui maxime viros feminei usus probrositate fregissent*” (SALVIANI, 1877, p.100); “*Certainly, effeminacy had long been considered by the Romans as a virtue rather than a vice, and those men thought themselves models of manly strength who had put others to the basest uses*” (SALVIAN, 1930, p.216).

<sup>212</sup> “*Meretrices enim, quae illic sunt, foedus conubiale non norunt ac per hoc non maculant quod ignorant: impudicitiae quidem piaculo sunt obnoxiae, sed reatu tamen adulterii non tenentur*” (SALVIANI, 1877, p.86); “*the prostitutes in them have not experienced the marriage bond, and so do not defile what they do not know; their shameless lives require atonement, it is true, but they are not liable to the charge of adultery*” (SALVIAN, 1930, p.193).

<sup>213</sup> “*delicias corruptorum hominum indepti sunt, quod corruptelas morum repudiarunt, et usum bonarum rerum possident, malarum inquinamenta vitantes*” (SALVIANI, 1877, p.100); “*they rejected their corrupting customs*

tradução nossa). Outro aspecto que também deve ser evidenciado, é que as imposições vândalas que proibiram esses pecados teriam, para ele, demonstrado a justiça e a benevolência de Deus, pois não se restringiram a agir apenas para seu próprio povo, mas ao impor uma nova conduta social e política colaborou para encerrar esses atos pecaminosos, estariam também suprimindo e interrompendo o contágio dos pecados e, promovendo uma sociedade mais próxima dos desígnios de Deus.

De fato, Salviano tinha convicções que mesmo seus sermões poderiam ser vistos como radicais pela comunidade cristã de outras regiões, mas para ele, bastava afirmar que a doutrina na fé cristã exigia uma conduta de vida irrepreensível e santificada, e que ele tanto perseguiu em vida “quem foi mais odiado pela verdade que Salviano, já que mais ninguém expôs mais verdades do que ele?”<sup>214</sup> (LARINUS AMATIUS *apud* SANFORD, 1930, p.14, tradução nossa). As intensas críticas que Salviano ouviu dos líderes eclesiásticos contra seu alterego<sup>215</sup> pode ter colaborado para conter um pouco suas críticas no *De Gubernatione Dei* para ganhar aceitação e apoio, mantendo, entretanto, sua convicção de que “O homem só pode atingir seu objetivo final no paraíso apenas reproduzindo e vivendo em um estado de santidade na terra”<sup>216</sup> (O’SULLIVAN, 1947, p.14, tradução nossa).

Podemos ainda considerar que, seu grau de instrução na tradição secular permitiu que ele fizesse uso da sátira como gênero literário para amenizar o peso de suas críticas sobre sua imagem e influência, Salviano também fez uso dos “argumentos que a experiência lhe ensinou que eram mais prováveis de serem eficazes”<sup>217</sup> (SANFORD, 1930, p.17, tradução nossa). Estando em conformidade com a expectativa de reproduzir em sua escrita o testemunho ocular como artifício para que seus textos tenham maiores impactos na sociedade

*and now possess and use those things that are good, and avoid the degrading influence of those that are evil* (SALVIAN, 1930, p.217).

<sup>214</sup> “*who was ever more hated for the truth than Salvian, since no one ever set forth more truths than he?*” (LARINUS AMATIUS *apud* SANFORD, 1930, p.14).

<sup>215</sup> Entre 435 e 439 Salviano teria escrito e publicado ‘Os quatro livros de Timóteo a Igreja’, inicialmente essa obra foi publicada em anonimato sob o único nome de Timóteo, pois tecia severas críticas ao alto clero da Igreja Católica com o objetivo de denunciar as atitudes contrárias ao idealismo da cristandade, como por exemplo, a avareza e o exponencial aumento de riquezas e propriedades das Igrejas Católicas do século V. A autoria é atribuída a Salviano, principalmente pela troca de cartas entre ele e o bispo Salonus, seu antigo aprendiz, instruído por Salviano no mosteiro de Lérins, do qual questiona sobre a escolha do nome Timóteo, tendo demonstrado sua preocupação de que essa escolha poderia acarretar em confusão entre clérigos que acreditassem que essa obra fosse uma escrita apócrifa do discípulo Timóteo (Carta IX *apud* O’SULLIVAN, 1947, p.256-263). Além dessa carta, é possível observar que seu estilo narrativo e os temas que abordam, são bastante semelhantes aquelas encontradas no *De Gubernatione Dei*. Para O’Sullivan e Sanford a obra ‘Os quatro livros de Timóteo a Igreja’ teve uma ampla circulação pela Gália e pela Itália, tornando essa obra bastante famosa entre as elites imperiais em seu período.

<sup>216</sup> “*Man can attain his ultimate objective in heaven only by creating and living in a state of holiness on earth*” (O’SULLIVAN, 1947, p.14).

<sup>217</sup> “*arguments that experience had taught him were most likely to be effective*” (SANFORD, 1930, p.17).

romana, que considerava o bom escritor e historiador aquele que vivenciando os eventos, concedeu aos demais uma experiência vivida sobre seu testemunho, projetando nela uma moralidade de como conduzir a vida cristã e alcançar a salvação.

Qualquer avaliação de Salviano, mais moralista do que histórica, deve levar em conta não apenas o homem, mas seus tempos. Ele viveu na era dos Santos Ambrósio, Agostinho e Jerônimo. A organização monástica estava ganhando um ponto de apoio no Ocidente, com seu centro em Lérins. O espírito de São Martinho de Tours influenciava as mentes dos homens semelhantes, em zelo religioso, como Salviano. Por outro lado, o paganismo estava tomando sua última posição<sup>218</sup> (O’SULLIVAN, 1947, p.13, tradução nossa).

Essa relação que existe no *De Gubernatione Dei* entre sátira, testemunho, e discurso moralizante, além da experiência que arrecadou com os textos de Timóteo, auxiliou Salviano para projetar nessa obra, um discurso que torna seus críticos espelhos de uma conduta indesejável, conforme podemos observar na citação abaixo.

Em nossos escritos não desejamos ser lisonjeiros, tanto quanto, não queremos agradar os ouvidos ociosos, mas queremos oferecer o remédio para a mente dos enfermos. De forma que eu possa obter grandes recompensas e presentes no Reino dos Céus. Certamente se nossa ajuda conseguir corrigir a moralidade e as opiniões negativas sobre nosso Deus, a recompensa não será pequena, isso porque estaremos beneficiando muitas pessoas. Mas, se ao contrário, essas tentativas não prosperarem, acredito que ela talvez, não será [totalmente] infrutífera<sup>219</sup> (SALVIANI, 1877, p.1-2, tradução nossa).

Salviano assim utilizou de argumentos retóricos e de sua experiência secular e teológica para combater sua oposição com base no ofício apostólico, e na autoridade consensual de que a conduta cristã exigia um comportamento moral irrepreensível, qualquer crítica a sua obra e ao seu radicalismo, poderia corresponder a crença, de que seu crítico não reconhecia o

<sup>218</sup> “Any appreciation of Salvian, more moralist than historian, must take into account not only the man but his times. He lived in the age of Sts. Ambrose, Augustine and Jerome. Organized monasticism was gaining a foothold in the West, with its hub at Lerins. The spirit of St. Martin of Tours permeated the minds of men akin, in religious zeal, to Salvian. On the other hand, paganism was making its last stand” (O’SULLIVAN, 1947, p.13).

<sup>219</sup> “in scriptiunculis nostri non lenocinia esse volumus, sed remedia, quae scilicet non tam otiosorum auribus placeant quam aegrotorum mentibus prosint, magnum ex utraque re caelestibus donis fructum reportaturi. Si enim haec salus nostra sanaverit quorundam non bonam de deo nostro opinionem, fructus non parvus erit, quod multis profui. Sin autem id non provenerit, et hoc ipsum infructuosum forsitan non erit, quod prodesse temptavi” (SALVIANI, 1877, p.1-2); “Our writings, trifling though they are, shall present no vain lures but actual remedies, calculated not to please idle ears but to benefit the minds of the sick. So do we hope to gain our full reward from heaven. Now if this healing grace of ours cures the unfavorable opinion of our God held by certain men, it will be no small reward that I have thus aided many. But if no such benefit accrues, the very fact that I have tried to be of service may not be unfruitful” (SALVIAN, 1930, p.38-39).

merecimento de Deus, uma vez que, a principal crítica de Salviano, consiste em julgar a culpa romana por terem se afastado nos âmbitos espirituais e morais dos ensinamentos apostólicos e das vontades divinas.

Para ele, suas denúncias das comunidades romanas e cristãs seguiam princípios semelhante aos registros dos apóstolos, colocando-se como herdeiro de uma tradição monástica característica da Provença, que nomeamos aqui como ‘norma provençal’, que em suma, recusava uma estrutura hierárquica da Igreja Católica, e observava a interferência do Estado Romano na Igreja como indesejável, pois corrompia os ensinamentos dos apóstolos e da verdadeira fé, como veremos a seguir.

Para Rossana Pinheiro (2013b; 2014b) a construção da autoridade dos bispos, entre os séculos II a VI, não representou e não conseguiu conciliar os interesses das diversas comunidades cristãs, assim os bispos tiveram que disputar a soberania de poder e influência com grupos como os abades, tais disputas, foram avaliadas por ela, através das obras de João Cassiano com ênfase na região da Provença, Sul da Gália<sup>220</sup>.

De acordo com ela, a reivindicação de autoridade pelos monges, deu-se a partir da compreensão de que, a clausura havia mantido preservada a tradição cristã apostólica livre de influências seculares, acarretando em uma hereditariedade do conhecimento sagrado desde os apóstolos até seu tempo<sup>221</sup>.

Para Pinheiro (2013b) a compreensão dos monges como grupos separados dos demais cristãos permitiu a reflexão durante a Primeira Idade Média, de que os bispos foram gradualmente corrompidos com a vontade de manter seus privilégios, na medida em que a Igreja e o cristianismo se expandiam.

O triunfo do cristianismo ocasionara uma mácula no interior da própria Igreja, a ponto de os chefes eclesiásticos já não buscarem uma vida de perfeição condizente com a fé primitiva e permitirem também para si uma frouxidão de costumes, sobretudo no que dizia respeito à manutenção de seus bens. (PINHEIRO, 2014b, p.20).

<sup>220</sup> Respectivamente as províncias Alpes Maritimae, Narbonensis II e Vienenses.

<sup>221</sup> Podemos definir assim, que seguindo esses preceitos os monges eram instruídos pelas tradições apostólicas que eram dirigidas e herdadas diretamente dos apóstolos pelo abade, cuja representação era a figura de um ancião, que pré-determinava o culto e a norma monástica, pela compreensão que ele estava em comunicação com os anjos durante suas orações, a interrupção dela e o silêncio após suas atividades representava sua ascese que “legaram à posterioridade uma regra geral, que teriam considerado em acordo com o desejo divino, porque fora enviada pelo ministério de um anjo” (PINHEIRO, 2014b, p.17). Deste modo, era conferido ao abade direcionar as atividades e práticas do mosteiro de acordo com as vontades que Deus instruía. A figura do abade se tornou primordial para manter a autoridade monástica, para ela, o abade replica a experiência “da obediência ao ensinamento proferido pelo ancião” (PINHEIRO, 2014b, p.18). Sustentando uma dupla personalidade ao abade, proferida pela hereditariedade da experiência e, do ensinamento de um antecessor (o ancião), tornando-se ao mesmo tempo, o mestre que ordena e o discípulo que aprende com seu ancião.

As atividades dos bispos, nesse período, corroboram com essa perspectiva, na medida em que, avaliamos as atribuições legais que foram conferidas aos bispos, como mediadores que poderiam advogar em favor dos cristãos em processos criminais, “segundo as cartas de Agostinho, os bispos eram constantemente importunados por solicitadores” (GUIDA NETO, 2008, p.44). Para José Guida Neto (2008), essas atividades permitem que observemos uma dinâmica de substituição gradual dos poderes legais do Estado Romano para a Igreja Católica.

Mas que “veio sobrecarregar os bispos de processos, a ponto de desviá-los, pelo excesso de serviço, das suas funções pastorais” (AZEVEDO *apud* GUIDA NETO, 2008, p.44). Assim, a utilização de suas posições episcopais para serviço e afazeres seculares, embora possa ser compreendido como um apelo à caridade, também colaborava para a observação de que esses bispos estariam corrompendo sua relação com Deus pela demasiada interferência ou atividade secular.

De acordo com Rossana Pinheiro (2014b) essa dinâmica foi iniciada na Provença por João Cassiano que propunha a substituição da autoridade episcopal dos bispos pela dos abades que na visão de Cassiano mantinham preservadas as verdadeiras condutas e práticas da fé desde os apóstolos, logo, os monges representariam:

uma linhagem ininterrupta entre Apóstolos, primeiros monges e cenobitas, acredito que imprimiu uma mudança na perspectiva que considerava tal sucessão própria aos bispos para, justamente, dar um lugar ao monacato no interior da sociedade provençal. (PINHEIRO, 2014b, p.20).

Para a autora, a Provença evidenciou esses novos princípios de hierarquia eclesiástica, pois João Cassiano havido conseguido validar a ideia de que sua presença e participação na criação de mosteiros em Marselha haviam transferido a hereditariedade do conhecimento apostólico para os monges provençais, “por ter sido discípulo dos mestres egípcios e ter tido a oportunidade de aprendê-las por meio da experiência” (PINHEIRO, 2014b, p.20). Assim, para Cassiano aos monges eram conferidos sua autoridade episcopal superior aos clérigos da Igreja, pois o isolamento social propiciado pelos mosteiros permitiu a preservação e transferência de seu conhecimento e das tradições apostólicas que permaneceram incorruptíveis pelo tempo.

Além disso, os mosteiros provençais restringiram a entrada de indivíduos que não compunham a aristocracia galo-romano, que colaborou “para a determinação da importância do monaquismo para a consolidação e o fortalecimento da autoridade episcopal na Provença”

(PINHEIRO, 2014b, p.23). Com a alteração da capital administrativa de Trier para Arles, a Provença havia se tornado uma região soberana na Gália, determinando uma predileção na escolha para o cargo de bispos que haviam sido instruídos nos mosteiros.

Com a determinação da soberania clerical em Arles, as ilhas de Lérins ganharam um importante destaque na composição do episcopado galo-romano, como Pinheiro referência, entre os séculos V e VI ao menos três bispos de Lérins teriam assumido o bispado em Arles “Honorato (c.431), Hilário (c.490) e de Cesário de Arles (c.542), três monges da Abadia de Lérins” (PINHEIRO, 2014b, p.23). Eva Sanford destaca que a proeminência dos clérigos formados em Lérins também teria colaborado para expandir a percepção teológica provençal, de acordo com ela, os monges lerinenses mantinham um padrão narrativo pautado em ideais ascéticos, na busca pela santidade e críticas a imoralidade romana “A estreita comunhão entre os monges da ilha é constantemente demonstrada por semelhanças de ideias e frases nos escritos de muitos homens ilustres que receberam seu treinamento inicial na ilha<sup>222</sup>” (SANFORD, 1930, p.13, tradução nossa). Observamos assim, que a constante preocupação de Salviano em retratar a imoralidade romana esteve alicerçada por uma tradição lerinense professada por seus pares e propagada para outras províncias galo-romanas.

Para Paulo Duarte Silva a composição dos monges de origem aristocrática em Lérins e sua proeminente influência episcopal em Arles, acabaram refletindo em uma dissociação política e administrativa entre a Igreja e o Império Romano “este grupo foi o que melhor expressou, no campo eclesiástico, as aspirações aristocráticas galo-romanas de autonomia frente às interferências romanas” (SILVA, 2018, p.21). Para Bruno Ochoa Borgongino (2018) os ideais ascéticos do monaquismo, haviam colaborado para que os aristocratas conservassem seus status, como homens distintos e ilustres da sociedade, por isso é possível observar uma gradual substituição da autoridade secular, pelo poder monástico e episcopal.

Silva destaca que essa dinâmica causou diversos conflitos com outras regiões que também desejavam reivindicar primazia episcopal na Gália, tendo em seu ápice a interferência de “Leão de Roma (440-461) [que] repreendeu severamente a conduta de Hilário, bispo de Arles e então líder do grupo de Lérins” (SILVA, 2018, p.21). Entretanto, devemos evidenciar que, embora Hilário de Arles desejasse privilegiar seus colegas lerinenses, a preferência por monges-bispos também esteve associada à percepção de que os bispos que não recebiam a

---

<sup>222</sup> “The close fellowship between the monks of the island is constantly demonstrated by likenesses of ideas and phrasing in the writings of the many great men who there received their early training” (SANFORD, 1930, p.13).

educação monástica estariam demasiadamente inseridos na sociedade romana e, portanto, suas convicções teológicas haviam sido corrompidas pelo contato secular.

Deste modo, observamos que a falta de uma posição oficial privilegiada na ordem clerical, não comprometeu a autoridade do padre de Marselha, pois o reconhecimento de Salviano como mestre dos bispos fez com que sua autoridade episcopal residisse no auxílio que ele concedeu a seus pares, através da distribuição de homílias para outros clérigos que as cobiçavam e também pela constante troca de correspondências sobre dúvidas de matriz teológica que clérigos e bispos faziam a ele, a área de influência de Salviano certamente foi considerável.

Pois como Eva Sanford afirma, muitas de suas correspondências e homílias criadas foram “para homens distantes na terra dos Francos, na Gália, Itália e Hispânia e diversas províncias, para serem pregados em suas igrejas<sup>223</sup>” (SANFORD, 1930, p.14, tradução nossa), embora não tenha obtido títulos oficiais, certamente Salviano se destacou por seu trabalho apostólico de amparo aos seus colegas eclesiásticos, e por sua grande sabedoria secular e teológica.

Entretanto, é preciso considerar que as percepções de Salviano e do clero provençal estiveram longe de ser consideradas unânimes pelas comunidades cristãs do Império. Outra tendência narrativa que podemos analisar são as produções historiográficas clericais que, ao contrário de Agostinho e Salviano, estiveram preocupados em datar e registrar os eventos dos séculos V através de uma percepção escatológica, ao mesmo tempo em que forneceram, para nós, as percepções das comunidades que estavam inseridos, através da construção de suas crônicas.

## **2.2. Cristianização historiográfica e a apropriação da crônica**

Ao analisarmos os discursos de historiadores antiquistas e medievalistas, compreendemos que uma grande variedade segue parâmetros semelhantes aos adotados por David Woods e Thomas Banchich ao avaliarem um decréscimo da produção textual de narrativas históricas, a justificativa de Woods baseia-se que “A produção de narrativa literária complexa requer segurança econômica e física<sup>224</sup>” (WOODS, 2009, p.357, tradução nossa). Dando lugar a uma escrita mais objetiva durante os séculos V ao VII, ocasionando a ascensão

---

<sup>223</sup> “to men far distant in the Frankish land, in Gaul, Italy and Spain and divers provinces, to be preached in their churches” (SANFORD, 1930, p.14).

<sup>224</sup> “The production of complex literary narrative requires economic and physical security” (WOODS, 2009, p.357).

das crônicas durante esse período como forma de registrar os eventos históricos, para ele, mais do que registrar os eventos com a preocupação histórica, a crônica se apresentava como um canal de notícias que atualizava os romanos sobre os acontecimentos recentes das outras partes do Império Romano em que eram escritas. (WOODS, 2009).

Para Banchich (2007) esse decréscimo ocorre a partir do III<sup>o</sup> até o século VII, pois avalia como ponto inicial a ascensão da tradição epitomizadora e dos breviários como recurso historiográfico<sup>225</sup> para combater as crises do terceiro século.

Essa escrita tinha como proposta ser uma alternativa simples de obras clássicas, a tarefa de seus autores era resumir e compilar textos em uma nova versão de linguagem simples, mais objetiva e que tivesse o mínimo de adições próprias possíveis, “a maioria respondia a circunstâncias precisas e escrevia superficialmente, com pouca pesquisa e apenas efeito efêmero<sup>226</sup>” (BANCHICH, 2007, p.310, tradução nossa). Ainda assim, a facilidade e a objetividade da escrita cronística, colaborou para torná-la atrativa, e bastante usual na Primeira Idade Média.

David Woods considera que o declínio na historiografia da Primeira Idade Média foi gradual e não pode ser atribuído a todas as partes do Império, já que, a continuidade historiográfica e sua manutenção<sup>227</sup> dependiam da relação que as regiões aonde residiam os escritores desfrutavam em relação ao Império ou com relação aos Reinos Bárbaros. Woods ainda evidencia que em períodos de guerras ou conflitos internos e/ou externos é natural um decréscimo da produção textual.

Todavia, não acreditamos que a questão da insegurança tenha sido sempre determinante para decréscimo da produção textual. Ainda que em menor escala, podemos tomar como exemplo a produção de Salviano e Victor de Vita, que ao desenvolverem suas narrativas utilizaram dos recursos historiográficos que dispunham para fazer críticas ao tempo presente,

---

<sup>225</sup> A observação da historiografia romana como um recurso para os períodos de crises são destacadas por Hans Beck (2007), que aponta o surgimento da historiografia romana no século III A.E.C. com Quinto Fabio Pictor como uma iniciativa para solucionar as crises do Estado Romano durante as Guerras Púnicas através da leitura e do exame do passado romano, para Beck o foco dos historiadores clássicos tornou-se, a partir daí, a possibilidade de reconhecer os erros passados a fim de reorganizar o momento presente (BECK, 2007). Vemos assim, nas tradições epitomizadora e no *breviarium* uma tentativa de regressar não as obras clássicas, pois é possível que muitos epitomizadores tenham acreditado que essas obras realmente colaboraram para ajudar o Estado Romano, e que seus escritos contemporâneos deveriam ter o mesmo efeito para o período em que viviam.

<sup>226</sup> “most of them responses to precise circumstances and written rapidly, with little research and only ephemeral effect” (BANCHICH, 2007, p.310).

<sup>227</sup> Compreendemos por manutenção a aplicação ou feitura de novos métodos e tradições historiográficas.

colaborando na composição de um ato de resistência historiográfica<sup>228</sup>, em um período de maior reivindicação por narrativas concisas.

Assim, pretendemos apresentar um brevíssimo panorama sobre as transformações ocasionadas aos gêneros literários e historiográficos, bem como a exigência de escrita objetiva para uma leitura rápida que a sociedade, após o século III, demandava de seus escritores, como veremos a seguir.

Deste modo, a historiografia na Primeira Idade Média se reafirmou pelo compromisso de compor obras que pudessem colaborar na compreensão dos acontecimentos históricos presentes, aonde os clérigos ocuparam importantes espaços de debates, em sua maioria, associando os eventos bíblicos com os episódios narrados.

Surgem deste modo, duas tradições narrativas e historiográficas características dos clérigos, que por vezes podem estar diretamente associadas, a tradição apologética e a tradição teológica. A tradição apologética estava mais comprometida em defender política e socialmente a Igreja de julgamentos e críticas e seu compromisso era apresentar que “o Estado prosperou quando a Igreja também prosperou<sup>229</sup>” (WOODS, 2009, p.358, tradução nossa), refutando aqueles que afirmavam que o cristianismo havia destruído o mundo clássico-pagão. Já a tradição teológica, tinha como objetivo homogeneizar a doutrina e a fé católica.

Podemos observar em casos raros, um desempenho intelectual como de Agostinho que se comprometeu a advogar por ambas as tradições em diferentes obras. De acordo com Brian

---

<sup>228</sup> Consideramos aqui, um ato de resistência historiográfica, uma ruptura com os modelos tradicionais da historiografia do século V, para tecer críticas a sociedade em que nossas fontes estavam inseridas, em Salviano, por exemplo, ele utiliza a escrita histórica para confrontar a autoridade da Igreja Católica, não apenas no *De Gubernatione Dei*, mas também nos Quatro livros de Timóteo a Igreja, que inclusive, são feitos questionamentos ainda mais heterodoxos, onde observa o oportunismo da Igreja Católica com as migrações bárbaras do século V, afirmando haver uma concentração de riqueza, propriedades e poder, alegando que, à medida que a Igreja enriquecia, menor era a fé praticada, “De fato, você [Igreja Católica] espalhou por todo o mundo membros que levam a reputação de cristãos, mas que não possuem a força da religião. Assim, você se tornou rica em número, mas pobre na fé. Quanto mais abundante forem suas multidões, mais necessitada de devoção estará. Quanto maior o seu corpo, mais limitada será sua alma” (SALVIAN, 1947, p.270, tradução nossa). Deste modo, tendo os livros de Salviano questionado o tempo presente e as principais intuições romanas, observando que os vândalos eram a nova sociedade escolhida por Deus, para purificar os pecados dos falsos cristãos e dos romanos, ele apresenta uma tarefa historiográfica árdua, que consideramos aqui como um ato de resistência historiográfica, que contraria as tradições e visões hegemônicas. Embora Victor de Vita tenha se colocado na oposição do debate apresentado por Salviano, ele também considerou que o saque de Roma de 455 havia sido uma punição de Deus, aos pecados dos romanos “por causa dos nossos pecados, no décimo quinto ano do reinado de Genserico, ele conquistou Roma” (VICTOR OF VITA, 2006, p.12, tradução nossa). Contudo, consideramos que sua obra, surge como um ato de resistência por confrontar as classes aristocráticas vândalas. Desse modo, ainda que Victor e Salviano possam ser colocados em lados opostos, quanto a suas percepções teológicas e doutrinárias, ambos se posicionaram na contrariedade das dinâmicas políticas e sociais que estavam inseridos, e não mediram esforços para exporem suas opiniões e convicções, mesmo sabendo que poderiam ter sido penalizados por essas atitudes.

<sup>229</sup> “the state prospered when the church prospered also” (WOODS, 2009, p.358).

Croke (2007) embora a obra *Cidade de Deus* de Agostinho tenha uma grande densidade e complexidade literária e, fosse uma das principais obras para romper com a perspectiva que culpava os cristãos pelo Saque de Roma de 410 pelos visigodos por meio da dissociação dos atos humanos e divinos, Croke enfatiza que “Apesar de seu imediatismo e erudição, teve muito pouco impacto na Antiguidade Tardia<sup>230</sup>” (CROKE, 2007, p.575, tradução nossa). Assim sua obra, foi provavelmente negligenciada<sup>231</sup> pela mesma intensidade que hoje louvamos, pois como já apresentamos anteriormente, a sociedade romana presente no que hoje denominamos por Europa estava demandando textos mais simples e objetivos, como os epítomes e brevíários, devido ao agravamento do processo migratório.<sup>232</sup>

Ao contrário dos escritores clássicos e não cristãos que reivindicavam uma posição de certa neutralidade dos historiadores, a ponto de ser um fator determinante para a aprovação de suas obras, os escritores cristãos assumiam livremente um partidarismo da história, para eles assumir uma posição nos assuntos sociais, políticos ou religiosos representava seu compromisso com a verdade. Assim, defender a Igreja ou uma doutrina era defender a verdade divina, por meio, da ordenação de Deus que havia inspirado essa defesa, conferindo ao escritor a legitimação de sua autoria como indivíduo plenamente abençoado e, portanto, distante de pecados como a mentira.

A historiografia cristã, de acordo com Pedro Benedetti (2018), baseava sua autoridade narrativa através do testemunho e do registro dos eventos que simbolizavam as vontades de Deus, assim como, Sua ira ou Sua benevolência, em uma perspectiva bastante semelhante àquela adotada na bíblia (BENEDETTI, 2018). Devemos assim, compreender que a autoria de uma obra literária ou histórica estava fundamentada na simples possibilidade de narrar os

---

<sup>230</sup> “*Despite its immediacy and erudition it had very little impact in late antiquity*” (CROKE, 2007, p.575).

<sup>231</sup> Nos referimos a obra *Cidade de Deus*, e não necessariamente ao *corpus* produzido por Agostinho, uma vez que, o bispo de Hipona também se dedicou a produção de sermões e cartas em uma linguagem simples e objetiva. Não temos como objetivo menosprezar ou rebaixar a autoridade de Agostinho, como já demonstrado (capítulo 1, p.79), o bispo de Hipona tinha grandes preocupações com a compreensão popular de suas cartas e sermões, a ponto de exigir suas traduções para o púnico. E ainda que sua *magnum opus* tenha tido pouca circularidade, podemos encontrar as mesmas referências do pensamento agostiniano em seus ‘Sermões sobre a queda de Roma’ (produzidos antes de *Cidade de Deus*), dos quais consagraram Agostinho como um importante apologista, tornando-se importante referência para outros clérigos como Salviano e Paulo Orósio. Destacamos ainda, que a palavra latina ‘*Sermo, Sermonis*’ é um indicativo de sua função dialógica, podendo igualmente ser traduzida como “fala, conversa, conversação, diálogo, discurso. Debate, discussão. Linguagem cotidiana” (REZENDE, BIANCHET, 2019, p.384).

<sup>232</sup> Embora Agostinho tivesse grande mobilidade nas províncias da Península Itálica e outras regiões do Mediterrâneo próximas, temos que nos atentar para sua origem e estadia nos territórios africanos, já que a ausência de migrações bárbaras (fator externo de interferência na escrita) na África até a chegada dos Vândalos em 429 contribuiu para que sua obra tivesse uma maior complexidade do que aquelas que eram feitas ou exigidas na Europa Central e Península Ibérica, lugares onde a produção intelectual era e deveria ser rápida para atender as necessidades de comunicação com outras regiões. (CROKE, 2007).

eventos. Nesse sentido, escrever sobre os eventos passados ou presentes era registrar um momento da Criação para a posterior reflexão moral e teológica.

De acordo com Brian Croke a produção de Eusébio de Cesareia foi fundamental para o desenvolvimento da tradição apologética, pois sua produção baseou-se em registrar a perseguição aos cristãos e apresentar o desenvolvimento do cristianismo em paralelo com a História de Roma, a fim de declarar que a ancestralidade da religião cristã era tão antiga quanto à própria civilização romana, e, portanto, deveria ser conferido a ela um status proeminente de respeito mútuo, para Eusébio de Cesareia a história não deveria ser uma narrativa de guerra com propósito de heroizar os homens, ao contrário, propõe que a história só deveria se preocupar em retratar e ser feita por homens que tivessem lutado pela 'verdade' (mártires cristãos) e não por um Estado (romanos). (CROKE, 2007).

Para Eusébio, havia chegado o momento de registrar, não as 'vitórias das guerras e triunfos sobre os inimigos, das façanhas dos comandantes e do heroísmo dos homens', mas sim de outras guerras, isto é, as 'guerras silenciosas travadas pela própria paz da alma, e de homens que nessas guerras haviam lutado bravamente pela verdade e não por um Estado'<sup>233</sup> (CROKE, 2007, p.574).

Nesses parâmetros, Croke define que a produção de Eusébio representou o triunfo político do cristianismo e da historiografia eclesiástica nos séculos III e IV e, ainda colaborou para formar uma tradição cronística como base para a inovação dos métodos cronológicos usados em sistemas comparativos que esteve bastante presente no século V, “Todos eles [clérigos] lutaram para determinar os limites entre a história eclesiástica e a história de guerras e políticas do mundo imperial<sup>234</sup>” (CROKE, 2007, p.576, tradução nossa). A imposição dessas fronteiras narrativas entre historiografia secular e eclesiástica, indica que os clérigos estavam mais dispostos a se adaptarem às novas dinâmicas impostas pelos Reinos Bárbaros.

---

<sup>233</sup> “For Eusebius, the time had come to record not the “victories in war and triumphs over enemies, of the exploits of commanders and the heroism of their men” but other sorts of wars, that is, the “peaceful wars fought for the very peace of the soul, and men who in such wars have fought manfully for truth rather than for country” (CROKE, 2007, p.574).

<sup>234</sup> “They all [clerics] struggled with determining the boundary between ecclesiastical history and that of the wars and politics of the imperial world” (CROKE, 2007, p.576).

Certamente, a principal contribuição historiográfica de Eusébio foi à utilização de variadas fontes de datação com uso simultâneo para corroborar a perspectiva clerical de tempo e ancestralidade da religião<sup>235</sup>.

Para Woods, os cristãos que continuaram a tradição cronística auxiliaram nos métodos de datação e na criação de sistemas cronológicos ao promoverem uma dissociação entre datas e governos romanos, isso contribui para obter referências temporais de períodos antes e depois dos cônsules existirem. (WOODS, 2009).

A datação real era comum, mas a desintegração do Império Romano e a ascensão de vários Estados sucessores no Ocidente, fez com que os historiadores utilizassem diferentes sistemas de datas reais, de acordo com o que escreviam na Hispânia Gótica, na Gália Franca ou no Império Romano do Oriente. Isso dificultou a coordenação de fontes de diferentes regiões, mas a natureza secular desse sistema também se mostrou desagradável, uma vez que a preservação e transmissão do conhecimento histórico se concentravam cada vez mais no clero, especialmente nos bispos. Assim, muitos cronistas adotaram como principal sistema cronológico a datação AM (*anno mundi*, 'o ano do universo'), que numerava os anos desde a criação do universo (contudo, diversos sistemas de datações também eram frequentemente utilizados em conjunto)<sup>236</sup> (WOODS, 2009, p.359, tradução nossa).

Assim, os clérigos tiveram como orientação reescrever a história do mundo através de uma perspectiva própria, fazendo analogias e dissociações entre o mundo material e espiritual tendo como base as profecias bíblicas, além de desenvolver sistemas de datação que fossem complexos o suficiente para serem utilizados para regulamentar ou dar referência para outros sistemas cronológicos adotados nos diferentes Reinos Bárbaros.

Consideramos assim, que os escritores cristãos propunham cristianizar a escrita e a historiografia com o objetivo de “rivalizar com as ideias de passado e presente das tradições greco-romanas e judaicas” (BENEDETTI, 2018, p.24), conferindo veracidade a autores não-cristãos apenas quando, as questões por eles citadas tivessem correspondência bíblica. Logo,

---

<sup>235</sup> Benedetti destaca que é possível observar até “cinco sistemas cronológicos em sincronia: as olimpíadas, o ano desde o nascimento de Abraão, dos reis persas, cônsules romanos, reis macedônios e egípcios” (BENEDETTI, 2018, p.29).

<sup>236</sup> “*Regnal dating was common, but the disintegration of the Roman Empire and the rise of various successor states in the west meant that historians used different systems of regnal dating according to whether they wrote in Gothic Spain, Frankish Gaul, or in the Eastern Roman Empire. This made it difficult to coordinate sources from different regions; but the secular nature of this system also proved unappealing, since the preservation and transmission of historical knowledge increasingly fell to the clergy, especially the bishops. Most chroniclers adopted as their main chronological system AM dating (anno mundi, “in the year of the universe”), which numbered the years from the creation of the universe (although several different systems were often used in parallel)*” (WOODS, 2009, p.359).

esse *modus operandi* permitiu o desenvolvimento de uma nova autoridade autoral baseada em um método comparativo bíblico.

Como temos discutido, o período da Primeira Idade Média caracterizou-se por um ápice da escrita cronística em toda antiga metade Ocidental do Império Romano, sua escrita, porém, diferenciou-se de tradições e métodos que haviam sido consagrados e continuados desde a Antiguidade Clássica, tornando a escrita medieval mais objetiva, “o escrito desenvolve-se a par do oral e, pelo menos no grupo dos clérigos e literatos, há um equilíbrio entre memória oral e memória escrita, intensificando-se o recurso ao escrito como suporte da memória” (LE GOFF, 1990, p.237).

Esse equilíbrio que Le Goff aponta, permitiu uma maior participação da vida social de indivíduos subalternos, devido a essa escrita relacionar o tempo presente com as promessas bíblicas, pois, a escrita era compreendida como um registro vívido, daquilo que deveria ser aprendido e/ou ensinado. Assim, o escritor assumia a autoridade daquele que registra os ensinamentos, e a própria orientação de Deus sobre algo, como Salviano, que julgou conhecer o desejo Dele, em relação à ascensão do poder vândalo. (LE GOFF, 1990).

Nesse ponto, a conseqüente missão apostólica de expandir e homogeneizar a fé católica colaborou para ampliar o número de pessoas que foram impactadas por esses escritos, pois com o ofício pastoral as obras dos clérigos puderam atingir os públicos não leitores, sua produção não mais se destinava apenas aos membros das elites romanas ou integrantes da burocracia imperial.

Para Pedro Benedetti (2018) a crônica não apenas tinha o poder de capturar leitores e ouvintes, como também era importante para construir uma tradição historiográfica cristã por meio da colaboração autoral, em perspectiva bastante semelhante com a escrita bíblica “o ensino cristão apresenta-se como a memória de Jesus transmitida pela cadeia dos apóstolos e dos seus sucessores” (LE GOFF, 1990, p.234), podendo ser continuada por autores de outras épocas, uma forma de mantê-la sempre atualizada aos eventos futuros.

Essa característica seguia assim, os preceitos da Primeira Carta de Paulo a Timóteo (4, 9-16), na qual Paulo arroga a missão apostólica para Timóteo que continue sua obra, tanto pela tradição oral, quanto pela escrita, dando-lhe instruções objetivas para sua prática, a fim de redimir a ele e seus ouvintes.

Nesse aspecto, os clérigos que seguiram Eusébio em sua crônica, incorporaram essas instruções de Paulo ao gênero cronístico, para constituir uma tradição semelhante àquela desempenhada pelos discípulos de Cristo, assim a crônica pode se tornar “uma espécie de “patrimônio público” da cristandade” (BENEDETTI, 2018, p.38) em que estão apresentados e

relacionados “ao mesmo tempo como esforço coletivo e autoral” (BENEDETTI, 2018, p.38), tendo em vista, um objetivo comum de difundir a perspectiva cristã da História.

A crônica permitia uma dupla característica própria, a primeira que promulgava e consolidava novas práticas e perspectivas autorais, e secundariamente contribuiu para construir uma nova tradição cristã.

Para Benedetti (2018), Croke (2007) e Woods (2009) a inovação partiu de Eusébio de Cesareia ao fazer uma História da Igreja cujo direcionamento estava baseado em sustentar a legitimidade da religião e sua defesa em face de autores pagãos que questionavam alguma contribuição para o Império Romano.

Para David Woods o ápice da crônica ministrou um panorama sobre os eventos do século IV aonde “as mudanças sociais e políticas que estavam em andamento [...] se depararam com o triunfo da crônica como o principal veículo para a transmissão do conhecimento histórico<sup>237</sup>” (WOODS, 2009, p.365, tradução nossa). Em concordância à essa perspectiva, Brian Croke define que inicialmente os cronistas “escreveram para seus pares e se viam fornecendo um resumo útil dos eventos, geralmente vinculados à história mais ampla da história humana<sup>238</sup>” (CROKE, 2007, p.579, tradução nossa). Embora, os autores posteriores a Eusébio, tentassem escrever partindo de uma perspectiva historiográfica e política mais ampla, como define Croke.

Para David Woods a pouca mobilidade de alguns escritores limitou a escrita cronística a uma perspectiva local, como no caso de Idácio de Aquae Flaviae que discutiremos no próximo subcapítulo.

De acordo com Woods, a restrição de mobilidade como o principal motivo para a crônica ser pouco precisa quando tentavam fazer referência a eventos geograficamente distantes de sua origem, “os resultados podiam ser desastrosos, especialmente quando os copistas operavam em contextos geográficos ou políticos distintos do autor original<sup>239</sup>” (WOODS, 2009, p.370, tradução nossa). Contudo, teria sido essa mesma redução de mobilidade dos escritores durante o século V, que revelou o potencial da crônica como um recurso para informar sobre os eventos de uma região para outra, como veremos a seguir (WOODS, 2009).

---

<sup>237</sup> “the social and political changes already afoot [...] eventually saw the triumph of the chronicle as the primary vehicle for the transmission of historical knowledge” (WOODS, 2009, p.365).

<sup>238</sup> “wrote for their peers and saw themselves as providing a useful summary of events, generally linked to the wider story of human history” (CROKE, 2007, p.579).

<sup>239</sup> “the results could be disastrous, especially when the copyist operated in a geographical or political context different to that of the original author” (WOODS, 2009, p.370).

### 2.3. Tradição cronística Ibérica: Idácio de Aquae Flaviae (400-468)

Antes de introduzirmos uma análise e apresentação da vida de Idácio de Aquae Flaviae<sup>240</sup> é expressamente necessário indicar que dispomos de poucos indícios para isso, pois a vida de Idácio só foi profundamente analisada e concentrada na produção de um único acadêmico contemporâneo, Richard W. Burgess, as discussões a partir da obra de Idácio e, não de sua vida, são um pouco mais amplas, mas ainda assim estão concentradas em um número restrito de autores, e quase sempre visando sua contribuição para a tradição cronística julgadas em contexto temporal maior.

O estímulo da escrita cronística e mesmo da ordenação clerical de Idácio de Aquae Flaviae pode ter emergido como uma influência direta e pessoal de Jerônimo que o conheceu ainda jovem, durante a peregrinação de Idácio e seus familiares até Jerusalém entre 406 e 407, quando tinha aproximadamente sete anos. Esse contato com uma grande personalidade escritora e clerical certamente colaboraram para diversos direcionamentos que Idácio tomou em vida, “A lembrança de ter conhecido esses santos padres, especialmente Jerônimo, teve um profundo impacto na vida adulta desse garoto<sup>241</sup>” (BURGESS, 1993, p.4, tradução nossa). Além disso, podemos considerar, de acordo com Richard Burgess, que Idácio presenciou o assentamento alano, vândalo e suevo nas províncias da Hispânia após 409.

Sua infância foi bastante intensa, em seus primeiros 10 anos, peregrinou para Jerusalém aonde manteve contato com importantes clérigos da região e, após seu retorno “Em 411 [...] Idácio vivia em uma comunidade romana isolada, que era constantemente ameaçada pela presença bárbara<sup>242</sup>” (BURGESS, 1993, p.4, tradução nossa). Certamente sua família era bem estruturada economicamente, mas sem influência política ou ligações com a aristocracia romana da Gallaecia, o que poderia ter colocado sua família em risco durante o assentamento desses povos, principalmente no caso dos suevos.

Tal como Phillip Rousseau (2009) nos apresenta que a reivindicação identitária pro bárbara ou romana entre as populações do Império dependia, basicamente, das relações que

---

<sup>240</sup> O mesmo Idácio pode ser atribuído a outros lugares como Idácio de Limia que aponta seu local de nascimento no ano de 400, ou Idácio de Chaves que corresponde ao nome contemporâneo da antiga cidade romana Aquae Flaviae, aonde o mesmo foi nomeado bispo, por este motivo, acreditamos que a adoção do nome de Idácio de Chaves pode soar anacrônico devido sua titulação não corresponder a Chaves, mas a Aquae Flaviae, assim utilizaremos esse último como referência. O nome também pode ser encontrado em outras formas como Hydatius correspondente latino e muito utilizado por escritores de língua inglesa, entretanto, todas as nomenclaturas fazem referência a mesma pessoa.

<sup>241</sup> “*The memory of having met these holy fathers, especially Jerome, was to have a profound impact on the boy's later life*” (BURGESS, 1993, p.4).

<sup>242</sup> “*In 411 [...] on Hydatius lived within an isolated Roman community constantly threatened by the barbarian presence*” (BURGESS, 1993, p.4).

eram estabelecidas entre essas populações. A pressão estabelecida na Gallaecia colaborou para muitas situações de conflito e grande estresse social que impactou na vida e na posterior escrita de Idácio.

Estando em uma comunidade romano-católica isolada na província da Gallaecia e ameaçada pela presença bárbara na região, emergiu como uma figura de resistência, de acordo com Mário de Gouveia a narrativa histórica de Idácio “alia o sentimento de hispanidade ao de romanidade. [...] que se coadunam com a conservação da autoridade do imperador sobre a Hispânia” (GOUVEIA, 2012, p.205). Deste modo, podemos evidenciar o uso da retórica por Idácio como ferramenta para a manutenção do controle imperial<sup>243</sup> nessas regiões, na tentativa de estabelecer vínculos com as elites senatoriais em Roma, pois o reconhecimento da autoridade romana, em detrimento dos reinos que haviam se estabelecido, enfatiza a responsabilidade do Império Romano em auxiliar sua população nessa distante província.

Acerca de trajeto adotado e a repercussão da vida clerical de Idácio não temos qualquer informação antes de sua ascensão episcopal para bispo em 428 com respectivamente 28 anos, para Burgess a pouca idade para o cargo assinala que ele era “um indivíduo de alguma posição e reputação na região<sup>244</sup>” (BURGESS, 1993, p.4, tradução nossa). Mas, também, é preciso considerar a possibilidade de Idácio ser um de poucos clérigos da região ainda

---

<sup>243</sup> Josef Lössl (2013) considera que a partir dos finais do século IV, a retórica cristã que havia sido utilizada extensivamente na apologética para condenar as atitudes de hereges e não-cristãos, direcionou-se para fornecer pressão social e política sobre os governantes romanos, na tentativa de defender a comunidade que estavam inseridos, para o autor, a retórica auxiliou e “*influenced it by ‘endorsing’ it, ‘nudging’ it towards more autocracy and religious control*” (LÖSSL, 2013, p.75). Ainda para esse autor, a retórica cristã continuou a utilizar elementos da retórica e oratória clássica, como a profanação e injúrias de povos ou indivíduos para desenvolver um senso de aversão a esses personagens, podemos assim, encontrar correspondências desses elementos em Idácio, como a morte do rei vândalo Gunderico que ficou associada a possessão de um demônio (HYDATIUS, 1993, p.89); ao apresentar que o rei Genserico teria sido um apostata (HYDATIUS, 1993, p.90-91); e posteriormente, atribuindo a Genserico uma grande intolerância contra as comunidades católicas, das quais considerou terem sido perseguidas nas províncias africanas após a tomada de Cartago (HYDATIUS, 1993, p.95); Genserico também foi considerado o mandante de uma perseguição que culminou no martírio de muitos católicos da Sicília (HYDATIUS, 1993, p.95); além disso, Idácio também demonstrou Genserico como um personagem traçoeiro ao acolher e depois ordenar a morte de Sebastian, genro de Bonifácio (HYDATIUS, 1993, p.99). Os autores William Dominik e Jon Hall (2007) consideraram que a retórica, era um elemento, pelo qual as elites intelectuais romanas utilizavam para reivindicar *status* junto às autoridades políticas do Estado Romano. Deste modo, a retórica poderia ser utilizada como recurso para exigir mudanças de ordem burocrática e política, “*In rhetorical texts too the rhetoric of gender combines with the rhetoric of status so as to build, reinforce, and naturalize the ‘rhetorical class,’ the political elite of Rome*” (DOMINIK, HALL, 2007, p.4). Podemos assim, compreender que há, tanto em Idácio, quanto em Victor de Vita, uma tentativa de reorganizar a percepção da sociedade civil sobre os emergentes reinos, ao mesmo tempo, em que passam a exigir intervenções mais diretas e energéticas contra a ascensão de comunidades que consideraram estar destruindo o mundo cristão civilizado. Para Lössl, essa tentativa de incitar a violência por meio da retórica, tornou-se comum e usual entre clérigos no combate ao paganismo, e posteriormente também passou a ser utilizada naquilo que eles consideravam uma grave ameaça aos valores cristãos, evidenciando um cristianismo cada vez mais intolerante (LÖSSL, 2013).

<sup>244</sup> “*an individual of some standing and repute in the area*” (BURGESS, 1993, p.4).

assumidamente romano e católico, já que nessa medida a Igreja tinha que competir por seus fiéis com a dita heresia priscilianista<sup>245</sup>.

Mapa 5 - Vida e área de influência de Idácio de Aquae Flaviae.



Fonte: Elaborado pelo autor.

<sup>245</sup> O priscilianismo foi um movimento religioso associado à Prisciliano, ainda quando ele era laico, de famílias aristocratas da província da Baetica ou da Lusitania sua eleição ao Bispado de Ávila só ocorreu após a condenação das práticas priscilianistas como heréticas, pelo Concílio de Zaragoza em meados de 380. (CONDE, 2004; GAZZOTTI, 2012; CALAZANS, SILVA, 2012). De acordo com Danilo Medeiros Gazzotti (2012) a elevação de Prisciliano ao cargo de bispo, provocou uma radicalização do clero católico, que buscou apoio junto do imperador Graciano para condenar e expulsar os hereges priscilianistas de suas dioceses localizadas nas províncias da Hispania, forçando a migração de seu grupo as províncias da Aquitânia. Gazzotti ainda apresenta que após um período conturbado, e após a sucessão de Graciano, os priscilianistas tentaram rever a condenação de heresia entre 384 e 386, contudo, Prisciliano e seus seguidores mais próximos foram capturados e mortos em Trier. (GAZZOTTI, 2012). Para Jaqueline de Calazans e Leila Rodrigues da Silva (2012) o martírio sofrido por Prisciliano e seus seguidores, apenas fortaleceu o caráter popular do movimento, e a tentativa de amenizar os impactos e a difusão do priscilianismo no Concílio de Zaragoza, ao não fazer referência a esse movimento e ao seu líder durante sua realização, como estratégia para evitar o apoio popular quando o movimento fosse considerado legítimo, constituíram apenas, um efeito paliativo, pois como nos apresenta Carmen Cardelle de Hartmann (1998) com a transferência do corpo de Prisciliano para Santiago, junto de outros fatores apresentados por Gazzotti (2012), Calazans e Silva (2012) como a baixa romanização, a predominância de áreas rurais, e a grande propagação dos ideais priscilianistas pelos bispos da Gallaecia, colaboraram para a rápida expansão, e propagação dessa heresia para as comunidades de laicos dessa região. Em relação ao conjunto de práticas, o priscilianismo se caracterizou por seus ideais ascéticos, pelo maniqueísmo, pela presença de mulheres no ensino e aprendizado das Sagradas Escrituras, o afastamento e a clausura doméstica durante períodos festivos, a privação da comunhão e da eucaristia, e por vezes a autoproclamação de alguns bispos influentes como doutores da Igreja, sem necessariamente terem conquistado esse título, todas essas práticas são questionadas e condenadas no Concílio de Zaragoza em 380 e também no Concílio de Toledo em 400. (HARTMANN, 1998; CONDE, 2004; GAZZOTTI, 2012; CALAZANS, SILVA, 2012; CALAZANS, 2014).

Sobre a atuação política de Idácio na província da Gallaecia, Richard Burgess menciona ao menos quatro importantes eventos que necessitaram de sua intervenção direta, todos ocorridos após Idácio assumir o bispado de Aquae Flaviae.

O primeiro desses eventos ocorreu apenas três anos após assumir o bispado em 431 quando “foi escolhido para ir com uma delegação à Gália para procurar a assistência do *magister militum* Aécio, na intenção de reprimir as constantes hostilidades dos Suevos contra os galecianos<sup>246</sup>” (BURGESS, 1993, p.4, tradução nossa). Em 433, de acordo com Burgess, Idácio acompanhou os procedimentos que resultaram no tratado de paz estabelecido entre suevos e romanos, e mais tarde em 445 havia recebido ordens do Papa Leão para “estabelecer um Sínodo geral na Hispânia ou, se isso não fosse possível, ao menos um na Gallaecia, para reprimir o Priscilianismo e restaurar a ortodoxia<sup>247</sup>” (BURGESS, 1993, p.5, tradução nossa). Embora a mensagem do Papa Leão tenha sido amplamente disseminada entre as províncias da Hispania, Burgess afirma que não houve nenhuma atitude efetiva contra a heresia.

Logo, houve um respeito à pacificação que era mantida entre as duas facções, ou seja, entre católicos e priscilianistas, o que colabora para ponderarmos que a ortodoxia católica tinha pouca prevalência na região, cujo do clero católico preferiu se abster das exigências do Papa Leão, e competir seus fiéis de forma pacífica com a heresia priscilianista. (BURGESS, 1993; CROKE, 2007; BENEDETTI, 2018).

A última menção de Burgess a atuação de Idácio foi em 460, quando a cidade do bispo foi sitiada por suevos desertores durante alguns meses, período que Idácio ficou em cárcere. A ação sueva só foi sufocada com a morte de Frumarius que aspirava ser rei, é necessário dar destaque a esse evento em particular, pois, não é mencionado nenhum acordo de paz com os romanos, mas sim, entre “Galaecianos e suevos<sup>248</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.116, tradução nossa). A Crônica de Idácio apresenta aqui uma grande evidência do desconforto da população da Gallaecia em se reconhecer como romanos, pelo contrário, essas populações assumem uma identidade regional, que sobrepôs qualquer referência romana em meados de 460.

---

<sup>246</sup> “was chosen to go on a delegation to Gaul to seek the assistance of the *magister militum* Aëtius in quelling the constant Suevic hostilities against the Gallaecians” (BURGESS, 1993, p.4).

<sup>247</sup> “to establish a general synod in Spain, or, if that proved too difficult, then at least one in Gallaecia, to repress Priscillianism and restore general orthodoxy” (BURGESS, 1993, p.5).

<sup>248</sup> “Gallecos et Sueuos” (HYDATIUS, 1993, p.116); “Gallaeci and the Sueses” (HYDATIUS, 1993, p.117).

Como veremos a seguir, temos consciência que essa insatisfação pode não ter se generalizado entre todas as comunidades galaecianas, e que inclusive alguns grupos minoritários devem ter mantido múltiplas identidades associadas ao Império.

Nesse caso, observamos que o próprio Idácio é um representante dessa dinâmica, contudo, não podemos desconsiderar o gradual decréscimo da romanidade, e a insatisfação dessas populações com a negligência do Império, principalmente em uma região, como a Gallaecia, onde a romanização já não havia sido tão efetiva, como em outras regiões da própria Hispânia. (GAZZOTTI, 2012; CALAZANS, SILVA, 2012).

Sobre isso, Pablo Díaz e Luis Menéndez-Bueyes (2005; 2015) afirmam que chegada dos povos bárbara na Península Ibérica provocou um colapso da presença e da autoridade do Estado Romano na região, gerando importantes vácuos de poder<sup>249</sup>, que marcou a ascensão de poderes locais e uma complexa rede de cidades no Norte da Hispânia que tinham um sistema político e administrativo independente.

Analisando a obra de Idácio, Díaz e Menéndez-Bueyes observavam o surgimento de um termo não-romano denominado *castellum* e que era utilizado em associação ao termo *castrum*, e que faziam referências a esses modelos políticos e administrativos adotados na região, como explica os autores:

O significado do termo *castellum* é um tanto problemático: é claro que o termo se refere a propriedades fortificadas, mas, dada a justaposição na frase *civitates et castella*, parece provável que *castella* diferisse das cidades não apenas em tamanho e forma, mas também em status. As origens do termo *castella* provavelmente fazem parte de categorias jurídicas não-romanas e, no contexto do início do século V, a palavra provavelmente se referia a locais populacionais dependentes da cidade, mas com suas próprias estruturas administrativas. Nas fontes da Hispânia da Antiguidade Tardia, o termo *castellum* é usado de forma intercambiável com *castrum* e, portanto, podemos sugerir que as estruturas políticas do *castellum* estavam associadas com a forma física do *castrum*<sup>250</sup> (DÍAZ; MENÉNDEZ-BUEYES, 2005, p.290-291, tradução nossa).

<sup>249</sup> O termo “*power vacuum*” aqui mencionado e traduzido por “vácuos de poder” aparece em Díaz e Menéndez-Bueyes (2005) e depois também em Peter Heather (2008), deve ser entendido como um conceito abrangente do processo de enfraquecimento da presença imperial e o aumento da autonomia provincial, permitindo a ausência de um poder que se colocasse acima destes regionalismos, teria sido neste âmbito que os povos bárbaros constituíram seus Reinos Bárbaros nas províncias da Hispania, através da tomada do papel político que anteriormente era exercido pelo Império, incorporando as elites locais e os tornando mediadores das massas populacionais dessas regiões.

<sup>250</sup> “*The meaning of the term castellum is somewhat problematic: it is clear that the term refers to fortified sites, but given the apposition in the phrase civitates et castella, it seems likely that castella differed from cities not only in size and form, but also in status. The origins of the castella probably lie in non-Roman juridical categories and in the context of the early fifth century, the word probably refers to population sites dependent on the city, but with their own administrative structures. In the sources for late antique Hispania, the term castellum is used interchangeably with castrum, and thus we should probably imagine the political structures of the castellum merged with the physical form of the castrum*” (DÍAZ; MENÉNDEZ-BUEYES, 2005, p.290-291).

Para os autores, a utilização desses termos reforça a construção de sociedades beligerantes que são promovidas, através da ausência do poder e dos exércitos romanos para auxiliar tais populações, portanto, essas comunidades passam a viverem no entorno de propriedades fortificadas, algumas para se oporem a integração, a chegada e estabelecimento desses reinos, na tentativa de se manterem independentes, situação que acarretou em identidades locais bastante expressivas<sup>251</sup>, como os *Gallaeci* que são mencionados por Idácio, “o aparecimento do termo *Gallaeci* na narrativa de Idácio, marca a crescente independência de sua região frente a autoridade e administração imperial<sup>252</sup>” (DÍAZ; MENÉNDEZ-BUEYES, 2005, p.292, tradução nossa). Os autores ainda citam um fenômeno comum do Norte da Hispânia que foi a reapropriação de fortificações em colinas que haviam abandonas pelos exércitos imperiais, e que com a chegada dessa coligação de povos<sup>253</sup>, haviam se tornado importantes pontos de resistência dessas comunidades locais.

Entretanto, mais recentemente em 2015, os autores também consideraram que, essa resistência apresentada teria sido um meio de ganhar melhores condições nos tratados firmados com o Reino Suevo<sup>254</sup>, assim tais expressões identitárias locais teriam exercido um papel fundamental na integração dessas comunidades a esse reino.

---

<sup>251</sup> É importante que se diga que não negamos a compreensão de que algumas comunidades podem ter adotado duplas identidades, como propõe Franz Mitthof (2012) essa característica incorporaria uma identidade provinciana, que se mantem associadas a tradições históricas locais, e outra associada ao Império Romano, como característica representativa de status, que atrelava indivíduos ao Estado Romano como estratégia de imposição política e consolidação de influências regionais (MADSEN, 2013). Entretanto, nesta discussão deve-se pautar, principalmente, o senso identitário com que essas comunidades foram representadas por Idácio. Nesse caso, o período pós-romano surgido na Hispania, acabou acarretando a consolidação de um senso comunitário maior e acima da necessidade de se associar ao Império, que havia perdido sua influência, autoridade e até mesmo, os modos regulares de comunicação com essas regiões mais distantes de Roma, através da substituição do poder político para os Reinos Bárbaros, como destacaram os autores Díaz e Menéndez-Bueyes (2005; 2015). Nesse ponto, devemos ainda considerar que Mitthof (2012) também se apropria dessa percepção, ao avaliar que a transferência de autoridade política do Império Romano para os Reinos Bárbaros, também colaborou para tornar as províncias em entidades étnicas que, forneciam modelos e sentidos identitários, na medida em que o Estado Romano era substituído por esses emergentes reinos, assim as identidades provincianas poderiam ter se sobrepostos ao senso da romanidade, uma vez que os aristocratas locais continuavam mantendo suas tradições históricas, mas perdiam gradualmente sua comunicação com o Império Romano e não podiam mais regulamentar e sustentar sua influência, através da burocracia imperial. (MITTHOF, 2012; DÍAZ, MENÉNDEZ-BUEYES, 2005; 2015).

<sup>252</sup> “the appearance of the term *Gallaeci* in Hydatius’ narrative marks the region’s increasing independence from imperial power and administration” (DÍAZ; MENÉNDEZ-BUEYES, 2005, p.292).

<sup>253</sup> Quando utilizado o termo ‘coligação de povos’, estamos nos referindo aos povos que entraram nas províncias da Hispania em 409, são eles: os alanos, vândalos e suevos.

<sup>254</sup> Ian Hughes (2017) também considera essa uma estratégia comum para o período, principalmente porque, segundo ele, os tratados somente tinham validade enquanto ambos signatários estivessem vivos, uma vez que, se um dos líderes morria, a outra parte engendrava novas hostilidades como recurso para obter melhores condições no próximo tratado firmado. Para Hughes, teria sido essa mesma estratégia que levou o Reino Vândalo a saquear Roma em 455, após o assassinato do imperador Valentiniano III “*Gaiseric’s alliance and treaty was with Aetius and Valentinian, the individuals who had concluded the negotiations with him. As a result, upon their deaths the treaty was perceived by Gaiseric as being ended. [...] Deciding upon a swift attack, Gaiseric set sail, not just for*

O que parecia ser uma inovação, provavelmente representou a restauração ou renovação das formas de governos locais, às vezes com antecedentes pré-romanos, que desempenhariam um papel crucial na futura articulação do Reino Suevo e que evidencia um passo em direção às fragmentadas estruturas locais do início da Idade Média<sup>255</sup> (DÍAZ; MENÉNDEZ-BUEYES, 2015, p.152, tradução nossa).

Assim, durante as décadas de 450 e 460 o sentimento de abandono parece ter se generalizado entre a população da Gallaecia, motivo pelo qual não há qualquer representação do Império ou da designação de romano no tratado de paz com os suevos, como já apresentado anteriormente.

De acordo com Burgess a escrita de sua obra deriva exatamente desse período, momento em que os visigodos ocuparam as províncias da Hispânia, para Idácio isso pode ter representado um ápice de seu descontentamento e pode ter colaborado para abrasar suas críticas, dando-lhe um motivo pelo qual escrever, “ele só poderia ter começado a escrever o documento que possuímos atualmente após 457 ou 458, uma vez que, deve toda a sua estrutura e propósito à invasão gótica [da Hispânia] e suas consequências imediatas<sup>256</sup>” (BURGESS, 1993, p.5-6, tradução nossa). Brian Croke (2007) também assinala a preocupação de Idácio em apresentar os impactos das migrações bárbaras para a Península Ibérica e como foco principal de sua crônica, cuja finalidade era apresentar “sua visão de mundo, suas ênfases locais particulares e sua compreensão da causalidade providencial nos eventos<sup>257</sup>” (CROKE, 2007, p.579, tradução nossa).

Compreendemos este momento, igualmente, como o início de uma tradição Ibérica de narrativa e historiografia, pois o sentimento de distanciamento dos centros de poder da Península Itálica e, posteriormente da Europa Central colaboraram para que os escritores dessas regiões desde Idácio de Aquae Flaviae até Isidoro de Sevilha fossem em parte

---

*Italy, but directly for Rome*” (HUGHES, 2017, p.192). Hughes também considera que mesmo para os contemporâneos, o saque de Roma não teria sido observado como um ato de traição, isso porque o imperador Maximus que sucedeu Valentiniano, não havia tentado reestabelecer a paz com os vândalos “*The ancient sources themselves note that with the death of Valentinian, the treaty was now void. In theory, Gaiseric was now morally free to act*” (HUGHES, 2017, p.194). As fontes que ele descreve na citação acima, constam em nota de rodapé sendo: João de Antioquia e Jordanes.

<sup>255</sup> “*What appear as novelties likely represented the restoration or renovation of forms of local government, sometimes with pre-Roman antecedents, that would play a crucial role in the future articulation of the Suevic kingdom and mark a step towards the atomized local structures of the early Middle Ages*” (DÍAZ; MENÉNDEZ-BUEYES, 2015, p.152)

<sup>256</sup> “*he could only have begun to write the document we now possess after 457 or 458, since it owes its entire structure and purpose to the Gothic invasion [of Hispania] and its immediate aftermath*” (BURGESS, 1993, p.5-6).

<sup>257</sup> “*their world view, their particular local emphases, and their understanding of providential causality in events*” (CROKE, 2007, p.579).

compelidos a apresentar sua própria visão de mundo, cujas particularidades locais são exaltadas por esses escritores.<sup>258</sup>

Os primeiros 20 anos de bispado na Gallaecia foram bastante intensos, pois Idácio havia tido contato com grandes personalidades do Império como o *magister militum* Aécio e o Papa Leão, portanto, sua função de emissário regional reforçava sua convicção identitária. Mas é aceitável sugerir que Idácio de Aquae Flaviae estivesse pouco confortável com a negligência política e militar do Império, mas não podemos de forma alguma afirmar que seu posicionamento identitário se modificou ao longo da década de 460, após mais de 60 anos inserido nessa dinâmica social, atuando como um interventor da Igreja e do Império, ele esteve condicionado a manter sua convicção como romano e católico.<sup>259</sup>

Acerca da obra de Idácio, podemos observar que ele estava ciente da tradição cronística, desejando contribuir diretamente para sua produção das *Chronici Canones*, pois “O prefácio de Idácio e sua continuação vêm logo depois disso, o que indica que a intenção do bispo era que a obra fosse lida como um todo” (BENEDETTI, 2018, p.39). Uma característica de sua crônica que transparece sua intenção de ser lido como um autor das *Chronici Canones* seria que o primeiro parágrafo das crônicas de Idácio é um excerto das crônicas de Jerônimo. (HYDATIUS, 1993, p.71).

Burgess e Benedetti concordam ao afirmar que Idácio provavelmente não teve contato com o texto original de Eusébio, seja pela fronteira linguística e territorial ou mesmo pela escassez relativa da circulação do texto em grego.

Entretanto, a utilização da tradução latina de Jerônimo foi amplamente disseminada “tanto as crônicas, como a *consularia* tiveram seu primeiro grande impacto na mesma época

---

<sup>258</sup> Uma análise textual pode apresentar uma grande similaridade na escrita de Idácio (400-469) e Isidoro de Sevilha (560-636), mais de 100 anos de diferença entre ambos prevalece a similaridade sobre a narrativa da morte do rei vândalo Gunderico, em Idácio lemos: “Gunderico, o rei dos vândalos, capturou Hispalis, mas logo depois, quando com uma impiedade excessiva tentou pôr as mãos na igreja daquela cidade, pela vontade de Deus, ele foi capturado por um demônio e morreu” (HYDATIUS, 1993, p.91, tradução nossa). E em Isidoro de Sevilha o mesmo relato aparece da seguinte forma “com a autoridade de seu poder real, ele [Gunderico] irreverentemente estendeu as mãos contra a basílica do mártir Vincentio daquela cidade, e pela vontade de Deus, ele foi capturado por um demônio nas portas desse santuário e morreu” (ISIDORE OF SEVILLE, 1970, p.34, tradução nossa). Deste modo, conseguimos observar que Idácio havia se tornado uma importante fonte para a escrita de Isidoro.

<sup>259</sup> Díaz e Menéndez-Buyes (2015) também consideram, o descontentamento de Idácio, mas para os autores, Idácio não se solidarizou com a conquista desses povos, pois acreditava que os Reinos Bárbaros haviam destruído os pilares de um mundo civilizado com a usurpação dos territórios romanos, “*Thus, Hydatius remains steadfast in his loyalty to the two great institutions responsible for this order: the church and the empire. The barbarians are cast as enemies of both. On the one hand, they entered the peninsula against the will of the Roman authorities. On the other, they were hostile to the church, first as pagans, and later by adopting the Arian creed.*” (DÍAZ; MENÉNDEZ-BUEYES, 2015, p.152-153). Deste modo, podemos considerar que Idácio se manteve convicto em suas expressões identitárias, em decorrência de ele não ter encontrado nessa nova sociedade emergente, nenhuma correspondência daquilo que ele considerava cristão e romano (civilizado).

no Ocidente, no final do século IV<sup>260</sup>” (BURGESS, 1993, p.7, tradução nossa). Houve ainda outros continuadores de Jerônimo como Prospero de Aquitânia e um autor anônimo que era contemporâneo de Idácio, conforme afirmado por Pedro Benedetti (2018), entretanto, é pouco provável que eles tivessem tido contato.

Acerca da estrutura textual a contribuição de Idácio geralmente está associada com a aplicação de novos métodos cronológicos em paralelo com aqueles já estabelecidos por Eusébio e Jerônimo, sua principal contribuição nesse caso foi o acréscimo das “Eras Hispânicas em seus sistemas de datas, que foram utilizadas para o período de 379 a 468<sup>261</sup>” (WOODS, 2009, p.369, tradução nossa). Tanto Benedetti, quanto Woods, afirmam que o sistema de data das eras hispânicas já era usual na Gallaecia no período de Idácio e popularizou-se no período posterior, se mantendo ativo até meados do século XV, pois era a melhor alternativa aos métodos de datação que exigiam uma referência ao Império. (WOODS, 2009; BENEDETTI, 2018).

Como temos evidenciado sua crônica segue alguns parâmetros previamente determinados por seus antecessores, como a ampliação de sistemas cronológicos, entretanto, o rompimento com uma escrita concisa e objetiva, pode demonstrar para nós que Idácio também esteve preocupado em seguir métodos da historiografia clássica, e não somente aqueles definidos por autoridades eclesiásticas como válidos, nesse sentido pudemos encontrar claras influências de Cícero, como iremos expor a seguir.

A austeridade com que Idácio faz referência a si próprio, também proporciona evidências de sua vida e/ou como ele desejava ser compreendido, em suas palavras ele afirmava “Eu, Idácio da província da Gallaecia, nascido na cidade de Lemica [...] tenho muito pouco conhecimento dos estudos seculares<sup>262</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.72, tradução nossa). Logo, a negação de Idácio de que não conhecia as ‘coisas do mundo’, era um recurso para se apresentar com pouca instrução na historiografia clássica e, sem conexões com a produção pagã.

Entretanto, sua autodiminuição pode nos evidenciar exatamente o contrário, pois aponta para uma tentativa de se aproximar da escrita de seus antecessores cristãos, Eusébio e Jerônimo como já destacado acima, a escrita de Idácio de *Aquae Flaviae* apresenta um

<sup>260</sup> “Both chronicles and consularia thus made their first big impact at about the same time in the West, at the end of the fourth century” (BURGESS, 1993, p.7).

<sup>261</sup> “Spanish era dates to its existing dating systems, and continued it from AD 379 to 468” (WOODS, 2009, p.369).

<sup>262</sup> “Ydatius prouinciaie Galleciae, natus in Lemica ciuitate [...] perexiguum Informatus studio seculari” (HYDATIUS, 1993, p.72); “I, Hydatius, of the province of Gallaecia, born in the city of the Limici [...] having minimal instruction in worldly affairs” (HYDATIUS, 1993, p.73).

rompimento com a tradicional crônica de escrita concisa, ele se justifica afirmando que “Para superar suas obras [de Eusébio e Jerônimo], seguirei meu próprio entendimento e compreensão literária<sup>263</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.72, tradução nossa). Ao que temos compreendido sua habilidade literária parecia estar ancorada em Cícero que criticava duramente os escritores romanos que apenas descreviam os eventos, mas não apresentavam qualquer reflexão sobre sua narrativa, em poucas palavras, para Cícero isso jamais poderia ser compreendido como História, já que, ele a compreendia como um exercício intelectual de homens virtuosos.

A história nada mais era do que uma compilação de crônicas anuais [...] eles deixaram apenas memoriais de datas, pessoas, lugares e eventos, sem qualquer distinção [...] desde que entendam o que dizem, sua única virtude expressiva é a brevidade<sup>264</sup> (CICERO *apud* BECK, 2007, p.261, tradução nossa).

É muito provável que a negação de Idácio desejasse orientar a experiência de seus leitores para a representação de um homem humilde, cujo único entendimento de vida estava orientado por Deus, sabemos que no período de Idácio houve um ápice da historiografia clássica, por meio da tradição epitomizadora, cujo gênero textual também era semelhante com a crônica, e que certamente muitos de seu tempo tiveram contato com a leitura de textos clássicos romanos.

Além disso, Pedro Benedetti afirma em nota de rodapé que “A ‘autodiminuição’ diante de seus predecessores é também um recurso de autoridade que permeia todo o prefácio de Idácio e que pode ser encontrado em historiadores clássicos” (BENEDETTI, 2018, p.41, *grifo nosso*). Deste modo, compreendemos que o autor se utiliza de diversos recursos literários para ocultar seus referenciais pagãos, contudo, através de toda essa apresentação da vida e da obra de Idácio compreendemos que cada referência tinha como objetivo conferir legitimidade e autoridade em sua continuação da *Chronici Canones* e, que lhe rendeu atributos bastante díspares de seus antecessores.

Nesse contexto, Juliana Bardella Fiorot (2019b) também nos apresenta que a austeridade que Idácio apresenta consigo mesmo, é uma forma de representar que o colapso do mundo, com o estabelecimento do Reino Suevo e da pouca adesão desses indivíduos a

<sup>263</sup> “*in praecedenti opere suo pro capacitate proprii sensos aut uerbi ostensum*” (HYDATIUS, 1993, p.72); “*have followed, as far as my own understanding and literary skills allowed*” (HYDATIUS, 1993, p.73).

<sup>264</sup> “*History was nothing more than a compilation of yearly chronicles [...] they have left only memoriais of dates, people, places, and events, devoid of any distinction [...] provided what they say is understood, the sole virtue of speaking is brevity*” (CICERO *apud* BECK, 2007, p.261).

Igreja Católica, dificulta seu ofício. Consideramos, portanto, que poderia ser até mesmo um recurso apresentado como justificativa para o não cumprimento de algumas ordenações do papa Leão.

A seguir analisaremos os fatores que colaboraram para que Idácio tenha aderido ao estilo cronístico, do qual diferiu moderadamente das propostas de Eusébio de Cesareia e Jerônimo. De acordo com Maijastina Kahlos o objetivo da crônica era oferecer “uma interpretação cristã da história da humanidade<sup>265</sup>” (KAHLOS, 2015, p.12, tradução nossa), cujos relatos dos eventos, fossem breves registros ano a ano. Outra característica eram a aplicação de diversos métodos de datação em sistema comparativo, inicialmente essa particularidade desejava atestar que o cristianismo era tão antigo quanto à própria história de Roma, entretanto, o principal atributo da crônica era escrever uma obra de autoria compartilhada e que pudesse ser continuada e atualizada intermitentemente. (CROKE, 2007; WOODS, 2009).

Para Kahlos a tradição cronística que se estabeleceu a partir de Eusébio utilizou a crônica como um estilo narrativo apologético, que tendo como característica atestar a antiguidade do Cristianismo afirmava que as civilizações greco-romanas haviam se estabelecido a partir de diretrizes cristãs, “o que foi considerado conveniente e compatível com a doutrina cristã deveria ser considerado como ‘nosso’, cristão, e assumido para uso cristão<sup>266</sup>” (KAHLOS, 2015, p.16, tradução nossa). E que, portanto, o conhecimento dos autores pagãos, e a própria superioridade civilizacional romana eram resultados de uma apropriação do conhecimento e da filosofia cristã que haviam sido corrompidos, conforme Kahlos nos apresenta: “Os cristãos eram os verdadeiros herdeiros da sabedoria primitiva de Moisés e os profetas, bem como da tradição platônica, em vez dos gregos pagãos, que simplesmente haviam roubado e distorcido essas verdades originais<sup>267</sup>” (KAHLOS, 2015, p.16, tradução nossa).

E embora Moisés e os demais profetas que o seguiram até a composição do cristianismo primitivo não fossem cristãos, Pedro Luis Piza (2019) nos apresenta que no Evangelho de Mateus (5,17-19), Cristo recomendava em seu sermão que as Leis de Moisés continuassem a serem seguidas por seus discípulos e seguidores, portanto, associava seus ensinamentos em

---

<sup>265</sup> “*an interpretatio Christiana of the history of humankind*” (KAHLOS, 2015, p.12).

<sup>266</sup> “*what was thought to be expedient and compatible with Christian doctrine was to be regarded as ‘ours’, Christian, and taken over for Christian use*” (KAHLOS, 2015, p.16).

<sup>267</sup> “*Christians were the true heirs of primeval wisdom, Moses and the prophets, as well as the Platonic tradition, rather than the pagan Greeks, who had simply stolen and distorted these original truths*” (KAHLOS, 2015, p.16).

uma perspectiva mais ampla associada aos ensinamentos e profetas pré-cristãos, judaicos e abraâmicos.

Ao fazer isso, o cristianismo tentava reivindicar essa herança, pois não havendo uma ancestralidade a ser reivindicada, a religião cristã poderia ser julgada como imatura e bárbara, deste modo, a tentativa de apresentar um pensamento comum entre os ensinamentos de Moisés a Cristo, era um recurso não apenas para julgar a superioridade cristã frente ao paganismo, mas também para difundir a ideia de que o cristianismo tinha muito mais a contribuir com a romanidade, do que os cultos ancestrais que haviam se apropriado desse pensamento que era ao mesmo tempo cristão e pré-cristão. (PIZA, 2019; KAHLOS, 2015).

Acerca das associações entre a identidade romana e a católica, Brian Croke (2007) referência que Eusébio de Cesareia desejava contribuir para essa percepção, pois impunha a sua narrativa que “A nova religião e o novo Império foram projetados para florescerem juntos. O advento de um imperador cristão Constantino<sup>268</sup> (306-337) havia garantido o estabelecimento do reino de Deus na Terra<sup>269</sup>” (CROKE, 2007, p.575, tradução nossa). Deste modo, é possível que Idácio tenha optado por seguir a tradição cronística, por observar um elo entre as identidades que professava como romano e católico, não impondo a essas identidades uma contrariedade como apontava Salviano.

Durante o século V, David Woods considera que a tradição cronística atingiu seu auge devido à brevidade característica de sua narrativa, impondo a ela uma transformação estrutural, pois não tendo mais a necessidade de conceber um gênero apologético, passou a reportar os eventos do tempo presente como um meio de comunicação para noticiar a situação das províncias imperiais sob a presença bárbara, tornando a tradição cronística no “principal veículo para a transmissão do conhecimento histórico<sup>270</sup>” (WOODS, 2009, p.365, tradução nossa). Esse panorama torna-se ainda mais evidente, ao observamos que inicialmente as *Chronici Canones* foram idealizadas por Eusébio para se tornarem uma história universal, de uma perspectiva ampla que deveria abarcar a história do mundo conhecido através de um prisma cristão, contudo, teria sido a redução de mobilidade dos escritores durante o século V, que revelou o potencial da crônica como um recurso para informar sobre os eventos de uma região. (WOODS, 2009)

---

<sup>268</sup> Apesar de ter agido em favor do cristianismo e dos cristãos, Constantino não pode ser considerado um imperador cristão.

<sup>269</sup> “The new religion and the new empire were designed to flourish together. The advent of the Christian emperor Constantine (306–337) ensured the establishment of God’s kingdom on earth” (CROKE, 2007, p.575).

<sup>270</sup> “primary vehicle for the transmission of historical knowledge” (WOODS, 2009, p.365).

Nesse parâmetro, Gouveia apresenta uma limitação de Idácio em escrever sobre os vândalos após 429 quando atravessaram o Estreito de Gibraltar rumo às províncias africanas “ao recordar a partida dos Vândalos para o Norte de África sob Genserico, Hidácio faz de Romanos, Suevos e Visigóticos os protagonistas por excelência do palco político em que se desenrola a conjuntura de crise que caracteriza a Hispânia” (GOUVEIA, 2012, p.203). É preciso enfatizar que Idácio não encerrou os comentários sobre os vândalos após narrar a travessia para a África, mas de fato, constatamos um declínio do protagonismo vândalo em sua narrativa, com apenas breves relatos sobre a política conduzida pelo rei Genserico, como essa: “O rei Genserico reivindicou a paz através de seus emissários ao imperador Majoriano<sup>271</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.114, tradução nossa). Parece assim que Idácio se limitou a escrever sobre os vândalos, nesse período posterior, apenas sobre eventos que fossem amplamente conhecidos. Deste modo, embora Idácio tenha tentado escrever sobre um panorama histórico amplo, torna-se evidente que ele teve limitações consideráveis.

Devemos considerar ainda, que embora a brevidade fosse característica do gênero cronístico, não pertencia ao estilo narrativo de Idácio, como sugere Benedetti sua “contribuição [foi] bastante peculiar. Em primeiro lugar, a brevidade característica do gênero cronográfico não encontra lugar em sua composição, que é de longe a mais detalhada da Antiguidade Tardia” (BENEDETTI, 2018, p.40). Assim, podemos evidenciar que a preferência para compor sua crônica, também implicava em utilizá-la como um recurso contra sua falta de mobilidade e comunicação com províncias distantes de seu bispado, revelando que Idácio tinha um conhecimento bastante limitado sobre eventos históricos que ocorriam em outras regiões.

Entretanto, sua escolha também esteve orientada pela compreensão escatológica que assume, pois acreditava que seu tempo estaria chegando ao fim: “Mas deixo aos meus sucessores que finalizem (essa obra sobre) os Últimos Dias<sup>272</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.74, tradução nossa). Assim, observamos um posicionamento narrativo hostil contra os povos não-romanos, impelindo a eles a responsabilidade pela destruição do Estado Romano, da civilidade romana e da própria Igreja Católica, como evidência de que as profecias apocalípticas estariam se cumprindo.

---

<sup>271</sup> “*Gaisericus rex a Maioriano imperatore per legatos postulat pacem*” (HYDATIUS, 1993, p.114); “*King Gaiseric sought peace from the emperor Majorian through envoys*” (HYDATIUS, 1993, p.115).

<sup>272</sup> “*sed posteris in temporibus quibus offenderint reliquimus consummanda*” (HYDATIUS, 1993, p.74); “*I have left it to my successors (to include an account of) the Last Days, at that time at which they encounter them*” (HYDATIUS, 1993, p.75).

E concluo que as fronteiras do Império Romano foram subjugadas e estão colapsando, o que é doloroso, principalmente na região da Gallaecia que está nos confins do mundo. A sucessão eclesiástica foi deturpada e as nomeações de seus funcionários ficaram irreconhecíveis e a honra da liberdade foi destruída. Nessa ocasião, quase todo mundo delirou sobre a instrução divina da religião, pois o poder confundiu e foi distorcido por esses povos cruéis<sup>273</sup> (HYDATIUS, 1993, p.74, tradução nossa).

É possível observar que o bispo de Aquae Flaviae esteve desejoso em contribuir com uma crônica guiada pelo livro de Daniel onde se encontram duas profecias, a primeira faz referência a uma estátua confeccionada em quatro elementos<sup>274</sup> e a segunda narra o levante de quatro animais bestializados<sup>275</sup>, estes últimos, no entanto, teriam por objetivo causar sofrimento a homens santos, para que eles alcançassem o reino de Deus, enquanto que os quatro elementos da estátua representariam a ascensão de quatro impérios.

De acordo com James Palmer durante o século V “essas passagens em Daniel formaram a espinha dorsal da ‘escatologia imperial’ no Oriente, mas também era praticado no Ocidente<sup>276</sup>” (PALMER, 2014, p.32, tradução nossa). Para ele, a principal contribuição para uma análise escatológica dessas passagens de Daniel partiu de Jerônimo, que estabeleceu uma correspondência entre os quatro elementos da estátua e os quatro animais com respectivos impérios históricos.

O primeiro desses impérios teria sido referenciado por Daniel como o da Babilônia e, os outros três foram referenciados por Jerônimo como “o segundo era a Pérsia, o terceiro era a Macedônia de Alexandre e o quarto era o Império Romano de seus dias, fraco e destruído pelas guerras civis e pelos ataques de diversos povos bárbaros<sup>277</sup>” (PALMER, 2014, p.32, tradução nossa). Assim, a chegada dos bárbaros em solo imperial deveria colocar fim a era dos homens, e os santos ascenderiam ao Reino dos Céus através do martírio e da confissão da fé católica.

---

<sup>273</sup> “*et conclusi in angustias imperii Romani metas subdidimus ruituras et, quod est luctuosius, intra extremam uniuersi orbis Galleciam deformem ecclesiastici ordinis statum creationibus indiscretis, honestae libertatis interitum et uniurse propemodum in diuina disciplina religionis occasum ex furentium dominatione permixta iniquarum perturbatione nationum*” (HYDATIUS, 1993, p.74); “*I have subjoined (an account of) the frontiers of the narrowly-confined Roman Empire that are doomed to perish, and, what is more lamentable, (an account of events) within Gallaecia at the egde of the entire world: the state ecclesiastical succession perverted by indiscriminate appointments, the demise of honourable freedom, and the downfall of virtually all religion based on divine instruction, all as a result of the domination of heretics confounded with the disruption of hostile (barbarian) tribes*” (HYDATIUS, 1993, p.75).

<sup>274</sup> Daniel 2:25-45.

<sup>275</sup> Daniel 7:1-12; Daniel 7:16-28.

<sup>276</sup> “*these passages in Daniel formed the backbone of ‘imperial eschatology’ in the East, but it applies to the West too*” (PALMER, 2014, p.32).

<sup>277</sup> “*the second was Persia, the third Alexander’s Macedonia, and fourth was the Roman Empire of his own day, weak and undone by civil war and the attacks of diverse barbarian peoples*” (PALMER, 2014, p.32).

Não seria improvável que Idácio tendo seguido a tradição cronística de Jerônimo também compartilhasse desse ordenamento teológico, contribuindo para a compreensão dessa profecia ao relacionar os quatro povos bárbaros que Idácio menciona em sua narrativa: Alanos, Vândalos, Godos e Suevos, com os quatro animais bestiais do capítulo 7 de Daniel e, por isso teriam a permissão divina para matar e causar sofrimento ao povo de Deus.

Para Idácio, o principal advento da profecia teria sido o casamento de Ataúlfo e Gala Placídia “Pensa-se que a profecia de Daniel foi cumprida. De acordo com ela, a filha do rei do Sul se uniria ao rei do Norte, contudo, nenhum filho deles iria sobreviver<sup>278</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.84, tradução nossa). Essas associações do livro de Daniel tornam evidente a contribuição de Jerônimo ao desenvolvimento teológico e narrativo de Idácio, que tendo observado o capítulo 11 do profeta, impôs a prova da ascensão do poder visigodo nas províncias galo-romanas e, posteriormente nas províncias da Hispânia, como indício do cumprimento da promessa de salvação, assim como também proferiu uma justificativa para a violência contra os católicos.

Nesse último caso, o bispo de Aquae Flaviae esteve atento a imposição do arianismo na África Vândala pelo rei Genserico após 439, reafirmando o cumprimento da profecia de Daniel, “Com grande perversidade o rei Genserico banuiu o bispo e o clero de Cartago, e assim como a profecia de Daniel, os ministérios sagrados foram degradados e as igrejas católicas foram entregues aos arianos<sup>279</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.94, tradução nossa). A ascensão do poder bárbaro, portanto, revelaria uma provação divina aos romanos-católicos de sofrimento para reiterar o compromisso desses cristãos com a verdadeira fé, e punir os dissidentes. Assim, Idácio esteve determinado em evidenciar a brutalidade e a violência bárbara como um mal necessário, “Os bárbaros [Alanos, Vândalos e Suevos] que entraram na Hispânia, a saqueiam com terríveis massacres<sup>280</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.82, tradução nossa).

Idácio também evidencia que sua narrativa tinha como objetivo apresentar a falta de coesão desses povos bárbaros como se estivessem promovendo uma carnificina, do qual o Império Romano teria se aproveitado oportunamente, dando maiores dimensões a esses

<sup>278</sup> “*in quo profetia Danihelis putatur inpleta, ut ait, filiam regis austri sociandam regi aquilonis, nullo tamen eius ex ea semine subsistente*” (HYDATIUS, 1993, p.84); “*By this event it is thought that the prophecy of Daniel was fulfilled, according to which the daughter of the king of the south was to be united with the king of the north, but no offspring of his by her would survive*” (HYDATIUS, 1993, p.85).

<sup>279</sup> “*Gaisericus rex elatus in pie episcopum clerumque carthaginis depellit ex ea et iuxta prophetiam Danihelis demutatis ministeriis sanctorum ecclesias catholicas tradidit Arrianis*” (HYDATIUS, 1993, p.94); “*With overweening impiety King Gaiseric drove the bishop and clergy of Carthage from that city and, as was prophesied by Daniel, corrupted the ministries of the holy places and handed over the orthodox churches to the Arians*” (HYDATIUS, 1993, p.95).

<sup>280</sup> “*Barbari qui in Hispanias ingressi fuerant caede depredantur hostili*” (HYDATIUS, 1993, p.82); “*The barbarians who had entered Spain pillaged it with a vicious slaughter*” (HYDATIUS, 1993, p.83).

conflitos que eclodiram em 417, “O rei dos godos Vália em nome de Roma entrou na Hispânia, e cometeram um grande massacre aos bárbaros<sup>281</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.84, tradução nossa), e a campanha só se encerrou após o massacre godo aos vândalos “Todos os vândalos silingos na Baetica foram exterminados pelo rei Vália<sup>282</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.86, tradução nossa). A narrativa continua evidenciando que os povos vândalos e suevos haviam se reunido sob o controle do rei alano Addax desde sua entrada na Hispânia em 409, mas que devido às grandes baixas sofridas de seu povo, após a sua morte em 419<sup>283</sup> a supremacia militar havia sido transferida para o rei vândalo Gunderico, resultando na cisão da coligação e em conflitos entre vândalos e suevos. (HYDATIUS, 1993, p.88).

Em suma, podemos observar que Idácio esteve determinado em apresentar que os povos dessa antiga coligação (vândalos, alanos e suevos) como decadentes, entretanto, é possível obter várias referências a sua intolerância contra esses povos, uma vez que, a decadência que sua narrativa atribui a comunidade de bárbaros, contrasta categoricamente, com o aumento progressivo das atividades desses povos na região, representados por ele, como um período de terror bárbaro (HYDATIUS, 1993, p.88). No caso dos Vândalos, observamos uma expansão da atividade de saques para as regiões das Ilhas Baleares e na costa africana, apresentando que eles haviam conseguido capturar portos e frotas de navios, bem como o conhecimento marítimo necessário para a realização dessas atividades.

Tomando como referência os vândalos, sabemos que ele professa seu desprezo ao mencionar uma tentativa de Gunderico em pilhar uma igreja em Hispalis, atividade essa que, teria resultado em sua morte, “Gunderico rei dos vândalos capturou Hispalis, mas depois de estender suas mãos perversas para a igreja daquela cidade, pela justiça de Deus, pouco depois um demônio o possuiu e ele morreu<sup>284</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.88, tradução nossa). Sergio Alberto Feldman nos evidencia que, essas tentativas em associar indivíduos à possessão demoníaca eram comuns entre os clérigos, como uma forma eficiente de estabelecer

---

<sup>281</sup> “*Vallia rex Gothorum Romani nominis causa intra Hispanias caedes magnas efficit barbarorum*” (HYDATIUS, 1993, p.84); “*In the name of Rome Vallia, the king of the Goths, inflicted a vast slaughter upon the barbarians within Spain*” (HYDATIUS, 1993, p.85).

<sup>282</sup> “*Vandali Silingi in Betica per Valliam regem omnes extincti*” (HYDATIUS, 1993, p.86); “*All of the Siling Vandals in Baetica were wiped out by King Vallia*” (HYDATIUS, 1993, p.87).

<sup>283</sup> De acordo com Idácio, após a morte do rei Addax os godos haviam cessado seus ataques às províncias da Hipania, pois o Império Romano teria assegurado a concessão de territórios na Gália para eles, entretanto, embora seja demonstrada certa empatia por esses godos, ele também apresenta um desconforto com essa ameaça, pois teria recebido notícias do bispo Paulino de Biterrae sobre a violência gótica propiciada aos romanos-gauleses. (HYDATIUS, 1993, p.88).

<sup>284</sup> “*Gundericus rex Vandalorum capta Ispali cum impie elatus manus in ecclesiam ciuitatis ipsius extendisset, mox dei iudicio demone correptus interiit*” (HYDATIUS, 1993, p.88); “*Gunderic, the king of the Vandals, captured Hispalis, but soon after, when with overweening impiety he tried to lay hands on the church of that very city, by the will of God he was seized by a demon and died*” (HYDATIUS, 1993, p.89).

preconceitos e atributos negativos a indivíduos que acreditavam serem hostis a integridade do cristianismo. (FELDMAN, 2009, p.116).

Assim, podemos considerar que como os clérigos de seu período, Idácio também esteve determinado em construir fronteiras intransponíveis, atribuindo aos vândalos um grau de dissidência por causa da apostasia professada pelo rei Genserico, “Em vários lugares havia relatos, que ele [Genserico] havia praticado apostasia da fé católica para a doutrina ariana, tornando-se um traidor<sup>285</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.90, tradução nossa). Após mencionar que os vândalos massacraram os suevos pouco antes de atravessarem rumo às províncias africanas, Idácio se dedica a abordar a violência com que Genserico tratava o clero romano-africano como um novo indício do cumprimento das profecias de Daniel (HYDATIUS, 1993, p.94). Embora nessa citação possamos observar um reflexo de uma suposta contaminação herética do arianismo ao povo vândalo através de Genserico, em um outro trecho, o rei vândalo é caracterizado como um fantoche das vontades de indivíduos mais sádicos.

Genserico devastou Palermo e sitiou a Sicília por um longo período. Maximini o líder dos arianos na Sicília que havia sido condenado pelo clero católico, instruiu a perseguição aos seus adversários católicos, forçando-os a impiedade ariana de qualquer modo. Pouquíssimos se desviaram, e a maioria permaneceu na fé católica e alcançaram o martírio<sup>286</sup> (HYDATIUS, 1993, p.94, tradução nossa).

Devemos, portanto, considerar que Idácio esteve disposto a apresentar Genserico como um personagem submetido às vontades de seus aliados heréticos e traiçoeiros. Para enfatizar o caráter duvidoso do rei vândalo o bispo de Aquae Flaviae narra uma jornada do genro de Bonifácio, nomeado Sebastian que teria assumido o controle dos exércitos de seu sogro após sua morte em meados de 432.

Entretanto, após conflitos iniciais, Aécio teria o derrotado, forçando Sebastian a fugir para Constantinopla, em 434 teria sido reconhecido e precisou novamente fugir, desta vez para Barcelona, no ano seguinte teria recebido asilo no Reino Vândalo “ação que se tornou

---

<sup>285</sup> *“aliquorum relatio habuit, effectus apostata de fide catholica in Arrianam dictus est transisse perfidiam”* (HYDATIUS, 1993, p.90); *“There is a story which some relate that Gaiseric had converted from the orthodox faith to the Arian heresy, thereby becoming an apostate”* (HYDATIUS, 1993, p.91).

<sup>286</sup> *“Gaisericus siciliam depredatus panormum diu obsedit; qui damnati a catholicis episcopis Maximini apud siciliam Arrianorum ducis aduersum catholicos precipitatur instinctu ut eos quoquo pacto in impietatem cogeret Arrianam. Nonnullis declinantibus aliquanti durante in catholica fide consummauere martyrium”* (HYDATIUS, 1993, p.94); *“In the course of pillaging Sicily Gaiseric undertook a lengthy siege of Panormus and at the instigation of Maximinus, a leader of the Arians in Sicily who had been condemned by the orthodox bishops, he initiated a persecution of the orthodox in order to force them into the Arian impiety by any means whatsoever. Some succumbed, but a considerable number persevered in the orthodox faith and achieved martyrdom”* (HYDATIUS, 1993, p.95).

fatal<sup>287</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.98, tradução nossa) e em 449 “ele [Genserico] ordenou que [Sebastian] fosse assassinado<sup>288</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.98, tradução nossa). Embora tenhamos diversas razões para considerar que Genserico tenha se sentido ameaçado pela presença de um familiar de seu antigo rival, Idácio fornece evidências necessárias para caracterizar Genserico como ardiloso, pois teria abrigado seu inimigo com o único objetivo de ordenar a morte de Sebastian.

Ao observarmos sua percepção de fim dos tempos, Idácio teria analisado toda a ascensão do poder bárbaro no Ocidente Imperial como um período de provação de fé para os cristãos, se orgulhando ao afirmar que “Poucos se desviaram [ao Arianismo], e uma quantidade considerável permaneceram na fé católica e alcançaram o martírio<sup>289</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.94, tradução nossa). Sua obra se encerra abordando a expansão visigótica rumo às províncias da Hispânia e ao dar um prognóstico sobre seus tempos, como um período que marcava a ascensão das quatro feras bestiais profetizadas por Daniel, respectivamente vândalos e alanos nas províncias africanas, suevos e visigodos nas províncias da Hispânia, “Aquele ano foi muito severo, além do habitual, o inverno, a primavera, o verão e o outono pareciam iguais, as ervas daninhas e todas as frutas se confundiam e se alternavam. Muitos sinais e revelações também foram observados na região da Gallaecia<sup>290</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.122, tradução nossa). Certamente, a obra cronística de Idácio revela uma preocupação em registrar os eventos que antecederiam o fim do mundo.

Para Burgess (1993) o bispo havia ficado obstinado em datar o fim dos tempos após ter analisado alguns textos apócrifos, chegando à seguinte conclusão: “o mundo acabaria após 450 anos a partir da ascensão de Cristo, ou seja, em 27 de maio de 482<sup>291</sup>” (BURGESS, 1993, p.9, tradução nossa). Assim, como sugere o autor, sua preocupação em datar o apocalipse poderia ter colaborado diretamente para a adição de duas cronologias ao *Chronici Canones*: as eras hispânicas e os jubileus da ascensão de Cristo.

---

<sup>287</sup> “*factus ad pernitiosam sibi*” (HYDATIUS, 1993, p.98); “*an act which was to prove his ruin*” (HYDATIUS, 1993, p.99).

<sup>288</sup> “*eum iubetur occidi*” (HYDATIUS, 1993, p.98); “*Gaiseric ordered him to be killed*” (HYDATIUS, 1993, p.99).

<sup>289</sup> “*Nonnullis declinantibus aliquanti durantes in catholica fide consummauere martyrium*” (HYDATIUS, 1993, p.94); “*Some succumbed, but a considerable number persevered in the orthodox faith and achieved martyrdom*” (HYDATIUS, 1993, p.95).

<sup>290</sup> “*Durissimus extra solitum hoc eodem tempore annus hiberni, ueris, aestatis, autumnus in aeris et omnium fructuum permutatione diffunditur. Signa etiam aliquanta et prodigia in locis Gallaeciae peruidetur*” (HYDATIUS, 1993, p.122); “*The year proved unusually harsh at this particular time and the weather and all the fruit of winter, spring, summer, and autumn were confused. A number of signs and portents were also witnessed in areas of Gallaecia*” (HYDATIUS, 1993, p.123).

<sup>291</sup> “*the world would end 450 years from Christ's Ascension, i.e. on 27 May 482*” (BURGESS, 1993, p.9).

A adição de novas cronologias, a preferência pelo estilo cronístico e a forma como se expressa sobre os não-romanos, evidenciam para nós que Idácio esteve disposto a registrar os eventos históricos de uma perspectiva mais ampla e universalizante, do que aquela realmente obtida.

Para ele, a chegada da coligação de povos na Hispânia, era um problema para todo o mundo romano, e não apenas para as comunidades dessa região, pois, esses eventos culminariam na destruição do mundo cristão, como sugeria a profecia de Daniel, contudo, a falta de informações provenientes do distanciamento provincial revela um panorama muito localizado, cujo regionalismo historiográfico se sobrepôs a tentativa de uma escrita universalizante, e que refletiu a percepção de uma comunidade minoritária na Gallaecia que ainda desejava ser reconhecida como representantes do poder imperial e da Igreja Católica.

Entretanto, acreditamos que além dessas características, que sua obra teria sido formulada com um objetivo inicial de contrariar e divergir com as percepções de Salviano e do clero provençal, após tê-las conhecido no período em que esteve presente na região entre 431 e 433, como pretendemos evidenciar a seguir.

## **2.4. Os conflitos teológicos entre Salviano e Idácio de Aquae Flaviae<sup>292</sup>**

Como anteriormente já evidenciamos a composição, a dinâmica clerical e monástica na Provença, trataremos aqui de comprovar possíveis influências dessa região na vida e na obra de Idácio. É possível que a crônica também tenha sido o gênero textual escolhido para o bispo de Aquae Flaviae, não apenas pela limitação geográfica que dispunha, mas também pela percepção da hierarquia clerical professada por Eusébio de Cesareia que, professava que os bispos mantinham-se em um patamar superior de formação teológica e vínculo espiritual com Deus, “para Eusébio, os legítimos herdeiros apostólicos e salvaguardas do ministério da palavra divina e da pregação do Evangelho não seriam os monges, nem os terapeutas<sup>293</sup>, mas os bispos” (PINHEIRO, 2014b, p.17). Deste modo, evidenciamos aqui, o primeiro ponto de conflito entre essas duas fontes, acerca da legitimidade e da autoridade episcopal, reafirmada por Idácio.

<sup>292</sup> Foi publicado na Revista *Ágora* (n.30, 2019) o artigo intitulado: 'Entre justos e ímpios': Conflitos teológicos entre Idácio de Aquae Flaviae e Salviano sobre os Vândalos no quinto século, em que apresentamos previamente os resultados originários da produção desse item. (ROSOLEN JUNIOR, 2019a).

<sup>293</sup> De acordo com Pinheiro (2014b), os terapeutas seriam comunidades que se dedicaram a “práticas ascéticas como despojamento material, vida isolada em campos e bosques, leitura das Escrituras, preservação de livros antigos e a continência como principal virtude e base para, por exemplo, a abstinência e o regramento alimentar” (PINHEIRO, 2014b, p.17).

Essa perspectiva, portanto, esteve em oposição à percepção do clero provençal, que acreditava que os monges-bispos eram os verdadeiros portadores, e herdeiros dos ensinamentos dos apóstolos e que, os bispos seculares, que não haviam tido formação monástica, assim como Idácio, deveriam ser considerados como tendo a mesma autoridade espiritual, que os monges-presbíteros, como Salviano.

Assim, como já discutido anteriormente, a vida clerical de Salviano parece ter encontrado apoio nas tradições iniciadas por João Cassiano, e por outro lado, a constante ajuda promovida pelo padre de Marselha a diversos clérigos, assim como seu discurso em busca da superação dos vícios romanos, reforça a percepção de um homem proeminente na comunidade cristã provençal, e comprova a dedicação de Salviano para estar em evidência na sociedade do clero galorromano.

Neste parâmetro, pontuamos que se de fato Salviano foi ordenado ao presbitério de Marselha em 428<sup>294</sup>, é possível que o bispo Idácio tenha o conhecido em sua viagem para Arles entre 431 e 433 que tinha como objetivo buscar auxílio militar e político junto do *magister militum* Aécio para encerrar as hostilidades entre romanos e suevos na província da Gallaecia, da qual ele próprio cita que: “Quando a ocasião pareceu oportuna, os suevos novamente romperam a paz com os Galaecianos. Por causa da pilhagem, o Bispo Idácio foi se encontrar com o general Aécio<sup>295</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.90, tradução nossa). De acordo com Burgess, Idácio teria ficado um período (431-433)<sup>296</sup> nessa região para acompanhar os procedimentos que resultaram no tratado de paz estabelecido entre suevos e romanos.

Embora Salviano não estivesse preocupado em datar os eventos que narra assim como Idácio, é possível encontrar referências a chegada da comitiva de Idácio em sua obra, aonde ele satiriza o auxílio que os hispânicos haviam buscado junto dos romano-gauleses, pois a Hispânia nada havia feito para socorrer a Gália:

---

<sup>294</sup> De acordo com Schaff (1892, p.397) este foi o ano em que o Salviano foi ordenado presbítero. Para Roberto Alciati a ordenação como presbítero e a saída de Lérins para Marselha são momentos distintos da vida de Salviano “*Avant 431, il est nommé presbytre et dans les environs des années 439-440, il laisse Lérins pour se rendre à Marseille*” (ALCIATI, 2009, p.113). Mas, de fato, não conseguimos ter certeza sobre essas afirmações, visto que não há qualquer indicação desse evento em sua obra. Deste modo, acreditamos que a ordenação de Salviano só teria sentido, se houve um efeito prático e necessário, como o de assumir o presbitério em Marselha.

<sup>295</sup> “*Rursum Sueui initam cum Callicis pacem libata sibi occasione conturbant; ob quorum depraedationem Ydatius episcopus ad Aetium duces*” (HYDATIUS, 1993, p.90); “*the Sueves again violated the peace treaty which they had entered into with the Gallaeci. Because of their pillaging, the bishop Hydatius undertook an embassy to the dux Aëtius*” (HYDATIUS, 1993, p.91).

<sup>296</sup> Ao datar o ano de 432 em sua crônica, Idácio afirma que retornou para a Gallaecia apenas após o fim da guerra com os francos, quando as tropas de Aécio foram desocupadas e estiveram à disposição para iniciar novas hostilidades, as tropas de Aécio haviam sido comandadas pelo *comes* Censurius, que como relata Idácio, havia aguardado para retornar a sua província de origem na companhia de Censurius e das tropas de Aécio. Ao que a crônica indica Idácio somente partiu no ano seguinte, a justificativa parece ser de origem logística para a organização desta expedição militar (HYDATIUS, 1993, p.90).

A Gália foi devastada durante muito tempo, mas o que sua vizinha, a Hispânia fez para reparar isso? E não imerecidamente, porque ninguém estava com medo das chamas e ninguém se solidarizou. Agora a Hispânia começou a arder nas chamas pelas quais a Gália foi consumida<sup>297</sup> (SALVIANI, 1877, p.93, tradução nossa).

Revelando para nós, portanto, um primeiro ponto de convergência que nos revela do conhecimento de Salviano tanto da chegada de Idácio na Provença, como dos objetivos e das causas que teriam sido tratadas.

Além da proximidade com Marselha, devemos considerar que a recepção de uma delegação eclesiástica por um general romano certamente teria sido um evento considerável e atrairia as atenções das populações próximas, poderíamos assim considerar minimamente, que Idácio teria conhecido as convicções de Salviano ao menos indiretamente, devido sua grande influência e atividade na região da Provença.

Além disso, no ano de 430, um dos fundadores do mosteiro de Lérins e bispo de Arles havia morrido. De acordo com Yann Coudou as comunidades cristãs de Lérins e Arles teriam disputado pela posse do corpo e pelo local de enterro do bispo Honorato, pois ambas as regiões tiveram grande afeto com o antigo abade e bispo de Arles, “fundador do mosteiro de Lérins entre 400 e 410, tornou-se bispo de Arles em 427; e morreu em 430. Depois de sua morte, seu corpo foi disputado entre o mosteiro e a cidade episcopal<sup>298</sup>” (COUDOU, 2018, p.140, tradução nossa). Deste modo, sabemos que a cidade de Arles concentrou muitas atenções entre 430 e 431.

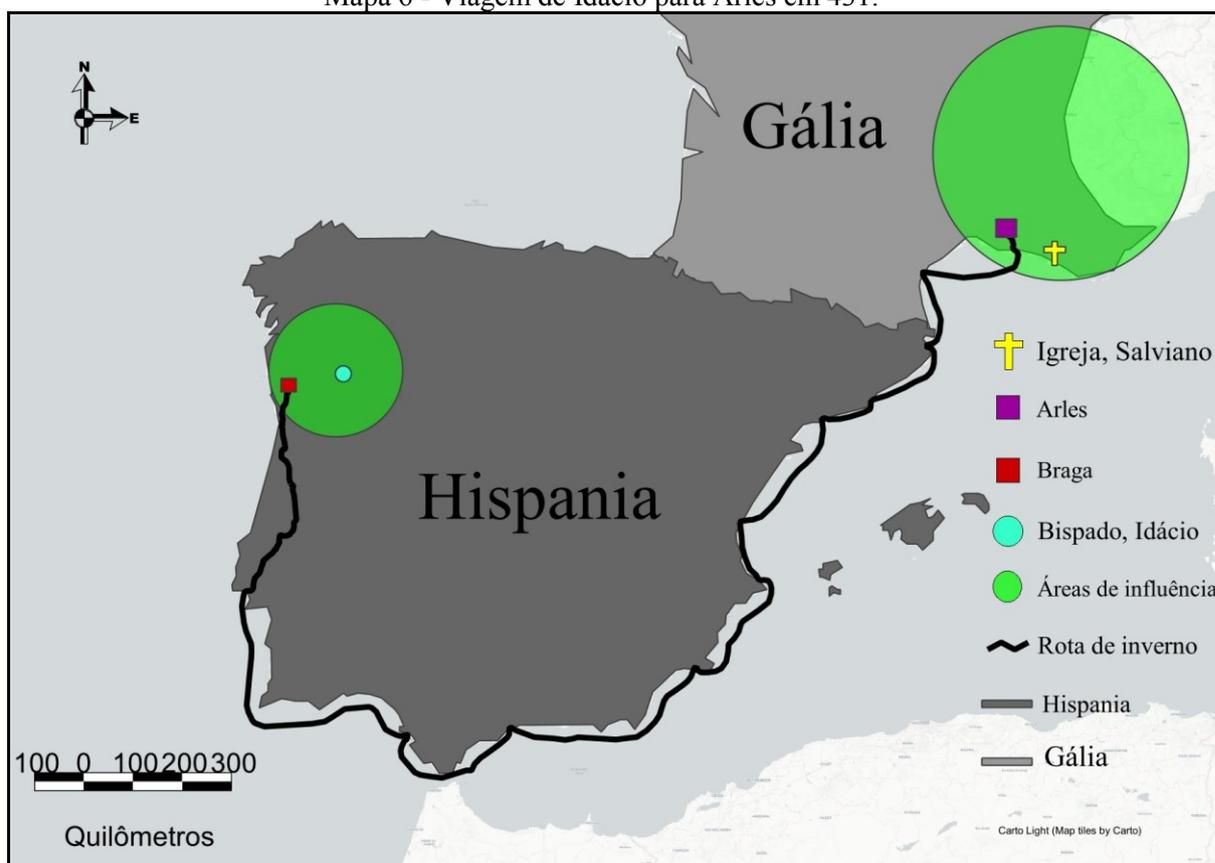
Assim, com a morte de Honorato é bastante provável que Salviano tenha se mobilizado até a cidade vizinha, pois “Hilário de Arles o nomeia como um amigo querido, do igualmente famoso pregador Honorato de Lérins<sup>299</sup>” (O’SULLIVAN, 1947, p.5, tradução nossa).

---

<sup>297</sup> “*Vastata est diu Gallia: ergo emendata est, cum in vicino esset, Hispania? Nec inmerito, quia nullus erat omnino timor, nulla correctio, flammis, quibus arserant Galli, Hispani ardere coeperunt*” (SALVIANI, 1877, p.93); “*Gaul long endured devastation; did Spain, her near neighbor, mend her ways? Not undeservedly, since they showed no fear whatever, and no reform, the people of Spain began to catch fire from the flames by which the Gauls were consumed*” (SALVIANI, 1930, p.205).

<sup>298</sup> “*fondateur du monastère de Lérins vers 400-410, devient évêque d’Arles en 427; il décède en 430. Dès son décès, son corps est un enjeu entre le monastère et la cité épiscopale*” (COUDOU, 2018, p.140).

<sup>299</sup> “*Hilarius of Arles names him as a dear friend of the equally famous preacher, Honoratus of Lerins*” (O’SULLIVAN, 1947, p.5).

Mapa 6 - Viagem de Idácio para Arles em 431.<sup>300</sup>

Fonte: Elaborado pelo autor.

A tradição apostólica de Salviano também havia permitido uma atividade maior de sua parte, sua influência certamente extrapolava sua comunidade em Marselha. Em oposição, quando nos referenciamos a Idácio observamos um indivíduo com pouca projeção política, e seu contato com Aécio seria uma exceção devido à influência que ele desempenhava na sua região, em suma, poderíamos considerar que sua proeminência política e religiosa ficou bastante restrita a região de seu bispado, que também é a mesma região de origem da sua família (BURGESS, 1993; SANFORD, 1930).

Podemos observar que o período que Idácio passou na Gália certamente colaborou para a produção de sua crônica, como evidencia Burgess “Seu relato das campanhas de Aécio na Gália entre 430 a 432, é certamente um resultado de pesquisas realizadas enquanto ele estava

<sup>300</sup> Para a elaboração desse mapa utilizamos as informações concedidas pelos seguintes mapas online: *Orbis* da Universidade de Stanford (<http://orbis.stanford.edu/>) e *Digital Atlas of the Roman Empire* da Universidade de Gotemburgo (<https://imperium.ahlfeldt.se/>). As áreas de influência são suposições, baseadas na circulação de cartas de Salviano e nesse caso também estabelece, dentro dessa área, a circulação das perspectivas professadas por Salviano, acerca da área de influência de Idácio analisamos os registros das crônicas que nos evidenciam uma circulação de sua presença.

na Gália (provavelmente Arles) durante o inverno de 431 e 432<sup>301</sup>” (BURGESS, 1993, p.5, tradução nossa). Além disso, também foi destacado por Burgess que durante a estadia de Idácio na Provença ele teria conhecido uma crônica gaulesa que, posteriormente, teria sido utilizada como fonte para descrever os eventos históricos dessa região, o que também tornaria compreensível as semelhanças de sua crônica e daquela produzida por Prospero de Aquitânia, “Evidências internas das crônicas de Idácio e Prospero sugerem que existia uma crônica gálica, hoje perdida, que se estendia de 410 a 439<sup>302</sup>” (BURGESS, 1993, p.7-8, tradução nossa). Sua narrativa, portanto, esteve interligada a suas experiências pessoais nessa região, sendo possível observar que essa viagem a Gália teve grandes impactos em sua vida, tornando assim, bastante provável que ele tenha tido conflitos com o arranjo clerical da região.<sup>303</sup>

Como vimos, Idácio colocou-se como herdeiro da tradição cronística eusebiana que reafirma a autoridade do bispo como agente da anunciação divina e da verdade, o primeiro ponto de conflito, portanto, teria sido a prevalência da ausência de uma rígida hierarquia eclesiástica na qual os monges de Lérins, como Salviano, haviam determinado a normatividade do pensamento e da doutrina do clero provençal (PINHEIRO, 2014a; 2014b).

Portanto, a autoridade que ele reivindica para si, teria sido uma negação ao pensamento do clero gaulês em relação às críticas aos romanos que acreditavam que, “o pior crime de um

---

<sup>301</sup> “His account of Aëtius' campaigns in Gaul in 430-2 is certainly the result of research undertaken while he was in Gaul himself (probably Arles) over the winter of 431-2” (BURGESS, 1993, p.5).

<sup>302</sup> “Internal evidence from the chronicles of Hydatius and Prosper suggests that there once existed a now-lost Gallic chronicle which extended from c.410 to c.439” (BURGESS, 1993, p.7-8).

<sup>303</sup> Como já evidenciado anteriormente, a tentativa em Idácio em ocultar seus referenciais pagãos, foi primordial para manter sua autoridade eclesiástica irrefutável, uma vez que, durante o século IV e V o clero provençal considerou a autoridade episcopal corrompida pelos ensinamentos pagãos e seculares, e que a verdadeira autoridade divina presente no mundo, derivaria dos monges e abades, cujos ensinamentos de Cristo mantiveram-se puros, preservados e inalterados ao longo do tempo, graças às tradições monásticas que viveram em clausura, portanto, para essa tradição, somente a autoridade e o ensinamento de monges e abades poderiam ser considerados como verdadeiras. Além disso, a escolha de Idácio para a composição das crônicas iniciadas por Eusébio, reforçam a perspectiva da existência de conflitos pela autoridade episcopal, pois tendo Eusébio de Cesareia sido um exímio defensor da autoridade dos bispos (PINHEIRO, 2013b; 2014b), fica claro que Idácio desejava ser reconhecido como seu sucessor, tanto na defesa da autoridade episcopal, quanto para a continuidade da crônica. Para Rossana Pinheiro em sua tese de doutorado (2010), ela evidencia que os bispos romanos tinham grandes conflitos, não apenas pelo arranjo clerical da região, mas também pela apropriação das vestimentas que não era permitida aos laicos (monges e padres). Como a autora apresenta, também em 431, durante a estadia de Idácio na Provença, houve um decreto papal condenando as ações do clero provençal, o “decreto de Celestino de 431, [foi] escrito a pedido de Próspero da Aquitânia e Hilário, e dirigida aos bispos de Viensense e das Narbonenses” (PINHEIRO, 2010, p.60). Assim, observamos que a proximidade dos escritos de entre Prospero de Aquitânia e Idácio (BURGESS, 1993), também tenham sido propositais, na expectativa de reforçar a autoridade episcopal e também realçar a censura disposta pelo Papa Celestino, e que para nós, adiciona mais uma evidência das influências desse período na formação do bispo de Aquae Flaviae. Acerca do questionamento da hierarquia eclesiástica, Pinheiro (2010) demonstra que os doutores da Gália, ou seja, os monges lerinenses, deveriam ser considerados como uma autoridade superior aos dos bispos, pois: “o discípulo não deve estar acima do mestre, o que significa que ninguém deve, exceto os doutores, reivindicar o ensino” e “se eles recebem o nome de padres, que eles saibam que do ponto de vista da hierarquia, eles [bispos] vos são subordinados. Que eles saibam que aquele que dá um ensinamento ruim vai muito melhor aprender do que ensinar” (PINHEIRO, 2010, p.61).

bárbaro era menos grave do que aqueles cometidos por um romano, porque o bárbaro age ignorando a lei e não a desafiando<sup>304</sup>” (ELM, 2017, p.14, tradução nossa). Devemos assim, considerar que ao chegar a Provença o bispo de Aquae Flaviae teria ficado frustrado com essas concepções, porque tendo viajado para buscar o apoio militar e político de Aécio, ele havia se reconhecido como um importante representante do poder imperial e episcopal de sua província, e também por ter sido desde sua infância ameaçado pela presença desses grupos, aos quais os provençais atribuíam uma superioridade moral, o que deixou ele disposto para evidenciar uma natureza violenta e profana desses bárbaros, se colocando como um defensor da romanidade e delator do sofrimento cristão causados em sua região pelos “bárbaros como agentes do Anticristo, enfurecidos contra o mundo em meio a presságios do mal crescente e o cumprimento da profecia bíblica<sup>305</sup>” (BURGESS, 1993, p.10, tradução nossa).

Assim, propomos que se a influência de Salviano não se expandiu a todo clero galorromano, podemos afirmar que ao menos na região da Provença sua autoridade era incontestada<sup>306</sup>. Além disso, é possível considerar que tais críticas a romanidade, apresentadas de modo enfático por Salviano, já estavam sendo endossadas pelos intelectuais seculares, como Amiano Marcelino que havia observado que a romanidade estava imersa em atitudes bárbaras, refletindo na degradação da conduta civilizada romana (KELLY, 2007; ROHRBACKER, 2007).

Além disso, Eva Sanford considera que “A estreita comunhão entre os monges da ilha é constantemente demonstrada por semelhanças nas ideias e frases dos escritos de muitos grandes homens que receberam seu treinamento inicial [em Lérins]<sup>307</sup>” (SANFORD, 1930, p.14, tradução nossa). Assim, ainda que Salviano ainda não tivesse escrito sua obra principal

<sup>304</sup> “*a barbarian’s worst crime is less severe than the same committed by a Roman, because the barbarian acts in ignorance of the law and not in open defiance of it*” (ELM, 2017, p.14).

<sup>305</sup> “*barbarians as the agents of the Antichrist, raging against the world amidst portents of growing evil and the fulfilment of Biblical prophecy*” (BURGESS, 1993, p.10).

<sup>306</sup> De acordo com Roberto Alciati (2009), o título recebido por Salviano em Lérins, como doutor da Gália (*Gallicani doctores*) e mestre de bispos, refletiu em uma autoridade teológica comparável aquela disposta por Agostinho, além dos indivíduos proeminentes que reconhecemos nas cartas de Salviano (O’SULLIVAN, 1947): os monges de Lérins (carta I, p.237-240); bispo Eucherius de Lyon, Salviano foi tutor dos dois filhos de Eucherius que são, o bispo Salonius de Genebra e o bispo Veranus de Vienne (carta II, p.240-241 e carta VIII, p.255-256); monge Ursinus (carta II, p.240-241); bispo Agrycius (carta III, p.241); Aper e Verus, Salviano indica que eles são superiores hierarquicamente a ele, o que nos faz acreditar que ambos seriam bispos (carta VIII, p.253-255); Bispo Salonius (carta IX, p.256-263). Também podemos associar Salviano, a importantes nomes como Hilário de Arles que considerou Salviano como um grande amigo de Honorato, e digno de escrever sobre ele (HILAIRE D’ARLES, 1977, p.125), Cesário de Arles também menciona Salviano, dedicando inclusive um sermão para ele (CAESARIUS OF ARLES, 2004, p.152-158), e Gennadius o considerou como um dos homens ilustres de seu tempo, onde também afirma que Salviano havia colaborado na produção de um livro de epístolas junto do bispo Claudius de Vienne (GENNADIUS, 1892, p.397).

<sup>307</sup> “*The close fellowship between the monks of the island is constantly demonstrated by likenesses of ideas and phrasing in the writings of the many great men who there received their early training [in Lerins]*” (SANFORD, 1930, p.14).

*De Gubernatione Dei*<sup>308</sup>, sua perspectiva estava bastante difundida entre os clérigos galoromanos, já que, “Aparentemente, ele escreveu da mesma maneira que pregava e, com toda probabilidade, seus escritos existentes, pelo menos em substância, haviam se originaram como sermões<sup>309</sup>” (O’SULLIVAN, 1947, p.6, tradução nossa). Devemos ainda considerar que o momento da estadia de Idácio na Provença também coincide com a produção de Os quatro livros de Timóteo a Igreja, que pode ser datada, pouco tempo após a saída de Idácio, entre os anos de 435 e 439 (SANFORD, 1930, p.17).

Inicialmente essa produção de autoria anônima, foi atribuído a Salviano devido a uma troca de cartas com o Bispo Salonus provavelmente na década de 440, aonde o bispo atribuía a autoria desses livros a Salviano e o questionava pela utilização do nome Timóteo, pois acreditava que poderia causar confusão e fazer com que os clérigos achassem que se tratava de um texto apócrifo (O’SULLIVAN, 1947, p.256-263).

Como o conteúdo desses livros revela severas críticas Igreja e principalmente ao alto clero, com o objetivo de denunciar clérigos e cristãos romanos de atitudes contrárias a caridade cristã e o amor ao próximo, assim se torna provável que o anonimato tenha sido utilizado por Salviano como recurso para preservar sua autoridade, como propusera Sanford: “seu nome podia prejudicar a influência de seu nome<sup>310</sup>” (SANFORD, 1930, p.16, tradução nossa). Portanto, podemos afirmar que Salviano teria ficado com medo das represálias do alto clero ou das aristocracias romanas, alguns dos quais foram instruídos por ele.

É possível, portanto, que esse conflito tenha se estendido a outros clérigos que acompanharam as tendências teológicas e historiográficas de seu tempo, uma vez que tanto clérigos, como seculares estavam tentando compreender a composição da nova sociedade emergente, através do estabelecimento dos Reinos Bárbaros e que, críticas a romanidade já estavam sendo endossada a cúpula do Estado Romano desde o século IV com Amiano Marcelino.

Nesse sentido, buscaremos observar que as perspectivas apresentadas por Idácio, haviam composto a base do discurso do bispo de Vita que, explora e resgata nas últimas décadas do século V, uma imagem pejorativa dos vândalos, retratados como emissários do anticristo, saqueadores de igrejas e perseguidores das comunidades romano-católicas, em

---

<sup>308</sup> Após análises textuais dos eventos que Salviano descreve em sua obra, concordamos com Eva Sanford (1930) de que a obra tenha sido produzida entre 439 e 451.

<sup>309</sup> “Apparently, he wrote in the manner in which he preached, and, in all probability, his extant writings, at least in substance, originated as sermons” (O’SULLIVAN, 1947, p.6).

<sup>310</sup> “of his name might detract from the influence of his words” (SANFORD, 1930, p.16).

ambos os textos, observamos também a tentativa de Idácio e Victor de Vita em associar os vândalos, como inimigos da civilização romana, do Império e da Igreja Católica.

Entretanto, são perceptíveis algumas distinções, como por exemplo, a falta de uma abordagem escatológica por Victor de Vita, e os métodos de escrita, ao contrário de Idácio, Victor não esteve preocupado compor uma crônica, mas um texto que pudesse ser capaz de condenar os vândalos, perante o Império Romano do Oriente, e também para as comunidades católico-africanas, perspectivas estas, que serão examinadas e abordadas no próximo subcapítulo.

Deste modo, pretendemos avaliar a seguir como Victor de Vita pode ter se inserido nesse debate sobre a natureza vândala, e também, buscando evidências que possam comprovar associações plausíveis a esse conflito teológico existente entre Idácio e Salviano, que esteve em curso durante todo o século V nos antigos territórios romanos.

## 2.5. Romanidade e martírio para Victor de Vita (429-490)

Os três livros de Victor de Vita reunido na *História Persecutionis Africanae Provinciae* nos deixam com grandes lacunas sobre a vida de seu autor, e as poucas evidências que existem são restritas à sua obra, não havendo menções sobre ele em outras obras de seu tempo. Mas, é correto afirmar que ele havia publicado sua obra em 489, como ele próprio deixa explícito: “É de conhecimento geral que agora é o sexagésimo ano que aquele povo cruel e selvagem da tribo dos vândalos chegou aos territórios da África infortunada<sup>311</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.2, tradução nossa). Entretanto, John Moorhead considera que a obra tenha sido produzida em dois momentos distintos, como veremos abaixo.

Para Moorhead, o constante foco no ano de 484, evidencia uma escrita preocupada em registrar com detalhes as perseguições aos católicos promovidas por Hunerico, que são encontradas nos livros II e III, devido a isso, Moorhead considera possível que a obra teria sido confeccionada em dois momentos, inicialmente escrita em 484, e depois feita algumas adições em 489 quando foi concluído, momento em que ele teria escrito o livro I. (SHANZER, 2004; MOORHEAD, 2006).

Em características gerais da obra nesse primeiro livro, Victor parece ter se preocupado em apresentar a chegada e a conquista vândala da África Romana, sua proposta para esse livro

---

<sup>311</sup> “*Sexagensimus nunc, ut clarum est, agitur annus ex eo quo populus ille crudelis ac saevus Wandalicae gentis Africae miserabilis attigit fines*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.2); “*It is evident that this is now the sixtieth year since the cruel and savage people of the Vandal race set foot on the territory of wretched Africa*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.3).

parece diferir razoavelmente dos livros II e III, já que, nas primeiras páginas do segundo livro, Victor atribui uma tolerância a Hunerico, julgando como um governante benevolente “Mas ele [Hunerico], que até pouco tempo atrás se mostrava tão gentil com todos<sup>312</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.15, tradução nossa). E que ele havia se tornado louco, e na tentativa de impedir qualquer ato de conspiração contra seu reinado, Hunerico inicialmente teria ordenado a morte ou o exílio de seus familiares homens, assim como alguns clérigos arianos, para depois se concentrar na comunidade católica, “Portanto, em pouco tempo ele erradicou todos aqueles que ele temia, supondo que isso fortaleceria seu reinado [...] e para se sentir seguro de todos, lançou sua ira na perseguição contra a Igreja Católica<sup>313</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.15, tradução nossa), havendo assim uma importante alteração em seu discurso, tornando Victor cada vez mais crítico ao governo vândalo.

Além disso, parece haver uma contradição entre o primeiro e o segundo livro, pois no Livro II Victor afirma que as perseguições só teriam se iniciado após os eventos que destacamos acima, entretanto, no Livro I desde suas primeiras linhas ele esteve determinado em construir uma oposição aos vândalos (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.2). É possível assim, que Victor quisesse abordar o reinado de Genserico como uma introdução explicativa sobre os eventos que levaram ao reinado de Hunerico, e sua consequente loucura, caracterizando os vândalos como violentos, intolerantes e imprevisíveis com seus opositores, principalmente daqueles que divergiam religiosamente.<sup>314</sup>

---

<sup>312</sup> “Ipse autem, qui sese iam dudum omnibus lenem ostenderat” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.15); “This man, who had until then shown himself mild to everyone” (VICTOR OF VITA, 2006, p.28).

<sup>313</sup> “Amputatis igitur in brevi omnibus quos timebat, et solidans sibi, ut putabat, regnum [...] atque securus universa tela furoris in persecutionem ecclesiae catholicae” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.17); “Having therefore in a short time disposed of all those he feared and made his reign secure, as he thought [...] he turned all the missiles of his rage towards a persecution of the catholic church” (VICTOR OF VITA, 2006, p.30).

<sup>314</sup> Não conseguimos encontrar quaisquer referências a uma perseguição aos católicos durante o Reinado de Genserico seja, na obra *De Gubernatione Dei* de Salviano, nas Histórias das Guerras de Procópio, e nem mesmo em duas crônicas do século VI, que haviam sido editadas e nomeadas por Theodor Mommsen (1898) como “*Laterculvs Regvm Vvandalorum et Alanorum*”, inclusive na crônica *Augiensis* desse *Laterculvs*, o autor descreve Genserico como um cidadão da África: “Ele reinou da mesma forma como um cidadão da África por trinta e sete anos, três meses e seis dias” (LATERCVLVVS REGVM VVANDALORVM ET ALANORVM, 1898, p.458, tradução nossa). Na *Vita Fulgentii*, possivelmente escrita pelo diácono Ferrandus de Cartago, durante a primeira metade do século VI, são feitas poucas menções a Genserico, mas nenhuma como perseguidor dos católicos, sobre o Reinado de Genserico, ele aborda o exílio dos senadores romanos após a tomada de Cartago, “Quando o rei Genserico entrou em Cartago como conquistador, ele obrigou muitos, na verdade, todos os senadores, a navegar para a Itália depois que ele confiscou suas propriedades” (FERRANDUS, 1997, p.6, tradução nossa). Em Idácio, há uma única menção a perseguição de católicos, mas esta, teria ocorrido na Sicília, contudo a perseguição teria sido dirigida por Maximino um bispo ariano que havia sido condenado pelo clero católico da ilha: “Durante a pilhagem da Sicília, Genserico empreendeu um longo cerco a Panormus e por instigação de Maximino, líder dos arianos na Sicília que havia sido condenado pelos bispos católicos, iniciou uma perseguição aos católicos” (HYDATIUS, 1993, p.95, tradução nossa). Nesse caso, Genserico não é retratado como perseguidor, mas como um fantoche de Maximino para punir os católicos que o haviam condenado anteriormente, e também a perseguição foi retratada como algo local e temporário. A única associação que conseguimos observar foi nas Crônicas do bispo africano Victor de Tunnuna do século VI, que

Em um parâmetro geral da obra *Historia Persecutionis*, podemos avaliar que as ações dos vândalos no segundo e terceiro livro são orientados pelas vontades de seu rei Hunerico<sup>315</sup>, tanto que Victor esteve disposto a registrar os decretos promulgados durante seu reinado, enquanto que no primeiro livro que aborda o governo de Genserico, é possível perceber alguma autonomia da ‘raça vândala’ como ele próprio nomeia<sup>316</sup>.

Além disso, o II e III livro de Victor são compostos de uma narrativa em primeira e terceira pessoa<sup>317</sup>, já no livro I a escrita é vaga, e não faz nenhuma referência ao testemunho

descreveu o Reinado de Genserico como um período de terror: “Genserico rei dos vândalos, depois de destruir muitas províncias e, saquear e assassinar a população cristã na África, morreu no quadragésimo ano de seu reinado” (VICTORIS TONNENNENSIS, 1894, p.187, tradução nossa). Entretanto, não consideramos o bispo de Tunnuna, pois ele escreve após a morte de Victor de Vita, e também após a conquista de Belisário em 534, e ao compor sua crônica, é muito provável que ele tenha utilizado a obra de Victor de Vita como fonte, o que poderia explicar a total ausência desse debate durante o século V. No final do século VI, Isidoro de Sevilha também foi nitidamente afetado por essa percepção, que julgava Genserico como perseguidor do clero católico: “Ele [Genserico] após devastar a Sicília, sitiou Palermo, introduziu a peste ariana por toda a África, expulsou padres de suas igrejas e causou muitos mártires” (ISIDORE OF SEVILLE, 1970 p.35, tradução nossa). portanto, que a ideia de acusar o rei Genserico de ser um perseguidor de católicos, só aparece após a segunda metade do século VI, com a derrota do Reino Vândalo para o Império Romano do Oriente, bem como, após a difusão da *Historia Persecutionis* de Victor de Vita, e ao que tudo indica, essa obra parece ter sido proeminente ao difundir a percepção de que os vândalos eram inimigos do cristianismo, do clero católico e da própria romanidade, e esse discurso havia sido replicado para justificar a conquista da África Vândala. Deste modo, consideramos a atribuição de uma perseguição os fiéis católicos por Genserico, é um aspecto bastante específico da *Historia Persecutionis* de Victor de Vita, e só foi plenamente difundida na historiografia eclesiástica após a conquista da África por Belisário em 534.

<sup>315</sup> Como referência, podemos evidenciar as seguintes partes: “Antes de tudo, **o tirano** decretou, sob uma ordem terrível, que ninguém pudesse ocupar um cargo em seu palácio ou realizar deveres públicos sem se tornar um ariano” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro II, p.32, tradução nossa); “**O tirano** voltou sua atenção a ações mais violentas contra a igreja de Deus, para que, tendo cortado alguns membros, **ele pudesse** destruir o corpo inteiro, rasgando-o em pedaços” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro II, p.37, tradução nossa); “**Aquela fera** sedenta pelo sangue dos inocentes foi ainda mais longe. Numa época em que esses bispos ainda não haviam sido enviados para o exílio, **ele enviou** simultaneamente, para todas as províncias da África os mais cruéis torturadores, para que não houvesse uma única casa ou lugar livre de choro e lamentações” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro III, p.71, tradução nossa); “Quando isso chamou a atenção do **rei, em sua ira, enviou** um conde com ordens de que toda a província fosse reunida no meio do fórum e que **ele cortaria** completamente a língua e a mão direita dessas pessoas” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro III, p.76, tradução nossa). Hunerico, portanto, é sempre colocado em um papel de liderança que define as ações de seu povo.

<sup>316</sup> Ao contrário de Hunerico, o rei Genserico é a todo momento julgado como um governante cruel e impiedoso, entretanto, podemos observar que no Livro I, Victor destaca certa autonomia de seu povo: “Encontrando uma província que estava em paz e desfrutando de calma, toda a terra era linda e florescia por todos os lados, **eles [os vândalos]** começaram a trabalhar nela com sua perversidade, destruindo, devastando e arruinando tudo com fogo e assassinatos. **Eles [os vândalos]** nem sequer pouparam os pomares frutíferos” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro I, p.3, tradução nossa); “Quem poderá declarar quantos e quão numerosos foram os bispos que foram torturados **por eles?**” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro I, p.6, tradução nossa); “Quando a multidão de cativos chegou à costa da África, **os vândalos** e os mouros dividiram a enorme massa de pessoas em grupos” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro I, p.12, tradução nossa); “após a morte do bispo de Cartago, **eles [os vândalos]** proibiram a ordenação de bispos para a Zeugitana e para a província Proconsular” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro I, p.14, tradução nossa). É importante definir que não estamos propondo que Genserico não tenha sido uma autoridade entre os vândalos, mas que, ao contrário da descrição de Victor sobre Hunerico, no Livro I os atos dos vândalos não estiveram concentrados nos ordenamentos de Genserico, e em diversos momentos, como aqueles demonstrados aqui, os vândalos agem sob influência de seu caráter violento e intolerante.

<sup>317</sup> Para não ficar muito extenso citaremos apenas algumas situações em que o uso de pronomes em primeira e terceira pessoa são utilizados, aqui seguem alguns exemplos do livro II: Durante a anúncio pública que Zenão nomearia um bispo para Cartago, ele escreve, “Eu estava presente em 18 de junho, quando o édito foi lido para toda a igreja” (VICTOR OF VITA, 2006, p.26, tradução nossa). Ele também afirma que estava presente durante

pessoal de Victor, aonde também professa suas intensões “de modo que [Genserico] desejava tornar a fama de seu próprio povo como terrível<sup>318</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.2, tradução nossa). Corroborando com a perspectiva de que ele queria orientar a opinião de seus leitores sobre o carácter vandálico.

Considerando a natureza da obra, é preciso destacar que seu discurso sobre o Reinado de Hunerico se altera a partir do parágrafo 8 do livro II, pois até esse momento de sua narrativa, o rei vândalo era apresentado com pacífico e cooperativo com a comunidade católica encerrando algumas políticas agressivas de seu pai e antecessor Genserico, permitindo o regresso de clérigos católicos a África Vândala, e restaurando a possibilidade de presidirem a liturgia, assim como de nomearem seus próprios bispos e, por fim, perseguindo e exilando um grupo de maniqueus.

De alguma maneira nos primórdios de seu reinado, ele tinha a sutileza como a dos bárbaros. No início ele foi gentil e ponderado, e trouxe muitas pessoas de nossa religião de volta [do exílio], como também, dos lugares que antigamente o rei Genserico definiu que fosse adequado para nos reunirmos em pequenas assembleias espirituais. E como ele próprio se mostrou como um devoto decretou que os hereges maniqueus deveriam ser perseguidos imediatamente<sup>319</sup> (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.13, tradução nossa).

É bastante provável que Hunerico havia restituído alguns direitos aos católicos no início de seu Reinado, e parece ter perseguido os maniqueus para ganhar e consolidar o apoio das comunidades católicas na África, inclusive, o próprio bispo de Vita elogia essa atitude do rei vândalo: “Por causa disso, vemos que antes o tirano era louvável e digno de

---

a anunciação de uma profecia “Eu estava presente quando ele relatou sua visão ao santo Eugênio” (VICTOR OF VITA, 2006, p.30, tradução nossa). Em outra passagem, ele aborda a peregrinação de um grupo de pessoas que havia sido exilada por Hunerico, e que ele estaria acompanhando “Quando estávamos caminhando na companhia do exército de Deus, geralmente avançávamos à noite por causa do calor do sol” (VICTOR OF VITA, 2006, p.34, tradução nossa). No livro III também observamos a mesma característica: Ao mencionar um dos torturadores que haviam se convertido a fé católica, mas que depois de algum tempo, tornou-se ariano: “Algum tempo antes, enquanto eu estava presente, ele havia sido batizado na igreja de Fausto, e o venerável diácono Muritta o havia levado e regenerado nas profundezas daquela fonte” (VICTOR OF VITA, 2006, p.78, tradução nossa). Em outra ocasião ele apresenta a separação de uma criança de seus pais sob a ordem de um bispo ariano, “Eu estava olhando quando o filho de um nobre, com cerca de sete anos, foi separado de seus pais aqui em Cartago com a mesma violência, sob as ordens de Cyrila” (VICTOR OF VITA, 2006, p.84, tradução nossa).

<sup>318</sup> “*ut famam suae terribilem faceret gentis*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.2); “*intending to make the reputation of his people a source of dread*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.3).

<sup>319</sup> “*Qui in primordia regni, ut habet subtilitas barbarorum, coepit mitius et moderatius agere, et maxime circa religionem nostram: ut etiam ubi antea sub rege Geiserico praeiudicatum fuerat, ne spirituales fierent conventus, conventicula concurrerent populorum. Et ut se religiosum ostenderet, statuit sollicitius requirendos haereticos Manichaeos*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.13); “*In accordance with the subtlety of the barbarians, at the beginning of his reign he began to act in quite a mild and moderate fashion. This was particularly so with respect to our religion, so that meetings of the people were held even where it had previously been decided under king Geiseric that spiritual assemblies were not to take place. And, to show that he was a man of religion, he decreed that the Manichaean heretics were to be sought out with painstaking care*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.24).

reconhecimento<sup>320</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.13, tradução nossa). Outra reflexão que também podemos sugerir, é que talvez, essas medidas tenham sido empreendidas por Hunerico como meio de aproximar e ganhar legitimidade do Império do Oriente, uma vez que, Hunerico estava ligado a família imperial de Valentiniano III através do casamento com Eudoxia, com quem havia tido seu filho Hilderico, tornando importante manter seu vínculo e status adquirido. (STEINACHER, 2016; HUGHES, 2017).

Essa relação entre Hunerico e o Império Oriental, teria sido mantida através de concessões, “Contudo, a liberdade foi concedida por ele [Hunerico] a pedido do imperador Zenão e Placídia, (viúva?) de Olybrius, para que a igreja de Cartago ordenasse o bispo que desejasse<sup>321</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.13-14, tradução nossa). Hunerico assim teria aceito que Zenão nomeasse um bispo para Cartago, entretanto, como Ian Hughes (2017) explica, essa possibilidade refletiu em divergências entre o Imperador e os romanos-africanos.

O imperador Zenão era um monofisista declarado, enquanto a maioria dos romano-africanos eram católicos nicenos. Como resultado, era improvável que os católicos da África respondessem positivamente a quaisquer clérigos monofisistas que fossem indicados por Zenão<sup>322</sup> (HUGHES, 2017, p.271, tradução nossa).

Para que a indicação de Zenão não perturbasse a comunidade católica africana, ele atribuiu ao *vir inlustres* Alexandre a tarefa de mediar a escolha de um bispo para Cartago, chegando assim a escolha de Eugênio, que encerrou com os protestos, mas como menciona Victor, após alguns anos a presença de Eugênio como bispo de Cartago acarretou em conflitos entre as comunidades católicas e arianas, “em seguida, os bispos arianos começaram a ser atormentados diariamente por uma grave inveja, especialmente Cyrila<sup>323</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.15, tradução nossa). Assim, para Victor a popularidade dos clérigos católicos teria posto em desequilíbrio o número de adeptos do arianismo, “O sacerdote Eugênio começou a ser considerado um bom homem, por causa de sua conduta reverente e

<sup>320</sup> “Propter quod magis laudabilior memoratus tyrannus videbatur” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.13); “The aforesaid tyrant seemed quite worthy of praise for this reason” (VICTOR OF VITA, 2006, p.24).

<sup>321</sup> “Dedit autem licentiam, Zenone imperatore atque Placidia relicta Olibrii rogantibus, ut Carthaginiensis ecclesia sibi quem vellet episcopum ordinasset” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.13-14); “At the request of the emperor Zeno and Placidia, the widow of Olybrius, he gave the church of Carthage freedom to ordain for itself whomever it wished as Bishop” (VICTOR OF VITA, 2006, p.24-25).

<sup>322</sup> “Emperor Zeno was an acknowledged Monophysite whereas the majority of Romano-Africans were Nicene Catholics. As a result, the Catholics in Africa were unlikely to respond positively to any Monophysite clergymen who were appointed by Zeno” (HUGHES, 2017, p.271).

<sup>323</sup> “coeperunt exinde Arrianorum episcopi invidia gravi torqueri, cotidianis et praecipue cum Cyrila” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.15); “the bishops of the Arians, especially Cyrila, began in consequence to be afflicted with a great deal of jealousy” (VICTOR OF VITA, 2006, p.27).

inspiradora, e também, é por causa disso que todas as pessoas de fora (da ortodoxia?) são tão agradecidas<sup>324</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.14, tradução nossa). Tal desequilíbrio, para o bispo de Vita, só poderia ser um reflexo das práticas de Eugênio como a distribuição de esmolas e a realização de milagres, o que teria provocado os bispos arianos a conspirarem contra a Igreja Católica junto a Hunerico, que se enfureceu com os católicos.

Após isso, Victor altera seu discurso sobre o rei vândalo, e apresenta que seu reinado a partir daí teria sido destinado a punir os católicos, “A partir desse momento, a perseguição de Hunerico teve seu início, nos causando sofrimento e dores como as de um parto<sup>325</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.15, tradução nossa). Acerca dos relatos Victor sobre os martírios causados por Hunerico, é possível observar um padrão narrativo rígido, mas bastante coerente com o objetivo de seu texto.

Pois, como evidencia Éric Fournier (2015) mesmo aos confessores da fé católica são atribuídos ao título de mártires, “eles resistiam às pressões para serem convertidos, especialmente a provisão de vantagens temporais, muitas vezes com a ajuda de Deus e seus milagres, que validava sua fé como católicos<sup>326</sup>” (FOURNIER, 2015, p.109, tradução nossa). Assim, a resistência as torturas, ao rebatismo e a reprovação da fé católica são também contabilizadas como um ato de martírio como analisaremos a seguir.

Ao observarmos os três casos separadamente, podemos observar que Victor detém uma preferência por narrar as repreensões vândalas mais severas ao gênero feminino, talvez por acreditar que a violência com as mulheres seria um recurso valioso para impactar seus leitores e capturar sua empatia, “contra as leis da natureza, as mulheres, principalmente as nobres, ficavam completamente nuas à vista do público para serem torturadas<sup>327</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.45, tradução nossa). Acerca da atribuição do título de mártir aos torturados, o bispo de Vita menciona uma ocasião em que uma mulher aristocrata estava sendo preparada para se prostituir, e ao protestar para que não fosse deixada nua em público acabou sendo repreendida imediatamente, nas palavras de Victor:

---

<sup>324</sup> “*sacerdos Eugenius, coepit per conversationem operum bonorum venerabilis et reverendus haberi, etiam ab eis qui foris sunt, et ita esse omnibus gratus*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.14); “*bishop Eugenius, that man of God, began, thanks to his practice of good works, to be considered worthy of veneration and reverence even by those who were outside his flock*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.26).

<sup>325</sup> “*Hinc iam Hunirici persecutio doloris atque parturitionis nostrae sumpsit initium*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.15); “*From this point the persecution of Huniric, which was to bring us sorrow and travail, took its beginning*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.28).

<sup>326</sup> “*ils résistent aux pressions visant à les convertir, en particulier l’offre d’avantages temporels, souvent avec l’aide du Seigneur et de miracles, ce qui valide leur foi comme catholique*” (FOURNIER, 2015, p.109).

<sup>327</sup> “*mulieres et praecipue nobiles contra iura naturae nudas omnino in facie publica cruciabant*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.45) “*contrary to the laws of nature, women, especially the noble, were tortured entirely naked and in full view of the public*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.72).

aqueles selvagens a colocaram em um lugar alto, tiraram suas roupas e fizeram dela uma atração, para que todos a vissem. Mas, durante aquelas pancadas de chibatadas, e enquanto todo seu corpo sangrava como um rio, ela clamou com sua voz formosa: “Servos do diabo, o que consideram estar fazendo para o meu opróbrio, é [na verdade] para minha glória”, e por ter grande conhecimento das Sagradas Escrituras, em pouco tempo como mártir, durante sua punição, ela encorajou outros a alcançarem o martírio. Por causa de seu santo exemplo, ela libertou quase todas as pessoas de seu povo<sup>328</sup> (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.45, tradução nossa).

É realmente muito difícil saber a motivação que levou o bispo de Vita atribuir o status de mártir a torturados e confessores, mas é bastante provável que na falta desse elemento, ele tivesse que construir personagens que vislumbrassem uma orientação para o comportamento da comunidade católica<sup>329</sup>. Ainda em relação às mulheres, também é possível que Victor estivesse disposto a referenciá-las com verossimilhança com as mulheres que ampararam Cristo durante sua morte na cruz, sendo elas: “Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu” (Mateus 27:56), se assim considerarmos, seria possível caracterizar as mulheres torturadas em verossimilhança a figura de Maria Madalena que tendo sofrido pela ira dos homens, foi amparada e defendida por Cristo, enquanto que, Victor também atribuiu uma função proeminente as mulheres mães como guardiãs da pureza

---

<sup>328</sup> *“illi magis furentes celsiori loco vestimentis exutam consistunt, spectaculum eam omnibus facientes. Quae inter ictus virgarum, dum rivuli sanguinis toto iam corpore fluitarent, libera voce dicebat: ministri diaboli, quod ad obprobrium meum facere computatis, ipsa laus mea est, et quia esset scripturarum divinarum scientia plena, artata poenis et ipsa iam martyr alios ad martyrium confortabat. Quae suo sancto exemplo paene universam suam patriam liberavit”* (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.45); *“They, behaving still more wildly, stripped off all her clothes and made her stand up in a more prominent place, making a spectacle of her in front of everyone. Amid the blows of the rods, and while streams of blood were already flowing over her whole body, she spoke in a bold voice: “You servants of the Devil, what you think you are doing to my shame is in fact to my praise.” And because she had a full knowledge of the divine scriptures, she strengthened others for their martyrdom, despite having been afflicted with punishments and being already a martyr herself. By her holy example she set nearly the whole of her country free”* (VICTOR OF VITA, 2006, p.72).

<sup>329</sup> Ana Teresa Marques Gonçalves (2013) demonstra que os escritores cristãos haviam se apropriado da retórica greco-romana clássica para transmitir em suas obras um significado prático e disciplinador para seus fiéis, “A fé cristã deveria antes de tudo ser expressa por atos e omissões, por realizações e desvios, por implementações e recusas” (GONÇALVES, 2013, p.17). Deste modo, podemos observar que a retórica cristã de Victor de Vita detinha influências dos modelos greco-romanos clássicos que substituiu a figura do herói, pela dos mártires e confessores que tinham como principal objetivo fornecer um exemplo de conduta para a sociedade católica, “A figura do mártir preencheria a lacuna deixada pelo abandono e/ou reelaboração de sustentáculos retóricos clássicos, como exemplo de coragem, virilidade e lealdade dos relatos gentios” (GONÇALVES, 2013, p.21). Gonçalves também evidencia que ao contrário da figura do herói ou mesmo do Cristo que eram retratados dotados de qualidades sobre-humanas, a figura do mártir estava pautada em uma confissão de fé pública em um período que sua liberdade religiosa fosse restringida ou anulada, “Todo cristão era um mártir em potencial, esperando a oportunidade de receber o suplício” (GONÇALVES, 2013, p.22). Assim, podemos considerar que para Victor de Vita, o martírio era ao mesmo tempo um ato de resistência religiosa a conversão da fé ariana, como também política, pois o enfretamento ao Reinado Vândalo sugeria que a comunidade católica não deveria estar submetida a reis tiranos e heréticos.

espiritual de seus filhos, isso torna-se mais evidente, ao abordar sua preocupação ao rebatismo,

Naquele lugar, a maioria das crianças eram acompanhadas por suas mães com afeto maternal, mas enquanto algumas se deleitavam [com seus filhos], outras tentavam trazê-los de volta [da heresia]. Enquanto umas se alegravam de terem dado à luz a mártires, outras se esforçavam para recuperar [seus filhos] do dilúvio do rebatismo, e lutavam para que eles retornassem a confissão da [nossa] fé<sup>330</sup> (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.19, tradução nossa).

Assim, as mães seriam uma referência aquelas citadas por Mateus (27;56), e especialmente a Maria, mãe de Jesus, que teve como responsabilidade orientar e disciplinar o Cristo quando necessário, essa citação acima se tornaria a mais verossímil com a concepção bíblica, ao afirmar que as mulheres deveriam se orgulhar ao dar à luz a mártires, fazendo uma clara referência a preocupação de Maria com o destino de seu filho.

É importante destacar também que, embora Victor mencione sua preocupação com o rebatismo, não há nenhum relato sobre o ocorrido em sua obra, e embora na citação acima, possa ser lido que algumas mães se esforçaram para que seus filhos não fossem rebatizados, evidenciando que havia essa vontade pela comunidade católica, ele imediatamente censura essa possibilidade, afirmando que: “Apesar disso, ninguém foi vencido por suas bajulações, e nem mesmo a devoção da carne fez alguém se curvar ao chão<sup>331</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.19, tradução nossa). Assim, podemos observar que embora haja na obra de Victor constantes referências as dinâmicas sociais de integração a norma vândala, sua característica narrativa trata de deixar essas questões bastante implícitas, permitindo que ele force uma separação intransponível entre as comunidades norte-africanas através do elemento religioso, das quais ele nomeia como vândalos-arianos e romanos-católicos<sup>332</sup>, como veremos a seguir.

<sup>330</sup> *“Ibi et infantuli fuere quam plurimi, quos genetrices materno sequebantur affectu, aliae gaudentes, aliae retrahentes: aliae gaudebant se martyres peperisse, aliae moliendo diluvio rebaptizationis nitebantur a confessione fidei revocare”* (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.19); *“There were many little children in that place, and their mothers followed them with maternal affection, some rejoicing and others sununoning their children back; for some rejoiced that they had given birth to martyrs, while others strove to call back from the confession of faith those who would die from the deluge of rebaptism”* (VICTOR OF VITA, 2006, p.34).

<sup>331</sup> *“Nullum tamen tunc nec blandimenta vicerunt nec carnalis pietas aliquem inclinavit ad terram”* (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.19); *“Nevertheless, their coaxing words defeated no-one, and ties of the flesh made no-one bend to the ground”* (VICTOR OF VITA, 2006, p.34).

<sup>332</sup> É possível observar as palavras ‘ariano’ e ‘vândalo’, assim como ‘romano’ e ‘católico’, são utilizados respectivamente como sinônimos na obra de Victor, contudo, os sentidos que essas palavras assumem podem se alterar, por exemplo, o termo ‘vândalo’ é utilizado em um sentido político-identitário, como vemos aqui: “enviou os vândalos, com as parteiras de seu povo” (VICTOR OF VITA, 2006, p.32, tradução nossa); “nos territórios dos vândalos” (VICTOR OF VITA, 2006, p.38, tradução nossa); “Hunerico rei dos vândalos e alanos” (VICTOR OF VITA, 2006, p.64, tradução nossa). Já quando ele deseja apresentar os vândalos como hereges ou traiçoeiros, o termo ‘ariano’ aparece: “Os arianos, irritados com isso, usavam muitos truques e frequentemente tentavam matá-

Serge Lancel (2000) decreta a existência de um padrão narrativo em Victor de Vita ao qualificar três principais grupos que ocupavam o Norte da África Ocidental, são eles “os vândalos, os mouros e aqueles que são designados constante sob o nome de romanos<sup>333</sup>” (LANCEL, 2000, p.1209, tradução nossa). Eles foram separados por Victor respectivamente como vândalos-arianos, mouros-pagãos e romanos-católicos, essas distinções identitárias formuladas por Victor tinha por objetivo a construção de “fronteiras rígidas entre as categorias ‘romanos’ e ‘bárbaros’ [...] para evitar que eles [romanos] não se tornem muito dóceis à bajulação dos vândalos<sup>334</sup>” (FOURNIER, 2015, p.106, tradução nossa).

Victor ao relacionar essas identidades a uma religião compõe um discurso retórico e etnográfico que impõe uma característica estática as identidades desses povos, pois de acordo com ele: “a Igreja Romana, que é a cabeça de todas as igrejas<sup>335</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.23, tradução nossa). Assim, tendo nomeado a Igreja Católica como Igreja Romana, um hipotético processo de conversão ao cristianismo católico também significaria se

---

lo” (VICTOR OF VITA, 2006, p.13, tradução nossa); “ele frequentemente reprovava os arianos por sua perversidade” (VICTOR OF VITA, 2006, p.21, tradução nossa). A utilização do termo ‘Vândalo-Ariano’, aparece em Victor quando ele solicita o apoio do clero católico para denunciar a perseguição na África “reconheçam o que os vândalos arianos estão fazendo, seus filhos em cativeiro gemem em lamento” (VICTOR OF VITA, 2006, p.92, tradução nossa). Nesse caso, é possível observar que o termo, associa e faz uso de duas identidades uma política, e outra religiosa. O mesmo acontece com os termos ‘romano’ e ‘católico’, da qual o primeiro, expressa um título e identidade política, e ‘católico’ faria referência a identidade e confissão religiosa, contudo, ambas são complementares e se tornam sinônimas. Caroline Humfress (2011) observa que é possível observar e avaliar dimensões e esferas distintas entre uma identidade política e uma identidade religiosa, analisando as estruturas e discursos do Direito Romano e Direito Eclesiástico, ela observa uma proeminência do discurso imperial que se sobrepõe ao discurso religioso. Assim a autoridade imperial teria modelado a identidade religiosa a medida que, “*the imperial authorities also began to ‘contract out’ the day-to-day maintenance of divine and human relations to a more or less distinct group of experts, namely, Christian clerics*” (HUMFRESS, 2011, p.306). Deste modo, o Império passa a assegurar a Igreja e seus funcionários a manutenção da ordem social, colocando-a como aliada para reforçar a própria autoridade imperial, e embora essas esferas passem a atuar, geralmente, de modo coeso e complementar, é possível para ela distinguir essas esferas pela função e autoridade que exerciam, pois as dimensões políticas e a atuação social dessas instituições são distintas, mas muito bem definidas, e ainda que a Igreja passe a integrar uma parte do corpo jurídico imperial, é preciso considerar que houve o desenvolvimento de sua própria ordem burocrática e de seus próprios tribunais, que colabora para compreendermos o desenvolvimento independente dessa instituição, e que embora se coloque a margem do Direito e do Império Romano, ainda reivindica uma identidade própria, nem sempre associada ao Império, tal como Patrick Geary (2005) nos apresenta, o cristianismo tem como premissa fundamental, se expandir e conquistar adeptos para além, das identidades associadas ou encontradas no interior do Império. Os autores Belchior Lima Neto e Caroline Soares (2011) observam que Agostinho já havia considerado a existência de uma separação identitária, uma vez que, e ao apresentar uma distinção entre o Reino dos Céus (divino) e o Reino da Carne (secular), ele projetava a existência de um dualismo constante, que permanece em conflito, pois somente se desprendendo da Carne (da identidade política e da natureza humana) é que os homens alcançariam os Céus, cuja representação seria alcançar plenitude da identidade cristã, através da santidade e caridade que aproxima os homens de Deus. (GEARY, 2005; HUMFRESS, 2011; LIMA NETO, SOARES, 2011).

<sup>333</sup> “*les Vandales, les Maures, et ceux qui sont désignés sous l'appellation constante de Romani*” (LANCEL, 2000, p.1209).

<sup>334</sup> “*frontières rigides entre les catégories ‘Romain’ et ‘barbare’, [...] d’éviter qu’ils [romain] ne deviennent trop dociles face aux cajoleries des Vandales*” (FOURNIER, 2015, p.106).

<sup>335</sup> “*ecclesia Romana, quae caput est omnium ecclesiarum*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.23); “*the Roman church, which is the head of all the churches*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.40).

identificar como romano e abdicar do status aristocrático, das heranças culturais, familiares e identitárias que compunha a denominação de mouros<sup>336</sup> ou vândalos.

Mas, devemos ponderar que Victor desconsidera essa possibilidade de conversão, para ele, vândalos e mouros eram mais fiéis aos seus reis, do que devotos a Deus, portanto, a vontade divina é posta como contrária as vontades reais, tal como a recomendação do Evangelho de Mateus (6: 24), que também considerava impossível seguir a dois senhores, desse modo, um vândalo jamais poderia ser considerado como católico, pois sua fidelidade divina é sobreposta pela lealdade real.

Podemos observar dois principais trechos onde Victor é mais enfático em relação a não transposição partidária, a primeira aparece no Livro II quando um soldado mouro questiona um grupo de católicos que estariam sendo exilados, se eles não poderiam simplesmente aceitar o ordenamento do rei:

com um discernimento condenável, eles [os mouros] se juntaram aos confessores de Deus e começaram a falar coisas enganosas. Eles disseram: “Por que vocês agem dessa maneira tão perseverantes por um desejo ardente? Nosso senhor ordena que apenas obedeçamos suas pequenas vontades, vocês deveriam se apressar e agir de boa vontade para serem percebidos como dignos de honra pelo rei”. Mas imediatamente, eles gritaram de maneira notável: “Somos cristãos, somos católicos, e reconhecemos a trindade em um único Deus sacrossanto”<sup>337</sup> (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.19, tradução nossa).

<sup>336</sup> Na narrativa de Victor, os mouros são caracterizados como cúmplices dos vândalos nas violências contra os católicos, de acordo com ele, eram eles os encarregados de acompanhar a ‘peregrinação’ rumo ao exílio no deserto: “Todos eram reunidos nas cidades de Sicca e Lares, para que os mouros os viessem buscá-los e os levassem ao deserto depois de terem sido entregues” (VICTOR OF VITA, 2006, p.33, tradução nossa). Para Procópio, os mouros assumem uma posição relativamente neutra, só que mais inclinados a auxiliarem os vândalos contra os romanos durante as campanhas militares de Belisário. Os mouros não são considerados como um grupo homogêneo em relação aos seus interesses, isto porque, de acordo com Procópio, os mouros são tidos como inconstantes e se colocam de ambos os lados da guerra, como no caso a seguir, aonde mouros que são considerados insubordináveis por Procópio, se unem aos vândalos: “não muito longe dos limites da Numídia, começaram a reunir todos os vândalos e mouros que por acaso lhes eram amigáveis” (PROKOPIOS, 2014, p.191, tradução nossa). A seguir, ele apresenta que um grupo de líderes mouros haviam reivindicado algumas insígnias simbólicas, para que a aliança entre mouros e romanos fosse assegurada, mas mesmo após receberem as insígnias pedidas, eles se voltaram contra os romanos, mas também não apoiaram os vândalos, com os quais haviam se comprometido antes mesmo da aliança com os romanos, “No entanto, eles não vieram lutar com ele [Belisário] nem, por outro lado, ousaram dar apoio aos vândalos, mas, ao lado de ambos os combatentes, esperaram para ver o que a fortuna da guerra os reservava” (PROKOPIOS, 2014, p.191). Consideramos que é possível que ao descrever os grupos militares autônomos na África, Procópio, assim como Belisário, talvez não tenham considerado a diversidade de tribos ou povos, e apenas se referiram aos mouros em um sentido mais amplo, como antes historiadores e etnógrafos haviam feito ao se referirem aos citas e germânicos, isso por sua vez, poderia explicar a diversificação dos posicionamentos dos mouros, dos quais os vândalos pareciam estarem mais preparados, já que observamos em diversos momentos um apoio maior a eles, e ao próprio rei Gelimer, que inclusive recebeu abrigo em Medeos, uma cidade moura, possivelmente localizada nos Aurès, após ser derrotado por Belisário, permanecendo lá por vários meses, até se render por vontade própria. (PROKOPIOS, 2014, p.200; p.205).

<sup>337</sup> “*subtilitate damnabili blandis sermonibus cum dei confessoribus agere coeperunt: quid vobis, inquit, videtur, ut ita pertinaces sitis et domini nostri praeceptis minime obtemperetis, qui esse poteratis in conspectu*

E em um segundo momento, no Livro III, ele evidencia que Hunerico havia preparado uma armadilha aos exilados, aonde ele teria enviado alguns soldados vândalos em posse de um documento, aonde afirmava que os clérigos que jurassem lealdade ao rei e ao seu filho Hilderico poderiam voltar a presidir a liturgia em suas antigas igrejas. Assim, os soldados separaram dois grupos, os que juraram e os que não o fizeram, tendo feita essa distinção os soldados rapidamente recolherem as informações de ambos os grupos como nome e cidade de origem, após feito isso, Victor afirma que:

“Por conseguinte, para aqueles que desejaram jurar contra os preceitos do evangelho, o rei ordenou que esses cidadãos nunca mais vissem suas igrejas, mas aqueles que foram banidos [de suas igrejas] receberão o título de colonos e terão direito a terra. Porém, como não poderão cantar os salmos e nem rezar, também não devem ter nenhum ler livros em suas mãos, e nem transportá-los consigo, não realizarão mais batismos, e não ordenarão mais ninguém, assim como não devem ter a audácia de restaurar alguém [para a fé católica]”. Do mesmo modo, eles disseram para aqueles que não juraram: “Vocês que não desejaram que o filho de nosso senhor reinasse, por essa razão, as nossas ordens são para que vocês sejam banidos para a ilha da Córsega, onde devem cortar madeira para serem usados nos navios do rei”<sup>338</sup> (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.45, tradução nossa).

Assim, podemos avaliar que, a primeira citação sobre o questionamento dos soldados mouros aos católicos, seria uma clara referência as tentações que Cristo havia sofrido do Diabo durante o período que passou no deserto (Lucas 4: 1-13), já que como vemos na citação acima, os confessores também haviam sido subornados, não apenas com o reestabelecimento de seus ofícios clericais, mas também, haviam recebido terras em troca da fidelidade real.

---

*regis honorabiles, si eius festinetis facere voluntatem? Statim illis clamantibus et dicentibus ingenti vociferatione: 'Christiani sumus, catholici sumus, trinitatem unum deum inviolabilem confitemur'”* (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.19); “with damnable cunning they began to talk with the confessors of God in smooth words. “Why does it seem good to you,” they said, “to be so stubborn, and why are you disinclined to comply with the orders of our Lord? For you would be considered worthy of honour in the sight of the king if you were to hurry to act in accordance with his will.” Immediately they cried out and said with loud voices: “We are Christians, we are Catholics, we confess the Trinity, one God inviolable” (VICTOR OF VITA, 2006, p.33).

<sup>338</sup> “*quare contra praeceptum evangelii iurare voluistis, iussit rex ut civitates atque ecclesias vestras numquam videatis, sed relegati colonatus iure ad excolendum agros accipiatis, ita tamen ut non psallatis neque oretis aut ad legendum codicem in manibus gestetis: non baptizetis neque ordinetis aut aliquem reconciliare praesumatis. Similiter non iurantibus ait: quia regnum filii domni nostri non optatis, ideirco iurare nolulistis. Ob quam causam iussi estis in Corsicanam insulam relegari, ut ligna profutura navibus dominicis incidatis”* (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.45); “To those who had sworn they said: “Because you were willing to swear, contrary to the precept of the gospel, the king has ordered that you are never to see your towns and churches, but are to be banished with the status of coloni and given fields to cultivate. As well, you are not to sing the psalms or pray or hold in your hands a book to read from; you are not to baptize or ordain, nor are you to dare to reconcile anyone.” Similarly, it was said to those who had not sworn: “You did not want to swear because you do not wish the son of our lord to reign. For this reason an order has been given for you to be banished to the island of Corsica, so you can cut timber for the king’s ships” (VICTOR OF VITA, 2006, p.71).

Assim, seguindo a mesma instrução de Jesus, alguns dos confessores rapidamente repreenderam os soldados que questionaram os fiéis sobre a possibilidade de serem mais flexíveis com as exigências do rei, que compreenderam ter sido um artifício para que eles negassem a trindade e a ‘verdadeira fé’.

E no segundo caso, e talvez o mais evidente, aonde Victor demonstra que mesmo que os romanos-católicos jurassem sua lealdade ao rei, eles jamais seriam integrados a sociedade vândala sem que se convertessem ao arianismo, pois como Victor descreve, os vândalos eram característicos por: “desejo louco de lutarem contra a inocência, e uma ganância cruel para arruinar as almas e a essência [dos fiéis]<sup>339</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.56, tradução nossa). Assim, referenciando os vândalos como saqueadores e ladrões de almas, Victor tentou reforçar as diferenças e criar barreiras para que a comunidade católica não fosse favorável ao reinado vândalo, fazendo uso de seus melhores recursos retóricos e teológicos que corroborassem com suas perspectivas.

Outra característica de seu estilo narrativo que devemos destacar são os aspectos literários e estéticos que ele utiliza para representar as perseguições, as mortes, as torturas e até deflorações que seus personagens sofreram com os vândalos, são característicos de obras e representações cênicas que impõe ao leitor a condição de expectador, com a intenção de chocar leitores ou os que por meio desses últimos eventualmente ouviriam a narrativa, como exemplo, destacamos esse que segue abaixo.

Então, ele (Hunerico) instruiu que as virgens sagradas fossem agrupadas e organizadas pelos vândalos, para que as parteiras de seu povo as inspecionassem e as tocassem com seus dedos em suas partes íntimas contra sua vontade e sem nenhum respeito e pudor, sem [a presença de] nenhuma mãe ou ao menos uma matrona. Elas foram gravemente queimadas e enforcadas com seus pés imobilizados com enormes pesos [presos a eles], folhas e pontas de ferro foram aquecidas no fogo para serem colocadas em suas costas, barriga, seios e em seus flancos<sup>340</sup> (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.18, tradução nossa).

---

<sup>339</sup> “*Dimicavit contra innocentiam cupiditas furoris et avaritia crudelitatis, ut et animas perderet et substantiam arpagaret*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.56); “*A passionate desire for rage and a greed for cruelty, which sought the loss of souls and the plunder of property*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.90).

<sup>340</sup> “*Praecipit deinde sacras virgines congregari, dirigens Wandalos cum suae gentis obstetricibus ad inspicienda et contrectanda contra ius verecundiae verecunda pudoris, ubi nec matres aderant nec aliqua matronarum: cremantes gravi suspendio atque ingentia pondera pedibus conligantes, lamminasque ferri ignitas dorso, ventri, mamillis et lateribus adponebant*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.18); “*Thereafter he ordered that the consecrated virgins were to be gathered together, and sent the Vandals, with the midwives of his race, to examine and feel their private parts, contrary to the laws of modesty, when neither their mothers nor any women at all were present. They tortured them by hanging them in a cruel way and tying heavy weights to their feet; they applied glowing plates of iron to their backs, bellies, breasts and sides*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.32).

Esse estilo bastante descritivo dos episódios de torturas e/ou martírios como podemos observar acima, são importantes indícios de um gênero que se propõe a denunciar o reinado vândalo ao Império do Oriente, como sugere Nico Swartz (2016) o recurso estético teria sido um recurso para ampliar seu público ouvinte, “este livro deveria encontrar uma ampla resposta na sociedade, como, por exemplo, entre letrados e iletrados<sup>341</sup>” (SWARTZ, 2016, p.2, tradução nossa). O autor ainda considera que o sofrimento descrito por Victor deve ser compreendido como uma ação libertadora e de resistência, e que permite evidenciar para a sociedade africana<sup>342</sup> que a corrupção da alma com o rebatismo e a consequente negação da fé católica trariam mais dores e tormentos, do que aquelas infligidas na carne por soldados. (BAUMEISTER, 2012; SWARTZ, 2016).

Também é possível considerar que, através de outros elementos, como a escrita em latim, poderia ser um indício de que Victor de Vita desejava atingir outras regiões do Mediterrâneo: “Existem evidências internas claras de que a *Historia Persecutionis* havia sido ao menos parcialmente direcionada aos ouvintes orientais, mas sua língua, o latim, deveria ser considerado na avaliação de sua eficácia como propaganda<sup>343</sup>” (SHANZER, 2004, p.279, tradução nossa).

---

<sup>341</sup> “this book should meet with a wide response in society, such as, for instance, among the literate and the illiterate” (SWARTZ, 2016, p.2).

<sup>342</sup> Acerca da representação política das populações africanas, Walter Pohl (1999) considerou que o discurso cristão nos séculos V e VI tinham como objetivo reorganizar o sentimento da população que ele representava, deste modo, o discurso de um clérigo poderia recriar a memória dos eventos que narrava, “In a semiotic sense, it rather implies the notions of the possible or impossible, rational or insane, true or false that lie at the basis of every statement, speech or narrative in a given society” (POHL, 1999, p.139). Deste modo, Danuta Shanzer (2004) acredita que embora o Império do Oriente tenha sido um importante alvo da narrativa de Victor, é preciso considerar a obra antes de tudo como uma denúncia sobre o sofrimento que os vândalos haviam causado aos africanos, na tentativa de reorganizar a memória dessa população, a autora considera que Victor utilizou um estilo hagiográfico e martiriológico semelhante aquele que Lactâncio havia utilizado na sua obra *De Mortibus Persecutorum* para denunciar os perseguidores pagãos. Assim, com a intenção de se aproximar de seus pares africanos, Victor teria utilizando o histórico das províncias africanas para associar às perseguições de Diocleciano com as perseguições vândalas contemporâneas de Victor, na intenção de criar uma sólida oposição de católicos contra o Reinado Vândalo, “Victor was not without literary pretensions, and his work has several parents in the historiographical tradition. [...] There would appear to be other possible relations, particularly as regards tone and exultation over demises of notable villains, namely to the sort of tract or broadside represented by Lactantius’ *De Mortibus Persecutorum*” (SHANZER, 2004, p.278-279). Shanzer ainda evidencia que mesmo a heresia ariana assumida pelos vândalos havia sido utilizada por Victor como um fator histórico para ganhar apoio, “Popular theological polemic mattered too. Arius, a Libyan, promulgated his *Thalia* in part in verse and that he wrote religious songs for different workplaces. Subsequent African Christians were quick to take advantage of verse polemic” (SHANZER, 2004, p.285-286). Victor acreditava que as províncias ocidentais africanas haviam sido um importante berço da ortodoxia católica, mencionando em sua obra importantes teólogos como Agostinho (VICTOR OF VITA, 2006, p.6). Deste modo, é possível observar a grande complexidade da escrita de Victor, pois ao mesmo tempo em que escreve para as populações africanas, associando os eventos contemporâneos do Reinado Vândalo, a eventos passados de grande valor histórico para os africanos, ele também se propõe a reivindicar o apoio do Império do Oriente, associando as populações católicas aos romanos em Constantinopla.

<sup>343</sup> “There is clear internal evidence that the *HP* was at least partly aimed at eastern ears, but its language, Latin, must be taken into consideration in evaluating its efficiency as propaganda” (SHANZER, 2004, p.279).

Nesse ponto, John Moorhead não desconsidera a possibilidade da obra ter sido formulada como uma denúncia ao Oriente, ele também sugere que a escrita em latim de Victor de Vita, poderia ser um fator determinante que reduziria o público-leitor no Oriente, “Devido a situação linguística que prevalecia em Constantinopla no final do século V, não teria sido irracional para o autor de uma obra, procurar influenciar a opinião [pública] ao escrever em latim<sup>344</sup>” (MOORHEAD, 2006, p.XVII, tradução nossa). E embora, Shanzer não nos apresente quais são os fatores históricos envolvidos, para considerar a Península Itálica como outro núcleo mediterrânico que, Victor desejava atingir com sua obra, será preciso analisar algumas informações, desde o tratado de paz de 442, até o saque de Roma em 455, a nomeação de Olybrius como imperador em 472, e a relação dele com Genserico.

Assim, para compreender como as relações entre a Península Itálica e o Reino Vândalo na África, haviam servido de motivação para Victor de Vita, é preciso considerar alguns pontos, o primeiro deles é que em 442 a impossibilidade de recuperar Cartago e as províncias da África Proconsular e Bizacena, haviam se tornado uma dura realidade para a corte imperial, e para assegurar a pacificação dos vândalos e a estabilidade do suprimento de grãos a Roma e as províncias Ocidentais, conforme previa o tratado de paz de 442, Genserico havia concordado em pagar tributos ao Império, e também entregar seu filho, Hunerico como refém ao Império, e para garantir a segurança de seu filho, Genserico exigiu um noivado entre Hunerico e Eudocia, filha de Valentiniano III. Ian Hughes também havia considerado que: “o noivado poderia ter sido proposto como uma alternativa para fornecer um refém, e também como um contrapeso para Hunerico ao se tornar refém<sup>345</sup>” (HUGHES, 2017, p.164, tradução nossa). De qualquer modo, o noivado colocava o príncipe vândalo sob a proteção imperial, e também garantia uma associação direta entre o Reino Vândalo e o Império do Oriente. (STEINACHER, 2016; HUGHES, 2017; SALZMAN, 2017).

Com o assassinato de Valentiniano III em 455, a dinastia Teodosiana e a paz com os vândalos haviam sido colocadas em risco, pois o novo imperador Maximus havia forçado a esposa de Valentiniano III, Eudoxia a se casar com ele, e rompeu arbitrariamente o noivado de Hunerico “Não contente com um casamento com a dinastia anterior, Maximus ordenou ainda que a filha de Eudoxia, Eudocia, se casasse com seu filho, o recém-proclamado César

---

<sup>344</sup> “Given the linguistic situation which prevailed in Constantinople in the late fifth century it would not have been unreasonable for the author of a work seeking to influence [public] opinion there to have written in Latin” (MOORHEAD, 2006, p.XVII).

<sup>345</sup> “the betrothal may have been proposed as an alternative to giving a hostage, and so can be seen as a counter-balance to Huneric becoming a hostage” (HUGHES, 2017, p.164).

Palladius, apesar do fato de estar noiva de Hunerico, filho de Genserico<sup>346</sup>” (HUGHES, 2017, p.191, tradução nossa). Deste modo, tanto Hughes, como Steinacher (2016), apresentam que Eudoxia, sem esperanças de receber apoio do senado romano no Ocidente e no Oriente, havia apelado por uma intervenção do rei Genserico para socorrer sua família e destituir o imperador Maximus.

Sobre esse evento, Procópio considerou correta a atitude de Eudoxia, pois acreditava que ela estaria agindo de modo legítimo, pedindo ajuda para um amigo, para preservar e vingar sua família, bem como, para manter a paz com os vândalos:

ela enviou a Cartago suplicando que Genserico vingasse Valentiniano, que havia sido destruído por um ímpio de maneira indigna de sua posição imperial, e para resgatá-la pois, estava sofrendo nas mãos de um tirano que a tratava profanamente. Ela impressionou Genserico que ele era um amigo e aliado, e uma calamidade tão grande caíra sobre a casa imperial que não seria correto se ele não a vingasse<sup>347</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.154-155, tradução nossa).

Deste modo, o rei vândalo Genserico imediatamente cortou o suprimento de grãos<sup>348</sup>, e navegou rumo a Península Itálica, para Michele Renee Salzman (2017) com a notícia da aproximação dos vândalos a cidade de Roma, o imperador Maximus tentou fugir, mas “Quando ele estava fugindo, uma multidão enfurecida o apedrejou até a morte e, depois o dilaceraram membro por membro em 31 de maio de 455<sup>349</sup>” (SALZMAN, 2017, p.246, tradução nossa). Procópio apresentou a chamada dos emissários de Eudoxia a Genserico no dia 16 de maio, e o saque de Roma no dia 31 de maio, portanto, a cidade havia ficado sem

<sup>346</sup> “*Not content with one marriage to the previous dynasty, Maximus further ordered that Eudoxia’s daughter Eudocia marry his son, the newly proclaimed Caesar Palladius, despite the fact that she was betrothed to Huneric, son of Gaiseric*” (HUGHES, 2017, p.191).

<sup>347</sup> “*she sent to Carthage entreating Geiseric to avenge Valentinian, who had been destroyed by an unholy man in a manner unworthy both of himself and his imperial station, and to rescue her, who was suffering unholy treatment at the hand of a tyrant. She impressed it upon Geiseric that he was a friend and ally, and so great a calamity had fallen upon the imperial house that it would not be right for him to fail to become an avenger*” (PROKOPIOS, 2014, p.154-155).

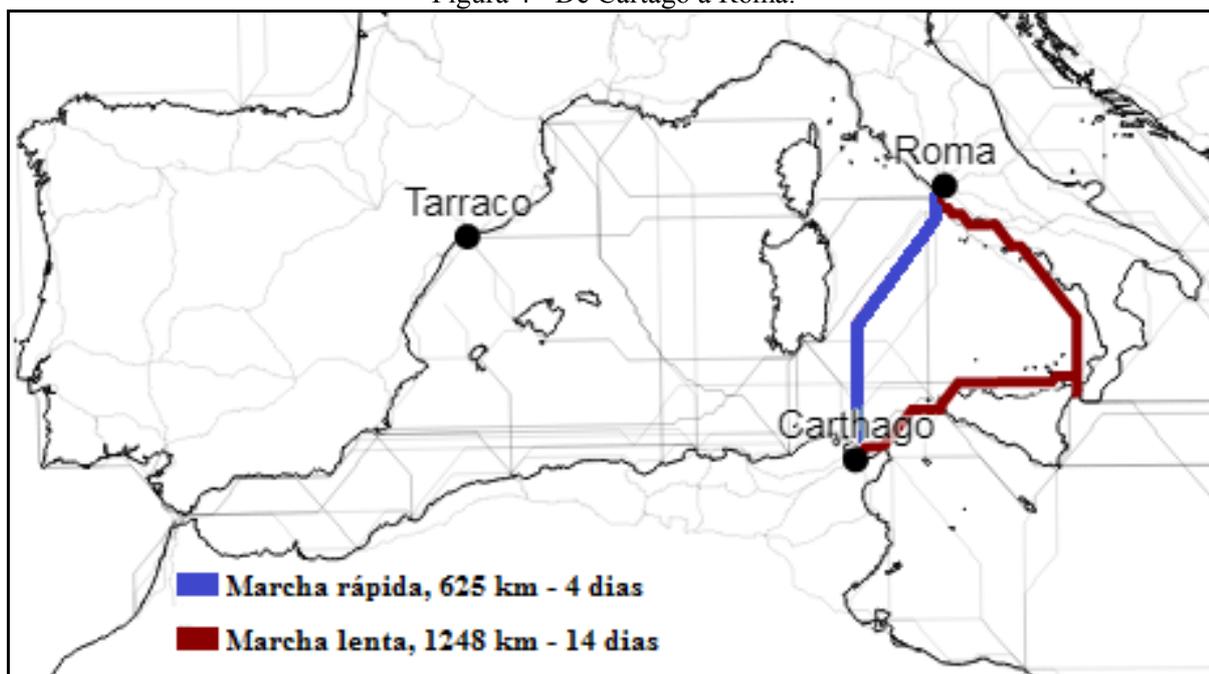
<sup>348</sup> Para Tamsin C. O’Connell *et al* (2019) que investigaram a alimentação das populações romanas no entorno do *Portus Romae*, que era principalmente abastecido pelos portos das províncias africanas ocidentais, e em menor grau por mercadores vindos das províncias do Oriente. De acordo com os autores, os trabalhadores romanos do porto até a metade do século V, tinham uma alimentação bastante variada e não se diferenciava muito daquela consumida pelas classes mais altas da sociedade, o que sugere para nós, que o tratado de 442 havia sido respeitado, e que foi mantida a continuidade do fornecimento de grãos e das atividades mercadoras entre o Reino Vândalo e o Império do Ocidente, contudo, O’Connell *et al* (2019) apresentam que esse o cenário arqueológico se altera drasticamente, a partir da metade do século V, com um corte abrupto no suprimento de grão, que reduziu drasticamente a variedade da alimentação da população em Roma, e em especial dos trabalhadores dos portos, levando a uma escassez de alimentos na cidade, que coincide com o saque de Roma de 455, “*the Vandal sack of Rome in AD 455 [...] event probably marks a significant rupture in long-standing commercial connections between Rome and North Africa*” (O’CONNELL *et al*, 2019, p.731).

<sup>349</sup> “*As he was leaving, an angry mob stoned him to death, and then tore him apart limb by limb on May 31, 455*” (SALZMAN, 2017, p.246).

suprimentos alimentícios durante, pelo menos 15 dias, e isso somado a fuga de Maximus sem qualquer tentativa de organizar as defesas da cidade, certamente colaboraram para aumentar as tensões que levaram o imperador à morte.

De acordo com o mapa interativo ORBIS da Universidade de Stanford, uma marcha rápida entre a cidade de Cartago poderia durar apenas 4 dias, e com outras adversidades em uma marcha lenta, viajando apenas com a luz do dia durante o mês de maio, e evitando o mar aberto, essa rota poderia durar até 14 dias. (SCHEIDEL, MEEKS, 2012). Portanto, se encaixam perfeitamente com a temporalidade definida por Procópio, e nos apresenta que os vândalos haviam tido tempo suficiente para organizar um ataque a Roma, motivados pelo pedido de socorro de Eudoxia, ao contrário daquilo que Hughes pressupunha, alegando que o saque de Roma havia sido apenas um mero acaso. (HUGHES, 2017, 193).

Figura 4 - De Cartago a Roma.



Fonte: SCHEIDEL; MEEKS. ORBIS, 2012.<sup>350</sup>

É interessante observar por meio da figura acima, que após a morte de Valentiniano III e, com o conseqüente encerramento do tratado de 442, a expansão e conquista das ilhas mediterrânicas da Sicília, da Sardenha e Córsega criou uma grande pressão sobre a península Itálica, ocasionando a redução do tempo das expedições vândalas no Mediterrâneo, como exemplo, uma marcha que poderia durar de 4 a 14 dias, haviam sido reduzidas para 2 a 3 dias

<sup>350</sup> Disponível em: <http://orbis.stanford.edu/>. Legendas na figura foram adicionadas pelo autor.

com a conquista da Córsega e Sardenha (SCHEIDEL, MEEKS, 2012), motivando diversos saques ao longo da costa italiana e também da atividade de pirataria pelos vândalos.

Para David Álvarez Jiménez (2012) a pirataria vândala havia se tornado um importante recurso régio para pressionar os Impérios do Ocidente e Oriente a fim de instituir acordos de paz vantajosos para os vândalos, mas que também haviam sido utilizados com o mesmo objetivo contra hérulos e ostrogodos, e ao mesmo tempo em que controlavam as rotas de comércio marítimo do Mediterrâneo, os vândalos haviam utilizado sua primazia naval e o controle das ilhas e portos para ditar, em seus próprios termos, as organizações políticas e econômicas dessa região. (JIMÉNEZ, 2012; EGEEA, 1997)

Conforme apresentam Hughes (2017), Humphries (2017) e Salzman (2017), a cidade de Roma e as regiões próximas foram saqueadas por 14 dias, o que alterou definitivamente a configuração das cidades na península, com as elites senatoriais abandonando as cidades para se refugiarem em suas vilas, e também impactando na política imperial, com Ravena se tornando o novo centro do Império Ocidental. Após o saque a família imperial foi conduzida para Cartago onde permaneceram até 463, durante esse período, Eudoxia casou com Hunerico, e Olybrius foi escolhido como marido para a filha mais jovem de Valentiniano, Placídia. (HUGHES, 2017; HUMPHRIES, 2017; SALZMANN, 2017).

Para Roland Steinacher (2016) o casamento de Hunerico e a presença da família imperial em Cartago até 463, fez com que o rei Genserico desejasse ser reconhecido oficialmente como um membro da dinastia Teodosiana. O autor também apresenta algumas tentativas de Genserico em intervir na política imperial, ao deliberadamente nomear Olybrius como imperador no Ocidente em 461 e 465. (STEINACHER, 2016; HUGHES, 2017).

Para Genserico, Olybrius e Hunerico compunham a nova geração da dinastia Teodosiana. E embora, o rei vândalo não tenha obtido sucesso nessas nomeações, Olybrius foi nomeado imperador no Ocidente em 472 com o apoio das classes senatoriais em Constantinopla, Steinacher apresenta que essa tentativa de nomear de um imperador demonstra o potencial político em ascensão do Reino Vândalo. (STEINACHER, 2016).

No entanto, embora Genserico não tenha obtido sucesso em nomear Olybrius ao cargo de imperador no Ocidente, María Elvira Gil Egea (1997) nos apresenta que o rei vândalo teria sido responsável pela nomeação de Olybrius para o cargo de cônsul em 464, “nomeação que foi aceita no Ocidente<sup>351</sup>” (EGEEA, 1997, p.120), com o objetivo de reduzir as tensões entre os romanos ocidentais e vândalos, e colaborou também para criar e manter importantes vínculos

---

<sup>351</sup> “*nombramiento que fue aceptado en Occidente*” (EGEEA, 1997, p.120).

familiares e políticos entre as classes senatoriais comandadas e representadas por Olybrius e o Reino dos Vândalos de Genserico. Poderíamos assim, considerar que Genserico havia se tornado uma importante personalidade que ditou a política do Mediterrâneo Ocidental, comandando diretamente seu povo na África e reconfigurando a política imperial no Ocidente.

Contudo, Victor de Vita pode ter observado a relação dos reis vândalos com a Península Itálica como preocupante, e tentou apresentar as consequências do domínio vândalo para as populações romanas católicas, e como apresenta Shanzer, a obra de Victor “contém um apelo afetivo a Pedro e Paulo, ambos patronos de Roma<sup>352</sup>” (SHANZER, 2004, p.279, tradução nossa). Além disso, não podemos desconsiderar que sua obra também pode ter sido produzida para atingir outras comunidades católicas que estavam sob o domínio de bárbaros arianos, assim sua obra também teria servido como um exemplo de como essas comunidades deveriam agir, mantendo-se fiéis e se tornando confessores.

Entretanto, também é preciso considerar a obra em outras questões fundamentais, surgindo como uma denúncia ao Império do Oriente sobre as atrocidades que os vândalos promoviam deliberadamente aos romanos-católicos, que coloca o Império como diretamente responsável por sua comunidade nas províncias africanas, e também como um registro documental<sup>353</sup> sobre os efeitos do domínio vândalo para exaltar os ânimos populares locais a fim de desestabilizar o reinado, e que também levou Serge Lancel (2000) a caracterizar a *Historia Persecutionis* como uma crônica.

Embora sua obra não apresente características fundamentais como o relato ano a ano, um sistema de datação que acompanhe a narrativa ou uma escrita concisa, podemos observar grandes semelhanças quanto a compreensão dos vândalos para Idácio, mas principalmente com o teor das crônicas do bispo de Aquae Flaviae, possivelmente tendo se utilizado dela para extrair as informações necessárias para o desenvolvimento do livro I, entre as semelhanças

---

<sup>352</sup> “contains an affective appeal to Peter and Paul, both patrons of Rome” (SHANZER, 2004, p.279).

<sup>353</sup> No Livro III os parágrafos entre 25 e 29 trazem características de um mapeamento das atrocidades vândalas contra a comunidade católica africana, e também são claras referências ao gênero cronístico, como é possível observar no início de cada parágrafo: “E quem poderia contar a história dos castigos que Servo, da grande cidade de Tuburbo, um homem de verdade, eminente e nobre, suportou por Cristo?” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro III, §25, p.73, tradução nossa); “Mas não sou capaz de narrar as ações que foram realizadas na cidade de Culusi, porque está além do poder humano até contar o número de mártires e confessores dali” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro III, §26, p.74, tradução nossa); “Não sei como elogiar Victoriano, um cidadão da cidade de Hadrumentum que havia sido procônsul de Cartago” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro III, §27, p.74, tradução nossa); “Mas quem teria a capacidade de apresentar as disputas que os mártires também travaram na cidade de Thambaia?” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro III, §28, p.75, tradução nossa); “Mas vamos rapidamente contar o que foi feito para a glória de Deus na cidade de Tipasa, na grandiosa Mauritania” (VICTOR OF VITA, 2006, Livro III, §29, p.76, tradução nossa).

encontramos o relato de que o bispo e as igrejas católicas de Cartago haviam sido desapropriadas e entregues aos clérigos arianos logo após sua tomada em 439<sup>354</sup>.

A contribuição mais explícita de Idácio reside na compreensão de Genserico ter sido um apostata que negou a fé católica para se converter ao arianismo (HYDATIUS, 1993, p.90-91). A partir dessa informação Victor parece construiu uma sátira que emprega Sebatian<sup>355</sup> “ele era genro do famoso *comes* Bonifácio<sup>356</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.5, tradução nossa), e como um romano astuto e convicto de sua fé, do qual Genserico supostamente se sentia ameaçado, pois Sebatian foi descrito como: “tão temido em sua presença [Genserico]<sup>357</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.5, tradução nossa). Durante uma reunião com seus súditos o rei vândalo teria utilizado do pretexto de Sebatian ser católico para manipulá-lo para blasfemar contra a religião ariana, e justificar sua posterior execução, Genserico assim teria exigido que ele se convertesse para que pudesse integrar o círculo de sua máxima confiança, mas este teria respondido ao rei:

Senhor rei, peço que me traga um pão puro de sua melhor farinha [...] Como exemplo, para que esse pão tão bom, lindo e magnífico pudesse ser apresentado à mesa do rei, foi necessário debulhar os grãos para separá-los das impurezas de seu conjunto, depois a farinha foi regada com água e passada pelo fogo. Por isso é bonito e tem um sabor agradável. Da mesma maneira, eu fui debulhado, peneirado e selecionado no moinho da mãe católica, e como as melhores farinhas fui limpo e purificado, regado com a água do batismo e assado no fogo do Espírito Santo. E como esse pão que saiu do forno, eu da mesma maneira fui produzido através dos ofícios dos sacramentos divinos, e [pelas mãos de] Deus fui trazido a este mundo. Mas, se [ainda] desejar [minha conversão], faça o que eu sugiro. Despedace este pão em migalhas, mergulhe na água e o borrife novamente, e depois o leve ao forno. E se ele sair melhor, farei suas vontades<sup>358</sup> (SEBATIANUS *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.6, tradução nossa).

<sup>354</sup> Sobre os eventos que sucederam a tomada de Cartago e a deposição do clero católico Idácio menciona: “Com imensa impiedade, o rei Genserico expulsou o bispo e o clero da cidade de Cartago [...] corrompeu os ministérios dos lugares sagrados e entregou as igrejas católicas aos arianos” (HYDATIUS, 1993, p.95, tradução nossa). Victor se refere aos mesmos eventos do seguinte modo: “Quando o bispo [de Cartago] foi expulso, juntamente com o venerável clero, como dissemos acima, ele imediatamente entregou a igreja chamada Restituta, na qual os bispos [católicos] sempre mantiveram sob sua autoridade e sobre sua própria religião, e ele capturou todas as igrejas que estavam dentro dos muros da cidade, juntamente com suas riquezas” (VICTOR OF VITA, 2006, p.8, tradução nossa).

<sup>355</sup> Esse personagem a quem Victor se dirige, é o mesmo Sebatian (genro de Bonifácio) que Idácio menciona que teria recebido asilo no Reinado Vândalo na África após ser perseguido por Aécio, como já discutido na página 54 dessa dissertação, Idácio teria utilizado dessa ocasião para denunciar os vândalos e principalmente o rei Genserico como um homem ardiloso e traiçoeiro, características também retratadas por Victor em sua sátira.

<sup>356</sup> “*famosi illius gener comitis Bonifatii*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.5); “*son-in-law of the well-known count Boniface*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.9-10).

<sup>357</sup> “*ita eius praesentiam formidabat*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.5); “*dreaded being in his presence*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.10).

<sup>358</sup> “*domine rex, ut nunc unus panis mundissimus ac similaceus adferatur [...] Hic enim panis ut ad tantum decorem splendoris venisset et mensae regiae necessarius haberetur, discussa spuria furfuris ex massa similaginis conspersus per aquam transivit et ignem: ideirco et aspectu clarus et esu suavis habetur. Ita et ego*

É provável que tais acontecimentos nunca tenham ocorrido, pois a incorporação de romanos no Reino Vândalo no Norte da África se deu lenta e progressivamente, não aceitando membros da corte imperial “O perigo de uma existência ameaçada desenvolveu uma religião, o meio mais importante de herdar uma identidade<sup>359</sup>” (HORVÁTH, 2006, p.177-178, tradução nossa). Além de que, a integração a realeza vândala estava vinculada a religião ariana desde pelo menos 439 e a chegada de Sebatian na África Vândala teria ocorrido entre 445 e 446 como é possível aferir por meio das crônicas de Idácio.

Contudo, posto em dúvida a veracidade dos acontecimentos, algumas considerações devem ser feitas, em primeiro momento o bispo de Vita poderia estar se utilizando de artifícios históricos para satirizar a conversão de Genserico e, ainda promover uma intensa crítica a identidade vândala, já que para ele, o catolicismo estava atrelado à identidade romana, portanto, configurando-se como um escárnio de que o Reinado Vândalo havia sido construído sob os alicerces da romanidade católica.

Assim, ao condenar a imagem e memória do prestigiado rei vândalo retratando-o como apóstata, está deliberadamente qualificando Genserico e seu povo como ‘bárbaros assimilados’, zombando da autonomia e originalidade da identidade vândala, talvez, até desejoso de apresentar que a facilidade na obtenção da posse das províncias romano-africanas, através da guerra teria sido em verdade, um processo amistoso como uma doação ou concessão imperial, negando-lhes a glória e legitimação pelas conquistas.<sup>360</sup>

---

*mola catholicae matris commolitus et cribro examinationis ut simila munda purgatus, rigatus sum aqua baptismatis et igne sancti spiritus coctus. Et ut hic panis de furno, ita et ego per officia sacramentorum divinorum artifice deo de fonte mundus ascendi. Sed fiat, si velis, ut ipse propono. Iste panis confringatur in frusta, madidetur aqua et iterum conspergatur, mittatur in furnum: si melior exierit faciam quae hortaris”* (SEBATHIANUS apud VICTORIS VITENSIS, 1879, p.6); “*Lord king, I beg that a loaf of the finest white bread be brought now. [...] To become so splendid and something considered suitable for the king's table, this bread, after the worthless bran was shaken from the heap of fine wheat flour, was sprinkled and passed through water and fire. For this reason it is considered fair to look at and pleasant to eat. In the same way I, ground in the mill of the Catholic mother and cleansed like pure flour through the sieve of examination, was moistened by the water of baptism and cooked by the fire of the Holy Spirit. And through the agency of the divine sacraments God brought it about that I rose from the font pure, just like this bread from the oven. But, if it please you, let what I suggest be done. Let this bread be broken in pieces, moistened with water and made wet a second time, let it be put in the oven: if it comes out better, I shall do as you suggest”* (SEBATHIAN apud VICTOR OF VITA, 2006, p.10-11).

<sup>359</sup> “*The danger of a threatened existence developed a religion, the most important means of inheriting an identity”* (HORVÁTH, 2006, p.177-178).

<sup>360</sup> Ainda que muitos historiadores do período como Prospero de Aquitânia tenha reconhecido a conquista após a tomada de Cartago em 439. Observamos uma tentativa do Império em retomar a posse de Cartago em 441, com a reunião dos exércitos imperiais do Ocidente e Oriente na Sícila, entretanto, ataques de hunos e persas nas fronteiras orientais presionaram o retorno dos exércitos do Oriente para as defenderem, e a ausência desse exército, tornou a campanha de reconquista de 441 impossível para apenas o Império do Ocidente continuar na empreitada, assim impedido de lutar, no ano seguinte em 442, o Império do Ocidente firmou um tratado de paz com os vândalos que, “acarretou no consentimento das províncias de Bizacena e África Proconsular que ficou

Outra similaridade bastante sutil tendo sido referenciada por John Moorhead em nota após Victor mencionar um diálogo provocativo de um cidadão de Hadrumentum contra o rei Hunerico que desejava que este homem professasse sua lealdade, declara que o início da resposta deste cidadão: “confio em Cristo, meu Deus e Senhor<sup>361</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.47, tradução nossa). Essa frase detém elementos comuns com o prefácio de Idácio no momento em que ele se apresenta como o autor das crônicas “Idácio servo de Jesus Cristo, nosso Deus e Senhor<sup>362</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.70, tradução nossa). A questão mobilizada aqui por Moorhead, é que essa sentença expõe uma convicção religiosa, pois ao referenciar que ‘Cristo é meu (nosso) Deus e meu (nosso) Senhor’, reivindicava para si a confissão da fé católica em oposição à fé ariana, em suas palavras:

Lendo ‘*de Christo deo et domino meo*’ com Hahn, contra ‘*de deo et Christo domino meo*’ (Petschenig). Essa última pode representar uma tentativa que faz melhor sentido teológico, mas a alta cristologia implícita na primeira é sugerida em outra parte por Victor (3,63), com os quais compara com João 20:28 e II Tessalonicenses 1:12, e, em Idácio, a expressão ‘*servus Iesu Christi dei et domini nostri*’ (MGH AA 11: 13.5). É claramente uma tendência anti-ariana<sup>363</sup> (MOORHEAD, 2006, p.75, tradução nossa).

---

sob poder dos vândalos, gerando uma dependência econômica do Ocidente para com o Reino Vândalo que concordou em manter o suprimento de grãos” (ROSOLEN JUNIOR, 2019b, p.109). Entretanto, Ian Hughes (2017) apresenta que durante o governo de Valentiniano III, mesmo após o tratado de 442 o imperador havia se negado a reconhecer a independência do Reino Vândalo, “*although it is questionable whether Rome recognized their independence de jure: the edicts of Valentinian III during the period 442–455 show that the Empire still regarded the provinces of Africa Proconsularis and Byzacene as legal entities, and interpreted the Vandal presence in those provinces as a temporary situation*” (HUGHES, 2017, p.164-165). Nos decretos de Valentiniano III observamos que após a convocação de guerra, onde declara “*Genseric, the enemy of Our Empire*” (NVal, 9.1, 440), existem pelo menos outros quatro decretos que Valentiniano III emite, já durante o período em que vigora o tratado de 442, em decreto do mesmo ano, o imperador dá instruções de como os romanos deveriam proceder ao tribunal imperial, caso tivessem sido despossuídos “*by the misfortunes of a hostile disaster*” (NVal, 2.3, 442). Em outros dois decretos Valentiniano concedeu benefícios fiscais aos africanos (NVal 12, 443; NVal, 6.3, 444). Sabemos que como consequência do tratado de 442, os vândalos concederam as posses das Mauretânias e de uma parte da Numídia para o Império, em troca do estabelecimento de seu Reino nas províncias de Bizacena e África Proconsular (HEATHER, 2008; STEINACHER, 2016; HUGHES, 2017). Por conta disso, é realmente muito difícil saber para quem Valentiniano estava promulgando esses decretos, mais difícil ainda seria saber até que ponto esses decretos tiveram alguma validade, ainda que nos territórios concedidos ao Império pelos vândalos. Contudo, é certo que Victor de Vita tinha consciência sobre esses decretos imperiais direcionados aos africanos, e talvez tenha desejado induzir o leitor ao erro, pois após 455 o Reino Vândalo se expandiu novamente para as províncias da Mauretânia e Numídia, além de tomar a posse das ilhas Mediterrânicas Ocidentais, e por conta disso, pode ter considerado que o Império Romano não havia reconhecido o Reino Vândalo como independente, e assim utilizou sua obra e sua retórica para zombar do poderio e autonomia dos vândalos, que considerou subordinado ao poder imperial, ainda que fosse reconhecidamente uma potência política, econômica e militar, que disputava o controle do Mediterrâneo Ocidental.

<sup>361</sup> “*securus de Christo deo et domino meo*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.47); “*Trusting as I do in Christ, my God and my Lord*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.74-75).

<sup>362</sup> “*Ydatius servus Iesu Christi dei et domini nostri*” (HYDATIUS, 1993, p.70); “*I Hydatius [...] servant of Jesus Christ, our God and Lord*” (HYDATIUS, 1993, p.71).

<sup>363</sup> “*Reading 'de Christo deo et domino meo' with Hahn, against 'de deo et Christo domino meo' (Petschenig). The latter reading may represent an attempt to make better theological sense, but the high Christology implied by the former is suggested elsewhere by Victor (3.63), with which compare Joh 20:28 and II Thess 1:12, and, in*

Assim, tendo Idácio e Victor utilizados de uma sentença comum que professava Cristo como Deus divergiram apenas nas intenções declaradas, aonde para Idácio pretendia fazer referência a sua identidade como católico, e para Victor surge como uma ofensa ao rei vândalo, pois este tinha anteriormente tentado presidir um concílio entre católicos e arianos para colocar fim aos conflitos entre as duas facções, como discutiremos mais adiante.

Além dessas questões que evidenciam uma proximidade entre Idácio e Victor, o bispo de Vita também parecia conhecer a existência de um conflito teológico acerca da natureza vândala dentro da comunidade católica, pois o parágrafo 62 do livro III parece determinado em repudiar a percepção de Salviano:

Alguns poucos que amam os bárbaros e as vezes os louvam, condenando seus iguais, acreditam que entendem esse povo e seus costumes. Certamente, não há nenhum outro nome que podem ser chamados, a não ser como bárbaro, principalmente por sua selvageria, crueldade e terror, que palavra seria mais adequada?<sup>364</sup> (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.56, tradução nossa).

Em nota de rodapé Moorhead considera que esse trecho realmente concebe uma crítica ao capítulo 7 da obra *De Gubernatione Dei* de Salviano. Deste modo, através das associações que aqui estabelecemos, é provável que Victor estivesse compondo uma tradição apologética tanto em relação à romanidade, quanto para a identidade católica, pois para ele, o objetivo de Salviano era explicitamente uma tentativa de promover a integração das sociedades romanas decadentes às novas comunidades bárbaras, estrangeiras e bárbaras, expressando assim seu descontentamento com essa percepção: “Não desejo, e eu não quero a afeição de estrangeiros, mas busco pela fraternidade [de meus irmãos], não quero [isso de] filhos de forasteiros, de quem a boca só conta mentiras e que a mão direita conduz a perversidade<sup>365</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.56-57, tradução nossa). Victor parece descontente com a compreensão de

---

*Hydatius, the expression 'servus Iesu Christi dei et domini nostri' (MGH AA 11:13.5). It is clearly anti-Arian tendency” (MOORHEAD, 2006, p.75).*

<sup>364</sup> “*Nonnulli qui barbaros diligitis et eos in condemnationem vestram aliquando laudatis, discutite nomen et intellegite mores. Numquid alio proprio nomine vocitari poterant nisi ut barbari dicerentur, ferocitatis utique, crudelitatis et terroris vocabulum possidentes?*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.56); “*Those of you who love barbarians and sometimes praise them, in a way worthy of condemnation, give thought to their name and understand their ways. Surely there is no name by which they could be appropriately called other than 'barbarian', a fitting word connoting savageness, cruelty and terror?*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.89).

<sup>365</sup> “*Nolo, nolo ego extraneum, sed fraternum quaero adfectum, nolo filiorum alienorum, quorum os locutum est vanitatem, et dextera eorum dextera iniquitatis*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.56-57); “*do not want, no, I do not want the sympathy of strangers, but I seek that of brothers; I do not want that of the sons of strangers whose mouth has spoken vanity and their right hands are the right hands of iniquity*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.90).

superioridade civilizacional e moral dos vândalos expressa por Salviano, pois considerava que as únicas características desse povo eram a inveja e ganância (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.56).

Deste modo, é possível lançar como hipótese que a obra de Victor havia sido formulada para fornecer uma denúncia ao Império do Oriente, sobre a situação da comunidade católica na África durante o período vândalo, a fim também de incitar a rebeldia do povo romano-católico.<sup>366</sup> (SHANZER, 2004).

Para aqueles que agora estão presentes, eu imploro as pessoas de todas as idades, todos os sexos e de todas as condições: Eu rogo a vocês, a toda multidão do povo católico, de quem em seu ventre materno todo o mundo foi gerado. Porque somente ela (a Igreja) pode nos fornecer e nos fazer descobrir o verdadeiro amor<sup>367</sup> (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.56, tradução nossa).

Esse caráter denunciativo também pode ser observado quando Victor narra sobre relações hostis entre representantes oficiais do Império Oriental e do Reino Vândalo. Como é o caso do bispo de Cartago Eugênio, que havia sido nomeado pelo imperador Zenão, e era provavelmente considerado como o principal representante da comunidade católica na África pelo rei Hunerico, já que o mesmo enviava seus decretos para Eugênio para que fosse lido durante a liturgia e assim mantivesse sua comunidade informada das ações do rei vândalo “Na

---

<sup>366</sup> É possível observar influências de sua narrativa em Procópio de Cesareia, Anthony Kaldellis (2014) aponta que alguns trechos da História das Guerras são claras referências a obra de Victor de Vita, principalmente ao abordar a perseguição de Hunerico aos católicos. Além disso, Danuta Shanzer (2004) afirma que pouco antes de Justiniano fazer guerra contra os vândalos, o imperador havia tido visão de um mártir chamado Laetus queimando em uma fogueira, e associou a necessidade de intervir na África Vândala para auxiliar a população perseguida (SHANZER, 2004, p.284). Esse martírio é narrado por Victor de Vita no livro II, aonde Laetus havia sido torturado durante vários dias a mando de Hunerico, que depois o sentenciou a fogueira pública para causar temor aos seus adversários: “ele separou o homem mais habilidoso e instruído dentre eles, para que pudesse ser morto com base em falsas acusações. Pois, ele se comprometeu a queimar aquele coro de eruditos, cujo nome do escolhido era Laetus, o homem mais vigoroso e erudito que suportou por muito tempo uma prisão miserável. Ele [Hunerico] achava que o exemplo dele [Laetus] provocaria medo nos outros e lhe permitiria destruí-los” (VICTOR OF VITA, 2006, p.43, tradução nossa). Em Procópio também encontramos uma correspondência semelhante, ao afirmar que essa visão serviu de estopim para a guerra, uma vez que Justiniano interpretou como um pedido de Deus, e acreditando que Ele estava ao seu lado, “ele [Justiniano] não era mais capaz de se conter e começou a reunir o exército e os navios, preparando suprimentos de armas e alimentos, e ele anunciou para Belisário que deveria estar pronto, porque logo iria agir como um general na Líbia” (PROKOPIOS, 2014, p.168, tradução nossa). É realmente difícil saber os contextos de circulação da obra de Victor de Vita, mas ao menos conseguimos encontrar correspondências em Procópio e Justiniano que indicam que seu texto circulou por Constantinopla, deste modo, parece que a *Historia Persecutionis* do bispo de Vita cumpriu seu objetivo de incitar o Império do Oriente a guerra, ainda que quase 50 anos depois de sua produção.

<sup>367</sup> “*Adsit iam quaeso omnis aetas, omnis sexus omnisque condicio: adsit, obsecro, omnis turba catholici nominis, quae gremio materno toto orbe gestatur, quia sola germanum commodare novit adfectum*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.56); “*May there now be present, I ask, people of every age, sex and condition of life; may there be present, I implore, the entire throng of the catholic name carried in the womb of its mother (cf Is 46:3) across the whole world, because it alone knows how to provide brotherly sympathy*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.90).

presença de Regino, o legado do imperador Zenão, ele (Hunerico) exigiu que seu decreto fosse lido no meio da igreja pelo bispo Eugênio<sup>368</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.21, tradução nossa). Nessa citação avistamos um cuidado especial de Hunerico para que a carta fosse entregue na presença de um legado do imperador oriental, possivelmente para que nenhuma advertência a comunidade católica fosse avaliada como motivação para o rompimento da paz.

Assim, nesse decreto<sup>369</sup>, Hunerico destaca um passado de intolerâncias entre ambas as comunidades, mas reivindica para si a autoridade de Deus para intervir nos assuntos eclesiásticos: “Porque não desejamos alvoroços em nossas províncias que foram concedidas por Deus, e por essa razão, pela graça de Deus e pelo consenso de nossos santos bispos, informamos e decretamos isso<sup>370</sup>” (HUNERIX *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.22, tradução nossa). O rei vândalo parecia disposto a organizar um concílio entre arianos e católicos, a fim de pacificar a relação entre essas comunidades, no entanto, deveriam ser os arianos junto do rei, que julgariam as disputas de ordem teológica: “Deste modo, esse será o momento em que nossos veneráveis bispos poderão julgar nossas divergências na fé, e também sobre a fé homosiana<sup>371</sup>” (HUNERIX *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.22, tradução nossa). Em resposta, Eugênio pareceu bastante disposto a executar a vontade do rei vândalo para estabelecer um equilíbrio entre as comunidades arianas e católicas.

Dessa forma o bispo de Cartago enfatizou a necessidade de respeitar esse evento ao mencionar que: “a ordem régia foi igualmente enviada para todos os meus companheiros bispos. De modo que, nesse dia eles venham para decidir sobre a disputa da fé: para que nós respeitosa e ouvíssemos suas sugestões<sup>372</sup>” (EUGENIO *apud* VICTORIS VITENSIS,

<sup>368</sup> “*legato Zenonis imperatoris Regino praesente, Legendum media ecclesia episcopo Eugenio dirigit praeceptum*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.21); “*in the presence of Reginus, the legate of the emperor Zeno, he sent to bishop Eugenius an edict which was to be read out in the middle of the church*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.37).

<sup>369</sup> Victor de Vita, Livro II, §39, p.37-38.

<sup>370</sup> “*Et quia in provinciis a deo nobis concessis scandalum esse nolumus, ideoque dei providentia cum consensus sanctorum episcoporum nostrorum hoc nos statuisset cognoscite*” (HUNERIX *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.22); “*And because we do not wish for scandal in the provinces granted us by God, therefore know that by the providence of God and with the consent of our holy bishops we have decreed this*” (HUNERIX *apud* VICTOR OF VITA, 2006, p.38).

<sup>371</sup> “*ut de ratione fidei cum nostris venerabilibus episcopis possitis inire conflictum, et de fide homousianorum*” (HUNERIX *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.22); “*to debate concerning the principles of faith with our venerable bishops and establish the propriety of the faith of the Homousians*” (HUNERIX *apud* VICTOR OF VITA, 2006, p.38).

<sup>372</sup> “*ad omnes coepiscopos meos praeceptum regium similiter emanasse, ut die constituta pro disputatione fidei veniatur: quod nos venerabiliter accepisse suggessimus*” (EUGENIO *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.22); “*the royal order has similarly been sent out to all my fellow bishops, so that they may come together to dispute concerning the faith on the given date. This, have we advised, is to be respectfully obeyed*” (EUGENIUS *apud* VICTOR OF VITA, 2006, p.39).

1879, p.22, tradução nossa). Eugênio também se mostrou disposto a noticiar esse evento proposto por Hunerico aos bispos da fé católica ‘do outro lado do mar’<sup>373</sup>, pois considerava que “‘isso é de grande interesse para todo o mundo, e não apenas das províncias africanas’<sup>374</sup>” (EUGENIO *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.22, tradução nossa). Portanto, é possível observar que Eugênio mantinha um relacionamento com a realeza vandálica, onde ele teria se encarregado de professar que a autoridade do rei Hunerico deveria ser cumprida, mesmo ‘do outro lado do mar’.

No ano seguinte em 484, Eugênio para alterar seu discurso acerca da autoridade do rei vândalo, conflitando com aquela professada em sua carta dirigida a Hunerico, pois ao invés de ser descrito como um colaborador do rei, Eugênio é identificado como um conspirador que utilizaria da ocasião criada por Hunerico, para denunciar aos seus pares de outras regiões do Mediterrâneo o sofrimento que os vândalos haviam causado a comunidade católica na África, assim durante o concílio presidido pelo rei vândalo, Eugênio teria gritado: “que Deus veja quão violento são os tormentos que suportamos, e faça os perseguidores reconhecerem quanta dor temos aguentado<sup>375</sup>” (EUGENIO *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.25, tradução nossa). Nessa mesma ocasião, os bispos católicos teriam entregado ao rei e seus bispos arianos um livro nomeado de ‘O livro da fé católica’<sup>376</sup>, e que teria sido escrito pelos bispos católicos africanos, os que reivindicaram a autoria foram “Januário de Zattara, Vilático de Casae Medianae, bispos da Numídia, e os bispos da província de Bizacena, Bonifácio de Foratiana e Bonifácio de Gratiana<sup>377</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.39, tradução nossa). Ao que parece o concílio convocado por Hunerico foi bastante intenso, além do grito de Eugênio que chamou a atenção de clérigos de várias regiões do Mediterrâneo, o livro entregue por esses bispos africanos-católicos parece ter despertado um grande tumulto que foi repreendido pelo rei vândalo.

<sup>373</sup> Nas palavras de Eugênio, “incluindo aqueles de todas as regiões do outro lado do mar, que estão unidas a nós em uma religião e comunhão” (EUGENIUS *apud* VICTOR OF VITA, 2006, p.39, tradução nossa).

<sup>374</sup> “*maxime quod totius mundi sit causa, non specialis provinciarum Africanarum tantummodo*” (EUGENIO *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.22); “*an affair of the whole world, not merely of the African provinces alone*” (EUGENIUS *apud* VICTOR OF VITA, 2006, p.39).

<sup>375</sup> “*videat deus vim quam patimur, cognoscat afflictionem, quam a persecutoribus sustinemus*” (EUGENIO *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.25); “*May God see the violence we endure, let him know the affliction we suffer from the persecutors!*” (EUGENIUS *apud* VICTOR OF VITA, 2006, p.44).

<sup>376</sup> Esse livro foi registrado por Victor e faz parte do Livro II, iniciando-se no parágrafo 56 e vai até o parágrafo 110 onde também encerra o Livro II (p. 44-63). Este livro tem um caráter preponderantemente teológico, aonde se propõe a discutir sobre a consubstância da divina trindade e sua pariedade, mas com grande incidência naquilo que atualmente entendemos por político.

<sup>377</sup> “*Ianuarius Zattarensem, Villaticum de Casis Medianis episcopos Numidiae, et Bonifatium Foratianensem et Bonifatium Gratianeasem provinciae Byzacena*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.39); “*Januarius of Zattara (Kef Benzioune) and Villaticus of Casae Medianae, bishops of Numidia, and Boniface of Foratiana and Boniface of Gratiana, bishops of Byzacena*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.63).

Após esse debate, parece que o Reino Vândalo sofreu uma advertência imperial, visto que, segundo o decreto de Hunerico registrado por Victor, os católicos agiram com más intenções, e até que esses clérigos se retratassem, suas igrejas deveriam permanecer fechadas.

Assim como era a intenção de vocês, nos responsabilizar, por aquilo que vocês declararam e que foi usado com grande ousadia, a fim de impelir um tumulto a gritos, para que todos ficassem perturbados com o que vocês fizeram, na tentativa de acarretar conflitos e atingirem seu pequeno objetivo final. Por causa dessas provocações, nós decretamos que suas igrejas devem permanecer fechadas<sup>378</sup> (HUNERIX *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.41, tradução nossa).

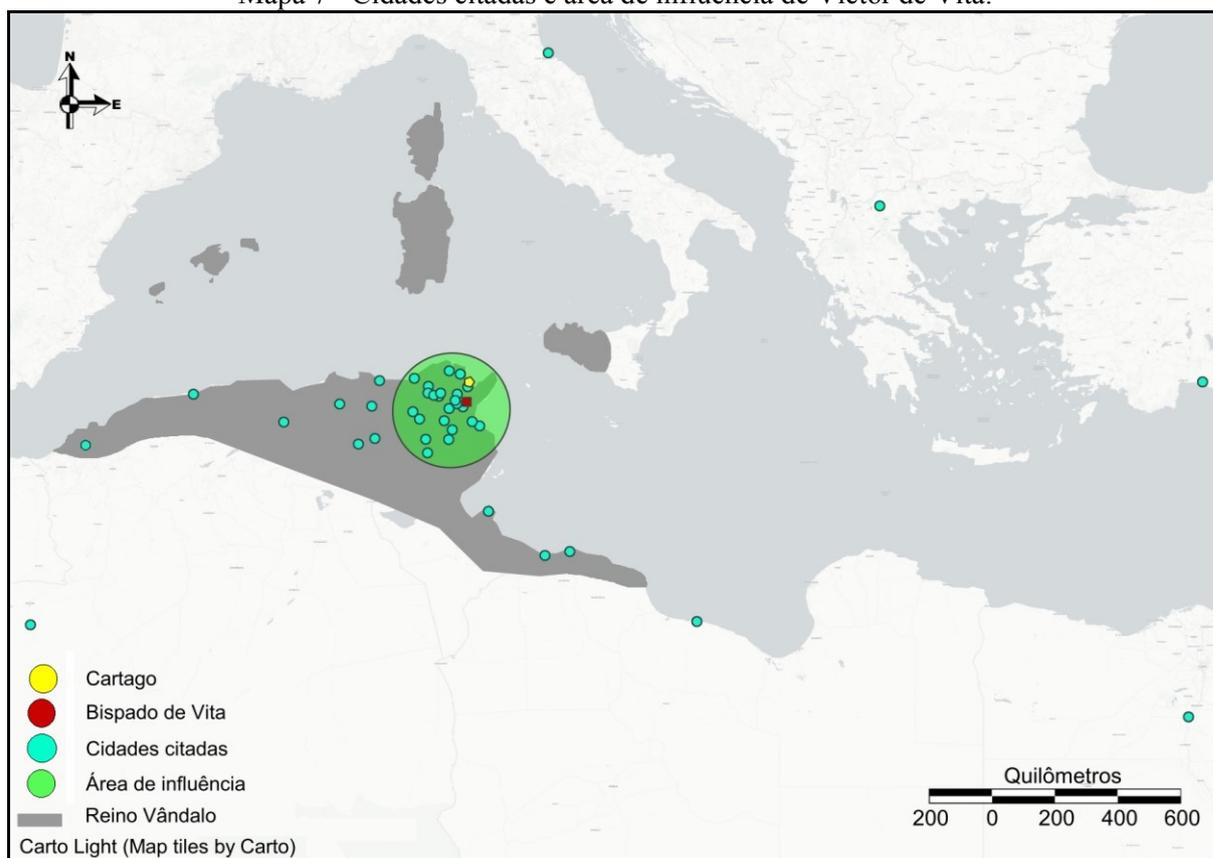
A partir daí, no livro III é intensificada a apelação por uma intervenção, chegando a insinuar que os vândalos não reconheciam a autoridade imperial como válida para denunciar a fé ariana como herética, “Ele disse que não conhecia aquelas leis, que há algum tempo nossos imperadores cristãos usaram contra eles, e contra seus aliados heréticos, para honrarem e concederem graças a Igreja Católica<sup>379</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.40). É também nesse livro que se encontram relatos de martírios com a correspondência de suas cidades, como um registro do que cada cidade ou região sofreu sob o governo vândalo.

---

<sup>378</sup> “*sicuti propositum fuerat, responderent, hoc videntur adsumpsisse temeritate transacta, ut seditione et clamoribus omnia perturbantes ad conflictum facerent minime perveniri. Quibus hoc provocantibus, statuimus ut eorum ecclesiae clauderentur*” (HUNERIX *apud* VICTORIS VITENSIS, 1879, p.41); “*they took it upon themselves, with consummate foolhardiness, to throw everything into confusion with seditious shouting, with the intention of bringing it about that the debate did not take place. Provoked by these people, we ordered that their churches were to be closed*” (HUNERIX *apud* VICTOR OF VITA, 2006, p.66).

<sup>379</sup> “*Nesciens quoque quid loqueretur neque de quibus adfirmabat, legem, quam dudum Christiani imperatores nostri contra eos et contra alios haereticos pro honorificentia ecclesiae catholicae dederant*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.40); “*they did not blush for shame in deploying against us a law which our Christian emperors, seeking to do honour to the catholic church, had previously issued against them and other heretics*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.64).

Mapa 7 - Cidades citadas e área de influência de Victor de Vita.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nesse sentido, são apresentadas três ocasiões que colocam o imperador Zenão em posições desconfortáveis, a primeira é que Victor menciona que existia um clérigo martirizado que era “muito venerado no palácio do imperador Zenão<sup>380</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.48, tradução nossa). Como pode ser observado, ele não aponta qual o posicionamento de Zenão em relação ao clérigo, mas sua presença no palácio deveria ser para Victor, um lembrete ao imperador de sua pacificação.

A segunda ocasião, ele apresenta que um legado de Zenão na África era constantemente ameaçado por vândalos, entretanto, é improvável que o rei Hunerico estivesse disposto a romper a paz com Oriente, é possível que Victor estivesse disposto a utilizar de recursos retóricos para evidenciar a pacificação como uma ameaça ao Império, ele insinua que “como se vê agora, para o opróbrio da república, ela (república) e o nosso tempo se tornaram decadente e impuro<sup>381</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.48, tradução nossa). Em seguida, ele

<sup>380</sup> “*venerabilis nimium in palatio Zenonis imperatoris*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.48); “*worthy of reverence in the palace of the emperor Zeno*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.76).

<sup>381</sup> “*ad obprobrium videlicet ipsius reipublicae et in nostri iam deficientis temporis faecem*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.48); “*This conduct was clearly to the opprobrium of the empire and of our age, now nearing its end*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.77).

aborda a tortura do bispo Eugênio que poderia ser compreendida como um desrespeito a uma personalidade nomeada pelo imperador.

Assim, tendo esse capítulo abordado o contexto de produção das fontes eclesiásticas do século V, e apresentando a construção de duas correntes historiográficas que se mantiveram em conflito sobre a natureza dos vândalos, e as razões para sua chegada e domínio da África. Resta para nós, no próximo capítulo, observar se durante o século VI essas perspectivas mantêm uma continuidade ou, se são transformadas pela historiografia secular.

Para isso, iremos utilizar a História das Guerras, e a História Secreta de Procópio como fontes complementares, assim como Kaldellis (2016) sugeriu, além de buscar retratar em menor escala, a percepção do poeta africano Luxorius. Para comprovar as distinções entre as percepções apresentadas por clérigos e seculares, acerca dos Vândalos e de suas contribuições para a sociedade romano-africana, após a sua chegada.

## **Capítulo 3:**

### **Os vândalos na escrita de Procópio de Cesareia (490-562)**

Neste capítulo, tivemos como objetivo apresentar um panorama das produções seculares, a fim de observarmos como os poemas e panegíricos da *Anthologia Latina*, mas principalmente, como a produção de Procópio de Cesareia em sua obra *História das Guerras* percebe o Reino Vândalo, e como ele representa o relacionamento das aristocracias vândalas e romanas durante três momentos bem marcados em sua narrativa, que são: antes, durante e depois das guerras contra os vândalos. Na primeira parte desse capítulo, o leitor encontrará um panorama de como conduziremos metodologicamente as análises e leituras da obra *História das Guerras*, especificamente os Livros III e IV. Ao avançar, pretendemos analisar, a partir da troca de cartas entre os Justiniano e Gelimero, o aumento da tensão entre ambos os governantes e quais os indícios que essas cartas nos apresentam sobre como eles entendiam as relações diplomáticas entre o Reino Vândalo e o Império Romano, desde os governos de Genserico e Valentiniano III. Assim, pretendemos encerrar o capítulo demonstrando como essas disputas entre Gelimero e Justiniano haviam colaborado para a existência de múltiplas fragmentações do poder régio vândalo, e finalmente, a partir de quais eventos o Reino Vândalo foi conquistado com a captura do rei Gelimero pelas tropas de Belisário em 534.

#### **3.1. Delimitando o horizonte metodológico**

Escrever sobre Procópio é certamente difícil, pois ao contrário das outras fontes que temos analisado até este capítulo, sua produção recebeu comparativamente uma quantidade imensa de considerações, tanto no Brasil como em um cenário internacional mais amplo. Todavia, os livros III e IV que apresentam o contexto das Guerras Vândalas, ainda foram pouco explorados. São duas as principais correntes historiográficas e metodológicas para a abordagem de Procópio e seus principais representantes são: Averil Cameron, de um lado, e Anthony Kaldellis, de outro.

Anthony Kaldellis acredita que é necessário analisar todas as obras produzidas por Procópio através da comparação da narrativa, reafirmando a justaposição entre as três obras produzidas pelo autor romano que são, a *História das Guerras* (551-554), *História Secreta* (551) e *Sobre os Edifícios* (558). (KALDELLIS, 2014; 2016; SOUZA, 2017).

Nesse sentido, Anthony Kaldellis (2014; 2016) adverte que a percepção sobre Procópio pode se alterar dependendo da obra analisada, pois a História das Guerras havia sido criada para fornecer uma versão oficial da história do Império Romano, sob a ótica das elites constantinopolitanas. E por isso, a História Secreta havia sido criada por Procópio a fim de declarar suas próprias experiências e entendimentos pessoais sobre os eventos que presenciou. Entretanto, a História Secreta não havia sido publicada e distribuída como uma produção do autor, mas ao contrário, foi apenas redescoberta e atribuída a ele em meados do século XVII. (KALDELLIS, 2014; KALDELLIS, 2016; CAMERON, 2018).

Para Kaldellis (2014; 2016), no entanto, ela é extremamente necessária para acessar uma descrição fiel e verdadeira sobre os eventos narrados na História das Guerras, devendo assim, ambas serem estudadas e avaliadas em uma perspectiva comparada e complementar. Uma vez que seria possível definir e apresentar duas obras independentes que revelam terem características de composição distintas, uma que apresenta a visão oficial do Império Romano do Oriente sobre sua campanha militar no Ocidente (no caso dos livros III a VII), e outra que nos revelaria as próprias convicções do autor.

Na outra face desse debate, Averil Cameron (2018) considerou que a tentativa e o desejo de buscar a verdade histórica através da comparação entre as obras de Procópio se configuram como uma tentativa ingênua e impraticável. Pois, desconsidera os usos de recursos literários pelo autor na produção de sua obra, tais como a retórica, ironia e sátira, aspectos que ela considera intrínsecos aos escritos de Procópio, e que tornariam essa análise comparativa de Kaldellis suscetíveis a grandes erros, porque tomariam como verdade aspectos e descrições que haviam sido concebidas em outros termos pelo autor original.

Nesse sentido, Cameron (2018) considerou que não bastaria apenas apresentar as influências e associações da escrita procopiana com os modelos da historiografia clássica, se não fossem refletidos sobre os processos e contextos historiográficos e literários próprios do século VI. Michael Whitby (2018) também concorda com esse posicionamento, e afirma ainda que, na História das Guerras Procópio assume o posicionamento de historiador e classicista, sendo este o nosso maior interesse, já a História Secreta revela mais sua personalidade, e não segue elementos ou padrões metodológicos para sua narrativa, por isso a tentativa de operar simultaneamente as duas obras pode ser problemática, já que as próprias obras são produzidas com intenções e formas completamente distintas uma da outra..

Assim, Whitby (2018) e Cameron (2018) apresentam que é preciso considerar os múltiplos aspectos de produção da História das Guerras, semelhante a perspectiva de Michel de Certeau (1982), ela acredita que uma boa análise da fonte vem acompanhada de um

intenso esforço para compreender o uso desses recursos, e de seu contexto de produção. Como exemplo, Cameron cita que o neoplatonismo<sup>382</sup> de Procópio havia sido um importante recurso utilizado pelo autor romano em sua escrita, uma vez que permitia que Procópio disfarçasse e ocultasse suas críticas ao imperador e aos generais romanos descritos na História das Guerras, característica literária compreensível apenas aos intelectuais de sua época. (CAMERON, 2018; WHITBY, 2018).

Peter Van Nuffelen (2018) considera que Procópio havia escrito para uma audiência futura, e não necessariamente para os leitores de seu período. Nesse ponto, a própria língua ática utilizada demonstra que ele tinha essas pretensões, tendo pressuposto que o grego clássico continuaria a ser estudado, seus escritos não sofreriam com a ação do tempo, e poderiam ser lidos no futuro, junto dos autores clássicos citados. Além disso, esse modelo também permitiria ao autor poderia converter seus próprios testemunhos em uma narrativa histórica de prestígio.

Deste modo, Cameron recomenda que os: “historiadores intelectuais e estudiosos da literatura, devem considerar o fato de que as três obras estão ancoradas na vida material, e na cultura intelectual mais ampla do reinado de Justiniano<sup>383</sup>” (CAMERON, 2018, p.19, tradução nossa). Portanto, através dessa metodologia a autora considera que Procópio não apenas reproduzia uma perspectiva autoral e individual, mas que também refletia, em certa medida,

---

<sup>382</sup> Harold Tarrant (2014) nos apresenta que após as crises do século III houve uma demanda sobre o ensino de tradições filosóficas que permitissem uma reflexão moralista não-cristã. Por causa disso os séculos IV e V foram característicos de disputas filosóficas entre cristãos e pagãos, e que certa medida alterou o ensino das escolas neoplatônicas que a partir dessas disputas instrumentalizaram seus currículos e formas de ensino. Deste modo, o neoplatonismo havia sido associado aos intelectuais pagãos nas *Pars Orientalis*, embora não deva ser compreendido como exclusivo e limitado a esses grupos. Para Sergei Mariev (2017) ao final do século V, Pseudo-Dionísio havia sido um importante representante da intelectualidade cristã no Oriente ao incorporar e delimitar os limites do neoplatonismo na filosofia cristã, ocasionando disputas sobre a herança neoplatônica. A partir dos capítulos de Péter Lautner (2014), Lloyd P. Gerson (2014) e Tarrant (2014), avaliamos que a filosofia neoplatônica era característica de dois pontos principais: a busca pela natureza filosófica da vida e (aquele que mais nos interessa) a comprovação da narrativa e da escrita histórica através de elementos epistemológicos comprováveis aos sentidos (a materialidade) e ao intelecto (a imaterialidade), ou seja, a verdade deveria ser recordada, percebida, conhecida e atestada pelo testemunho pessoal do narrador e preservada do esquecimento (LAUTNER, 2014; GERSON, 2014; TARRANT, 2014). Como Néri de Barros Almeida apresenta: “A verdade primeiramente está na ‘coisa’, que, portanto, não precisa ser descoberta; precisa apenas ser recordada” (ALMEIDA, 2014, p.32). Assim, a ascensão e o destaque do neoplatonismo e a constante rivalidade entre pagãos e cristãos que se prolongou até meados do século VII, também havia colaborado na manutenção e preservação de modelos narrativos clássicos através da metafísica neoplatônica. Logo, o neoplatonismo que Cameron (2018) se refere, é a associação de Procópio com modelos dos historiadores clássicos como recurso para reafirmar sua autoridade e veracidade pelos eventos que narra, ao mesmo tempo em que busca um sentido moralizante não religioso sobre os eventos que descreve. Sobre a incorporação de modelos clássicos por Procópio, abordaremos mais adiante no próximo subcapítulo.

<sup>383</sup> “*intellectual historians and literary scholars must take account of the fact that all three works are anchored in the material life and the wider intellectual culture of the reign of Justinian*” (CAMERON, 2018, p.19).

uma perspectiva mais ampla daquilo que a sociedade e os intelectuais<sup>384</sup> do seu período tinham acerca dos inúmeros personagens retratados em suas obras, desde o imperador até os líderes e povos bárbaros.

Nesse caso, consciente dos limites necessários para uma dissertação, devemos buscar um equilíbrio entre as propostas de Kaldellis e Cameron, ainda que saibamos a importância de métodos comparativos, iremos nos ater a análise da História das Guerras, especificamente nos livros III e IV, seção dedicada a Guerra Vândala. Pois, conforme Kaldellis indica (2004; 2016), ainda que a História Secreta nos apresente as percepções de Procópio mais explicitamente sobre os personagens que narra, a História das Guerras também apresenta elementos subjetivos e implícitos que permitem elucidar certas perspectivas do autor.

Dessa forma, devemos também buscar manter um padrão análise que se mantenha em consonância com os capítulos anteriores. Assim, devemos concentrar nossa análise na busca de padrões narrativos e contrariedades, tal como Roger Chartier (1991) propõe.

Chartier (1991) apresenta que é necessário refletir sobre como uma obra espelha, impacta e se associa a práticas sociais e a uma cultura letrada mais ampla do que aquela idealizada pelo autor, pois as obras são “sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade e à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos partilhados” (CHARTIER, 1991, p.177). Deste modo, considera que o texto escrito é demasiadamente dependente da relação entre produção textual e os relacionamentos com seus leitores.

Pois, as comunidades letradas conduzem os modos de leitura e modelos interpretativos, que podem ou não estarem associados com as propostas autorais. Assim, “tais determinações, que regulam as práticas, dependem as (*sic*) maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação como escrito” (CHARTIER, 1991, p.179). Logo, segundo Chartier, deve-se ficar atento as variações e fenômenos que modificam o sentido e objetivo original da obra.

---

<sup>384</sup> Para Anthony Kaldellis e Niketas Siniouoglou (2017) um intelectual era aquele que criava ou estava inserido dentro das tendências culturais e literárias, e que tinha conhecimento e domínio da cultura letrada, limitada nas províncias orientais, a um seletivo grupo social que mantinha o monopólio de acesso as obras clássicas, bem como, ao ensino de métodos e práticas literárias e culturais, acessíveis somente as famílias aristocratas. Como exemplo, podemos destacar o uso de uma língua grega reconstituída para ser um equivalente do grego clássico de mil anos antes do século VI E.C.. Podemos considerar também que os intelectuais são aqueles que defendem, criticam ou reformulam ideias clássicas, geralmente associadas ao passado helenístico, reintroduzindo-as ao seu tempo presente e recontextualizando tais ideias, a fim de esses indivíduos obtivessem algum impacto e/ou reconhecimento cultural e artístico. (CARRIÉ, 2010; GWYNN, 2015; KALDELLIS, SINIOSSOGLU, 2017).

No entanto, determinado a cercear essas variações, no caso específico de Procópio de Cesareia, a História das Guerras limita e seleciona seu público a uma minoria intelectualizada por meio de seus recursos estilísticos e culturais, mas principalmente pela escolha linguística empregada na obra. O que igualmente impossibilitava, em tese, o acesso de indivíduos que não integravam esses círculos intelectuais de Constantinopla, e daqueles que não estavam imersos no processo de helenização que incidiu sobre a produção narrativa e histórica. (KALDELLIS, 2004).

Tendo nascido em Cesareia entre 490 e 507, Procópio pertencia a uma família aristocrática do Império Romano do Oriente, e recebeu uma educação em oratória e estudos jurídicos que visava sua integração nos cargos públicos do Império, ascendendo à posição de conselheiro<sup>385</sup> do general Belisário (*magister militum per Orientem*) em 527, tendo o acompanhado durante as campanhas militares na África Vândala, para registrar os eventos que presenciou. (BAPTISTA, 2008; BOY, BAPTISTA, 2015).

Claudia Rapp (2006) ao avaliar a cultura literária do século VI no Império Romano do Oriente, observa que a educação de um indivíduo que desejava alcançar o título de *litteratus* (homem de letras) era complexa, longa e muito custosa, e que por si só demonstra que esse grau de instrução só era alcançado por famílias ricas e bem estabelecidas.

Para a autora era comum que os jovens fossem educados em suas províncias e ao final de sua formação migravam para Constantinopla na esperança de integrarem a administração imperial, ou por vezes, “esperava atrair benfeitores ricos, talvez até mesmo a atenção do próprio imperador<sup>386</sup>” (RAPP, 2006, p.381, tradução nossa).

Como Rapp (2006) demonstra, é nesse cenário que Procópio se inseria. Aliás, Renato Boy e Lyvia Baptista (2015) nos apresentam que Procópio parecia ser próximo de Belisário, mesmo antes das guerras, já que a nomeação de Procópio havia sido feita pelo próprio *magister militum*, fato que aproximou Procópio de Justiniano, e o colocou entre os membros ilustres de sua sociedade devido à proximidade com o imperador.

Acerca de suas obras, Anthony Kaldellis evidencia que Procópio havia escrito a História das Guerras como um livro propagandístico<sup>387</sup> das conquistas de Justiniano, tendo sido escrita

---

<sup>385</sup> De acordo com Renato Boy e Lyvia Baptista (2015, p.126), ainda que Procópio se referi a si próprio como conselheiro, na Suda ele é descrito como um escrivão ou secretário, contudo, essa perspectiva da Suda parece estar em maior concordância com as atividades que seu personagem desempenhou na História das Guerras.

<sup>386</sup> “*hoped to attract wealthy benefactors, perhaps even the attention of the emperor himself*” (RAPP, 2006, p.381).

<sup>387</sup> Em sua tese Neil Churchill (2016) nos apresenta que “*Although the word ‘propaganda’ is a relatively modern term, there is no doubt, as Auzépy observed, that the Byzantines knew the fact, if not the word*” (CHURCHILL, 2016, p.18). Deste modo, através de suas considerações, utilizaremos o termo ‘propaganda’, para se referir a uma espécie de modelo retórico imposto, controlado e regulamentado pelo imperador para demonstrar poder e

através dos moldes classicistas, que discutiremos ao longo desse subcapítulo. Simultaneamente a essa produção, Procópio também havia escrito a *História Secreta*, tida por Kaldellis como sua obra principal, na qual o autor pode expressar suas convicções pessoais sobre as políticas de Justiniano.

Ambas foram concluídas em meados de 550, “Procópio estava escrevendo a *História Secreta* como um complemento oculto para as Guerras, e nela corrigiu muitos de seus pontos de vista e impressões transmitidos na obra pública<sup>388</sup>” (KALDELLIS, 2016, p.13, tradução nossa). Embora Kaldellis proponha que a *História Secreta* havia sido um trabalho complementar a *História das Guerras*, é possível considerar que a divisão das obras, refletia a preocupação de Procópio em seguir fielmente os modelos clássicos na *História das Guerras*, apenas narrando sobre os eventos que presenciou, sem apresentar explicitamente na escrita suas convicções pessoais.

Neste parâmetro, é possível observar que a adoção de um modelo classicista afetou demasiadamente suas próprias convicções, já que tenta ocultar até mesmo sua confissão religiosa, pois sua obra “organiza-se em torno do hábito estilístico do historiador” (BAPTISTA, 2008, p.39). Logo, é possível afirmar que, embora Procópio não tenha professado sua crença explicitamente, isso era reflexo de sua escolha como autor, porque julgava a ausência de expressões e convicções próprias como norma para atingir a objetividade histórica, tentando se limitar apenas ao registro dos eventos narrados. (CAMERON, 1996; BAPTISTA, 2008; ALMEIDA, 2014).

Acerca do estilo linguístico adotado por ele, Lyvia Baptista (2008) considerou que Procópio esteve imerso em um período de transformação cultural do Império Romano ocorrido durante o século VI. Que progressivamente refletiu um processo de helenização

---

registrar seus feitos gloriosos e bem-sucedidos, que podiam ser declarados oralmente em eventos públicos com a intenção de aumentar a popularidade dos imperadores ou fazendo uso da tradição escrita para consolidar mitos e feitos. (ANGELOV, 2007). Kazhdan (1983), Angelov (2007) e Churchill (2016) concordam que a propaganda era um recurso utilizado pelos imperadores com a finalidade de orientar o discurso político sobre a percepção do governo, geralmente direcionada para um público específico e poderia ser apresentada tanto para aristocratas como para as camadas populares e eclesiásticas, cujo objetivo final poderia ser para intimidar seus inimigos e opositores, e para impressionar seus aliados, mesmo que para isso fosse necessário fabricar eventos, situações e mitos. (KAZHDAN, 1983; KYRIAKIDIS, 2013; CHURCHILL, 2016). Roger Scott (2016) evidencia que as propagandas eram um recurso valioso utilizado para despertar o imaginário popular sobre seus imperadores como escolhidos de Deus. Ele analisa que a partir do século V houve uma demanda popular crescente por histórias de teor propagandístico, e embora algumas não fossem acessíveis a esse público como a *História das Guerras*, houve uma ampla reprodução dessa literatura nas crônicas, que popularizou e reinterpretou os mitos, façanhas e proezas dos imperadores, que nem sempre seguia a mesma intenção original da propaganda. Ainda assim, essas crônicas haviam colaborado na construção de uma memória coletiva, associada ao imaginário popular sobre seus imperadores. (KAZHDAN, 1983; SCOTT, 2016).

<sup>388</sup> “*Procopius was writing the Secret History as a hidden supplement to the Wars, and in it he corrected many of the views and impressions conveyed in the public work*” (KALDELLIS, 2016, p.13).

característico pela “aproximação com os estudos clássicos, principalmente, possibilitado pela adoção do grego como língua imperial” (BAPTISTA, 2008, p.37).

Para a autora, Procópio esteve determinado em ser reconhecido com um grande erudito de seu período, pois a língua grega empregada em sua obra era “uma língua artificial cuja característica principal era a preocupação com o modelo clássico” (BAPTISTA, 2008, p.55). Assim, Procópio desejava não apenas imitá-los, como também se preocupou em escrever fazendo uso do grego clássico do século V e IV A.E.C. que era uma língua completamente diferente do grego koiné de seu período.

Os historiadores bizantinos, como Procópio, ao empregarem o modelo tucidiano, reproduzem uma forma de grego, arcaizante, que já não se configura como parte integrante do material lingüístico comumente difundido. Assim, essas formas narrativas são, obviamente, restringidas a um círculo de leitores que compartilham, enquanto grupo instruído, a mesma motivação classicista (BAPTISTA, 2008, p.57).

Deste modo, podemos compreender que, por esse motivo a obra de Procópio teve uma limitação considerável quanto à circulação e difusão de sua obra, pois havia sido escrita para um público específico das elites intelectuais e imperiais em Constantinopla.

Assim, Procópio estava inserido em meio as elites intelectuais na capital do Império, que colaborava na manutenção das propostas helenizantes aplicadas ao Estado Romano durante o governo de Justiniano.

Logo, é possível considerar uma concentração da produção historiográfica através de modelos gregos clássicos como Homero e Tucídides, que haviam sido os autores mais lidos durante a Primeira Idade Média (DENCH, 2007) e nos evidencia uma demanda da sociedade romana pela historiografia clássica e de obras etnográficas e histórias de guerras, como as mencionadas acima. Cujo principal objetivo eram reconhecer e representar os adversários do poder imperial, e que também reforçava o ideal de que a escrita histórica era um recurso para que as ações heroicas não fossem esquecidas com o tempo. (CAMERON, 1996; BECK, 2007; BAPTISTA, 2008).

Em uma perspectiva semelhante, Brian Croke acredita que a historiografia tradicional grega e romana teve um importante ápice na Primeira Idade Média. O indício apontado por ele, são que as obras clássicas tinham grande circulação, sendo recorrentemente copiadas, distribuídas e até imitadas, ocasionando uma demanda social que os “novos historiadores

procuram imitar Tucídides e Heródoto, Salústio e Lívio<sup>389</sup>” (CROKE, 2007, p.567, tradução nossa). Na Primeira Idade Média, apresentar uma forma literária que seguisse os parâmetros clássicos tornou-se sinônimo de erudição.

A imitação de obras clássicas para Ingela Nilsson (2010), era uma prática comum incentivada nas escolas das províncias orientais, sendo pensada através de uma estética artística. Embora não fosse raro, a cópia de trechos, de acordo com a autora, os historiadores orientais alteravam o conteúdo da obra, mas mantinham a mesma estrutura literária, forma, estilo e métodos empregados nas obras clássicas como às de Tucídides e Homero. Entretanto, essas novas criações artísticas e históricas deveriam ter como objetivo revisar e renovar a história dos romanos, associando as obras clássicas que demonstravam a glória do passado helenístico, com a grandeza do momento presente.

Gostaria de restringir o uso do termo ‘mimese bizantina’ a essa postura particular: uma atitude geral em relação ao passado, que tinha como objetivo a conservação e transmissão - mas também, de maneira importante, a transformação - da cultura e educação grega antiga. Os bizantinos viam a si mesmos como herdeiros e guardiões dessas tradições<sup>390</sup> (NILSSON, 2010, p.200, tradução nossa).

Deste modo, com seu uso crescente a partir do século VI, a imitação de obras clássicas havia se consolidado como um recurso para o enfrentamento das perdas das províncias romanas, como forma de demonstrar que os romanos também poderiam realizar grandes feitos como seus ancestrais. E isso se aplicava, principalmente às famílias aristocráticas que encomendavam tais obras, a fim de para se tornarem patronos dessas produções, como forma de demonstrar riqueza e poder. (NILSSON, 2010).

Refletido sobre esses aspectos em que se insere a História das Guerras, é possível considerarmos que o envio de Procópio junto de Belisário por Justiniano a fim de registrar os eventos e as guerras contra persas, vândalos e godos, indica que o imperador tinha consciência sobre a preferência das comunidades letradas, sobretudo, das elites senatoriais que compartilhavam dessa cultura em meados do século VI.

Sobre esse aspecto, Jean-Michel Carrié (2010) considera que no Império Romano do Oriente a cultura letrada esteve associada aos aristocratas romanos, devido à importância

---

<sup>389</sup> “new historians seek to emulate Thucydides and Herodotus, Sallust and Livy” (CROKE, 2007, p.567).

<sup>390</sup> “I should like to restrict the use of the term ‘Byzantine mimesis’ to that particular stance: a general attitude towards the past, the aim of which is the conservation and transmission – but also, importantly, the transformation – of ancient Greek culture and education. The Byzantines saw themselves as inheritors and guardians of that tradition” (NILSSON, 2010, p.200).

atribuída a *paideia*<sup>391</sup> no Oriente, que reforçava a reivindicação do autor por “uma herança cultural acadêmica transmitida por textos clássicos consagrados” (CARRIÉ, 2010, p.457). Deste modo, além de reforçar a elitização do conhecimento literário e da tradição cultural letrada, limitava o acesso das obras clássicas, obtendo o monopólio da produção literária no Oriente. (SCHEER, 2005; CARRIÉ, 2010; ALMEIDA, 2014; GWYNN, 2015).

Para Croke essa movimentação em direção ao tradicionalismo historiográfico marca uma tentativa de reestabelecer a grandiosidade do Império Romano e da identidade romana, que estiveram abaladas com as constantes guerras contra os bárbaros ao longo do século V, e que propiciou um impulso por “uma demanda por novas histórias escritas no molde convencional<sup>392</sup>” (CROKE, 2007, p.568, tradução nossa). Essa exigência tinha como objetivo dar um sentido prático a escrita historiográfica, visando avaliar os erros do Império Romano e quais providências foram anteriormente tomadas pelas elites senatoriais em tempos de crise.

Portanto, em meio a esses tradicionalismos historiográficos que Procópio se insere, e observadas influências de Homero, Heródoto e Tucídides em suas obras, vemos que a etnografia havia se tornado uma característica marcante na História das Guerras. Para Philip J. Wood (2011) a linguagem etnográfica de Procópio é uma tentativa do autor em projetar comportamentos e estereótipos que colaborassem na diferenciação entre bárbaros e civilizados, através de:

suas emoções (fúria, impiedade, discórdia), bem como, suas origens ou suas práticas ‘bizarras’. Um desenvolvimento específico desses estereótipos foi vinculado as falhas emocionais, associadas à falta de autocontrole e, a uma falha mais geral em não conseguir organizar adequadamente a sociedade<sup>393</sup> (WOOD, 2011, p.425, tradução nossa).

Assim, podemos caracterizar a etnografia como um estilo historiográfico que desejava atribuir parte de sua condição étnico-cultural a determinado status evolutivo, interligadas a

---

<sup>391</sup> A *paideia* é compreendida como um conceito que abrange os fenômenos culturais associados ao ensino e educação grego-romana, que eram limitadas ou exclusivas das aristocracias, predominantemente da *Pars Orientalis*, e que também permaneceu associada, em um âmbito mais amplo, a cultura helênica. David Gwynn (2015) nos apresenta que no Ocidente a *paideia* enfrentou conflitos com os cristãos influenciados por movimentos ascéticos, e por isso entrou em declínio no Ocidente. Tanto Jerônimo e Agostinho reconheciam de que aprendizado clássico deveria ser abandonado, por terem suas origens em escritores pagãos. Deste modo, como alternativa ao ensino clássico Jerônimo e Agostinho criam modelos próprios para os cristãos, que deveriam se limitar ao aprendizado das Escrituras Sagradas, relegando o modelo de ensino clássico. Mesmo com esses conflitos no Ocidente, Carrié (2010) e Gwynn (2015) evidenciam que a *paideia* manteve-se como um dos pilares do ensino e da cultura romana no Oriente, que havia sido pouco influenciada pelo Ocidente nesse aspecto. (CARRIÉ, 2010; GWYNN, 2015).

<sup>392</sup> “a demand for new histories written in the conventional mold” (CROKE, 2007, p.568).

<sup>393</sup> “their emotions (furor, impietas, discordia) as well as their origins or their ‘bizarre’ practices. A particular development in these stereotypes was to link emotional failings, associated with a lack of self-control, to a more general failure to order society properly” (WOOD, 2011, p.425).

uma topografia de poder, da qual os romanos consideravam estarem no patamar mais alto. (GEARY, 2001; 2005; CROKE, 2007).

Patrick Geary (2005) afirma que na Primeira Idade Média existiam duas formas de reconhecer as divergências dos grupos humanos, que lhes confeririam status evolutivo. São elas, as sociedades constitucionais, cuja atuação do sistema político era capaz de promover um código de conduta social, fundamentada em princípios legais. E, as sociedades biológicas onde a autoridade política estava baseada por laços fraternais e/ou sanguíneos, ou se reuniam entorno da lealdade e da confiança que depositavam em um líder militar, que geralmente não limitava tradições, línguas e culturas multiétnicas sob um pretexto de unificação, ao contrário a diversidade era a norma, e o novo do povo era apenas um reflexo da identidade familiar do rei. (GEARY, 2001; 2005).

Portanto, os romanos, ao se declararem como uma sociedade constitucional atribuíam a si mesmos um grau civilizacional superior, por meio de categorias artificiais que submetiam os povos bárbaros a uma posição inferior por não conhecerem ou por não desejarem adotar as práticas jurídicas romanas. (GEARY, 2001; 2005).

Quando os romanos foram confrontados com a possibilidade de serem derrotados por povos tidos como inferiores, entre os séculos II e III e, posteriormente, entre os séculos V e VI, os etnógrafos se utilizaram do passado romano para legitimar uma espécie de ancestralidade hierárquica de poder<sup>394</sup>. Dench afirma que na perspectiva romana a integração e transformação dos povos em contato com Roma era o único meio pelo qual ‘bárbaros’ tornavam-se civilizados, a partir do seu “grau de seu envolvimento nas armadilhas culturais do Império Romano<sup>395</sup>” (DENCH, 2007, p.502, tradução nossa). Deste modo, a compreensão etnográfica era uma forma de dominação do ‘outro’ e estava ligada a uma ideia de superioridade civilizatória e militar de Roma.

Andrew Gillet (2009) apresenta que a etnografia ao se referenciar aos povos não-romanos tinha como referências estereótipos de qualidades e fraquezas que foram desenvolvidas progressivamente ao longo dos séculos de tradição etnográfica. Gillet lista 21

---

<sup>394</sup> Consideramos que a ancestralidade hierárquica de poder é a relação de poder que um povo estabelece sobre o outro, permitindo a configuração de uma topografia de poder resultante da ordenação política de sua sociedade, como Patrick Geary (2005) propõe: sociedade biológica e sociedade constitucional. Mantida e promovida pelo Império para designar-se no mais alto patamar de desenvolvimento. Entretanto, é importante evidenciar que essa relação também dependia da aceitação dos povos não-romanos, em observarem o Império como uma entidade política, militar, cultural e civilizacional superior, “quando [os bárbaros] surgiram na órbita do império, suas estruturas econômicas, sociais e políticas foram moldadas pela civilização romana, assim como a percepção que tinham de si mesmos foi fortemente influenciada pelos sistemas de classificação de seus vizinhos imperialistas” (GEARY, 2005, p.76). Que ao assimilarem a cultura romana era tida como forma de acesso a civilização.

<sup>395</sup> “*the degree of their involvement in the cultural trappings of the Roman empire*” (DENCH, 2007, p.502).

povos em que ele observa padrões narrativos entre fontes diversas, de acordo com ele, aos povos mediterrânicos como romanos, gregos e egípcios era atribuído um grau evolutivo maior, e o distanciamento dessa região impunha progressivamente o status de inferioridade civilizacional, tais relações entre grau evolutivo e origem geográfica podem ser observadas desde Homero até Sidônio Apolinário. (GILLET, 2009)

Em outro ponto, Andrew Gillet também evidencia que essas identidades poderiam assumir múltiplos paradigmas, pois o processo de assimilação da identidade romana poderia conferir aos não-romanos o grau de civilidade em equiparação aos romanos, mas mantendo a nomenclatura (godo, franco, árabe, sárмата) como um indicador da origem familiar, “Se era um gaulês, um franco ou um isauriano, importava menos do que ser ou não considerado como bárbaro, uma categorização que era negociável<sup>396</sup>” (GILLET, 2009, p.396, tradução nossa). Entretanto, Walter Goffart (2006) compreende que esta característica apontada por Gillet, é anterior ao estabelecimento dos Reinos Pós-Imperiais no Ocidente, e por isso só seria válido em caso de assimilação de bárbaros as estruturas políticas do Império, tais como Estilicão que poderia ser compreendido como um exemplo desse processo. (GOFFART, 2006, STEINACHER, 2016).

No entanto, para Goffart (2006) é preciso repensar essa fundamentação para quando abordamos o século V e adiante, isso porque, esse período de estabelecimento de Reinos Bárbaros em solo imperial havia alterado essa lógica de assimilação, uma vez que, os ditos ‘bárbaros’ tiveram que se adaptar a sociedade que se inseriram, ao mesmo tempo em que contavam com o apoio de uma parte de grupos locais influentes, e no caso específico dos vândalos puderam contar com o apoio de grupos contrários a Igreja e ao Império, como vimos no primeiro capítulo dessa dissertação, isso quer dizer que há um processo de assimilação e influência mútua entre conquistadores e conquistados.

Assim, reivindicar uma identidade dissociada do Império, isto é, não como romanos, mas como vândalos, godo, etc., poderia colaborar na construção de um marco, para estabelecer fronteiras identitárias claras, entre o que seria, por exemplo, o Reino Vândalo e o Império Romano, ainda que esse reino tenha feito uso de representações e estruturas administrativas e políticas romanas, isso não quer dizer que os vândalos necessariamente se reconheciam como romanos, ou dentro de uma lógica dualista de civilizados e/ou bárbaros.

---

<sup>396</sup> “*Whether one was a Gaul, a Frank, or an Isaurian mattered less than whether or not one was regarded as a barbarian, a categorization that was negotiable*” (GILLET, 2009, p.396).

Os reis que governavam no Norte da África, Península Itálica, Vale do Ródano, Aquitânia e Hispânia não haviam tomado suas terras apenas pela força. Sustentados pela aceitação romana para o seu estabelecimento, os reis não eram incapazes, com auxiliares leigos e os clérigos adequados, eles governaram as terras romanas e sujeitaram o povo ao seu governo<sup>397</sup> (GOFFART, 2006, p.53, tradução nossa).

Para Audrey Becker (2014) a etnicidade, é um modelo antropológico volúvel que incide sobre as representações e tradições que as aristocracias reivindicam para si, através da “mobilização de certos traços culturais próprios de um grupo étnico e supostamente proveniente da origem comum real ou fictícia, que permite a manutenção da fronteira entre ‘Nós’ e ‘Eles’, entre membros e não membros<sup>398</sup>” (BECKER, 2014, p.292, tradução nossa). Desse modo, as identidades étnicas são assim, entidades negociadas de acordo com as exigências do tempo presente, evidenciando que mais do que uma expressão representativa, as identidades étnicas poderiam assumir múltiplos aspectos. (LIEBESCHUETZ, 2003; GOFFART, 2006, HALSALL, 2007a; BECKER, 2014).

Além disso, é importante destacar que tais condições de superioridade atribuídas aos povos não-romanizados não configuravam uma aptidão permanente. Nesse ponto, David Rohrbacker (2007) indica que Amiano Marcelino acreditava que os romanos, se assim desejassem, poderiam reorganizar suas forças de defesas e expulsar os bárbaros de seus territórios, devido sua superioridade civilizacional. Possivelmente uma crença tão intrínseca, que pode ter estimulado as hostilidades de Justiniano contra Gelimero.

Assim, seguindo essa perspectiva nenhuma derrota romana poderia alterar a topografia de poder, estabelecida entre ‘bárbaros’ e ‘civilizados’ “O triunfo foi frequentemente considerado pelos estudiosos modernos como um aspecto ‘nativo’ da cultura romana<sup>399</sup>” (DENCH, 2007, p.502, tradução nossa). Seu contraponto, portanto, representaria um desequilíbrio da ordem natural, e não era considerado entre os seculares como uma possibilidade válida.

Desse modo, Halsall (2007b) nos apresenta que a ascensão de Justiniano ao trono no Império Romano, e suas posteriores campanhas militares no Mediterrâneo, colaboraram para

---

<sup>397</sup> “The kings ruling in North Africa, Italy, the Rhone Valley, Aquitaine, and Spain had not seized their lands by force alone. Sustained by Roman sanction for their establishment, the kings were by no means unable, with suitable lay and clerical helpers, to govern the Roman lands and people subjected to their rule. The arts of peace continued to be cultivated and the frontiers to be defended” (GOFFART, 2006, p.53).

<sup>398</sup> “mobilisation de certains traits culturels propres à un groupe ethnique et supposés venir de l’origine commune réelle ou fictive permet le maintien de la frontière entre «Nous» et «Eux», entre membres et non-membres” (BECKER, 2014, p.292).

<sup>399</sup> “The triumph has often been considered by modern scholars to be a hoarily ‘native’ aspect of Roman culture” (DENCH, 2007, p.502).

que houvesse um afastamento dos Reinos Bárbaros em fazer uso de representações romanas, bem como houve um distanciamento de personalidades romanas. Ainda que o autor apresente que não houve uma ruptura drástica, essas associações passaram a ser mais implícita e em menor quantidade.

É possível que depois disso, tenha se tornado mais desconfortável para os reis Ocidentais usarem modelos explicitamente associados ao governo imperial romano, para expressar sua legitimidade. Claramente, por variados motivos, eles não deixaram de serem usados, mas a ênfase mudou sutilmente para outras fontes de ideias disponíveis, que poderiam, talvez, serem utilizadas com menos dificuldade e aparentemente menos complacente a uma fonte perigosa e rival de poder político<sup>400</sup> (HALSALL, 2007b, p.26, tradução nossa).

É interessante perceber que isso nos ajuda a compreender a crescente hostilidade entre o Reino Vândalo e o Império Romano, já que, como discutiremos no próximo subcapítulo, Gelimero havia usurpado o trono de Hilderico, por este, permanecer demasiadamente associado a simbolismos romanos, e por estabelecer relações diplomáticas com Justino I e Justiniano que tinham caráter intervencionista, mas que acima de tudo, eram desfavoráveis ao Reino Vândalo. Dessa forma, Gelimero foi considerado uma ameaça ao Império por Justiniano, pois sua chegada ao trono vândalo teve como consequência o afastamento dos romanos, e reivindicava maior autonomia política e até mesmo identitária. (MERRILLS, MILES, 2010; CONANT, 2012; KALDELLIS, 2004; STEINACHER, 2016).

As aristocracias vândala e romana podem ter sido muito parecidas no final do Reinado de Gelimero, mas isso não significa que esses grupos eram idênticos, ou que os simbolismos que os distinguiam não eram importantes<sup>401</sup> (MERRILLS, MILES, 2010, p.101, tradução nossa).

Roger Collins (2008) ainda destaca que o Reinado de Hilderico havia encerrado a diplomacia dos vândalos com os ostrogodos, que havia sido bastante explorada por seu antecessor Thrasamundo, que inclusive havia se casado com a filha de Teodomiro. Assim, a partir das contribuições de Halsall (2007b) e Collins (2008) observamos que durante o

---

<sup>400</sup> *“It is possible that in the aftermath of this it became more uncomfortable for western kings to use straightforward models of Roman imperial rule to express their legitimacy. Classically derived motifs did not drop out of use; the emphasis merely switched slightly to other available sources of ideas, which could, perhaps, be used with less difficulty and with less apparent deference to a rival, dangerous source of political power”* (HALSALL, 2007b, p.26).

<sup>401</sup> *“Vandal and Roman aristocracies may well have looked very alike by the end of the reign of Gelimer, but this does not mean that the groups were identical, or that the signs by which they distinguished themselves were unimportant”* (MERRILLS, MILES, 2010, p.101).

Reinado de Thrasamundo a aproximação dos vândalos com os ostrogodos era uma forma de se distanciarem das influências e do poder político romano. Entretanto, a reaproximação de Hilderico com os imperadores e também com os simbolismos romanos, ocasionou conflitos internos entre o rei e seus aristocratas, que não desejavam mais estarem associados ao estereótipo da barbárie. (HALSALL, 2007b; COLLINS, 2008).

Essa perspectiva entra em contraste, ao nos depararmos com a ideia de ‘reconquista’, para Karl Leo Noethlichs (2000) nos apresenta que é necessário observar a existência de uma distinção entre política externa e política interna, uma vez que, a depender do foco analisado a compreensão sobre a reconquista romana pode sofrer alterações. Noethlichs acredita que no âmbito externo, não há, ao menos com os vândalos, uma tentativa de criar elementos propagandísticos envolto da reconquista, já que isso seria admitir que o Império Romano havia perdido suas províncias ocidentais para os bárbaros, reafirmando uma suposta superioridade militar dos reinos que ali se estabeleceram.

Portanto, de modo a não parecer diametralmente oposto as compreensões etnográficas que os romanos mantinham sobre si mesmo, eles colocavam o povo romano como ancestral de todos os outros povos da bacia do Mediterrâneo. Dessa forma, as campanhas de Justiniano haviam sido justificadas com base em discursos que colocam o imperador como guardião da lei (secular e divina) e da ordem político-social na região. E, portanto, se essa ordem fosse abalada, era necessária uma intervenção para reestabelecer, não o Império, mas a justiça.

O poder do Estado Romano é baseado em armas e leis, e por isso a *felix Romanorum genus* se tornou senhor de todas as nações no passado e assim permanecerá para sempre (*in aeternum*) com a ajuda de Deus no futuro. Portanto, não vejo uma tentativa real de reconquista, mas sim a esperança de que o *Status quo* seja preservado<sup>402</sup> (NOETHLICH, 2000, p.117, tradução nossa).

Renato Viana Boy (2011) evidencia que Procópio de Cesareia também se insere nessa dinâmica, pois ao recuperar o estilo historiográfico e etnográfico clássico no século VI, rejeita a compreensão de que as campanhas de Justiniano fossem um processo de reconquista, pois para isso deveriam aceitar a derrota da civilização romana para os bárbaros. Afirma Boy “os romanos, segundo Justiniano, teriam sido vítimas de injustiças provocadas por esse povo. Dessa forma, a intervenção do exército imperial na península faria prevalecer ali um estado de

---

<sup>402</sup> “Die Macht des römischen Staates beruht auf Waffen und Gesetzen, wodurch das *felix Romanorum genus* in der Vergangenheit Herr über alle Nationen wurde und dies in Zukunft mit Gottes Hilfe auf ewig (*in aeternum*) bleiben wird. In dieser Formulierung vermag ich allerdings kein wirkliches Eroberungsprogramm zu erkennen, vielmehr die Hoffnung auf Bewahrung des *Status quo*” (NOETHLICH, 2000, p.117).

justiça” (BOY, 2011, p.183). Deste modo, a ‘reconquista’ é ideologicamente projetada como uma campanha que visava reestabelecer o equilíbrio social e político para os romanos no Ocidente.

Portanto, tendo sido projetada externamente a partir desses princípios, no âmbito da política interna, a situação se altera. E Justiniano apresenta aos altos funcionários que os bárbaros eram invasores, e estavam em terras romanas, ocupadas ilegalmente, isso por sua vez, acaba sendo justificada pela necessidade de rever todo *corpus documental* do direito romano, uma vez que, compreende que os vândalos (sob Gelimero) haviam sido aceitos na Hispânia e posteriormente, na África sob leis antigas que precisavam ser reformuladas, para que os romanos pudessem restaurar os territórios ocupados. “O que não é incomum para Justiniano, é que ele nunca reconhece as prescrições jurídicas tradicionais, em vez disso, a lei fosse velha ou nova, só era validada quando o imperador a proclamava como sua<sup>403</sup>” (NOETHLICH, 2000, p.121, tradução nossa). Logo, recuperar os territórios ocupados pelos bárbaros seria um dever cívico dos aristocratas romanos, que na perspectiva de Justiniano, haviam sido negligentes em permitir a presença dos bárbaros em solo romano. Assim, o imperador se coloca não apenas como um conquistador, mas como um reformulador e definidor das normas e preceitos jurídicos que os demais imperadores e aristocratas deveriam seguir.

Nesse debate, Alessandra Rodolfi (2008) propõe que devemos observar a História das Guerras, sobretudo, como uma obra propagandística do governo de Justiniano, e que compunha um relato oficial do Estado Romano sobre as campanhas de ‘reconquista’ da África presente nos livros III e IV. Nesse sentido, a ‘reconquista’ deveria adotar um sentido prático, para justificar e legitimar a intervenção militar na África Vândala para não caracterizasse esse evento como uma invasão. Deste modo, Procópio teria justificado a campanha militar romana como uma retaliação ao rei Gelimero (530-533) por ter usurpado o trono do rei Hilderico (523-530).

Para isso Rodolfi propõe que devemos compreender que a História das Guerras detém uma organização estrutural que está dívida em três temporalidades, nas quais cada uma assume uma postura na relação entre romanos e vândalos, dispondo-as da seguinte maneira: antes da guerra, durante a guerra e depois da guerra.

---

<sup>403</sup> “Das Besondere bei Justinian ist aber, daß er niemals traditionelle Rechtsregelungen als solche anerkennt, sondern Recht, altes oder neues, für ihn nur dadurch Gültigkeit hat, daß der Kaiser es als das seine proklamiert” (NOETHLICH, 2000, p.121).

Para Rodolfi, a narrativa que contempla o período antes da guerra expressa uma relação bastante amistosa entre as duas comunidades, pois de início Procópio assume um discurso que exalta a pacificação entre os vândalos e romanos.

A palavra ‘amizade’ aparece mais algumas vezes em Procópio, descrevendo as relações entre o reino vândalo e o Império Romano entre 442 a 533, e ‘amigos’ é como o escritor bizantino descreve a elite africana durante esse período<sup>404</sup> (RODOLFI, 2008, p.235, tradução nossa).

Para ela, é necessariamente essa relação de amizade que havia levado Procópio a considerar e justificar a guerra entre os romanos e vândalos, pois a usurpação de Gelimero havia fornecido uma motivação para Justiniano intervir na África Vândala com a justificativa de defender a legitimidade do Reinado de Hilderico e a sucessão ininterrupta da casa de Genserico, tal como analisaremos no próximo subcapítulo.

Deste modo, observamos que aplicando a proposta de Alessandra Rodolfi através de um âmbito mais amplo dentro da obra de Procópio, conseguimos ter acesso a uma lógica estrutural da História das Guerras Vândalas. Entretanto, compreendemos que também deva ser necessária uma abordagem mais atenta que demonstre as influências de Procópio para além dos modelos clássicos, e que esteja pautado nos debates de circulações de ideias de seu período.

### **3.2. Tópos retórico entre Justiniano e Gelimero**

Deste modo, para essa primeira parte, devemos analisar a troca de cartas entre Justiniano e Gelimero no período que antecede a chegada dos exércitos de Belisário na África. E posteriormente, examinaremos os discursos de Gelimero com seus generais, seu povo, e também com a relação que ele estabelece com os romanos. Visto que essas cartas são raros exemplos preservados onde os vândalos são autorrepresentados por seu rei Gelimero, esses elementos podem nos ajudar a interpretar como os vândalos compreendiam seu passado, através do recorrente uso da memória do rei Genserico, e também sobre como eles avaliaram as hostilidades de Justiniano, e a campanha de Belisário à África Vândala.

Inicialmente, é preciso considerar que encontramos um verdadeiro contraste entre a riqueza da produção acadêmica mais generalista sobre a obra de Procópio e o tratamento dado

---

<sup>404</sup> “The word ‘friendship’ comes out a few times more in Procopius describing the relations between the Vandal kingdom and the Roman empire from A.D. 442 to A.D. 533, and ‘friends’ is how the Byzantine writer describes at this stage the African elite” (RODOLFI, 2008, p.235).

a certos pontos específicos. Um exemplo de ponto relativamente pouco contemplado se refere a análise das trocas de cartas presentes na História das Guerras, particularmente nos Livros III e IV das Guerras Vândalas. Nos quais, podemos encontrar: 3 cartas de Justiniano, 1 carta de Gelimero e 1 carta de Goda.

Além disso também podem ser encontrados discursos que são atribuídos aos generais, sendo: 1 atribuído a João, o Capadócio, 1 para Arquelau, 6 para Belisário, 2 para Tzazão, 4 para Gelimero, 1 para Faras e 1 para um godo não nomeado. Há ainda outros discursos no Livro IV, no entanto, como são posteriores a 534 não seria compatível com nossos objetivos a análise desses outros, que são atribuídos a líderes romanos e mouros.

Também, é necessário enfatizar, que ao contrário das cartas, os discursos são vistos com alguma desconfiança pela historiografia atual, já que, enquanto as cartas poderiam estar facilmente acessíveis a Procópio através das bibliotecas e arquivos de Constantinopla que, mantinham essas cartas preservadas como registros diplomáticos dos imperadores com os reis bárbaros. (WEHMEYER, 1997; COLVIN, 2013; NEDELCO, 2016).

Assim, os discursos atribuídos aos generais romanos ou vândalos, são geralmente tidos como menos confiáveis. Pois, como considera Ian Colvin (2013) é difícil saber qual sua procedência, se haviam sido uma criação de Procópio como elemento de dramatização de sua narrativa, ou se haviam, conforme Dariusz Brodka (2016) acredita, terem sido incorporados a obra de Procópio através, de relatos orais que haviam sido transmitidos a ele por membros do exército romano ao final das batalhas

No entanto, a partir das discussões apresentadas por Ian Colvin (2013), Dariusz Brodka (2016) e em menor grau por Anthony Kaldellis (2004), tentaremos avaliar o quanto esses discursos e cartas registradas na obra de Procópio são essenciais para compreender o contexto histórico, as relações que haviam sido estabelecidas entre o Reino Vândalo e Império Romano, através de políticas e tratados, ou por meio de laços sanguíneos que ligavam a aristocracia vândala a linhagem teodosiana. Mas também, como a memória do rei vândalo Genserico havia sido interpretada e recorrentemente utilizada no período que se estende de 530 a 533.

Para Ian Colvin (2013) como a narrativa de Procópio segue padrões clássicos bastante rígidos, como o registro do testemunho ocular, e uma escrita que poderia ser atestada e comprovada não apenas pelas palavras do autor. Colvin considera que na impossibilidade de Procópio testemunhar os eventos que descrevia, utilizou como ferramenta complementar, o testemunho oral. Procópio também se utilizou de registros, documentos e cartas oficiais que eram transmitidas entre Constantinopla e a frente de batalha. Logo, o seu cargo de conselheiro

de Belisário havia sido utilizado para ter acesso a esses documentos presentes nos arquivos e bibliotecas do Império Romano em Constantinopla. (COLVIN, 2013).

Suponho que, mesmo quando Procópio estava presente nos eventos, ele dependia de muitos arquivos para compor sua história. Correspondências imperiais, cartas de oficiais ou relatórios que passavam, de um lado para outro, entre a frente de batalha e Constantinopla, forneceram a estrutura e grande parte de sua narrativa<sup>405</sup> (COLVIN, 2013, p.595, tradução nossa).

Ainda que Colvin apresente que Procópio teria preferido utilizar os documentos oficiais. Dariusz Brodka (2016) nos apresenta que durante as campanhas das Guerras Vândalas, o testemunho oral havia se configurado como um elemento central da narrativa de Procópio.

Para Brodka (2016), Procópio havia utilizado uma extensa e complexa rede de informações, com informantes em diferentes níveis do exército imperial, que eram compostos principalmente de *Bucellarii* (comandantes militares) e *Doryphora* (membros da guarda pessoal dos generais), mas que também envolviam membros não-romanos como Sinnion (comandante huno) e Ortajas (comandante mouro), na tentativa de buscar um retrato complexo que envolvia relatos de batalhas, eventos, e até uma tentativa de compreender os posicionamentos assumidos pelas populações locais.

Brodka (2016) informa ainda que o exemplo de Ortajas, é bastante explícito porque é a única fonte oral que Procópio assume utilizar diretamente, em especial para compor um retrato sobre a geografia do Norte da África, que havia sido recolhido em um encontro pessoal entre Ortajas e Solomão (*magister militum per Africam*), do qual Procópio havia acompanhado para registrar as informações reveladas pelo comandante mouro capturado.

E eu ouvi este homem dizer que do outro lado do território que ele governava, nenhum homem habitava, e que o deserto se estendia a uma grande distância, para além da qual poderiam encontrar homens, não de pele escura como os mouros, mas com corpos muito brancos e cabelos louros<sup>406</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.219, tradução nossa).

---

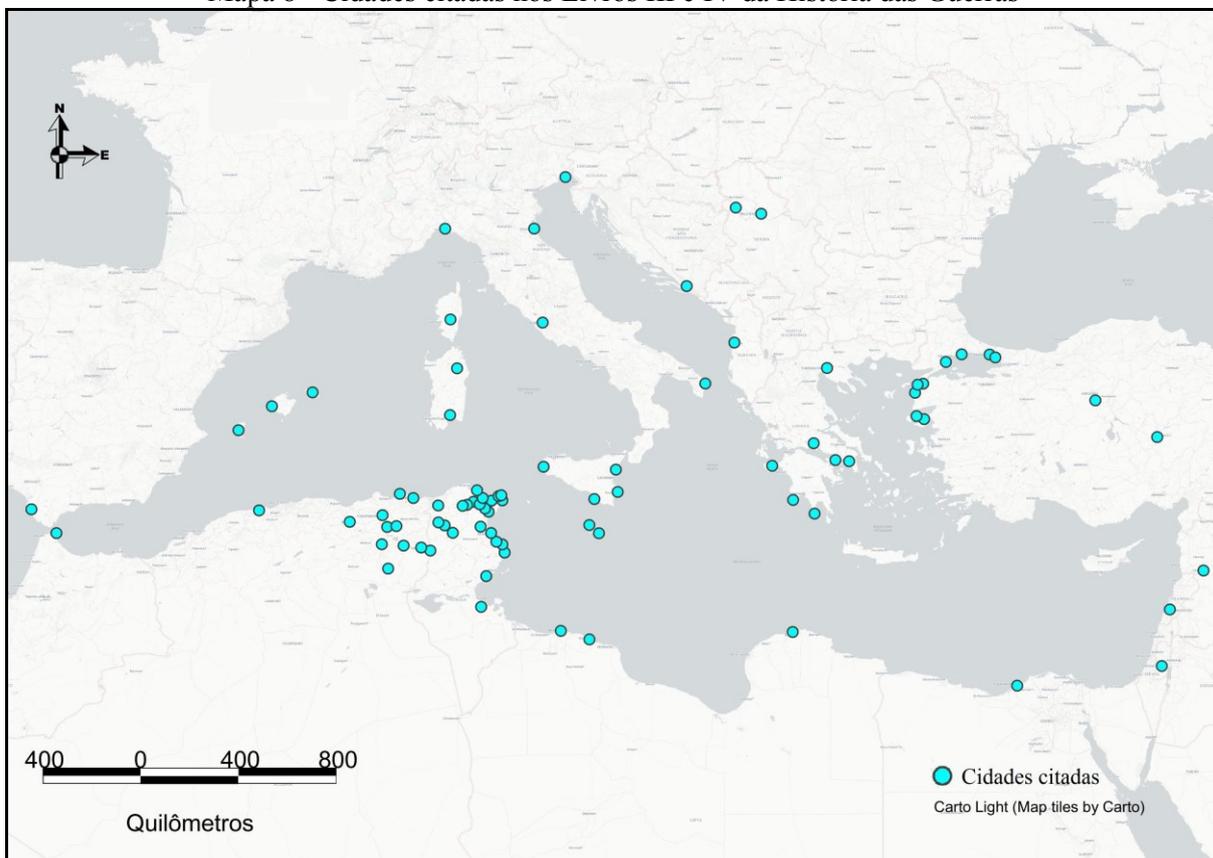
<sup>405</sup> “I submit that even when Procopius was present at events, he depended heavily on archived documents to compose his history. Imperial correspondence and officers’ letters or reports that passed to and fro between theatre and Constantinople provided the skeleton and much of the meat of his narrative” (COLVIN, 2013, p.595).

<sup>406</sup> “And I have heard this man say that beyond the country that he ruled no people lived, but desert land extended to a great distance, and beyond that there are men but not black-skinned like the Moors, rather very white in body and blonde” (PROKOPIOS, 2014, p.219); “Y yo he oído decir a este hombre que al otro lado del territorio que él gobernaba no habita hombre alguno, sino que la tierra desierta se extiende hasta una amplísima distancia, allende la cual habitan hombres no de piel negra, como los moros, sino de cuerpos muy blancos y cabello rubio” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.266-267).

Brodka (2016) inclusive acredita que o fim da narrativa de Procópio sobre os eventos da África, que se encerra em 546, respectivamente 10 anos após sua saída da região (em 536). Ou seja, o período entre 536<sup>407</sup> e 546, havia sido escrito por Procópio por meio dos relatos e informações disponibilizados por Petros (Doryphora de Salomão) que havia permanecido na África até 546. Desse modo, com a saída de Petros da África, Procópio havia perdido sua fonte de informações para os eventos que aconteciam na região, e precisou encerrar o Livro IV com os eventos daquele ano. (BRODKA, 2016).

Nos revelando que a circulação de informações, e a extensa rede de contatos mantida por Procópio havia sido um fator determinante não apenas para a ininterruptão da História das Guerras, mas também para a própria produção da obra. No mapa 8 podemos observar uma grande variação de locais citados nos Livros III e IV da História das Guerras. Dispostas entre si, é possível avaliarmos a complexidade da obra e também das redes de comunicação presentes em toda a extensão do Mar Mediterrâneo, da qual Procópio fez uso extensivo, uma vez que o itinerário percorrido e narrado por ele, é muito mais limitado e concentrado do que a amplitude de sua obra.

Mapa 8 - Cidades citadas nos Livros III e IV da História das Guerras



<sup>407</sup> Ano que Procópio se retira da África, para se juntar a Belisário na Sicília (CAMERON, 1996).

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com o mapa acima, a obra de Procópio nos apresenta um perímetro que se estende desde *Emessa* (atual Homs, na Síria) até *Gades* (atual Cádiz, na Espanha), a partir de *Aquileia* (atual Aquileia, na Itália) até Alexandria (atual Alexandria, no Egito)<sup>408</sup>. No entanto, se considerássemos a limitação geográfica com base no itinerário percorrido pelo autor junto dos exércitos de Belisário, teríamos uma narrativa bastante limitada ao Oeste da Anatólia, algumas cidades no Mar Egeu, ao litoral do Norte da África, e principalmente nas proximidades de Cartago, conforme é possível constatar no mapa acima.

Assim, o mapa 8 nos ajuda a refletir sobre a grande extensão das redes de comunicação de Procópio, e também da importância que as fontes orais tiveram na composição da obra, bem como a relevância da utilização de cartas e discursos que haviam sido incorporados na sua obra.

Procópio foi um dos pioneiros na utilização de relatórios oficiais, cartas e discursos que eram mantidos nos arquivos de Constantinopla como recurso para dar credibilidade a narrativa. Essa prática parece ter se tornado bastante popular após sua utilização na História das Guerras, já que podemos encontrar a mesma característica narrativa e metódica em Agátias, Teofilacto, Malalas e Teófanos. (COLVIN, 2013).

De acordo com Ian Colvin (2013), a escrita metódica de Procópio permite que possamos avaliar algumas características como uma organização capitular ano a ano, cujo objetivo era demonstrar como os eventos presentes são impactados por eventos anteriores (antecedentes). Dessa forma, Procópio estabelece um parâmetro nas causalidades que levaram ao evento descrito na obra.

Deste modo, pensar o passado para Procópio, é registrar as causalidades e as motivações do presente. Portanto, avaliar a representação<sup>409</sup> de Genserico nos discursos, seria importante,

---

<sup>408</sup> Pontos mais limítrofes, e distantes entre si no mapa 8.

<sup>409</sup> Roger Chartier (2011) compreende o conceito de representação como sendo a forma de um autor ou artista reproduzir pessoas e objetos através de sua obra, com o objetivo de estabelecer critérios de proximidade com a realidade demonstrada. Isto é, o autor mantém o ideal pela busca da realidade, no entanto, consciente ou não, transmite suas próprias experiências sociais, políticas e culturais aos seus personagens. A representação também pode ser compreendida como uma demonstração de um indivíduo ou objeto que é constituída a partir dos relatos de outrem. Dessa forma, é o registro escrito ou artístico que transforma o real em palavras, e atribui aos indivíduos descritos, aspectos e qualidades que constituem “uma relação decifrável entre o signo visível e o que ele representa” (CHARTIER, 2011, p.17). Chartier utiliza como exemplo, a representação de um rei medieval que pode assumir duas características e dois corpos distintos: A primeira é a física, enquanto pessoa viva que se converte em imagem e é incorporada a um corpo histórico, metafísico, que embora inexista após a morte real, permanece viva nas construções artísticas e literárias. E a segunda, é o corpo simbólico que permanece no imaginário e se converte enquanto ideal e vislumbre de uma imagem projetada do rei, e que dessa forma, não se mantém apenas como representação de si mesmo, mas é atribuído a ele representações e significados que o tornam objeto de transmissão da essência/natureza de si mesmo, mas também do povo pelo qual é responsável e

pois demonstra como Gelimero balizou a imagem de rei vândalo, e também pode nos ajudar a obter um panorama sobre como os romanos, e mesmo Procópio compreendia o rei vândalo.

No entanto, é preciso estar atento, pois Colvin (2013) sugere que os discursos fornecem um elemento de dramatização para a obra de Procópio. Além disso, o autor romano fazia uso das digressões devido ao valor intelectual que era agregado a obra, por meio da interpretação do passado e sua relação com o presente. Estas digressões estavam de acordo com as normas e gostos literários em Constantinopla e não devem necessariamente ser tomadas como um retrato fiel dos eventos descritos.

Antes de introduzir a primeira carta enviada de Justiniano para Gelimero em maio de 530. Procópio faz uma apresentação inicial sobre Gelimero, e nos revela uma *persona* de grande habilidade militar, mas bastante ardiloso e oportunista, e principalmente como um invejoso do poder régio de Hilderico, que foi considerado demasiadamente próximo do imperador Justino I.

Este homem (Gelimero) foi considerado o melhor guerreiro de seu tempo, embora, por outro lado, fosse inflexível, mal-humorado e completamente hábil na arte de incitar revoltas e de se apoderar das riquezas alheias<sup>410</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.164, tradução nossa).

No entanto, Hilderico é tido como um governante fraco, tanto no aspecto militar (política externa), quanto no religioso (política interna). E ainda destaca que, Hilderico era inábil como guerreiro, e também como diplomata “Ele, por outro lado, era acessível aos seus súditos e era bastante gentil, e ainda não era rude nem com os cristãos, nem com ninguém, mas, por outro lado, na guerra era muito fraco e nem queria ouvir sobre isso<sup>411</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.164, tradução nossa). Deste modo, Procópio nos apresenta que seu

---

que se demonstra fiel aos ideais que seu corpo simbólico transmite. Deste modo, o autor considera que a representação é um dispositivo, pelo qual os autores ou artistas desejavam fazer a descrição de um personagem histórico, real e/ou simbólico, que se associa a ideais e qualidades compartilhados pela comunidade que representa. Desse modo, podemos considerar que os personagens de Procópio são ao mesmo tempo uma representação do personagem que descreve, como também uma representação das qualidades do povo que esses personagens fazem parte ou estão associados.

<sup>410</sup> “*This man was held to be the best warrior of his time, but otherwise he was harsh and malicious and an expert in undertaking subversive plots and laying hold of the money of others*” (PROKOPIOS, 2014, p.164); “*Este hombre estaba considerado como el mejor guerrero de su tiempo, aunque, por otra parte, era también inflexible, de mal carácter y un completo experto en el arte de fomentar revueltas y de apoderarse del dinero ajeno*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.120).

<sup>411</sup> “*a ruler who was easily approached by his subjects and altogether gentle. He was harsh neither to the Christians nor to anyone else, but in war he was soft and did not even want to hear about it*” (PROKOPIOS, 2014, p.164); “*Éste, por una parte, era accesible a sus súbditos y se mostraba completamente afable, y además no se comportó duramente ni con los cristianos ni con nadie, pero, por otra, con respecto a los asuntos de la guerra, dio muestras de una blandura excesiva y ni siquiera quería oír hablar de ese tema*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.118-119).

sobrinho Hoamero havia assumido espontaneamente os exércitos para a defesa das fronteiras do Reino Vândalo, que estava sendo percebido como um reino fraco devido ao seu governante.

Procópio, aliás, considera que os vândalos só não haviam sido atacados por forças externas, como os ostrogodos, devido à proximidade do rei vândalo com Justino I e com Justiniano (antes de ser imperador), e que devido ao poder e influência do Império, esses povos se mantiveram pacificados.

Hilderico era amigo e aliado de Justiniano, que ainda não havia oficialmente assumido o poder, mas que já o administrava por sua própria vontade, já que seu tio, o imperador Justino estava com a idade muito avançada e não tinha discernimento para lidar com questões políticas. Além disso, Hilderico e Justiniano presenteavam um ao outro com grandes riquezas<sup>412</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.164, tradução nossa).

Conforme os autores Anthony Kaldellis (2004), Ian Colvin (2013) e Dariusz Brodka (2016) nos informam, a digressão é uma parte característica da obra de Procópio que busca evidenciar as causalidades que levaram a deposição de Hilderico por Gelimero em 530, pouco antes de expor a carta de Justiniano ao seu público.

Observamos assim, que essa digressão em específico tem como característica associar a ambição de Gelimero, a inabilidade de Hilderico, e ao mesmo tempo evidenciar as motivações de Justiniano para o envio de uma embaixada aos vândalos, e posteriormente, para o envio dos exércitos de Belisário. (PROKOPIOS, 2014; KALDELLIS, 2004; COLVIN, 2013; BRODKA, 2016).

Uma vez que, tendo publicado a História das Guerras entre 551 e 554, Procópio pode refletir, analisar e encontrar mecanismos, documentos e fontes que o auxiliasse na explicação das motivações e das causas dos eventos de 533 e 534. Averil Cameron (1996) e Renato Boy (2013) consideram que Procópio teria escrito a História das Guerras durante os eventos que relatava, no entanto, após 542 com sua chegada a Constantinopla ele teria continuado a escrever e a atualizar sua obra, até os anos de sua publicação. Ian Colvin (2013) considera que Procópio havia mantido uma espécie de ‘diário’, no qual registrava as anotações dos eventos

---

<sup>412</sup> “*Hilderic was a close friend and ally of Justinian, who had not yet come to the throne but was governing its affairs with full power, for his uncle Justin, who was emperor, was very old and not altogether experienced in matters of state. Hilderic and Justinian sent large gifts of money to each other*” (PROKOPIOS, 2014, p.164); “*Ilderico era muy amigo y huésped de Justiniano, que todavía no había accedido oficialmente al poder, pero que ya lo administraba a su libre albedrío, pues su tío Justino era el emperador, mas tenía una edad muy avanzada y carecía por completo de experiencia en los asuntos políticos. Ilderico y Justiniano, además, se obsequiaban mutuamente con grandes sumas de dinero*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.119).

que testemunhou, para assim fundamentar sua obra e atribuir características aos seus personagens que fossem compatíveis com suas ações, a fim de para manter certa aproximação da realidade, na construção ficcional de seus personagens como consideram Beth Brait (1985) e Anatol Rosenfeld (2009).

Por isso, considerando que a obra de Procópio pode ter sido escrita em dois momentos ou, pelo menos, reeditada em momento posterior, Cameron (1996), Boy (2013) e Colvin (2013) consideram haver perspectivas que destoam do início de sua narrativa, principalmente associada a imagem de Justiniano que até a segunda metade do Livro IV, é considerado um governante benevolente que honra suas alianças, e que estaria disposto a evitar as guerras se necessário. Mas, que a partir do Livro IV, passa a sofrer críticas, principalmente pela alta dos impostos e pela truculência na repressão de revoltas civis.

Aliás, a perspectiva de apresentar Justiniano como um governante que esteve disposto a evitar a guerra, através da restauração da honra e do governo de Hilderico era demonstrado como um fator determinante para que Justiniano obtivesse o apoio de parte do Senado que, era contrário ao envio de tropas romanas à África Vândala.

Assim, Justiniano foi descrito na História das Guerras como um visionário, que estava consciente de que a justiça deveria imperar, contra a injustiça praticada a um governante legítimo, e leal ao Império.

De acordo com Averil Cameron (1996) o ressentimento das altas classes romanas foi representado nas Guerras através de João, o Capadócio, que forneceu a Justiniano uma perspectiva preocupada com a possibilidade de vitória e com as consequências que isso poderia gerar.

Em discurso atribuído a João, o Capadócio diante do imperador, o referido personagem demonstra receio pelo encerramento da paz com os vândalos, e que se malsucedido colocaria o Império em perigo iminente, principalmente em decorrência de possíveis problemas logísticos.

Você propõe fazer uma expedição contra Cartago, para a qual, se for por terra, a jornada duraria 140 dias, enquanto se for por mar é obrigado a cruzar todo o mar aberto e ir até o seu fim. Aqueles que trariam as notícias até você sobre o que está acontecendo com o exército demoraria em torno de um ano após os acontecimentos. Pode-se acrescentar que, se você for vitorioso sobre o inimigo, não poderá tomar posse da Líbia enquanto a Sicília e a Itália estiverem nas mãos de outros. Mas, se você falhar, óh imperador, já tendo quebrado o tratado, você atrairá o perigo para nossa própria terra. Na verdade, não será possível colher os frutos da vitória e, ao mesmo tempo, qualquer reversão do acaso prejudicará o que já está bem estabelecido. Um bom planejamento é benéfico se ocorrer antes que os eventos sejam

iniciados. Pois, quando os homens falham, o arrependimento é inútil, mas antes que o desastre venha, não há perigo em alterar os planos<sup>413</sup> (IOANNES THE KAPPADOKIAN *apud* PROKOPIOS, 2014, p.167-168, tradução nossa).

Assim, fica nítido para nós, através desse suposto discurso de João, o Capadócio que o estilo propagandístico não tinha como objetivo atingir leitores no Ocidente, com o objetivo de revelar as intenções de Justiniano aos povos reconquistados. Mas antes, propunha que a propaganda justiniana era um elemento fundamental para conquistar o apoio militar e político interno, assim como financiamento econômico das aristocracias romanas no Oriente.

Aliás, João, o Capadócio ainda parecia bastante otimista com relação ao tempo de viagem dos exércitos de Justiniano. Pois, comparando com a figura 5 abaixo, extraída do sistema *Orbis* da Universidade de Stanford<sup>414</sup>, ela nos apresenta que a jornada demoraria em torno de 165 dias por terra, e 19 dias utilizando a marinha dos exércitos, tempo estimado, para apenas uma viagem de ida. No entanto, não poderiam aportar na Sicília por fazer parte dos Reinos Vândalo e Ostrogodo, por isso ele cita a necessidade de cruzar o mar aberto, e avançar diretamente para Cartago.

Assim, o discurso atribuído a João, o Capadócio parece bastante coerente, pois se as campanhas de Justiniano fossem malsucedidas não haveria tempo hábil para enviar reforços, e poderia haver grandes gastos (econômicos e humanos) desnecessários, já que os vândalos estavam pacificados durante esse período. Ao menos essa é a visão que retrospectivamente se buscou apresentar.

---

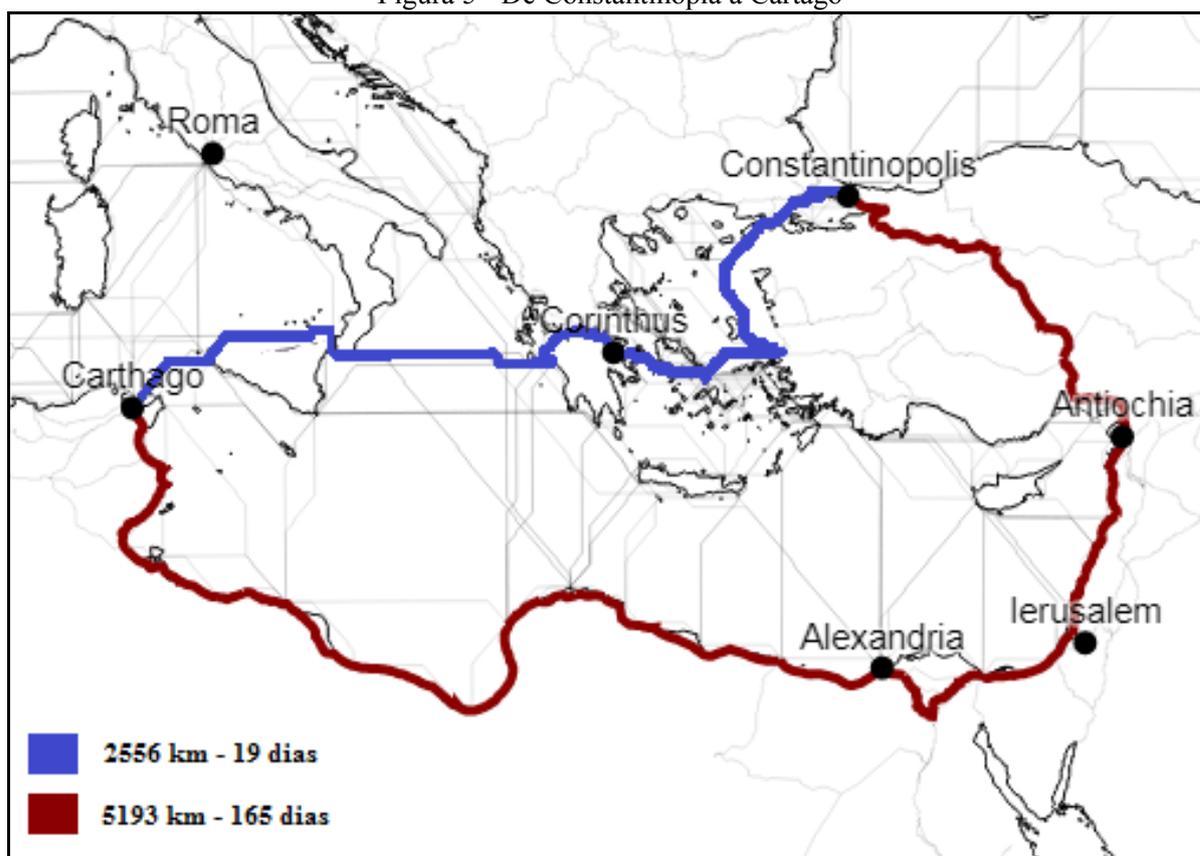
<sup>413</sup> “*You propose to make an expedition against Carthage, to which, if one goes by land, the journey is one of 140 days, while if one goes by sea, he is forced to cross the whole open sea and go to its very end. So that he who brings you news of what is happening with the army will reach you a year after the event. One might add that if you are victorious over the enemy, you cannot take possession of Libya while Sicily and Italy lie in the hands of others. But if you should stumble, O emperor, having already broken the treaty, you will draw the danger to our own land. In fact, putting all in a word, it will not be possible for you to reap the fruits of victory, and at the same time any reversal of chance will harm what is already well established. Good planning is beneficial if it occurs before events are set into motion. For when men have failed, regret is pointless, but before disaster comes there is no danger in altering plans*” (IOANNES THE KAPPADOKIAN *apud* PROKOPIOS, 2014, p.167-168); “*Tú tienes el propósito de lanzar una expedición contra Cartago, pero, por tierra firme, el trayecto hasta allí es de ciento cuarenta días de ruta y si se viaja en barco, es obligado cruzar la totalidad del mar abierto y llegar hasta sus mismos límites, de tal forma que el mensajero que vaya a darte cuenta de cuanto suceda en el campamento necesitará un año para llegar hasta ti. Y se podría añadir también que, si sales victorioso frente a los enemigos, no te sería posible tomar posesión de Libia, al estar Sicilia e Italia en poder de otros; si, por el contrario, sufres una derrota, emperador, habiendo sido roto ya por ti el tratado, pondrás en peligro nuestro territorio; resumiendo, una victoria no te aportará ningún beneficio y un revés de la fortuna arruinará lo que ahora está bien establecido. Y, antes de actuar, resulta provechoso planear bien las cosas, pues para los que han fracasado el arrepentimiento es inútil, pero, antes de que ocurra una catástrofe, cambiar los planes no implica ningún riesgo*” (JUAN DE CAPADOCIA *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.127).

<sup>414</sup> <https://orbis.stanford.edu/>

Kaldellis (2016) também revela que o discurso de João, o Capadócio apresenta algumas críticas ao imperador, cujo objetivo era reduzir a glória pelas conquistas do imperador e de seus exércitos. Indicando que tais guerras tiveram um grande custo de vidas e de dinheiro. Gastos estes, que posteriormente, foram considerados altos e desnecessários.

Walter Pohl (2006), Averil Cameron (2008) e Esther Sánchez-Medina (2017) concordam que a situação política e social da África após a reconquista de Belisário foi bastante instável, uma vez que, ao contrário dos vândalos, os romanos não haviam conseguido manter os mouros pacificados, criando inúmeras revoltas civis e militares, e até mesmo, tentativas de usurpação para criar um governo autônomo, independente de Constantinopla. As altas tributações mantidas por Justiniano a fim de compensar as grandes despesas, também tiveram papel fundamental nessas revoltas (CAMERON, 1996; CAMERON, 2008; POHL, 2006 BAPTISTA, 2008; KALDELLIS, 2016; SÁNCHEZ-MEDINA, 2017).

Figura 5 - De Constantinopla a Cartago



Fonte: SCHEIDEL, MEEKS. ORBIS, 2012.<sup>415</sup>

Considerando as distâncias e todo esforço logístico que deveria ser empregado nessa tentativa, como demonstrado na figura 5, mesmo através da rota marítima, o tempo de contato

<sup>415</sup> As legendas da figura, foram incluídas pelo autor.

entre a frente de batalha e chegada das notificações em Constantinopla era de aproximadamente de 38 dias (19 dias de ida e mais 19 dias de volta), desconsiderando qualquer empecilho que pudesse vir a acontecer. (SCHEIDEL, MEEKS, 2012).

É possível que o prazo de um ano citado por ou atribuído a João, o Capadócio para reenvio de tropas, pode até ser considerado parte de sua retórica, seja do João ou a de Procópio (talvez, um pouco exagerada) que tinha como objetivo encerrar com as hostilidades entre vândalos e romanos. Mas, também é preciso considerar que, além do tempo para as notificações (38 dias), seria necessário mais tempo para reunir todo esforço de guerra e para enviá-los as frentes de batalha.

Devemos ainda, destacar que o histórico de batalhas entre o Império Romano do Oriente e o Reino Vândalo eram favoráveis as inseguranças atribuídas a João, o Capadócio. Pois, as retaliações do rei vândalo Genserico parecem ter se consolidado no imaginário e na memória dos romanos.

Uma vez que, em 468 os exércitos do Ocidente e do Oriente haviam se combinado sob o comando de Basílico (*magister militum per Thracias*), para tentar retomar as províncias africanas, no entanto, essa campanha fracassou com uma pesada derrota na batalha de Cap Bon. Nessa batalha as tropas romanas foram massacradas por meio do ataque de navios incendiários que destruiu grande parte dos 10 mil navios<sup>416</sup> que transportavam os soldados que deveriam desembarcar na costa africana. (MERRILLS, MILES, 2010; HUGHES, 2017).

Após a vitória dos vândalos, Genserico ordenou que sua frota destruísse diversos portos ao longo da costa africana oriental, e também, de ilhas no mar Egeu. Hughes (2017) interpreta esses ataques, como forma do rei vândalo evitar novas ofensivas vindas do Oriente. Assim como, para cortar os suprimentos de grãos para Constantinopla vindas de Alexandria.

Além das perdas com navios militares e mercantes, a destruição de portos e o corte no suprimento de grãos para Constantinopla, Hughes apresenta que o Império Romano do Oriente havia enfrentado uma crise econômica grave, durante algumas décadas, devido aos montantes de prata e ouro gastos para essa expedição.

Conforme nos apresenta a fonte a seguir:

Joannes Lydas [Lydus - João, o Lídio] disse que 65,000 mil libras de ouro e 700,000 libras de prata foram coletadas [...] além de montantes consideráveis

---

<sup>416</sup> Merrills e Miles (2010) avaliam que as fontes do período não são coesas quanto aos números de navios, mas há relatos de 100 mil e também de 10 mil. Os autores consideraram que 10 mil navios era um número aceitável.

arrecadados com fundos públicos e do imperador Antêmio<sup>417</sup> (CANDIDUS *apud* HUGHES, 2017, p.246, tradução nossa).

Deste modo, é possível que o discurso atribuído a João, o Capadócio representasse o pensamento de muitos políticos e militares romanos, que consideravam o rompimento da paz com os vândalos um grande erro de Justiniano. Pois, tinha mais chances de falhar do que de ter sucesso, considerando todo o histórico anterior apresentado, e também de todo o esforço logístico e econômico que seria transportar, das províncias orientais para a África Vândala um número suficiente de tropas, armamentos, animais e suprimentos. Além disso, o efetivo enviado para a África girava em torno de 15.000 a 18.000 soldados<sup>418</sup> (CAMERON, 2008; MERRILLS, MILES, 2010; STEINACHER, 2016). O empreendimento de Justiniano era tanto monumental, quanto ousado.

Deste modo, entre maio de 530 até meados de 531, Procópio nos revela 3 cartas trocadas entre o rei vândalo e o imperador do Oriente, sendo 2 cartas de Justiniano e 1 carta de Gelimero. Nas duas cartas de Justiniano, o imperador parece ter um tom moderado, principalmente na primeira carta, onde ele adverte Gelimero sobre a usurpação do trono de Hilderico, enfatiza ainda, que ele havia se tornado um tirano desnecessariamente, pois Hilderico estava com idade avançada, e que ele seria o próximo na linha de sucessão.

Não cometa mais nenhum erro e não troque o título de rei, que logo será seu, pelo de um tirano. E quanto a esse homem (Hilderico), cuja morte pode ser esperada a qualquer momento, devolva a ele as insígnias do poder real, e quanto a você, faça o que é esperado de um rei e espere receber o título apenas do tempo e da lei de Genserico, e somente deles. Se você fizer isso, obterá a benevolência de Deus e a nossa amizade<sup>419</sup> (JUSTINIAN *apud* PROKOPIOS, 2014, p.165, tradução nossa).

---

<sup>417</sup> “*Joannes Lydas [Lydus – John the Lydian] says that 65,000 pounds of gold and 700,000 pounds of silver were collected [...] apart from adequate amounts raised from the public funds and from the Emperor Anthemius*” (CANDIDUS *apud* HUGHES, 2017, p.246).

<sup>418</sup> Averil Cameron (2008, p.559) apresenta que foram enviados 15.000 soldados para a África, no entanto, Andrew Merrills e Richard Miles (2010, p.232), assim como Roland Steinacher (2016, p.296-297) mencionam um efetivo de 18.000 soldados. Para se ter uma ideia da dimensão do exército reunido por Justiniano para a campanha na África, em 468 o Ocidente e o Oriente ao reunirem os exércitos contra Genserico contava com 10 mil navios de transporte, e em 533, Procópio (2014, p.169-170) nos revela que apenas 500 navios foram utilizados para transportar as tropas romanas até a África, equivalente a apenas 5% do efetivo mobilizado em 468.

<sup>419</sup> “*Do no further wrong and do not exchange the name of king for the appellation of tyrant, which comes but a short time in advance. But as for this man, whose death may be expected at any moment, allow him to bear in appearance the form of royal power while you do all the things that it is proper for a king to do. Wait until you can receive the actual name of the thing from time and the law of Geiseric, and from them alone. For if you do this, God will be favorable to you and our relations with you will be friendly*” (PROKOPIOS, 2014, p.165); “*En consecuencia, no sigas haciendo ya más daño ni cambies el nombre de rey por el apelativo de tirano, que llega sólo poco tiempo antes. Pero a ese hombre, en tanto no muera, permítele portar en apariencia la imagen de la realeza y tú, mientras, lleva a cabo todo cuanto es natural que haga un rey y aguarda a recibir sólo del tiempo y*

Nessa carta Justiniano adota um tom bastante moderado, e até mesmo com aspecto pacifista, no entanto, o imperador parece desconsiderar possíveis conflitos de sucessão dinástica entre os vândalos, ao evidenciar que a lei de Genserico deveria se sobrepor as vontades imediatas de Gelimero.

Nesse sentido, Andrew H. Merrills (2010) nos ajuda a construir um panorama sobre o que seria a lei e os decretos de Genserico mencionados por Justiniano, já que apresenta que o rei vândalo Genserico, pouco antes de sua morte em 477, promulgou uma lei que definia a primogenitura agnática como princípio de sucessão régia, isto é, “o governo do homem sobrevivente mais velho da dinastia reinante<sup>420</sup>” (MERRILLS, 2010, p.136, tradução nossa). Dessa forma, como ele nos indica, Justiniano havia sido descrito por Procópio como um defensor da lei de Genserico.

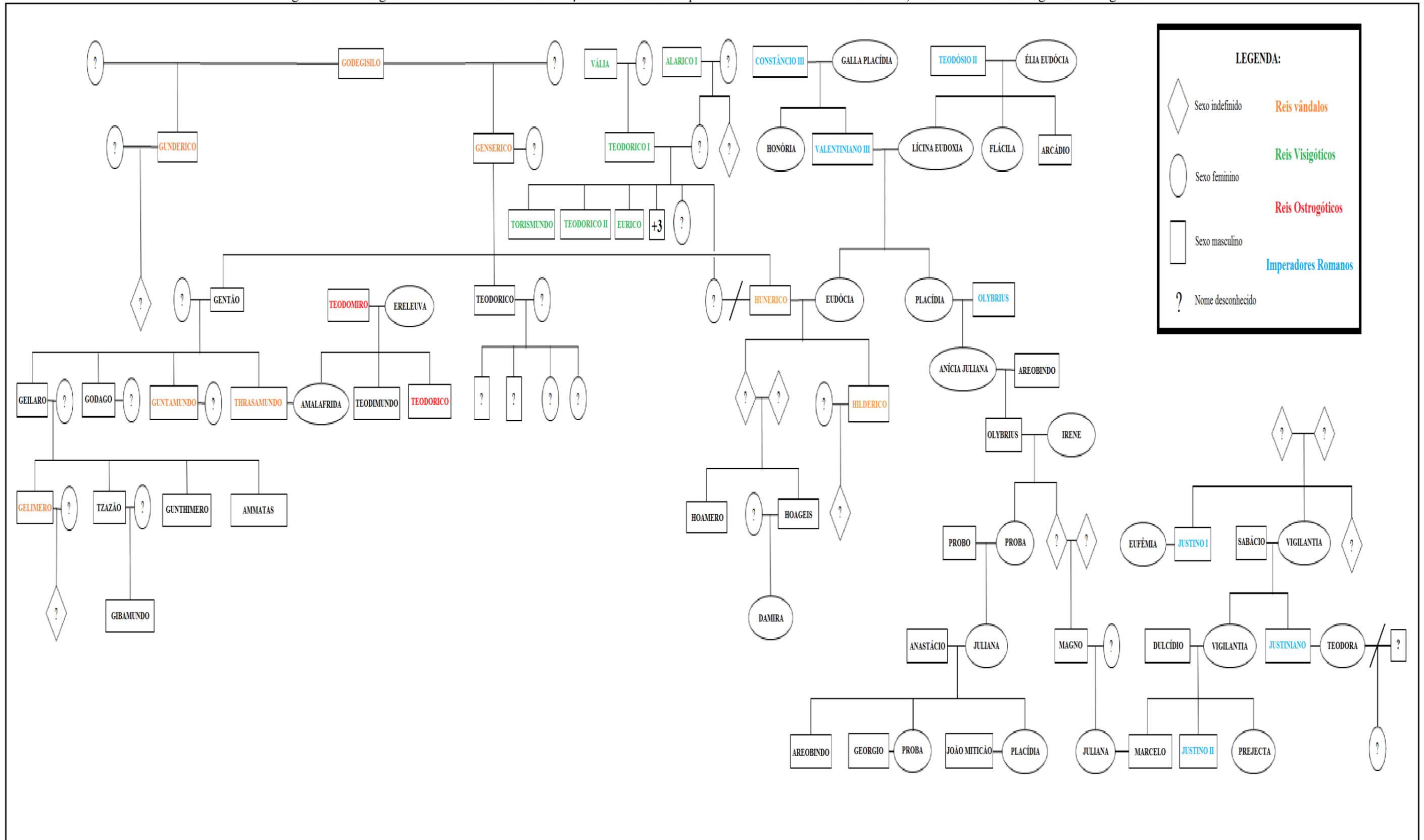
Para Merrills (2010) a problemática da usurpação de Gelimero contra Hilderico parece ter sido motivada pela tentativa de conspiração de Hilderico com Justino I e com Justiniano (que se tornaria imperador) que deveriam garantir que Gelimero não se tornasse rei dos vândalos após sua morte, a fim de que a sucessão recaísse sobre a linhagem de Hunerico, e não de Gentão (irmão de Hunerico), de quem Gelimero era neto, conforme podemos observar no heredograma (figura 6) abaixo.

---

*de la ley de Gicerico el título que corresponde a esta función. Si, en efecto, tú procedes así, obtendrás la benevolencia del Todopoderoso y la amistad de parte nuestra”* (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.121-122).

<sup>420</sup> “*rule by the eldest surviving male member of a ruling house*” (MERRILLS, 2010, p.136).

Figura 6 - Heredograma do Reino Vândalo e associações com as casas imperiais de Valentiniano III e Justiniano, e com os Reinos Ostrogótico e Visigótico



Fonte: Elaborado pelo autor<sup>421</sup>

<sup>421</sup> Utilizamos como recurso-base para a construção desse diagrama, as genealogias apresentadas por STEINACHER, 2016, p.240; CAMERON, 1978, p.274; KALDELLIS, 2014 p.563. Ao lado de Hunerico e Teodora aonde aparecem dois cortes em diagonal, representa a separação de um cônjuge anterior.

Deste modo, é preciso estar atento a algumas informações que a figura 6 nos traz. Como vemos Hunerico havia se casado duas vezes, e isso nos leva a seguinte questão, antes de 442, possivelmente em 431, Hunerico havia se casado com a filha do rei visigodo Teodorico I, com o objetivo de obter o apoio contra os romanos, e também para que os exércitos visigodos não fossem utilizados contra eles. No entanto, como já demonstramos<sup>422</sup>, como parte do tratado de paz de 442, Genserico deveria enviar Hunerico à Ravena como garantia de que a paz não seria rompida novamente, contudo, o rei vândalo exigiu um noivado entre Hunerico e Eudócia (filha de Valentiniano III), colocando seu filho diretamente sob a proteção imperial. (HUGHES, 2017; STEINACHER, 2016; MERRILLS, 2010; MERRILLS, MILES, 2010).

Merrills (2010) nos apresenta, que na oportunidade de conseguir um aliado mais forte, Genserico acusou a primeira esposa de Hunerico de traição, cortou-lhe as orelhas e o nariz e a enviou para seu pai, o rei Teodorico I, fazendo com que Hunerico ficasse novamente disponível para o casamento<sup>423</sup> (MERRILLS, 2010; HUGHES, 2017).

Logo, é preciso considerar que Hilderico era filho de Hunerico (filho de Genserico) com Eudoxia (filha de Valentiniano III), o que impunha a aristocracia vândala uma associação a dinastia Teodosiana, atribuída através da ancestralidade de Valentiniano III, e que também teria sido o principal fator para a proximidade de Hilderico com os imperadores no Oriente, colaborando para estabilizar suas relações diplomáticas com o Império Romano.

Entretanto, é possível observar que algumas políticas conduzidas por Hilderico parecem não ter agradado a aristocracia vândala, já que demonstrava maior alinhamento com as vontades imperiais, em detrimento da autoafirmação vândala.

Como exemplo, após suceder o rei Thrasamundo (496-523), Hilderico encerrou as perseguições aos católicos, permitiu que clérigos exilados pudessem retornar a África Vândala e também consentiu que os católicos escolhessem seus bispos, “No início de seu reinado, ele [Hilderico] ordenou Bonifácio como bispo para a igreja de Santo Agileu e

---

<sup>422</sup> Capítulo 2, páginas 174-175 dessa dissertação.

<sup>423</sup> Jordanes apresenta que a mutilação da princesa visigótica por Genserico, teria motivado a aliança dos visigodos com os romanos contra hunos e vândalos, conflitos estes, que teriam acarretado na Batalha dos Campos Catalúnicos em 451. No entanto, sabemos que não houve nenhum rompimento de paz entre vândalos e romanos de 442 até a morte de Valentiniano III em 455. Deste modo, acreditamos que tal como Andrew Merrills e Ian Hughes sugerem, que a narrativa de Jordanes está fora do contexto histórico correto. O tradutor de Jordanes, José María Sánchez Martín em nota de rodapé também comenta sobre a estratégia de Genserico e percebe o equívoco apresentado pela fonte. (JORDANES, 2018, p.123; MERRILLS, 2010; HUGHES, 2017). Victor de Vita nos apresenta que a mutilação de nariz e orelhas era uma prática legal comum entre os vândalos (VICTOR OF VITA, 2006, p.77).

restituiu a liberdade para todos os católicos<sup>424</sup>” (LATERCVLVS REGVM VVANDALORVM ET ALANORVM, 1898, p.459; tradução nossa). Roland Steinacher (2016) ainda nos indica que Hilderico se apresentava paramentado como um romano nas moedas que levavam sua face, conforme observamos na figura 7:

Figura 7 – Moeda de Hilderico com busto romanizado



Fonte: *The British Museum*, número de registro: B.11534.<sup>425</sup>

Do lado esquerdo, circundando o busto ao centro, consta a seguinte inscrição: *D[OMINE] N[OSTER] HILDIRIX REX*, sendo a imagem do lado direito, o que seria o reverso da moeda, nos apresenta a personificação de Cartago segurando espigas nas mãos, dando destaque para a capital e, também para a principal atividade produtiva e mercadora da região, por sua vez, essa figura é contornada pela inscrição: *FELIX KART[HA]G[O]*.

No entanto, Steinacher (2016) chama a atenção para o busto de Hilderico ao centro (lado esquerdo), que sugere utilizar uma representatividade de sua herança imperial, paramentando como um imperador romano ou aristocrata da alta cúpula imperial do período.

Em suas moedas de prata, o rei usa uma coroa de louros, uma couraça, um paludamento, composto por um manto de seda roxa e um brocado. Essas vestimentas eram exclusivas aos militares romanos do alto escalão e aos imperadores<sup>426</sup> (STEINACHER, 2016, p.288, tradução nossa).

<sup>424</sup> “*qui in exordio regni sui Bonifatium episcopum apud Carthaginem in ecclesia sancti Agilei ordinari praecepit et omnibus catholicis libertatem restituit*” (LATERCVLVS REGVM VVANDALORVM ET ALANORVM, 1898, p.459).

<sup>425</sup> Acesso em 27/11/2020, disponível em: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/C\\_B-11534](https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_B-11534)

<sup>426</sup> “*Auf seinen Silbermünzen trägt der König einen Lorbeerkrantz, einen Brustharnisch und das Paludamentum, einen Mantel aus purpurfarbener Seide und Brokat. Solche Mäntel waren hochrangigen römischen Militärs und den Kaisern vorbehalten*” (STEINACHER, 2016, p.288).

Juliana Fiorot (2019a) apresenta que as moedas eram um recurso político que visava a legitimação dos Reinos Bárbaros perante a sociedade romana e, portanto, sua circulação foi usada como um recurso propagandístico que demonstravam as intenções régias, através da autorrepresentação desses reis em seus sistemas monetários. Deste modo, consideramos que a legenda ‘Cartago Feliz’ (*FELIX KART[HA]G[O]*) gravada no reverso das moedas de Hilderico era uma referência da ausência das perseguições e do retorno dos clérigos exilados, que foi permitido em seu reinado.

De acordo com os autores Guido M. Berndt e Roland Steinacher (2008a) os vândalos só iniciaram a produção de moedas com o busto e nome de seus reis a partir do Reinado de Gunthamundo (484-496). Por outro lado, a pesquisadora Cécile Morrisson (1987, 2004) destaca que os vândalos nunca produziram moedas de ouro (*solidus*), pois haviam respeitado o monopólio dessa produção em Constantinopla, possivelmente como recurso diplomático, para garantir ao Reino Vândalo o monopólio comercial do Mediterrâneo, conforme Berndt e Steinacher nos apresentam:

o estudo de uma amostra de cerâmicas da segunda metade do século V na cidade de Roma, mostra que até 90% das louças finas foram produzidas no Norte da África. M. Mackensen até postulou um monopólio do Mediterrâneo da produção de cerâmica de alta qualidade do Norte da África no período do vândalo<sup>427</sup> (BERNDT, STEINACHER, 2008a, p.259, tradução nossa).

Desse modo, as atividades comerciais também levantam outras questões, tais como, a hipótese de que a centralização da produção do *solidus* em Constantinopla garantiria a qualidade, padronização e autenticidade das moedas de ouro, tão importantes ao comércio mediterrânico. Logo, não havia motivos para competir com o Império Romano do Oriente até o início do Reinado de Gelimero (530-533) (MORRISSON, 1987; 2004; GRIERSON, BLACKBURN, 2006; BERNDT, STEINACHER, 2008a).

Produzindo moedas de prata (*siliqua* e *denarius*<sup>428</sup>) e cobre (*nummus*) de alta circulação, as moedas constituíram o principal recurso propagandístico do Reino Vândalo, que não apenas reafirmava a legitimação de um reino autônomo, como também eram uma demonstração de poder e riqueza perante outros reis e imperadores, que alcançou não apenas

<sup>427</sup> “the study of a sample of ceramics from the second half of the fifth century in the city of Rome, shows that up to 90% of the fine tableware had been produced in North Africa. M. Mackensen even postulated a Mediterranean monopoly of North African high-quality ceramic production in the Vandal period” (BERNDT, STEINACHER, 2008a, p.259).

<sup>428</sup> Berndt e Steinacher (2008a) afirmam que 1 *siliqua* equivalia ao valor de 50 *denarius*. A diferença, portanto, equivale a maior quantidade de prata na produção da *siliqua*.

toda a extensão do Mediterrâneo, mas também, mantinham contatos intermitentes com regiões costeiras no Atlântico e atual Grã-Bretanha (REYNOLDS, 2016; RUMMEL, 2010; 2016).

É interessante percebermos que as moedas produzidas durante o Reinado de Gelimero, diferem bastante daquelas produzidas por Hilderico. Como vemos na figura abaixo, ao lado esquerdo, o busto romanizado de Hilderico, foi substituído pela representação de um guerreiro vândalo que ostenta uma coroa, empunha uma lança em sua mão esquerda, e que também possui uma espada embainhada em sua cintura. No anverso dessa moeda, também consta a inscrição: KARTHAGO, que circunda a figura do rei ao centro. Já no reverso da moeda, visualizamos a cabeça de um cavalo e, uma linha que separa abaixo, o número XXI, que faz referência ao valor da moeda.

Figura 8 - Moeda de cobre de Gelimero



Fonte: *The British Museum*, número de registro: EH,p703.3.Car<sup>429</sup>

Observamos, portanto, que as moedas de Gelimero faziam alusão a um ideal de guerreiro forte e pronto para a batalha, com armas em punho. Nesse âmbito, o cavalo também se destaca pelo seu simbolismo associado a cavalaria vândala. E ainda que Morrisson (2004) acredite que o cavalo no reverso da moeda, possa estar associado ao passado distante da Cartago púnica, como um indício da integração dos vândalos com as comunidades locais.

Philip Grierson e Mark Blackburn (2006) acreditam que a cabeça de cavalo fosse um simbolismo que indicava a glória alcançada pela guerra, e por isso, consideramos plausível que o guerreiro gravado no anverso, corresponda a uma representação de Genserico, que

<sup>429</sup> Acesso em 14/02/2021, disponível em: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/C\\_EH-p703-3-Car](https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_EH-p703-3-Car)

glorifica um passado de grandes vitórias e a expansão do Reino Vândalo sobre os territórios romanos.

Já que, ao contrário de Hilderico que desejava ser reconhecido como um descendente de imperadores romanos e integrante da dinastia teodosiana, Gelimero possivelmente reivindicava o reconhecimento da aristocracia vândala, de que ele pertencia a uma linhagem de Genserico que não havia sido corrompida com pela união com os romanos, e por isso, demonstrava ser mais apto a governar os vândalos do que seu primo Hilderico.

É preciso, portanto, lembrar que nos anos iniciais da presença vândala na África, conforme nos mostra Helmut Castritius (2010, p.373), os casamentos entre aristocratas vândalos e romanos haviam sido proibidos por Genserico, como recurso para evitar que as classes senatoriais se infiltrassem na alta cúpula do reino e ameaçasse sua hegemonia. Embora, ele próprio tenha descumprido essa lei, ao propor o noivado de seu filho Hunerico a filha de Valentiniano III. Assim, consideramos que a memória de Genserico foi deliberadamente manipulada por Gelimero para servir aos seus próprios interesses, mas principalmente para legitimar seu reinado, como um rei ‘verdadeiramente’ vândalo.

Contudo, o cavalo representado no reverso da moeda, mais do que um mero simbolismo da glória pela guerra, quando associado as referências iconográficas do período vândalo na África, também pode nos indicar que, a cavalaria era a principal marca da aristocracia vândala dos séculos V e VI, tão bem representadas nos mosaicos de caça, que inclusive nos apresentam a utilização de cães e falcoaria para essa atividade. (FLORI, 2001; BÉJAOU, 2008).

Figura 9 - Mosaico de cavaleiro vândalo caçando



Fonte: *The British Museum*, número de registro: 1967,0405.17<sup>430</sup>

Guy Halsall (2007b) afirma que é possível encontrar diversas referências à utilização de cães por cavaleiros durante suas caçadas, seja por meio dos escritos ou na cultura material do período, como explica, a caçada e o uso de cães, tal como na figura acima, havia se tornado um importante recurso para o treinamento militar dos cavaleiros.

Bartosz Kontny (2009) revela que a cultura *Przeworsk* (associada aos vândalos) tinha uso extensivo dos cavalos, que pode ser notado nos contextos funerários, onde o cavaleiro era enterrado com seus equipamentos de equitação, armamentos e em alguns casos, até mesmo com seus cavalos, o que tornou os cavalos um indicador de status com grande valor simbólico. Olga Pischchenko (2013) apresenta que devido ao grande processo migratório sofrido pelos povos bárbaros no século V, os cavalos haviam ganhado um valor sagrado, que progressivamente se tornou símbolo das aristocracias desses reinos.

Jean Flori (2001) igualmente nos apresenta que a cavalaria não era apenas uma unidade militar de guerreiros montados<sup>431</sup>, mas sim um ofício, cuja principal característica estava centrada na lealdade régia e nas superiores habilidades de combate. No entanto, a cavalaria não era apenas de uma questão técnica, mas também de uma posição social que articula gênero (masculinidade), poder, riqueza (para manter o cavalo) e status. Atributos estes, que conferiam o acesso a métodos específicos de combate e até entretenimento (tais como a caça) acessados apenas por essa elite guerreira (FLORI, 2001, p.12). Características estas, que também podem ser observadas entre os vândalos, ainda que de forma bastante embrionária.

Como exemplo, Bartosz Kontny (2009) cita que a cavalaria (vândala) *Przeworsk* tinha como característica o uso da espora do lado esquerdo da perna do cavaleiro, igualmente, em seu braço esquerdo (quando fazia uso) mantinha um escudo e também pela mão esquerda segurava as rédeas para conduzir o cavalo. Na mão direita, por sua vez, mantinha sua arma. Deste modo, no momento de um ataque, o cavaleiro pressionava a espora no cavalo, que projetaria seu corpo para o lado esquerdo, livrando o campo de ataque do cavaleiro, ao mesmo

<sup>430</sup> Acesso em 16/02/2021, disponível em: [https://www.britishmuseum.org/collection/object/H\\_1967-0405-17](https://www.britishmuseum.org/collection/object/H_1967-0405-17)

<sup>431</sup> Como exemplo, Flori (2001) nos apresenta que a cavalaria romana não pode ser compreendida dentro do conceito de cavalaria, isso porque, a cavalaria romana até meados do século V eram apenas unidades auxiliares da infantaria romana (esta sim desempenhou um papel central), dos quais eram principalmente compostas por mercenários bárbaros e, também porque pertencer a cavalaria não era indicador de status e lealdade para e ao Império: “Este interés por la caballería, la evolución del armamento y los métodos de combate, reflejan igualmente la influencia del <<mundo exterior>> sobre el ejército romano. El enfrentamiento de los ejércitos romanos y bárbaros había revelado, de hecho, una cierta ineficacia del aparato romano tradicional, basado en la infantería” (FLORI, 2001, p.19). Kaldellis (2014, p.XIII) afirma que a cavalaria romana no período de Justiniano, equivalia aproximadamente, a 20% de todo ejército romano.

tempo em que cria um eixo de rotação que transfere o peso do cavalo para a arma que atingirá seu oponente, como podemos ver no exemplo abaixo.

Figura 10 - Exemplificação de ataque de cavalaria vândala



Fonte: Susan E. Harris, 2012. Edição do autor<sup>432</sup>.

Como vemos na figura acima, ao puxar o cavalo para a esquerda o cavaleiro tira a atenção de seu cavalo para o choque, evitando que o mesmo entrasse em pânico e disparasse para longe da batalha, e caso isso acontecesse, o cavaleiro não ficaria vulnerável, já que permaneceria em constante posição de ataque, pois o cavalo fica condicionado a correr para a esquerda (KONTNY, 2009). Tal como Flori (2001), Jacques Le Goff também observava que as táticas de batalha dos cavaleiros bárbaros eram muitos superiores as táticas da infantaria romana, e como demonstra, a força de um golpe destes poderia ser descomunal.

A superioridade da cavalaria bárbara reforça a qualidade superior de suas armas. A arma das invasões é a espada longa, cortante e pontuda, cuja eficácia é a fonte real dos exageros literários da Idade Média: capacetes cortados, cabeças e corpos partidos em dois, às vezes até o cavalo (LE GOFF, 2005, p.24).

Interessante ainda compararmos essas informações com o mosaico, que sugere a mesma tática, onde o cavaleiro conduz seu cavalo pela perna esquerda, sugerido pela ausência ao

<sup>432</sup> HARRIS, Susan E.. *Anatomy in motion, Lateral movements poster #3 - Shoulder-in*. Nossa edição consistiu no recorte de uma única figura de um pôster maior e remoção das legendas. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/831266043702558917/> Acesso em: 12/03/2021.

fundo, dando a impressão de estar posicionada no tronco do animal, faz uso de cela<sup>433</sup> e sua mão direita livre e avançada a frente de seu corpo, possivelmente representando o arremesso de uma lança. Para Joseph Morsel (2008), a cavalaria havia se tornado o principal meio de integração à identidade bárbara, e também de ascensão social para os guerreiros que aspiravam a nobreza, já que o acesso a cavalaria não era limitado a origem dos indivíduos, mas às qualidades políticas e militares.

Assim, observamos que a partir do Reinado de Gunthamundo, parece alcançar uma maior coesão social entre vândalos e romanos, pois como Phillip von Rummel (2007; 2008) nos sugere a historiografia de cunho eclesiástico foi diretamente impactada com a produção artística, e sofreu um decréscimo produtivo a partir desse reinado, momento em que Victor de Vita escrevia sua *Historia Persecutionis* (484-489). Entretanto, Rummel afirma que a produtividade textual não foi extinta, mas tomou outros rumos, pois observa que há uma alteração da predileção literária direcionada aos poemas e poesias.

Esse período, é tipicamente reconhecido como a ‘renascença vândala’, período que o poder régio havia encorajado o desenvolvimento do ensino nesses gêneros literários e em outras formas de artes, “Em Cartago, atividades literárias parecem ter se desenvolvido, e eram especialmente abundantes. As escolas literárias existiam não apenas na capital, mas também no interior das províncias<sup>434</sup>” (RUMMEL, 2008, p.171, tradução nossa). Anna Maria Wasyl (2019) identifica que Tito Lívio, Ovídio, Catulo, Marcial e principalmente, Virgílio compõe as principais influências da escola literária da África Vândala (MILES, 2005).

Leslie Dossey (2003) também identifica a existência prolongada do ensino de grego e latim (prevalência do latim), não havendo assim um rompimento linguístico com o período romano anterior, conforme vimos no primeiro capítulo.

É interessante observar que nessa literatura, particularmente durante o governo de Thrasamundo (496-523), há uma continuação da dicotomia ‘romano-bárbaro’, no entanto, essa atribuição parece não incomodar o rei vândalo, que inclusive é chamado de *rex barbarus* em uma carta, na qual recebe diversos elogios. (RUMMEL, 2007, p.77-78). Apresentando para nós, que na África Vândala o termo ‘bárbaro’ havia perdido seu sentido original e pejorativo, tal como o próprio termo ‘romano’, que deixou de ser associado a superioridade cultural romana, e passaram a ser meramente associados a origem e descendência familiar. (RUMMEL, 2007; 2008).

---

<sup>433</sup> Em outros mosaicos romanos na África anteriores a 429, e que apresentam cavaleiros não encontramos uso de cela, somente a partir da chegada dos povos vândalos esse item de cavalaria começa a ser representado

<sup>434</sup> “in Karthago ein besonders lebhaftes literarisches Treiben entfaltet zu haben scheint. Literarische Schulen existierten nicht nur in der Hauptstadt, sondern auch in Städten der Provinz” (RUMMEL, 2008, p.171).

Nesse âmbito, podemos observar que Hilderico e seu sobrinho Hoageis também haviam sido celebrados em panegíricos pelo poeta Luxorius escritos durante o Reinado de Hilderico entre 523-530, sendo um dedicado para Hilderico, um para Hoageis e um epitáfio dedicado a Damira, filha de Hoageis que havia morrido aos quatro anos de idade. O sobrinho do rei, é mencionado no epitáfio de sua filha por não estar presente no momento de sua morte, mas é celebrado como herói pois, estava defendendo as fronteiras do Reino, provavelmente contra os mouros, no momento em que recebeu a mensagem sobre o estado de sua filha.

Agora essa alma pura pertence ao Reino estrelado do Céus/ e pode ser vista na companhia dos justos/ Enquanto seu pai Hoageis protegia a Líbia pela força das armas/ ele ouviu que sua filha havia morrido repentinamente/ Esta mensagem foi mais devastadora do que qualquer inimigo/ de tal forma que até a Vitória chorou<sup>435</sup> (LUXORIUS, 1961, p.146, tradução nossa).

Hoageis é novamente celebrado em um panegírico de Luxorius, por seu jardim com grande variedade de plantas medicinais “Aqui, muitas sementes brotam e há muitas ervas essenciais a vida/ Nas quais, a saúde é preservada por um Gênio<sup>436</sup>” (LUXORIUS, 1961, p.160, tradução nossa). E seu tio Hilderico, é aclamado pela construção de um imponente palácio de mármore “Essa maravilha construída pelo rei Hilderico brilha/ uma obra de arte virtuosa, luxuosa e de valor inestimável<sup>437</sup>” (LUXORIUS, 1961, p.164, tradução nossa). Merrills (2010) nos apresenta que o palácio de Anclae, como é chamado no panegírico, poderia ter sido erguido como uma alternativa ao palácio da Colina de Byrsa, residência dos reis vândalos desde a conquista de Cartago por Genserico em 439.

Logo, é possível que Hilderico desejasse se dissociar da sua herança vândala-bárbara e reivindicar sua ancestralidade materna romana-civilizada, como vemos em um panegírico dedicado a Hilderico por um poeta anônimo, que exalta o lado romano-materno de sua família, associando o rei vândalo a dinastia teodosiana, aclamando sua linhagem imperial.

---

<sup>435</sup> “*Huius puram animam stellantis regia caeli/ Possidet et iustis inter videt esse catervis./ At pater Oageis, Libyam dum protegit armis./ Audivit subito defunctam funere natam./ Nuntius hic gravior cunctis fuit hostibus illi./ Ipsaque sub tali flevit Victoria casu*” (LUXORIUS, 1961, p.146); “*Now the starry realm of heaven possesses her pure soul and sees her dwelling among the just. But while her father Oageis was defending Libya by force of arms, he heard that his daughter had died a sudden death. This news weighed upon his heart more than all the forces of the enemy, and Victory herself wept over such a calamity*” (LUXORIUS, p.147).

<sup>436</sup> “*Hic vario frondes vitales semine crescunt/ In quibus est Genio praemedicante salus*” (LUXORIUS, 1961, p.160); “*Here from different seeds grow life-giving plants in which there is health dispensed by a guardian spirit*” (LUXORIUS, 1961, p.161).

<sup>437</sup> “*Hildirici regis fulget mirabile factum/ Arte, opere, ingenio, divitiis, pretio*” (LUXORIUS, 1961, p.164); “*The remarkable edifice of King Hilderic gleams, erected with skill, toil, talent, riches, wealth*” (LUXORIUS, 1961, p.165).

Poderoso rei dos vândalos, herdeiro de uma coroa dupla/ Você adornou seu próprio nome com seus grandes feitos notáveis/ Teodósio, o vingador, conquistou os exércitos [inimigos]/ Rendeu e aprisionou com facilidade os bárbaros/ Honório subordinou seus inimigos com armas pacíficas/ que foi o sucesso mais valioso e poderoso feito por ele/ A virtude de Valentiniano foi reconhecida em todo o mundo/ com seus inimigos escravizados, seu neto se mostra invulnerável<sup>438</sup> (ANTHOLOGIA LATINA, 1869, p.154, tradução nossa).

Ficando nítido para nós, que os romanos o reconheciam como um descendente direto de Teodósio. Merrills (2010) ainda considera que, a representação de que Hilderico como um governante de uma ‘coroa dupla’ demonstra uma tentativa de unificação das coroas do Reino Vândalo ao Império Romano no Oriente.

Deste modo, a representatividade de Hilderico como um romano, contribuiu para que ele fosse considerado converso à ortodoxia católica. Embora não existam evidências sobre isso no século VI, essa perspectiva foi largamente difundida por Paulo, o Diácono a partir do século VIII, e que parece ser aceita por Merrills: “Hilderico é neto do imperador Valentiniano, nascido de sua filha após ser levada como prisioneira para o Reino dos Vândalos. Ele não seguiu o pai na heresia, mas desejou cultivar a fé iluminada de sua mãe católica<sup>439</sup>” (PAVLI, 1879, p.129, tradução nossa). Ainda que Merrills (2010) considere Hilderico como um rei católico, é realmente muito difícil ter certeza sobre essa afirmação, uma vez que, em fontes como Victor de Tunnuna, nos *Laterculus Regum Vandalorum et Alanorum* e mesmo em Isidoro de Sevilha, todas do século VI, trazem a mesma informação, a de que Hilderico havia concedido a liberdade de culto aos católicos, assim como havia permitido a nomeação de um bispo católico para Cartago, mas nenhuma sobre sua conversão. (LATERCVLVS REGVM VVANDALORVM ET ALANORVM, 1898, p.459; VICTORIS TONNENNENSIS, 1894, p.197; ISIDORE OF SEVILLE, 1970, p.37).

Assim, a religiosidade católica pode ter sido atribuída a ele como um recurso retórico de Paulo, o Diácono, ou mesmo apenas por ele ter sido mais associado historicamente com os romanos, do que com os vândalos. (STEINACHER, 2019).

---

<sup>438</sup> “*Vandalirice potens, gemini diadematis heres./ Ornasti proprium per facta ingentia nomen./ Belligeras acies domuit Theodosius ultor./ Captiuas facili reddens certamine gentes./ Aduersos placidis subiecit Honorius armis,/ Cuius prosperitas melior fortissima fecit./ Ampla Valentiniani uirtus cognita mundo./ Hostibus addictis ostenditur arce nepotis*” (ANTHOLOGIA LATINA, 1869, p.154); “*Powerful Vandal-king, inheritor of a twinned diadem,/ You adorned your own through your great deeds!/ Theodosius the avenger suppressed the aggression of armies,/ Capturing the barbarians, in an easy contest./ Honorius subjected the enemy with arms of peace/ his better prosperity conquered./ The courage of Valentinian, known to the world in its greatness/ by the enemies reduced to his mercy, is displayed through the art of his grandson*” (MERRILLS, 2010, p.153).

<sup>439</sup> “*Hildericus eius filius ex captiva Valentiniano principis filiae ortus Wandalorum adeptus est regnum. Qui non patrem haereticum, sed matris catholicae monita sequens rectae fidei cultor enituit*” (PAVLI, 1879, p.129)

Logo, a História das Guerras de Procópio encontra eco na tradição poética e manuscrita secular romana, que também legitimava a ancestralidade de Hilderico como um nobre romano, em detrimento de sua origem bárbara.

Portanto, se essas hipóteses já pareciam uma atitude controversa entre os aristocratas vândalos. Outra atitude de Hilderico pode ter enfraquecido muito seu apoio entre seus pares, e sido determinante para sua destituição. Pouco após assumir o trono, Hilderico havia prendido a rainha antecessora Amalafriada, que havia sido esposa de Thrasamundo, até a morte deste em 523.

De acordo com Uta Heil e Christoph Scheerer (2019) o Reinado de Thrasamundo havia sido característico pela tolerância aos católicos, embora tenha pressionado a comunidade católica a conversão ao arianismo através de impostos e taxas. Assim, Victor de Tunnuna (1894, p.197) e Isidoro de Sevilha (1970, p.37) relatam que em seu leito de morte, Thrasamundo havia feito Hilderico prometer que continuaria sua política religiosa, talvez por que o moribundo rei vândalo já soubesse das inclinações de Hilderico com os católicos. E, por isso, orientou Hilderico, na intenção de que ele mantivesse o apoio dos aristocratas arianos, que se beneficiavam (e deveriam continuar se beneficiando) das taxações religiosas impostas durante o Reinado de Thrasamundo. (HEIL; SCHEERER, 2019; RUMMEL, 2008).

Procópio narra que em meados de 500, o rei Thrasamundo (496-523) havia estabelecido uma importante aliança com o rei ostrogodo Teodomiro, através do casamento entre o rei vândalo e a irmã de Teodorico, Amalafriada. Além disso, o casamento entre Thrasamundo e Amalafriada parece ter sido um evento memorável, do qual o rei Teodomiro apresentou seu cunhado com seis mil guerreiros ostrogodos, recebendo inclusive, apoio do imperador Anastácio. Esse casamento, apresenta Procópio, havia assegurando a pacificação da Sicília, que estava dividida entre os dois povos, a parte ocidental para os vândalos, e a parte oriental para os ostrogodos. (PROKOPIOS, 2014, p.162).

No entanto, pouco depois de suceder seu primo, Hilderico havia exigido que Amalafriada fosse encarcerada e, posteriormente executada junto com todos os guerreiros ostrogodos que haviam sido entregues por Teodomiro, sem que houvesse nenhuma justificativa coesa ou motivos aparentes, ocasionado o rompimento da paz com os ostrogodos. Essa atitude, no entanto, foi vista apenas como uma maneira de se alinhar com os desejos de Justino, apresentando um simbolismo de submissão do rei vândalo ao imperador no Oriente e, portanto, como um traidor de seu povo. (STEINACHER, 2019).

Roland Steinacher (2019) acredita que a principal causa que teria levado Hilderico a assassinar Amalafriada, teria sido por causa das agitações que sua guarda gótica, também de fé

ariana, provocava por causa da aproximação do rei vândalo com os católicos. Contudo o assassinato de Amalafriada parece ter sido o ápice dos descontentamentos dos aristocratas vândalos, que segundo Steinacher: “Em Cartago, os aristocratas tomaram a iniciativa, com um propósito claro de enfatizar a identidade vândala e a confissão homosiana do Cristianismo<sup>440</sup>” (STEINACHER, 2019, p.209, tradução nossa).

Além disso, é possível considerar que o histórico tratado de paz de 442 firmado entre Genserico e Valentiniano III, que reconhecia a independência do Reino Vândalo e impunha a divisão dos territórios africanos<sup>441</sup>, também foi utilizado por Procópio para conferir legitimidade ao Reinado de Hilderico. Pois, com o assassinato de Valentiniano III em 455, as Mauretânias haviam sido transmitida como uma herança de Valentiniano III para os vândalos através da união de Eudocia e Hunerico, dos quais Hilderico era descendente.

Procópio relata que após o assassinato do imperador em 455, sua esposa Licínia Eudoxia havia sido forçada a se casar com o assassino de seu marido, Maximus. Revoltada com a situação, ela havia pedido ajuda do rei vândalo Genserico para vingar a morte de seu ‘amigo e aliado’, os eventos que se seguem ao pedido ocasionaram o saque de Roma de 455, entretanto, Genserico foi celebrado como um herói da casa imperial de Valentiniano III.

Assim que o dia amanheceu, ela enviou suplicas para que Genserico se vingasse por Valentiniano, que havia sido destruído por um homem desprezível de forma indigna para ele e sua posição imperial, e também, para resgatá-la, pois estava sofrendo um tratamento profano nas mãos de um tirano. Ela afirmou que Genserico era um amigo e aliado, e a calamidade que havia caído sobre a casa imperial era tão grande, que não seria certo se ele não se tornasse um vingador<sup>442</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.154-155, tradução nossa).

---

<sup>440</sup> “*In Karthago ergriff eine Fraktion die Initiative, die ein klares Bekenntnis zu einer vandalischen Identität und der homöischen Richtung des Christentums betonte*” (STEINACHER, 2019, p.209).

<sup>441</sup> Esse tratado de paz de 442 dividiu os territórios africanos que estabeleceu o controle do Reino Vândalo sob as províncias da África Proconsular e Byzacena, enquanto que o Império do Ocidente havia ficado com as províncias das Mauretânias. Esse tratado também gerou uma grande dependência econômica do Ocidente ao Reino Vândalo, devido à importância de Cartago como abastecedora de grãos para Roma, o suprimento foi mantido através do envio de tributos regulares do Império para o Reino Vândalo. (ROSOLENI JUNIOR, 2019).

<sup>442</sup> “*As soon as day came, she sent to Carthage entreating Geiseric to avenge Valentinian, who had been destroyed by an unholy man in a manner unworthy both of himself and his imperial station, and to rescue her, who was suffering unholy treatment at the hand of a tyrant. She impressed it upon Geiseric that he was a friend and ally, and so great a calamity had fallen upon the imperial house that it would not be right for him to fail to become an avenger*” (PROKOPIOS, 2014, p.154-155); “*Y tan pronto como llegó el día, mandó mensajeros a Cartago pidiéndole a Gicerico que vengase a Valentiniano, que había perecido a manos de un criminal, de una manera indigna de él y de su condición de emperador, y que la liberase a ella, que estaba sufriendo un trato impío por parte del usurpador. Además le recordó a Gicerico que, siendo él su amigo y aliado y al haberle sobrevenido a la casa imperial una desgracia de tal magnitud, no era justo que rehusara a convertirse en su vengador*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.91).

Assim, após o resgate, Genserico manteve a família de Valentiniano em Cartago, até que, em 462 a fim de garantir a paz com os Impérios do Ocidente e do Oriente, Genserico ordenou o casamento das duas filhas de Valentiniano III, Eudocia com seu filho Hunerico, e Placídia com Olybrius um importante aliado de seu Reino e que também é descrito por Procópio como “o homem mais notável do Senado Romano<sup>443</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.155, tradução nossa). Essa sucessão de eventos permite observar que Procópio rejeitou a possibilidade de compreender o saque de Roma de 455 como um rompimento do tratado de paz de 442.

Portanto, para Rodolfi (2008), quando Procópio referência as relações diplomáticas entre o Reino Vândalo e o Império do Oriente através da ‘amizade’, ele colabora para manter a honra romana. Como considera Yves Modéran (2002):

Mas essa independência também foi disfarçada, reconvertida em uma categoria jurídica clássica, a do protetorado, materializada por tratados de amizade e aliança. Isso salvou a honra romana e ajudou a lidar com o futuro, mas de uma forma puramente formal<sup>444</sup>” (MODÉRAN, 2002, p.94, tradução nossa).

Deste modo, preservar a autonomia do Reinado Vândalo sobre as províncias africanas e intervir militarmente na África através de uma justificativa pautada na herança de Genserico, mantinha a dignidade romana, que se acreditava estar regularizada na legitimidade de Hilderico sobre a herança de seus avós. Isto é, havia a compreensão de que os vândalos haviam conquistado um direito legal de possuírem e de estarem naqueles territórios, e que não necessariamente expressava ou considerava uma derrota ou perda de territórios do Império para esse povo.

Yves Modéran (2002) ainda considerou que os vândalos haviam sido reconhecidos nos termos *socius et amicus*, mas isso não necessariamente significava que o Império reconhecia a soberania vândala. Ernst Baltrusch e Julia Wilker (2015) demonstram que os termos eram atribuídos pelos romanos aos povos dos quais, o Império mantinha um controle político e territorial indireto, isso também implicava na manutenção e manipulação de líderes bárbaros favoráveis a Roma. E por isso, o termo poderia se adaptar aos discursos do imperador Justiniano conforme desejasse, fosse em relação a compreender o Reino Vândalo como um

<sup>443</sup> “most distinguished man in the Roman senate” (PROKOPIOS, 2014, p.155); “uno de los senadores romanos más conocidos” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.93).

<sup>444</sup> “Mais cette indépendance avait été aussi déguisée, reconvertie dans une catégorie juridique classique, celle du protectorat, matérialisé par des traités d’amitié et d’alliance. Cela sauvait l’honneur romain et ménageait l’avenir, mais de manière purement formelle” (MODÉRAN 2002, p.94).

estado-cliente subordinado ao imperador, ou ainda como já considerado acima, um Reino que havia conquistado seu direito de governar, através da herança de Valentiniano III que colocava os reis vândalos (Hunerico e Hilderico) como membros da Dinastia Teodosiana e, portanto, a usurpação de Gelimero ao trono de Hilderico deveria ser avaliada como uma ameaça ao próprio Império Romano no Oriente. De uma forma ou de outra, Justiniano havia conseguido justificar a necessidade de suas campanhas contra os vândalos, ao mesmo tempo que mantém a dignidade romana. (MODÉLAN, 2002; BALTRUSCH, WILKER, 2015).

Frank Clover (1971) demonstra que, em Merobaudes encontramos o primeiro registro de um romano que reconheceu os vândalos nos termos de *socius* (aliado) em 443, pouco após o tratado de paz entre vândalos e romanos em 442. E estabelece que Merobaudes havia sido uma fonte importante para Procópio, que atualizou os termos latinos *socius et amicus* para o grego: “*φίλος τε καὶ ζυμμάχῳ*” (PROCOPIUS, 1916, p.46).

Jonathan Conant (2012) também revela que Procópio havia utilizado os termos ‘amigo e aliado’, não apenas para descrever a relação de Genserico com a família de Valentiniano, como vimos na citação acima, mas também como referência para descrever as relações diplomáticas que se seguiram nos reinados posteriores, até Hilderico que também é tratado nos mesmos termos: “Hilderico era um amigo próximo (*ζένος*) e aliado de Justiniano<sup>445</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.164, tradução nossa; PROCOPIUS, 1916, p.84).

Aliás, nos livros III e IV o termo ‘amigo’ (e derivados, como amizade) são repetidos 21 vezes na tradução de Kaldellis (2014), entre as páginas 153 e 213. Isto considerando que, delimitamos a busca em uma lacuna temporal de 429 até 534, e apenas quando o termo tem relação específica com os vândalos, também é interessante observar que o termo não foi apenas utilizado para descrever exclusivamente a relação entre vândalos e romanos, mas também entre vândalos e hunos, e vândalos e mouros.

Caso não tivéssemos limitado a busca por temporalidade, livro e/ou relação apenas com os vândalos, veríamos que o termo é repetido 148 vezes em toda a obra. Portanto, concluímos que esta é uma sentença comum de Procópio para se referir as relações diplomáticas que são estabelecidos entre dois povos.

Seguindo esse modelo de análise proposto por Rodolfi, podemos observar que após 533 com o início das guerras entre vândalos e romanos, há uma transformação substancial no discurso de Procópio, pois a partir da chegada romana na África, ele busca caracterizar a

---

<sup>445</sup> “Hilderic was a close friend and ally of Justinian” (PROKOPIOS, 2014, p.164); “Hilderico era muy amigo y huésped de Justiniano” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.119).

população dessa região através de elementos etnográficos que expressam “uma profunda dicotomia étnica<sup>446</sup>” (RODOLFI, 2008, p.236).

Procópio caracteriza a África Vândala através três principais identidades sendo elas: os romanos de Belisário, os vândalos e os líbios, a estes últimos ele atribui o status de antigos romanos, “todos os líbios foram romanos nos tempos antigos, e haviam caído sob o domínio dos vândalos sem vontade própria, pois sofreram muitos ultrajes nas mãos desses bárbaros<sup>447</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.185, tradução nossa). Deste modo, é preciso estar atento a rejeição de Procópio em qualificar as populações africanas como romanos, no entanto, “a escolha de apresentar as origens romanas dos habitantes civis africanos pode ser explicado com o objetivo de colocá-los sob o poder de Justiniano, ao invés da subordinação a monarquia vândala<sup>448</sup>” (RODOLFI, 2008, p.237, tradução nossa). É possível que essa escolha tenha sido planejada cuidadosamente por Procópio que utilizou essa distinção como um recurso a fim de elevar o caráter propagandístico das guerras de Justiniano, pois a ‘reconquista’ além de contribuir para a deposição de um rei tirano e usurpador, o Império estaria reestabelecendo a civilidade romana na região.

James Howard-Johnston (2001), assim como Boy e Baptista (2015), apresenta que Procópio era uma pessoa conhecida entre os círculos aristocráticos de Constantinopla, sendo reconhecido principalmente pela sua obra *História das Guerras*. No entanto, Howard-Johnston (2001) evidencia que, é provável que Procópio não fosse um membro ativo da alta cúpula de Constantinopla, uma vez que escritores contemporâneos e membros participativos destes círculos não conheciam Procópio pessoalmente, embora reconhecessem seu trabalho, e atribuísem grande importância a ele. Vemos ainda que a circulação de sua obra parece estar bastante limitada a esses mesmos círculos até, pelo menos, o século VII, já que entre seus leitores e admiradores é possível destacar Agátias, Menandro Protetor, o imperador Maurício I e João de Niquiu (HOWARD-JOHNSTON, 2001, 22).

Claudia Rapp (2006) destaca que, não apenas os estilos classicistas de Procópio impediram o acesso a sua obra a um público mais amplo, como também, a reprodução dos *codices* era muito limitada e acessível apenas as elites romanas, “Apenas poucas cópias dos livros estavam disponíveis, pois o material de escrita era escasso e caro. Eles eram artigos de

---

<sup>446</sup> “a deep ethnic dichotomy” (RODOLFI, 2008, p.236).

<sup>447</sup> “all the Libyans had been Romans in earlier times and had come under the Vandals by no will of their own and had suffered many outrages at the hands of these barbarians” (PROKOPIOS, 2014, p.185).

<sup>448</sup> “the choice of pushing up the Roman origins of the civilian African inhabitants might be explained with the aim of collecting on Justinian’s side those subjects of the Vandal monarchy” (RODOLFI, 2008, p.237).

luxo, e sua posse era um marcador de status social<sup>449</sup>” (RAPP, 2006, p.377, tradução nossa). E em geral, como pontua a autora, tais manuscritos eram geralmente copiados a partir de empréstimos entre indivíduos e, somente a partir do século VI, que os *scriptoria* monacais e a chancelaria imperial se dedicariam a destinar recursos (econômicos e humanos) para a preservação de obras literárias, ainda assim, em escala reduzida. Howard-Johnston (2001) apresenta que o próprio Agátias, havia feito uma cópia da História das Guerras, a partir de um manuscrito emprestado por um amigo não nomeado (RAPP, 2006; HOWARD-JOHNSTON, 2001).

Deste modo, observamos que Procópio tendo reconhecido sua audiência limitada a esses círculos intelectualizados e elitizados, era necessário apresentar o passado romano nessas regiões para onde os exércitos romanos eram enviados, com o objetivo de apresentar que era possível a reintegração dessas populações ao Império Romano. Pois, no passado essas populações já haviam professado sua lealdade ao imperador. E assim, evidenciar para os aristocratas orientais que os investimentos econômicos e militares utilizados nas campanhas de Justiniano poderiam ser recompensados.

Dessa forma, como temos visto, a união desses diversos fatores apresentados acima, havia permitido a ascensão de Gelimero e a destituição de Hilderico. E ainda que, Procópio apresente Gelimero como um usurpador ilegítimo, a fim de justificar as campanhas dos exércitos imperiais na África. É possível encontrar evidências em seu texto de que, em verdade, o novo rei havia sido eleito entre a aristocracia vândala, por ser considerado apto a reivindicar novamente a soberania do Reino Vândalo.

associando-se a todos os nobres vândalos, ele os persuadiu a tirar Hilderico do poder, alegando que ele era um rei que não servia para a guerra, que havia sido derrotado pelos mouros e que, havia os traído ao entregar o poder dos vândalos para o imperador Justino, para que ele (Gelimero) não viesse a se tornar rei, porque era de outro ramo da família; alegando caluniosamente que o objetivo da embaixada de Hilderico à Constantinopla, é que ele estaria entregando a soberania dos vândalos para Justino. Convencidos, agiram de acordo<sup>450</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.164, tradução nossa).

<sup>449</sup> “Books were available only in a few copies, as writing material was scarce and expensive. They were luxury objects, their possession a marker of social status” (RAPP, 2006, p.377).

<sup>450</sup> “associating with himself all the noblest Vandals, he persuaded them to strip the kingdom from Hilderic as being an unwarlike king who had been defeated by the Moors and had betrayed the power of the Vandals to the emperor Justin in order that the kingdom might not come to him, because he was of the other branch of the family; for he asserted slanderously that this was the meaning of Hilderic’s embassy to Byzantion, and that he was handing the power of the Vandals over to Justin. They were persuaded and carried out this plan” (PROKOPIOS, 2014, p.164); “atrayendo a su causa a los más nobles de los vándalos, los convenció para arrebatarle el trono a Hilderico, afirmando que era un rey que no servía para la guerra, que había sido derrotado por los moros y que había entregado a traición al emperador Justino el poder de los vándalos, para evitar que la realeza fuese a parar a sus manos, puesto que él, Gelimer, pertenecía a otra rama de la familia; en efecto, él

A questão sobre as relações de Hilderico com os imperadores no Oriente, é tão importante para Gelimero e a nobreza vândala, que a primeira carta de Justiniano à Gelimero marca uma virada diplomática e um momento crucial para a ascensão das hostilidades entre vândalos e romanos. Uma vez que, a carta parece ter sido interpretada como a prova que restava para que Hilderico fosse exposto como um traidor, e que estava decidido a conspirar contra Gelimero para que seus sobrinhos Hoamero e Hoageis, e não ele, o sucedessem no trono.

Deste modo, a primeira carta não obteve uma resposta formal, mas prática, já que Hoamero foi cegado, o que nos evidencia que ele era percebido por Gelimero como a principal ameaça para seu reinado, devido a liderança que exercia sobre os exércitos de Hilderico. Já Hilderico e Hoageis foram mantidos em cárcere, “Gelimero expulsou os embaixadores sem nenhum acordo, ele cegou Hoamero e manteve Hilderico e Hoageis em um confinamento severo, acusando-os de tentarem fugir para Constantinopla<sup>451</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.165, tradução nossa). Apresentando que o rei vândalo não estava disposto a negociar com seu conspirador Justiniano.

A partir de evidências internas na obra de Procópio, analisamos que em meados de 526 ou 527, Hilderico havia enviado uma embaixada até Constantinopla que foi recebida por Justino I. Entretanto, o autor não revela o objetivo da embaixada, e apenas menciona que Gelimero havia interpretado esse envio de embaixadores como uma ameaça a sua sucessão ao trono vândalo, e utilizou isso como justificativa para destronar Hilderico (PROKOPIOS, 2014, p.164).

Porém, considerando que Procópio embora relate que Gelimero era o melhor guerreiro dos vândalos: “Este homem (Gelimero) era considerado o melhor guerreiro de seu tempo<sup>452</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.164, tradução nossa), ele não deixa evidente qual o papel dele no Reinado Vândalo, uma vez que o comando dos exércitos havia sido atribuído por Hilderico a Hoamero: “Então, Hoamero, que era seu sobrinho e um guerreiro valente, liderou os exércitos

---

*afirmaba caluniosamente que su embajada a Bizancio tenía el siguiente propósito: entregar la soberanía de los vándalos a Justino. Convencidos ellos, obraron en consecuencia”* (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.120-121).

<sup>451</sup> “*Gelimer sent the envoys away with nothing accomplished, and he blinded Hoamer and also kept Hilderic and Euagees in closer confinement, charging them with planning to escape to Byzantion*” (PROKOPIOS, 2014, p.165); “*Gelimer despachó a los embajadores sin que éstos hubiesen logrado nada y a Hoamer lo dejó ciego y mantuvo a Hilderico y a Evages en un mayor confinamiento, habiéndoles acusado de planear su huida a Bizancio*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.122).

<sup>452</sup> “*This man was held to be the best warrior of his time*” (PROKOPIOS, 2014, p.164); “*Este hombre estaba considerado como el mejor guerrero de su tiempo*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.120).

contra qualquer um que estivesse em guerra com os vândalos: eles o chamavam de Aquiles dos Vândalos<sup>453</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.164, tradução nossa).

Considerando que Renan Frighetto (2000) indica que a escolha e as lealdades ao rei para as comunidades bárbaras estiveram orientadas pela aceitação da autoridade régia com base nas qualidades militares desses reis, como elemento de legitimação do poder real (FRIGHETTO, 2000, p.50).

É possível perceber que, embora, Procópio represente Hilderico como a principal ameaça da sucessão de Gelimero, o usurpador vândalo pode ter considerado que se Hoamero obtivesse apoio dos romanos no Oriente, com sua fama como Aquiles dos vândalos e posição privilegiada como líder dos exércitos vândalos, certamente teriam ameaçado a sucessão de Gelimero ao trono. (FRIGHETTO, 2000; MERRILLS, 2010).

É interessante pontuar que, como veremos adiante, ainda que na África Vândala do século VI tenha ocorrido uma tendência de classicização literária, da qual ocorre um ápice da produção de poemas e panegíricos. E a partir dessas considerações, poderíamos acreditar que, de fato, Hoamero possa ter sido nomeado entre os vândalos de Aquiles.

Entretanto, não podemos descartar a possibilidade, está sim, mais concreta, de que Procópio tenha utilizado a figura de Aquiles de maneira análoga àquela produzida por Homero na *Iliada*, já que, diversos autores já afirmaram que, Homero também compunha parte essencial das referências classicistas e literárias não apenas de Procópio, como de grande parte da literatura romana posterior. (CAMERON, 1996; KALDELLIS, 2004; BAPTISTA, 2008; NILSSON, 2010; WHATELY, 2016; WHITBY, 2018; NUFFELEN, 2018; BASSO, GREATREX, 2018; BROWNING, 2019; PAZDERNIK, 2020).

O Aquiles de Homero é referenciado constantemente através de seu caráter heroico, e como demonstram os autores João Milton Tavares e Paulo José da Costa (2018), essa não era necessariamente uma qualidade positiva atribuída aos personagens da *Iliada*, uma vez que, são os heróis gregos que sofrem de um destino implacável.

Como Victor Sales Pinheiro (2011) sugere, Aquiles estava em permanente conflito consigo mesmo, pois embora tenha nascido de uma imortal, e fosse dotado de grande habilidade em batalha equiparável aos deuses, a sua mortalidade poderia reduzi-lo ao esquecimento.

---

<sup>453</sup> “So Hoamer, his nephew and an able warrior, led the armies against any with whom the Vandals were at war; they called him the Achilles of the Vandals” (PROKOPIOS, 2014, p.164); “En consecuencia, Hoamer, que era primo suyo y un valeroso guerrero, dirigía el ejército contra aquellos con los que estuviesen en guerra los vándalos; éste era el hombre al que llamaban «el Aquiles de los Vándalos»” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.119).

Assim, José Geraldo Grillo (2014) demonstra que o maior objetivo de Aquiles era conquistar a imortalidade, que paradoxalmente, só seria alcançada pela sua morte em combate. Pois, somente a bravura e a glória na guerra que o levaria à morte, poderia torna-lo imortal na memória e no imaginário de seu povo através da fama, da poesia e dos cânticos. (PINHEIRO, 2011; GRILLO, 2014).

Mesmo sabendo das consequências de sua ação, [Aquiles] decide participar das batalhas e comanda o exército grego na linha de frente [...] Mas, o destino de Aquiles está traçado; junto com a glória conquistada vem a anunciação de sua inevitável morte. (TAVARES, COSTA, 2018, p.572).

É interessante pontuar que, como Tavares e Costa revelam, os heróis homéricos são necessariamente os transgressores das leis humanas, pois acreditam estarem acima delas. Este é também o caso de Aquiles, Gustavo Junqueira Oliveira (2013) considera que quando os heróis não se sentem valorizados, eles se negam a lutar por seus reis, e em uma sociedade com grande senso comunitário, como a grega, os heróis são aqueles que se destacam da multidão, tidos como os melhores guerreiros que assumem a frente de batalha, mas que também confrontam e competem pelo status social contra membros da sociedade com maior poder político.

Aqui, portanto, podemos considerar que Procópio retrata Hoamero em verossimilhança ao Aquiles de Homero, isso porque, vemos diversos elementos que são compartilhados por esses personagens, tais como: a liderança dos exércitos; a referida habilidade em combate; o confronto as leis de sucessão do Reino Vândalo, quando este se coloca como uma opção viável para se tornar sucessor de seu tio Hilderico; e ao associá-lo a figura de Aquiles, Procópio já indicava o destino trágico que o aguardava.

E assim, a partir das considerações de Nilsson (2010), observamos que Procópio tende a imitar o gênero textual de Homero, não apenas em sua composição, mas também na carga dramática que atribui a seus personagens. Desse modo, ele se coloca como um narrador da mesma estirpe de Homero, pois tal como este, também concede a imortalidade ao seu próprio Aquiles.

Como João Adolfo Hansen (2013) nos apresenta a *imitatio* era parte de um recurso intelectual que coloca o imitador (no caso, Procópio) como discípulo que domina as técnicas e os discursos daquele que imita (no caso, Homero). Portanto, a autoridade de Procópio passa a residir não apenas em seus próprios discursos, mas também na qualidade de replicar e

reproduzir técnicas, saberes, discursos e práticas consolidadas na própria autoridade de Homero, e das tradições literárias que se seguem a partir dele.

Logo, a segunda carta enviada por Justiniano, após receber as notícias dos acontecimentos descritos acima, eleva seu tom de agressividade, e exige a Gelimero o envio da família de Hilderico (incluindo Hoamero e Hoageis) para Constantinopla como requisito para manter o tratado de paz. No entanto, nessa carta Justiniano já expressava uma justificativa para fazer guerra contra os vândalos, baseando-se não na conquista, mas na vingança sobre a humilhação de Hilderico e seus familiares, conforme vemos na citação abaixo.

nos envie Hilderico e Hoamero, que você cegou, e também o irmão dele, para receberem o consolo que puderem depois de terem sidos privados de seu reino ou de sua visão. Não iremos ceder até que você faça isso, porque nossa motivação é a esperança de mantermos nossa amizade. O tratado de Genserico não nos impedirá. Pois, não iremos fazer guerra àquele que o sucedeu no trono, mas para vingá-lo com todas as nossas forças<sup>454</sup> (JUSTINIAN *apud* PROKOPIOS, 2014, p.165, tradução nossa).

Tendo sido ameaçado pelo imperador no Oriente pela segunda vez, em meados de 531, o rei vândalo Gelimero expõe que sua sucessão ao trono régio, havia sido realizada dentro dos termos legais, já que nesse caso, ele avalia que Hilderico tendo herança e atitudes que, como vimos, privilegiava sua ancestralidade romana, não poderia ser reconhecido como vândalo, ou mesmo como descendente de Genserico, portanto, não deveria ser considerado membro de sua família. Logo, o verdadeiro usurpador era Hilderico que assumiu o trono, mesmo sendo considerado inapto para isso.

Rei Gelimero ao imperador Justiniano. Não conquistei o poder pela força, nem fiz nada profano contra meus parentes, foi o povo vândalo que destronou Hilderico, por suas conspirações contra a casa de Genserico. Quanto a mim, fui escolhido para ser rei pela minha idade, que me garantiu a

---

<sup>454</sup> “send to us Hilderic, and Hoamer whom you have blinded, and his brother, to receive what consolation they can who have been robbed of their kingdom or their sight. We will not let the matter rest if you do not do this. We are driven by the hope that we had based on our friendship. The treaty with Geiseric will not stand in our way. For we come not to make war upon him who has succeeded to his kingdom, but as his avengers, to the extent that it is in our power” (PROKOPIOS, 2014, p.165); “Envianos, no obstante, a Ilderico y a Hoamer, el ciego, y también a su hermano, para que obtengan el consuelo que puedan tener quienes han sido privados o de la realeza o de la vista, porque no vamos a ceder, en el caso de que no nos obedezcas en esto, pues lo que nos motiva es la esperanza que yo había basado en nuestra amistad. En cuanto al tratado que nosotros habíamos concluido con Gicerico, éste no será un obstáculo para nosotros, pues no venimos a guerrear con el que le sucedió a él en el trono, sino para vengar, con todas nuestras fuerzas, su persona” (JUSTINIANO *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.122).

primazia, de acordo com a lei<sup>455</sup> (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.165, tradução nossa).

Andrew Merrills (2010) nos apresenta que a sucessão de Gelimero havia sido fácil e sem uma oposição generalizada. O que nos indica que, de fato, Gelimero havia sido eleito para assumir o trono vândalo, pois seu próprio povo considerava Hilderico como um traidor que colocaria a soberania dos vândalos em risco.

Aliás, essa questão é explícita na carta de Gelimero, que adverte o imperador para que deixe de se intrometer em assuntos alheios a sua governança, e ainda considera que Justiniano não seria um governante digno se rompesse com as promessas de seus antecessores, pois ao quebrá-las deveria ser reconhecido como um reinante ilegítimo. Já que, não podendo cumprir com o tratado de Zenão, Justiniano negligenciaria o passado e a própria linhagem imperial que se sucedeu até seu governo, características que haviam mantido a honra de seu povo, e sua própria legitimidade como imperador, pois estaria questionando a decisão de seus antecessores em manter a paz.

seria bom se você administrasse o poder que lhe pertence, e não se preocupar com o dos outros. Pois, não é justo que você, que tem um império, se intrometa em assuntos alheios. E se você quebrar o tratado e vier contra nós, nós o enfrentaremos com todas as nossas forças, colocando como testemunha os juramentos prestados por Zenão, de quem você recebeu o poder imperial que agora desfruta<sup>456</sup> (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.165-166, tradução nossa).

Entretanto, fica nítido que Procópio havia utilizado o aumento de tensões entre o Reino Vândalo e o Império Romano do Oriente como um ‘bode expiatório’ para o fracasso das campanhas contra o Império Persa, e julga que a carta de Gelimero havia sido o principal

---

<sup>455</sup> “*King Gelimer to the emperor Justinian. Neither did I take the office by force nor has anything unholy been done by me to my kinsmen. For Hilderic, while planning to subvert the house of Geiseric, was dethroned by the nation of the Vandals; and I was called to the kingdom by my years, which gave me the seniority, according to the law*” (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.165); “*El rey Gelimer al emperador Justiniano. Ni yo tomé por la fuerza el poder ni yo les he hecho nada indigno a mis parientes, pues la nación de los vándalos destronó a Ilderico al tramar éste un complot contra la casa de Gicerico y, en cuanto a mí, fueron mis años los que me llamaron a la realeza, otorgándome la primacia, al menos según la ley*” (GELIMER *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.122-123).

<sup>456</sup> “*it is good for one to administer the state that belongs to him and not to concern himself with those of others. So it is not just for you, who have a kingdom, to meddle in another’s affairs. If you break the treaty and come against us, we will oppose you with all our power, calling to witness the oaths sworn by Zenon, from whom you have received the kingdom which you hold*” (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.165-166); “*está bien que uno administre el poder que le pertenece y no hacer suyas las preocupaciones ajenas. De modo que no es justo que tú, que tienes un imperio, te entrometas en los asuntos de otros; y si rompes el tratado y vienes contra nosotros, te haremos frente con todas nuestras fuerzas, poniendo por testigos los juramentos que fueron prestados por Zenón de quien tú has recibido el poder imperial que ahora disfrutas*” (GELIMER *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.123).

motivo para selar a paz com os persas, na tentativa de reorganizar os exércitos para a futura campanha contra os vândalos na África do Norte. O que demonstra que o Império não tinha capacidade militar e financeira para sustentar a guerra em duas frentes de batalha. (PROKOPIOS, 2014, p.166; LEE, 2006; BOY, BAPTISTA, 2015). Levando a conflitos internos sobre o posicionamento do imperador e os altos funcionários do Império, associados principalmente a figura de João, o Capadócio, como já demonstramos anteriormente.

### 3.3. Fragmentação régia e a guerra contra os vândalos

Deste modo, é possível observar que, a narrativa de Procópio modela a memória de Genserico que, toma diversos contornos, de um lado ela é evocada por Justiniano para demonstrar como Genserico era leal ao Império, e a principal característica suscitada por ele é a de pacificador. Como vimos, em sua primeira carta a Gelimero, Justiniano afirma que o rei vândalo deveria agir de maneira santa, isto é, seguir os decretos de Genserico e assim como seu bisavô, conquistar seu direito não pelas armas, mas a partir de prerrogativas legais e com base na civilidade: “Se você fizer isso, obterá a benevolência de Deus e a nossa amizade<sup>457</sup>” (JUSTINIAN *apud* PROKOPIOS, 2014, p.165, tradução nossa).

George Philip Baker (2002) interpreta a carta de Justiniano, como uma tentativa do imperador enfatizar que as ações de Gelimero não eram aceitáveis, nem para a linhagem bárbara e nem para a estirpe civilizada da família de Genserico,

nem os costumes universais da humanidade civilizada, nem as disposições particulares das determinações testamentárias de Genserico justificavam a prisão e a usurpação violenta de um velho que era legalmente o rei dos vândalos<sup>458</sup> (BAKER, 2002, p.75, tradução nossa).

Aqui, portanto, a violência passa a ser representativa da barbárie, enquanto que, o respeito a um sistema legal indica a valorização dos ideais civilizatórios romanos, do qual, de acordo com Justiniano, Genserico estava submetido, mas não Gelimero.

Já, em seu contraponto, Gelimero compreende a memória de Genserico como oposta aos padrões civilizatórios romanos, como forma de atestar a representação de Genserico como

---

<sup>457</sup> “if you do this, God will be favorable to you and our relations with you will be friendly” (PROKOPIOS, 2014, p.165); “Si, en efecto, tú procedes así, obtendrás la benevolencia del Todopoderoso y la amistad de parte nuestra” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.121-122).

<sup>458</sup> “neither the universal customs of civilized mankind nor the particular provisions of the testamentary settlement of Gaiseric justified the imprisonment, and the deprivation by violence, of an old man who was legally king of the Vandals” (BAKER, 2002, p.75).

um conquistador imponente e astuto, que através das armas tornou o Reino Vândalo um poder soberano, capaz de desafiar o Império Romano, conforme já visto anteriormente (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.166, tradução nossa). Nesse ponto, observamos que a carta do rei vândalo, tentava enfatizar que o Reino Vândalo não deveria estar submetido a autoridade imperial, como os termos ‘amigo e aliado’ (*socius et amicus/φίλος τε καὶ ζύμμαχος*), que implicitamente se referiam aos estados-clientes, conforme os autores Modéran (2002), Baltrusch e Wilker (2015) consideraram.

No entanto, ainda temos uma terceira perspectiva acerca de Genserico, que é a de Procópio como narrador. Observamos assim, que Procópio apresenta uma narrativa que é, ao mesmo tempo, condizente com as tentativas de Justiniano em tentar submeter os vândalos aos termos de ‘amigo e aliado’, mas também, é possível encontrar correspondências a usurpação de Gelimero, nas atitudes de Genserico. Procópio a fim de manipular a memória do rei Genserico, cria elementos que demonstram que a usurpação e o (posterior) assassinato de Hilderico por Gelimero já eram esperadas, devido ao histórico de seus ancestrais. Ele afirma que Genserico embora fosse o filho mais velho, era um filho ilegítimo de Godegisílio, “Depois que Godegisílio morreu, seus dois filhos herdaram o trono, de um lado Gunderico, filho de sua esposa legítima e, de outro, Genserico, seu filho bastardo<sup>459</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.151, tradução nossa). E após alguns anos, supostamente, dividindo seu reinado com seu meio-irmão Gunderico, em meados de 430 e 431 Genserico teria assassinado Gunderico durante o cerco de Hipona “Lá os vândalos acamparam sob a liderança de Genserico, iniciando um cerco a cidade [de Hipona]. Pois, Gunderico já havia morrido, dizem, pelas mãos de seu irmão<sup>460</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.151, tradução nossa). Fato que sabemos se tratar meramente de uma tentativa de manipulação da memória de Genserico, pois não há dúvidas sobre a sucessão de Genserico em 428, assumindo o trono somente após a morte de Gunderico, tal como relatado por Idácio de Aquae Flaviae que havia presenciado o assentamento vândalo nas províncias da Hispânia, quase um século antes. (HYDATIUS, 1993, p.88; CLOVER, 2004).

Frank M. Clover (2004) afirma que Procópio somente havia considerado a existência de um governo diárquico (com Gunderico e Genserico), na tentativa de compreender a contagem

<sup>459</sup> “*Godigisclus had died there and his sons had inherited the command, Gontharis, who was born to him from his wedded wife, and Geiseric, of illegitimate birth*” (PROKOPIOS, 2014, p.151); “*Muerto allí ya Godigisclo, la soberanía había recaído en sus dos hijos: por una parte Gontaris, nacido de su esposa legítima y, por otra, Gicerico, hijo bastardo*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.81).

<sup>460</sup> “*There the Vandals made camp under the leadership of Geiseric and began a siege; for Gontharis had already died, they say, at the hand of his brother*” (PROKOPIOS, 2014, p.151); “*Allí habían acampado entonces los vándalos bajo el mando de Gicerico y comenzaron el asedio de la ciudad, pues Gontaris ya había muerto, víctima, según se dice, de su Hermano*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.83).

cronológica dos reis vândalos, que se iniciam somente a partir da conquista de Cartago em 439, como é visto, por exemplo, nos *Laterculi*. (LATERCVLVVS REGVM VANDALORVM ET ALANORVM, 1898, p.458; CLOVER, 2004).

Procópio nos apresenta que Genserico era um guerreiro astuto e o mais inteligente dos homens, um grande estrategista tanto em batalha, como para assegurar a paz com os romanos “Longe de se deixar levar pela Fortuna que desfrutou, Genserico agiu, ao contrário, com moderação por tudo que temia [...] Depois de ter provado sua bravura nas batalhas, ele preservou sua vitória com a maior segurança possível<sup>461</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.153, tradução nossa). Vemos assim, que Genserico é retratado como um personagem metódico, que não executa suas ações sem antes refletir e planejar.

Tal como, podemos analisar abaixo, quando Procópio relata sobre os eventos que levaram Genserico a prever que Marciano se tornaria imperador. De acordo com Procópio, o então *domesticus* de Aspar, Marciano, havia sido capturado e escravizado pelos exércitos de Genserico, no entanto, ao reunirem os escravos na presença do rei, uma águia sobrevoou e fez sombra sobre Marciano. O evento é interpretado por Genserico como um presságio de que Marciano havia sido escolhido por Deus para se tornar imperador. Desse modo, Genserico assume o compromisso de libertar Marciano, em troca deste nunca fazer guerra contra os vândalos quando se tornasse imperador.

Ao ouvir isso, Genserico considerou o significado da ação do pássaro, e se lembrou do grande poder que Áspar exercia em Constantinopla, compreendeu que aquele homem seria o imperador [...] Desse modo, ele fez Marciano jurar que, se dependesse dele, ele nunca pegaria em armas contra os vândalos. Depois de ser libertado Marciano chegou em Constantinopla e, posteriormente, à morte de Teodósio, ele assumiu o trono imperial<sup>462</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.152, tradução nossa).

---

<sup>461</sup> “he was not lifted up by the good fortune he had enjoyed but became humble because of what he feared [...] So Geiseric both showed himself a brave man in battle and shored up his victory as securely as possible” (PROKOPIOS, 2014, p.153); “lejos de dejarse arrastrar por la buena fortuna de la que había disfrutado, Gicerico, actuando, por el contrario, con moderación a causa de todo aquello que había temido [...] después de haber probado su bravura en el combate, conservó su victoria de la manera más segura posible” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.86).

<sup>462</sup> “When Geiseric heard this, he considered the meaning of the bird’s action and remembered how great a power Aspar exercised in Byzantion, and so it became evident that the man would be emperor. [...] So he bound Markianos by oaths that if it were to be in his power, he would never take up arms against the Vandals at least. Thus, then, Markianos was released and came to Byzantion and, when at a later time Theodosios died, he received the empire” (PROKOPIOS, 2014, p.152); “Al escuchar esto Gicerico y considerando, por una parte, la irrupción del águila y teniendo en mente, por otra, el poder tan grande del que disfrutaba Aspar en Bizancio, comprendió él claramente que ese hombre iba a acceder al trono imperial [...] No obstante, le obligó a jurar que, si eso dependía de él, no tomaría jamás las armas contra los vândalos. Tras ser liberado entonces Marciano, llegó a Bizancio y, posteriormente, a la muerte de Teodosio, le sucedió al frente del Imperio” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.85).

Nesse contexto, fica claro que o evento funciona na narrativa de Procópio como um recurso estilístico (digressão) e retórico, que serve ao propósito de explicar as motivações do imperador Marciano não ter feito nenhuma campanha contra os vândalos, ainda que não houvesse um tratado de paz firmado entre os dois povos. Mas, essa mesma digressão pode nos dizer muito sobre como Procópio considerava a memória do rei vândalo Genserico, caracterizado como um cristão devoto, que soube não apenas, interpretar a vontade e o propósito de Deus, como a respeitou e permitiu que ela se concretizasse. Caracterizando o rei vândalo como um homem santo, que estando próximo à Deus recebeu o dom da revelação. Colaborando na construção de uma imagem de Genserico como um idealizador de uma paz duradoura, trazendo questionamentos implícitos a narrativa, de que Genserico já saberia de seu destino como pacificador.

Neste contexto, como sugere Rodolfi (2008), era necessário manipular a memória de Genserico para demonstrar um passado onde haviam sido cultivadas boas relações diplomáticas entre vândalos e romanos. Nesse sentido, Gelimero é considerado por Procópio como sendo um rei subversivo aos ideais de seus antecessores que mantiveram a paz com o Império Romano. Assim, Justiniano é apresentado por ele, não apenas como um amigo pessoal de Hilderico, mas também como um restaurador da lei e ordem sucessória estabelecida pelo próprio Genserico (RODOLFI, 2008; MERRILLS, 2010).

Deste modo, dois aristocratas vândalos, Goda e Pudêncio, ganham destaque na narrativa de Procópio com o objetivo de demonstrar que as atitudes de Justiniano eram apoiadas e tinham legitimidade entre os vândalos, e por isso, haviam buscado apoio do imperador para retaliar o rei Gelimero. Portanto, é possível considerar que Genserico era a parte civilizada da estirpe vândala, enquanto as atitudes de Gelimero demonstravam sua contraparte bárbara e cruel de seu povo. (RODOLFI, 2008; MERRILLS, 2010).

Assim, observamos que Procópio também desejou se apropriar em sua narrativa da suposta insatisfação desses aristocratas vândalos. Pudêncio, por exemplo, é representado como um rebelde, mas não é descrito nem como romano, nem como vândalo, mas como um nativo da Líbia, que havia pedido apoio a Justiniano para manter Oea (atual Trípoli) livre dos vândalos, “Pudêncio, um dos nativos de Trípolis na Líbia, se rebelou contra os vândalos<sup>463</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.168, tradução nossa). Entretanto, é possível considerar que Pudêncio aproveitou a crise dinástica do Reino Vândalo para obter benefícios pessoais, como status e

---

<sup>463</sup> “*Pudentius, one of the natives of Tripolis in Libya, caused this place to revolt from the Vandals*” (PROKOPIOS, 2014, p.168); “*Pudencio, uno de los nativos de Tripolis de Libia, se habia rebelado contra los vándalos*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.129).

poder junto ao imperador. O que não necessariamente indica, que Pudêncio era contrário a ascensão de Gelimero ao trono.

Essa questão, se torna particularmente explícita na narrativa no trecho em que Procópio indica que Pudêncio havia assumido o comando de uma pequena parte dos exércitos de Justiniano, que havia sido enviado para Oea sob a liderança de Tatimundo, para garantir uma posição segura aos romanos na África Vândala (PROKOPIOS, 2014, p.168). E após a conquista do Reino Vândalo, reforços militares são enviados, ao menos duas vezes (meados de 534 e 543) para Pudêncio e Tatimundo em Oea, a fim de manter o controle da cidade, que sofria constantes ataques dos mouros. (PROKOPIOS, 2014, p.201). Pudêncio, inclusive, havia sido morto em batalha durante uma incursão de mouros próximo a cidade de Léptis Magna. (PROKOPIOS, 2014, p.236). Assim, é possível observar que Pudêncio, segundo Procópio, havia sido um oportunista, que aproveitou o momento de crise dinástica e diplomática para fazer carreira nos exércitos de Justiniano.

Porém, o caso de Goda é mais expressivo para nós. Sendo descrito inicialmente por Procópio como um escravo<sup>464</sup> de Gelimero: “Havia um certo Goda entre os escravos de Gelimero [...] Gelimero confiou a ilha da Sardenha a este Goda, para sua proteção e para a coletar o tributo anual<sup>465</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.168, tradução nossa). A palavra ‘escravo de Gelimero’: “*Γελίμερος δοῦλος*” (PROCOPIUS, 1916, p.98), no entanto, parece fazer mais sentido se considerado o uso retórico de Procópio, com o objetivo de descrever a grande lealdade de Goda a Gelimero, já que suas funções correspondem mais com o posto de aristocrata, e governante da Sardenha (subordinado a Gelimero), do que um escravo (*δοῦλος*).

Como Sousa (2017b) sugere, os líderes bárbaros somente são representados positivamente quando são colocados ao lado de Justiniano, e favorecem as ambições pessoais do imperador. Por isso, é possível que Procópio tenha representado Goda como um escravo de Gelimero, para depois representá-lo como tendo sido libertado por Justiniano, e como um liberto tanto da barbárie, quanto da influência maléfica do rei vândalo. Essa libertação é bastante representativa quando observamos uma tomada de consciência de Goda pelas ações do rei vândalo, e também por não desejar se tornar cúmplice desses atos.

---

<sup>464</sup> A tradução de Kaldellis e José Rubio trazem a mesma palavra ‘escravo’, para descrever a grande lealdade de Goda a Gelimero.

<sup>465</sup> “*There was a certain Goda among the slaves of Gelimer [...] To this Goda Gelimer entrusted the island of Sardinia, in order both to guard the island and to pay over the annual tribute*” (PROKOPIOS, 2014, p.168); “*Había un tal Godas entre los esclavos de Gelimer [...] A este Godas le confió Gelimer la isla de Cerdeña, para su vigilancia y para la recaudación del tributo anual*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.129-130).

Os líderes bárbaros são sempre descritos negativamente, sendo associados à crueldade, má administração e por não compartilharem da mesma religião oficial do império. Somente quando esses reis possuem uma amizade com Justiniano e tentam manter boas relações com Bizâncio que aparecem de maneira positiva (SOUSA, 2017b, p.49).

No entanto, ainda que o personagem de Goda possa ser manipulável por Procópio, que o representa como um bárbaro que ascendeu a razão. As ações de Goda, assim como sua carta a Justiniano podem expor para nós, que havia uma parte da aristocracia vândala preocupada, não especificamente com a sucessão de Gelimero, mas com a violência comandada pelo rei vândalo aos seus familiares após receber a carta de Justiniano em 530.

Para Stephanie Martins de Sousa (2017b) a perspectiva de Procópio sobre os bárbaros em sua obra, havia sido promovida da seguinte maneira: “Procópio serve-se das figuras dos líderes bárbaros para advogar modelos aceitáveis ou recusáveis de conduta frente a seus governos” (SOUSA, 2017b, p.44). Desse modo, observamos que Procópio tinha como objetivo projetar a perspectiva bestializada dos bárbaros, demonstrando que os povos locais, os ditos ‘antigos romanos’ deveriam perceber que permaneciam sob a tirania de um líder bárbaro que havia usurpado o poder dos romanos, e assim apresenta a intervenção de Justiniano como uma alternativa ao poder bárbaro.

Aliás, em meados de 532 (RUBIO, 2006, p.129) em carta destinada a Justiniano, Goda apresenta que somente traiu Gelimero por causa da violência desproporcional operada pelo rei vândalo.

Não foi porque cedi a loucura, nem por ter sofrido qualquer ato desagradável nas mãos de meu senhor que me rebelei, mas vendo a crueldade desse homem contra seus parentes e súditos, não estava disposto a ser visto como alguém que apoiou esses atos desumanos<sup>466</sup> (GODA *apud* PROKOPIOS, 2014, p.168, tradução nossa).

O nobre vândalo ainda expressa sua indignação acerca da inconstitucionalidade das ações de seu rei contra aos seus familiares, nomeando-o como um tirano, que não media esforços contra seus opositores: “é preferível servir a um rei justo do que a um tirano que dá

---

<sup>466</sup> “It was neither because I am ungrateful nor because I suffered anything unpleasant at my master’s hands that I turned to rebellion, but seeing the vicious cruelty of the man toward both his kinsmen and subjects, I was unwilling to be seen as sharing in his inhumanity” (GODA *apud* PROKOPIOS, 2014, p.168); “No fue ni por ceder a la insensatez ni por haber sufrido ningún acto desagradable de parte de mi señor por lo que fijé mi atención en una revuelta, sino que, al contemplar cuán grande fue la crueldad de este hombre hacia su familia y sus súbditos, no podría yo dar la impresión, voluntariamente al menos, de que participo de su falta de humanidad” (GODA *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.130).

ordens em desacordo com a lei<sup>467</sup>” (GODA *apud* PROKOPIOS, 2014, p.168-169). Deste modo, percebendo a crescente hostilidade entre romanos e vândalos, Goda se posicionou em favor de Justiniano, oferecendo um ponto de apoio no Mediterrâneo para os exércitos de Justiniano na guerra contra os vândalos, em troca, o imperador deveria ajudar a estabelecer um reino independente na Sardenha.

Fato que, como vemos, é atestado por Alberto Trivero Rivera (2014) ao analisar a cunhagem de moedas feitas em nome de Goda, inicialmente entre 530 e 531, as moedas com seu nome eram legendadas como: *[G]VBER[NATOR] CVDA*. O que nos indica não apenas a proeminência e a importância da Sardenha, que tinha recursos próprios para cunharem suas moedas, como também demonstram o grande privilégio e posição social que Goda ocupava na ilha, de tal forma que apenas o governante da Sardenha e o rei vândalo tinham moedas cunhadas em seus nomes.

Figura 11 - Moeda de Goda



Fonte: RIVERA, 2014, p.97.

No entanto, Rivera (2014) nos aponta que, a partir da rebelião de Goda em 532, a cunhagem de moedas havia sofrido algumas transformações, a principal delas é a alteração do título de Goda, que surge como: *CVDA REX*, como vemos acima, no anverso da moeda, tipificada pelo autor como um *nummus*. Demonstrando para nós, que devido ao seu baixo

<sup>467</sup> “It is better to serve a just king than a tyrant whose commands are unlawful” (GODA *apud* PROKOPIOS, 2014, p.168-169); “es preferible servir a un rey justo que a un tirano que da órdenes no conformes con la ley” (GODA *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.130).

valor e, portanto, de maior circulação, Goda desejava ser rapidamente reconhecido como rei pela população local da ilha, que também era responsável por colocarem essas moedas em circulação. Contudo, os achados numismáticos do Reinado de Goda encontrados apenas na Sardenha, revelam que elas não conseguiram atingir grande amplitude geográfica, como as moedas dos reis vândalos. (REYNOLDS, 2016; RIVERA, 2014; RUMMEL, 2010; 2016). Entretanto, os autores ao concluírem a circulação limitada a região da Sardenha, não levaram em consideração que os achados arqueológicos dependem de fatores de preservação, externos ao próprio material em si, tais como elementos climáticos, ecológicos, geológicos e até mesmo fatores de intervenção humana, como o derretimento do material para confecção de outros utensílios, dentre outras possibilidades.

Dessa forma, ainda que nossas fontes sobre o Reinado de Goda na Sardenha estejam hoje, resumidos aos relatos de Procópio e as moedas produzidas em seu nome, observamos que seu breve reinado teve uma grande importância para os planos de Justiniano na guerra contra os vândalos.

Pois, é claro que, se não houvesse a possibilidade de desembarque na Sicília, a Sardenha seria uma ótima opção de paragem aos exércitos de Justiniano, como vimos na figura 5 (de Constantinopla a Cartago), uma rota que seria considerada ideal, deveria contornar o litoral norte da Sicília, não deixando os navios vulneráveis em mar aberto, preocupação que também é figurada no discurso de João, o Capadócio. No entanto, na impossibilidade de acessar essa ilha, a Sardenha poderia fornecer um importante ponto de apoio, tanto para conflitos iniciais, como também para uma guerra que se estendesse por um período mais longo.

Diante desses conflitos e traições, o imperador Justiniano parecia ter observado um momento oportuno para obter apoio na sua campanha contra os dissidentes de Gelimero. Nesse contexto, Procópio nos apresenta que o imperador havia enviado para a Sardenha, ao menos 400 soldados que permaneceriam sob a liderança de Cirilo, “preparou um contingente de quatrocentos soldados e enviou Cirilo como comandante, para proteger a ilha junto com Goda<sup>468</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.169, tradução nossa). A justificativa apresentada por Procópio, é que as forças de Cirilo deveriam manter uma posição estável que pudesse ser utilizada em uma guerra mais duradoura, mas também é bastante provável que o imperador desejasse garantir a continuidade da fragmentação no Reino Vândalo, para não correr o risco de uma possível conspiração entre Goda e Gelimero contra Justiniano.

---

<sup>468</sup> “was preparing four hundred soldiers with Kyrillos as commander to assist Goda in guarding the island” (PROKOPIOS, 2014, p.169); “preparaba un contingente de cuatrocientos soldados y a Cirilo en calidad de comandante, para proteger la isla junto a Godas” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.131).

O imperador ainda parece ter se aproveitado das hostilidades entre ostrogodos e vândalos, iniciadas após a morte de Amalafriada em meados de 525 (STEINACHER, 2016). Logo, Justiniano havia se aproximado da rainha ostrogótica Amalasantha (sobrinha de Amalafriada e mãe de Atalarico), que é descrita quase como uma reinante ‘fantoche’<sup>469</sup> do imperador:

Amalasantha temia tanto pelo seu filho, quanto pelo seu reino, e por isso cultivou uma amizade com Justiniano com muito cuidado; ela obedeceu aos seus comandos em todos os assuntos, e naquelas circunstâncias prometeu que forneceria alimento para seus exércitos e assim o fez<sup>470</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.175, tradução nossa).

De acordo com Renato Viana Boy (2013; 2019) a relação entre Amalafriada e Justiniano haviam sido estabelecidas com a premissa de que Justiniano pudesse intervir discretamente na Itália ostrogótica, enquanto apoiava o Reinado de Amalasantha e que garantisse a sucessão de seu filho ao trono ostrogodo.

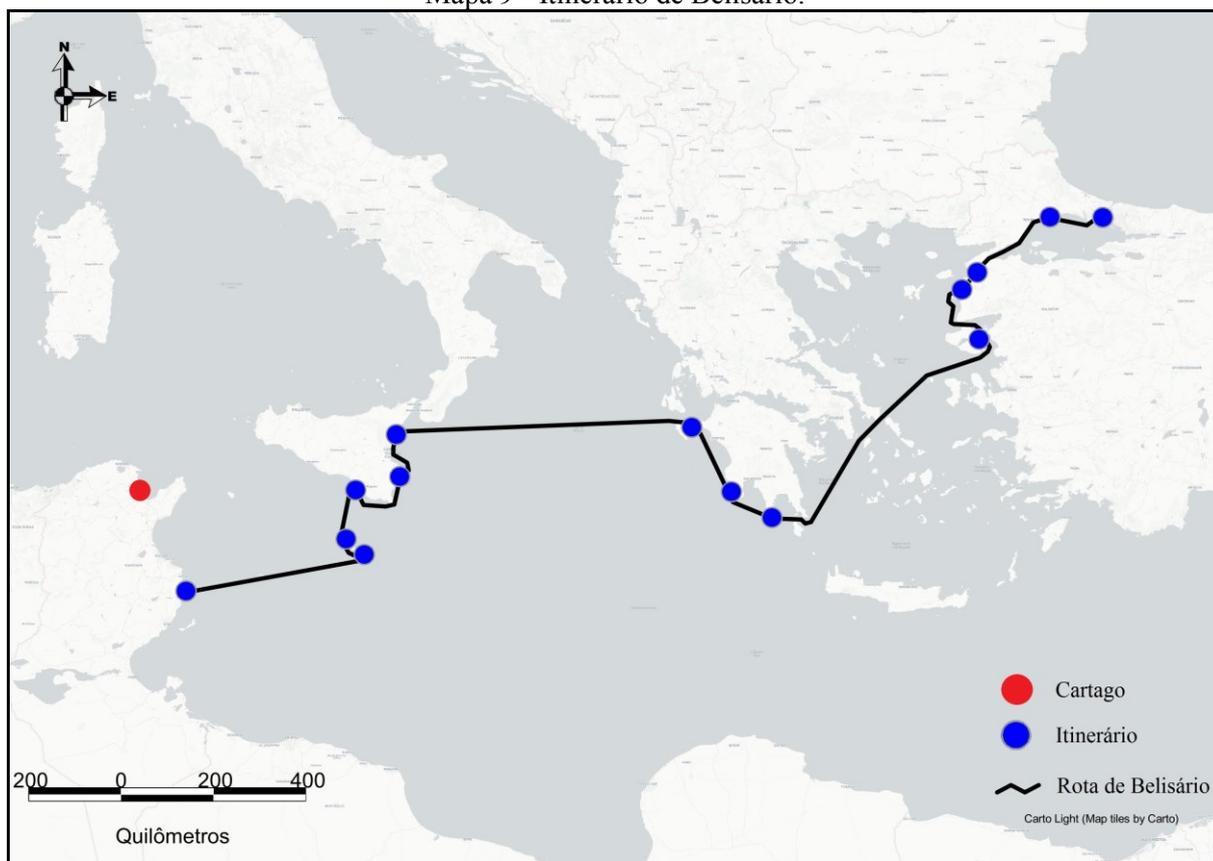
Assim, em meados de 533, pouco antes do envio de tropas para a África Vândala, Amalasantha garantiu apoio ao imperador romano, oferecendo vínculos comerciais e uma posição segura na Sicília aos exércitos de Belisário, conforme podemos observar no mapa 9, a seguir.

---

<sup>469</sup> O termo ‘fantoche’ consta entre aspas, pois ainda que possamos considerar que a rainha Amalasantha tenha sido manipulada por Justiniano, Renato Boy (2013) aponta que Procópio não a compreendia dessa maneira, uma vez que para o autor romano, Amalasantha e Justiniano exerciam sua autoridade régia e imperial em níveis distintos. A mesma compreensão também se estende para a relação entre Hilderico e Justiniano.

<sup>470</sup> “*Amalasantha was fearful both for her child and the kingdom, and cultivated the friendship of Justinian very carefully; she obeyed his commands in all matters and at that time promised to provide a market for his army, and did so*” (PROKOPIOS, 2014, p.175); “*al temer Amalasantha tanto por su hijo como por el trono real, cultivaba muy estrechamente la amistad de Justiniano y, como ella lo atendía en todos los demás encargos que éste le hacía, en aquellas circunstancias le prometió que proporcionaría víveres a su ejército y así lo hizo*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.147).

Mapa 9 - Itinerário de Belisário.



Fonte: Elaborado pelo autor

É interessante observarmos que há um padrão narrativo, praticamente idêntico sobre o qual, Procópio atribui a regente ostrogótica o mesmo destino de Hilderico. Como Boy (2013; 2019) nos apresenta a aristocracia ostrogótica também acreditava que a aproximação de Amalasunta ao imperador no Oriente era representativa de uma subordinação aos romanos. Para o pesquisador, tal como nas campanhas contra os vândalos, o assassinato da rainha em 535 havia sido a principal motivação para o envio de tropas romanas a Itália, “Concordando com Procópio de Cesareia, Jordanes identifica o início das guerras contra os godos na Itália com o assassinato de Amalasunta, o que o imperador teria considerado uma afronta pessoal” (BOY, 2019a, p.9). No entanto, embora Amalasunta e Justiniano tivesse acordos comerciais que garantiram a pacificação e pontos de paragem na Sicília Ostrogótica, não parecia haver um tratado que oficializava essas relações entre o Império Romano e o Reino Ostrogodo.

Em consequência, a narrativa de Procópio apresenta uma grande tensão de Belisário ao desembarcar na ilha, já que temia que os vândalos tomassem conhecimento de sua campanha, pois o *magister militum per Orientem* sabia que para ter sucesso, deveria aproveitar ao máximo o elemento surpresa de sua chegada na África, a fim de contrabalancear a força dos exércitos vândalos contra os exércitos sob sua liderança.

Assim que Belisário desembarcou na ilha, começou a ficar inquieto, sem saber como proceder, e sua mente foi atormentada porque ele não sabia que tipo de homens eram os vândalos, o que eles almejavam e como eles eram em relação a guerra, ou de que maneira, ou de qual base de operações eles lançariam seus ataques<sup>471</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.175, tradução nossa).

Além disso, Procópio admite que a força expedicionária de Belisário era inferior aos exércitos vândalos, principalmente em uma suposta batalha marítima, da qual os soldados de Belisário não estavam preparados, e reconhece que se tal situação ocorresse haveriam muitos desertores, e a batalha estaria perdida mesmo antes de ter início.

Mas, acima de tudo, ele estava preocupado com a atitude de seus soldados, que tinham um medo terrível de uma batalha naval e que de forma alguma se envergonhavam de reconhecer que, se trazidos para a costa eles lutariam como homens valentes em terra, mas se fossem atacados por navios inimigos, recuariam, pois não se sentiam capazes de lutar contra dois inimigos ao mesmo tempo: os homens e as águas<sup>472</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.174, tradução nossa).

De fato, observando atentamente o itinerário apresentado por Procópio (2014, p.174-175) e que consta no mapa 9 acima, podemos considerar que o percurso adotado por Belisário reflete a preocupação de serem surpreendidos durante a navegação, e por isso, é possível notar ao menos 5 interrupções na navegação em pouco menos de 400 quilômetros, entre a chegada na Sicília e o desembarque na ilha de Melita (atual Malta).

É interessante observar que Procópio se coloca como um personagem de suma importância para que os exércitos comandados por Belisário seguissem rapidamente para a África Vândala, e mantivessem a guerra contra os vândalos como uma surpresa desagradável

---

<sup>471</sup> “As soon as Belisarios had disembarked upon the island, he began to feel restless, not knowing how to proceed, and his mind was tormented by the thought that he did not know what sort of men the Vandals were against whom he was going, and how strong they were in war, or in what manner the Romans would have to wage the war, or what place would be their base of operations” (PROKOPIOS, 2014, p.175); “Y Belisario, tan pronto como desembarcó en la isla, se sentía irritado al no saber qué hacer y lo que atormentaba su mente era el hecho de ignorar qué tipo de hombres eran los vándalos aquellos contra los que se dirigía o cómo eran en relación con la guerra, ni de qué manera o desde qué base de operaciones debían lanzar sus ataques” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.146).

<sup>472</sup> “Most of all he was disturbed by the soldiers, who were in mortal dread of sea-fighting and had no shame in saying beforehand that, if they disembarked on the land, they would try to show themselves brave men in the battle but, if hostile ships came against them, they would turn to flee; for, they said, they were not able to fight against both men and the water” (PROKOPIOS, 2014, p.174); “Pero, por encima de todo, lo intranquilizaba la actitud de sus soldados, que sentían un miedo terrible a una batalla naval y que en modo alguno se avergonzaban de advertir que, si se les depositaba en tierra, tratarían de desenvolverse como hombres valientes en la lucha, pero que, si los atacaban barcos enemigos, se batirían en retirada, pues no se sentían capacitados para combatir contra dos enemigos a la vez: los hombres y las aguas” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.146).

para Gelimero. Ele relata, que após chegarem a Sicília, Belisário o enviou para obter informações sobre como os exércitos vândalos estavam organizados e dispostos na África, e também para se assegurar que o rei vândalo não havia preparado nenhuma armadilha contra os romanos.

ele enviou Procópio, seu conselheiro, a Siracusa, para descobrir se o inimigo havia armado alguma emboscada, ou se haviam navios que vigiavam a passagem através do mar, seja na ilha ou no continente, e também qual o melhor local para o desembarque e a partir de que ponto seria vantajoso para eles começarem a travar a guerra contra os vândalos<sup>473</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.174, tradução nossa).

Nesse contexto, após descobrir que o rei vândalo estava tão preocupado em reconquistar a Sardenha e destronar Goda, Procópio rapidamente insistiu para que Belisário continuasse a campanha, pois como Gelimero havia enviado seu irmão Tzazão com parte dos exércitos vândalos, ele acreditava que o rei vândalo não teria condições de articular o ataque à Sardenha, simultaneamente com a defesa de seus territórios, pois parecia desconhecer o apoio e o papel de Justiniano na traição de Goda “E por essa razão Gelimero, que não pensava sobre o inimigo, deixou Cartago e todas as cidades costeiras desprotegidas [...] Assim, foi possível navegar sem temer qualquer dificuldade e ancorar onde o vento os mandasse<sup>474</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.175, tradução nossa). Deste modo, é possível observar que o próprio autor se coloca como um elemento decisivo nas guerras contra os vândalos, e ao considerarmos que a narrativa é produzida em momento posterior aos acontecimentos, notamos que ele próprio se insere como um dos personagens responsáveis pela reconquista.

Para Alan Ross (2018) essa característica do próprio autor de se colocar como um personagem da obra, é uma tentativa de reafirmar sua própria autoridade histórica, uma vez que ao se inserir na narrativa, ele dá credibilidade a ele próprio como uma fonte confiável de

---

<sup>473</sup> “he sent Prokopios, his adviser, to Syracuse, to find out whether the enemy had set any ambushes to keep watch over the passage across the sea, either on the island or on the continent, and where it would be best for them to anchor in Libya, and from what point as a base it would be advantageous for them to start in carrying on the war against the Vandals” (PROKOPIOS, 2014, p.174); “envió a Procopio, su consejero, a Siracusa con el fin de averiguar si los enemigos tenían naves emboscadas vigilando el paso o en la isla o en la parte continental y también en qué lugar de Libia sería mejor para ellos anclar, así como la base de operaciones de la que les convenía lanzarse para llevar a buen término la guerra contra los vándalos” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.146).

<sup>474</sup> “And for this reason Gelimer, with no thought of an enemy in mind, was neglecting Carthage and all the other places by the sea [...] So it was possible for them to sail without fearing any difficulty and to anchor wherever the wind should send them” (PROKOPIOS, 2014, p.175); “por esta razón, no abrigando Gelimer en su mente ninguna intención hostil y dejando de lado a Cartago y a todas las demás ciudades costeras [...] de tal forma que ellos podían navegar sin tener que sufrir ningún contratiempo y echar el ancla allí donde el viento los llevase” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.148).

informações, a tal ponto, que a mensagem do personagem se torna decisiva para a sequência dos eventos, e porque não, das próprias vitórias que os exércitos obtiveram.<sup>475</sup>

Ross (2018) observa que quando Procópio faz uso de seu personagem<sup>476</sup>, ele geralmente é tido como um mediador entre as comunidades locais e os exércitos romanos, e as ações de seu personagem avaliam e servem de parâmetro para obter a verdade.

Procópio, descrito como um personagem em primeira pessoa, é um investigador itinerante. Da mesma forma como o jornalista moderno [...] é designado para dar credibilidade aos contos que o narrador admite abertamente beirarem o incrível<sup>477</sup> (ROSS, 2018 p.81, tradução nossa).

Como vemos, as informações que são entregues por Procópio não são contestadas, e devido a grande confiança que Belisário deposita nele, o general rapidamente mobiliza seus

---

<sup>475</sup> É interessante perceber que Procópio somente se coloca como um personagem na História das Guerras a partir do Livro III. Antes disso, ele cita a si mesmo apenas 1 vez no Livro I, quando menciona que foi escolhido por Belisário para escrever esta obra: *“It was at that time that Prokopios, who wrote this history, was chosen as his adviser”* (PROKOPIOS, 2014, p.28). Após isso, encontramos referência a ele somente a partir do Livro III, quando Procópio se mostra apreensivo e amedrontado com seu próprio futuro em meio ao embarque das tropas rumo a África Vândala: *“Prokopios was also with them [...] Previously he had been extremely terrified at the danger, but later he had seen a vision in his sleep that caused him to take heart and made him eager to go on the expedition”* (PROKOPIOS, 2014, p.171). Como vemos, embora Procópio seja representado através do medo que o consome, ele também é igualmente representado como um personagem que reconhece o destino que virá. Nesse ponto, podemos considerar que Procópio faz uso de um recurso literário interessante, pois ao escrever sobre si mesmo como um personagem amedrontado no passado, ele próprio como narrador, escrevendo em meados de 550, demonstra que a serenidade alcançada pelo personagem através deste sonho, é na verdade alcançada pela certeza de ter sobrevivido aos eventos que presenciou. Portanto, ao se colocar como um personagem no passado, e um narrador no futuro, Procópio se insere em sua narrativa como um personagem que consegue prever os resultados e ações de outros indivíduos, tornando-se uma espécie de oráculo. Que inclusive, tinha aptidão para interpretar os sinais divinos de uma vitória fácil para os romanos: *“In congratulating the general, Prokopios said that he rejoiced at the abundance of water, not so much because of its usefulness as because it seemed to him the sign of an easy victory, and that God was foretelling a victory to them. And this actually came to pass”* (PROKOPIOS, 2014, p.178). Portanto, somente seu próprio personagem é capaz de reconhecer os sinais, pois é o único que se mantém em duas linhas de tempo paralelas, uma no passado como personagem e outra no futuro como autor, que devido a essa qualidade, prevê todos os eventos que estão por vir.

<sup>476</sup> De acordo com Beth Brait (1985) e Anatol Rosenfeld (2009), as personagens literárias são tentativas do autor em construir um retrato de uma pessoa real, da qual detém atributos que, a partir destes, permitem simular ações com base nas qualidades projetadas para esses personagens. Expondo assim, possíveis ações e atitudes que seriam igualmente tomadas na realidade. Dessa forma, o autor fornece uma projeção aos seus leitores sobre como as pessoas reais, que estão representadas através de seus personagens, agiriam, lidariam, ou se sentiriam diante de situações controversas. Assim, portanto, as personagens são confrontadas constantemente através de hipérboles e, momentos decisivos, que surgem nessa narrativa, como elementos de dramatização, que tinha como objetivo simular a realidade em um nível em que os leitores, passassem a confundir a realidade existente com a narrativa ficcional. Deste modo, as construções dos personagens são cuidadosamente preparadas com base em qualidades e atributos que o autor desejava associar, não apenas ao seu próprio personagem fictício, construído para assumir um papel dentro de sua narrativa, mas também para conceber a forma de como aquela pessoa agiria e se comportaria na realidade. Aproximando o leitor de um retrato simulado, que poderia criar empatia ou repulsa dos leitores (conforme o desejo do próprio autor) para com os personagens descritos e representados em sua obra. Logo, o autor poderia através de sua obra, conduzir parte da opinião pública de uma pessoa. (BRAIT, 1985; ROSENFELD, 2009).

<sup>477</sup> *“Procopius as a first-person character is an itinerant investigator. In the mode of the modern journalist [...] is designed to lend credibility to the tales that the narrator openly admits verge on the incredible”* (ROSS, 2018 p.81).

exércitos para avançarem rumo à África (PROKOPIOS, 2014, p.175). No entanto, observamos que aqui, há um grande contraste com as demais representações de Belisário, que é indicado em todo o livro III como um comandante moderado e bastante cauteloso, principalmente após a chegada na Sicília. De acordo com Procópio, ao se reunir com seus comandantes pouco antes do desembarque em *Caput Vada* (atual Chebba), Belisário permitiu que eles falassem livremente sobre seus planos para a guerra, como uma forma de conhecer os posicionamentos de seus exércitos<sup>478</sup>.

Para Kaldellis (2004) um dos elementos narrativos utilizados por Procópio que merecem mais a atenção dos historiadores, são os discursos utilizados em sua obra. Isso porque os discursos são elementos textuais inseridos na obra para conferir a interação entre o evento e a ação. Geralmente, apresentando um contraste entre dois personagens que estão em lados opostos, e tem como objetivo demonstrar qual dos lados tomou a melhor atitude, mas como demonstra Kaldellis, fornece um elemento para auxiliar a compreensão sobre a narrativa factual: “É apenas através dos discursos, que o leitor pode efetivamente entender o que acontece durante as batalhas e porquê. Isso inclui a motivação, o planejamento e as táticas de ambos os lados, bem como as consequências<sup>479</sup>” (KALDELLIS, 2004, p.29, tradução nossa). Ainda que tais discursos possam ser uma mera construção narrativa, isso parece ser improvável, já que como Brodka nos alerta que Procópio fez uso extensivo de uma rede de informantes, no entanto, devido a esse caráter também é difícil tomar os discursos como retratos fiéis das falas dos personagens.

Por isso, Kaldellis propõe que os discursos devem ser compreendidos como uma forma de Procópio se comunicar com seus leitores, e demonstrar a partir desses discursos, alguns

---

<sup>478</sup> Aqui é particularmente interessante observar a grande diversidade das origens das lideranças militares, sendo representado como a autoridade máxima dos exércitos de Justiniano, Belisário é descrito como um soldado de origem germânica (PROKOPIOS, 2014, p.170) e tinha sob seu comando, o *magister militum per Armeniam* Dorotheus, o *domesticus* Salomão (é destacada sua origem em Dara, cidade fronteiriça disputada com o Império Persa), outros comandantes menores também são citados: “*There were also Kyprianos, Valerianos, Martinos, Althias, Ioannes, Markellos, and the Kyrillos whom I mentioned above. In charge of the cavalry were Rouphinos and Aigan, who were of the household of Belisarios, as well as Barbatos and Pappos, while the infantry was commanded by Theodoros, whom they also called Kteanos, and Terentios, Zaïdos, Markianos, and Sarapis. One Ioannes, a native of Epidamnus which is now called Dyrrachion, held supreme command over all the leaders of infantry*” (PROKOPIOS, 2014, p.169). Destes, apenas Cirilo não havia sido chegado a África com Belisário, pois havia sido enviado à Sardenha para auxiliar Goda. Entre os soldados não-romanos (*foederati*) haviam hérulos liderados por Faras, e hunos liderados por Sinnion e Balas. Além disso, são destacadas as origens mediterrânicas dos comandantes navais dos exércitos de Belisário “*In all the vessels together there were thirty thousand sailors, Egyptians and Ionians for the most part, and Kilikians, and one commander was appointed over all the ships, Kalonymos of Alexandria*” (PROKOPIOS, 2014, p.169-170). Arquelau também é citado como um membro ilustre e ex-prefeito pretoriano de Constantinopla que integrava parte das lideranças dos exércitos enviados a África.

<sup>479</sup> “*It is only through the speeches that the reader can actually understand what happens during the battle and why. This includes the motivation, planning, and tactics of both sides as well as the outcome*” (KALDELLIS, 2004, p.29).

padrões de como os generais descritos idealmente agiram, pensaram e se comportaram, atribuindo ao personagem características próprias dos discursantes. (KALDELLIS, 2004).

Em sua narrativa, Procópio apresenta o discurso de Arquelau como uma alternativa a prudência de Belisário, que era apresentado na narrativa como um comandante mais impetuoso. Segundo Procópio, Arquelau desejava avançar diretamente para Cartago, a fim de aproveitar a ausência do rei vândalo na cidade, acreditava que a liderança vândala não conseguiria se articular contra um ataque decisivo, rápido e inesperado diretamente na capital do reino, considerada a única cidade fortificada da África Vândala, e por isso, ao dominá-la a cidade se tornaria um bastião do Império Romano.

Ao contrário, eu penso que devemos avançar diretamente para Cartago pois dizem que existe um porto, que chamam de *Stagnum* e que está a não mais de quarenta estádios da cidade, totalmente desprovido de vigilância e que é suficientemente grande para abrigar toda a frota. Se fizermos desse local nossa base de operações, continuaremos a guerra sem dificuldade<sup>480</sup> (ARCHELAOS *apud* PROKOPIOS, 2014, p.176, tradução nossa).

Ao apresentar o discurso de Arquelau, Procópio desejava evidenciar esse grande contraste entre o ex-prefeito pretoriano de Constantinopla e de Belisário, colocando em oposição o discurso de um romano ilustre, que representava a aristocracia da capital do Império, e que talvez, representasse melhor os interesses do imperador, mas que trazia consigo um discurso político, crença da inabalável superioridade romana. (GILLET, 2009).

Como veremos adiante, a crença na superioridade romano, não apenas por Arquelau, mas também por Justiniano é tão enfática que, a partir dos conflitos com Gelimero em meados de 533, Justiniano passa a adotar termos como *'vandalicus'*, *'alanicus'* e *'africanus'* em sua titularia, como forma de reivindicar seu poder sobre esses povos, na tentativa de apresentá-los como submetidos ao seu governo. Arquelau por sua vez, é enviado para a África junto de Belisário com as insígnias de um procônsul.

Contrastando assim, ao discurso de Belisário, um general romano de origem bárbara, e por consequência, ciente da habilidade dos exércitos não-romanos e da pouca eficácia dos idealismos nos campos de batalha, trazendo consigo um posicionamento mais equilibrado.

---

<sup>480</sup> "I think that we ought to make straight for Carthage. For they say that there is a harbor called *Stagnum* not more than forty stades distant from it, which is entirely unguarded and large enough for the whole fleet. If we make this the base of our operations, we will carry on the war without difficulty" (ARCHELAOS *apud* PROKOPIOS, 2014, p.176); "Yo pienso, por el contrario, que debemos marchar directamente a Cartago, pues dicen que hay un puerto, al que llaman *Estagno* y que no está de la ciudad a una distancia superior a cuarenta estadios, completamente desprovisto de vigilancia y que es lo suficientemente grande para albergar a la totalidad de la flota. Tomando como base de operaciones ese lugar, no nos resultará difícil llevar a buen término la Guerra" (ARQUELAO *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.152).

Mas, que também se demonstra ciente de que, um suposto avanço imediato sobre a capital vândala poderia acarretar em uma batalha naval, fato para o qual havia sido especificamente alertado por outros comandantes, de que seus soldados não lutariam no mar, o que acarretaria na deserção de grande parte de seu contingente.

Fato para o qual ele chama a atenção em seu discurso:

Vale a pena lembrar uma coisa: os soldados recentemente disseram abertamente que temiam os perigos do mar e que fugiriam se algum navio inimigo os atacasse. Oramos a Deus para que consigamos ver a Líbia e que Ele nos permita um desembarque pacífico nela [...] Se navegarmos direto para Cartago e uma frota hostil nos encontrar, os soldados não teriam culpa se fugissem o mais rápido possível: e isso é uma falha avisada de antemão que acarreta sua própria justificativa. Para nós, no entanto, mesmo que nos salvemos, não haverá nenhum tipo de perdão<sup>481</sup> (BELISARIOS *apud* PROKOPIOS, 2014, p.177, tradução nossa).

Deste modo, Belisário consegue convencer seus oficiais a desembarcarem a uma distância segura de Cartago, em *Caput Vada*, local onde estabeleceram um acampamento defensivo inicial, permitindo que todo o esforço de guerra fosse preparado. Procópio ainda menciona que a estratégia de Belisário deu ao exército romano uma vantagem de pelo menos 4 dias de marcha, até que o exército romano fosse notado pelo rei vândalo Gelimero, a aproximadamente pouco mais de 80 quilômetros de distância de Cartago.

É interessante observar que durante a marcha de Belisário na África Vândala, o primeiro ataque é feito na cidade de *Syllectum* (atual Salakta), entretanto, Procópio relata que a chegada de um destacamento enviado a cidade havia sido pacífica, e recebida sem nenhuma oposição pelos habitantes locais. Embora, seja evidente que o exército tenha saqueado a cidade, já que Procópio relata a ‘concessão’ de cavalos dos *veredarii* (mensageiros reais) aos romanos, “No mesmo dia, o supervisor do correio público desertou, entregando todos os

---

<sup>481</sup> “But it is worth reminding you of this fact, that the soldiers said openly a little earlier that they feared the dangers of the sea and would turn to flight if a hostile ship attacked them. We prayed to God to show us the land of Libya and allow us a peaceful disembarkation on it [...] If we do sail straight for Carthage and a hostile fleet encounters us, the soldiers would be blameless if they were to flee with all their might, for a delinquency announced beforehand carries within it its own defense; but for us, even if we come through safely, there will be no forgiveness” (BELISARIOS *apud* PROKOPIOS, 2014, p.177); “Merece la pena recordaros algo: los soldados hace poco decían abiertamente que temían los peligros del mar y que volverían la espalda para huir si algún barco enemigo viniera contra ellos; y, por nuestra parte, nosotros le pedíamos a Dios que nos permitiera ver la tierra de Libia y un desembarco pacífico en ella [...] Si en nuestra navegación con rumbo a Cartago nos sale al paso una escuadra enemiga, los soldados, por mucho que huyan a todo correr, se van a quedar sin un solo reproche: y es que una falta que se avisa por adelantado lleva en sí misma su propia justificación. Para nosotros, sin embargo, aunque nos salvemos, no habrá ningún tipo de perdón” (BELISARIO *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.153).

cavalos do reino<sup>482</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.179, tradução nossa). Contudo, um desses mensageiros havia sido subornado para que transmitisse uma mensagem de Justiniano aos vândalos.

Em carta entregue pelo imperador a Belisário para ser transmitida aos vândalos, Justiniano parece explorar a fragmentação da aristocracia vândala, que se seguiu da crise dinástica. Tendo apoiado Goda, o imperador parece ter compreendido através desse exemplo, que a sucessão de Gelimero ao trono não parece ter obtido consenso entre os nobres vândalos.

Deste modo, Justiniano tenta se colocar em oposição de Gelimero, que considera ter desrespeitado a lei de Genserico sobre a sucessão do trono real, para isso, o imperador é apresentado como alguém que pretende reestabelecer o Reinado de Hilderico, e afirma que a presença dos exércitos não deveria ser compreendida como um rompimento da paz entre vândalos e romanos, já que ele lutava em favor da memória de Genserico, a fim de libertar seu povo da tirania.

Não decidimos fazer guerra contra os vândalos, nem estamos rompendo o tratado com Genserico, mas sim tentando destronar seu tirano, que desrespeitando a vontade de Genserico, prendeu seu rei e o mantém sob custódia e, por outro lado, todos os parentes do rei que ele odiava, a princípio foram mortos e o resto, depois de serem privados da visão, são mantidos presos, não permitindo que acabem com seus infortúnios tirando as próprias vidas. Portanto, vocês devem unir forças conosco para, em conjunto, se libertarem dessa tirania perversa, para que possam desfrutar de paz e liberdade. Nós garantimos em nome de Deus que vocês obterão esses benefícios de nós<sup>483</sup> (JUSTINIAN *apud* PROKOPIOS, 2014, p.179, tradução nossa).

---

<sup>482</sup> “On the same day the overseer of the public post deserted, handing over all the government horses” (PROKOPIOS, 2014, p.179); “Y en el mismo día el encargado del correo público desertó, tras haber entregado todos los caballos que eran propiedad del Estado” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.158).

<sup>483</sup> “We have not decided to make war against the Vandals, nor are we breaking the treaty with Geiseric, but rather we are trying to dethrone your tyrant, who, disregarding Geiseric’s will, has imprisoned your king and is keeping him in custody, and those of his relatives whom he hated vehemently he put to death, and the rest, after robbing them of their sight, he keeps under guard, not allowing them to end their misfortunes by death. Therefore, you should join forces with us and jointly free yourselves from so wicked a tyranny, in order to be able to enjoy both peace and freedom. We give you pledges in the name of God that these things will come to you by our hand” (JUSTINIAN *apud* PROKOPIOS, 2014, p.179) “Ni hemos decidido nosotros hacer la guerra a los vândalos, ni estamos rompiendo el tratado de Gicerico, sino que estamos tratando de destronar a vuestro tirano, el cual, habiendo despreciado las disposiciones testamentarias de Gicerico, por una parte, después de encarcelar a vuestro rey, lo mantiene bien vigilado y, por otra, a todos los parientes de éste último que odiaba vehementemente, los mató al principio y a los restantes, después de privarlos de la vista, los mantiene encarcelados, no permitiéndoles poner fin a sus desdichas quitándose la vida. Así pues, colaborad con nosotros y ayudadnos a libraros a vosotros mismos de una tiranía tan maligna, de modo que podáis disfrutar de la paz y de la libertad, pues os garantizamos en el nombre de Dios que vosotros obtendréis estas ventajas de nuestra parte” (JUSTINIANO *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.158-159).

No entanto, observamos que inicialmente os habitantes da África Vândala são descritos e reconhecidos na carta de Justiniano como vândalos, e na tentativa de explorar a crise dinástica, o imperador busca forçar o rompimento dos laços de lealdade dos vândalos com seu novo rei Gelimero.

Contudo, nos discursos que Procópio atribuí a Belisário após seu desembarque nos territórios vândalos, e pouco antes de entrarem na cidade de *Syllectum*, o *magister militum per Orientem* teria repreendido o seu exército, afirmando que os habitantes desses territórios eram líbios que não mantinham laços de lealdade com os vândalos, e deveriam ser respeitados como concidadãos durante a campanha, pois nunca haviam deixado de serem romanos:

os líbios, que sempre foram romanos, são desleais e hostis aos vândalos e, por isso, não nos faltará nada de essencial, e nem os inimigos poderão nos causar mal algum devido à um ataque repentino<sup>484</sup> (BELISARIOS *apud* PROKOPIOS, 2014, p.178, tradução nossa).

Assim, como vemos, o discurso de Belisário se mantém em conflito com aquele professado por Justiniano, pois enquanto o imperador avalia a possibilidade de restauração do Reinado de Hilderico, Belisário demonstrava acreditar que seus exércitos eram (ou deveriam ser) compreendidos pelos líbios, como libertadores dos ‘antigos’ romanos que estavam submetidos a um governo bárbaro e despótico.

Dariusz Brodka (1999) interpreta essa diferença de posicionamentos entre Belisário e Justiniano, como sendo características dos personagens que evidenciam, por um lado um posicionamento diplomático e oficial do Império Romano, que confere amparo legal a intervenção na África, e por outro lado, o personagem de Belisário pode indicar a missão que havia sido conferida a ele por Justiniano, de forma extraoficial.

Como consequência, é preciso questionarmos se a carta entregue por Justiniano a Belisário para ser lida na presença de aristocratas vândalos era apenas um recurso retórico vazio, na qual, suas ações seriam conduzidas independente do posicionamento assumido por Gelimero, cuja tentativa era somente justificar as crescentes hostilidades contra os vândalos, e a posterior reconquista dos territórios romanos ocupados. Ou se essa possibilidade da

---

<sup>484</sup> “*the Libyans, who have always been Romans, are unfaithful and hostile to the Vandals, and for this reason I thought that we would lack no necessities and, besides, that the enemy would not do us any injury by a sudden attack*” (BELISARIOS *apud* PROKOPIOS, 2014, p.178); “*los libios, al ser romanos desde antiguo, son desleales y hostiles a los vándalos y, por este motivo, yo pensaba que ni nos faltaría a nosotros nada de lo imprescindible ni los enemigos nos podrían causar daño alguno gracias a un ataque repentino*” (BELISARIO *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.156).

reconquista teria sido apenas um objetivo repentino e oportuno de Belisário, em decorrência da facilidade de ocupação da África Vândala, como sugere Renato Boy (2019).

Se considerarmos a primeira opção, é preciso reconsiderar o Reino Vândalo sob Hilderico (523-530) como um governo ‘fantoche’ de Justino I, e posteriormente de Justiniano. O fato de Hilderico ter seguido à risca os desejos dos imperadores no Oriente, como a utilização de simbolismos romanos, o rompimento de laços fraternos entre ostrogodos e vândalos, são algumas dessas questões que ajudam a apoiar essa hipótese. Logo, ainda que Hilderico se apresentasse como um governante vândalo (*rex vandalarum*), tal como é representado em suas moedas, isso não necessariamente impedia a compreensão de subordinação ao Império Romano, se apresentando mais como um governante romano das províncias africanas, do que como rei de um Reino independente da autoridade imperial, isto é, ser reconhecido como rei de um povo, não exclui a possibilidade de ele ser igualmente representado como governante de um território.

De acordo com Stefan Esders (2019), a obra de Procópio revela a tentativa de Justiniano em expor o processo de assentamento de Reino Vândalo na África, não como uma conquista e consequente perda de territórios para os vândalos, mas sim, como um processo pacífico que havia sido regulamentado pelos dispositivos legais do Império.

Para Esders (2019) a *lex tricennalis* havia sido apresentada por Procópio como uma alternativa a essa compreensão de derrota romana, uma vez que, a *lex tricennalis* era uma prescrição jurídica que determinava a posse da terra para indivíduos que tivessem se estabelecido em terras, cujos proprietários tivessem se ausentado pelo período de trinta anos. De acordo com o pesquisador, essa lei havia sido promulgada pela primeira vez em 419 sob o governo de Honório (395-423), inicialmente tendo sido aplicada somente na Prefeitura Pretoriana da Itália<sup>485</sup>, mas depois sob Valentiniano III em 449, foi expandida também para a Prefeitura Pretoriana da Gália<sup>486</sup>. (ESDERS, 2019, p.198).

Mas havia uma lei entre os romanos em virtude da qual, se alguma pessoa não pudesse manter seus bens em sua posse e, um período de trinta anos se passasse, essas pessoas não deveriam mais ter o direito de processar aqueles que as expulsaram, ao apresentarem objeção, os ex-proprietários seriam proibidos de acessar o tribunal<sup>487</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.149, tradução nossa).

<sup>485</sup> Engloba a Diocese da Itália, a Diocese Suburbária, a Diocese Ilírica e a Diocese Africana. Ver HEATHER, 2008, p.3.

<sup>486</sup> É composta pelas: Diocese Britânica, Diocese Gálica, Diocese Hispânica e Diocese das Sete Províncias. Ver HEATHER, 2008, p.3.

<sup>487</sup> “But there was a law among the Romans that if any persons fail to keep their property in their own possession and thirty years pass in this way, that these persons should no longer be entitled to proceed as its

Deste modo, Esders (2019) acredita que Procópio fez uso de seu conhecimento jurídico para apresentar uma alternativa a conquista dos territórios vândalos. É claro, que como demonstramos em capítulos anteriores, o processo de assentamento da nova aristocracia vândala sob os territórios (romanos) africanos acarretou no exílio de diversos membros ilustres da sociedade romana, mas essa desocupação forçada havia conferido a legalidade da apropriação de terras pelos nobres vândalos.

Renato Viana Boy (2013) afirma que Procópio havia manipulado a titulação de *rex*, ao hierarquizá-la e colocá-la em contraste com o título de imperador, isto é, inferiorizando os reis bárbaros enquanto ressaltava a autoridade de Justiniano acima destes. Dessa forma, Procópio permitiria que os reis vândalos e os demais reis fossem idealizados em verossimilhança aos governadores provinciais. Mesmo que não houvesse tributações ou obrigações, dita ‘provinciais’ para com os imperadores no Oriente.

Podemos encontrar evidências que no *Corpus Juris Civilis*, Justiniano acrescenta ao seu nome e ao título de *imperator*, todos os títulos reais presentes no Ocidente, conforme vemos: “César Flávio Justiniano, imperador dos Alamanos, Godos, Francos, Germânicos, Antes, Alanos, Vândalos [e] Africanos<sup>488</sup>” (CJC, 27.1, p.314, tradução nossa). A partir de uma análise desse decreto, o primeiro a ser promulgado utilizando esses títulos, constatamos que o decreto é de meados de 533, quando os vândalos ainda não tinham sido derrotados pelas tropas de Belisário. A palavra latina *reciperet* aparece como referência de ação no presente do subjuntivo, e que pode indicar o tempo verbal no presente ou futuro, nunca no passado, veja: “Em muito pouco tempo, a África irá recuperar sua liberdade<sup>489</sup>” (CJC, 27.1, p.314, tradução nossa). Inclusive, mesmo não tendo notícias da conquista, no mesmo decreto Justiniano já havia nomeado Arquelau como Prefeito Pretoriano da África.

Isso nos indica que Justiniano desejava que as classes senatoriais em Constantinopla, reconhecessem o envio das tropas de Belisário como uma delegação que, deveria substituir o então governante da África, por outro escolhido pelo próprio imperador. Esse decreto, (CJC, 27.1) também foi responsável por dar instruções bastante específicas para Arquelau, de como

---

*owners against those who had forced them out, but they could be excluded by the defendant from access to the court*” (PROKOPIOS, 2014, p.149); “*Pero existía una ley entre los romanos en virtud de la cual, si había personas que no podían mantener en su poder sus propiedades y, entretanto, se consumía un lapso de tiempo de treinta años, éstos ya no tenían posibilidad de proceder contra los que les habían obligado a marcharse, sino que, por el contrario, al presentar éstos una objeción, les era prohibido a los antiguos dueños su acceso al tribunal*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.75-76).

<sup>488</sup> “*imperator Caesar Flavius Iustinianus Alamannicus Gotthicus Francicus Germanicus Anticus Alanicus Vvandalicus Africanus*” (CJC, 27.1, p.314).

<sup>489</sup> “*Africa per nos tam brevi tempore reciperet libertatem*” (CJC, 27.1, p.314).

ele deveria reorganizar (política e administrativamente) as províncias africanas, conforme a vontade do imperador.

Ana Maria de Oliveira (2020) acredita que a incorporação dos títulos régios ao título de imperador tinha “a finalidade de demonstrar a figura imperial romana como o governante de todos, adquiria uma conotação de soberano universal, na linha constantiniana, augusta e alexandrina” (OLIVEIRA, 2020, p.56). Segundo a autora, essa era uma forma de Justiniano se afirmar governante de todos os povos cristãos (heréticos ou não), como forma de competir contra o Império Persa.

Diante desse *tópos* retórico, Procópio corrobora com a subordinação dos vândalos às leis romanas, que permitiram e toleraram sua presença através da renovação das concessões de terras e, portanto, essa retórica tinha como objetivo demonstrar que o Reino Vândalo estava submetido a autoridade dos imperadores, que poderiam se desejasse, promover a desapropriação das terras ocupadas pelos vândalos.

Ainda que, no início do terceiro livro de sua obra, Procópio tenha demonstrado que Honório havia restringido o uso dessa lei pelos vândalos: “Por este motivo, Honório promulgou uma lei que impedia que, qualquer que fosse o tempo gasto pelos vândalos dentro dos domínios do Império Romano, essa lei dos trinta anos não seria válida para eles<sup>490</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.149, tradução nossa). Ele próprio considera que o tratado de 442 havia renovado os termos de Honório, já que considerava que Valentiniano III havia cedido os territórios africanos para os vândalos, em troca de um tributo anual: “ele [Genserico] assinou um tratado com o imperador Valentiniano, em virtude do qual ele pagaria anualmente um tributo ao imperador<sup>491</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.153, tradução nossa).

Além disso, essa construção retórica de Procópio sobre o uso concedido das terras (romanas) africanas aos vândalos, aparece no discurso atribuído a Belisário diante de seus exércitos, em meio a uma repreensão do general aos seus subordinados que haviam roubado alguns alimentos dos habitantes locais. Ele afirma que seu exército não deveria agir como os vândalos agiram, fazendo referência a injustiça sofrida pelos líbios ao serem desapropriados de seus bens pelos vândalos, pois suas propriedades haviam sido confiscadas pelos vândalos, em troca de tributos e da paz entre o Reino Vândalo e o Império Romano. Assim, o problema

<sup>490</sup> “So he [Honorius] established a law that whatever time was spent by the Vandals in the Roman domain should not at all count toward this thirty-year exclusion” (PROKOPIOS, 2014, p.149); “Por esta razón, Honorio promulgó una ley que impidiese que, fuera cual fuera el tiempo que los vándalos consumiesen dentro de los dominios del Imperio Romano, no se tuviera en cuenta éste en absoluto para admitir la excepción aquella de los treinta años de posesión” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.76).

<sup>491</sup> “he made a treaty with the emperor Valentinian [III] providing that each year he should pay the emperor tribute” (PROKOPIOS, 2014, p.153); “firmó un tratado con el emperador Valentiniano, en virtud del cual pagaría cada año un tributo al emperador” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.86).

não é o roubo de frutas e alimentos em si, mas o simbolismo que essas apropriações tinham para os líbios.

devidos considerar a questão da justiça de menor importância e calcular, em vez disso, a grandeza do perigo que surge desse ato. É natural que aqueles que são injustiçados sentiam inimizade contra aqueles que os violaram e, além disso, você trocou sua segurança e um suprimento abundante de bens por algumas moedas de prata<sup>492</sup> (BELISARIOS *apud* PROKOPIOS, 2014, p.178, tradução nossa).

Em outro discurso de Belisário que precede a batalha de *Ad Decimum*, ele novamente expõe as injustiças promovidas pelos vândalos aos líbios, e afirma que seu exército deveria lutar para reestabelecer o que por direito é dos romanos:

No entanto, existem muitas vantagens do nosso lado para nos ajudar a alcançar a vitória. Entre elas, há a justiça com a qual viemos contra nossos inimigos - pois estamos aqui para recuperar o que nos pertence e o ódio dos vândalos por seu próprio tirano<sup>493</sup> (BELISARIOS *apud* PROKOPIOS, 2014, p.182, tradução nossa).

Deste modo, Pazdernik (2000) nos apresenta que os líbios formaram um terceiro elemento etnográfico da narrativa de Procópio, que deveria servir como um contraponto civil aos contrastes das identidades tipicamente militares entre vândalos e romanos, cujo objetivo seria retratar a compreensão das populações africanas sobre as campanhas de Justiniano, servindo como um aporte historiográfico e etnográfico “para problematizar as justificativas históricas oferecidas à reconquista do Ocidente<sup>494</sup>” (PAZDERNIK, 2000, p.153, tradução nossa). Aliás, Procópio nos apresenta que o caráter disciplinador de Belisário aos seus exércitos, o controle e a proibição ao saque dos habitantes locais, havia se tornado um

---

<sup>492</sup> “we must consider the question of justice of less account and calculate instead the greatness of the danger that arises from your act. [...] Those who are wronged feel enmity by nature toward those who have done them violence, and it has come to this, that you have exchanged your safety and a bountiful supply of goods for a few pieces of silver” (BELISARIOS *apud* PROKOPIOS, 2014, p.178); “teniendo en menor consideración el problema de la justicia, calculemos cuán grande es el peligro que se puede derivar de vuestra acción. [...] Y es que de natural es propio de los que han sufrido un ultraje sentir enemistad contra los que los han maltratado y, además, habéis preferido ahorrar unas pocas monedas de plata a cambio de la seguridad de vuestras propias personas” (BELISARIO *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.156).

<sup>493</sup> “Yet there are many advantages on our side to help us toward victory. There is justice, with which we have come against our enemy (for we are here to recover what is our own), and the hatred of the Vandals toward their own tyrant” (BELISARIOS *apud* PROKOPIOS, 2014, p.182); “Y, sin embargo, tenemos nosotros numerosos recursos para alcanzar la victoria: la justicia, con la cual hemos llegado contra los enemigos —pues estamos aquí para recuperar lo que nos pertenece y el odio de los vándalos hacia su propio tirano” (BELISARIO *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.167-168).

<sup>494</sup> “to problematize the retrospective justifications offered for the reconquest of the West” (PAZDERNIK, 2000, p.153).

importante recurso para obter o apoio dessa população ‘romana’ contra os vândalos (PAZDERNIK, 2000; KALDELLIS, 2016), já que, permaneceram em marcha durante três dias sem que fossem descobertos pelo rei vândalo e seus batedores.

ele próprio, por mostrar grande gentileza e bondade, conquistou os líbios para o seu lado de forma tão efetiva, que depois disso, marchou como se estivesse em sua própria terra. Os habitantes locais não se retiraram, nem desejaram esconder nada, mas forneceram um mercado a eles, e davam aos soldados todos os outros serviços que eles desejavam.<sup>495</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.180, tradução nossa).

Deste modo, o rei vândalo parecia reivindicar sua soberania, ao concentrar suas preocupações com o reestabelecimento do Reinado de Hilderico, e por isso, exigiu ao seu irmão Ammatas, que Hilderico, seu sobrinho Hoageis<sup>496</sup> e todos aqueles leais ao rei deposto fossem imediatamente executados, “[Gelimero] ordenou por escrito a seu irmão Ammatas em Cartago que matasse Hilderico e todos os seus aliados, fosse por nascimento ou por qualquer outra circunstância<sup>497</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.180, tradução nossa). Deste modo, observamos que Gelimero desejava arruinar, aquilo que considerava ser, o principal objetivo das campanhas de Justiniano, ao matar Hilderico e seus partidários.

Outra característica que podemos avaliar é a ausência de Tzazão durante a chegada dos exércitos de Belisário, que havia permanecido na Sardenha para eliminar os opositores do Reinado de Gelimero junto com 5 mil guerreiros em 120 navios de guerra, que poderiam ter sido utilizados na defesa dos territórios vândalos, mesmo antes do desembarque de tropas, o

---

<sup>495</sup> *“he himself, by displaying great gentleness and kindness, won the Libyans to his side so completely that thereafter he made the journey as if in his own land. The inhabitants of the land neither withdrew nor wished to conceal anything, but they both furnished a market and served the soldiers in whatever else they wanted”* (PROKOPIOS, 2014, p.180); *“él mismo, demostrando mucha gentileza y benevolencia, tanto se ganó para su causa a los libios que desde entonces en adelante realizaba la marcha como si fuera por su propia tierra, pues ni se retiraban los habitantes del lugar, ni querían ocultarles nada, sino que les proporcionaban un mercado y les prestaban a los soldados todos ios demás servicios que deseaban”* (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.160).

<sup>496</sup> Hoamero é citado como já estando morto, possivelmente em decorrência de complicações após ter sido cegado, já que a última menção a Hoamero faz referência a esse ato. (PROKOPIOS, 2014, p.165; p.181). Christian Laes (2018) ao fazer uma análise filológica da cegueira, ele observa que até meados do século VII uma pessoa somente era considerada cega (*caecus*), se ela tivesse perdido completamente a visão dos dois olhos. O autor considera ainda que a punição de cegar oponentes e rivais era uma prática comumente mencionada na historiografia romana, sendo principalmente associada a personagens cruéis, que tinham como objetivo causar um grande sofrimento e marginalização da pessoa que cegavam, sendo visto muitas vezes, como um destino pior que a morte (LAES, 2018).

<sup>497</sup> *“[Gelimer] wrote to his brother Ammata in Carthage to kill Hilderic and all the others whom he was keeping under guard, whether they were related to him or not”* (PROKOPIOS, 2014, p.180); *“le ordenó por escrito a su hermano Amatas en Cartago que diese muerte a Ilderico y a todos los demás que tenían relación con él o por nacimiento o por cualquier otra circunstancia”* (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.161).

que poderia acarretar na deserção dos exércitos romanos, já prevista por Belisário (PROKOPIOS, 2014, p.170).

Dessa forma, tendo observado esses grandes conflitos apresentados na escrita de Procópio, partiremos agora para uma análise acerca da batalha de *Ad Decimum*, que é localizada por Procópio em 13 de setembro de 533, e que foi a principal responsável pela conquista da África Vândala pelos exércitos de Belisário.

### 3.4. *Ad Decimum* e a (re)conquista da África Vândala

Ao contrário de seu bisavô Genserico, Gelimero parece ter optado por uma conduta militar bem diferente para o Reino Vândalo, conforme havíamos apresentado no mapa 1 (Ocupação e evolução do território vândalo), em períodos de ameaça externa o Reino Vândalo retraía seus territórios, como vimos entre 431-439 e entre 439-455, a fim de concentrar suas defesas, e somente a partir de 455 período em que o Império Romano já não oferecia mais uma ameaça significativa aos vândalos, fosse pela crise militar no Ocidente, fosse pela destruição dos exércitos orientais em 467, que Genserico se propôs a expandir seus territórios.

Deste modo, Procópio representou Gelimero como um rei que se demonstrava despreparado para lidar com a invasão dos exércitos romanos, por não considerar a *Pars Orientalis* como uma ameaça a hegemonia do Reino Vândalo, demonstrando a vaidade como um vício bárbaro (GILLET, 2009). É possível que Gelimero estivesse concentrando suas atenções na Sardenha para garantir a não ocupação da ilha pelos romanos, e atribuído a função de defender a cidade de Cartago ao seu irmão Ammatas.

Embora Procópio indique uma desorganização dos vândalos diante da chegada dos exércitos de Belisário a África Vândala, podemos encontrar evidências que demonstram o contrário, uma vez que Gelimero é descrito como estando longe da costa e também da cidade de Cartago, permanecendo em *Hermione* (atual Maktar<sup>498</sup>) até tomar conhecimento do itinerário adotado por Belisário rumo a cidade de Cartago. Portanto, Gelimero se manteve em um perímetro seguro, mas não muito longe da cidade de Cartago, o que permitia que, no caso da cidade de Cartago ser repentinamente atacada, o rei vândalo pudesse organizar seus exércitos e planejar uma batalha com antecipação.

Aliás, essa posição de Gelimero em *Hermione*, havia feito com que Belisário reforçasse o lado esquerdo de seus exércitos com os hunos, que caminhavam voltados para o interior da

---

<sup>498</sup> José Antonio Rubio (2006) afirma que a cidade de *Hermione* estava localizada no interior da Bizacena, com pouco mais de 140 quilômetros de distância de Cartago, na atual região de Maktar. (RUBIO, 2006, p.148).

Bizacena “Se Belisário não tivesse organizado suas assim forças, ordenando que os homens de João assumissem a liderança e os *Massagetai* para marchar à esquerda do exército, nunca teríamos sido capazes de escapar dos vândalos<sup>499</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.181, tradução nossa). Deste modo, Procópio relata a grande tensão que antecedeu a batalha de *Ad Decimum*, fazendo-o questionar sobre os rumos da batalha que se seguiria (PROKOPIOS, 2014, p.181).

Contudo, uma série de erros estratégicos, de comunicação e sincronia de ataques ordenados por Gelimero para seus subordinados Ammatas e Gibamundo<sup>500</sup> contra Belisário, são retratados por Procópio como principal fator que levou a derrota dos vândalos, chegando ainda a levantar a hipótese de que se a estratégia de Gelimero tivesse ocorrido conforme o planejado os romanos teriam sido derrotados.

Se Ammatas tivesse observado o momento oportuno e não tivesse antecipado em cerca de um quarto de dia, as coisas nunca teriam dado errado para os vândalos da maneira que aconteceu. Acontece que Ammatas chegou cedo a *Decimum* por volta do meio-dia, enquanto nós e o exército vândalo estávamos longe, e ele se enganou por não ter chegado na hora certa e também ao deixar o exército dos vândalos em Cartago, ordenando que eles chegassem a *Decimum* o mais rápido possível, enquanto ele, com alguns que nem haviam sido escolhidos por seus méritos, entraram em combate com os homens de João<sup>501</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.181, tradução nossa).

Assim, a falha na comunicação é retratada como o principal fator a ser observado na citação acima, seja pela antecipação de Ammatas, fosse porque ele deixou o exército vândalo fragmentado em pequenos grupos (Procópio cita de 20 a 30 guerreiros), distantes uns dos outros, durante a marcha para um acampamento próximo de *Ad Decimum*. Ammatas, no

---

<sup>499</sup> “If Belisarios had not thus arranged his forces, commanding the men under Ioannes to take the lead and the *Massagetai* to march on the left of the army, we would never have been able to escape the Vandals” (PROKOPIOS, 2014, p.181); “Pues si Belisario no hubiera dispuesto la formación de sus tropas de esa manera, ordenando a los hombres de Juan tomar la delantera y a los *maságetas* marchar en el flanco izquierdo del ejército, no habríamos sido capaces jamás de escapar de los vándalos” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.164).

<sup>500</sup> Filho de Tzazão e sobrinho de Gelimero.

<sup>501</sup> “if Ammata had observed the opportune time and had not anticipated this by about the fourth part of a day, the cause of the Vandals would never have fallen as it did. As it was, Ammata came early to *Decimum* about midday, while both we and the Vandal army were far away, and he went wrong in that he did not arrive at the right time and also in leaving at Carthage the army of the Vandals, commanding them to come to *Decimum* as quickly as possible while he with a few men (and not even the pick of the army at that) joined battle with Ioannes’ men” (PROKOPIOS, 2014, p.181); “si Amatas hubiera vigilado cuidadosamente el momento oportuno y no lo hubiera adelantado aproximadamente en la cuarta parte de un día, jamás se les habrían estropeado las cosas a los vándalos de la forma en que efectivamente ocurrió. Pero la realidad es que Amatas llegó a *Décimo* en tomo al mediodía, antes de tiempo, mientras que tanto nosotros como los vándalos estábamos lejos, y se equivocó no sólo en esto, en no haber llegado en el momento oportuno, sino en que, además, había dejado en Cartago a la gran masa de vándalos, habiéndoles ordenado llegar a *Décimo* lo más rápidamente posible, mientras que él, con unos pocos que ni siquiera habían sido elegidos por sus méritos, trabó combate con los hombres de Juan” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.164-165).

entanto, ao avançar a frente de seus exércitos, levando consigo apenas sua guarda pessoal, havia sido surpreendido por um exército romano de aproximadamente 300 homens liderado por João, o Armênio que também marchava a frente de Belisário.

Contudo, Procópio acredita ser digno de nota que, ainda que Ammatas tenha sido surpreendido por um exército muito maior que sua guarda pessoal, ele havia avançado contra os romanos e matado, segundo nossa interpretação, alguns *Bucellarii* “Ele matou doze dos melhores homens que lutavam na linha de frente, mas ele próprio tombou, tendo se mostrado um homem valente neste combate<sup>502</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.181, tradução nossa). Assim, Ammatas parece retratar o clássico exemplo de um bárbaro que não se rende ao medo e a derrota, mas procura eliminar o maior número de inimigos antes de ser morto.

De acordo com Michael Whitby (2018) e Conor Whately (2015), essa característica de Procópio em enaltecer os heróis e/ou combatentes (*lato sensu*), é devido a seu estilo classicista, e caracteriza uma das principais influências de Heródoto em sua narrativa. Para Whitby, Procópio se coloca como um indivíduo que tenta preservar a memória dos feitos do herói morto, conferindo a imortalidade aos combatentes, e ao mesmo tempo, contribui na construção de diversos elementos, cujo objetivo era indicar os grandes desafios que Belisário enfrentou.

Se colocarmos a figura de Ammatas em contraste com a representação dos exércitos de Belisário, podemos considerar que o irmão de Gelimero, surge como um exemplo de disciplina e lealdade, já que, havia sido algoz de seus próprios familiares (Hilderico e Hoageis) por cumprir sem questionamentos os ordenamentos de seu irmão e rei, bem como, também é representado como um exemplo de guerreiro destemido e feroz. Pois, como havíamos destacado anteriormente, alguns membros dos exércitos de Belisário além de indisciplinados, também haviam considerado a deserção como uma opção a guerra<sup>503</sup>.

Retomando ao curso da batalha, o que se segue é também o desencontro dos exércitos vândalos sob a liderança de Gibamundo com os de Gelimero. Procópio relata que após a derrota de Ammatas, os exércitos liderados por seu irmão que estavam em marcha haviam sido retaliados grupo a grupo sem conseguir organizar uma resistência eficaz contra João, o Armênio que avançou rumo à Cartago e, acarretou na tomada da capital do Reino Vândalo.

---

<sup>502</sup> “He killed twelve of the best men who were fighting in the front rank, but he himself fell, having shown himself a brave man in this engagement” (PROKOPIOS, 2014, p.181); “Y, tras darles muerte a doce de los mejores hombres que estaban combatiendo en la primera fila, sin embargo él mismo cayó muerto, habiéndose comportado como un valiente en esta acción” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.165).

<sup>503</sup> É preciso estar atento a possíveis modelos etnográficos adaptados aos exércitos de Belisário que também eram compostos por bárbaros, como os hérulos e hunos, e como consequência poderiam ser retratados como traiçoeiros.

Logo após a derrota de seu tio, Gibamundo havia chegado aos Campos de Sal (local indicado por Gelimero), mas ele havia sido surpreendido por alguns hunos. Nesse ponto da narrativa, Gibamundo é descrito como um comandante inexperiente, que ao avistar um sentinela huno, nada havia feito:

Os vândalos, ou porque se espantaram com a coragem do homem ou talvez porque suspeitaram que o inimigo estava tentando enganá-los, decidiram não se mover nem disparar contra ele. Minha opinião é que, como eles não tinham nenhuma experiência de batalha com os *Massagetai*, mas ouviram que esse povo era muito belicoso, eles ficaram paralisados diante do perigo<sup>504</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.182, tradução nossa).

Devido a inexperiência de Gibamundo, seus exércitos foram massacrados pouco antes da chegada de Gelimero, “Mas, enquanto eles ainda estavam perdidos e enquanto olhavam para todo a região das colinas, uma nuvem de poeira apareceu no Sul e, um pouco depois, uma grande tropa de cavaleiros vândalos<sup>505</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.183, tradução nossa). Assim, apenas com a chegada de Gelimero o resultado da batalha se reverteu em favor dos vândalos, contudo, o destino da batalha teria uma nova reviravolta, já que após esse primeiro embate, o rei vândalo teria desistido de retaliar e perseguir os exércitos de Belisário ao encontrar o corpo de Ammatas. Portanto, Procópio demonstra que Gelimero havia entrado em um estado de luto tão profundo que não conseguiu liderar seus exércitos para expulsar os romanos, que naquele momento se encontravam desordenados, apenas para que ele pudesse enterrar seu irmão.

A partir daí não posso dizer o que aconteceu a Gelimero que, com a vitória em suas mãos, a entregou voluntariamente ao inimigo, a menos que até mesmo as ações impensadas, também devam ser atribuídas a Deus, pois Ele, toda vez que decide que algo desagradável deve acontecer a um indivíduo, toca primeiro a sua razão, e não permite que ele delibere sobre o que poderia lhe trazer vantagem. Pois, se ele tivesse imediatamente perseguido aqueles

---

<sup>504</sup> “*The Vandals, either because they were dumbfounded at the spirit of the man or perhaps because they suspected that the enemy were trying to trick them, decided neither to move nor to shoot at the man. I think that, as they had no experience of battle with the Massagetai but had heard that the nation was very warlike, they were terrified at the danger*” (PROKOPIOS, 2014, p.182); “*Y éstos últimos, o bien porque habían quedado atónitos ante el valor del hombre, o bien porque sospechaban que los enemigos estaban tramando alguna acción contra ellos, decidieron no moverse y no dispararle a esta persona. Mi opinión al respecto es que, al no haber tenido ellos jamás la experiencia de un encuentro con los maságetas y por saber de oídas que constituían un pueblo extraordinariamente belicoso, fue por eso, ciertamente, por lo que is se quedaron tan paralizados ante el peligro*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.166).

<sup>505</sup> “*But while they were still at a loss and were looking over the whole country there from the hills, a dust cloud appeared in the south and then a little later a large force of Vandal horsemen*” (PROKOPIOS, 2014, p.183); “*Pero mientras estaban ellos todavía dudando y desde las colinas miraban en derredor todos los territorios de la zona, apareció una polvareda por el lado sur y, poco después, una muy numerosa fuerza de caballeros vândalos*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.169).

soldados, não acho que nem mesmo Belisário o teria resistido, e nossa causa teria sido total e completamente perdida; a multidão de vândalos parecia tão numerosa aos nossos olhos que o medo deles inspirou os romanos. Ou mesmo, se ele tivesse cavalgado direto para Cartago, ele facilmente teria matado todos os homens de João, que, sem se importar com qualquer precaução, estavam vagando pelas planícies de dois em dois, saqueando os mortos. E, além disso, ele teria mantido a cidade protegida do perigo com seus tesouros e teria apreendido nossos navios, que não estavam longe, e teria nos roubado todas as esperanças de voltar por mar e de obter a vitória. Mas, a verdade é que ele não fez nada disso. Em vez disso, ele desceu da colina a pé e, quando chegou ao nível do solo e viu o cadáver de seu irmão, se entregou as lamentações e, a cuidar do sepultamento de Ammatas, isso então acabou com sua oportunidade e chances de vitória, que uma vez perdida não volta<sup>506</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.183-184, tradução nossa)

Dessa forma, ao mencionar um cenário hipotético, Procópio nos apresenta diversos elementos de dramatização da narrativa, que tal como um epitáfio, surge como uma forma de homenagear o personagem morto, ao mesmo tempo em que apresenta uma justificativa para a derrota do Reino Vândalo, mas que principalmente retrata o poder e as vontades de Deus agindo contra os vândalos para fortalecer os romanos, sob a liderança de Belisário.

Que neste momento, é retratado como o principal herói da campanha romana na África Vândala, já que, em meio ao caos que se segue com a derrota dos romanos, Belisário

---

<sup>506</sup> “From that point on I am unable to say what came over to Gelimer that, with victory in his hands, he willingly gave it up to the enemy, unless one ought to refer foolish actions also to God, who, whenever he decides that some adversity will happen to a man, touches first his reason and does not allow him to deliberate on what might bring him advantage. For if he had made the pursuit immediately, I do not think that even Belisarios would have withstood him, and our cause would have been utterly and completely lost, so numerous appeared the force of the Vandals and so great the fear they inspired in the Romans; or if he had ridden straight for Carthage, he would easily have killed all of Ioannes’ men, who, heedless of any precaution, were wandering about the plain by ones and twos stripping the dead. He would have preserved the city with its money, captured our ships, which had come rather near, and taken from us all hope both of sailing away and of victory. But he did none of these things. Instead, he came down from the hill at a walk and, when he reached level ground and saw the corpse of his brother, he turned to lamentations and, in caring for his burial, he blunted the edge of his opportunity, which once lost does not come back” (PROKOPIOS, 2014, p.183-184); “Desde este momento en adelante no soy capaz de decir qué fue lo que le ocurrió a Gelimer, que, teniendo en sus manos la victoria en la guerra, la puso voluntariamente en manos de los enemigos, a no ser que también haya que atribuir a Dios incluso las acciones irreflexivas, pues Él, cada vez que decide que debe sucederle algo desagradable a un individuo, tocándole primero la facultad de razonar, no permite que aquello que sería conveniente para él llegue a su consideración. Pues, por una parte, si hubiera llevado a cabo la persecución inmediatamente, yo creo que ni siquiera el propio Belisario le habría ofrecido resistencia, sino que nuestra causa, por el contrario, habría estado total y absolutamente perdida: tan numerosa parecía a nuestros ojos la muchedumbre de vándalos y el miedo hacia ellos que inspiraba a los romanos. Y si Gelimer se hubiera dirigido a caballo directamente a Cartago, habría matado sin dificultad a todos los hombres que estaban bajo el mando de Juan, los cuales, despreocupadamente, estaban recorriendo la llanura uno a uno o por parejas despojando a los que yacían muertos. Y, además, él habría mantenido a salvo de peligros a la ciudad con sus tesoros y se habría apoderado de nuestros barcos, que no estaban a mucha distancia, y nos habría quitado toda esperanza tanto de regresar por mar como de obtener la victoria. Pero la realidad es que no hizo ninguna de estas dos cosas, sino que, por el contrario, descendió de la colina al paso y, una vez que estuvo en terreno llano y vio el cadáver de su hermano, se dio a los lamentos y, como se cuidó de su enterramiento, le restó entonces fuerza al momento álgido de su oportunidad de vencer, momento del cual, ciertamente, ya no podría disfrutar más” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.170-171).

consegue reestabelecer a moral de seu exército (supostamente com a ajuda de Deus), para avançar novamente contra Gelimero, que se mantinha entorpecido e incapaz de liderar seus exércitos, forçando os vândalos a recuar para *Bulla Regia* (atual Hammam-Darradji), tendo como principal consequência a perda definitiva de Cartago para os romanos. (PROKOPIOS, 2014, p.184).

Entretanto, Ian Hughes (2009, p.93) considera que a fuga de Gelimero para *Bulla Regia* e não para Cartago, indica que o rei vândalo havia interpretado mal o cenário da batalha de Ammatas, por isso devemos lidar com a possibilidade de que Gelimero não dispunha de informações do que havia acontecido, e que não tinha como saber se os romanos já tinham avançado para Cartago “Seria natural presumir que os bizantinos avançaram mais rápido que o esperado [...] Gelimero, portanto, acreditava que o regimento principal dos bizantinos já havia passado, e as tropas que ele havia derrotado seria a retaguarda bizantina<sup>507</sup>” (HUGHES, 2009, p.94, tradução nossa). Deste modo, Hughes sugere que Gelimero havia sido surpreendido pelos exércitos de Belisário enquanto montava acampamento, e desconhecendo o destino da cidade de Cartago, preferiu recuar para uma cidade segura na Numídia (HUGHES, 2009), onde poderia aguardar pelo retorno de Tzazão, distante dos romanos.

Simultaneamente a esses acontecimentos, Procópio relata que Tzazão ainda na Sardenha, havia sido informado da chegada dos exércitos romanos no Norte da África, mas que ainda desconhecia os eventos que se seguiram a batalha de *Ad Decimum*, e que teria enviado uma carta ao rei vândalo informando sobre o sucesso da repreensão de Goda e seus partidários, mas a carta enviada para Cartago (nesse momento, já em posse dos romanos) havia sido interceptada pelos romanos e nunca chegou a Gelimero (PROKOPIOS, 2014, p.190-191).

Assim, pouco depois de se estabelecer na cidade de *Bulla Regia* e reorganizar os exércitos vândalos, Gelimero percebe a instabilidade criada pela fragmentação do Reino Vândalo, e ainda observa o papel central de Justiniano na conspiração para a destituição de seu reinado. É interessante perceber que Procópio utiliza a carta de Gelimero para demonstrar que o rei vândalo, parece direcionar a responsabilidade dos acontecimentos na Sardenha a Justiniano, e até sobre si mesmo, por considerar que havia amaldiçoado a estirpe de Genserico ao destronar Hilderico, mostrando-se arrependido do ato e das consequências geradas pelas suas próprias atitudes.

---

<sup>507</sup> “It would be natural to assume that the Byzantines had advanced faster than expected [...] Gelimer therefore believed that the main body of the Byzantines had already passed and the troops that he had defeated had been the Byzantine rearguard” (HUGHES, 2009, p.94).

Não foi Goda, creio eu, que fez a ilha se revoltar contra nós, mas alguma maldição dos Céus que caiu sobre os vândalos. Pois, ao nos privar de você e dos melhores vândalos, ela tirou todas as coisas boas da casa de Genserico de uma só vez. Não foi para recuperar a ilha para nós que você partiu daqui, mas para que Justiniano fosse senhor da Líbia<sup>508</sup> (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.191, tradução nossa).

A presença dessa carta nas últimas páginas do Livro III da História das Guerras parece estar inserida dentro de um contexto que Anthony Kaldellis (2016) sugere, como havendo um progressivo esgotamento do teor propagandístico que caracteriza o livro III. Apresentando que Procópio teria se tornado crítico da natureza do governo de Justiniano e de suas justificativas para tais campanhas militares, fazendo com que o autor utilize a representação de vândalos e mouros para retratar como a própria sociedade romana, era vítima e escrava das vontades de Justiniano. (KALDELLIS, 2016).

A etnografia dos vândalos é, então, uma etnografia substituta da elite Constantinopolitana; também se destina a explicar por que os romanos concordaram com o governo de um déspota *quasi-Persa* Justiniano [...] Como acontece com grande parte da etnografia clássica, esta discussão antropológica de uma nação estrangeira é apenas uma crítica indireta do próprio povo do autor<sup>509</sup> (KALDELLIS, 2016, p.18, tradução nossa).

Nesse aspecto, observamos que após a batalha de *Ad Decimum*, e também em momento posterior, os vândalos e líbios se tornam exemplos da resistência a escravidão justiniana, “em Procópio, a escravidão é lançada como submissão ao poder da *tyche*<sup>510</sup>” (KALDELLIS, 2016, p.16, tradução nossa). Nesse sentido, Kaldellis propõe que Procópio construiu a figura de Justiniano através da verossimilhança com o Xerxes de Heródoto, sendo que as principais características atribuídas a eles são, o despotismo e o constante desejo de submeter as populações romanas e os povos conquistados como escravos das vontades do Imperador.

<sup>508</sup> “It was not, I think, Goda who caused the island to revolt from us, but some bane from Heaven that fell upon the Vandals. For by depriving us of you and the best Vandals, it has stripped all good things from the house of Geiseric at a stroke. It was not to recover the island for us that you sailed from here, but so that Justinian might be master of Libya” (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.191); “No fue Godas, creo yo, el que provocó que la isla hiciera defección de nosotros, sino una especie de locura que, enviada por los cielos como maldición, se abatió sobre los vándalos, pues al privamos a nosotros de ti y de los vándalos notables, arrebató a la casa de Gicerico la suma de todos sus bienes, pues no fue con el fin de recuperar la isla para nosotros por lo que tú te hiciste a la mar desde aquí, sino para que Justiniano se convirtiese en el dueño de Libia” (GELIMER *apud* PROCOPIO DE CESAREÁ, 2006, p.192).

<sup>509</sup> “The ethnography of the Vandals is, then, a surrogate ethnography of the Constantinopolitan elite; it too is designed to explain why the Romans acquiesced in the rule of the quasi-Persian despot Justinian [...] As with much classical ethnography, this anthropological discussion of a foreign nation is but an indirect critique of the author’s own people” (KALDELLIS, 2016, p.18).

<sup>510</sup> “in Procopius, slavery is cast as submission to the power of *tyche*” (KALDELLIS, 2016, p.16).

Este modelo narrativo mostra Justiniano como um novo Xerxes, o que não é uma comparação lisonjeira [...] O paralelo de Xerxes também ressoa diacronicamente evocando a imagem do déspota oriental na literatura clássica. O déspota abole a liberdade e traz a tirania na forma de um sistema político em que todos os homens são escravos do rei. Com Xerxes no ponto de partida da narrativa, não é surpresa que escravidão, despotismo e liberdade constituam as principais trajetórias temáticas da Guerra Vândala e minam a retórica de libertação do imperador, veiculada no mesmo texto<sup>511</sup> (KALDELLIS, 2016, p.16, tradução nossa).

Assim, Procópio parece fazer uso da carta de Gelimero ao seu irmão Tzazão na História das Guerras, porque ela expõe algumas atrocidades cometidas pelos romanos, pois na carta Gelimero declara que Ammatas e Gibamundo haviam morrido em combate, e que devido a derrota para os exércitos de Belisário, o bem mais precioso (filhos e esposas) dos soldados vândalos haviam sido escravizados pelos romanos. Assim, em face da escravidão de mulheres e crianças vândalas, a conquista da cidade de Cartago assume um elemento secundário de menor importância.

Com efeito, Ammatas e Gibamundo tombaram em combate, porque os vândalos passaram a se comportar como covardes, e os cavalos, os arsenais e toda a Líbia e, principalmente, a própria Cartago, passaram a ser propriedade do inimigo. Os vândalos estão reunidos aqui, tendo pago com seus filhos e esposas e todos os seus bens por não terem lutado bravamente na batalha<sup>512</sup> (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.191-192, tradução nossa).

No discurso que antecede a batalha de *Tricamarum*, o discurso atribuído por Procópio a Gelimero exalta e reafirma a necessidade da guerra, e a vê como a única opção para resgatar as esposas e crianças que haviam sido escravizadas durante a tomada de Cartago por Belisário.

---

<sup>511</sup> “This narrative template casts Justinian as a new Xerxes, not a flattering comparison [...] The Xerxes parallel resonates diachronically as well by evoking the image of the oriental despot in classical literature. The despot abolishes freedom and brings tyranny in the form of a political system in which all men are slaves of the king. With Xerxes at the launching point of the narrative, it is no surprise that slavery, despotism, and freedom constitute the main thematic trajectories of the Vandal War and undermine the emperor’s rhetoric of liberation, which is aired in the same text” (KALDELLIS, 2016, p.16).

<sup>512</sup> “Ammata and Gibamund have fallen, because the Vandals became soft, and the horses, shipyards, all of Libya, and, not least of all, Carthage itself are held already by the enemy. The Vandals are sitting here, having paid with their children and wives and all their possessions for their failure to fight bravely in battle” (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.191-192); “En efecto, Amatas y Gibamundo han caído en combate, porque los vándalos pasaron a comportarse como unos cobardes, y los caballos, los arsenales y toda Libia entera y, especialmente, la propia Cartago, son ya posesiones de los enemigos. Los nuestros, sin embargo, permanecen sentados inactivos, habiendo pagado con sus hijos, sus mujeres y todos sus bienes el no haberse comportado como hombres en la lucha” (GELIMER *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.192).

se morrermos, eles serão os senhores de nossos filhos e esposas, nossas terras e outras posses, mas se sobrevivermos, acrescentem a isso que também seremos escravos e deveremos contemplar todo esse sofrimento [...] Mas, se vencermos as dificuldades dessa guerra, se sobrevivermos iremos viver cercados de todas as coisas boas, ou após uma morte gloriosa, essas bênçãos e prosperidades serão deixadas para nossos filhos e esposas, enquanto o nome e o império dos vândalos perdurarem<sup>513</sup> (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.195, tradução nossa).

Após retornar da Sardenha e se unir a Gelimero para a batalha de *Tricamarum*<sup>514</sup>, Tzazão, na narrativa de Procópio é atribuído a ele um discurso mais equilibrado, em contraste, ele destaca o mérito de suas tropas pelo reestabelecimento da Sardenha ao Reino Vândalo, e enfatiza a necessidade de reconquista de Cartago, para que suas tropas sejam celebradas como heróis, e não como tolos que foram impelidos a uma armadilha, e por isso, talvez para Tzazão a vitória era mais significativa do ponto de vista territorial e político, do que social.

Se vocês forem valentes agora, vocês confirmarão que a morte do tirano Goda foi uma conquista valorosa. Mas, se vocês forem fracos, serão privados da glória obtida por essas ações [...] se derrotarmos os inimigos, vocês serão creditados por terem desempenhado o papel mais importante na obtenção da vitória e todos os chamarão de salvadores do povo vândalo<sup>515</sup> (TZAZO *apud* PROKOPIOS, 2014, p.196, tradução nossa).

É claro que, embora Cartago seja colocada em menor evidência na carta e no discurso atribuído ao rei vândalo, do que naquele atribuído a Tzazão, não podemos afirmar que

<sup>513</sup> “if we perish, leave them as masters of these our children and wives and land and all other possessions, while if we survive there will be added to this that we will be their slaves and see all of these enslaved too [...] But if we overcome our foes in the war, we will, if we survive, live among all good things or, after a glorious end, there will be left to our wives and children the blessings of prosperity, while the name of the Vandals will endure and their empire be preserved” (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.195); “al morir nosotros los dejaremos a ellos como dueños de estos nuestros hijos, mujeres, tierra y todas las posesiones, mientras que, si sobrevivimos, habrá que añadir a esto ser también nosotros esclavos y tener que contemplar todas esas desdichas [...] Pero si verdaderamente vencemos las adversidades en la guerra, pasaremos nuestra vida, si la conservamos, rodeados de toda clase de bienes o bien, después del glorioso final de nuestra vida, les quedarán a nuestros hijos y mujeres las bendiciones de la prosperidad y, además, perdurar usando el nombre de los vándalos y conservar su imperio” (GELIMER *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.207).

<sup>514</sup> Rubio localiza *Tricamarum* nas margens do atual rio Oued Chafrou, cerca de 25 quilômetros de Cartago. (RUBIO, 2006)

<sup>515</sup> “if you show yourselves brave men at the present time, you will thereby prove with certainty that the destruction of the tyrant Goda was an achievement of valor on your part. But if you weaken now, you will be deprived of even the renown of those deeds, as if it did not belong to you in the first place [...] if we conquer the enemy, it will be you who will win the credit for the greatest part of the victory and you will be called saviors of the Vandal nation” (TZAZO *apud* PROKOPIOS, 2014, p.196); “si os comportáis como valientes en estas circunstancias, confirmaréis que la muerte del tirano Godas fue obra de vuestro propio valor, pero si ahora flojeáis, os veréis privados incluso de la gloria obtenida por aquellas acciones, como si nada tuvieran que ver con vosotros [...] si vencemos a los enemigos, se os atribuirá a vosotros el haber jugado el papel más importante en la obtención de la victoria y todos os llamarán salvadores de la nación vándala” (TZAZÓN *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.210).

Gelimero, segundo a narrativa de Procópio, não tinha consciência sobre os impactos da perda de Cartago, ao contrário, a cidade é tida como um trunfo para a conquista de toda a Líbia.

E ainda, podemos avaliar que nesses discursos, Procópio desejava apresentar um equilíbrio de interesses entre reestabelecer a liberdade para as esposas e crianças dos vândalos (Gelimero), bem como em recuperar Cartago (Tzazão). Dessa forma, enquanto o discurso atribuído a Gelimero é representativo sobre como sua conduta o levou ao arrependimento, o discurso de Tzazão parece estar mais próximo daquilo que Procópio identificava, como sendo os interesses dos aristocratas vândalos, que dentre outras coisas, desejavam obter riquezas e fama com a guerra.

Assim, podemos levantar a hipótese que, ao menos um dos motivos para a transformação do posicionamento de Procópio em relação a guerra contra os vândalos, teria sido alterado a partir da conquista dos territórios. Já que, nos discursos atribuídos a Justiniano, ele afirmava o desejo de reestabelecer um governo justo e digno para os vândalos, mas ao contrário do que o imperador professava, a campanha parece ter tomado rumos que Procópio não esperava, e considera que um tirano havia sido apenas substituído por outro. Logo, a ambição e o despotismo de Xerxes podem ser claramente associados ao imperador romano, conforme apresentado por Kaldellis. (KALDELLIS, 2016; WHITBY, 2018).

Para Peter Van Nuffelen (2018) essa alteração de posicionamento em relação ao imperador, é tida pelo pesquisador como paradoxal e complexa, uma vez que devido ao estilo clássico da obra, cujo objetivo era fornecer um relato propagandístico das campanhas militares de Justiniano. Seria contraditório que o autor expusesse suas críticas ao imperador, contudo, Nuffelen identifica que os discursos e as cartas dos personagens não-romanos (vândalos) inseridos em sua obra, são elementos que ocultam e atribuem a outras pessoas as próprias críticas de Procópio (NUFFELEN, 2018).

Como exemplo, a ambição é uma das características mais atribuídas a Justiniano. Logo após a vitória contra os vândalos, os romanos haviam entrado em conflitos com os ostrogodos pela posse da Sicília. De um lado, Belisário afirmava que, com os vândalos derrotados todos os territórios que pertenciam ao Reino Vândalo, deveriam se tornar posse do imperador. Por outro lado, as críticas são feitas pelos ostrogodos de Amalásunta, que questionavam a presença romana na ilha, afirmando que a região Oeste da Sicília, haviam sido concedidos aos vândalos como dote de casamento entre Amaláfrida e Thrasamundo (PROKOPIOS, 2014, p.202). Assim, se no discurso atribuído a Belisário, Justiniano é representado como um avarento, nos discursos atribuídos aos ostrogodos o imperador é questionado sobre sua ambição.

Whitby (2018) ainda demonstra que esses elementos parecem não ter causado problemas a Procópio, o autor defende que as convicções de Procópio permaneceram ocultas durante o governo de Justiniano, para quem em 558 escreveu o panegírico *Sobre os Edifícios*, inclusive sendo recompensado pelo imperador. (WHITBY, 2018).

Dessa forma, partindo de uma análise de como Procópio projeta suas perspectivas em seus personagens, devemos avaliar também como a História das Guerras pode estar inserida dentro de um espectro retórico mais amplo, do ponto de vista das produções eclesiásticas que circulavam no Mediterrâneo, e também como as guerras contra os vândalos refletiram em disputas de poder e autoridade entre o imperador e autoridades religiosas.

Dessa forma, devemos estar atentos as diversas intervenções do poder divino que são descritas por Procópio. É interessante observar a partir desses elementos que surgem esporadicamente na sua narrativa, o livro IV também expõe alguns debates, que podem ter sido influenciados pela obra de Salviano ‘*De Gubernatione Dei*’. Já que expõe temas celebres dessa obra, tais como a corrupção da superioridade através de práticas imorais, cujos vícios da carne, como a luxúria e o orgulho excessivo, impedem ou restringem o auxílio de Deus. (SALVIANI, 1877, p.90).

Seguindo parâmetros bastante similares, Procópio descreve os vândalos de maneira análoga àquela atribuída por Salviano aos romanos no século V.

Gelimero e aqueles familiares próximos, como seus sobrinhos, primos e outras pessoas de nascimento nobre, experimentaram uma miséria que ninguém poderia descrever de uma forma que igualasse os fatos. Pois, de todas as nações que conhecemos, os vândalos são os mais luxuosos e os mouros os mais destemidos. Desde que conquistaram a Líbia, os vândalos passaram a se dar ao luxo de tomarem banhos todos os dias, e a desfrutar de uma mesa farta com todos os alimentos, os melhores e mais doces que a terra e o mar produzem. Eles usavam ouro quase o tempo todo, e se vestiam com roupas de tecido *Mede*, que agora eles chamam de ‘Sérica’. Eles passavam seu tempo em teatros, hipódromos e outras atividades prazerosas, e acima de tudo na caça. Eles tinham dançarinos e mímicos, e todas as outras coisas para ver e ouvir que eram de natureza musical ou de outras formas que eram dignas de serem vistas entre os homens. A maioria deles vivia em jardins botânicos, bem abastecidos de água e árvores. Eles tinham um grande número de banquetes e estudaram atenciosamente todas as artes do sexo<sup>516</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.203, tradução nossa).

<sup>516</sup> “*Gelimer and those about him, who were his nephews and cousins and other persons of high birth, experienced a misery that no one could describe in a way that equaled the facts. For of all the nations we know the Vandals happen to be the most luxurious and the Moors the most hardy. Since they gained possession of Libya, the Vandals began to indulge in baths, all of them, every day, and enjoyed a table loaded with all foods, the sweetest and best that the earth and sea produce. They wore gold almost all the time and clothed themselves in Mede garments, which now they call “Seric.” They passed their time in theaters, hippodromes, and other pleasurable pursuits, above all in hunting. They had dancers and mimes and all other things to hear and see that*

Na citação acima, Procópio retratada de uma só vez diversos aspectos da crítica de Salviano aos romanos. Como por exemplo, a constante demonstração de riqueza, a cobiça e avareza das classes aristocráticas, e também a crítica sobre participação e utilização dos teatros como ambientes que degradavam a alma de seus utilizadores: “Contarei essas coisas a luz das impurezas dos circos e dos teatros. As coisas que foram feitas naquele lugar, são tais que ninguém poderia contá-las, ou mesmo pensar nelas, sem serem poluídas<sup>517</sup>” (SALVIANI, 1877, p.69, tradução nossa). Wendell dos Reis Veloso (2016) nos apresenta que a crítica dirigida aos romanos, quanto aos espetáculos que aconteciam, principalmente nos teatros romanos, também era uma característica do discurso de Agostinho, e de diversos outros clérigos como Ambrósio, Tertuliano e Jerônimo, não sendo, portanto, uma exclusividade do pensamento de Salviano, ao contrário, a crítica aos espetáculos parece ter sido bastante popular na esfera eclesiástica.

Contudo, é importante que esteja atento que Procópio inverte a lógica de Salviano, demonstrando que as condutas atribuídas por Salviano aos romanos, em Procópio são associadas aos vândalos (SALVIANI, 1877, p.100). Assim, é perceptível que Procópio estivesse buscando o apoio da comunidade religiosa, fosse para atribuir autoridade a sua obra, através da introdução de um elemento comum aos cristãos, ou mesmo como um elemento que é inserido para explicar a rápida derrota dos exércitos vândalos, que antes eram tão temidos até mesmo por Belisário, medo este, que inclusive teria ajudado a caracterizar o *magister militum* como um personagem bastante cauteloso. Logo, a decadência moral e a corrupção

---

*are of a musical nature or otherwise happen to be sight-worthy among men. Most of them lived in garden parks, which were well supplied with water and trees. They had great numbers of banquets and they diligently studied all the arts of sex”* (PROKOPIOS, 2014, p.203); “*Gelimer y a los que con él estaban, que eran sobrinos y primos suyos y otras personas de noble estirpe, que vivieron en una situación tan mísera que, se dijese como se dijese, nunca se podría explicar de una manera comparable a la realidad de los hechos. Y es que se da la circunstancia de que, de todos los pueblos que nosotros conocemos, el más dado al lujo es el de los vándalos, mientras que el de los moros es el más miserable. Los primeros, en efecto, desde que tomaron posesión de Libia, solían disfrutar todos ellos diariamente de ios baños y de una mesa rebosante de todos los productos más agradables y sustanciosos que la tierra y el mar ofrecen. Y llevaban encima oro con muchísima frecuencia y se vestían con esas ropas persas que ahora denominan «séricas» y cuando disponían de tiempo libre, lo pasaban en los teatros, en los hipódromos y se entregaban a toda clase de actividades placenteras, pero, sobre todo, a la caza. También tenían ellos bailarines, mimos y abundantes audiciones y espectáculos visuales, cuantos, sea de índole musical, sea de cualquier otra, suscitan interés entre los hombres. Y la mayor parte de ellos vivían en parques bien provistos de agua y árboles, celebraban numerosísimos banquetes y practicaban toda clase de actos eróticos muy a ío menudo”* (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.228-227).

<sup>517</sup> “*de solis circorum ac theatrorum impuritibus dico. Talia enim sunt, quae illic fiunt, ut ea non solum dicere, sed etiam recordari aliquis sine pollutione non possit”* (SALVIANI, 1877, p.69); “*I shall describe only the vices of the circuses and theaters. For the evils that are performed in these are such that no one can mention them, or even think of them without being polluted”* (SALVIAN, 1930, p.162).

daquilo que Salviano considerava ser os princípios fundadores do Reino Vândalo, havia levado para Procópio a ruína militar e política dos vândalos.

Deste modo, Procópio ao se apropriar dos discursos de Salviano, inverte a lógica de que os vândalos não haviam sido corrompidos pelas riquezas encontradas no Norte da África mas, ao contrário, Procópio esteve determinado em evidenciar que a entrega aos vícios e ao luxo havia ocorrido “Desde que ganharam posse da Líbia<sup>518</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.203, tradução nossa). É preciso também considerar que a Guerra Vândala estabelece vários pontos de conflito com a percepção de Salviano, ainda que faça uso dela, inclusive naquilo que se refere aos prazeres sexuais, que Salviano havia considerado terem sido extintos com a chegada dos vândalos na África, principalmente aqueles relativos à prostituição e sodomia. Mas, que aparecem em Procópio através do retrato de um bordel “Eles tinham dançarinos e mímicos, e todas as outras coisas para ver e ouvir que eram de natureza musical ou de outras formas que eram dignas de serem vistas entre os homens<sup>519</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.203, tradução nossa). Deste modo, poderíamos levantar como hipótese, a possibilidade de Procópio ter tido acesso a obra de Salviano, sabemos que ele conseguia fazer leituras em latim, com base em todas as discussões que temos feito até aqui. Isto é, a utilização dos conceitos de *socius et amicus*, aplicados nos mesmos termos que Merobaudes, bem como suas tentativas de associar Hilderico como membro da dinastia Teodosiana corroboram as mesmas práticas poéticas e panegíricas dos escritores da *Anthologia Latina*.

No entanto, como a obra de Salviano, tem como característica discussões de cunho moralista, e é pouco descritiva de eventos e pessoas, se torna muito difícil saber se Procópio conhecia a obra *De Gubernatione Dei*, e mais ainda, se de fato ele teria sido impelido a atribuir aos vândalos os mesmos pecados e vícios que antes haviam sido associados aos romanos por Salviano. Assim, consideramos que seria necessária uma análise mais aprofundada, talvez a ser desenvolvida em pesquisa futura, sobre as relações que são estabelecidas entre esses autores, para considerar se elas estão apenas acessando lugares de retórica relativamente comuns, tendo como parâmetro críticas moralistas cristãs, ou se de fato, Salviano teria sido uma das fontes para a obra de Procópio.

Para isso, seria necessário acessar recursos que são intransponíveis para nós, nesse momento de nossa pesquisa, tais como uma análise filológica comparada entre grego e latim,

<sup>518</sup> “*Since they gained possession of Libya*” (PROKOPIOS, 2014, p.203); “*desde que tomaron posesión de Libia*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.228).

<sup>519</sup> “*They had dancers and mimes and all other things to hear and see that are of a musical nature or otherwise happen to be sight-worthy among men*” (PROKOPIOS, 2014, p.203); “*También tenían ellos bailarines, mimos y abundantes audiciones y espectáculos visuales, cuantos, sea de índole musical, sea de cualquier otra, suscitan interés entre los hombres*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.228).

e também encontrar formas que nos indiquem a circulação da obra de Salviano nas províncias orientais, ou ao menos na cidade de Constantinopla. Infelizmente, conhecemos apenas a grande circulação e influência das obras de Salviano no Ocidente, mas nos faltam recursos para descobrir suas influências para além dessas dimensões.

Entretanto, ao considerarmos que Procópio partilhava do mesmo *tópos* da cultura eclesiástica, sabemos que ele não precisaria necessariamente ler nenhum autor latino para isso, em decorrência da grande circulação de pensamentos e atividades evangelizadoras entre os clérigos, e que eram transmitidas oralmente por meio de discursos que não precisavam assumir a forma de escritos e leituras para serem reproduzidos. As homilias que restaram por escrito são uma pequena parte do que circulou no mundo mediterrâneo do século VI, que aliás, ainda era bastante integrado e não mantinha uma ruptura clara entre Ocidente e Oriente.

No entanto, ao contrário de Salviano, parece não haver dúvidas na historiografia recente que a obra de Victor de Vita teria sido utilizada por Procópio de Cesareia, pois Anthony Kaldellis (2014) propõe em nota, que alguns dos trechos utilizados por Procópio são claras referências ao trabalho de Victor, como a descrição de Procópio sobre a tomada das propriedades que pertenciam às elites imperiais romanas, que haviam sido redistribuídas entre os aristocratas vândalos logo após a conquista de Cartago, estabelecendo uma divisão territorial própria do Reino Vândalo: “Em verdade, ele dividiu a Zeugitana e também, a Proconsular com seu exército, dando a eles direito de herança<sup>520</sup>” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.4, tradução nossa). Este evento para Victor de Vita havia consolidado o estabelecimento do Reinado Vândalo na África, a mesma preocupação é explícita em Procópio que sugere: “Ele [Genserico] roubou as terras dos líbios, que eram numerosas e excelentes, e as distribuíram entre a nação dos vândalos<sup>521</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.155, tradução nossa).

Contudo, para além de referências implícitas, é possível observar que Victor de Vita e Procópio fazem uso do mesmo termo para se referirem a essas terras conquistadas e redistribuídas entre os vândalos. Enquanto Victor atribui a elas o nome: “*sortibus Wandalorum*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.22). Procópio atualiza esses mesmos termos para seus correspondentes gregos: “*κλήροι Βανδύλων*” (PROCOPIUS, 1916, p.50). Philipp

<sup>520</sup> “*exercitui vero Zeugitanam vel proconsularem funiculo hereditatis divisit*” (VICTORIS VITENSIS, 1879, p.4); “*Zeugitana and the proconsular province he divided up as ‘an allotted portion for his people’*” (VICTOR OF VITA, 2006, p.7).

<sup>521</sup> “*He [Genserico] robbed the rest of the Libyans of their fields, which were both numerous and excellent, and distributed them among the nation of the Vandals*” (PROKOPIOS, 2014, p.155); “*Los demás libios se vieron despojados de sus tierras, que eran numerosas y excelentes, y las repartió entre la población de los vándalos*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.94).

von Rummel (2011) nos apresenta que as palavras utilizadas por ambos os autores, além de serem correspondentes (*sors* = κλήρος) também são usadas com a mesma intenção de descrever e fazer referência as propriedades dos aristocratas vândalos, cujo direito de herança e isenção de impostos era aplicada. Além disso, o termo ‘*sortibus Wandalorum*’ não é encontrado em nenhuma outra fonte para o período, senão em Victor de Vita. (MODÉLAN, 2002; RUMMEL, 2011; KALDELLIS, 2014). Contudo, a utilização de tais terminologias por fontes romanas, também pode indicar a existência de uma nomenclatura proveniente de códigos legais utilizados nas duas partes do Império, mas cujos registros escritos não sobreviveram para nós.

Para Croke (2006) alguns clérigos e nobres exilados da África Vândala haviam feito grande pressão para que intervisse contra os vândalos. Assim, Procópio tal como para Victor de Vita, a perseguição aos católicos também surge na História das Guerras<sup>522</sup> como um elemento expressivo para representar a situação do clero católico durante o Reinado de Hunerico, fazendo com que Procópio o caracterizasse como um rei impiedoso, que embora tenha mantido seu reino pacificado, havia tratado de eliminar seus opositores religiosos:

Hunerico, o mais velho dos filhos [de Genserico], então sucedeu ao trono, [...] Durante o tempo em que Hunerico governou os vândalos, eles não fizeram guerra contra ninguém [...] Hunerico também se mostrou o mais cruel e injusto de todos os homens para com os cristãos na Líbia<sup>523</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.161, tradução nossa).

Temos considerado que é possível que Procópio tivesse conhecido o debate teológico sobre os vândalos, em que se inserem Salviano e Victor de Vita. Lyvia Vasconcelos Baptista (2015, p.227) baseando-se na proposta de Averil Cameron afirma que é preciso retirar a História das Guerras de seu ‘pedestal racionalista’, pois embora Procópio tivesse tentado ocultar suas convicções religiosas através de seu classicismo, observamos claramente que Procópio não apenas conhecia as disputas teológicas acerca da identidade vândala, como também inseriu em sua obra diversos eventos que são apresentados a partir de uma dicotomia que contrasta as ações dos homens e com as vontades de Deus, uma vez que reconhecia a autoridade que a introdução de elementos religiosos poderia conferir a sua narrativa.

<sup>522</sup> Sobre a relação de Victor de Vita e Procópio acerca do martírio e perseguição de católicos, revisar nota de rodapé 364, na página 182 dessa dissertação.

<sup>523</sup> “*Huneric, the eldest of his sons, then succeeded to the throne, [...] During the time when Huneric ruled the Vandals they had no war against anyone [...] Huneric also showed himself to be the most cruel and unjust of all men toward the Christians in Libya*” (PROKOPIOS, 2014, p.161); “*Honorico, el mayor de los hijos de aquél, recibió en sucesión el trono [...] Durante el tiempo en que Honorico gobernó sobre los vándalos no tuvieron ninguna guerra contra nadie [...] Honorico se comportó como el más despiadado e injusto de todos los hombres con los cristianos de Libia*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.111-112).

Apresentando para nós, que Procópio também esteve interessado em atingir as comunidades clericais e religiosas, inserindo elementos narrativos inteligíveis a esse público (BAPTISTA, 2015). Além disso, é interessante observar que após Gelimero se reunir e marchar rumo a Cartago junto de seu irmão Tzazão, que havia retornado da Sardenha, o rei vândalo assume o mesmo posicionamento de seu antecessor Hunerico no momento em que precede a tentativa de retaliação do rei vândalo a Belisário, quando tenta cooptar os adeptos arianos do exército romano, “eles esperavam que alguma traição ocorresse entre os próprios cartagineses e entre os soldados romanos que professavam a fé de Ário<sup>524</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.193, tradução nossa). Revelando para nós, que tal como sugerimos no primeiro capítulo dessa dissertação, tal como Genserico e Hunerico, Gelimero também aproveitou de sua posição como guardião das comunidades arianas para obter apoio contra os romanos.

Stephanie Sousa (2017c) nos apresenta que a expansão da ortodoxia católica sob os territórios bárbaros, também teria sido um dos principais pilares da propaganda de Justiniano, e havia colaborado na adoção do status de guerra justa pela defesa da ‘verdadeira’ fé, e inclusive, segundo a pesquisadora, os guerreiros arianos haviam sido impedidos de praticar sua fé, sob risco de sofrer repreensões.

Renato Boy (2019b), fundamentado na análise de Roger Scott, sugere que Justiniano desejava promover uma purificação religiosa, ao tentar alcançar uma coesão da doutrina cristã dentro do Império Romano do Oriente. Michael Mass (2006) sugere que a defesa da fé católica tenha sido um importante elemento de apoio do clero no Oriente, a tentativa de Justiniano em se colocar como uma autoridade religiosa, acarretou em conflitos permanentes com o bispo de Roma, pois, desejava impor interpretações doutrinárias cujo objetivo era encerrar as hostilidades entre hereges e ortodoxos.

Contudo, ao invés de alcançar coesão doutrinária entre os cristãos, Thomas F. X. Noble (2016) expõe que, as tentativas de interferências dos imperadores do Oriente nas questões religiosas, principalmente, do Ocidente, permitiram uma escalada da autoridade do papa em Roma, que a partir do século VII havia concentrado o poder religioso em sua sede episcopal, como forma de rivalizar com a autoridade imperial em Constantinopla.

Desse modo, avaliando a grande diversidade dos exércitos de Belisário, Gelimero considerou que esses guerreiros tinham potencial para desertarem em seu favor, contudo, não há informações se houve deserções e em que amplitude ela teria ocorrido. Mas, revela para

---

<sup>524</sup> “they kept hoping that there would be some treason on the part of the Carthaginians themselves and those of the Roman soldiers who followed the doctrine of Arius” (PROKOPIOS, 2014, p.193); “tenían la esperanza de que se produciría alguna traición entre los propios cartagineses y entre aquellos de los soldados romanos que profesaban la fe de Arrio” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.201).

nós que Procópio desejava apresentar os exércitos romanos como uma força militar coesa, o que justificaria a inexistência de qualquer referência a deserções ou insubordinação de seus exércitos.

Entretanto, embora os exércitos romanos devessem ser representados como coesos e disciplinados, Walter Pohl (2006) nos apresenta que a mesma característica não é aplicável aos exércitos mercenários que lutaram por Belisário na África Vândala, já que, como ele evidencia, os exércitos bárbaros eram conduzidos por seus próprios líderes, que não necessariamente, se reconheciam ou se consideravam como aliados do Império Romano, acarretando em inúmeros conflitos entre esses líderes e Belisário, que por vezes também tentou interferir na disciplina e organização dessas tropas, o que aborrecia esses comandantes bárbaros por acreditarem que sua liderança estava sendo questionada. (PROKOPIOS, 2014, p.171-172; POHL, 2006).

Assim, para além da questão religiosa, Procópio afirma que o rei vândalo também havia tentado se associar aos hunos comandados pelo *magister militum*. Estes, segundo o relato, haviam decidido se manter isentos no conflito até que a vitória se mostrasse certa para um dos lados.

Os Massagetai, deliberando entre si, decidiram que, para dar a impressão de permanecerem fiéis ao que havia sido acordado com Gelimero e Belisário, não seriam os primeiros a lutar pelos romanos, nem se uniriam aos vândalos antes da batalha. Mas, quando a situação de um dos dois exércitos fosse desfavorável, naquele momento realizariam a perseguição dos derrotados acompanhando os vencedores. Assim, essa foi a decisão dos bárbaros<sup>525</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.195, tradução nossa).

No entanto, é realmente difícil saber o quanto os hunos foram suscetíveis aos vândalos, pois, ainda que a deserção e a coesão dos exércitos tenham sido uma grande preocupação de Belisário desde a chegada na África Vândala, é possível que Procópio apenas desejasse retratar os hunos através do estereótipo de bárbaros traidores e pouco confiáveis. Além disso, ao apresentar a formação romana assumida na batalha de *Tricamarum*, ele evidencia que,

---

<sup>525</sup> “*The Massagetai, deliberating among themselves, decided, in order to seem friendly to both Gelimer and Belisarios, neither to begin fighting for the Romans nor to go over to the Vandals before the encounter, but whenever one side seemed to be having the worst of it, then to join the victors in their pursuit of the vanquished. Thus had this matter been decided upon by the barbarians*” (PROKOPIOS, 2014, p.195); “*En cuanto a los maságetas, deliberando entre ellos mismos, decidieron que, para dar la impresión de que permanecían fieles a lo convenido tanto con Gelimer como con Belisario, ni serían los primeros en combatir en favor de los romanos, ni tampoco se unirían a los vándalos antes de la batalla, sino que, cuando la situación de uno de los dos ejércitos fuese desfavorable, en ese momento llevarían a cabo la persecución de los derrotados acompañando a los vencedores. Tal fue, en definitiva, la decisión tomada por los bárbaros*” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.206).

como de costume, os hunos haviam permanecido na retaguarda romana “os hunos estavam todos alinhados em outro lugar, sendo seu costume, mesmo antes desta ocasião, não se misturarem com os exércitos romanos [...] Essa era, então, a formação romana<sup>526</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.197, tradução nossa). De acordo com Hyun Jin Kim (2016, p.131), os hunos que haviam lutado na África Vândala, em meados de 551 tinham se aliado aos persas, o que causou grande tensão entre os romanos no Oriente, talvez por isso, Procópio tenha desejado representar os hunos dessa forma ainda na guerra contra os vândalos, como uma digressão que justificaria a tentativa de aliança com os persas no momento em que ele escreve sua obra.

Retomando a batalha de *Tricamarum*, é possível observarmos que, tal como Procópio havia feito com Ammatas, ele também recorre a uma escrita que glorifica os feitos de Tzazão na batalha, é interessante perceber que há um padrão narrativo ao relatar as mortes dos irmãos de Gelimero. Pois, assim como Ammatas é retratado na batalha de *Ad Decimum* como um guerreiro forte e impiedoso, Tzazão é igualmente descrito como um grande líder militar, principalmente por seu caráter *berserker*<sup>527</sup>, responsável por impulsionar a vitória aos vândalos em três embates iniciais.

João, a pedido de Belisário, escolheu alguns de seus subordinados e, cruzando o rio, fez um ataque ao centro, onde Tzazão os repeliu para trás e os perseguiu [...] E novamente João, levando consigo mais soldados da guarda pessoal de Belisário, lançou-se contra aqueles que estavam com Tzazão e, sendo repellido de lá uma segunda vez, retirou-se para a linha romana. E pela terceira vez com quase todos os guardas e lanceiros de Belisário, ele pegou o estandarte do general e fez seu ataque com muitos

<sup>526</sup> “all the Huns had been arrayed in another place, it being customary for them even before this not to mingle with the Roman army [...] it was not their wish to be arrayed with the rest of the army. Such, then, was the Roman formation” (PROKOPIOS, 2014, p.197); “los hunos fueron todos alineados en otro sector, teniendo ellos por costumbre incluso antes de esta ocasión no mezclarse en absoluto con el ejército de los romanos [...] Por lo tanto la formación de los romanos quedó de esta manera” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.211).

<sup>527</sup> Para Michael Paul Speidel (2004) o termo *berserker* não deve ser compreendido estando limitado aos povos nórdicos dos séculos IX a XI, pois ainda que o termo tenha aparecido pela primeira vez nas sagas islandesas, esse termo foi usado como um conceito, empregado para descrever um estilo de combate que foi adotado por diversos povos e períodos. Nesse sentido, para ele o uso do termo deve ser ampliado e referenciado como um estilo de combate, com uso de técnicas para o enfrentamento corpo a corpo. Para Speidel, a utilização desse estilo de combate pelos povos, dito ‘germânicos’ (no sentido geográfico, ao Norte do rio Danúbio e a Leste do rio Reno), eram referência para um ideal de justiça, no qual a batalha deveria se concentrar apenas nas habilidades de luta e no combate corpo a corpo, em detrimento do uso de arquearia, emboscadas e estratégias militares que comprometessem o equilíbrio de forças e habilidades individuais. Assim, o termo *berserker* deve ser compreendido como um estilo de combate frenético, que tinha como objetivo forçar o combate corpo a corpo, não necessariamente individualizado, mas também de impor medo ao inimigo através da exteriorização de uma fúria voraz. É interessante observar que durante o momento que precede o embate entre os exércitos de Belisário e Gelimero, o rei vândalo junto de Tzazão impõe a condição de que seus guerreiros fizessem uso apenas de espadas, forçando o combate corpo a corpo (PROKOPIOS, 2014, p.197). Deste modo, tal como Speidel também propunha, acreditamos que o uso do termo, pode nos ajudar a compreender os relatos da batalha de *Tricamarum* por Procópio. (SPIEDEL, 2004, p.64).

gritos e muito barulho. Os bárbaros resistiram virilmente e usaram apenas suas espadas, como consequência a batalha se tornou feroz e muitos dos vândalos mais nobres caíram, entre eles o próprio Tzazão, irmão de Gelimero<sup>528</sup> (PROKOPIOS, 2014, p.197, tradução nossa).

Contudo, quando Tzazão tomba em combate, o rumo da batalha é alterado em favor dos romanos. Isso pode indicar, que embora Gelimero e Tzazão sejam descritos como responsáveis por exigir que seus exércitos fizessem uso exclusivo de espadas para forçar o combate corpo a corpo com os romanos: “uma ordem havia sido passada a todos os vândalos para que, nesta batalha, eles não usassem lança ou qualquer outra arma exceto suas espadas<sup>529</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.197, tradução nossa). É possível que somente o destacamento liderado por Tzazão tivesse feito uso do estilo de combate *berserker*, e não em escala generalizada como pode dar a entender a narrativa de Procópio, isso por sua vez, nos ajuda a compreender que mudança do estilo de combate (principalmente pela entrada da arquearia montada dos hunos no conflito), sugere ter sido o principal motivo da virada favorável aos romanos após a morte de Tzazão na batalha de *Tricamarum*. (PROKOPIOS, 2014, p.197).

Desse modo, após a vitória romana em *Tricamarum*, Gelimero havia fugido da batalha, e tinha pretensões de chegar à Hipona para se refugiar na Hispânia sob a proteção do rei visigodo Têudis, mas devido a perseguição que Belisário havia promovido, inicialmente liderada por João, o Armênio e posteriormente por Faras, o Hérulo, o rei vândalo não havia conseguido chegar ao litoral e permaneceu sob a proteção dos mouros em *Medeos*<sup>530</sup>, cidade

---

<sup>528</sup> “Ioannes chose a few of those under him by the advice of Belisarios and, crossing the river, made an attack on the center, where Tzazo pushed them back and gave chase [...] Once more Ioannes, leading out more of the guardsmen of Belisarios, made a dash against the forces of Tzazo and, again being repulsed from there, withdrew to the Roman line. And a third time with almost all the guardsmen and spearmen of Belisarios, he took the general’s standard and made his attack with much shouting and a great noise. The barbarians manfully withstood them and used only their swords, so the battle became fierce and many of the noblest Vandals fell, among them Tzazo himself, the brother of Gelimer” (PROKOPIOS, 2014, p.197); “Juan, a instancias de Belisario, escogió a un reducido número de entre los combatientes que estaban bajo sus órdenes y, después de cruzar el río, dirigió su ataque contra los que ocupaban el centro, donde Tzazón, valiéndose de una acometida, los rechazó y persiguió [...] Y de nuevo Juan, llevando consigo a más soldados de la guardia personal de Belisario, se lanzó contra los que estaban con Tzazón y, al ser rechazado de allí por segunda vez, se retiró al campamento de los romanos. Y entonces ya por tercera vez, con casi todos los oficiales y soldados que integraban la guardia personal de Belisario, tomó el estandarte del general y llevó a cabo el ataque formando un fuerte griterío y estruendo de armas. Pero, como los bárbaros les resistían valerosamente y empleaban sólo sus espadas, el combate se hizo encarnizado y terminaron cayendo muertos un buen número de los vándalos más nobles y, entre ellos, el propio Tzazón, el heris mano de Gelimer” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.212).

<sup>529</sup> “The command had been previously given to all the Vandals to use neither spear nor any other weapon in this engagement except their swords” (PROKOPIOS, 2014, p.197); “Anteriormente se había pasado orden a todos los vándalos de que, en este encuentro, no empleasen ni lanza ni ninguna otra arma a excepción de sus espadas” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.211).

<sup>530</sup> Na cordilheira do Atlas, possivelmente na região do pico Kroumirie (KALDELLIS, 2014, p.200).

onde os romanos estabeleceram um cerco para capturar Gelimero. (PROKOPIOS, 2014, p.199-200).

Assim, a partir desses eventos, em meados de 534, Gelimero não é mais representado como uma ameaça significativa a Belisário, que enviou alguns de seus generais para ocupar e expandir os territórios romanos que anteriormente pertenciam ao Reino Vândalo, ainda assim, a captura do rei vândalo é tida por Procópio como um elemento importante das Guerras, já que os romanos estavam enfrentando uma dura oposição para se estabelecerem nas ilhas mediterrânicas, portanto, a conquista só seria concluída com a captura de Gelimero. Dessa forma, não conseguindo ocupar a cidade, Faras apelou a diplomacia, prometendo-lhe que:

É desejo do imperador Justiniano inscrevê-lo como membro do Senado, participando assim na mais alta posição social, que eles chamam de ‘dos patrícios’, e também apresentar-lhe numerosas e férteis terras e importantes somas de dinheiro, e que Belisário está disposto a garantir que você terá todas essas coisas<sup>531</sup> (FARA *apud* PROKOPIOS, 2014, p.204, tradução nossa).

Após alguns meses em extrema miséria e passando fome, Gelimero se entrega as forças de Belisário. É interessante observar que após a batalha de *Tricamarum* ainda que o rei vândalo fosse representado como um covarde, Procópio também inseriu deliberadamente críticas diretas ao imperador através da carta de Gelimero em resposta a Faras, onde ele afirma que Justiniano havia promovido a guerra sem motivos e ameaças concretas, ou seja, reafirma o caráter despótico do imperador que buscou suprimir membros que se mantiveram contrários aos seus desejos.

Assim, como Nuffelen (2018) também propõe, Procópio insere a figura de Gelimero como um personagem injustiçado, que havia sido vítima da ganância do imperador, que de acordo com ele, havia se tornado o verdadeiro usurpador do Reino Vândalo:

também acho insuportável ser escravo de um inimigo que me ofendeu, de quem peço que Deus exija justiça, se Ele for favorável a mim; um inimigo que, embora nunca tivesse sofrido nenhum dano da minha parte, nem nos feitos que sofreu, nem nas palavras que ouviu, encontrou pretexto para uma

---

<sup>531</sup> “is the wish of the emperor Justinian to have you enrolled in the senate and grant you the highest honor, that of a patrician, and present you with lands both wide and good and with great sums of money, and that Belisarios is willing to ensure that you will have all these things” (FARAS *apud* PROKOPIOS, 2014, p.204); “es deseo del emperador Justiniano inscribirte como miembro del Senado, participando así de la más alta posición social, la que denominan «de los patricios», y obsequiarte además con numerosas y fértiles tierras e importantes sumas de dinero y que Belisario quiere hacerse responsable de que todo llegará a tus manos, dándote garantías” (FARAS *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.230).

guerra não declarada e me reduziu a esta desgraça, trazendo Belisário contra mim<sup>532</sup> (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.204, tradução nossa).

Logo, a carta de Gelimero se insere na obra de Procópio como um elemento crítico ao governo de Justiniano, mas atribuindo a terceiros o que ele próprio pensava, ao mesmo tempo que podia se isentar da responsabilidade pelo conteúdo da carta, que deveria fornecer a própria compreensão dos vândalos sobre essa campanha, isto é, colocando-se sob um modelo classicista de não intervenção, que deveria suprimir suas próprias convicções, introduzir esse recurso das cartas do rei vândalo era uma forma de responsabilizar o imperador, por atos que considerava desnecessários e que, de acordo com a linha de pensamento de Procópio não traria grandes benefícios, uma vez que eliminados os vândalos, os mouros se tornariam um novo elemento de resistência ao governo de Justiniano “E a paz não é mantida entre os mouros de qualquer outra forma, que não seja pelo medo dos inimigos que eles enfrentarão<sup>533</sup>” (PROKOPIOS, 2014, p.207, tradução nossa). Desse modo, ainda que Gelimero e o Reino Vândalo tivessem sido destruídos, Justiniano teria que lidar com a oposição dos mouros.

---

<sup>532</sup> “also find it unbearable to be a slave to an enemy who has wronged me, from whom I pray God will exact justice, if he is propitious to me—an enemy who, although he had never experienced any harm from me either in deeds that he suffered or in words that he heard, found a pretext for an unprovoked war and reduced me to this misfortune, bringing Belisarios against me” (GELIMER *apud* PROKOPIOS, 2014, p.204); “considero insoportable servir como esclavo a um enemigo que me trata injustamente y del cual yo desearía, si Dios me fuese propicio, obtener venganza, un enemigo que, sin haber sufrido jamás nada desagradable de mi parte ni de obra ni habiéndolo oído tampoco de mi boca, encontraba un pretexto para una guerra que no tenía excusa y que llevó mi situación a tal estado de desventura, lanzando a Belisario contra mí” (GELIMER *apud* PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.231).

<sup>533</sup> “Nor is peace maintained among the Moors by any other means than by fear of the enemies opposing them” (PROKOPIOS, 2014, p.207); “Y la paz no se mantiene entre los moros de ninguna otra manera más que por el temor a los enemigos que se enfrenten a ellos” (PROCOPIO DE CESAREA, 2006, p.237-238).

## Considerações finais

Portanto, consideramos que os discursos em relação aos vândalos e, ao Reino Vândalo no Norte da África depende, de quais narrativas são acessadas. Isto é, ainda que as narrativas eclesiais não tenham alcançado completa coesão, acerca das contribuições do Reino Vândalo no período que se segue, entre a chegada nas províncias da Hispânia em 409 até, pelo menos, meados de 489 com a publicação da *Historia Persecutionis* escrita pelo bispo Victor de Vita.

Vemos que as perspectivas que ganham maiores adeptos entre a comunidade clerical, reafirmam uma grande dicotomia étnica entre romanos e vândalos, e também religiosa entre católicos e arianos. Consideramos que tais diferenciações, tinham como objetivo estabelecer critérios para o isolamento religioso das comunidades, submetidas ao poder desses bispos e clérigos, cujo objetivo era limitar ou impedir a integração e interação entre as populações locais e a aristocracia vândala, que estabeleceu seu centro de poder em Cartago após 439.

No entanto, ao analisar as situações das províncias africanas antes e durante a chegada do Reino Vândalo, pudemos constatar que essa divisão, é muito mais uma idealização do clero ortodoxo, do que necessariamente, expressa um sentimento dos quais, as comunidades locais compartilhavam.

Isso porque, as províncias africanas e, também a ilha da Sardenha, eram marcadas por um grande contraste populacional e cultural, enquanto nas regiões litorâneas havia uma concentração de instituições romanas, que conseqüentemente concebiam o foco do poder imperial romano. O interior dessas regiões, eram marcadas por uma grande autonomia cultural, como vimos, até pelo menos o século III a língua púnica era a língua dominante na Sardenha, embora já estivesse sob domínio romano por mais de 600 anos.

Podemos encontrar as mesmas referências à independência linguística e a falta de imposição do latim, em muitas comunidades do Norte da África, inclusive servindo como recurso para o acesso de bispos em muitas sedes episcopais africanas. Conforme vemos nas cartas de Agostinho de Hipona, que não apenas, escolhia os bispos de sua região com base na fluência do púnico, como também, impediu a retirada de clérigos falantes de púnico da África pelo bispo de Roma.

E ainda que, os vândalos tenham sido representados como um povo bárbaro, carregado de todo estereótipo negativo associado ao termo, pelos bispos de Aquae Flaviae e Victor de Vita. Idácio, bispo de Aquae Flaviae utilizou, principalmente, referências bíblicas para

evidenciar que a chegada dos vândalos, alanos, suevos e, posteriormente, visigodos nas províncias da Hispânia, revelavam que as profecias de Daniel sobre o fim dos tempos estavam se cumprindo. Por isso, enfatizou a crueldade com que esses povos tratavam seus concidadãos, e buscou interpretar em sua narrativa como a chegada desses povos, estava em consonância com sinais e prodígios enviados por Deus para que os homens santos pudessem compreender que, viviam em um momento de provação da fé. Entre estes prodígios estão: os eclipses solares e lunares, terremotos, aparição de cometas, dentre outros (GOUVEIA, 2012, p.7).

Entre as características que mais nos chamam as atenções, são os relatos de saques a igrejas, pouco comum para o período<sup>534</sup>, mas que surge nas narrativas eclesiásticas de Idácio e Victor de Vita como uma característica marcante do processo de estabelecimento do Reino Vândalo, inicialmente nas províncias da Hispânia, e posteriormente nas províncias africanas.

Victor de Vita, principalmente, faz uso desse recurso para afirmar que os vândalos direcionam sua ira ao clero intitulado, romano-católico. Buscando assim, em meados de 489, associar a população católica ao imperador no Oriente, como forma de colocar essas populações sobre a proteção imperial, ao mesmo tempo, que torna o imperador responsável pelo destino da população que se reconhece como estando submetida ao poder.

O bispo de Vita, como vimos, é também o principal responsável por manipular o passado vândalo durante o Reinado de Genserico (428-477), afirmando que os saques as igrejas católicas era parte uma perseguição religiosa motivada pelo clero ariano, na tentativa de alcançar maior poder e influência que a Igreja Católica. No entanto, antes da *Historia Persecutionis* ser publicada em 489, não há nenhuma referência a existência de uma perseguição religiosa promovida por este rei ao clero católico.

Embora, Idácio tenha encontramos apenas uma referência a uma suposta perseguição promovida por Genserico aos católicos, que teria ocorrido durante um saque a ilha da Sicília: “Ele [Maximino] instigou a perseguição aos opositores católicos para forçá-los a impiedade ariana de qualquer forma<sup>535</sup>” (HYDATIUS, 1993, p.94, tradução nossa). No entanto, não há referências diretas que representem Genserico como perseguidor, mas sim como alguém que é manipulado por um bispo ariano a cometer crimes contra os católicos. Assim, avaliamos que

<sup>534</sup> Embora seja possível encontrar referências a saques as igrejas por outros povos do período, aqui nos referimos a um direcionamento de obras completas para se referir a esses saques as igrejas e ataques aos cléricos, tais como a *Historia Persecutionis* de Victor de Vita, que é produzida com o objetivo, como vimos, de fornecer uma denúncia daquilo que as comunidades católicas estavam sofrendo sobre o domínio vândalo.

<sup>535</sup> “*aduersum catholicos precipitatur instinctu ut eos quoquo pacto in impietatem cogeret Arrianam*” (HYDATIUS, 1993, p.94); “*he initiated a persecution of the orthodox in order to force them into the Arian impiety by any means whatsoever*” (HYDATIUS, 1993, p.95).

Genserico não teria sido representado como perseguidor, mas como um fantoche de um bispo que utilizou do poder bélico do rei vândalo para se vingar de seus adversários religiosos.

Logo, consideramos que os saques as igrejas haviam sido instituídas pelas aristocracias vândalas como forma de obter riquezas, tornando os clérigos como alvos ocasionais involuntariamente, não havendo durante o Reinado de Genserico uma preocupação de como o clero católico poderia ameaçar ou intervir na condução das políticas régias. E por isso, embora tenham ocorridos imposições aos aristocratas vândalos acerca de sua religiosidade como arianos, como forma de manter o status e a posição social, bem como impedido novas eleições ao episcopado católico de Cartago.

Tais questões, demonstram ser naturais de um processo de adaptação as novas dinâmicas religiosas, políticas, militares, sociais e culturais, a partir do estabelecimento de um novo reino em uma região que, embora tivesse grande importância econômica para o Império, mantinha uma importante parcela da população alheia as imposições culturais e linguísticas romanas.

Não podemos considerar, portanto, que os saques esporádicos as igrejas católicas poderiam ser compreendidas estritamente, como uma política de perseguição religiosa. Por isso, para além do rápido processo de enriquecimento alcançados pelo saque às igrejas, controlar o acesso a aristocracia através de uma religião condenada a heresia (o Arianismo) pelos imperadores, parecia uma boa estratégia de impedir membros do clero católico, partidários do Império Romano em acender aos altos cargos do Reino Vândalo. Limitando assim a influência e poder desses indivíduos, e concentrando em torno do rei pessoas e comunidades leais ao poder régio, ao mesmo tempo em que promove o acesso a uma riqueza móvel, fundamental para remunerar a aristocracia e os exércitos vândalos.

Também é interessante perceber que, não há nenhuma referência nas narrativas episcopais, anterior a publicação da *Historia Persecutionis* em 489, que evidencie qualquer tipo de perseguição aos católicos durante o Reinado de Genserico.

Pelo contrário, o reinado de Genserico é representado por Salviano em sua obra *De Gubernatione Dei*, como um período que restabeleceu a proximidade dos homens a Deus, pois, havia decretado que nenhum nobre vândalo deveria se envolver com prostitutas e com outros homens e, portanto, reafirmava o compromisso dos vândalos em instaurar um reino que cumprisse com as vontades de Deus, e não apenas fizesse uso de títulos que acreditavam demonstrarem superioridade sobre os ‘hereges’ e ‘bárbaros’, tais como ‘romano’ e ‘católico’. Já que, como vimos, para Salviano era mais importante a conduta moral dos indivíduos, do

que um título religioso, que reivindicava o status de verdadeira fé, uma vez que, a verdadeira fé deveria ser praticada, e não apenas conhecida.

Interessante perceber que durante a primeira metade do século VI, as propostas de Victor de Vita de perceber o reinado de Genserico como um período de perseguição aos católicos, não parecer ter ganhado muito apoio, mesmo entre as comunidades católicas. Este é o caso da *Vita Fulgentii*, escrita pelo diácono Ferrando de Cartago, que faz pouquíssimas menções ao rei vândalo Genserico, sendo que, em nenhuma delas aparece como perseguidor de católicos, mas antes como um conquistador que expulsou as classes senatoriais de seu reino: “Quando o rei Genserico entrou em Cartago como conquistador, ele obrigou muitos, na verdade, todos os senadores, a navegar para a Itália depois que ele confiscou suas propriedades<sup>536</sup>” (FERRANDUS, 1997, p.6, tradução nossa).

Se partirmos ainda para a tradição literária secular, tais referências também não são encontradas, nas Histórias das Guerras de Procópio de Cesareia, nos *Laterculvs Regvm VVandalorum et Alanorum* ou, nos poemas e panegíricos da *Anthologia Latina*. Aliás, na crônica *Augiensis* Genserico é celebrado como um cidadão da África: “Ele reinou da mesma forma como um cidadão da África por trinta e sete anos, três meses e seis dias<sup>537</sup>” (LATERCVLVS REGVM VVANDALORVM ET ALANORVM, 1898, p.458, tradução nossa). Não havendo assim, entre o século V e início do VI, nenhuma referência a memória do rei vândalo Genserico como sendo um perseguidor de católicos, fosse nas narrativas seculares, como nas narrativas eclesiásticas.

Contudo, a partir da captura do rei vândalo Gelimero pelos exércitos de Belisário em 534, a memória do rei Genserico passa a ser manipulada novamente pela historiografia eclesiástica, a partir das Crônicas do bispo africano Victor de Tunnuna: “Genserico rei dos vândalos, depois de destruir muitas províncias e, saquear e assassinar a população cristã na África, morreu no quadragésimo ano de seu reinado<sup>538</sup>” (VICTORIS TONNENNENSIS, 1894, p.187, tradução nossa). Dessa forma, é possível considerar que Victor de Tunnuna havia utilizado a obra de Victor de Vita como fonte para o Reinado de Genserico. Já que não encontramos nenhuma referência anterior as mesmas características literárias atribuídas pelo bispo de Tunnuna a esse rei.

<sup>536</sup> “When King Gaiseric entered Carthage as a conqueror, he compelled very many, indeed, all the senators, to sail to Italy after he confiscated their possessions” (FERRANDUS, 1997, p.6).

<sup>537</sup> “qui regnavit eandem Africa civitatem ann. XXXVII m. III d. VI” (LATERCVLVS REGVM VVANDALORVM ET ALANORVM, 1898, p.458).

<sup>538</sup> “Gensericus Wandalarum rex post multarum provinciarum clades et Christiani apud Africam populi spolia atque neces moritur regni sui anno XL” (VICTORIS TONNENNENSIS, 1894, p.187).

Dessa forma, a partir de meados de 540 há uma reconfiguração da memória historiográfica associada a figura de Genserico, uma vez que, a partir de Victor de Tunnuna ganha aceitação, e é possível encontra-la em outras fontes do período como Isidoro de Sevilha que também passou a julgar Genserico como um perseguidor de católicos: “Ele [Genserico] após devastar a Sicília, sitiou Palermo, introduziu a peste ariana por toda a África, expulsou padres de suas igrejas e causou muitos martírios<sup>539</sup>” (ISIDORE OF SEVILLE, 1970 p.35, tradução nossa). Portanto, que a ideia de acusar o rei Genserico de ser um perseguidor de católicos, só aparece após a segunda metade do século VI, com a derrota do Reino Vândalo para o Império Romano do Oriente.

E passa a conquistar ampla aceitação desde então, como vemos, essa percepção teve grande recepção e circulação chegando a Paulo, o Diácono no século VIII, que reconhece Genserico como um destruidor de igrejas “No começo, as igrejas da África foram destruídas por Genserico<sup>540</sup>” (PAVLI, 1879, p.129, tradução nossa). Difundindo assim, uma percepção de que os vândalos eram inimigos do cristianismo, do clero católico e da própria romanidade.

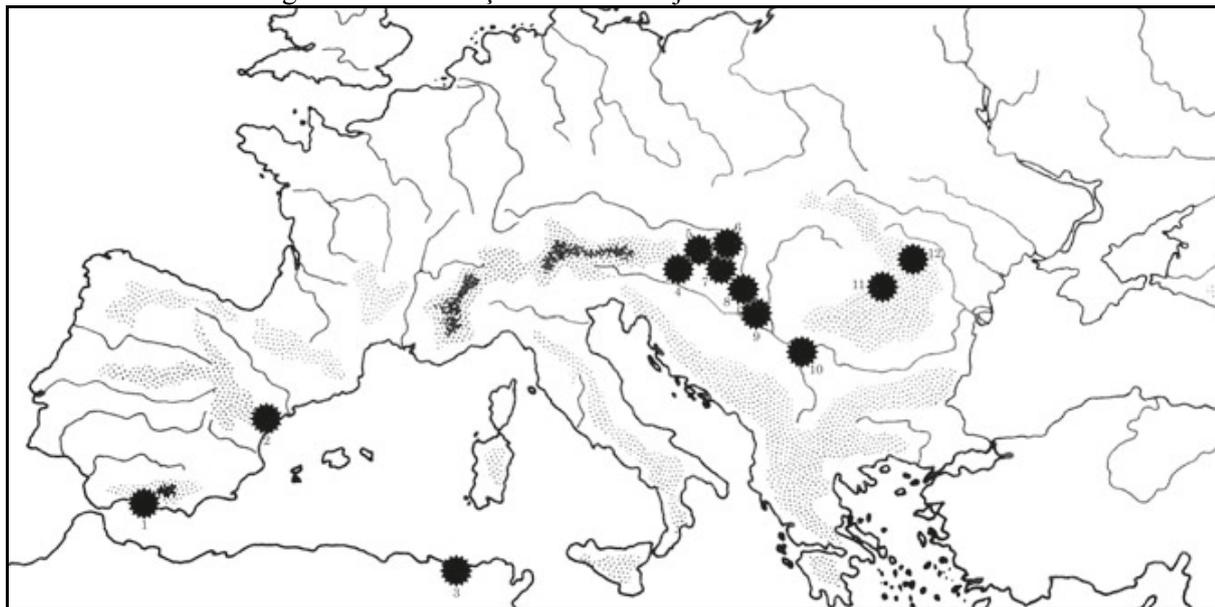
É interessante observar que, tal como as narrativas seculares, as evidências arqueológicas também apontam para a integração entre vândalos e a população local. Os autores Joan Pinar e Gisela Ripoll (2008) ao analisarem uma série de fibulas e joias de ouro em sepulturas femininas, encontraram um padrão produtivo que consideram ser pertencente as mulheres da aristocracia vândala, isso porque, além de técnicas metalúrgicas próprias, elas também coincidem com o processo migratório dos vândalos (séc. V) e com seus respectivos locais de assentamento a partir do século IV (Panônia, Hispânia e África), conforme vemos na figura a seguir:

---

<sup>539</sup> “He then ravaged Sicily, besieged Palermo, introduced the Arian pestilence through the whole of Africa, drove priests from their churches, caused many to be martyrs” (ISIDORE OF SEVILLE, 1970 p.35).

<sup>540</sup> “ex quo a Geiserico primitus apud Africam ecclesiae fuerant destructae” (PAVLI, 1879, p.129).

Figura 12 - Circulação de fíbulas e joias Vândala-Przeworsk



Fonte: PINAR, RIPOLL, 2008, p.126.

Pinar e Ripoll (2008) ainda destacam que há uma escassez considerável a partir da entrada nos territórios africanos, o que indica para eles, que os vândalos haviam assimilado as técnicas metalúrgicas, e também objetos de vestuários que demonstravam status elevado entre as elites do Império Romano. Deste modo, enfatizam que as aristocracias vândalas alteraram parte de seus simbolismos culturais e passaram a fazer uso de objetos de luxo que, não apenas demonstrassem *status* frente ao seu próprio povo, mas também em relação as aristocracias romanas. Fato que interpretamos como sendo uma marca da integração dessas elites vândalas ao acessarem a moda e modelos produtivos romanos que evidenciassem poder e riquezas, em um âmbito mais amplo do comércio mediterrâneo.

Também é interessante analisarmos que, embora, o rei vândalo Hunerico seja condenado pelas comunidades católicas, principalmente, após presidir um Concílio em Cartago em 484, cujo objetivo era condenar a fé católica como heresia no Reino Vândalo. Desta forma, conseguimos perceber, que os vândalos haviam obtido sucesso em assimilar as estruturas e organizações religiosas comandadas pelos donatistas, que não apenas se mantinham como um grupo subversivo ao poder romano, mas também mantinham sedes episcopais próprias, independentes da presença do clero católico. Assim, enquanto os donatistas haviam conseguido obter apoio militar e político para combater as influências das igrejas católicas e do Império Romano através do Reino Vândalo, igualmente os reis vândalos haviam conseguido obter apoio religioso e popular, a ponto de estruturar uma Igreja Ariana, cuja sede em Cartago mantinha um patriarca e uma série de episcopados, ao mesmo tempo

que, o rei vândalo se impunha como guardião das comunidades arianas dentro ou fora de seu reino. (BOCKMANN, 2014; WHELAN, 2014; OLIVEIRA, 2015).

Essa interação entre Hunerico e a população local pode ser percebida em um poema, do qual é celebrado com grandes honrarias pela construção de um porto na região de Cartago, que permitiu um aumento exponencial do fluxo, da interação e da participação do Reino Vândalo no comércio mediterrânico (CHALÓN *et al*, 1985), conforme observamos abaixo:

Rei Hunerico que em sua fé deposita sua fama eterna/ Ele inspira seus exércitos, que sob seus comandos propaga conquistas memoráveis/ Com uma palavra ele dividiu as profundezas dos mares e cortou grandes rochas,/ com apenas uma ordem, ele expôs o domínio dos peixes/ de modo que os homens puderam andar sobre elas/ Suas picaretas escavaram o mar aberto,/ assustando a força dos mares e apaziguando suas ondas/ A água flui por um circuito sinuoso, que recolhe a água da chuva/ Onde é absorvida por um parafuso de Arquimedes, que manualmente a dispensa no Oceano<sup>541</sup> (ANTHOLOGIA LATINA, 1869, p.249, tradução nossa).

Como forma de atestar sua popularidade, observamos também que Hunerico havia sido homenageado com a renomeação da cidade de *Hadrumentum* (atual Sousse) para Hunericópolis, tal como pode ser atestado por um censo promovido pelo rei em fevereiro de 483, com o objetivo de mapear a atuação de clérigos e bispos em todo Reino Vândalo, não apenas na África, mas também nas ilhas mediterrânicas sob domínio vândalo: “*Seruitius unuricopolitanus*” (NOTITIA PROVINCIARVM ET CIVITATVM AFRICAE, 1879, p.68). Não fica claro, no entanto, se a cidade havia sido rebatizada com o nome do rei por ele mesmo, ou se aristocratas do Reino Vândalo haviam renomeado a cidade como forma de celebrar seus ‘feitos memoráveis’ como descrito na *Anthologia Latina*.

Como vemos, Brian Ward-Perkins (2000) interpreta que o sufixo ‘*pólis*’ presente em cidades renomeadas por reis bárbaros como Hunerico (Hunericópolis), Teodorico (Teodericópolis) e Leovigildo (Recópolis, homenagem ao seu filho), indicava uma tentativa de concorrer em *status* e importância com a cidade de *Constantinopolis*, considerada a cidade

---

<sup>541</sup> “*Rex Hunerix, manifesta fide quem fama perennis/ Incitat, ordinibus spargit memorabile factum./ Quod uerbo diuisit aquas molemque profundum/ Discidit iussis semel [et] nudata natantum/ Iugera calcat homo. pelagus fodisse ligones/ Expauit natura maris. subducitur unda./ Tortilis anfractu liquidus contergitur imber/ Oceanumque mouent manibus. mare cochlea sorbet*” (ANTHOLOGIA LATINA, 1869, p.249); “*Le roi Huneric, la preuve est évidente, lui dont l'illustre renommée défie le temps, répand dans tous les horizons le bénéfice d'une prouesse mémorable: d'un mot, il a divisé les eaux, d'un ordre, il fend l'abîme de la mer, et voici, une fois pour toutes, découvert le domaine des poissons; l'homme peut y poser le pied. Des bèches ont fouillé la profondeur marine, au grand effroi de la mer. L'onde, aspirée par le fond, suit les courbes de la spirale; balayée, l'eau coule dans une courbe; faisant à la main passer la mer sous une meule, un colimaçon engloutit l'Océan*” (CHALÓN *et al*, 1985, p.223).

mais importante do Império Romano a partir de finais do século V. (BARNWELL, 1992; WARD-PERKINS, 2000; MOORHEAD, 2013)

Além disso, também pode ser interpretada como uma tentativa desses reis se equipararem e/ou competirem com a memória de Constantino, já que, ao menos em relação a Hunerico, sabemos que ele, tinha grande conhecimento sobre as leis anti-donatistas promulgadas por Honório em 411. E tal como temos debatido, o Concílio de Cartago de 484 presidido por Hunerico era necessariamente, uma forma de rivalizar com os Concílios de Arles (314) e Nicéia (325), ambos presididos por Constantino. Pensamento este, que é inclusive utilizado por Victor de Vita como recurso para incitar os imperadores romanos no Oriente, ao demonstrar que supostamente Hunerico não reconhecia o poder imperial como válido para julgar e sentenciar grupos hereges. Apresentando para nós, a utilização pelos vândalos dos mesmos discursos donatistas que haviam condenado a relação que o Império Romano desempenhava junto da Igreja Católica. (KALU, 2005; OLIVEIRA, 2015; WHELAN, 2014; 2018; FOURNIER, 2017).

Assim, observamos que embora tenham ocorridos conflitos entre vândalos e a comunidade católica, a tentativa desses clérigos em compor uma oposição sólida aos vândalos através da imposição de uma fronteira religiosa, se demonstrou pouco profícua, não alcançando o impacto desejado nas populações da África Vândala. Assim, como vimos com a memória de Genserico, a perspectiva do clero católico acerca dos vândalos parece ter alcançado uma difusão mais ampla, apenas após as conquistas dos exércitos de Justiniano em 534.

## Fontes documentais

AGOSTINHO, Santo. *Cidade de Deus: Livro I ao VIII*. 2ed. Trad. João Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, vol.1.

ANTHOLOGIA LATINA, Sive poesis latinae supplementvm. In: RIESE, Alexander (ed.). *Carmina in codicibus scripta: Pars prior*. Lipsiae: Aedibus B. G. Teubneri, 1869.

AUGUSTIN, Saint. "Letters of St. Augustin". In: SCHAFF, Philip (ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers Series I*. Michigan: Grand Rapids, 1886, vol.1.

AUGUSTINE, Saint. *Letters, volume VI (1°-29°)*. Trad.: Robert B. Eno. Washington: Catholic University of America Press, 1989.

AGOSTINHO, Santo. *O "De excídio Vrbis" e outros sermões sobre a queda de Roma*. Trad. Carlota Miranda Urbano. 3ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

CAESARIUS OF ARLES. *Sermons (vol.1, 1-80)*. Trad. Mary Magdeleine Mueller. Washington: Catholic University of America Press; Consortium Books, 2004.

CODEX THEODOSIANUS. In: *The Theodosian code and Novels and the Sirmondian Constitutions*. Trad.: Clyde Pharr. New Jersey: Princeton University Press, 1952.

CORPUS JURIS CIVILIS. In: *The codex of Justinian: A new annotated translation with Parallel Latin and Greek Text*. Trad.: Justice Fred H. Blume. Cambridge University Press: Cambridge, 2016.

FERRANDUS. "The Life of the Blessed Bishop Fulgentius". In: ENO, Robert B. (trad.). *Fulgentius: Selected works*. Washington: Catholic University of America Press, 1997.

FULGENTIUS. "The letters of Fulgentius". In: ENO, Robert B. (trad.). *Fulgentius: Selected works*. Washington: Catholic University of America Press, 1997.

GENNADIUS. "Lives of Illustrious Men". In: SCHAFF, Philip (ed.). *Nicene and Post-Nicene Fathers Series II*. Michigan: Grand Rapids, 1892, vol.3.

HILAIRE D'ARLES. *Vie de Saint Honorat*. Trad. Marie-Denise Valentin. Paris: Editions du Cerf, 1977.

HYDATIUS. *The Chronicle of Hydatius and the Consularia Constantinopolitana: Two Contemporary Accounts of the Final Years of the Roman Empire*. Translate and edited: R.W. Burgess. Oxford: Oxford University Press, 1993.

ISIDORE OF SEVILLE. *History of the Goths, Vandals, and Suevi*. 2ed. Translate: Guido Donini; Gordon B. Ford Junior. Leiden: E. J. Brill, 1970.

JORDANES. *Origen y gesta de los godos*. 2ed. Trad. José María Sánchez Martín. [S.l.]: Titivillus, 2018.

LATERCVLVS REGVM VVANDALORVM ET ALANORVM. In: MOMMSEN, Theodor (ed.). *Monvmenta Germaniae Historica, Avctorvm antiqvissimorvm XIII, Chronica Minora saec. IV, V, VI, VI, volumen III*, Berlin, 1898, pp.456-460. Disponível em: [https://www.dmgh.de/mgh\\_auct\\_ant\\_13/index.htm#page/456/mode/1up](https://www.dmgh.de/mgh_auct_ant_13/index.htm#page/456/mode/1up)

LUXORIUS. *Luxorius: A latin poet among the Vandals*. Trad. Morris Rosenblum. New York; London: Columbia University Press, 1961.

NOTITIA PROVINCIARVM ET CIVITATVM AFRICAE. In: HALM, Carolus (ed.). *Monvmenta Germaniae Historica, Avctorvm antiqvissimorvm III, Victoris Vitensis Historia persecutionis Africanae provinciae sub Geiserico et Hunirico regibus Wandalorum*, Berlim, 1879. Disponível em: [https://www.dmgh.de/mgh\\_auct\\_ant\\_3\\_1/index.htm#page/62/mode/1up](https://www.dmgh.de/mgh_auct_ant_3_1/index.htm#page/62/mode/1up)

NOVELS OF VALENTINIAN III. In: *The Theodosian code and Novels and the Sirmondian Constitutions*. Trad.: Clyde Pharr. New Jersey: Princeton University Press, 1952.

PAVLI. "Historia Romana". In: DROYSEN, Hans (ed.). *Monvmenta Germaniae Historica, Scriptores rerum Germanicarum in usum scholarum separatim editi, Pavli Historia Romana*. Berlin: Weidmannos, 1879.

PLINII SECUNDI. *Naturalis Historiae*. Wien: Hackios, 1668, tomo 1.

POSSIDIO. *Sancti Augustini Vita Scripta a Possidio Episcopo*. Trad.: Herbert T. Weiskotten. Princeton; London: Princeton University Press; Oxford University Press, 1919.

PROCOPIO DE CESAREA. *Historia de las guerras: Libros III-IV Guerra Vándala*. Trad. José Antonio Flores Rubio. 1ed; 1reimpr. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

PROCOPIUS. *History of the Wars: Book III and IV - The Vandalic War*. Translate: Henry Bronson Dewing. London; New York: William Heinemann; G. P. Putnam's Sons, 1916.

PROKOPIOS. *The Wars of Justinian*. Translate: H.B. Dewing; Revised and modernized, with an introduction and notes by Anthony Kaldellis. Indianapolis; Cambridge: Hackett Publishing Company, 2014.

SALVIAN. *On the Government of God: A Treatise wherein are shown by Argument and by Examples drawn from the Abandoned Society of the Times the Ways of God toward His Creatures*. Trad.: Eva M. Sanford. New York: Columbia University Press, 1930.

SALVIAN. *The writings of Salvian, the presbyter*. Trad. Jeremiah Francis O'Sullivan. Washington: The Catholic University of America Press, 1947.

SALVIANI, Presbyteri Massiliensis. *Libri qvi svpersvnt*. In: HALM, Carolus (ed.). *Monvmenta Germaniae Historica, Avctorvm antiqvissimorvm I, Salviani Libri*, Berlim, 1877. Disponível em: [https://www.dmgh.de/mgh\\_auct\\_ant\\_1\\_1/index.htm#page/\(I\)/mode/1up](https://www.dmgh.de/mgh_auct_ant_1_1/index.htm#page/(I)/mode/1up)

TÁCITO. *A Germânia de Tácito: tradução e comentários*. Trad. Maria Cecília Albernaz Lins Silva de Andrade. Mestrado em Letras Clássicas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

VICTOR OF VITA. *Vitor of Vita: History of the Vandal Persecution*. 2ed. Trad. John Moorhead. Liverpool: Liverpool University Press, 2006.

VICTORIS VITENSIS. *Historia Persecvtionis Africanae Provinciae svb Geiserico et Hvnirico Regibvs Wandalorvm*. In: HALM, Carolus (ed.). *Monvmenta Germaniae Historica, Avctorvm antiqvissimorvm III, Victoris Vitensis Historia*, Berlim, 1879. Disponível em: [https://www.dmgh.de/mgh\\_auct\\_ant\\_3\\_1/index.htm#page/\(I\)/mode/1up](https://www.dmgh.de/mgh_auct_ant_3_1/index.htm#page/(I)/mode/1up)

VICTORIS TONNENNENSIS. *Chronica*. In: MOMMSEN, Theodor (ed.). *Monvmenta Germaniae Historica, Avctorvm antiqvissimorvm XI, Chronica Minora saec. IV, V, VI, VI, volumen II, Victoris Tonnennensis episcopi chronica*, Berlin, 1894, pp.176-206. Disponível em: [https://www.dmgh.de/mgh\\_auct\\_ant\\_11/index.htm#page/178/mode/1up](https://www.dmgh.de/mgh_auct_ant_11/index.htm#page/178/mode/1up)

## Referências bibliográficas

ABED, Aïcha Ben; DUVAL, Noël. Carthage, la capitale du royaume et les villes de Tunisie à l'époque vandale. *Memorias de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona*, vol.25, pp.163-218, 2000.

ADAMS, James Noel. *Bilingualism and the Latin language*. 2ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ALCIATI, Roberto. “Eucher, Salvien et Vicent: les Gallicani doctores de Lérins”. In: CODOU, Yann; LAUWERS, Michel (eds.). *Lérins, une île sainte de l'antiquité au moyen age*. Turnhout: Brepols, 2009.

ALMEIDA, Néri de Barros. “Os ‘pais da História’ e o discurso do método”. In: NEMI, Ana; ALMEIDA, Néri de Barros; PINHEIRO, Rossana Alves Baptista (orgs.). *A construção da narrativa histórica: Século XIX e XX*. Editora da UNICAMP; Editora FAP-UNIFESP: Campinas; São Paulo, 2014.

ANDRADE, Maria Cecília Albernaz Lins Silva de (trad.). *A Germânia de Tácito: tradução e comentários*. Mestrado em Letras Clássicas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

ANGELOV, Dimiter. *Imperial ideology and political thought in Byzantium, 1204-1330*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ARENDDT, Hanna. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. 8ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BAKER, George Philip. *Justinian: The last Roman Emperor*. New York: Cooper Square Press, 2002.

BALTRUSCH, Ernst; WILKER, Julia. “Amici - socii - clientes? Abhängige Herrschaft im Imperium Romanum”. In: BALTRUSCH, Ernst; WILKER, Julia. (eds.). *Amici - socii - clientes? Abhängige Herrschaft im Imperium Romanum*. Berlin: Edition Topoi, 2015.

BANCHICH, Thomas M.. “The Epitomizing Tradition in Late Antiquity”. In: MARINCOLA, John (ed.). *A companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, vol.1.

BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. O elemento religioso na interpretação dos acontecimentos da Guerra Pérsica. *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, n.5, pp.225-243, 2015.

BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos. *Procópio e a reapropriação do modelo Tucídideo: a representação da peste na narrativa histórica (VI século d.C.)*. Dissertação de mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.

BAPTISTA, Lyvia Vasconcelos; BOY, Renato Viana. A construção de uma narrativa: Os olhares de Procópio de Cesareia sobre as guerras de Justiniano. *Revista de Teoria da História*, n.13, pp.125-141, 2015.

BARNWELL, P.S. *Emperor, Prefects & Kings: The Roman West, 395-565*. London: Duckworth, 1992.

BASSO, Franco; GREATREX Geoffrey. “How to interpret Procopius’ preface to the Wars”. In: LILLINGTON-MARTIN, Christopher; TURQUOIS, Elodie (eds.). *Procopius of Caesarea: Literary and Historical interpretations*. London; New York: Routledge, 2018.

BAUMEISTER, Theofried. “Zur Entstehung der Märtyrerlegende”. In: GEMEINHARDT, Peter; LEEMANS, Johan (eds.). *Christian Martyrdom in Late Antiquity (300-450 AD): History and discourse, tradition and religious identity*. Berlin: De Gruyter, 2012.

BECK, Hans. “The Early Roman Tradition”. In: MARINCOLA, John (ed.). *A companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, vol.1.

BECK, Heinrich. “Wenskus, Reinhard”. In: HOOPS, Johannes (ed.) *Reallexikon der Germanischen Altertumskunde*. Walter De Gruyter: Berlin; New York, 2006, vol.33.

BECKER, Audrey. Ethnicité, identité ethnique. Quelques remarques pour l’Antiquité tardive. *Gerión Revista de História Antigua*, vol.32, pp. 289-305, 2014.

BÉJAOUÏ, Fathi. “Les Vandales en Afrique: Témoignages archéologiques. Les récentes découvertes en Tunisie”. In: BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland (eds.). *Das reich der Vandalen und seine (vor-)Geschichten*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008.

BENEDETTI, Pedro. A construção da autoridade literária na tradição cronográfica cristã da Antiguidade Tardia. *Mare Nostrum*, vol.9, n.1, pp.23-46, 2018.

BENJAMIN, Walter. “O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história cultural*. 3ed. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, vol.1.

BERNDT, Guido M.. “Gallia - Hispania - Africa: Zu den Migrationen der Vandalen auf ihrem Weg nach Nordafrika”. In: BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland (eds.). *Das reich der Vandalen und seine (vor-)Geschichten*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008.

BERNDT, Guido M.. “Strategies of Representation: Minting the Vandal Regnum”. In: SOLWAY, Susan (ed.). *Medieval Coins and Seals: Constructing Identity, Signifying Power*. Turnhout: Brepols Publishers, 2015.

BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland. Minting in Vandal North Africa: coins of the Vandal period in the Coin Cabinet of Vienna’s Kunsthistorisches Museum. *Early Medieval Europe*, vol.16, n.3, pp.252-298, 2008a.

BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland (eds.). *Das Reich der Vandalen und seine (Vor)-Geschichten*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008b.

BOCKMANN, Ralf. “The Non-Archaeology of Arianism - What comparing cases in Carthage, Haïdra and Ravenna can tell us about ‘Arian’ Churches”. In: BERNDT, Guido M.;

STEINACHER, Roland (Eds.). *Arianism: Roman Heresy and Barbarian Creed*. Farnham; Burlington: Ashgate, 2014.

BOCKMANN, Ralf. “The Vandals and the Culture of Africa – Mutual Influences, Independent Developments and Universal Consequences”. Translate: Scott Hemphill. In: *Eurolog International Symposium, 2012*, Museu Nacional do Bardo. Tunis: Eurolog project ‘European Dialogue about Ancient Civilisations’, 2012. Disponível em: [http://eurolog-project.eu/pdf/lecture\\_bockmann\\_english.pdf](http://eurolog-project.eu/pdf/lecture_bockmann_english.pdf)

BOHEC, Yann Le. Le «visage de la guerre» pour les civils dans l’Antiquité Victor de Vita et les Vandales. *Rivista storica dell'antichità*, n.37, pp.153-166, 2007.

BORGONGINO, Bruno Uchoa. João Cassiano e a adesão aristocrática ao monacato na Gália (século V). *Revista Signum*, vol.19, n.2, pp.75-90, 2018.

BOY, Renato Viana. A História das Guerras: Um estudo sobre as descrições dos bárbaros em Procópio de Cesareia - Século VI. *Byzantion nea hellás*, n.30, pp.173-187, 2011.

BOY, Renato Viana. As relações políticas entre romanos e bárbaros no Mediterrâneo tardo-antigo. *Anos 90*, vol.26, pp.1-12, 2019a.

BOY, Renato Viana. “Bizâncio e o Ocidente Mediterrânico: Relações de poder entre Constantinopla e os godos no século VI”. In: ALMEIDA, Néri de Barros; TORRE, Robson Della (orgs.). *O mediterrâneo medieval reconsiderado*. Editora da UNICAMP: Campinas, 2019b.

BOY, Renato Viana. Procópio de Cesareia e as disputas entre romanos e bárbaros na Guerra Gótica: Da “queda de Roma” ao período de Justiniano. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

BRODKA, Dariusz. Prokop von Kaisareia und seine Informanten: Ein Identifikationsversuch. *Historia*, n.65, pp.108-114, 2016.

BRODKA, Dariusz. Prokopios von Kaisareia und Justinians Idee „der Reconquista”, *Eos* 86, pp.243-255, 1999.

BROWNING, ROBERT. “The Byzantines and Homer”. In: LAMBERTON, Robert; KEANEY, John J. (eds.). *Homer's Ancient Readers: The Hermeneutics of Greek Epic's earliest exegetes*. 2ed. Princeton: Princeton Legacy Library 2019.

BURGESS, Richard W. (trad.). *The Chronicle of Hydatius and the Consularia Constantinopolitana: Two Contemporary Accounts of the Final Years of the Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

BURTON, Paul J. *Roman Imperialism*. Brill: Leiden; Boston, 2019.

BURTON, Philip. “Augustine and Language”. In: VESSEY, Mark; REID, Shelley (eds.). *A companion to Augustine*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Latim, Púnico e Berbere na África do Norte: Identidade e Alteridade. *Revista Poínix*, vol.6, pp.312-327, 2000.

CHALÓN, Michel; DEVALLET, Georges; FORCE, Paul; GRIFFE, Michel; LASSÈRE, Jean-Marie; MICHAUD, Jean-Noël. Memorabile factvm. Une célébration de l'évergétisme des rois vandales dans l'Anthologie latine. *Antiquités africaines*, vol.21, pp. 207-262, 1985.

CALAZANS, Jaqueline de. *As Dissidências cristãs e os campos político e religioso: um estudo comparativo do combate ao priscilianismo na Península Ibérica nos séculos IV e VI*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

CALAZANS, Jaqueline de; SILVA, Leila Rodrigues. O priscilianismo nas atas do Concílio de Zaragoza de 380: reflexões sobre a construção do campo religioso. *Brathair*, vol.12, n.2, pp.45-52, 2012.

CAMERON, Allan. The House of Anastasius. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, vol.19, n.3, pp.259-276, 1978.

CAMERON, Averil. *Procopius and the Sixth Century*. 2ed. London; New York: Routledge, 1996.

CAMERON, Averil. "Vandal and Byzantine Africa". In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael (eds.). *Late Antiquity Empire and Successors, AD 425-600*. 4ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, vol.14.

CAMERON, Averil. "Writing about Procopius then and now". In: LILLINGTON-MARTIN, Christopher; TURQUOIS, Elodie (eds.). *Procopius of Caesarea: Literary and Historical interpretations*. London; New York: Routledge, 2018.

CARR, Edward Hallet. *Que é História?*. Trad.: Lúcia Maurício de Alverga. 7º reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

CARRIÉ, Jean-Michel. *Elitismo cultural e "democratização da cultura" no Império Romano Tardio*. Trad. Deivid Valério Gaia. *História*, v.29, n.1, pp.456-474, 2010.

CASTRITIUS, Helmut. Barbaren im Garten "Eden": der Sonderweg der Vandalen in Nordafrika. *Historia: Zeitschrift Für Alte Geschichte*, vol. 59, no.3, pp.371-380, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. Trad.: André Dionei Fonseca; Eduardo de Melo Salgueiro. *Fronteiras*, v.13, n.24, pp.15-29, 2011.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. Trad.: Andrea Daher; Zenir Campos Reis. *Estudos Avançados*, vol.5, n.11, pp.173-191, 1991.

CHURCHILL, Neil. *Depictions of power in the imperial art of the early Macedonian Emperors: Basil I, Leo VI and Alexander*. Tese de doutorado. Brighton: Universidade de Sussex, 2016.

CLACKSON, James. "Local Languages in Italy and the West". In: BRUUN, Christer; EDMONDSON, Jonathan (ed.). *The Oxford Handbook of Roman Epigraphy*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

CLOVER, Frank M.. Flavius Merobaudes: A translation and Historical Commentary. *Transactions of the American Philosophical Society*, vol.61, n.1, pp.1-78, 1971.

CLOVER, Frank M.. Timekeeping and dyarchy in Vandal Africa. *Antiquite Tardive*, vol.11, p.45-63, 2004.

COELHO, Fabiano de Souza. Agostinho e a dialética das duas sociedades: A Cidade de Deus e a Cidade Terrena. *Revista Ágora*, n.15, pp.120-131, 2012.

COLLINS, Roger. "The western kingdoms". In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael (eds.). *Late Antiquity Empire and Successors, AD 425-600*. 4ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, vol.14.

COLVIN, Ian. "Reporting Battles and Understanding Campaigns in Procopius and Agathias: Classicizing Historians' Use of Archived Documents as Sources". In: SARANTIS, Alexander; CHRISTIE, Neil (eds.). *War and Warfare in Late Antiquity*. Leiden; Boston: Brill, 2013.

CONANT, Jonathan. *Staying Roman: Conquest and Identity in Africa and the Mediterranean, 439-700*. Cambridge University Press, Cambridge, 2012.

CONDE, Francisco Javier Fernández. Prisciliano y el priscilianismo: Historiografía y realidad. *Clio e Crimen*, nº1, pp.43-85, 2004.

CODOU, Yann. Le culte des saints évêques de Provence au Moyen Age: aspects archéologiques. Corps saints et reliques dans le Midi, *Cahiers de Fanjeaux*, n.53, pp.139-157, 2018.

CRAVIOTO, Enrique Gozalbes. La Romanización de Mauretania Tingitana (Marruecos). *Espacio, Tiempo y Forma Serie II, Historia Antigua*, n.23, pp.519-540, 2010.

CHRYSOS, Evangelos. "The Empire, the gentes and the regna". In: GOETZ, Hans Werner; JARNUT, Jörg; POHL, Walter (eds.). *Regna and gentes: the relationship between late antique and early medieval peoples and kingdoms in the transformation of the Roman world*. Leiden; Boston: Brill, 2003.

CROKE, Brian. "Justinian's Constantinople". In: MAAS, Michael (ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CROKE, Brian. "Late Antique Historiography, 250–650 CE". In: MARINCOLA, John (ed.). *A companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, vol.2.

CORRADINI, Richard. “A stone in the Capitol: Some aspects of *res publica* and *romanitas* in Augustine”. In: POHL, Walter; GANTNER, Clemens; GRIFONI, Cinzia; POLLHEIMER-MOHAUPT, Marianne (eds.). *Transformations of Romanness: Early Medieval Regions and Identities*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2018.

DEMACOPOULOS, George E.. *Byzantine Matters*. Resenha de: CAMERON, Averil. *Byzantine Matters*, 2014. *Bryn Mawr Classical Review*, vol.08, n.60, 2014.

DENCH, Emma. “Ethnography and History”. In: MARINCOLA, John (ed.). *A companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, vol.2.

DÍAZ, Pablo C.; MENÉNDEZ-BUEYES, Luis R. “Gallaecia in Late Antiquity: The Suevic Kingdom and the Rise of Local Powers”. In: D'EMILIO, James (ed.). *Culture and society in Medieval Galicia: A cultural crossroads at the edge of Europe*. Leiden, Boston: Brill Academy Publishers, 2015.

DÍAZ, Pablo C.; MENÉNDEZ-BUEYES, Luis R. “The Cantabrian Basin in the fourth and fifth centuries: from imperial province to periphery.” In: BOWES, Kim; KULIKOWSKI, Michael (Eds.). *Hispania in late antiquity: Current Perspectives*. Leiden, Boston: Brill Academic Publishers, 2005.

DODARO, Robert. “Augustine on the Statesman and the Two Cities”. In: VESSEY, Mark; REID, Shelley (eds.). *A companion to Augustine*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.

DOMINIK, William; HALL, Jon. “Confronting Roman Rhetoric”. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (ed.). *A Companion to Roman Rhetoric*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

DOSSEY, Leslie. The Last Days of Vandal Africa: An Arian Commentary on Job and its Historical Context. *The Journal of Theological Studies*, Vol.54, n.1, pp.60–138, 2003.

EDWELL, Peter M.. “Definitions of Roman Imperialism”. In: HOYOS, Dexter (ed.). *A Companion to Roman Imperialism*. Brill: Leiden; Boston, 2013.

EGEA, María Elvira Gil. Piratas o Estadistas: La política exterior del Reino Vándalo durante el Reinado de Genserico. *POLIS Revista de ideas y foimas políticas de la Antigüedad Clásica*, n.9, pp.107-129, 1997.

ELM, Susanna. New Romans: Salvian of Marseilles On the Governance of God. *Journal of Early Christian Studies*, vol. 25 no. 1, pp. 1-28, 2017.

ENO, Robert B. (trad.). *Saint Augustine: Letters, volume VI (1°-29°)*. Washington: Catholic University of America Press, 1989.

FAHEY, William. *Procopius of Caesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity*. Resenha de: KALDELLIS, Anthony. *Procopius of Caesarea: Tyranny, history, and philosophy at the end of antiquity*, 2002. *Bryn Mawr Classical Review*, vol.10, n.11, 2005.

FELDMAN, Sergio Alberto. Deicida e aliado do demônio: o judeu na Patrística. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, pp.110-122, 2009.

FIOROT, Juliana Bardella. “A moeda como dispositivo de legitimação política: o caso do reino suevo (século V)”. In: *Anais do VII Encontro Nacional de Estudos da Imagem, IV Encontro Internacional de Estudos da Imagem Universidade Estadual de Londrina*: Londrina, 2019a.

FIOROT, Juliana Bardella. “A visão de um mundo: A crônica de Hidácio de Chaves na perspectiva da análise crítica do discurso”. In: *Anais da Semana de História da Universidade Estadual de Londrina*. Universidade Estadual de Londrina: Londrina, 2019b, vol.4.

FLORI, Jean. *Caballeros y caballería en la Edad Media*. 2ed. Trad. Godofredo Gonzáles. Paidós Ibérica: Barcelona, 2001.

FOURNIER, Éric. «Conquis par L’Afrique»: L’importance des donatistes Pour comprendre L’Afrique Vandale. *Karthago*, n.30, pp.169-195, 2017.

FOURNIER, Éric. “Éléments apologétiques chez Victor de Vita: exemple d’un genre littéraire en transition”. In: GREATREX, Geoffrey; ELTON, Hugh (eds.). *Shifting Genres in Late Antiquity*. Ashgate: Farnham, 2015.

FOURNIER, Éric. “‘To Collect Gold from Hidden Caves.’ Victor of Vita and the Vandal ‘Persecution’ of Heretical Barbarians in Late Antique North Africa”. In: FOURNIER, Éric; MAYER, Wendy (eds.). *Heirs of Roman Persecution: Studies on a Christian and Para-Christian Discourse in Late Antiquity*. London; New York: Routledge, 2019.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média: O nascimento do Ocidente*. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FRANCO JUNIOR, Hilário. Antigüidade Tardia ou Primeira Idade Média? In: ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira (org.). *Relações de Poder, educação e Cultura na Antigüidade e Idade Média*. Santana do Parnaíba: Solis, 2005.

FRIGHETTO, Renan. *Cultura e poder na Antigüidade Tardia Ocidental*. Editora Juruá: Curitiba, 2000.

FREITAS, João Carlos de Mattos. Território e Romanização no Império Romano: o Caso das Cidades Planejadas a Partir do Padrão Linear. *Espaço Aberto-UFRJ*, vol. 2, n.2, pp.169-186, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; GRILLO, José Geraldo Costa. “Os conceitos de ‘Helenização’ e de ‘Romanização’ e a construção de uma Antigüidade Clássica”. In: NEMI, Ana; ALMEIDA, Néri de Barros; PINHEIRO, Rossana Alves Baptista (orgs.). *A construção da narrativa histórica: Século XIX e XX*. Editora da UNICAMP; Editora FAP-UNIFESP: Campinas; São Paulo, 2014.

GAMA, Bruno Manuel Martins. *Alarico, chefe dos Visigodos: rebelião e poder nos finais do império romano (395-410)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2016.

GAUMER, Matthew Alan. *Augustine’s Cyprian: Authority in Roman Africa*. Leiden; Boston: Brill, 2016.

GAUß, Florian. “Ein ethnographisches Bild? Die Definition und Abgrenzung der kaiserzeitlichen Przeworsk- und Wielbark-Kultur”. In: BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland (eds.). *Das Reich der Vandalen und seine (Vor)-Geschichten*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008.

GAZZOTTI, Danilo Medeiros. A difusão do Priscilianismo pela Gallaecia: o testemunho de Idácio de Chaves. *Revista História e Cultura*, v.1, n.1, pp.71-82, 2012.

GEARY, Patrick. “Barbarians and Ethnicity”. In: BOWESOCK, G. W.; BROWN, Peter; GRABAR, Oleg (eds.). *Interpreting Late Antiquity: Essays on the Postclassical World*. 2ed. Cambridge; Massachusetts; London: Belknap Press; Harvard University Press, 2001.

GEARY, Patrick. *O mito das nações: a invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

GERSON, Lloyd P.. “Neoplatonic epistemology: knowledge, truth and intellection”. In: REMES, Pauliina; SLAVEVA-GRIFFIN, Svetla (eds.). *The Routledge handbook of Neoplatonism*. Routledge: London; New York, 2014.

GILLET, Andrew. “Introduction: Ethnicity, History, and Methodology”. In: GILLET, Andrew (ed.). *On Barbarian Identity: Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepolis Publishers, 2002a.

GILLET, Andrew. “The Mirror of Jordanes: Concepts of the Barbarian, Then and Now”. In: ROUSSEAU, Philip (ed.). *A Companion to Late Antiquity*. Oxford: Wiley-Blackwell Publishing Ltd, 2009.

GILLET, Andrew. “Was Ethnicity Politicized in the Earliest Medieval Kingdoms?”. In: GILLET, Andrew (ed.). *On Barbarian Identity: Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepolis Publishers, 2002b.

GOETZ, Hans-Werner. “Introduction”. In: GOETZ, Hans Werner; JARNUT, Jörg; POHL, Walter (eds.). *Regna and gentes: the relationship between late antique and early medieval peoples and kingdoms in the transformation of the Roman world*. Leiden; Boston: Brill, 2003.

GOFFART, Walter. *Barbarian Tides: The Migration Age and the Later Roman Empire*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.

GOFFART, Walter. “Does the distant past impinge on the invasion Age Germans?”. In: GILLET, Andrew (ed.). *On Barbarian Identity: Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepolis Publishers, 2002.

GOFFART, Walter. Salvian of Marseille, De Gubernatione Dei 5.38-45 and the ‘colonnate’ problem. *Antiquité Tardive*, vol.17, pp.269-288, 2009.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. A morte do mártir cristão como uma morte heróica: Repensando algumas Homilias de Basílio de Cesaréia. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, n.5, pp.14-32, 2013.

GOUVEIA, Mário de. Hidácio de Chaves e a Galécia do século V: representações mentais de um clérigo nos “confins do mundo”, *Cultura*, vol. 29, pp.201-216, 2012.

GREY, Cam. “Salvian, the ideal Christian community and the fate of the poor in fifth century Gaul”. In: ATKINS, Margaret; OSBORNE, Robin (eds.). *Poverty in the Roman World*. Cambridge, Cambridge University Press, 2006.

GRIERSON, Philip; BLACKBURN, Mark. *Medieval European Coinage: With a Catalogue of the Coins in the Fitzwilliam Museum*. 3ed. Cambridge University Press: Cambridge, 2006.

GRILLO, José Geraldo Costa. Aquiles e Mêmnon face à morte: Um estudo da cena da psicostasia na pintura da cerâmica ática. *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, v.27 n.1, pp.129-154, 2014.

GUÉDON, Stéphanie. “A ambiguidade dos limites mediterrânicos do Império Romano: O exemplo da África do Norte no final da Antiguidade”. In: ALMEIDA, Néri de Barros; TORRE, Robson Della (orgs.). *O mediterrâneo medieval reconsiderado*. Editora da UNICAMP: Campinas, 2019.

GUIDA NETO, José. “O Cristianismo e o Direito Romano Tardio”. In: FERREIRA, Irís Estevez (Org.). *Antologia Thesis*. São Paulo: ALOMESP, 2011.

GWYNN, David M.. *Christianity in the Later Roman Empire: A Sourcebook*. London; New York: Bloomsbury Publishing, 2015.

HAIDER, Peter H.. “„Vandalen“ in Polen: Kulturkontakt, Kulturtransfer und Ethnogenese zwischen ca. 100 v. und 200 n. Chr.”. In: Berndt, Guido M.; STEINACHER, Roland (eds.). *Das Reich der Vandalen und seine (Vor)-Geschichten*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008.

HAINES-EITZEN, Kim. “Textual Communities in Late Antique Christianity.” In: ROUSSEAU, Philip (ed.). *A Companion to Late Antiquity*. Oxford: Wiley-Blackwell Publishing Ltd, 2009.

HALSALL, Guy. *Barbarian Migrations and the Roman West 376-568*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007a.

HALSALL, Guy. *Warfare and society in the Barbarian West, 490-900*. 2ed. London; New York: Taylor & Francis e-Library, 2007b.

HAMMER, Dean. “Imperial Politics and Legislation in Roman Africa”. In: TOOM, Tarmo (ed.). *Augustine in context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

HANSEN, João Adolfo. Instituição retórica, técnica retórica, discurso. *Matraga*, vol.20, n.33, pp.11-46, 2013

HARTMANN, Carmen Cardelle de. El priscilianismo tras Prisciliano: ¿un movimiento Galaico?. *Habis*, n.29, pp.269-290, 1998.

HAUSCHILDT, Marc; RINNA, Joachim; RULLKÖTTER Jürgen. “Molecular indicators of the supply of marine and terrigenous organic matter to a Pleistocene organic-matter-rich layer in the Alboran Basin (Western Mediterranean Sea)”. In: ZAHN, Rainer; COMAS, Maria Carmen; KLAUS, Adam. (Eds.). *Proceedings of the Ocean Drilling Program*. Texas: Scientific Results, 1999, vol.161.

HEATHER, Peter. *The fall of the Roman Empire: A New History of Rome and the Barbarians*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HEATHER, Peter. “The Western Empire, 425–76”. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael (eds.). *Late Antiquity Empire and Successors, AD 425-600*. 4ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, vol.14.

HEIL, Uta. Die „Völkerwanderung“ und die Gegenwart. *Berliner Theologische Zeitschrift*, vol.33, n.2, pp.219-245, 2016.

HEIL, Uta; SCHEERER, Christoph. “Wiederentdeckung eines homöischen Dokuments: Thrasamunds Einwände gegen den katholischen Glauben als Zeugnis homöischer Theologie Nordafrikas”. In: HIEL, Uta (ed.). *Das Christentum im frühen Europa*. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2019.

HEN, Yitzhak. “Compelling and intense: The Christian transformation of Romanness.” In: POHL, Walter; GANTNER, Clemens; GRIFONI, Cinzia; POLLHEIMER-MOHAUPT, Marianne (eds.). *Transformations of Romanness: Early Medieval Regions and Identities*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2018.

HERMANOWICZ, Erika T.. *Possidius of Calama: A Study of the North African Episcopate at the Time of Augustine*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HUMFRESS, Caroline. “Controversialist: Augustine in Combat”. In: VESSEY, Mark; REID, Shelley (eds.). *A companion to Augustine*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012.

HORVÁTH, Emőke. The role of Arianism in the Vandal Kingdom. In: CARVALHO, Joaquim (ed.). *Religion, ritual and mythology: aspects of identity formation in Europe*. Pisa: Edizioni Plus; Pisa University Press, 2006.

HOWARD-JOHNSTON, James. The education and expertise of Procopius. *Antiquité Tardive*, vol.8, pp.19-30, 2001.

HUGHES, Ian. *Belisarius: The last Roman General*. Yardley: Westholme, 2009.

HUGHES, Ian. *Gaiseric: The Vandal Who Destroyed Rome*. Barnsley: Pen & Sword Military, 2017.

HUMFRESS, Caroline. “Defining the politico-religious sphere case-by-case: a comparative approach to late Roman and ecclesiastical law”. In: CECCONI, Giovanni Alberto; GABRIELLI, Chantal (eds.). *Politiche Religiose nel Mondo Antico e Tardoantico*. Bari: Edipuglia, 2011.

HUMPHRIES, Mark. "Italy, A.D. 425–605". In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael (eds.). *Late Antiquity Empire and Successors, AD 425-600*. 4ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, vol.14.

HUMPHRIES, Mark. "Italy in the fifth century". In: WHITBY, Michael; SIDEBOTTOM, Harry (eds.). *The Encyclopedia of Ancient Battles*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2017.

JARNUT, Jörg. "Germanisch: Plädoyer für die Abschaffung eines obsoleten Zentralbegriffes der Frühmittelalterforschung". In: POHL, Walter (ed.). *Die Suche nach den Ursprüngen: Von der Bedeutung des frühen Mittelalters*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004.

JIMÉNEZ, David Álvarez. Las últimas piraterías vándalas. *Habis*, n.43, pp.275-289, 2012.

JURT, Joseph. "Langue et nation: Le débat franco-allemand entre Renan, Fustel de Coulanges et David Friedrich Strauss et Mommsen en 1870 – 1871". In: MOUSSA, Sarge (ed.), *Le XIXe siècle et ses langues: Le Ve congrès de la SERD a porté sur „Les Langues du XIXe siècle“ et s'est tenu à Paris (Fondation Singer Polignac & Institut du Monde Arabe) du 24 au 26 janvier 2012*. Paris: Société des études romantiques et dix-neuviémistes, 2013. Disponível em: <https://freidok.uni-freiburg.de/data/9240> Acesso em: 06/01/2021.

KAHLOS, Maijastina. "Seizing History: Christianising the Past in Late Antique Historiography". In: ISOAHO, Mari (ed.). *Past and Present in Medieval Chronicles*. Helsinki: Helsinki Collegium for Advanced Studies, 2015.

KALDELLIS, Anthony. *Byzantine Matters*. Resenha de: CAMERON, Averil. *Byzantine Matters*, 2014a. *Journal of Late Antiquity*, vol.7, n.2, pp.376-378, 2014.

KALDELLIS, Anthony. *Procopius of Cesarea: Tyranny, History, and Philosophy at the End of Antiquity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.

KALDELLIS, Anthony (ed.). *Prokopios: The Wars of Justinian*. Translate: H.B. Dewing. Indianapolis; Cambridge: Hackett Publishing Company, 2014.

KALDELLIS, Anthony. "Procopius's Vandal War: Thematic Trajectories and Hidden Transcripts". In: STEVENS, Susan T.; CONANT, Jonathan P. (eds.). *North Africa under Byzantium and Early Islam*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library, 2016.

KALDELLIS, Anthony; SINIOSSOGLU, Niketas. "Introduction". KALDELLIS, Anthony; SINIOSSOGLU, Niketas (eds.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

KALU, Ogbu Uke. "African Christianity: An Overview". In: KALU, Ogbu Uke; HOFMEYR J.W.; MARITZ P.J. (eds.). *African Christianity: An African Story*. Pretoria: University of Pretoria Press, 2005.

KAZHDAN, Alexander. "Certain Traits of Imperial Propaganda in the Byzantine Empire from the Eighth to the Fifteenth Centuries". In: MAKDISI, George (ed.). *Prédication et Propagande au Moyen Age: Islam, Byzance, Occident*. Paris: Presses Universitaires France, 1983.

KELLY, Gavin. ““To Forge Their Tongues to Grander Styles”: Ammianus’ Epilogue”. In: MARINCOLA, John (ed.). *A companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, vol.2.

KIM, Hyun Jin. *The Huns*. London; New York: Routledge, 2016.

KONTNY, Bartosz. Horse and its Use in the Przeworsk Culture in the Light of the Archaeological Evidence. *Archaeologia Baltica*, vol.11, pp.92-114, 2009

KYRIAKIDIS, Savvas. Warfare and propaganda: The portrayal of Andronikos II Palaiologos (1282-1328) as an incompetent military leader in the Histories of John VI Kantakouzenos. *Byzantine and Modern Greek Studies*, vol.37, n.2, pp.176-189, 2013.

LAES, Christian. *Disabilities and the disabled in the Roman World: A Social and Cultural History*. Cambridge; New York: University of Antwerp; Cambridge University Press, 2018.

LANCEL, Serge. Victor de Vita, témoin et chroniqueur des années noires de l'Afrique romaine au Ve siècle. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, 144<sup>e</sup> année, n.4, pp.1199-1219, 2000.

LAPORTE, Jean-Pierre. “Particularités de la province de Maurétanie Césarienne (Algérie Centrale et Occidentale)”. In: BRIAND-PONSART, Claude; MODÉLAN, Yves (dir.). *Provinces et identités provinciales dans l'Afrique romaine*. Caen: Brepolis Publishers, 2011.

LAUTNER, Péter. “Perceptual awareness in the ancient commentators”. In: REMES, Pauliina; SLAVEVA-GRIFFIN, Svetla (eds.). *The Routledge handbook of Neoplatonism*. Routledge: London; New York, 2014.

LEE, A. D.. “The Empire at War”. In: MAAS, Michael (ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LE MOS, Márcia Santos. *Cristãos, pagãos e cultura escrita: As representações do poder no Império Romano dos séculos IV e V d.C.* Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2009.

LIEBESCHUETZ, John Hugo Wolfgang Gideon. *East and West in Late Antiquity: Invasion, Settlement, Ethnogenesis and Conflicts of Religion*. Brill: Leiden; Boston, 2015.

LIEBESCHUETZ, John Hugo Wolfgang Gideon. “Gens into Regnum: The Vandals”. In: GOETZ, Hans Werner; JARNUT, Jörg; POHL, Walter (eds.). *Regna and gentes: the relationship between late antique and early medieval peoples and kingdoms in the transformation of the Roman world*. Leiden; Boston: Brill, 2003.

LIMA NETO, Belchior Monteiro; Soares, Caroline da Silva. O agostinismo político como discurso. *Revista Ágora*, n.14, pp.01-20, 2011.

LÖSSL, Josef. “Profaning and Proscribing: Escalating Rhetorical Violence in Fourth Century Christian Apologetic”. In: PUERTAS, Alberto J. Quiroga (Ed.). *The Purpose of Rhetoric in Late Antiquity: From Performance to Exegesis*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2013.

LUŠTÍKOVÁ, Lucia. The Przeworsk culture in Eastern Slovakia. *Acta Archaeologica Carpathica*, n.54, pp.207-214, 2019.

MADSEN, Jesper Majbom. “The Provincialisation of Rome”. In: HOYOS, Dexter (ed.). *A Companion to Roman Imperialism*. Brill: Leiden; Boston, 2013.

MAHJoubi, Ammar. “O período romano e pós-romano na África do Norte, parte I: O período romano”. In: Mokhtar, Gamal (ed.). *História geral da África II: África antiga*. 2ed. Brasília: UNESCO, 2010.

MARIEV, Sergei. “Neoplatonic Philosophy in Byzantium: An Introduction”. In: MARIEV, Sergei (ed.). *Byzantine Perspectives on Neoplatonism*. Walter de Gruyter: Boston; Berlin, 2017.

MAAS, Michael. “Roman Questions, Byzantine Answers: Contours of the age of Justinian”. In: MAAS, Michael (ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MATHISEN, Ralph W. “Barbarian ‘Arian’ Clergy, Church Organization, and Church Practices”. In: BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland (Eds.). *Arianism: Roman Heresy and Barbarian Creed*. Farnham; Burlington: Ashgate, 2014.

MATHISEN, Ralph. “Roma a Gothis Alarico duce capta est: Ancient Accounts of the Sack of Rome in 410 BCE”. In: LIPPS, Johannes; MACHADO, Carlos; RUMMEL, Philipp von. (eds.). *The Sack of Rome in 410 AD: The Event, Its Context and Its Impact*. Wiesbaden: Reichert Verlag, 2013.

MENDES, Norma Musco; BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha; DAVIDSON, Jorge. A Experiência Imperialista Romana: Teorias e Práticas. *Tempo*, vol.9, n.18, pp.17-41, 2005.

MENDES, Norma Musco. Imperadores e Senadores no Baixo Império. *Phoînix*, vol.2, pp.259-274, 1996.

MERRILLS, Andrew. “The Moorish Kingdoms and the Written Word: Three ‘Textual Communities’ in Fifth- and Sixth- Century Mauretania”. In: SCREEN, Elina; WEST, Charles (eds.). *Writing the Early Medieval West: Studies in Honour of Rosamond McKitterick*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

MERRILLS, Andrew H. The secret of my succession: dynasty and crisis in Vandal North Africa. *Early Medieval Europe*, vol.18, n2, pp.135-159, 2010.

MERRILLS, Andrew; MILES, Richard. *The Vandals*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

MILES, Richard. The Anthologia Latina and the creation of secular space in Vandal Carthage. *Antiquite Tardive*, vol.13, pp.305-320, 2005.

MITTHOF, Fritz. “Zur Neustiftung von Identität unter imperialer Herrschaft: Die Provinzen des Römischen Reiches als ethnische Entitäten”. In: POHL, Walter; GANTNER, Clemens; PAYNE, Richard (eds.). *Visions of Community in the Post-Roman World: The West, Byzantium and the Islamic World, 300–1100*. Farnham; Burlington: Ashgate, 2012.

MOATTI, Claudia. Translation, migration and communication in the Roman Empire: three aspects of movement in History. *Classical Antiquity*, vol.25, n.1, pp.109-140, 2006.

MODÉLAN, Yves. L'établissement territorial des vandales en Afrique. *Antiquité Tardive*, vol.10, pp.87-122, 2002.

MOORHEAD, John. *The Roman Empire divided, 400-700*. 2ed. London; New York: Routledge, 2013.

MOORHEAD, John (trad.). *Vitor of Vita: History of the Vandal Persecution*. 2ed. Trad. John Moorhead. Liverpool: Liverpool University Press, 2006.

MORRISSON, Cécile. “La circulation de la monnaie d'or en Afrique à l'époque vandale. Bilan des trouvailles locales”. In: HUVELIN, Hélène; CHRISTOL, Michel; GAUTIER, Georges (eds.). *Mélanges de Numismatique offerts à Pierre Bastien à l'occasion de son 75e anniversaire*. Wetteren: Belgique, 1987.

MORRISSON, Cécile. L'atelier de Carthage et la diffusion de la monnaie frappée dans l'Afrique vandale et byzantine (439-695). *Antiquité Tardive*, vol.11, pp.65-84, 2004.

MORSEL, Joseph. *La aristocracia medieval: El dominio social en Occidente (siglos V-XV)*. 2ed. Trad.: Fermín Miranda. València: Universitat de València, 2008.

MULLEN, Alex. “Introduction: Multiple languages, multiple identities”. In: MULLEN, Alex; JAMES, Patrick (eds.). *Multilingualism in the Graeco-Roman worlds*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

NEDELICU, Silviu-Constantin. The Libraries in the Byzantine Empire (330-1453). *Annals of the University of Craiova for Journalism, Communication and Management*, vol.2, pp.74-92, 2016.

NOBLE, Thomas F.X.. “Greek Popes: Yes or No, and Did It Matter”. In: FISCHER, Andreas; WOOD, Ian (eds.). *Western Perspectives on the Mediterranean: Cultural Transfer in Late Antiquity and the Early Middle Ages, 400-800 AD*. 2ed. London; New York: Bloomsbury Publishing, 2016.

NOETHLICH, Karl Leo. Quid possit antiquitas nostris legibus abrogare? Politische Propaganda und praktische Politik bei Justinian I. im Lichte der kaiserlichen Gesetzgebung und der antiken Historiographie. *Zeitschrift für Antikes Christentum*, vol.4, n.1, pp.116-132, 2000.

NOFZIGER, Christopher James. *Reign of heretics: Arianism and political power in the Vandal and Ostrogothic kingdoms*. Dissertação de mestrado. Washington: Western Washington University, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n.10, pp.07-28, 1993.

NUFFELEN, Peter Van. “The wor(l)ds of Procopius”. In: LILLINGTON-MARTIN, Christopher; TURQUOIS, Elodie (eds.). *Procopius of Caesarea: Literary and Historical interpretations*. London; New York: Routledge, 2018.

NYBERG, Tore. “Eusebius’ Tricennial Oration and Wulfila’s Christian Creed”. In: KALIFF, Anders; MUNKHAMMAE, Lars (eds.). *Wulfila 31-2011: Internacional Symposium*. Uppsala; Västerås: Uppsala Universitet; Edita Västra Aros, 2013.

O’CONNELL, Tamsin C.; BALLANTYNE, Rachel M.; HAMILTON-DYER, Sheila; MARGARITIS, Evi; OXFORD, Samantha; PANTANO, Walter; MILLETT, Martin; KEAY, Simon J.. Living and dying at the Portus Romae. *Antiquity*, vol.93, n.369, pp.719-734, 2019.

OLIVEIRA, Ana Maria. *Louvada seja a sagrada Basileia: Uma análise do governo de Justiniano, o Grande (527-565) a partir dos panegíricos de Paulo Silenciário e Procópio de Cesareia*. Dissertação de mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2020.

OLIVEIRA, Gustavo Junqueira Duarte. Identidade heroica e identidade da multidão na Ilíada. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n.2, pp.134-151, 2013.

OLIVEIRA, Julio Cesar de Magalhães de. A África de Santo Agostinho e a sociedade de seu tempo. In: PIRATELI, Marcos Roberto (org.). *Ensaio sobre Agostinho de Hipona: História, Música, Filosofia e Educação*. Universidade Estadual de Maringá: Maringá: 2014.

OLIVEIRA, Julio Cesar Magalhães de. Do boato à lenda. Comunicação informal e fronteiras identitárias nas origens da controvérsia donatista. *Antíteses*, vol.8, n.16, pp.111-129, 2015.

OLSEN, Genn W.. Reform after the Pattern of the Primitive Church in the Thought of Salvian of Marseilles. *The Catholic Historical Review*, vol.68, n.1, pp.1-12, 1982.

O’SULLIVAN, Jeremiah Francis (trad.). *The writings of Salvian, the presbyter*. Washington: The Catholic University of America Press, 1947.

OSBORNE, Robin. “Cultures as languages and languages as cultures”. In: MULLEN, Alex; JAMES, Patrick (eds.). *Multilingualism in the Graeco-Roman worlds*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

PALMER, James T.. *The Apocalypse in the Early Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

PARSONS, Jonathan Kendall. *The African Catholic Church under the Vandals, 429-533*. Tese de doutorado. King's College London, 1994.

PAZDERNIK, Charles. Breaking silence in the historiography of Procopius of Caesarea. *Byzantinische Zeitschrift*, vol.113, n.3, pp.981–1024, 2020.

PAZDERNIK, Charles. Procopius and Thucydides on the Labors of War: Belisarius and Brasidas in the Field. *Transactions of The American Philological Association*, vol.130, pp.149-187, 2000.

PEREIRA, João Dias (trad.). *Santo Agostinho: Cidade de Deus - Livro I ao VIII*. 2ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, vol.1.

PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. Autorité, sainteté et charité: un étude sur les moines-évêques de Lérins au Ve siècle. *Mélanges de l'École française de Rome - Moyen Âge*, n.126, vol.1, pp.1-32, 2014a.

PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. Comemorar os mortos na África do Norte e na Galécia: Entre normas e experiências (séculos V e VI). *Tempo Brasileiro*, v. 199, pp. 91-110, 2014c.

PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. Cristianismo e Ecclesia na passagem da Antiguidade Tardia para a Idade Média. *Revista História e Cultura*, v.2, n.3 (Especial), pp.297-317, 2013a.

PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. *Da institucionalização do monacato à monaquização do episcopado na Provença de João Cassiano e dos lerinianos (século IV e V)*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.

PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. Hierarquia eclesiástica e pregação na Provença do século V. *História Revista*, v. 19, n. 1, pp.11-35, 2014b.

PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. Relações de poder, monaquismo e autoridade episcopal na Provença durante o século V. *Anos 90*, vol. 20, n.38, pp.19-42, 2013b.

PINHEIRO, Victor Sales. O pathos trágico de Aquiles. *Archai*, n.7, pp.87-93, 2011.

PISNITCHENKO, Olga. “Aristocracia, cavalaria, nobreza; alguns momentos historiográficos sobre nascimento e instalação de dominação social na Idade Média”. In: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social*. Natal: ANPUH-RN, 2013.

PIZA, Pedro Luís de Toledo. “Cristianismo antigo: dinâmicas de integração e construção de fronteiras”. In: GUARINELLO, Norberto Luiz; SILVA, Uiran Gebara da; OLIVEIRA, Gustavo Junqueira Duarte; PIZA, Pedro Luís de Toledo (orgs.). *Fronteiras Mediterrânicas: Estudos em comemoração dos 10 anos do LEIR-MA/USP*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

PIZARRO, Joaquín Martínez. “Mixed modes in historical narrative”. In: TYLER, Elizabeth M.; BALZARETTI, Ross (orgs.). *Narrative and History in the Early Medieval West*. Turnhout: Brepols, 2006.

POCOCK, John Greville Agard. *Barbarism and Religion: The Barbarism: Triumph in the West*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, vol.6.

POHL, Walter. Barbarian migrations (Völkerwanderung). In: NESS, Immanuel (ed.). *The Encyclopedia of Global Human Migration*. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2013.

POHL, Walter. "Christian and Barbarian Identities in the Early Medieval West: Introduction". In: POHL, Walter; HEYDEMANN, Gerda (eds.). *Post-Roman Transitions: Christian and Barbarian Identities in the Early Medieval West*. Turnhout: Brepols Publishers, 2013.

POHL, Walter. Comparing communities - The limits of typology. *History and Anthropology*, vol.26, n.1, pp.18-35, 2015.

POHL, Walter. *Die Völkerwanderung: Eroberung und Integration*. 2ed. Stuttgart: W. Kohlhammer, 2005.

POHL, Walter. "Ethnicity, theory, and tradition: A response". In: GILLET, Andrew (ed.). *On Barbarian Identity: Critical Approaches to Ethnicity in the Early Middle Ages*. Turnhout: Brepols Publishers, 2002.

POHL, Walter. "Justinian and the Barbarian Kingdoms". In: MAAS, Michael (ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

POHL, Walter. "Social Language, Identities and the Control of Discourse". In: CHRYSOS, Evangelos; WOODS, Ian (eds.). *East and West: Modes of communication*. Leiden; Boston; Köln: Brill, 1999.

POHL, Walter. "Sprache und Identität: Einleitung". In: POHL, Walter; ZELLER, BERNHARD (eds.). *Sprache und Identität im frühen Mittelalter*. Wien: Verlag der Österreichische Akademie der Wissenschaften, 2012.

POHL, Walter. "The Vandals: Fragments of a Narrative". In: MERRILLS, Andy H. (ed.). *Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antiquity North Africa*. Routledge: New York, 2004.

RAMOS, Francisco Manfredo Thomas. A civitas política de agostinho uma leitura a partir do Epistolário e da Cidade de Deus. *Civitas Avgvstiniana*, v.1, n.2, pp.6-36, 2012.

RAPP, Claudia. "Literary Culture under Justinian". In: MAAS, Michael (ed.). *The Cambridge Companion to the Age of Justinian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

REIMITZ, Helmut. "Ethnogenesis". In: BAGNALL, Roger S.; BRODERSEN, Kai; CHAMPION, Craige B.; ERSKINE, Andrew; HUEBNER, Sabine R. (eds.). *The Encyclopedia of Ancient History*. Wiley-Blackwell: Malden, 2012.

REYNOLDS, Paul. "From Vandal Africa to Arab Ifrīqiya: Tracing Ceramic and Economic Trends through the Fifth to the Eleventh Centuries". In: STEVENS, Susan T.; CONANT, Jonathan P. (eds.). *North Africa under Byzantium and Early Islam*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library, 2016.

RIVERA, Alberto Trivero. Godas Rex. La amonedación del Reino de Godas. *Revista Numismática Hécate*, n°1, pp.74-97, 2014.

RODOLFI, Alessandra. "Procopius and the Vandals: How the Byzantine propaganda constructs and changes African identity". In: BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland

(eds.). *Das reich der Vandalen und seine (vor-)Geschichten*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008.

ROHRBACHER, David. “Ammianus’ Roman Digressions and the Audience of the *Res Gestae*”. In: MARINCOLA, John (ed.). *A companion to Greek and Roman Historiography*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, vol.2.

ROSEN, Klaus. *Die Völkerwanderung*. C.H.Beck: München, 2002.

ROSENFELD, Anatol. “Literatura e Personagem”. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. 11ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

ROSOLEN JUNIOR, Geraldo. “A narrativa em Walter Benjamin e as transformações da identidade cristã na Primeira Idade Média através dos sermões sobre a queda de Roma”. In: BUENO, André; BIRRO, Renan Marques; BOY, Renato Viana. (Org.). *Ensino de História Medieval e História Pública*. Rio de Janeiro: Sobre Ontens, pp. 90-96, 2020.

ROSOLEN JUNIOR, Geraldo. 'Entre justos e ímpios': Conflitos teológicos entre Idácio de Aquae Flaviae e Salviano sobre os Vândalos no quinto século. *Revista Agora*, n.30, pp.28-49, 2019a.

ROSOLEN JUNIOR, Geraldo. “Por que me abandonaste?': O Império do Oriente e o martírio africano para o Bispo Victor de Vita”. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA, Everton; NETO, José Maria de Sousa. (Orgs.). *Oriente Médio Conectado*. Rio de Janeiro: Sobre Ontens, 2019b.

ROSOLEN JUNIOR, Geraldo. “Sobre esta ruína edificais os vossos reinos': A identidade étnica dos vândalos sob um prisma da historiografia dos séculos V e VI”. In: *Anais do I Encontro Internacional LEME/UNIFESP: Modos de circulação e transferências culturais e artísticas na Europa do Medievo*. Universidade Federal de São Paulo: Guarulhos 2018.

ROSS, Alan J.. “Narrator and participant in Procopius’ Wars”. In: LILLINGTON-MARTIN, Christopher; TURQUOIS, Elodie (eds.). *Procopius of Caesarea: Literary and Historical interpretations*. London; New York: Routledge, 2018.

ROUSSEAU, Philip (ed.). *A Companion to Late Antiquity*. Oxford: Wiley-Blackwell Publishing Ltd, 2009.

RUBIO, José Antonio Flores (trad.). *Procopio de Cesarea - Historia de las guerras: Libros III-IV Guerra Vándala*. 1ed; 1reimpr. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

RUMMEL, Philipp von. *Habitus barbarus Kleidung und Repräsentation spätantiker Eliten im 4. und 5. Jahrhundert*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2007.

RUMMEL, Philipp von. “Settlement and Taxes: the Vandals in North Africa”. In: DÍAZ, Pablo C.; VISO, Iñaki Martín (Orgs.). *Between taxation and rent: fiscal problems from Late Antiquity to Early Middle Ages*. Edipuglia: Bari, 2011.

RUMMEL, Philipp von. "The Archaeology of the 5th Century Barbarians in North Africa". In: DELOGU, Paolo; GASPARRI, Stefano (eds.). *Le trasformazioni del V secolo. L'Italia, i barbari e l'Occidente romano*. Brepols: Turnhout, 2010.

RUMMEL, Philipp von. "The Transformation of Ancient Land- and Cityscapes in Early Medieval North Africa". In: STEVENS, Susan T.; CONANT, Jonathan P. (eds.). *North Africa under Byzantium and Early Islam*. Washington: Dumbarton Oaks Research Library, 2016.

RUMMEL, Philipp von. "Where have all the Vandals gone? Migration, Ansiedlung und Identität der Vandalen im Spiegel archäologischer Quellen aus Nordafrika". In: BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland (eds.). *Das Reich der Vandalen und seine (vor-)Geschichten*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008.

SALITOT, Anne. Le christianisme en Maurétanie Césarienne et la notion d'identité provinciale. *Karthago*, vol. 31, pp.97-108, 2019.

SALZMANN, Michele Renee. Emperors and elites in Rome after the Vandal sack of 455. *Antiquité Tardive*, vol.25, pp.243-262, 2017.

SÁNCHEZ-MEDINA, Esther. "Traición en el África de Justiniano: ¿deslealtad o adaptación a la realidad provincial?". In: MONTECCHIO, Luca (ed.). *Tradimento e traditori nella Tarda Antichità*. Perugia: Graphe.it edizioni, 2017.

SANFORD, Eva M. (trad.). *On the Government of God: A Treatise wherein are shown by Argument and by Examples drawn from the Abandoned Society of the Times the Ways of God toward His Creatures*. New York: Columbia University Press, 1930.

SANTOS, Lúrbia Jerônimo da Silva Santos. Donatistas X Católicos: a construção da identidade cristã nos embates entre as igrejas africana e romana, no século IV. In: XVII Encontro de História da ANPUH-Rio - Entre o local e o global, 2016, Nova Iguaçu. *Anais do XVII Encontro de História da ANPUH-Rio - entre o local e o global*, 2016.

SARANTIS, Alexander. "Fortifications in Africa: A bibliographic essay". In: SARANTIS, Alexander; CHRISTIE, Neil (eds.). *War and Warfare in Late Antiquity*. Leiden; Boston: Brill, 2013.

SCHAFF, Philip (trad.). *Nicene and Post-Nicene Fathers Series I*. Michigan: Grand Rapids, 1886, vol.1.

SCHAFF, Philip (trad.). *Nicene and Post-Nicene Fathers Series II*. Michigan: Grand Rapids, 1892, vol.3.

SCHEER, Tanja S.. "The past in a Hellenistic Present: Myth and Local Tradition". In: ERSKINE, Andrew (ed.). *A companion to the Hellenistic World*. 2ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

SCOTT, Roger. "From propaganda to history to literature: the Byzantine stories of Theodosius' apple and Marcian's eagles". In: MACRIDES, Ruth (ed.). *History as literature in Byzantium*. 2ed. London; New York: Routledge, 2016.

SEARS, Gareth. “Augustine in Roman North Africa (Thagaste, Carthage)”. In: TOOM, Tarmo (ed.). *Augustine in context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

SHANZER, Danuta. “Intentions and Audiences: History, Hagiography, Martyrdom, and Confession in Victor of Vita’s *Historia Persecutionis*”. In: MERRILLS, A. H. (ed.). *Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antiquity North Africa*. Routledge: New York, 2004.

SILVA, Gilvan Ventura da. A condição social dos professores na Antiguidade Tardia: um estudo com base no Didaskaleion de Libânio. *Notandum*, ano XVI, n.32, pp.1-19, 2013.

SILVA, Gilvan Ventura da. Cultura escrita e comunicação oral no cristianismo antigo: as homilias como instrumentos de poder. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 9, pp.212-233, 2017.

SILVA, Gilvan Ventura da; SOARES, Caroline da Silva. O “fim” do Mundo Antigo em debate: Da “crise” do século III à Antiguidade Tardia e além. *Revista Nearco*, vol.6, n.1, pp.138-162, 2013.

SILVA, Marcelo Cândido. Crise e fome na Alta Idade Média: o exemplo dos capitulários carolíngios. *Anos 90*, vol. 24, n.45, 2017, pp.185-207.

SILVA, Paulo Duarte. Episcopado Ocidental e a sede romana na Primeira Idade Média: O caso de Arles (417-543). *Brathair*, vol.12, n.2, pp.19-30, 2018.

SILVA, Paulo Duarte. *Poder episcopal, pregação e calendário nos séculos V e VI: Natal e Páscoa nos sermões de Leão de Roma e de Cesário de Arles (440-542)*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Paulo Duarte. Sermões e pregação no Ocidente Medieval (séculos IV-VI): Aspectos conceituais e metodológicos. *Revista Territórios & Fronteiras*, vol.7, n.1, pp.202-230, 2014.

SOUSA, Stephanie Martins de. *Guerra e autoridade em Procópio de Cesareia: Um estudo comparado dos líderes político-militares na História das Guerras*. Dissertação de Mestrado. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017a.

SOUSA, Stephanie Martins de. Procópio de Cesareia e a construção dos retratos imperiais na obra ‘História das Guerras’. *Revista de Estudos sobre a Antiguidade Phaine*, v.1, n.2, pp.42-49, 2017b.

SOUSA, Stephanie Martins de. Procópio de Cesareia e a descrição dos líderes bárbaros na obra História das Guerras. *Hélade*, v. 3, pp.41-58, 2017c.

SPEIDEL, Michael Paul. *Ancient Germanic warriors: Warrior styles from Trajan's Column to Icelandic sagas*. London; New York: Routledge, 2004.

STADLER, Thiago David. Poder e conhecimento em Plínio, o velho. *Espaço plural*, vol.15, n.30, pp.30-47, 2014.

STEINACHER, Roland. *Die Vandalen: Aufstieg und fall eines barbarenreichs*. Stuttgart: Klett-Cotta, 2016.

STEINACHER, Roland. "Gruppen und Identitäten. Überlegungen zur Bezeichnung ‚vandalisch‘". In: BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland (eds.). *Das reich der Vandalen und seine (vor-)Geschichten*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2008.

STEINACHER, Roland. "Vom Ketzerkönig zum christianissimus rex. Politische Dimensionen der homöischen Christologie: Afrika im 5. und 6. Jahrhundert mit einem Ausblick nach Spanien". In: HIEL, Uta (ed.). *Das Christentum im frühen Europa*. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2019.

STEINACHER, Roland. "Wanderung der Barbaren? Zur Entstehung und Bedeutung des Epochenbegriffs ‚Völkerwanderung‘ bis ins 19. Jahrhundert". In: WIEDEMANN, Felix; HOFMANN, Kerstin P.; GEHRKE, Hans-Joachim (eds.). *Vom Wandern der Völker. Migration Erzählungen in den Altertumswissenschaften*. Berlin: Edition Topoi, 2017.

SWARTZ, Nico P.. Martyr Narratives in the *Historia Persecutionis* (HP) of Victor of Vita and His Guidelines for the Maintenance of Faith and Preservation of Moral Qualities. *Global Journal of Interdisciplinary Social Science*, vol.5, n.3, pp.1-7, 2016.

TARRANT, Harold. "Platonist curricula and their influence". In: REMES, Pauliina; SLAVEVA-GRIFFIN, Svetla (eds.). *The Routledge handbook of Neoplatonism*. Routledge: London; New York, 2014.

TAVARES, João Milton Walter; COSTA, Paulo José da. Aquiles: O herói épico e o prenúncio de elementos trágicos. *Palimpsesto*, v. 17, n. 26, pp.567-584, 2018.

TIERSCH, Claudia. "Zwischen Resistenz und Integration. Lokale Clanchefs im römischen Nordafrika". In: BALTRUSCH, Ernst; WILKER, Julia (Eds.). *Amici - socii - clientes? Abhängige Herrschaft im Imperium Romanum*. Berlin: Edition Topoi, pp.243–273, 2015.

TIZZONI, Mark Lewis. *The Poems of Dracontius in their Vandalic and Visigothic Contexts*. Tese de doutorado. Leeds: University of Leeds, 2012.

URBANO, Carlota Miranda (trad.). O "*De excídio Vrbis*" e outros sermões sobre a queda de Roma. 3ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

VELOSO, Wendell dos Reis. A crítica de Agostinho de Hipona aos espetáculos de gladiadores no Império Romano tardo-antigo. Reflexões sobre prazer e identidade católica na obra *Confessiones*. *Revista NEARCO*, ano IX, n.1, pp.125-143, 2016.

WARD-PERKINS, Brian. Constantinople, Imperial Capital of the Fifth and Sixth Centuries. *Memorias de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona*, vol.25, pp.163-218, 2000.

WARD-PERKINS, Bryan. *The fall of Rome and the end of Civilization*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

WASYL, Anna Maria. “Inter Romulidas et Tyrias Manus: Luxorius and Epigram in Vandal Africa”. In: Henriksén, Christer (ed.). *A Companion to Ancient Epigram*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2019.

WEHMEYER, Jeffrey M.. The Chartophylax: Archivist and Librarian to the Patriarch in Constantinople. *Libraries & Culture*, vol.32, n.1, pp.107-112, 1997.

WENSKUS, Reinhard. *Stammesbildung und Verfassung: Das Werden der frühmittelalterlichen gentes*. Bohlaus: Köln; Graz, 1961.

WHATELY Conor. *Battles and Generals: Combat, Culture, and Didacticism in Procopius' Wars*. Leiden; Boston: Brill 2016

WHATELY Conor. Some Observations on Procopius' Use of Numbers in Descriptions of Combat in Wars Books 1–7. *Phoenix*, vol.69, n.3/4, pp. 394-411, 2015.

WHELAN, Robin. African Controversy: The Inheritance of the Donatist Schism in Vandal Africa. *The Journal of Ecclesiastical History*, vol.65, n.3, pp. 504-521, 2014.

WHELAN, Robin. “Arianism in Africa”. In: BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland (Eds.). *Arianism: Roman Heresy and Barbarian Creed*. Farnham; Burlington: Ashgate, 2014.

WHITBY, Michael. “The greatness of Procopius”. In: LILLINGTON-MARTIN, Christopher; TURQUOIS, Elodie (eds.). *Procopius of Caesarea: Literary and Historical interpretations*. London; New York: Routledge, 2018.

WICKHAM, Chris. *The Inheritance of Rome: A History of Europe from 400 to 1000*. London: Penguin Books Ltd, 2009.

WIEDEMANN, Felix; HOFMANN, Kerstin P.; GEHRKE, Hans-Joachim. “Wanderungsnarrative: Zur Verknüpfung von Raum und Identität in Migrationserzählungen”. In: WIEDEMANN, Felix; HOFMANN, Kerstin P.; GEHRKE, Hans-Joachim (eds.). *Vom Wandern der Völker: Migration Erzählungen in den Altertumswissenschaften*. Berlin: Edition Topoi, 2017.

WILSON, Andrew. “Neo-Punic and Latin inscriptions in Roman North Africa: function and display”. In: MULLEN, Alex; JAMES, Patrick (eds.). *Multilingualism in the Graeco-Roman worlds*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012a.

WILSON, Andrew. Saharan trade in the Roman period: short-, medium- and long-distance trade networks. *Azania: Archaeological Research in Africa*, v.47, n.4, pp.409-449, 2012b.

WOOD, Philip J. “Being roman in Procopius' Vandal Wars”. *Byzantion*, vol.81, pp.424–447, 2011.

WOLFE, Brendan. “Germanic Language and Germanic Homoianism”. In: BERNDT, Guido M.; STEINACHER, Roland (Eds.). *Arianism: Roman Heresy and Barbarian Creed*. Farnham; Burlington: Ashgate, 2014.

WOLFRAM, Herwig. “Vulfila pontifex ipseque primas Gothorum minorum”. In: KALIFF, Anders; MUNKHAMMAE, Lars (eds.). *Wulfila 311-2011: Internacional Symposium*. Uppsala; Västerås: Uppsala Universitet; Edita Västra Aros, 2013.

WOODS, David. “Late Antique Historiography: A Brief History of Time”. In: ROUSSEAU, Philip (ed.). *A Companion to Late Antiquity*. Oxford: Wiley-Blackwell Publishing Ltd, 2009.

## Referência dos jornais

ARAÚJO, Glauco; TRIGINELLI, Pedro; FREITAS, Raquel; STOCHERO, Tahiane. Milhares fazem protesto pacífico, mas vândalos depredam em bh. *Globo Minas*, Minas Gerais, 26 junho 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/06/milhares-fazem-protesto-pacifico-mas-vandalos-depredam-em-bh.html> Acesso em: 07/01/2021.

DEMANDT, Alexander. Untergang des Römischen Reichs: Das Ende der alten Ordnung. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, Frankfurt, 2015, atualizado em 22 de janeiro 2016. Disponível em: [https://www.faz.net/aktuell/politik/staat-und-recht/untergang-des-roemischen-reichs-das-ende-der-alten-ordnung-14024912.html?printPagedArticle=true#pageIndex\\_2](https://www.faz.net/aktuell/politik/staat-und-recht/untergang-des-roemischen-reichs-das-ende-der-alten-ordnung-14024912.html?printPagedArticle=true#pageIndex_2) Acesso em: 08/11/2021.

FERGUSON, Niall. Paris and the fall of Rome. *The Boston Globe*, Boston, 16 de novembro 2015. Disponível em: <https://www.bostonglobe.com/opinion/2015/11/16/paris-and-fall-rome/ErlRjkQMGXhvDarTIXpdK/story.html> Acesso em: 08/11/2021.

## Referências dos mapas

ÅHLFELDT, Johan. *Digital Atlas of the Roman Empire*. University of Gothenburg: Sweden, 2015. Disponível em: <https://imperium.ahlfeldt.se/>

SCHEIDEL, Walter; MEEKS, Elijah. *ORBIS: The Stanford Geospatial Network Model of the Roman World*. Stanford University Library: United States of America, 2014. Disponível em: <http://orbis.stanford.edu>

## Dicionários e manuais de latim

GOULLET Monique; PARISSE, Michel. *Aprenda o latim medieval: Manual para um grande começo*. Campinas: Editora Unicamp, 2019.

JONES, Peter V.; SIDWELL, Keith C.. *Aprendendo Latim: textos, gramática, vocabulário, exercícios*. Trad. Isabela Tardin Cardoso; Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo: Odysseus Editora, 2012.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do latim essencial*. 2ed. ver. ampl.; 3reimpr.. Autêntica Editora: Belo Horizonte, 2019.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. Dicionário Latino-Português. 13ed. Garnier: Belo Horizonte, 2019.

WALDERT, Peter. Latin is Simple. Áustria, 2020. Disponível em: <https://www.latin-is-simple.com/en/>